

PEREGRINAÇÃO
VOLUME I

Fernão Mendes Pinto



PEREGRINAÇÃO
VOLUME I
Fernão Mendes Pinto

Prefácio: Francisco Ferreira de Lima





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

Correios



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.



Apresentação	xxi
Prefácio – Francisco Ferreira de Lima	xxiii
I Do que passei em minha mocidade neste reino até que me embarquei para a Índia	3
II Como deste reino me parti para a Índia, e do que sucedeu à armada em que fui	7
III Como de Diu me embarquei para o estreito de Meca, e do que passei nesta viagem	10
IV Como daqui fomos a Baçuá, e daí, por terra, à mãe do Preste João, à fortaleza de Gileytor	13
V Como nos partimos do porto de Arquico, e do que nos sucedeu com três barcos turcos que topamos	17
VI De um motim que houve nesta cidade, da causa e do sucesso dele, e por que via eu fui daqui levado para Ormuz	20
VII Do que passei depois que me embarquei em Ormuz até chegar à Índia	24
VIII Do que nos sucedeu na viagem de Chaul para Goa, e do que eu passei depois que cheguei a esta	27
IX Do que Gonçalo Vaz Coutinho passou com a rainha de Onor	30
X Como o capitão-mor tentou queimar a galé dos turcos, e do que então se passou	32
XI Do que mais sucedeu até ao outro dia, em que Gonçalo Vaz partiu para Goa	35
XII Do que se passou neste tempo até Pero de Faria chegar a Malaca	38

XIII	Como Pero de Faria foi visitado por um embaixador o rei dos batas, e do que se passou entre eles	41
XIV	Do mais que se passou neste caso até Pero de Faria me mandar a este rei bata, e do que vi no caminho	45
XV	Do que em Panaju passei com o rei dos batas, antes que se partisse para o Achém	49
XVI	Como este rei bata partiu de Turbão para o Achém, e do que fez depois que se encontrou com ele	52
XVII	Do mais que o rei bata fez depois do sucesso deste dia	55
XVIII	Do mais que passei com o rei bata até que me parti para Malaca	59
XIX	Do que passei até chegar ao reino de Quedá, na costa da terra firme de Malaca, e do que aí me aconteceu	62
XX	Do que passei depois que parti deste Rio Parlés até chegar a Malaca, e da informação que dei a Pero de Faria de algumas coisas	68
XXI	Como chegou à fortaleza de Malaca um embaixador de El-Rei de Aaru, e do que se passou ali	72
XXII	Como fui ter com o rei de Aaru e dar-lhe o que Pero de Faria lhe mandava, e do que se passou com ele	76
XXIII	Do que me aconteceu depois que me parti deste reino de Aaru	81
XXIV	Do que mais passei até ser levado à cidade de Siaca, e do que nela me sucedeu	85
XXV	Do que mais me sucedeu com esse mercador mouro	89
XXVI	Da armada que o achém mandou contra El-Rei de Aaru, e do que lhe sucedeu chegando ao Rio de Puneticão	91
XVII	Da morte de El-Rei de Aaru e da cruel justiça que se fez dele depois de morto	95

XXVIII	Do que se passou no reino de Aaru depois da morte de El-Rei, e de como a rainha foi a Malaca	98
XXIX	Do recebimento que em Malaca se fez à rainha de Aaru, e do que se passou com Pero de Faria, capitão da fortaleza	101
XXX	Como essa rainha de Aaru se partiu de Malaca para Bintão, e do que se passou com El-Rei do Jantana	104
XXXI	Da notificação que El-Rei do Jantana mandou fazer ao rei do Achém, sobre o reino de Aaru, e do que lhe ele respondeu	107
XXXII	Do que mais se passou entre El-Rei do Jantana e o do Achém sobre o negócio desta embaixada	110
XXXIII	Como indo eu de Malaca para o reino de Pão, achei vinte e três cristãos perdidos no mar	115
XXXIV	Como cheguei ao reino de Pão com esses perdidos, e do mais que aí passei	118
XXXV	Como El-Rei de Pão foi morto, e quem o matou, e a razão por quê, e do que então nos sucedeu a Tomé e a mim	121
XXXVI	De um triste caso que na barra de Lugar nos aconteceu	125
XXXVII	Do que passamos os três companheiros depois que nos metemos pelo mato dentro	129
XXXVIII	Quem era essa mulher com quem íamos, e como nos mandou para Patane, e do que fez Antônio de Faria, sabida a nova da nossa perdição e da fazenda que lhe tomaram	133
XXXIX	Como Antônio de Faria se partiu para a Ilha de Ainão em busca do mouro Coja Acém, e do que achou antes que chegasse a ela	136

XL	Como daqui nos partimos para a Ilha de Ainão, onde havia novas de que estava o corsário Coja Acém, e do que nos aconteceu no caminho	139
XLI	Como Antônio de Faria chegou ao Rio de Tinacoreu, o que os nossos chamam Varela, e da informação que naquele reino lhe deram uns mercadores	144
XLII	Do caminho que Antônio de Faria fez, indo demandar a Ilha de Ainão, e do que lhe aconteceu nele	148
XLIII	Do que esse homem respondeu às perguntas que lhe fez Antônio de Faria, e do mais que aí aconteceu	152
XLIV	Como Antônio de Faria chegou à Baía de Camoy, onde se faz a pescaria das pérolas do rei da China	155
XLV	Do que um mercador aqui disse a Antônio de Faria acerca das grandezas dessa Ilha de Ainão	159
XLVI	Do que Antônio de Faria passou neste Rio de Tanauquir com um corsário renegado, de nome Francisco de Sá	162
XLVII	Como estando nós surtos na ponta de Tilaumera, vieram por acaso ter conosco quatro lanteias de remo em que vinha uma noiva	168
XLVIII	Da informação que Antônio de Faria aqui teve desta terra	173
XLIX	Do que Antônio de Faria passou neste porto com o nautarel da cidade, sobre a venda da sua fazenda	177
L	Do que sucedeu a Antônio de Faria até surgir em Madel, porto da Ilha de Ainão, onde se encontrou com um corsário, e do que se passou com ele	180
LI	Como Antônio de Faria houve à mão, vivo, o corsário capitão do junco, e do que se passou com ele	184
LII	Do mais que Antônio de Faria passou neste Rio Madel com a gente da terra, e do que fez depois	188

LIII	Como nos perdemos na ilha dos ladrões	192
LIV	Dos mais trabalhos que passamos nesta ilha, e da maneira como milagrosamente nos salvamos	195
LV	Como nos partimos desta ilha dos ladrões para o porto de Liampó, e do que passamos até chegar a um rio a que chamavam Xingrau	199
LVI	Como indo nós ao longo da costa de Lamau, encontramos um corsário chim muito amigo de portugueses, e do pacto que Antônio de Faria fez com ele	204
LVII	Como encontramos no mar uma embarcação pequena de pescadores, em que iam oito portugueses muito feridos, e da conta que eles deram a Antônio de Faria da sua desventura	207
LVIII	Do que Antônio de Faria fez em Lailó, onde se preparou para ir pelejar com Coja Acém	212
LIX	Como Antônio de Faria pelejou com o corsário Coja Acém e do que com ele lhe sucedeu	216
LX	Do mais que Antônio de Faria fez depois que houve esta vitória e da liberalidade que aqui usou com os portugueses de Liampó	221
LXI	Como Antônio de Faria se partiu deste Rio Tirlau para Liampó, e de um desventurado sucesso que teve na viagem	226
LXII	Do mais trabalho e perigo em que nos vimos e do socorro que tivemos	229
LXIII	Como Antônio de Faria teve novas dos cinco portugueses que estavam cativos, e do que fez sobre isso	232
LXIV	Como Antônio de Faria escreveu uma carta ao mandarim de Nouday sobre o negócio desses cativos, e a resposta que teve a ela, e o que ele fez sobre isso	236

LXV	Como Antônio de Faria acometeu a cidade de Nouday e o que lhe aconteceu	240
LXVI	Do mais que Antônio de Faria passou até chegar às portas de Liampó	245
LXVII	Do que fez Antônio de Faria chegando às portas de Liampó, e das novas que aí teve do que se passava no reino da China	249
LXVIII	Do recebimento que os portugueses fizeram a Antônio de Faria na povoação de Liampó	252
LXIX	De que maneira Antônio de Faria foi levado à igreja, e do que se passou nela até a missa acabar	257
LXX	Do banquete que nesse dia se deu a Antônio de Faria e a seus companheiros	260
LXXI	Como Antônio de Faria se partiu de Liampó em busca da Ilha de Calemplui	264
LXXII	Do mais que Antônio de Faria passou até chegar ao Rio de Patebenão, e da determinação que aí tomou acerca da sua viagem	268
LXXIII	Do que Antônio de Faria passou até chegar à Serra de Gangitanou, e da disforme gente com quem aí falou	272
LXXIV	Dos trabalhos que passamos nesta enseada do Nanquim, e do que aqui nos fez o Similau	277
LXXV	Como chegamos a esta Ilha de Calemplui, e da maneira, ordem, sítio e fábrica dela	281
LXXVI	Como Antônio de Faria chegou a essa ermida e do que se passou nela	284
LXXVII	Do mais que Antônio de Faria passou nessa ermida até se embarcar	288
LXXVIII	Como esta primeira noite fomos sentidos, e por que causa, e do mais que sucedeu sobre isso	291

LXXIX	Como nos perdemos na enseada do Nanquim e do que passamos depois disso	295
LXXX	Do mais que nos sucedeu depois desse miserável naufrágio	298
LXXXI	Como chegamos a uma aldeia onde estava essa albergaria, e do que nela passamos	301
LXXXIII	Como nos partimos desse lugar de Sileyjacau, e do que nos aconteceu depois de partidos dele	305
LXXXIII	Como chegamos a uma quinta de um homem fidalgo que estava muito doente, e do que passamos com ele	309
LXXXIV	Como daqui fomos ter à vila de Taypor, e de como aí nos aconteceu sermos presos	314
LXXXV	Como deste lugar de Taypor fomos levados à cidade de Nanquim, e do que nela passamos	317
LXXXVI	Da caridade com que nesta prisão fomos curados, e do mais que depois passamos	321
LXXXVII	Como fomos remetidos por apelação à cidade de Pequim	325
LXXXVIII	Como daqui partimos para a cidade de Pequim, e das grandezas da cidade de Nanquim	328
LXXXIX	Do mais que vimos e passamos até chegarmos à cidade de Pocasser, e da grandeza de um pagode que há nela	332
XC	Do que achamos por este rio acima até chegarmos a uma vila chamada Junquileu, e do que nela vimos, e noutra lugar adiante dela	338
XCI	Como chegamos a uma cidade a que chamavam Sampitai, e do que passamos com uma mulher cristã que achamos nela	342

XCII	De onde teve princípio a origem e fundamento deste império chim, e donde procederam os primeiros que o povoaram	347
XCIII	Do que mais se passou neste negócio depois de o jejum ter acabado, e do sucesso que teve	351
XCIV	Quais foram os fundadores das primeiras quatro cidades da China, e dá-se conta de algumas grandezas da cidade de Pequim	354
XCV	Qual foi o rei de China que fez o muro que divide os dois impérios da China e da Tartária, e da prisão anexa a eles	358
XCVI	De algumas outras coisas que vimos até chegarmos a um lugar onde estava uma cruz, e da razão por que ela ali estava posta	362
XCVII	Do que vimos depois que saímos de uma cidade a que chamavam Funquinilau	369
XCVIII	De outras muitas diversidades de coisas que vimos e da ordem que se tem nas cidades movediças que se fazem nos rios, em embarcações	374
XCIX	Das mais coisas que vimos nesta cidade, e de outras algumas que há na China em outras partes	379
C	Como chegamos à cidade de Nanquim, e da prisão em que nos meteram, e do que nela passamos	384
CI	Do que mais se passou neste nosso negócio até o feito ir concluso sobre final	388
CII	Do que nos responderam estes procuradores dos pobres, pedindo-lhes nós que falassem por nós ao chaém que tinha em sua mão o nosso feito para o sentenciar	392
CIII	Como nos levaram daqui à casa da judicatura do crime, a ouvirmos publicar a nossa sentença, e do aparato e majestade com que os oficiais estão nesta casa, e das cerimônias que se guardam nela	395

CIV	Do que passamos com os tanigores da irmandade, e do que eles fizeram por nós	404
CV	De alguma pequena informação desta cidade de Pequim onde o rei da China reside de assento	407
CVI	Do regimento que se tem no dar dos banquetes nas estalagens notáveis, e do estado que traz o Chaém dos trinta e dois estados	412
CVII	De algumas coisas particulares notáveis que há na cidade de Pequim	417
CVIII	Da prisão do Xinanguibaléu onde estão sempre os degradados para o serviço do muro da Tartária	421
CIX	De outra cerca que vimos nesta cidade, de nome “tesouro dos mortos”, de cujo rendimento se sustenta esta prisão, e de muitas coisas notáveis que há nela	427
CX	Do terceiro edifício que aqui vimos de nome Nacapirau	431
CXI	Do quarto edifício situado no meio do rio, onde estão as cento e treze capelas dos reis da China	435
CXII	Do provimento que se tem com todos os aleijados e gente desamparada	439
CXIII	Da maneira que se tem para haver em todo o reino celeiros para os pobres, e qual foi o rei que isso ordenou	442
CXIV	Do número da gente que vive nas casas de El-Rei da China, e dos nomes das dignidades supremas que governam o reino, e das três principais seitas que há nele	445
CXV	Como fomos levados para Quansi a cumprimos nosso degredo, e da desventura que aí tivemos pouco tempo depois que chegamos	449
CXVI	Como acaso achei nesta cidade um português, e o que com ele passamos	453

CXVII	Como um capitão tártaro entrou com gente nesta cidade de Quansi, e do que fez nela	459
CXVIII	Do assalto que o nauticor de Lançame deu ao castelo de Nixiancó, do sucesso que teve, e do mais que sucedeu daí por diante	463
CXIX	Do ardil que Jorge Mendes deu para se tomar o castelo, e do assalto que se lhe deu, e do sucesso deles	467
CXX	Do caminho que o Mitaquer fez deste castelo de Nixiancó até chegar ao arraial que El-Rei dos tártaros tinha sobre a cidade de Pequim	473
CXXI	Da maneira que o Mitaquer nos levou para nos apresentar a El-Rei, e do que vimos e passamos antes de chegarmos a vê-lo	477
CXXII	Do mais que vimos até chegarmos onde El-Rei dos tártaros estava, e do que passamos com ele	482
CXXIII	Como este rei tártaro levantou o cerco que tinha posto à cidade de Pequim, e se foi para sua terra, e do que fez até chegar a ela	488
CXXIV	Como este rei tártaro se passou desta cidade de Lançame para a de Tuimicão, onde foi visitado por muitos príncipes pessoalmente, e de outros por seus embaixadores	492
CXXV	Como fomos levados outra vez diante deste rei bárbaro, e do que passamos com ele	497
CXXVI	Do caminho que fizemos desta cidade de Tuymicão até chegarmos ao terreiro das caveiras dos mortos	501
CXXVII	Do caminho que fizemos até chegarmos à cidade de Quanginau, e do que nela vimos	505
CXXVIII	Do caminho que fizemos desta cidade de Quanginau até à cidade de Xolor, e do que nela vimos	509

CXXXIX	Do que passamos depois que partimos desta cidade de Xolor até que chegamos onde estava El-Rei da Cochinchina	513
CXXX	Do recebimento que este rei da Cochinchina fez ao embaixador da Tartária na vila de Fanaugrém	516
CXXXI	Como El-Rei se passou de Fanaugrém para a cidade de Uzangué, e do triunfo com que nela entrou	521
CXXXII	Como nos partimos desta cidade de Uzangué, e do que nos aconteceu até chegarmos à Ilha de Tanixummá, que é a primeira terra do Japão	524



A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

Paulo de F. Ribeiro
Presidente
Fundação Darcy Ribeiro

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto tem uma história externa quase tão fascinante quanto aquelas que traz em suas páginas. Começemos por ela.

Quando veio a público em 1614, fazendo justiça ao nome, a obra genial de Mendes Pinto já tinha vivido mais de trinta anos entre silêncio e mistério. Pronto desde 1580, o manuscrito foi deixado sob os cuidados das filhas do autor, que, após a sua morte, em 1583, o entregaram à Casa Pia das Penitentes de Lisboa, uma instituição de caridade criada por D. João III para amparar mulheres de rua e pela qual Mendes Pinto mantinha “particular devoção”, como se lê na dedicatória da primeira edição.

Cumpriam, assim, as filhas a vontade expressa do pai, que houvera doado “por morte” àquela Instituição o “largo itinerario de seus trabalhos para que os interesses da impressão delles fosse hum pequeno subsidio de suas necessidades”, segundo ainda a mesma dedicatória.

Vinte e três anos correriam do final da redação do manuscrito à autorização de duas das três licenças devidas para impressão, em 1603, passados, portanto, já vinte anos da morte do autor. Muito se especula sobre o que teria ocorrido nesse intervalo. As hipóteses, as mais diversas, vão do medo que Mendes Pinto tinha de publicar o livro em vida à manipulação do texto pelos jesuítas, uma vez que a ele tiveram largo acesso e coube a um deles, o Padre Francisco Pereira, rever o manuscrito, tachando-o de “fabuloso” — o que, há de convir-se, não é o bastante para acusá-lo(s) de ter promovido cortes no texto.

Uma das poucas certezas que se tem, contudo, é que, nesse período, Francisco de Andrade, cronista de D. João III, e vizinho da família de Mendes Pinto em Almada – provavelmente a pedido desta –, também submeteu o manuscrito a uma revisão. Sua intervenção resultou numa mudança estrutural de vulto: ele o dividiu em capítulos, atribuindo-lhes os respectivos enunciados, tarefa que muito facilitou a vida dos leitores de todos os tempos, pois evitou que uma boa parte deles naufragasse naquele antes ininterrupto caudal de palavras. Mas desconfia-se que não tenha ido muito além disso a contribuição de Andrade – desconfiança que se converte em certeza quando se cotejam os dois modos distintos de escrever, o seu e o de Mendes Pinto.

Como quer seja, em maio de 1603 foi concedida a licença para impressão pelo Santo Ofício. Os temores de Mendes Pinto – se é que de fato os tinha, de acordo com essa conjectura – eram de todo infundados, pois, segundo o parecer do dominicano Manoel Coelho, não só podia como devia imprimir-se a *Peregrinação*, porque, além de não conter “coisa alguma contra a nossa santa Fè ou bõs costumes & guarda delles”, era “história muyto boa, chea de muyta variedade & nouidade”.

Rapidamente também foi concedida a licença do Desembargo do Paço. Mas a terceira, a do Ordinário do Paço – também não se sabem os motivos –, emperraria por mais dez anos o destino da *Peregrinação*, uma vez que só seria despachada em 1613.

Quaisquer que tenham sido as razões para o segundo interregno, o fato é que só em 06 de novembro de 1613 – estando todas as licenças em ordem, portanto – Filipe II concede alvará aos Provedores da Casa Pia das Penitentes de Lisboa, através do qual lhes garante o privilégio de imprimir, com exclusividade, por um prazo de dez anos, a *Peregrinação*.

Expedido o alvará, logo apareceu o interessado em custear a edição, ninguém menos que Belchior de Faria, “Cavaleiro da Casa de El-Rei e seu Livreiro”, o qual, como era de praxe, ficaria com uma parte dos lucros. Finalmente, a *Peregrinação* estava pronta para se dar a conhecer ao público, o que aconteceu em 1614, bons trinta e um anos após a morte de Mendes Pinto, quando autores como Luís de Camões, Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros, que também trataram das novidades do Oriente, eram já conhecidos de vasto público.

Não obstante o fato de ter entrado em cena bem depois, como se tivesse por missão continuar a viagem de seu autor, a *Peregrinação* não parou de correr mundo, transformando-se num dos livros mais populares de toda a literatura portuguesa. Apenas seis anos depois de publicada em Portugal, começaria a fazer carreira internacional, com uma edição castelhana.

Ao findar o século XVII a *Peregrinação* já contabilizava seis edições em castelhano, quatro em inglês, quatro em alemão, duas em francês, duas em holandês e apenas duas em português, sendo superada em edições estrangeiras apenas pelas obras religiosas de Frei Marcos de Lisboa e Frei Tomé de Jesus. Foi tão popular a *Peregrinação* no século XVII que disputava a preferência dos leitores com o *D. Quixote*, de Miguel de Cervantes.

Ainda que não tenha mantido o mesmo vigor nos séculos posteriores, a narrativa de Mendes Pinto continuou a atrair leitores entusiasmados por todo o mundo. No Brasil, o exemplo melhor é o de Machado de Assis, que, como se descontente por aquela sucessão de aventura, espanto e maravilha ter chegado ao ponto final, lhe adicionou por conta própria “um capítulo inédito”, a que deu o título de “o segredo do bonzo”, publicado em *Papéis avulsos*. E a atração continua, pois, de acordo com Francisco Leite de Faria, no agora já distante ano de 1992, data da

publicação de seu estudo bibliográfico, podiam ser contabilizadas, nas mais diversas línguas, 168 edições da *Peregrinação*, sendo 38 completas e 130 incompletas, números que por si dizem da vitalidade da obra.

A popularidade e o prestígio desfrutados pela *Peregrinação* têm efetiva razão de ser. Espécie de livro-síntese, ela incorpora os principais modelos em voga no século XVI, a saber, a crônica, a novela de aventuras, a hagiografia, a zoologia, a botânica, a corografia, a “etnografia” – para não falar nas tradições medievais, como as diversas formas, simbólicas e reais, de peregrinação. Incorpora-os e os ultrapassa, é bem de ver, pois, sendo essas coisas todas, a *Peregrinação* não é nenhuma delas em particular, uma vez que promove um verdadeiro baralhamento de fronteiras entre gêneros, nó que a história e a crítica literárias ainda não conseguiram desatar de todo.

Nesse borrão discursivo, sobressai, contudo, uma viga mestra: o relato de viagem, do qual todo o resto depende e pelo qual tudo mais ganha existência. Com efeito, é tão crucial a ideia de viagem na *Peregrinação* que confina com o ato mesmo de viver, simbiose que produz seu contrário: se viajar é viver, viver é viajar.

E nisso, em princípio, não há nada de estranho – pelo menos até aqui, pois desde sempre os homens viajaram. Se, só para efeito de ilustração, se perguntar a um homem destes tempos de agora acerca de seus prazeres favoritos, viajar estará certamente entre os primeiros itens da resposta. E, em muitas delas, será mesmo o primeiro da lista, porque viajar, mais do que em qualquer outra era, é uma espécie de panaceia dos tempos atuais, como demonstram à saciedade os cartazes reais e virtuais das agências de turismo.

Se, entretanto, se perguntasse a um homem do século XVI sobre o lugar da viagem na sua escala de prazeres, ela constaria

seguramente de muito poucas listas, mesmo assim de modo muito clandestino, pois era pequena a lista de prazeres naqueles tempos inquisitoriais.

É que viajar era comprar uma cara passagem para o imprevisível, cujo preço, muitas vezes, era a própria vida. E não se trata (é bom que se diga) de nenhuma imagem poética. Num período de apenas seis anos na primeira metade do século XVII – os números são de Charles Boxer, misto, também ele, de historiador e viajante – morreram duas mil setecentos e trinta e três pessoas de um total de cinco mil duzentas e vinte oito embarcadas em Lisboa com destino à Índia. E não é que houvesse acontecido algo de especial nesse curto espaço de tempo. Comumente, ficavam a meio da carreira da Índia – nome que os portugueses deram à travessia transoceânica de Portugal à Índia – entre trinta e cinquenta por cento do total de viajantes embarcados nos navios.

Não obstante, havia homens dispostos a viver prazerosamente a aventura do desconhecido, cujo preço era tantas vezes a própria vida. Fernão Mendes Pinto foi um deles. Para fazer a paródia da frase famosa de Octavio Paz dedicada a Fernando Pessoa, pode-se dizer que um grande viajante não tem biografia; sua viagem é sua biografia. Nada mais verdadeiro, então, se a máxima for aplicada a Fernão Mendes Pinto.

Com efeito, a viagem foi tão importante em sua vida que esta se reduziu àquela, seja a do plano real, seja o da sua reinvenção. Porque viajou duplamente Mendes Pinto. Não lhe bastou, como a tantos, uma única viagem; foi necessário, anos depois, reinventá-la em palavras, uma astuta maneira de viajar de novo, dividindo-a agora com esses viajantes estranhos – os leitores – que se comparam em desejar o desejo do outro.

Todos os fatos que importam conhecer sobre a vida desse peregrino viciado em ver estão contidos na viagem da viagem por ele escrita. Sem ela, aquela outra pelos mundos e mares do Oriente teria desaparecido com o seu desaparecimento. A vida de Mendes Pinto, portanto, é a sua viagem, ou melhor, é a sua dupla viagem. É esta a sua – definitiva – biografia. É esta, afinal, a sua Peregrinação.

Não é à toa que a pesquisa sobre sua vida real é sempre tão infrutífera, para não dizer praticamente inútil. Sem nenhum documento que as confirmem, páginas e páginas já foram escritas por austeros eruditos sobre a data de nascimento do autor, a partir de suas próprias informações, as quais são tomadas por alguns desses mesmos eruditos como verdades as mais cristalinas, enquanto, para outros, são as mais deslavadas mentiras jamais escritas! E, porque sua narrativa não esclarece, a polêmica sobre se ele era ou não judeu permanece acesa, assim como tantas outras, se visitou essa e mais aquela cidade ou simplesmente surrupiou informação de outrem, dizendo-a sua.

Não era de dados biográficos que Fernão Mendes Pinto queria tratar ao escrever a *Peregrinação*. Se assim quisesse, não teria deixado lacunas tão gritantes acerca de sua vida em narrativa tão minuciosa. O seu livro, ainda que fale de muitas outras coisas – e fala de muitas outras coisas –, é, antes de qualquer delas, a história de um viajante fazendo a única coisa que sabe e gosta de fazer: viajar.

Por isso é que tão pouca importância é dada às outras duas fases de sua vida, às que antecede e sucede a viagem. E é a estrutura do livro que fala por si. De um total de duzentos e vinte e seis capítulos em que a obra foi dividida por Francisco de Andrade, como já se disse, apenas o primeiro e o último referem-se ao não viajante, isto é, ao antes e depois de viajar. É essa já uma boa

prova de que viver e viajar (prazerosamente) para Fernão Mendes Pinto são uma e a mesma coisa.

Mas é preciso esclarecer o que se quer dizer por viagem prazerosa, para que não se cometa o desatino de aproximá-lo do diletante – que viaja sob a garantia do seguro de vida obrigatório, ainda que saiba de antemão que nenhum imprevisto poderá ocorrer, condição primeira pela qual se dispõe a viajar.

Prazer, no caso de Mendes Pinto e de seus iguais, deve ser entendido em sentido diametralmente oposto. Trata-se do desejo inadiável de ver a diversidade do mundo real, para gozar o deleite do encontro primeiro com as “jentes novas, escondidas/ que nunca foram sabidas”, como delas disse o poeta do *Cancioneiro Geral* Diogo Velho de Chancelaria, um outro eufórico do desvelamento do mundo pelos portugueses.

Mas esse gozo, como se fora um graal (nem tanto) dessacralizado, supõe a vitória sobre a morte para quem for digno de merecê-lo. E poucos o são, porque, é bem de ver, ante tão dura condição, nunca são muitos os candidatos a tamanho merecimento. Diversos são os perigos a serem enfrentados. E as “onças, liões, alifantes/ moonst(r)os e aves falantes”, a que se referirá o mesmo poeta, ainda sem se decidir entre o real e o fantástico, são só pequena parte do desafio interposto ao curioso das coisas escondidas do mundo.

FRANCISCO FERREIRA DE LIMA É PROFESSOR DE LITERATURA PORTUGUESA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. DOUTOR EM LETRAS PELA USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.



PEREGRINAÇÃO

VOLUME I

Fernão Mendes Pinto



DO QUE PASSEI EM MINHA MOCIDADE NESTE REINO ATÉ QUE ME EMBARQUEI PARA A ÍNDIA

Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram, começados no princípio da minha primeira idade e continuados pela maior parte e melhor tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da ventura que parece que tomou por particular tenção e empresa sua perseguir-me e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser matéria de grande nome e de grande glória; porque vejo que, não contente de me pôr na minha Pátria logo no começo da minha mocidade, em tal estado que nela vivi sempre em misérias e em pobreza, e não sem alguns sobressaltos e perigos da vida, me quis também levar às partes da Índia, onde em lugar do remédio que eu ia buscar a elas me foram crescendo com a idade os trabalhos e os perigos. Mas por outro lado, quando vejo que do meio de todos esses perigos e trabalhos me quis Deus tirar sempre a salvo e pôr-me em segurança, acho que não tenho tanta razão de me queixar de todos os males passados, quanta tenho de lhe dar graças por este só bem presente, pois me quis conservar a vida para que eu pudesse fazer esta rude e tosca escritura que por herança deixo a meus filhos (porque só para eles é minha intenção escrevê-la) para que eles vejam nela estes meus trabalhos e perigos da vida que passei no decurso de vinte e um anos, em que fui treze vezes cativo e dezessete vendido, nas partes da Índia, Etiópia, Arábia Feliz, China,

Tartária, Macáçar, Samatra e outras muitas províncias daquele oriental arquipélago dos confins da Ásia, a que os escritores chins, siameses, guéus, léquios chamam em suas geografias a pestana do mundo, como ao adiante espero tratar muito particular e muito amplamente. Daqui por um lado tomem os homens motivo de não desanimarem com os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não há nenhuns, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana, ajudada do favor divino, e por outro me ajudem a dar graças ao Senhor onipotente por usar comigo da sua infinita misericórdia, apesar de todos meus pecados, porque eu entendo e confesso que deles me nasceram todos os males que por mim passaram, e dela as forças e o ânimo para os poder passar e escapar deles com vida. E tomando para princípio desta minha peregrinação o que passei neste Reino, digo que, depois de ter vivido até à idade de dez ou doze anos na miséria e estreiteza da pobre casa de meu pai na vila de Montemor-o-Velho, um tio meu, parece que desejoso de me encaminhar para melhor fortuna, me trouxe para a cidade de Lisboa e me pôs ao serviço de uma senhora de geração assaz nobre e de parentes assaz ilustres, parecendo-lhe que pela valia tanto dela como deles poderia haver efeito o que ele pretendia para mim. Isso era no tempo em que na mesma cidade de Lisboa se quebraram os escudos pela morte de El-Rei D. Manuel, de gloriosa memória, que foi em dia de Santa Luzia, aos treze dias do mês de dezembro do ano de 1521, de que eu estou bem lembrado, e de outra coisa mais antiga deste reino me não lembro. A tenção desse meu tio não teve o sucesso que ele imaginava, antes o teve muito diferente, porque, havendo ano e meio, pouco mais ou menos, que eu estava ao serviço dessa senhora, me sucedeu um caso que me pôs a vida em tanto risco que para a poder salvar me vi forçado a sair naquela mesma hora de casa, fugindo com a maior pressa que pude. E indo eu assim tão desatinado com o grande medo que levava, que não sabia por

onde ia, como quem vira a morte diante dos olhos e a cada passo cuidava que a tinha comigo, fui ter ao cais da pedra onde achei uma caravela de Alfama que ia com cavalos e fato de um fidalgo para Setúbal, onde naquele tempo estava El-Rei D. João III, que santa glória haja com toda a corte, por causa da peste que então havia em muitos lugares do Reino: nesta caravela me embarquei eu, e ela partiu logo. Ao outro dia pela manhã, estando nós em frente de Sesimbra, nos atacou um corsário francês, o qual, abalroando conosco, nos lançou dentro quinze ou vinte homens, os quais, sem resistência ou reação dos nossos, se assenhorearam do navio, e depois de o terem despojado de tudo quanto acharam nele, que valia mais de seis mil cruzados, o meteram no fundo; e a dezessete que escapamos com vida, atados de pés e mãos, nos meteram no seu navio com a intenção de nos venderem em Larache, para onde se dizia que iam carregados de armas que para negociar levavam aos mouros. E, trazendo-nos com essa determinação mais treze dias, banqueteados cada hora de muitos açoites, quis a sua boa fortuna que ao cabo deles, ao pôr do sol, vissem um barco e seguindo-o aquela noite, guiados pela sua esteira, como velhos oficiais práticos naquela arte, a alcançaram antes de ser rendido o quarto da modorra, e dando-lhe três descargas de artilharia a abalroaram muito esforçadamente; e ainda que na defesa tivesse havido da parte dos nossos alguma resistência, isso não bastou para que os inimigos deixassem de entrar nela, com morte de seis portugueses e dez ou doze escravos.

Era esse navio uma formosa nau de um mercador de Vila do Conde, que se chamava Silvestre Godinho, que outros mercadores de Lisboa traziam fretada de São Tomé, com grande carregamento de açúcares e escravaria, a qual os pobres roubados, que lamentavam sua desventura, calculavam que valesse quarenta mil cruzados. Logo que esses corsários se viram com presa tão rica, mudando o propósito que antes traziam, se fizeram a caminho

de França e levaram consigo alguns dos nossos para serviço da mareação da nau que tinham tomado. E aos outros mandaram uma noite lançar na Praia de Melides, nus e descalços e alguns com muitas chagas dos açoites que tinham levado, os quais dessa maneira foram ao outro dia ter a Santiago de Cacém, no qual lugar todos foram muito bem providos do necessário pela gente da terra, e principalmente por uma senhora que aí estava, de nome D. Brites, filha do Conde de Vilanova, mulher de Alonso Perez Pantoja, comendador e alcaide-mor da mesma vila.

Depois que os feridos e os doentes foram convalescidos, cada um se foi para onde lhe pareceu que teria o remédio mais certo de vida, e o pobre de mim com outros seis ou sete tão desamparados como eu, fomos ter a Setúbal, onde me caiu em sorte lançar mão de mim um fidalgo do mestre de Santiago, de nome Francisco de Faria, o qual servi quatro anos, em satisfação dos quais me deu ao mesmo mestre de Santiago, como seu moço de câmara, a quem servi um ano e meio. Mas porque o que então era costume dar-se nas casas dos príncipes me não bastasse para minha sustentação, determinei embarcar-me para a Índia, ainda que com poucas ilusões, já disposto a toda a ventura, ou má ou boa, que me sucedesse.

COMO DESTE REINO ME PARTI PARA A ÍNDIA, E DO QUE SUCEDEU À ARMADA EM QUE FUI

Aos onze dias do mês de março do ano de mil e quinhentos e trinta e sete, parti deste reino em uma armada de cinco naus, em que não havia capitão-mor, apenas somente os capitães particulares das naus, os quais eram: na nau *Rainha*, D. Pedro da Silva, que por alcunha se chamava o Galo, filho do Conde Almirante D. Vasco da Gama, na qual trouxe a ossada de seu pai, que El-Rei D. João que então estava em Lisboa mandou receber com o maior aparato e pompa fúnebre com que até hoje nenhuma outra fora recebida, a não ser de rei; na nau *S. Roque*, D. Fernando de Lima, filho de Diogo Lopez de Lima, alcaide-mor de Guimarães, que logo no ano seguinte de 1538 faleceu em Ormuz, sendo capitão da fortaleza; na nau *Santa Bárbara*, seu primo Jorge de Lima, que ia para capitão de Chaul; na nau *Flor do Mar*, Lopo Vaz Vogado, capitão ordinário de viagem; e na nau *Galega*, que foi a que se perdeu depois, Pero Lopez de Sousa, e um Martim de Freitas, natural da Ilha da Madeira, que naquele ano mataram em Damão com mais trinta e cinco homens que levava consigo. Velejando todas essas naus pela sua rota, prouve a Nosso Senhor que chegaram a salvamento a Moçambique, onde achamos de invernada a nau *São Miguel*, de que era capitão e senhorio um armador que se chamava Duarte Tristão, a qual, tendo partido depois para o Reino muito rica, desapareceu sem até hoje se saberem

novas dela, como por nossos pecados a outras algumas tem acontecido nessa carreira da Índia.

Depois de essas cinco naus estarem todas aviadas e prestes a partirem de Moçambique, o capitão da fortaleza, que era Vicente Pegado, apresentou aos capitães delas uma ordem do Governador Nuno da Cunha, em que mandava que todas as naus que deste reino naquele ano ali fossem ter se dirigissem a Diu e deixassem a gente na fortaleza, pela suspeita que se tinha da vinda da armada do turco, o que então se esperava na Índia, por causa da morte do Sultão Bandur, rei de Cambaia, que o governador tinha morto no verão anterior.

Esse assunto foi logo posto em conselho e foi determinado por todos que as três naus que eram de El-Rei fossem a Diu conforme a ordem impunha, e as duas de mercadores fossem a Goa, por causa de alguns requerimentos e protestos que os seus procuradores sobre esse caso já tinham feito.

Partidas as três naus de El-Rei para Diu, e as duas de mercadorias para Goa, prouve a Nosso Senhor levá-las todas a salvamento. E surgindo as três na barra de Diu a cinco de setembro do mesmo ano de 1538, Antônio da Silveira, irmão do Conde de Sortelha, Luís da Silveira, que então aí estava como capitão, as festejou e recebeu com muita alegria, com todas gastando largamente a sua fazenda, assim como em dar de comer a mais de setecentos homens, e também em outras mercês de dinheiro e esmolos que fazia continuamente. E vendo a gente dessa armada tanta largueza e abundância, e que além disso lhe pagavam soldo e mantimento, se deixou ali ficar quase toda por sua própria vontade, sem ser necessário para isso nenhum rigor nem pena de justiça, como sempre era hábito nas fortalezas em que havia suspeita de cerco.

As três naus, depois de venderem ali bem suas fazendas, rumaram para Goa apenas com os oficiais delas e a gente do mar. Ali estiveram mais alguns dias, até que o governador acabou por as

despachar para Cochim, e daí, tomada a carga, voltaram todas cinco para o Reino, onde chegaram a salvamento, levando também consigo em companhia outra nau nova que se fizera na Índia, de nome *São Pedra*, da qual veio como Capitão Manuel de Macedo, que trouxe o *Basilisco*, a que cá chamaram o tiro de Diu, por ter sido tomado aí, na morte do Sultão Bandur, rei de Cambaia, com mais outros dois do mesmo teor, os quais faziam parte dos quinze que o Rumeção, capitão-mor da armada do turco, trouxe de Suez no ano de 1534, quando foi deste reino D. Pedro de Castelbranco, com as doze caravelas de socorro que partiram em novembro.

III

COMO DE DIU ME EMBARQUEI PARA O ESTREITO DE MECA, E DO QUE PASSEI NESTA VIAGEM

Havendo só dezessete dias que eu era chegado a esta fortaleza de Diu, onde se faziam prestes duas fustas para irem ao estreito de Meca, para saberem a certeza da armada dos turcos, de que já na Índia havia algum receio, me embarquei em uma delas, da qual ia como capitão um meu amigo, por me fazer ele grandes encarecimentos da sua amizade naquela viagem, mostrando-me muito fácil sair eu dela muito rico em pouco tempo, que era o que eu então mais pretendia que tudo.

Confiado nessa promessa e enganado com essa esperança, sem pôr diante dos olhos quão caro muitas vezes isso custa, e quão arriscada eu então levava a vida, tanto por não estar o tempo próprio, como pelo que depois sucedeu por pecados meus e de todos os que nela fomos, me embarquei com esse meu amigo numa fusta que se chamava *Silveira*. Partidas essas duas fustas da fortaleza de Diu, e navegando juntas com um tempo assaz forte, na despedida do inverno, com grandes chuvadas e contramonção, avistamos as ilhas de Curia, Muria e Abedalcuria, nas quais estivemos de todo perdidos, sem nenhuma esperança de vida. E tornando-nos, por não haver outro remédio, na volta do sudeste, prouve a Nosso Senhor que ferrássemos a ponta da Ilha de Sacotorá, uma légua abaixo donde esteve a nossa fortaleza que D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, fez, quando no ano de 1507, partiu deste reino. E ali fizemos a nossa aguada e conseguimos

algum refresco, que por nosso resgate compramos aos cristãos da terra, que descendem daqueles que antigamente o apóstolo São Tomé converteu nas partes da Índia e Coromandel.

Desta ilha nos partimos com a intenção de chegar às portas do estreito, e em nove dias de tempo bonançoso nos pusemos por alturas de Maçuá, onde ao pôr do sol avistamos um barco o qual seguimos com tanta pressa que, rendido o quarto da prima, o alcançamos. E, querendo nós, com modos de boa amizade, falar com o capitão dela, para nos informarmos do que pretendíamos saber da armada do turco, se era já partida de Suez ou que novas havia dela, a resposta dos da nau foi tão diferente da que esperávamos, que sem falarem palavra nos assombraram com doze pelouros, dos quais cinco eram de falcões e roqueiras, e sete de berços, além de muitas arcabuzadas que também nos atiraram, como gente que nos não tinha em boa conta. E de quando em quando nos dirigiam muitas gritas e apupos, e capeando-nos com bandeiras e toucas, mostravam-nos do alto da popa muitos terçados nus, esgrimindo com eles no ar, para que nos chegássemos a eles.

Com a primeira vista dessas suas fanfarrônicas, ficamos nós algum tanto embaraçados. E conversando ambos os capitães e os outros companheiros sobre o que se faria nesse caso, se concluiu, por parecer da maioria, que não se deixasse ir os inimigos a salvo, mas que se trabalhasse todo o possível para os irmos atacando com a artilharia até que fosse manhã, porque então nos seria mais fácil e menos perigoso abalroá-los, o que assim se fez. E dando-lhe caça durante o resto da noite, prouve a Nosso Senhor que já quase manhã ela mesma se rendeu por si, com morte de sessenta e quatro homens, dos oitenta que nela vinham; e os que ficaram vivos quase todos se lançaram ao mar, tendo este por melhor partido que morrerem queimados com as panelas de pólvora que nós lhes lançávamos. Assim, de todos os oitenta não escaparam senão cinco muito feridos, dos quais um foi o capitão da nau, o

qual metido a tormento confessou que vinha de Judá, donde era natural, e que a armada do turco tinha já partido de Suez, com tenção de vir tomar Aden e aí fazer uma fortaleza antes de atacar a Índia, porque assim cumpria o baxá do Cairo, que nela vinha como capitão-mor, um dos capítulos das ordens que o turco lhe mandara de Constantinopla. E disse também outras muitas coisas particulares muito importantes ao nosso propósito. Entre algumas que nos disse, nos veio a confessar que era cristão renegado, maiorquino de nação, natural de Cerdenha, filho de um mercador que se chamava Paulo Andrés e que não havia mais de quatro anos que se tornara mouro, por amor de uma grega moura com a qual era casado. Os capitães então lhe perguntaram se queria voltar à antiga fé e fazer-se cristão, ao que ele respondeu tão duramente e tão fora de toda a razão, como se tivesse nascido e sido criado sempre naquela maldita seita. Vendo os capitães quão cego e desatinado estava este mal-aventurado no conhecimento da santa e católica verdade de que lhe falavam, havendo ainda tão pouco tempo que fora cristão, como tinha confessado, encheram-se de cólera, com um zelo santo da honra de Deus, o mandaram atar de pés e mãos, e vivo foi lançado ao mar com um grande penedo ao pescoço, donde o Diabo o levou a participar nos tormentos de Mafamede, em quem tão crente estava. A nau, com os mais, foi metida no fundo, por ser a fazenda fardos de tintas do gênero do pastel, que nos não servia para nada, tirando algumas peças de chamalote que os soldados tomaram para se vestir.

COMO DAQUI FOMOS A MAÇUÁ, E DAÍ, POR TERRA, À MÃE DO PRESTE JOÃO, À FORTALEZA DE GILEYTOR

Daqui desta paragem nos partimos para Arquico, terra do Preste João, a levar uma carta que Antônio da Silveira mandara a um tal Henrique Barbosa, feitor seu, que lá andava havia três anos, por mandado do Governador Nuno da Cunha, o qual com quarenta homens que trazia consigo escapara do levantamento de Xael onde ficaram cativos D. Manuel de Meneses e mais cento e sessenta portugueses, e tomaram quatrocentos mil cruzados e seis naus portuguesas, que foram as que Solimão Baxá, vice-rei do Cairo, levou com os mantimentos e munições da sua armada quando no ano de mil quinhentos e trinta e oito veio pôr cerco à fortaleza de Diu, por lhas ter mandado ao Cairo o rei de Xael, com sessenta portugueses de presente, e dos mais fez esmola ao seu Mafamede, como cuidou que dirão largamente as histórias que tratam do governo de Nuno da Cunha.

Chegando nós a Gotor, uma légua abaixo do porto de Maçua, fomos todos bem recebidos pela gente da terra e por um português que aí achamos, de nome Vasco Martins de Seixas, natural da vila de Óbidos, que por mandado de Henrique Barbosa há um mês que ali estava, esperando por algum navio de portugueses, com uma carta do mesmo Henrique Barbosa, que entregou aos capitães: na qual lhe dava as novas que tinha sabido dos turcos e lhe pedia que em todo o caso fossem ter com ele alguns portugueses, porque importava muito ao serviço de Deus e de El-Rei, e que ele

os não podia ir buscar porque estava naquela fortaleza de Gileytor de guarda à princesa de Tigremahom, mãe do Preste João, com quarenta portugueses que ali tinha consigo.

Os capitães convocaram os dois em conselho todos os mais, que para isso foram chamados, e se resolveu, por parecer de todos, que quatro soldados o fossem ver, em companhia de Vasco Martins, e lhe levassem a carta que Antônio da Silveira lhe mandava, o que assim se fez. Partidos os quatro, dos quais eu fui um, logo ao outro dia seguinte caminhamos por terra em boas cavalgadas de mulas que o Tiquaxy, capitão da terra, nos mandou dar por ordem da princesa mãe do preste, que o Vasco Martins trouxera para isso, com mais seis abexins que nos acompanharam. Naquele mesmo dia fomos dormir a um mosteiro de casas nobres e ricas a que chamavam Satilgão, e quando no outro dia foi manhã, caminhamos ao longo de um rio mais cinco léguas, até um lugar que se chamava Bitonto, no qual nos agasalhamos naquela noite em um bom mosteiro de religiosos, que se chamava São Miguel, com muita festa e bom acolhimento da parte do prior e de sacerdotes que nele estavam. Ali nos veio ver um filho do Barnagais, governador desse império da Etiópia, moço de dezessete anos de idade e muito bem-disposto, acompanhado de trinta mulas, e apenas ele vinha num cavalo ajaezado à portuguesa, com arreios de veludo roxo franjado de ouro, que da Índia lhe mandara o Governador Nuno da Cunha, havia dois anos, por um Lopo Chanoca que depois foi cativo no Cairo o qual esse príncipe mandara resgatar por um mercador judeu, natural de Azebibe; porém, quando este lá chegou o achou já morto, o que, dizem, mostrou sentir muito. E nos afirmou o Vasco Martins que ali naquele mosteiro de São Miguel lhe mandara fazer o mais solene saimento que jamais vira em sua vida, no qual se juntaram quatro mil sacerdotes, além de outro grande número de noviços a que eles chamam santilãos. E sabendo que fora casado em Goa,

e que tinha três filhas pequenas e muito pobres, lhes mandara de esmola trezentas oqueás de ouro, que na nossa moeda vale cada uma doze cruzados. Ao outro dia nos partimos desse mosteiro em boas cavalgaduras que esse príncipe nos mandou dar, com quatro homens seus para nos acompanharem, os quais nos foram agasalhando por todo o caminho esplendidamente, e fomos dormir a umas casas grandes que se chamavam Betenigus, que quer dizer casas de rei, rodeadas a uma distância de mais de três léguas, por arvoredos muito altos de ciprestes e cedros e palmeiras de tâmaras e cocos, como na Índia.

E continuando daqui, as nossas jornadas de cinco léguas por dia, por campinas de trigo muito grandes e muito formosas, chegamos a uma serra que se chamava Vangaleu, povoada de judeus, gente branca e bem-proporcionada mas muito pobre, segundo o que nos pareceu dela. Daí a dois dias e meio chegamos a uma boa povoação que se chamava Fumbau, a duas léguas da fortaleza de Gileytor onde achamos Henrique Barbosa com os quarenta portugueses, os quais nos receberam com muita alegria acompanhada de grande cópia de lágrimas, porque, embora (como eles nos diziam) ali estivessem muito à sua vontade, sendo em tudo senhores absolutos de toda a terra, no entanto não se sentiam satisfeitos nela, por ser aquilo desterro e não pátria sua.

E porque na altura em que aqui chegamos já era muito noite, não pareceu a Henrique Barbosa dar conhecimento da nossa chegada à princesa. Ao outro dia pela manhã, que era um domingo, quatro de outubro, nos fomos com ele e com os quarenta portugueses ao aposento onde a princesa vivia, a qual logo que soube que éramos chegados nos mandou entrar na capela onde já estava então para ouvir missa, e, pondo-nos de joelhos diante dela, lhe beijamos o abano que tinha na mão, com mais outras cerimônias de cortesia ao seu uso, que os portugueses nos tinham ensinado. Ela nos recebeu com muita alegria, e nos disse:

– A vinda de vós outros, verdadeiros cristãos, é para mim agora tão agradável, e foi sempre tão desejada, e o é todas as horas por estes meus olhos que tenho no rosto, como o fresco jardim deseja o borrifo da noite. Venhais em boa hora, venhais em boa hora, e seja em tão boa hora a vossa entrada nesta minha casa, como a da Rainha Helena na terra santa de Jerusalém.

Mandando-nos sentar em umas esteiras, quatro ou cinco passos afastados de si, nos esteve perguntando, com a boca cheia de riso, por algumas coisas novas e curiosas a que diziam que sempre fora muito inclinada: pelo papa, como se chamava, quantos reis havia na Cristandade, se fora já algum de nós à casa santa, e porque se descuidavam tanto os príncipes cristãos na destruição do turco, e se era grande o poder que El-Rei de Portugal tinha na Índia, e quantas fortalezas havia lá e em que terras estavam, e outras muitas coisas dessa maneira. E com as respostas que os nossos lhe davam, mostrava ficar satisfeita.

Com isso nos despedimos dela e nos recolhemos ao nosso aposento. Depois de haver já nove dias que aqui estávamos, nos fomos despedir dela e ao beijarmos-lhe a mão, disse-nos:

– É certo que me pesa de vos irdes tão cedo, mas já que é forçoso ser assim, ide-vos em muito boa hora, e seja em tão boa hora o vosso regresso à Índia, que quando lá chegardes vos recebam os vossos como o antigo Salomão recebeu a nossa rainha de Sabá na casa admirável da sua grandeza.

A todos os quatro nos mandou dar vinte oqueás de ouro, que são duzentos e quarenta cruzados, mandou também um naique, com vinte abexins, que nos veio guardando dos ladrões e provendo de mantimento e cavalgaduras até ao porto de Arquico onde as nossas fustas estavam, e o Vasco Martins de Seixas trouxe um presente rico de muitas peças de ouro para o governador da Índia, o qual se perdeu no caminho, como adiante se dirá.

COMO NOS PARTIMOS DO PORTO DE ARQUICO,
E DO QUE NOS SUCEDEU COM TRÊS BARCOS TURCOS
QUE TOPAMOS

Tornados nós ao porto de Arquico onde achamos os nossos companheiros, depois de estarmos ali mais nove dias a acabar de espalhar as fustas e a provê-las do necessário, nos partimos a uma quarta-feira, dia seis do mês de novembro do ano de 1537. E levamos conosco o Vasco Martins de Seixas com o presente e carta que a mãe do Preste João mandava ao governador, e levamos também um bispo abexim que estava para vir a este reino e daqui ir a Santiago da Galiza e a Roma, e daí a Veneza, para de lá se dirigir a Jerusalém.

Velejando desde uma hora antes de aparecer a manhã, quando saímos do porto, fomos com ventos bonançosos ao longo da costa até quase ao anoitecer, e estando já tão distante como a ponta de Gocão, antes de chegarmos ao ilhéu do recife, vimos três barcos surtos, e parecendo-nos que seriam gelvas ou terradas da outra costa, fomos guinando até eles a vela e a remo, porque já nessa altura o vento ia acalmando, e contudo tanto porfiamos nessa ida que em espaço de quase duas horas nos chegamos tão perto deles que lhes enxergamos toda a aparelhagem dos remos e conhecemos que eram galeotas de turcos, pelo que nos tornamos a fazer na volta da terra com a maior pressa que pudemos, como quem desejava fugir do perigo em que já estava metido. Os turcos, entendendo ou suspeitando da nossa determinação, fizeram uma grande gritaria e em menos de um credo se fizeram todos à vela

e bordejaram na nossa esteira com as velas quarteadas de cores e muitas bandeiras de seda; como o vento lhes ficava mais largo, foram logo senhores do barlavento, com o que, sem nenhum trabalho, vieram arribando sobre nós e, logo que ficaram à distância de um tiro de berço, dispararam sobre nós toda a sua artilharia e nos mataram logo nove homens e feriram vinte e seis; e tendo ficado com isso as nossas fustas desfalcadas, porque a restante tripulação se lançou toda ao mar, os turcos se chegaram tanto a nós que das suas popas nos feriam a bote de lança.

Dos nossos, nessa altura ainda havia quarenta e dois que podiam pelejar, e estes, vendo que só no seu braço estava a sua salvação, com tanto ímpeto e força atacaram a capitania das três, na qual vinha Solimão Dragut, capitão-mor da frota, que a varreram logo toda da popa à proa, matando vinte e sete janízaros. Porém, acudindo-lhe então as outras duas, que estavam mais afastadas um pouco atrás, lhe lançaram dentro quarenta turcos, com o qual socorro ficaram os nossos de todo rendidos, e de tal maneira foram tratados que dos cinquenta e quatro que eram ao todo só onze ficaram com vida, dos quais ao outro dia faleceram dois que os turcos cortaram em quartos e como sinal de triunfo os levaram pendurados nas pontas das vergas até à cidade de Meca, cujo capitão era sogro desse Solimão Dragut que nos tomara. Na altura em que ali chegamos, estava já na praça com todo o povo, para receber o genro e dar-lhe os parabéns da vitória, e tinha consigo um caciz seu Moulana que eles tinham por santo, por haver poucos dias que viera da casa do seu Mafoma, o qual em um carro toldado de seda, com grandes bênçãos e salamaleques, provocava os ouvintes a darem muitos louvores a Mafamede pela vitória que sobre nós tivera aquele turco. Ali desembarcamos os nove que ficamos vivos, todos presos por uma corrente, e conosco também o bispo abexim, o qual ia tão ferido que ao outro dia faleceu com mostras de muito bom cristão, o que a todos nos

animou e consolou muito. A gente do povo, vendo-nos chegar assim presos e conhecendo que éramos os cristãos cativos, foram tantas as bofetadas que nos deram que em verdade afirmo que nunca cuidei que escapássemos dali com vida, pois que, pelo que o caciz dizia, ganhavam indulgência plenária por nos insultarem e maltratarem.

Dessa maneira fomos levados por toda a cidade a modo de triunfo, com grandes gritarias e tangeres; e até as mulheres encerradas e os moços e os meninos nos lançavam das janelas muitas panelas de urina, em insulto e desprezo do nome cristão. E já quase sol posto nos meteram em uma masmorra que estava debaixo do chão, na qual estivemos dezessete dias na maior desventura e sofrimento, sem em nenhum deles nos darem mais do que um pouco de farinha de cevada para todo o dia, e algumas vezes grãos crus molhados em água, sem mais outra coisa nenhuma.

VI

DE UM MOTIM QUE HOUE NESTA CIDADE, DA CAUSA E DO SUCESSO DELE, E POR QUE VIA EU FUI DAQUI LEVADO PARA ORMUZ

Como a maioria dos miseráveis que éramos vinha maltratada das feridas, que eram grandes e perigosas, ajuntando-se a isso a desumanidade com que naquela triste prisão fomos tratados, quando veio o outro dia, pela manhã, dois da conta dos nove amanheceram mortos, um de nome Nuno Delgado e outro André Borges, ambos de boa geração e homens esforçados, porque como ambos vinham feridos na cabeça por golpes profundos, e ali não tiveram benefício de cura ou de outro remédio algum, isso foi a causa de acabarem tão depressa.

O mocadão da masmorra, que era o carcereiro daquela prisão, logo que os viu mortos deu logo rebate disso ao aguazil da justiça, que entre eles é como entre nós o corregedor, o qual veio em pessoa acompanhado de muitos ministros de justiça com um grande e ameaçador fausto, e lhes mandou tirar os grilhões e algemas com que ambos estavam presos; e mandando até-los cada um com sua corda pelos pés, os tiraram para fora de rastos, e assim foram levados por toda a cidade com grande soma de moços que os iam apedrejando, até os lançarem no mar.

Ao outro dia à tarde, os sete que ficamos vivos fomos postos em leilão numa praça onde todo o povo da cidade estava junto, e o primeiro que o leiloeiro tomou pela mão para fazer o seu ofício foi o pobre de mim; começando a dar o primeiro pregão, o Caciz Moulana que já ali tinha chegado com mais outros dez ou doze

inferiores também cacizes da maldita seita, pediu ao Heredim Sofo, capitão da cidade, que nos mandasse de esmola a casa de Meca para onde ele ia de caminho, para que em nome daquele povo fizesse aquela romaria, pois não era nem de razão nem tampouco de honra do mesmo capitão mandar visitar o corpo do profeta Noby com as mãos vazias, sem levar coisa em que o rajá Dato Moulana, maior da cidade de Medina pudesse pôr os olhos, porque o não queria ver nem conceder-lhe perdão nenhum que ele lhe pedisse para os moradores daquela cidade que tão necessitados estavam dos favores de Deus, por seus pecados: ao que o capitão respondeu que não tinha poder sobre aquela presa para dispor dela tão à vontade como ele lhe pedia, mas que falasse ele ao Solimão Dragut, seu genro, que ele o faria de muito boa vontade.

O caciz lhe replicou dizendo que as coisas de Deus e das esmo-las pedidas em seu nome não haviam de ser joeiradas por tantas mãos como ele dizia, mas apenas pelas daqueles a quem se pedisse. E que, pois que só ele era o capitão daquela cidade e daquele povo que ali estava junto, só a ele pertencia aceder a pedido tão justo e tão santo, e tão agradável ao profeta Noby Mafamede, pois fora apenas ele quem dera a vitória daquela presa a seu genro, e não o esforço dos seus soldados, como ele dizia. Isso ouvindo, um janízaro capitão de uma das três galeotas, homem honrado e de muita valia entre eles, chamado Coja Geinal, lhe respondeu quase ofendido pelo que tinha ouvido em desprezo seu e dos mais que tinham tomado parte na nossa captura:

– Mas quando melhor vos fora, para salvação da vossa alma, partirdes com os pobres soldados que vos sobejam do que com palavras de hipocrisia quererdes roubar-lhe o que é seu, como tendes por costume fazer continuamente. E se quereis não levar as mãos vazias, como dizeis, para no vosso interesse agradar aos cacizes de Meca, seja com o patrimônio que vosso pai vos deixou,

e não com os cativos que custaram muitas vidas dos que já estão enterrados, e a nós os que estamos vivos, muito infundo sangue, do qual não vejo a vossa cabaia tão tinta como vós podeis ver a minha e as desses pobres soldados que estão presentes.

Essa resposta dada tão livremente por esse capitão a favor dos soldados foi tão levada a mal pelo Moulana caciz, e tão soberbo ele falou, com umas palavras tão mal concertadas, que, afrontado o Capitão Geinal por elas, e os mais soldados turcos e mouros que estavam à volta, uns e outros fizeram uma tão grande desordem com a gente do povo que o Moulana tinha a seu favor, e cujo apoio o fizera falar tão afoitamente, que levou todo o resto do tempo que faltava para terminar o dia, sem se poder pacificar, nem o Heredim Sofo, capitão da cidade, ter poder para isso. De maneira que, para evitar a prolixidade e não me deter nas particularidades desse caso, as quais levariam muito tempo a contar, digo que dessa desordem resultou travar-se entre eles uma luta tão áspera e tão acesa que veio a resultar em mais de seiscentos mortos de ambas as partes e em ser saqueada mais de meia cidade e roubada a casa do Moulana, e ele feito em quartos e lançado no mar com sete mulheres suas e nove filhos, e toda a mais gente da sua família que os soldados agarraram naquele momento, sem a nenhum quererem conservar a vida.

E nós os sete portugueses que naquela altura, como já disse, estávamos na praça para nos venderem em leilão tomamos por remédio mais seguro da nossa salvação tornarmo-nos a meter na masmorra, sem que ministro algum de justiça ou outra pessoa nos levasse ou fosse conosco, e achamos que o mocadão, carcereiro da mesma, ao meter-nos das portas adentro, não nos fazia pequena mercê.

Essa tão áspera e perigosa revolta acabou finalmente devido à autoridade de Solimão Dagrut, capitão das galeotas, o qual quis tomar esse negócio a seu cargo, porque o Heredim Sofo, seu sogro

e capitão da cidade, estava nessa altura de cama, maltratado de um braço que lhe feriram na briga.

Dali a treze dias, quando a coisa acabou por estar de todo calma, nos puseram outra vez em leilão, com o restante da presa, tanto de fato como de artilharia que se tomou nas fustas, do que então se fez bom negócio.

E ao pobre de mim, talvez como menos ditoso, coube em sorte comprar-me um grego renegado, de quem eu arrenegarei enquanto viver, porque me tratou de maneira que apenas em três meses que fui cativo por sete ou oito vezes estive tentado a matar-me com peçonha (se Nosso Senhor me não fizesse mercê de me tomar na sua mão) para lhe fazer perder o que por mim tinha dado, pois era o mais desumano e cruel inimigo que jamais se viu no mundo. Ao cabo dos três meses, prouve a Nosso Senhor que, receoso ele que por ser insuportável perdesse o que havia dado por mim, como alguns seus vizinhos lhe tinham já dito, me vendeu a troco de tâmaras pelo preço de doze mil réis a um judeu de nome Abraão Muça, natural da cidade do Toro, a duas léguas e meia do Monte Sinai, o qual em uma cáfila de mercadores que partiu da Babilônia para Cayxem me levou a Ormuz e me apresentou a D. Fernando de Lima, que então aí estava como capitão da fortaleza, e ao Doutor Pero Fernandez, ouvidor-geral da Índia, que há poucos dias aí havia chegado por mandado do Governador Nuno da Cunha, para fazer algumas coisas do serviço de El-Rei; e eles, ambos, por esmolas que recolheram pela terra e também pelo que deram de suas casas, juntaram duzentos pardais, que deram por mim ao judeu, com o que ele se deu por muito bem pago.

VII

DO QUE PASSEI DEPOIS QUE ME EMBARQUEI EM ORMUZ ATÉ CHEGAR À ÍNDIA

Havendo já dezesseis dias que eu era chegado a Ormuz, e, livre, pela misericórdia de Nosso Senhor, dos trabalhos que tenho contado, me embarquei para a Índia numa nau de um tal Jorge Fernandez Taborda, que ia com cavalos para Goa; e velejando por nossa rota com vento bonançoso de monção tendente, em dezessete dias de boa viagem havemos vista da fortaleza de Diu, e, chegando-nos bem a terra com a determinação de sabermos aí algumas novas, enxergamos de noite por toda a costa uma grande quantidade de fogos, e de quando em quando som de artilharia; lançando nossos juízos sobre o que isso poderia ser, pairamos com pouca vela o que restava da noite, até que de todo foi manhã, e claramente vimos a fortaleza cercada de uma grande quantidade de barcos latinos.

Embaraçados nós todos com essa novidade tão desacostumada, houve acerca dela muitas alterações e diversidade de pareceres, porque a maior parte dizia que era o governador que novamente chegara de Goa a fazer as pazes da morte do Sultão Bandur, rei de Cambaia, que havia algum tempo ele tinha morto; outros afirmavam com grandes apostas que era o Infante D. Luís, irmão de El-Rei D. João III, que então chegara deste reino, e que o grande número de barcos latinos que víamos eram as caravelas em que ele viera, pois que assim se tinha então em toda a Índia como coisa certa; outros diziam que era o Patemarcá, com as cem fustas do

samorim, rei de Calecute; outros ainda diziam que eram turcos, e assim o afirmavam por razões muito claras e evidentes.

Estando nós nessa confusão e variedade de suspeitas, com bastante receio do que tínhamos diante, nos saíram do meio de toda a frota cinco galés muito grandes, com seus bastardos quarteados de verde e roxo, e muitas bandeiras por cima dos toldos, e nos calceses dos mastros estandartes tão compridos que quase tocavam com as pontas na água; e virando todas as cinco as proas para nós, navegaram à orça, senhoreando de barlavento, com o que então acabamos de entender que eram turcos. Logo que as conhecemos, soltamos com muita pressa a vela grande que já tínhamos de verga de alto e nos fizemos de volta ao mar com bem grande receio que por nossos pecados nos acontecesse ali noutra desastre semelhante àquele de que atrás tratei. Os inimigos, seguindo-nos sempre pela nossa esteira até quase à noite, prouve a Nosso Senhor que se tornaram a fazer de volta à terra, a demandar o ponto de onde tinham saído.

A nossa nau, bem contente de se ver livre de tamanho perigo, chegou dali a dois dias a Chaul, onde o capitão dela, com os mercadores que nela vinham, foram logo ter com Simão Guedez, capitão da fortaleza, a quem deram conta de tudo o que lhes sucedera na sua viagem, ao que ele respondeu:

– Sem dúvida que tendes todos muita razão para dar graças a Deus por vos livrar de tamanho perigo.

E então lhes disse que havia já vinte dias que Antônio da Silveira estava cercado de uma grossa armada de turcos, de que era Capitão-Mor Solimão Baxá, vice-rei do Cairo, e que a grande quantidade de barcos que tínhamos visto eram cinquenta e oito galés reais e bastardas, que atiravam cinco peças por proa, e algumas delas passa-muros, liões e esperas, e oito naus grandes em que vinham muitos turcos sobressalentes para refeição dos que morressem; e que também traziam muitos mantimentos e munições,

em que se afirmava que vinham trezentas peças de bater, nas quais entravam doze basiliscos – com a qual nova ficamos todos assaz confusos e espantados, e demos muitos louvores a Nosso Senhor pela mercê que nos fizera em nos livrar de tamanho perigo.

DO QUE NOS SUCEDEU NA VIAGEM
DE CHAUL PARA GOA, E DO QUE EU PASSEI
DEPOIS QUE CHEGUEI A ESTA

Logo ao outro dia nos partimos daqui de Chaul a caminho de Goa, e, estando quase tão avante como o Rio de Carapatão, encontramos Fernão de Morais, capitão de três fustas, que por mandado do Vice-Rei D. Garcia de Noronha, que então chegara do Reino, ia para Dabul a ver se podia tomar ou queimar uma nau de turcos que estava ali no porto carregando mantimentos por mandado do baxá. Fernão de Morais, logo que reconheceu a nossa nau, requereu ao capitão dela que lhe desse quinze dos vinte homens que levava consigo, porquanto vinha muito falto de gente pela muita pressa com que o vice-rei o mandara embarcar, por assim ser necessário ao serviço de Deus e de sua alteza. E depois de haver sobre isso muitos desgostos de ambas as partes, de que não trato para encurtar razões, enfim se vieram a concertar que o capitão da nossa nau lhe desse doze homens dos quinze que Fernão de Morais lhe pedia, com o que ele ficou satisfeito; e desses fui eu também um, por ser sempre o mais enjeitado, e com isso ficaram ambos amigos.

Partida a nau para Goa, Fernão de Morais com as suas três fustas seguiu viagem a caminho do porto de Dabul, onde chegou ao outro dia às nove horas, e tomando nele um paguel de Malabares, que no meio da angra estava surto, carregado de algodão e de pimenta, pôs logo a tormento o capitão e o piloto dele, os quais confessaram que dias atrás viera ali ter uma nau do baxá a buscar

mantimentos e trouxera um embaixador que levava uma cabaia muito rica para o Hidalcão, a qual ele não quisera aceitar para não ficar vassalo do turco, visto não ser costume entre os mouros mandarem essas cabaias, senão do senhor para o vassalo; pela qual desavença a nau se tornou sem mantimentos nem outra coisa alguma. E que o Hidalcão respondera aos oferecimentos que o baxá lhe mandara fazer em nome do turco, que antes queria a amizade de El-Rei de Portugal, embora lhe houvesse tomado Goa, que a sua, embora lhe promettesse a restituição dela; e que só dois dias havia que a nau havia partido, e que o capitão dela, que se chamava Cide Ale, deixara apregoada guerra com o Hidalcão, jurando que quando a fortaleza de Diu fosse tomada (o que não tardaria oito dias segundo o estado em que já estava) o Hidalcão perderia o reino e a vida e então reconheceria quão pouco lhe podiam aproveitar os portugueses.

Fernão de Moraes, vendo que já não tinha ali que fazer, se tornou para Goa, a dar conta ao vice-rei do que se passava, onde chegou dali a dois dias; e achamos nela surto Gonçalo Vaz Coutinho, que com cinco fustas ia para Onor, a pedir à rainha da terra uma galé das da armada do Solimão, que com o mau tempo ali fora ter. E porque um dos capitães dessas fustas era muito meu amigo e me via vir tão desbaratado, desejando me poder ajudar em alguma coisa, me convidou que me embarcasse com ele, e que me faria ali logo pagar cinco cruzados, o que eu aceitei de boa vontade, parecendo-me também que lá me poderia Deus abrir algum caminho com que me provesse de outra melhor capa do que a que então trazia, já que de meu não tinha mais do que o que pretendia alcançar por minhas mãos. E acudindo-me então os soldados da fusta com alguns apetrechos necessários, de que eu vinha falto, fiquei vestido assim de remendos como qualquer dos outros meus companheiros que iam na armada, tão necessitados como eu.

Ao outro dia pela manhã, que foi um sábado, partimos de Bardês, e à segunda-feira surgimos no porto de Onor com grande estrondo de artilharia e as vergas ao modo de guerra em torno de espada, e grande vozeria de pífaros e tambores, para que à gente da terra nestas mostras exteriores parecesse que nós não tínhamos em grande conta os turcos.

IX

DO QUE GONÇALO VAZ COUTINHO PASSOU COM A RAINHA DE ONOR

Depois que a armada foi surta e se fez no porto a salva que disse, o Capitão Gonçalo Vaz Coutinho mandou logo à rainha uma carta que lhe levava da parte do vice-rei, por um tal Bento Castanho, homem discreto e bem-criado, pelo qual lhe mandou dizer a razão por que ali vinha, e que pois sua alteza era amiga de El-Rei de Portugal e tinha com ele pazes e amizades havia tanto tempo, como podia acolher no seu porto os turcos, que eram nossos capitais inimigos? Ao que ela respondeu que sua mercê fosse muito bem-vindo com toda a sua companhia, e que, quanto ao que lhe mandara dizer das pazes que tinha com El-Rei de Portugal e com os seus governadores, era muito verdade, e assim as teria enquanto vivesse; porém, quanto aos turcos de que lhe falava, que só Deus, a quem ela tomava por juiz nesse caso, sabia quanto era contra o seu gosto que eles haviam vindo, e que, pois sua mercê trazia forças para os poder lançar fora, o fizesse, que ela lhe daria, para isso, todo o favor que lhe fosse possível; que, além disso, bem sabia ele que ela não era poderosa nem se atrevia a pelejar contra tamanha força; que lhe jurava pelas sandálias douradas do seu pagode, que folgaria tanto com a vitória que Deus lhe desse contra eles, como se o rei de Narsinga, de quem ela era escrava, a sentasse à sua mesa ao lado de sua mulher.

Notando Gonçalo Vaz a eficácia desse recado e os cumprimentos que a rainha lhe fazia, ainda que isso fosse menos do que ele

esperava dela, todavia o dissimulou com prudência, e, informando-se da gente da terra do que os turcos pensavam, onde estavam e o que faziam, depois de pensado o assunto e de tratada com muita ponderação a importância dele, por fim se assentou, por parecer de todos os que nisso estavam metidos, que por honra daquela bandeira de El-Rei Nosso Senhor, se acometesse a galé, a ver se podia ser tomada, e em caso de impossibilidade se fizesse todo o possível por a queimar, porque Deus Nosso Senhor, por quem pelejamos, nos ajudaria contra aqueles inimigos da sua santa Fé.

Assente isso assim, e jurado, e feito de tal um documento que os mais assinaram, o capitão-mor avançou mais para dentro do rio, à distância de dois tiros de falcão, e antes que surgisse chegou à sua fusta uma almadia vinda de terra, na qual vinha um brâmane que falava muito bem português, o qual deu ao capitão-mor um recado da rainha, em que lhe mandava pedir muito, e requeria da parte do senhor vice-rei que em caso nenhum ele pelejasse com os turcos, porque tinha sabido por espias que para isso tinha que estavam muito fortes numa trincheira junto da fossa em que tinha metido a sua galé, pelo que lhe parecia que era necessário muito maior força do que o que ele trouxera para tamanho feito, e que a Deus tomava por testemunha da grande dor e sentimento que tinha, pelo receio em que estava de lhe acontecer algum desastre.

A isso o capitão-mor respondeu com palavras prudentes e de cortesia, dizendo que beijava as mãos a sua alteza por tamanha mercê e tão bom conselho, mas que, quanto a acometer os turcos, por nenhum motivo deixaria de o fazer porque não era costume dos portugueses deixarem de pelejar por medo de os inimigos serem muitos ou poucos, pois quantos mais fossem, tanto maior seria a sua perda deles. Com essa resposta foi despedido o brâmane, a quem o capitão-mor deu uma peça de chamalote verde e um chapéu forrado de cetim carmesim, com o que se foi muito contente.

COMO O CAPITÃO-MOR TENTOU QUEIMAR
A GALÉ DOS TURCOS, E DO QUE ENTÃO SE PASSOU

Despedito o brâmane, o Capitão-Mor Gonçalo Vaz Coutinho resolveu-se de todo a ir pelejar com os turcos, mas primeiro foi avisado, por espias que para isso tinha, do modo como conosco se queriam encontrar, e de como naquela noite, com o favor da rainha, segundo se dizia, meteram a galé numa fossa junto da qual tinham feito uma trincheira de paredes muito altas, e prantado nela vinte e seis peças de artilharia.

O capitão-mor, contudo, abalou para onde os inimigos estavam e desembarcou a cerca de um tiro de berço deles, com oitenta homens consigo, porque o restante da gente que trouxera de Goa para esse efeito, que eram cem homens, deixou-o no rio, de guarda às fustas. E, reunidos todos juntos com boa ordem, começou a marchar para os inimigos, os quais, vendo a nossa determinação, se resolveram também como homens esforçados, e saindo a receber os nossos cerca de vinte e cinco ou trinta passos fora da sua trincheira, se travou a briga entre uns e outros, tão áspera e com tanto ímpeto que em pouco mais de dois credos ficaram no campo quarenta e cinco mortos, dos quais só oito foram nossos e todos os mais da parte contrária; apertando o capitão-mor de novo com eles, prouve a Nosso Senhor que viraram as costas e se recolheram com muita desordem, como gente já vencida, e os nossos vendo isso os seguiram até dentro da sua trincheira, onde eles de novo nos tornaram a fazer frente, e aqui andamos todos

tão baralhados uns com os outros que com os punhos das espadas se feriram alguns nos rostos.

Nesse tempo chegaram as nossas fustas que vinham remando ao longo da praia, as quais com grande grita dispararam neles toda a artilharia, com o que lhe derrubaram dez ou doze janízaros de carapuças de veludo verde, que entre os turcos é divisa de gente fidalga, com a morte dos quais todos os outros descoroçoaram e de todo largaram o campo.

O nosso capitão-mor tentou então queimar-lhes a galé e lançou-lhe para dentro cinco panelas de pólvora. Tendo-se já começado a atear o fogo no toldo, eles, como homens muito esforçados, o conseguiram apagar em muito pouco espaço de tempo. Porfiando ainda os nossos por entrar na fossa, os inimigos dispararam uma peça grande que, segundo a forma do pelouro, parecia ser camelo de marca maior, o qual, disparando com uma roca de pedra, nos matou logo seis homens, um dos quais foi Diogo Vaz Coutinho, filho do capitão-mor, e feriu mais quinze ou dezesseis, com o que de todo ficamos desbaratados.

Os inimigos, entendendo o dano que nos tinham feito, deram uma grande grita em sinal de vitória, chamando por Mafamede. Porém o nosso capitão, vendo por quem eles chamavam, esforçando os seus, lhes disse:

– Ah, senhores e cristãos, já que estes cães chamam pelo Diabo para que esteja com eles, chamemos nós por Jesus Cristo, para que esteja conosco!

E arremetendo, com essas palavras, outra vez à trincheira, os inimigos voltaram logo as costas e fugiram manhosamente para onde estava a galé, com a tenção de se fazerem fortes dentro dela. Porém, alguns dos nossos arremeteram com estas palavras “que esteja conosco”, de novo, à trincheira; e, deitando eles então fogo a uma mina que tinham junto da porta, ficaram ali logo mortos seis portugueses e oito escravos fora outros que ficaram muito

queimados, no meio de uma fumaça tão grande que não nos víamos uns aos outros.

Receando então o capitão que pudesse haver ainda outra perda tal como cada uma dessas, se foi retirando para a praça, e assim fechado em boa ordem, com os feridos e mortos no meio, ao colo de outros, chegou onde as suas fustas estavam, nas quais depois de embarcado veio a remos até à calheta donde tinha partido, onde com muita dor e lágrimas enterrou os defuntos e tratou da cura dos feridos e dos queimados, de que houve uma grande quantidade.

DO QUE MAIS SUCEDEU ATÉ AO OUTRO DIA,
EM QUE GONÇALO VAZ PARTIU PARA GOA

Naquele mesmo dia que para os nossos foi bem triste, se fez resenha da gente para se saber o que tinha custado o cometimento da trincheira, e se viu que dos oitenta soldados, quinze eram mortos, cinquenta e quatro feridos, dos quais nove ficaram depois aleijados. E tudo o mais que restava do dia e da noite seguinte se passou com muito trabalho e com boa vigia.

Logo que foi manhã, a rainha mandou visitar o capitão-mor com um grande presente de muitas galinhas e frangos e ovos, que ele não quis aceitar, e até mostrando-se muito encolerizado contra ela soltou algumas palavras talvez mais ásperas do que parecia justo, e disse que o senhor vice-rei saberia muito breve quão servidora ela era do rei de Portugal, e quanto ele lhe devia por isso, para lho pagar a seu tempo; para que ela ficasse certa de que havia de ser assim isso que lhe dizia, lhe deixava ali em penhor seu filho morto, com todos os mais que ela manhosamente fizera matar, com o favor e ajuda que dera aos turcos, e então lhe daria as graças por aquele presente que lhe mandava para dissimulação do que tinha feito.

Despedido o mensageiro com essa resposta, e quase assombreado pelas ameaças e juramentos com que o capitão-mor acompanhou algumas vezes isso que lhe dissera, chegou onde a rainha estava e de tal maneira lhe encareceu a resposta que trazia que fez com que ela tivesse a ideia de que por causa dessa galé sem dúvida

perderia muito breve o seu reino, pelo que lhe era muito necessário fazer todo o possível para não ficar de mal com o capitão-mor. E, tomando sobre esse caso conselho com os seus, lhe tornou a mandar outro recado por um brâmane muito seu parente e homem já de idade e de aspecto grave e solene, o qual foi bem recebido pelo capitão-mor. Depois de fazerem as suas cerimônias de honra e cortesia, lhe disse o brâmane:

– Se me deres, senhor, licença para que fale, abrirei minha boca diante da tua presença, e da parte da rainha minha senhora te direi ao que venho.

O capitão-mor lhe respondeu que os embaixadores tinham seguro para suas pessoas e licença para dizerem livremente aquilo para que eram mandados, pelo que, sem nenhum receio, podia falar o que quisesse. O brâmane lhe deu por isso os seus agradecimentos, e lhe disse:

– Dizer-te, senhor capitão, quão agastada e triste está a rainha pela morte de teu filho e dos mais portugueses que na peleja de ontem morreram será coisa impossível, porque afirmadamente te juro por vida sua e por esta linha de brâmane que professei de pequeno que tão afrontada ficou quando soube do teu desastre e desventurado sucesso, como se no dia de hoje lhe fizessem comer carne de vaca na porta principal do pagode onde seu pai jaz enterado. E por aqui, senhor, julgarás quanta parte toma do teu luto. Mas já que no feito não pode haver o remédio que ela deseja, te pede e roga que de novo lhe confirmes as pazes que os governadores passados lhe concederam, pois trazes poder do senhor vice-rei para isso, e que ela te afirma e te dá a sua palavra de mandar logo queimar a galé e ordenar aos turcos que se vão fora da sua terra, porque para o mais, como tu sabes, não tem ela poder; e isso logo ao fim de só quatro dias, que para isso te pede de prazo.

O capitão-mor, entendendo quão importante coisa essa era, lhe aceitou a promessa e lhe concedeu de novo as pazes, as quais

foram ali logo juradas e confirmadas de ambas as partes com as cerimônias costumadas entre aqueles gentios. A rainha buscou todos os meios possíveis para cumprir a sua palavra, mas por não se poder esperar o termo dos quatro dias que a rainha pedira, pelo perigo dos muitos feridos que havia na armada, o capitão-mor se partiu logo nesse mesmo dia à tarde e deixou ali na terra um tal Jorge Nogueira; para que de tudo o que nesse caso mais sucedesse trouxesse recado ao vice-rei, por assim lho ter pedido a rainha.

XII

DO QUE SE PASSOU NESTE TEMPO ATÉ PERO DE FARIA CHEGAR A MALACA

O Capitão-Mor Gonçalo Vaz Coutinho chegou ao outro dia com a sua armada a Goa, onde foi bem recebido pelo vice-rei e lhe deu conta de tudo o que sucedera na viagem e do que deixara concertado com a rainha de Onor, tal como queimar a galé, lançar os turcos fora do reino, com o que o vice-rei então se deu por satisfeito.

Passados vinte e três dias depois que chegamos a esta cidade, quando eu acabei de convalescer de duas feridas que trouxe da briga da trincheira, vendo-me sem nenhum remédio para a vida, fui, por conselho de um padre meu amigo, oferecer-me a um fidalgo honrado, de nome Pero de Faria, que estava então promovido a capitão de Malaca, e que nesse tempo dava mesa a todo o homem que a queria aceitar dele, o qual aceitou o meu oferecimento e me prometeu que daí em diante na sua capitania me daria toda a amizade que pudesse, pois eu o queria acompanhar naquela jornada em que ia com o Vice-Rei D. Garcia de Noronha para ir socorrer a fortaleza de Diu, da qual tinha recado que estava em grande aperto, pelo cerco que lhe tinham posto os turcos. Para isso, ajuntou então uma assaz grande e formosa armada, em que haveria duzentos e vinte e cinco barcos, dos quais só oitenta e três eram de alto bordo, entre naus, galeões e caravelas, sendo as mais galés, bergantins e fustas, onde se afirmavam que iriam

dez mil homens limpos e trinta mil criados, do serviço de mareação e escravaria cristã.

Dessa poderosa armada, era o baxá avisado todos os dias por cartas do Hidalcão e do Samorim, rei de Calecute, pelo Inezamaluco e pelo Acedecão, e por muitos outros príncipes gentios e mouros que aqui nesta cidade tinham os seus espias secretos.

Sendo o tempo chegado, e a armada já de todo prestes e aparelhada com todo o necessário, o vice-rei se embarcou nela num sábado, aos catorze dias do mês de novembro do ano de 1538, onde esteve embarcado cinco dias esperando que acabasse de se recolher nela a gente, que era muita. No fim desse dia lhe chegou um catur de Diu com cartas de Antônio da Silveira, capitão da fortaleza, em que lhe dava novas que o cerco era já levantado, e os turcos se tinham ido embora, o que causou em toda a gente da armada uma notável tristeza, pelo desejo que todos tinham de se haver com esses inimigos da nossa santa Fé. Detendo-se ainda o vice-rei aqui mais outros cinco dias, provendo algumas coisas necessárias ao Estado da Índia, despediu dali, donde estava surto, duas naus para o Reino, das quais eram capitães Martim Afonso de Sousa e Vicente Pegado, e mandou nelas o Doutor Fernão Rodrigues de Castelo Branco, vedor da Fazenda, para que fizessem em Cochim a carga da pimenta e atender o governador anterior, Nuno da Cunha, que já lá estava havia dias, na nau *Santa Cruz*, maldispuesto e um tanto descontente por lhe não terem o respeito que esperava e que tinha para si que merecia, por seus serviços.

Depois de isso assim ordenado, partiu o vice-rei desta barra de Goa, numa quinta-feira pela manhã, aos seis dias do mês de dezembro; ao quarto dia da sua viagem surgiu em Chaul onde se deteve três dias, assentando algumas coisas com o Inezamaluco, importantes para o bem e a segurança da fortaleza, e provendo alguns barcos dos que vinham na armada de algumas coisas de que precisavam, principalmente mantimentos, e de criadagem.

Partindo daqui para Diu, estando tão avante como os picos de Danu, no meio do golfo lhe deu um temporal tão rijo que lhe dividiu a armada em muitas partes, com o que se perderam alguns barcos, entre os quais a galé bastarda na barra de Dabul, da qual ia como Capitão D. Álvaro de Noronha, filho do vice-rei, e capitão-mor do mar, e no golfo a galé *Espinheiro*, cujo capitão era João de Sousa, a quem chamavam por alcunha o “Rates”; por ser filho de um prior de um lugar a que chamam Rates, da qual galé, D. Cristóvão da Gama, filho do conde almirante (que depois os turcos mataram na terra do Preste João), salvou a maior parte da gente, por se achar junto dela na altura em que no mar soçobrou. E assim se perderam mais outros sete navios, de cujos nomes não estou lembrado. De maneira que, primeiro que o vice-rei se tornasse a refazer do que perdera, e juntasse o que a tormenta lhe espalhara por diversas partes, se passou mais de um mês. E, chegando por fim a Diu, aos dezesseis de janeiro do ano de 1539, entendeu logo tornar a edificar de novo a fortaleza, porque os turcos tinham deixado a maior parte dela posta por terra, de tal maneira que o salvar-se parecia que fora mais por milagre que por força humana.

Repartindo essa reedificação da fortaleza pelos capitães da armada, deu a Pero de Faria, por ter muita gente, o baluarte do mar com a couraça da banda da terra, que em vinte e seis dias só com trezentos soldados pôs em muito melhor estado do que antes. E porque já nesse tempo eram catorze de março, e a monção de Malaca já tinha chegado, partiu Pero de Faria para Goa, onde por ordens que levava do vice-rei se acabou de prover de tudo o necessário, muito abundantemente, e partiu de Goa a treze de abril, com uma frota de oito naus e quatro fustas e uma galé em que levava seiscentos homens. Com tempo de boa monção chegou a Malaca aos cinco dias de junho do mesmo ano de 1539.

COMO PERO DE FARIA FOI VISITADO
POR UM EMBAIXADOR O REI DOS BATAS,
E DO QUE SE PASSOU ENTRE ELES

Ao tempo em que Pero de Faria chegou a essa fortaleza de Malaca, estava nela como Capitão D. Estêvão da Gama, e esteve ainda alguns dias até acabar o seu tempo. Porém, como Pero de Faria era o capitão chegado de novo, e que ainda então começava o seu tempo, depois de passados alguns dias que era chegado à fortaleza, os reis vizinhos dela lhe mandaram a visita dos seus embaixadores, a dar-lhe os parabéns da sua capitania, com oferecimentos de muita amizade e conservação de pazes com El-Rei de Portugal. Entre eles, vinha um do rei dos batas, que habita na Ilha de Samatra, do lado do oceano onde se presume que jaz a ilha do ouro que El-Rei D. João III algumas vezes tentou mandar descobrir, por informações que dessas partes alguns capitães lhe escreveram.

Esse embaixador, que era cunhado do mesmo rei dos batas, e se chamava Aquarem Dabolay, trouxe um lindo presente de paus de águila e calambá, cinco quintais de benjoim de boninas e uma carta escrita em folha de palmeira, a qual dizia assim:

– Cobiçoso mais que todos os homens do serviço do Leão coroado no trono espantoso das águas do mar, assentado por poderio incrível no assopro de todos os ventos, príncipe rico do grande Portugal teu senhor e meu, ao qual em ti varão de coluna de aço, Pero de Faria, novamente obedeço por verdadeira e santa amizade, para de hoje em diante me render por seu súdito, com toda a

limpeza e amor que um bom vassalo deve fazer, eu, Angeessiry Timorraja, rei dos batas, desejando agora de novo tua amizade, para com os frutos desta minha terra enriquecer os teus súditos, me ofereço por novo trato de ouro, pimenta, cânfora, águila e benjoim, encher essa alfândega de teu rei e meu, contanto que na firmeza da tua verdade me mandes um cartaz de tua letra para minhas lancharas e jurupangos navegarem seguros com todos os ventos. E te peço mais de nova amizade, que dos esquecidos de teus armazéns me socorras com pelouros e pólvora, de que ao presente me acho muito faltoso, para com a ajuda e favor desse primeiro presente da tua amizade castigar os perjuros Achéns, inimigos cruéis desta tua antiga Malaca; com os quais te juro, enquanto viver, não ter paz nem amizade, até não tomar vingança do sangue de três filhos meus, que de contínuo me pedem com as lágrimas derramadas pela nobre Mãe que os concebeu e os criou a seus peitos, e que esse cruel tirano matou nas povoações de Jacur e Lingau, como mais particularmente em nome da minha pessoa to dirá Aquarem Dabolay, irmão da triste Mãe desses filhos, que de mim te envio por nova amizade, para que contigo, senhor, trate o mais que lhe parecer serviço de Deus e bem do teu povo. De Panaju, aos cinco mamocos da oitava lua.

Esse embaixador foi bem recebido por Pero de Faria, e com as honras e cerimônias feitas ao seu modo, depois que lhe deu a carta (a qual foi logo traduzida da língua malaia, em que vinha escrita, para português) lhe disse, por um intérprete, a causa da desavença desse tirano achém com o rei dos batas, a qual foi: havia alguns dias que esse inimigo propusera a esse rei bata, que era gentio, que tomasse a lei de Mafamede e que o casaria com uma sua irmã, contanto que largasse de si a mulher com quem estava casado havia vinte e seis anos, por ser também gentia como ele. E porque o bata lhe não concedera isso que lhe pedira, incitado o tirano achém, por um seu caciz, veio com ele a rompimento de guerra;

e, juntando cada um deles seu campo, tiveram uma batalha assaz dura, a qual depois de durar três horas, reconhecendo o achém a vantagem dos batas, por ter perdida muita parte da sua gente, se foi retirando para uma serra que se chamava Cagerrendão, onde o bata o teve cercado vinte e três dias. Por nesse tempo lhe adoecer muita gente e o campo da parte contrária estar também muito falto de mantimentos, fizeram ambos pazes entre si, com a condição de o achém dar logo ao bata cinco bares de ouro, que fazem da nossa moeda duzentos mil cruzados, para pagar a gente estrangeira que tinha consigo, e de o bata casar o seu filho mais velho com a irmã do achém, pela qual tinha havido a desavença.

Satisfeito esse concerto por ambas as partes, o bata tornou para a sua terra, onde desfez logo o seu campo e despediu toda a gente. Durou a quietação dessa paz só dois meses e meio, quando ao achém vieram trezentos turcos pelos quais esperava, do estreito de Meca, em quatro naus de pimenta que lá tinha mandado e muitas caixas de espingardas e armas, com algumas peças de artilharia de bronze e ferro coado, com as quais o achém, com outra mais gente que ainda tinha consigo, fingindo ir a Pácem prender um capitão que se revoltara, veio sobre dois lugares do bata, que se chamavam Jacur e Lingau, e, como os achou descuidados por causa das pazes que estavam feitas havia tão poucos dias, os tomou muito facilmente, com morte de três filhos do bata e de setecentos ourobalões, que é a melhor gente e a mais fidalga de todo o reino. O rei bata, sentindo em extremo essa tamanha traição, fez juramento sobre a cabeça do principal ídolo da sua gentílica seita, de nome Quiay Hocombinor, deus da justiça, de não comer fruta nem sal, nem coisa que lhe fizesse sabor na boca, até ter vingado a morte de seus filhos e se satisfazer do que lhe tomaram, ou morrer na demanda.

E querendo agora esse rei bata pôr em obra o que tinha determinado, juntou um campo de quinze mil homens, assim naturais

como estrangeiros, no que alguns príncipes seus amigos o ajudaram. E, não contente com isso, se quis também valer do nosso favor, e por isso se acercou de Pero de Faria com essa nova amizade que atrás disse, a qual lhe ele aceitou de muito boa vontade porque entendia quão importante ela era ao serviço de El-Rei e à segurança daquela fortaleza, e quanto com ela cresciam o rendimento da alfândega e o proveito seu, dele e dos portugueses que naquelas partes do Sul tinham seus tratos e faziam suas fazendas.

DO MAIS QUE SE PASSOU NESTE CASO
ATÉ PERO DE FARIA ME MANDAR A ESTE REI BATA,
E DO QUE VI NO CAMINHO

Pero de Faria, depois que leu carta do rei dos batas, e entendeu do seu embaixador o negócio a que vinha, o fez agasalhar o mais honradamente que então foi possível. E passados dezessete dias depois que chegara a Malaca, o despediu bem despachado, e satisfeito do que viera buscar, porque lhe deu ainda algumas coisas além das que lhe pedira, como foram cem panelas de pólvora, e rocas, e bombas de fogo, com o que se partiu tão contente dessa fortaleza que, chorando de prazer, um dia perante todos os que estavam no terreiro da igreja, virando-se para a porta principal dela, com as mãos levantadas como quem falava com Deus, disse publicamente:

– Prometo em nome do meu rei, a ti, Senhor poderoso que com descanso e grande alegria vives assentado no tesouro das tuas riquezas, que são os espíritos formados da tua vontade, que se te apraz dar-nos vitória contra esse tirano achém, para que de novo lhe tornemos a ganhar o que ele com tamanha traição e tanta perfídia nos tomou nos dois lugares de Jacur e Lingau, sempre com muita lealdade e agradecimento te conhecermos na lei portuguesa da tua santa verdade, em que consiste o bem dos nascidos, e de novo te edificarmos em nossa terra casas limpas de cheiros suaves onde todos os vivos te adorem com as mãos levantadas, assim como na terra do grande Portugal se fez até agora. E assim te prometo e juro com toda a firmeza de bom e leal, que meu rei

não tenha nunca outro rei senão esse grande português que agora é senhor de Malaca.

E embarcando-se logo na lanchara em que viera, se partiu, e o foram acompanhando dez ou doze balões até à Ilha de Upe, que distava dali pouco mais de meia légua, onde o bendara de Malaca, que é o supremo no mando, na honra e na justiça dos mouros, por mandado de Pero de Faria lhe deu um grande banquete ao seu modo, festejado com charamelas, trombetas e atabales, e com músicas de boas falas à portuguesa, com harpas e doçainas e violas de arco, que lhe fez meter o dedo na boca, que entre eles é sinal de grandíssimo espanto.

Vinte dias depois da partida desse embaixador, cobiçando Pero de Faria o muito proveito que alguns mouros lhe diziam que naquele reino podia fazer-se em fazendas da Índia, se as lá mandasse, e o muito mais que poderia tirar do retorno delas, armou uma embarcação das que naquela terra se chamam jurupangos, que são do tamanho de uma caravela pequena, em que por então não quis arriscar mais que só dez mil cruzados, com os quais mandou um mouro, natural dali de Malaca, para fazer o negócio. E perguntou-me se queria eu lá ir, porque teria nisso muito gosto, para com o ar de embaixador ir visitar da sua parte o rei dos batas e ir também com ele o achém, para onde então se estava fazendo pres-tes, porque talvez me montaria isso algum pedaço de proveito, e para que de tudo o que visse naquela terra lhe desse verdadeira informação, e se ouvia também lá falar na ilha do ouro, porque determinava de escrever a sua alteza o que disse soubesse. Não me pude eu então escusar de fazer o que ele me pedia, ainda que algum tanto receasse a ida, assim por ser terra nova e de gente traiçoeira, como porque ainda então não tinha mais de meu que só cem cruzados, com o que não esperava fazer lá bom proveitar. Mas por fim me embarquei, na companhia do mouro que levava a fazenda. E, atravessando o piloto daqui de Malaca ao porto de

Surotilau, que fica na costa do reino de Aaru, velejou ao longo da Ilha de Samatra, por esta parte do Mediterrâneo, até um rio a que chamavam Hicanduré, e navegando mais cinco dias por essa rota chegou a uma formosa baía a nove léguas do reino Peedir, em altura de onze graus, de nome Minhatoley, cortou daqui toda a travessa da terra (a qual, já aqui nesta paragem não é de mais largura do que só vinte e três léguas) até vermos o mar da outra banda do oceano, e, navegando por ele quatro dias com tempos de bonança, foi surgir num pequeno rio de sete braças de fundo, a que chamavam Guateamguim, pelo qual velejou seis ou sete léguas adiante, vendo por entre o arvoredado do mato muito grande quantidade de cobras e de bichos de tão admiráveis grandezas e feições que é muito para rezear contá-la, pelo menos a gente que viu pouco do mundo: porque esta, como viu pouco, também costuma dar pouco crédito ao muito que outros viram. Em todo esse rio, que não era muito largo, havia muita quantidade de lagartos, aos quais com mais próprio nome poderia chamar serpentes, por serem alguns do tamanho de uma boa almadia, com uma concha por cima do lombo, com as bocas de mais de dois palmos, e tão soltos e atrevidos no acometer, segundo aqui nos afirmaram os naturais da terra, que muitas vezes arremetiam a uma almadia quando não levava mais do que três ou quatro negros, e a faziam soçobrar com o rabo, e a um e um os comiam a todos, e sem os despedaçarem os engoliam inteiros. Vimos aqui também uma muito nova maneira e estranha feição de bichos a que os naturais da terra chamam caquesseitão, do tamanho de uma grande pata, muito pretos, com uma concha nas costas, com uma ordem de espinhos pelo fio do lombo, do comprimento de uma pena de escrever, e com asas da feição das do morcego, com pescoço de cobra e uma unha a modo de esporão de galo, na testa, com o rabo muito comprido, pintado de verde e preto, como são os lagartos desta terra. Esses bichos de voo, a modo de salto, caçam os bugios

e bichos por cima das árvores, dos quais se alimentam. Vimos também aqui grande soma de cobras-capela, da grossura da coxa de um homem, e tão peçonhentas a tal extremo que, diziam os negros, se chegavam com a baba da boca a qualquer coisa viva logo de repente caía morta em terra, sem haver contrapeçonha nem remédio algum que lhes valesse. Vimos mais outras cobras que não são capelo nem tão peçonhentas como essas, mas muito mais compridas e grossas, e com as cabeças do tamanho de uma vitela; estas, nos diziam eles, que caçavam também de rapina no chão, por essa maneira sobem acima das árvores, de que toda a terra é assaz povoada, e, enroscando a ponta do rabo em um ramo, se estendem até baixo sempre o rabo preso em cima, e, posta a cabeça no mato, com a orelha à escuta no chão, sentem com a calada da noite toda a coisa que bole, e, em perpassando o boi, o porco, o veado ou qualquer outro animal, o ferram com a boca; e, como já têm feito o nó com o rabo lá em cima no ramo, em nenhuma coisa ferram que a não tragam a si, de maneira que coisa viva lhes não escapa. Vimos aqui também muita quantidade de monos pardos e pretos, do tamanho de grandes rafeiros, dos quais os negros têm muito maior medo do que de todos estoutros animais, porque acometem com tanto atrevimento que ninguém lhes pode resistir.

DO QUE EM PANAJU PASSEI COM O REI DOS BATAS,
ANTES QUE SE PARTISSE PARA O ACHÉM

Indo nós por este rio acima o espaço de sete ou oito léguas, chegamos a uma povoação pequena que se dizia Batorrendão, que em nossa linguagem quer dizer pedra frita, distante cerca de um quarto de légua da cidade de Panaju, onde então o rei dos batas se estava fazendo prestes para ir sobre o Achém. Ele, logo que soube do presente e carta que eu lhe levava do capitão de Malaca, me mandou receber pelo xabândar, que é o que governa com mando supremo todas as coisas tocantes ao manejo das armadas; ele, com cinco lancharas e doze balões, me veio buscar àquele porto onde eu estava surto, e me levou com grande estrondo de atabaques e sinos e grita da chusma até um cais da cidade, a que chamavam Campalator, onde o bendara, governador do reino, me estava esperando, acompanhado de muitos ourobalões e amborrajias, que é a mais nobre gente da coroa, porém os mais de entre eles, ou quase todos, pobríssimos no trato de suas pessoas e nos seus vestidos, por onde entendi que não era esta terra tão rica como em Malaca se cuidava.

Chegando eu às casas de El-Rei, passei pelo primeiro pátio delas, e na primeira porta do segundo estava uma mulher velha acompanhada de outra gente muito mais nobre, e mais bem tratada que a que vinha comigo. Essa velha me acenou com a mão como me mandando que entrasse, e com aspecto grave e severo me disse:

– Tua vinda, homem de Malaca, a esta terra de El-Rei meu senhor, é tão agradável à sua vontade como a chuva em tempo seco na lavoura dos nossos arrozos. Entra seguro e sem receio de nada, porque já todos, pela bondade de Deus, somos como vós outros e assim esperamos nele que seja até ao derradeiro bocejo do mundo.

E metendo-me dentro, na casa onde El-Rei estava, lhe fiz meu acatamento, pondo três vezes o joelho no chão, e assim lhe dei a carta e o presente que levava, com o que ele mostrou que folgava muito, e me perguntou a que vinha, ao que respondi conforme o recado que levava, dizendo que a servir sua alteza naquela jornada e a ver com meus olhos a cidade do Achém e a fortificação dela, e quantas braças de fundo tinha o rio, para saber se podiam entrar nela naus grandes e galeões, porque o capitão de Malaca tinha determinado, logo que a gente viesse da Índia, vir ajudar sua alteza, para lhe entregar aquele inimigo achém em sua mão; o que, o pobre rei, pelo muito que isso era conforme ao seu desejo, acreditou muito de verdade, e erguendo-se do bailéu, que era a tribuna em que estava sentado, se pôs de joelhos diante de uma caveira de vaca, que estava posta numa coisa como que prateleira ou cantareira, muito enramada de muitas ervas cheirosas, com os cornos ambos doirados, e, levantando as mãos para ela, disse quase chorando:

– A ti, que sem obrigação de amor maternal a que a natureza te obrigasse, recrias continuamente todos aqueles que querem o teu leite, como faz a própria mãe ao que pariu, não participando por ajuntamento de carne, dos trabalhos e misérias de que participam aquelas de que todos nascemos, eu te peço do coração que nesses prados do sol onde com a grande paga e galardão que recebes, estás satisfeita do bem que fizeste cá, conserves comigo a nova amizade desse bom capitão, para que ponha em obra isso que agora acabei de ouvir.

Ao que todos os seus, com uma grande grita e com as mãos levantadas, responderam, dizendo três vezes “Pchy parau tinacor”, que quer dizer “Oh, quem o visse e logo morresse”.

E ficando logo todos em um silêncio triste, se virou El-Rei para mim, e, limpando os olhos das lágrimas que a eficácia da oração que fizera lhe tinha feito derramar, me esteve perguntando algumas particularidades da Índia e de Malaca, em que gastou um pequeno espaço, até que me despediu com boas palavras e promessa de bom negócio com a fazenda que o mouro trazia do capitão, que era o que eu mais pretendia que tudo.

E porque já nesse tempo que aqui cheguei El-Rei estava de caminho para o Achém, e não pensava noutra coisa senão no que convinha para esse efeito, passados nove dias depois que cheguei a esta cidade de Panaju, metrópole deste reino bata, se partiu com toda a gente que ali tinha consigo, para um lugar que se chamava Turbão, a cinco léguas dali onde a maior parte da gente o estava já esperando, ao qual chegou com uma hora de sol, sem estrondo nem regozijo algum, pelo sentimento da morte dos três filhos, que sempre com mostras de muita tristeza se enxergou neles.

COMO ESTE REI BATA PARTIU DE TURBÃO
PARA O ACHÉM, E DO QUE FEZ DEPOIS
QUE SE ENCONTROU COM ELE

Logo ao outro dia partiu El-Rei deste lugar de Turvão, para o Achém, que eram dezoito léguas, e levava em sua companhia quinze mil homens, de que só oito mil eram batas, e os mais eram menancabos, lusões, andraguires, jambes e bornéus, que os príncipes dessas nações lhe mandaram de socorro, e quarenta elefantes, e doze carretas de artilharia miúda de falcões e berços, em que entravam dois camelos e uma meia espera de bronze com as armas da França, que se houve de uma nau que no ano de 1526, governando o Estado da Índia Lopo Vaz de Sampaio, foi ali ter com franceses, de que era capitão e piloto um português natural de Vila do Conde, que se chamava o Rosado.

Caminhando esse rei bata em suas jornadas ordinárias de cinco léguas por dia, chegou a um rio a que chamavam Quilém, onde por alguns espias do Achém que aí se tomaram soube que o rei o esperava em Tondacur, a duas léguas da cidade, para aí se encontrar no campo com ele, e que tinha muita gente forasteira, em que entravam alguns turcos e guzarates, e malabares da costa da Índia. O bata, pondo esse negócio nos pareceres dos seus capitães, foi aconselhado que desse no inimigo antes que ele aumentasse as suas forças, e abalando logo desse rio com essa determinação, caminhou um pouco mais apressado e perto das dez horas da noite chegou ao pé de uma serra a meia légua donde o campo da parte contrária estava alojado, na qual repousou mais de três horas, e

tornou logo a caminhar em muito boa ordem, com o seu campo repartido em quatro corpos.

Dobrando um cotovelo que a mesma terra fazia, já quase no cabo, descobriu uma grande várzea de arrozés onde os inimigos estavam cerrados em dois grossos corpos, e logo que ficaram à vista uns dos outros, ao som de suas trombetas, tambores e sinos, com vozes e gritos incríveis se atacaram como homens muito esforçados, e, travando-se a briga entre eles, depois de se arremessarem muitas bombas e flechas e mais munições de fogo que traziam, começaram entre si a peleja mais de perto, com tanto ímpeto, tanto ânimo e esforço que só a vista daquilo me fazia tremer as carnes.

E durando assim a fúria dessa batalha por espaço de pouco mais de uma hora sem se enxergar vantagem para nenhuma das partes, vendo o achém que os seus, de cansados e muito feridos começavam a perder alguma parte do campo, se foi retirando para um cabeço que para o lado do sul estava mais adiante cerca de um tiro de espera, com a tenção de se fazer ali forte nuns valos que no topo do morro estavam feitos, como coisa de horta ou herdade de arrozés; porém, um irmão de El-Rei de Andraguire lhe atalhou esse seu desígnio porque com dois mil homens se lhe pôs adiante, pelo que a briga tornou ao primeiro estado, travando-se de novo entre eles com tanta fúria, e ferindo-se uns aos outros tão sem piedade, que não lhes levam vantagem outras nenhumações, porque antes que o Achém alcançasse os valos perdeu mais de mil e quinhentos dos seus, na conta dos quais entraram os cento e sessenta turcos que poucos dias antes lhe tinham chegado do Estreito de Meca, e duzentos mouros malabares, com alguns abexins, que era a melhor gente que trazia consigo.

E por já nesse tempo ser quase meio-dia e o calor muito grande, o bata se recolheu para a serra, na qual esteve tudo o que restava do dia até quase à noite, em que houve assaz que fazer, em curar

os feridos e tratar do enterramento dos mortos. E, não ousando a decidir-se até ver o que o inimigo fazia de si, se deixou estar toda aquela noite com boa vigia; quando a manhã ficou clara, a cerca de terras lavradas onde o Achém estivera o dia antes apareceu sem gente nenhuma, donde concluiu o bata que o inimigo ia muito desfeito e por isso determinou seguir a vitória. E despedindo logo dali toda a gente ferida, que não estava boa para pelejar, partiu em seu alcance, direito à cidade à qual chegou com duas horas de sol. E antes que alojasse o campo, para fazer naquele dia alguma coisa para que os inimigos vissem que ele não vinha desfeito da batalha passada, queimou duas povoações muito grandes que, à maneira de arrabaldes, estavam fora dos muros, e quatro naus, e dois galeões, que estavam varados em terra, em que os turcos tinham vindo do Estreito de Meca. E, tendo-se ateado o fogo a esses seis barcos, com grandíssima força e ímpeto, sem os inimigos ousarem sair da cidade, o rei bata em pessoa, como homem que se sentia favorecido da fortuna, e que de nenhuma coisa queria perder a ocasião, tentou atacar uma força que com doze peças grossas varejava a entrada do rio que se chamava Penacão, e, assaltando-a com cerca de setenta ou oitenta escadas, nela entrou sem perder dos seus mais do que trinta e sete. E todos quantos achou dentro trespassou com a espada, sem a nenhum querer conservar a vida, que seriam umas setecentas pessoas. De maneira que nesse primeiro dia em que chegou, fez esses três feitos muito notáveis, com os quais os seus todos ficaram tão animados e com tamanha ousadia que quiseram logo naquela noite atacar a cidade, se o rei para isso lhes tivesse dado licença. Mas por o escuro ser grande e a gente estar muito cansada, se contentou com o que tinha feito, dando por isso muitas graças a Deus.

DO MAIS QUE O REI BATA FEZ
DEPOIS DO SUCESSO DESTE DIA

O rei bata teve cercada esta cidade por espaço de vinte e três dias, durante os quais fizeram os inimigos duas surtidas, e numa delas não houve coisa notável que se possa contar, porque não houve mais que dez ou doze mortos de ambas as partes. Mas como as vitórias e os bons sucessos das guerras têm por costume dar ânimo e ousadia aos vitoriosos, algumas vezes acontece fazerem-se os fracos com isso tão ousados que de todo perdem o receio e não hesitam em tentar coisas que de si são árduas e difíceis, e é certo que levam algumas avante; no entanto, em algumas também se perdem. Isso se conhece bem claro no que eu ali vi nessa gente, porque, vendo os batas que o Achém fora recuando com mostras de vencido, cresceram neles tanto o ânimo e a importância que tinham para si que era impossível alguém lhes fazer frente, e, confiados nessa vã e cega opinião, estiveram por duas vezes em risco de se perderem de todo, com as coisas temerárias que tentaram. Porque, na segunda surtida que os de dentro fizeram, os atacaram os batas por dois lados com muito ânimo, e depois de andar a briga há um certo tempo travada, os achéns, fingindo fraqueza, lhes foram fugindo para a trincheira onde dias atrás o rei bata lhes tomara as doze peças de artilharia; e seguindo-os um capitão dos batas desmandadamente e sem ordem, por lhe parecer que já tinha a vitória certa, se meteu com os seus por dentro dos valos; porém os inimigos lhe tornaram

ali a fazer frente e se defendiam valorosamente. E estando assim todos pelejando uns para entrar, outros para defender a entrada, os achéns lançaram fogo a uma grande mina que tinham feito, a qual rebentando junto do rebordo, que era de pedra, atirou para o ar o capitão bata com mais de trezentos dos seus, feitos todos em pedaços, com um estrondo e fumaça tão espantosa que parecia um retrato do Inferno. Os inimigos deram com isso uma grandíssima grita, e o rei achém saiu logo em pessoa da cidade, com mais de cinco mil amoucos, e lançou-se contra os batas com muito ímpeto. E, como a fumaça da pólvora ainda então era tão grande que não se viam uns aos outros, tiveram entre si uma confusa mas crudelíssima peleja, de maneira que, por não me atrever a dizer em pormenor o como isso foi, direi assim em suma que em pouco mais de um quarto de hora que durou essa briga ficaram estirados no campo mais de quatro mil de uns e de outros, dos quais o rei bata perdeu a maior parte, retirando-se logo ele com todo o mais peso da sua gente para um morro a que chamavam Minacaleu, e tratou da cura dos feridos, que segundo se disse passaram de dois mil, fora os mortos que por não se poderem enterrar se lançaram todos pelo rio abaixo. E ficando com isso ambos quietos mais quatro dias, apareceu uma manhã de um lado do Penacão uma armada de oitenta e seis barcos, com grande regozijo de tangeres e festas e com muitos estandartes e bandeiras de seda, que aos batas lançou em grande confusão por não saberem o que era. Porém os seus espias tomaram naquela noite cinco pescadores, os quais metidos a tormento confessaram que era a armada que o rei achém havia dois meses tinha mandado a Tanauçarim porque tinha guerra com o Sornau, rei de Sião, e na qual disseram que vinham cinco mil homens lusões e bornéus, gente toda escolhida, e como capitão-mor deles um turco de nome Hametecão, sobrinho do baxá do Cairo. Tendo o rei levado a conselho isso que lhe tinham dito esses pescadores, foi aconselhado pelos seus a se retirar, visto

não ser altura de ele esperar nem mais uma hora, tanto porque o poder do inimigo era já então muito maior que o seu, como pelo socorro que ele ainda esperava de Pédir e de Pácem, em que se afirmava que vinham dez naus de gente estrangeira. Determinado El-Rei nesse parecer, se partiu logo naquela noite seguinte, bem triste e descontente pelo mau sucesso daquela empresa, e por levar a menos dos seus, para cima de três mil e quinhentos homens, fora outros tantos feridos e queimados pela mina. E chegando dali a cinco dias a Panaju, despediu toda a gente tanto natural como estrangeira, e se foi pelo rio acima numa lanchara pequena, sem querer levar consigo mais que dois ou três homens. Foi ter a um lugar que se dizia chamar-se Pachissaru, no qual esteve encerrado catorze dias, a modo de em novenas, em um pagode de um ídolo que se chamava Guinasseró, deus da tristeza; e, tornado para Panaju, me mandou chamar e ao mouro que negociava a fazenda de Pero de Faria, ao qual esteve miudamente perguntando pela venda dela, e se lhe ficavam devendo alguma coisa, porque logo lho mandaria pagar, ao que o mouro e eu respondemos que com as mercês e favores de sua alteza tudo tinha sido muito bem tratado e que os mercadores tinham já pago tudo, sem ficarem a dever nada; e que o capitão lhe pagaria aquela mercê muito em breve, vingando-o daquele inimigo achém e restituindo-lhe as terras que ele lhe tinha tomado. Ao que El-Rei, depois de ficar um pouco pensativo com o que me ouvira, respondeu:

– Ah, português, português, rogo-te que não faças de mim tão néscio, já que queres que te responda, que cuide que quem em trinta anos não se pôde vingar a si me possa socorrer a mim, pois que, quando o rei de vós outros e os seus governadores não castigaram esse inimigo quando vos tomou a fortaleza de Pácem, e a galé que ia para Maluco, e as três naus em Quedá, e o galeão de Malaca em tempo de Garcia de Sá, e as quatro fustas em Salangor, mais as duas que vinham de Bengala, e o junco, e o navio de Lopo

Chanoca, e outras muitas embarcações que agora me não vêm à memória, em que me afirmaram que matou mais de mil dos vossos, fora a presa riquíssima que tomou nelas, logo foi para ele me destruir a mim e eu ter muito poucas esperanças em vossas palavras. Basta-me ficar como fico, com três filhos mortos e a maior parte do meu reino tomada, e vós na vossa Malaca não muito seguros.

Com essa resposta, dita com tanto sentimento, confesso que fiquei tão corrido e embaraçado, pois que entendi que falava verdade, que nunca mais lhe falei em socorros nem usei repetir as promessas que antes lhe fizera, por nossa honra.

DO MAIS QUE PASSEI COM O REI BATA
ATÉ QUE ME PARTI PARA MALACA

Tornados o mouro e eu para a casa onde ambos pousávamos, estivemos mais quatro dias, acabando de embarcar uns cem bares de estanho e trinta de benjoim que ainda tínhamos em terra, e, como de todo estávamos satisfeitos com os devedores para nos podermos ir embora, me fui ao terreiro das casas de El-Rei e lhe dei conta de como estava já de todo aviado e prestes para partir, se sua alteza me desse licença, ao que ele, fazendo-me bom acolhimento, me respondeu:

– Folguei com o que ontem me disse o meu xabândar, que a fazenda do capitão ia bem negociada, mas porque pode ser que nisso não pretendesse tanto dizer-me a verdade como falar à minha vontade, pelo desejo e gosto que ele sempre viu que eu tinha nisso, te rogo muito que me digas se é assim, e se vai contente esse mouro que trouxe a fazenda, porque não queria que à custa da minha honra se praguejasse em Malaca, dos mercadores de Panaju, que não têm verdade no que tratam nem há aí rei que os constranja a pagarem o que devem; porque te afirmo, à lei do bom gentio, que será isso tamanha afronta para minha condição, como se agora sem me vingar fizera pazes com o inimigo tirano e perjuro achém.

Ao que eu respondi que sem falta nenhuma tudo ia muito bem feito e a fazenda toda paga sem se ter ficado a dever por ela nada. E ele me tornou dizendo:

– Folgo de ser assim, e, já que não tens mais que fazer, razão será que te vás e que não percas tempo, tanto por já ser o fim da monção como pelas calmarias que podes achar no golfão, que muitas vezes são causa de alguns navios irem ter a Pácem, donde Deus te guarde, porque te afirmo que se por mofina lá fosses ter, que vivo te comeriam os achéns aos bocados e o próprio rei mais que todos, porque a honra de que agora mais se preza e que traz por timbre de todos os seus títulos, é bebedor do turvo sangue estrangeiro dos malditos cafres, sem lei, do cabo do mundo, usurpadores, por sumo grau de tirania, de reinos alheios das terras da Índia e ilhas do mar, de que os seus todos fazem grande caso. O qual título lhe veio este ano da casa de Meca, pelo presente das lâmpadas de ouro que lá mandou de esmola ao alcorão do seu Mafamede, como costuma fazer todos os anos. E assim te digo que digas de minha parte ao capitão de Malaca, inda que já lho tenha escrito, que se vigie continuamente desse inimigo achém, porque em nenhuma outra coisa imagina senão em como vos há-de lançar fora da Índia e meter nela o turco, de quem dizem que para isso pretende grande auxílio. Mas Deus, por quem é, proverá de maneira que todas as maliciosas astúcias sucedam muito ao contrário dos seus pensamentos.

E com isso me deu uma carta em resposta da embaixada que eu lhe trouxe, com um presente de seis azagaias com os alvados de ouro e doze cates de calambuco, com uma boceta de tartaruga guarnecida de ouro, cheia de aljofre grosso, e dezesseis pérolas de bom tamanho. E a mim fez mercê de dois cates de ouro e um terçado pequeno guarnecido do mesmo. E despedindo-me dele com muita abundância de honras, como sempre me fizera, mostrando ser de sua parte muito fixa essa nova amizade que tomara conosco, me vim embarcar, acompanhado do mesmo Aquarem Dabolay seu cunhado, que fora como embaixador a Malaca, como atrás já fica dito. E, partidos deste porto de Panaju, chegamos com

duas horas de noite a um ilhéu a que chamavam Apefingau, a cerca de uma légua e meia da barra, povoado de gente pobre que vive da pescaria dos sáveis, dos quais, por falta de sal, não aproveitam mais que só as ovas das fêmeas, como nos rios de Aaru e Siaca, nestoutra costa do mar Mediterrâneo.

XIX

DO QUE PASSEI ATÉ CHEGAR AO REINO DE QUEDÁ, NA COSTA DA TERRA FIRME DE MALACA, E DO QUE AÍ ME ACONTECEU

A OUTRO DIA SEGUINTE pela manhã nos partimos desse ilhéu de Fingau, e corremos a costa do mar em distância de vinte e seis léguas, até alcançar o estreito de Minhagaru, por onde tínhamos entrado, e, passados à contracosta destoutro mar Mediterrâneo, seguimos nossa rota ao longo dela até junto de Pulo Bugay, donde atravessamos a terra firme, e, buscando o porto de Junçalão, corremos com ventos bonançosos dois dias e meio, e fomos surgir no Rio de Parlés do reino de Quedá, no qual estivemos cinco dias surtos, por nos não servir o vento; e neles, o mouro e eu, por conselho de alguns mercadores da terra, fomos ver o rei, com uma odiá ou presente (como lhe nós cá chamamos) de algumas peças suficientes em nosso entender, o qual nos recebeu com mostras de bom acolhimento. Nesse tempo em que aqui chegamos, estava El-Rei celebrando com grande aparato e pompa fúnebre de tangeres, bailas, gritas, e muitos pobres a quem dava de comer, as exéquias da morte de seu pai, que ele matara às punhaladas para se casar com sua mãe, que estava já prenhe dele. E, para evitar as murmurações que sobre esse horrendo e nefandíssimo caso havia no povo, mandou lançar pregão que sob pena de gravíssimas mortes ninguém falasse no que já era feito, e por causa do qual nos disseram ali que em outro novo modo de tirania tinha já morto os principais senhores do reino e outra grande soma de mercadores cujas fazendas mandou que fossem tomadas

para o fisco, o que lhe rendeu mais de dois contos de ouro. E com isso, era já nesse tempo que aqui cheguei tamanho o medo em todo o povo que não havia pessoa que ousasse soltar palavra pela boca. E porque esse mouro Coja Ale que vinha comigo era de sua natureza solto da língua e muito atrevido em falar o que lhe vinha à vontade, parecendo-lhe que por ser estrangeiro e com nome de feitor do capitão de Malaca poderia ter mais liberdade para isso que os naturais dali, e que o rei lho não acoimaria a ele como fazia aos seus, sendo um dia convidado de outro mouro que se dava por seu parente, mercador estrangeiro natural de Patane, parece ter sido, segundo depois me contaram, que, estando eles no meio do banquete, já bem fartos, vieram os convidados a falar nesse feito tão publicamente que ao rei, pelas muitas escutas que nisso trazia, lhe deram logo rebate, o qual, sabendo o que se passava, mandou cercar a casa dos convidados, e, tomando-os a todos, que eram dezessete, lhos trouxeram atados. Ele, em os vendo, sem lhes guardar mais ordem de justiça, nem os querer ouvir sobre sua boa ou má razão, os mandou matar a todos com uma morte crudelíssima, a que eles chamam “gregoge”, que foi serrarem-nos vivos pelos pés, pelas mãos, pelos pescoços e por derradeiro pelos peitos até ao fio do lombo, como eu os vi depois a todos. E, temendo El-Rei que pudesse o capitão tomar a mal mandar-lhe matar o seu feitor, na volta dos condenados, e que por isso lhe mandasse lançar mão em alguma fazenda sua que lá tinha em Malaca, me mandou logo naquela noite seguinte chamar ao jurupango onde então estava dormindo, sem que até àquela hora eu soubesse alguma coisa do que se passava. E chegando eu já depois da meia-noite ao primeiro terreiro das casas, vi nele muita gente armada com terçados e cofos e lanças, a qual vista, sendo para mim coisa assaz nova, me pôs em muito grande confusão. Suspeitando eu que poderia ser alguma traição das que já em outros tempos nesta terra houve, me quis logo ir embora, no que os que me levavam

não consentiram, dizendo que não tivesse medo de coisa que visse porque aquilo era gente que El-Rei mandava para fora a prender um ladrão, com a qual resposta confesso que não fiquei satisfeito; e, começando eu já nesse tempo a tartamudear, sem poder quase pronunciar palavra que se me entendesse, lhes pedi assim como pude que me deixassem voltar ao jurupango em busca de umas chaves que me lá tinham ficado por esquecimento, e que lhes daria por isso quarenta cruzados logo em ouro, ao que eles todos sete responderam:

– Nem que nos dêis quanto dinheiro há em Malaca, porque, se tal fizermos, nos mandará El-Rei cortar as cabeças.

Nesse tempo me cercaram já outros quinze ou vinte daqueles armados e me puseram no meio deles todos, até que a manhã começou a clarear e fizeram saber a El-Rei que eu estava ali, o qual me mandou logo entrar, e só Deus sabe como o pobre de mim então ia, que era mais morto que vivo. E chegando ao outro terreiro de dentro, o achei em cima de um elefante, acompanhado de mais de cem homens, fora a gente da guarda, que era em muito maior quantidade. Ele, quando me viu da maneira que vinha, me disse por duas vezes:

– Jangão tacor (não tenhas medo), vem para cá e saberás para o que te mandei chamar.

E acenando com a mão, fez afastar dez ou doze daqueles que ali estavam e a mim me acenou que olhasse para ali. Eu então, olhando para onde ele me acenava, vi jazer de bruços no chão muitos corpos mortos, todos metidos num charco de sangue. Um reconheci que era o mouro Coja Ale, feitor do capitão, que eu trouxera comigo, com a qual vista fiquei tão pasmado e confuso que como homem desatinado me arremessei aos pés do elefante em que El-Rei estava, e lhe disse chorando:

– Peço-te, senhor, que antes me tomes por teu cativo do que mandares-me matar como a esses que aí jazem, porque te juro, à

lei de cristão, que o não mereço. E lembro-te que sou sobrinho do capitão de Malaca, que te dará por mim quanto dinheiro quiseres, e aí tens o jurupango com muita fazenda, que também podes tomar, se fores servido.

Ao que ele respondeu:

– Valha-me Deus! Como? Tão mau homem sou eu que isso faça? Não tenhas medo de coisa nenhuma, senta-te e descansarás, que bem vejo que estás afrontado, e depois que estiveres mais em ti te direi por que mandei matar esse mouro que trouxeste contigo, porque se fosse português ou cristão eu te juro por minha lei que o não faria, ainda que me tivesse morto um filho.

Então me mandou trazer uma panela com água, de que bebi uma grande quantidade, e me mandou também abanar com um abano, no que se gastou mais de uma grande hora. E conhecendo ele então que estava eu já fora do sobressalto e que podia responder a propósito, me disse:

– Muito bem sei, português, que já te terão dito como uns dias atrás matei eu o meu pai, o que fiz porque sabia que me queria ele matar a mim, por mexericos que homens maus lhe fizeram, afirmando-lhe que minha mãe era prenhe de mim, coisa que eu nunca imaginei. Mas já que com tanta sem-razão ele tinha acreditado nisso, e por isso tinha determinado de me dar a morte, quis-lha eu dar primeiro a ele, e sabe Deus quanto contra a minha vontade porque sempre fui muito bom filho, e tanto que, para a minha mãe não ficar como ficam outras muitas viúvas, pobres e desamparadas, a tomei por mulher e enjeitei outras muitas com quem dantes fui cometido, tanto em Patane como em Berdio, Tanauçarim, Siaca, Jambé e Andraguiré, irmãs e filhas de reis, com as quais me podiam dar muito dote. E para evitar murmurações de maldizentes que falam sem medo quanto lhes vem à boca, mandei lançar pregão que ninguém falasse mais nesse caso. E porque esse teu mouro que aí jaz, ontem estando bêbado em companhia

de outros cães tais como ele, disse de mim tantos males que tenho vergonha de tos dizer, dizendo publicamente em altas vozes que eu era porco e pior que porco, e minha mãe cadela saía, me foi forçoso, por minha honra, mandar fazer justiça nele e nesses outros perros tão maus como ele. Pelo que te rogo muito, como amigo, que te não pareça mal isso que fiz, porque te afirmo que me magoarias muito então; e se porventura cuidas que o fiz para tomar a fazenda do capitão de Malaca, crê em mim que nunca tal imaginei e assim lho podes afirmar com verdade, porque assim te juro por minha lei, sempre fui muito amigo de portugueses e assim o serei enquanto viver.

Eu então ficando algum tanto mais desassombrado, conquanto não estivesse ainda de todo em mim, lhe respondi que sua alteza, ao mandar matar aquele mouro, fizera muito grande amizade ao capitão de Malaca seu irmão, porque lhe tinha roubado toda sua fazenda, e a mim por isso já duas vezes me quisera matar com peçonha, só para eu não poder dizer as embrulhadas que tinha feito, porque era tão mau perro que continuamente andava bêbado, falando quanto lhe vinha a vontade, como cão que ladrava a quantos via passar pela rua.

Com essa resposta assim tosca, e sem saber o que dizia, ficou El-Rei tão satisfeito e contente que, chamando-me para junto de si, me disse:

– Certo que nessa tua resposta conheço eu seres muito bom homem e muito meu amigo, porque por o seres não te pareceram mal as minhas coisas, como a esses perros que aí jazem.

E tirando da cinta um cris que trazia guarnecido de ouro, mo deu, e uma carta para Pero de Faria, com muito ruins desculpas pelo que tinha feito.

E despedindo-me então dele, do melhor modo que pude, e a dizer-lhe que havia ainda de estar dez ou doze dias, me fui logo embarcar, e assim que entrei no jurupango, sem esperar mais um

momento, larguei a amarra por mão e me fiz a vela muito depressa, parecendo-me ainda que vinha toda a terra atrás de mim, pelo grande medo e risco da morte em que me vira havia tão poucas horas.

DO QUE PASSEI DEPOIS QUE PARTI DESTE RIO PARLÉS
ATÉ CHEGAR A MALACA, E DA INFORMAÇÃO
QUE DEI A PERO DE FARIA DE ALGUMAS COISAS

Partido eu com a pressa que digo, desse Rio Parlés, um sábado quase sol posto, continuei na minha rota até à terça-feira ao meio-dia, em que prouve a Nosso Senhor que chegasse às ilhas de Pulo Çambilão, primeira terra da costa do Malaio, onde achei três naus portuguesas que vinham de Bengala, e uma de Pegu, de que era capitão e senhoria um tal Tristão de Gá, que fora aio de D. Lourenço, filho do Vice-Rei D. Francisco de Almeida, que Mirocém matou na barra de Chaul, de que as histórias do descobrimento da Índia fazem larga menção.

Esse Tristão de Gá me proveu logo de muitas coisas de que vinha falta, como fossem amarras e marinheiros e dois soldados e um piloto; e ele, com as outras duas naus, me deu sempre guarda em todo o caminho, até surgir no porto de Malaca. Aí, desembarcando em terra fui logo à fortaleza ver o capitão e lhe dei conta de tudo o que sucedera na viagem, e lhe falei miudamente do descobrimento dos rios, e portos, e angras que de novo achara na Ilha de Samatra, tanto do lado do mar Mediterrâneo como do oceano, e da comutação do trato da gente que neles habitava, que até então não tivera conosco nenhum comércio.

E toda essa costa e portos e rios trouxe, em graus, arrumados em suas alturas, com seus nomes e medição dos fundos, conforme as ordens que levava.

E também trouxe informação da baía onde se perderam o Rosado, capitão da nau francesa, e Matalote do Brigas, capitão da outra nau, que por causa do tempo mau foi ter a Diu no ano de 1529, sendo ainda vivo o Sultão Bandur, rei de Cambaia, que todos os franceses dela fez mouros, que eram oitenta e dois, os quais, depois sendo elches, levou no ano de 1533 como bombardeiros na guerra que teve com o rei dos mogores, onde todos morreram, sem um só ficar vivo.

E também o informei do surgidouro da baía de Pulo Botum, onde antigamente estivera a nau *Biscainha*, que diziam que fora do Magalhães, e que depois se perdeu no boqueirão da Sunda, querendo atravessar a Ilha de Jaoa.

Dei-lhe também conta das muitas e várias nações de gentes que habitam ao longo daquele oceano, e do Rio Lampom, donde o ouro de Menancabo veio ter ao reino de Campar, pelos rios de Jambé e Broteo, no qual os naturais dessa terra afirmam, pelo que leem nas suas crônicas, que estivera uma casa de contrato da rainha de Sabá, donde alguns presumem que um seu feitor de nome Nausem lhe mandara uma grande soma de ouro que ela depois levou para o templo de Jerusalém quando foi ver o Rei Salomão, donde dizem que veio prenhe de um filho que depois lhe sucedeu como imperador da Etiópia, ao qual cá o vulgo chama Preste João, e de que essa nação abexim se honra muito.

Também o informei da pescaria do aljôfar que está entre Pulo Tiquós e Pulo Quenim, donde os batas o levavam antigamente a Pácem e Pédir, que os turcos do Estreito de Meca e as naus de Judá aí lhes compravam a troco de outras mercadorias que traziam do Cairo e dos portos de toda a Arábia Feliz.

E ainda lhe dei relação de outras muitas coisas que soube do rei dos batas e de mercadores da cidade de Panaju. E lhe trouxe também por escrito a informação da ilha do ouro, que ele muito encomendara, a qual, segundo todos dizem, jaz no mar desse Rio

de Calandor, a cinco graus da parte do sul, cercada de muitos baixos e de grandes correntes, e que pode distar dessa ponta da Ilha de Samatra até cento e sessenta léguas pouco mais ou menos. E dessa informação, de que Pero de Faria foi certificado, tanto pelo que lhe eu disse como pelo que o rei dos batas lhe escreveu, deu aquele ano conta a El-Rei D. João III, que santa glória haja; o qual, logo no outro ano seguinte, proveu na capitania do descobrimento dela a um tal Francisco de Almeida, cavaleiro de sua casa, homem de muitas viagens e bem suficiente para aquele cargo, e que já há muitos dias o pedia em satisfação de muitos serviços que tinha feito nas ilhas de Banda, Maluco, Ternate e Geilolo, o qual Francisco de Almeida, indo da Índia para lá, faleceu de febres nas ilhas de Nicubar. E sendo sua alteza certificado da sua morte, proveu segunda vez na mesma capitania a um tal Diogo Cabral, da Ilha da Madeira, a quem Martim Afonso de Sousa a tirou por justiça, por se dizer que praguejara dele, sendo governador, e a deu a um tal Jerônimo de Figueiredo, fidalgo do Duque de Bragança, que no ano de 1542 partiu de Goa com duas fustas e uma caravela em que levava oitenta soldados e oficiais da mareação; não teve efeito a sua ida porque parece, segundo o que depois se viu, que, desejando ele ser rico mais depressa do que o esperava ser pela via que levava, se passou à costa de Tanauçarim, onde tomou algumas naus que vinham do Estreito de Meca, de Adem, de Alcocer, de Judá e de outros lugares da costa da Pérsia, e, por se lá dar mal com os soldados e não repartir com eles do que tomara, conforme o que de direito lhes cabia, se levantaram contra ele e depois de muitas outras coisas que me pareceu melhor não se escreverem o ataram de pés e mãos e o levaram à Ilha de Ceilão, onde o lançaram em terra no porto de Gale, e a caravela e fustas as levaram ao Governador D. João de Castro, que lhes deu perdão do que tinham feito por irem na armada com ele a Diu, em socorro de D. João de Mascarenhas, que então estava cercado dos capitães do rei de

Cambaia; e de então para cá se não tratou mais desse descobrimento, que tão proveitoso parece que será para o bem comum destes reinos, se Nosso Senhor fosse servido que esta ilha se viesse a descobrir.

COMO CHEGOU À FORTALEZA DE MALACA
UM EMBAIXADOR DE EL-REI DE AARU,
E DO QUE SE PASSOU ALI

Havendo só vinte e seis dias que eu era chegado a Malaca com essa resposta do rei dos batas de que tenho tratado, sendo ainda neste tempo D. Estêvão da Gama capitão da fortaleza, chegou a ela um embaixador do rei de Aaru que é nesta Ilha de Samatra, e o negócio a que vinha era pedir socorro de gente e algumas munições de pelouros e pólvora para se defender de uma grossa frota que o rei do Achém mandara contra ele para lhe tomar o reino, a fim de ficar mais nosso vizinho e daí continuar com suas armadas sobre Malaca, por lhe serem chegados de novo trezentos turcos do Estreito de Meca. O que, visto por Pero de Faria quão importante negócio este era ao serviço de El-Rei e à segurança daquela fortaleza, deu conta disso a D. Estêvão, que ainda depois disso foi capitão mês e meio, o qual se lhe escusou de tratar desse socorro, dizendo que já acabara o seu tempo e que a ele pertencia isso mais, pois ficava na terra e havia de passar por esse trabalho de que se arreceava. E para abreviar razões, não contarei por extenso o que sobre isso ambos passaram; somente direi que o embaixador foi afastado por ambos, por um ao dizer que já acabara, e por outro que ainda não entrara. E assim se partiu sem levar coisa nenhuma do que vinha pedir. Magoado dessa tamanha sem-razão que lhe parecia que com seu rei se usara, uma manhã querendo-se embarcar, estando esses capitães ambos à porta da fortaleza, lhes disse publicamente, quase chorando:

– O Deus que vive reinando por poderio e majestade suprema no mais alto céu de todos os céus, eu tomo, com suspiros arrancados do interior da minha alma, por juiz neste caso, da razão e justiça que tenho ao fazer a vossas mercês ambos, senhores capitães, este requerimento em nome do meu rei, vassalo leal por menagem jurada, que seus antepassados fizeram nas mãos do antigo Albuquerque, leão do bramido espantoso nas ondas do mar, ao poderoso rei das nações e povos da Índia, e terra do grande Portugal, o qual então nos prometeu que, não quebrando os reis deste reino essa menagem de leais vassallos, se lhes obrigava a os defender a todos, de seus inimigos, como senhor poderoso que era. E já que nós até agora nunca quebramos essa menagem, qual será, senhores, a razão por que não cumprireis com essa obrigação e verdade do vosso rei, sabendo que por sua causa nos toma esse inimigo achém a nossa terra, dando como razão que é o meu rei tão português e tão cristão como se tivesse nascido em Portugal? E mandando-vos agora pedir que lhe valhais nessa afronta, como verdadeiros amigos, vos escusais de o fazer com razões de muito pouca força, não montando a mais o cabedal desse socorro todo, para satisfação do nosso desejo e segurança, que apenas a quarenta ou cinquenta portugueses com suas espingardas e armas, para nos ensinarem e nos animarem em nossos trabalhos, e quatro jarras de pólvora, com duzentos pelouros de berço, e com esse pouco, que é bem pouco em comparação do muito que vos fica, nos teremos por muito satisfeitos da vossa amizade, e o nosso rei vos ficará por isso muito obrigado, para que sempre com muita lealdade sirva, como escravo cativo, o príncipe do grande Portugal, vosso e nosso senhor e rei, da parte do qual e em nome do meu requireiro, senhores, a ambos uma e duas e cem vezes que não deixeis de cumprir com o que deveis, pois a importância disso que aqui publicamente vos peço é terdes o reino de Aaru como vosso, e esta fortaleza de Malaca segura para a não senhoriar esse inimigo achém, como

determina fazer, pelos meios que já para isso procurou, a se valer de muitas nações de gentes estranhas que continuamente recolhe em sua terra para esse efeito. E porque esta nossa lhe importa a ele mais que todas as outras, para esse seu danado propósito, no-la manda agora tomar, a fim de continuar neste Estreito com suas armadas até que de todo (como publicamente já dizem) vos tolha o comércio da droga de Banda e Maluco, e o trato da navegação dos mares da China, Sunda, Bornéu, Timor e Japão, como sabemos pelo contrato que agora de novo fez com o turco, por meio do baxá do Cairo, que para isso tomou como seu valedor, o qual tem dado grandes esperanças de ajuda, como pelas cartas que eu trouxe tereis já sabido.

E lembro-vos esse requerimento que em nome do meu rei hoje vos faço, pelo que cumpre ao serviço do nosso, da parte do qual vos torno outra vez de novo a requerer, que pois agora podeis atalhar a esse mal que tão perto está de parir o que tem concebido, o façais, e não vos escuseis, um a dizer que já acaba, e o outro que ainda não entra, entendendo ambos que tanta obrigação tem para o fazer, um como o outro.

Acabado esse requerimento, que por então lhe aproveitou bem pouco, tomou duas pedras do chão, e batendo por cerimônia com elas ambas numa bombarda, disse quase chorando:

– O Senhor que nos criou, nos defenderá.

E com isso se foi embarcar e se partiu logo, e bem descontente pelo mau recado que levava. Havendo já cinco dias que era partido, não faltou quem dissesse a Pero de Faria que se murmurava muito, por fora, do pouco respeito que tanto ele como D. Estêvão tiveram para com esse rei tão nosso amigo e que tantas amizades tinha feito àquela fortaleza, por causa da qual lhe tomavam agora o seu reino.

Ele então, apanhado ou porventura corrido desse descuido, ainda que por sua parte desse algumas desculpas, o mandou socorrer

com três quintais de pólvora de bombardarda e duas arrobas das de espingarda, e cem alcanzias de fogo, e cem pelouros de berço e cinquenta de falcão, e doze espingardas, e quarenta rocas de pedra, e sessenta morrões e um jibão de lâminas de cetim carmesim com cravação dourada para sua pessoa, e outras peças de vestir, como uma corja de caraças e panos malaios para sua mulher e filhas, que é o traje comum daquela terra.

E embarcando tudo isso em uma lanchara de remos, me pediu que o quisesse levar a esse rei, porque importava muito ao serviço de sua alteza; e que, quando tornasse, me prometia de me fazer mercê tanto de soldo como de viagem para onde eu quisesse, o que eu, por meus pecados, aceitei de boa vontade, e digo isso pelo que adiante sucedeu. E embarcando-me uma terça-feira pela manhã, aos cinco dias de outubro do ano de 1539, continuei meu caminho até ao domingo seguinte, em que cheguei ao Rio de Puneticão, onde está situada a cidade de Aaru.

XXII

COMO FUI TER COM O REI DE AARU E DAR-LHE O QUE PERO DE FARIA LHE MANDAVA, E DO QUE SE PASSOU COM ELE

Chegado eu a este Rio de Puneticão, desembarquei logo em terra e me fui à trincheira que naquele tempo El-Rei fazia na entrada do rio para impedir a desembarcação aos inimigos, o qual rei me recebeu com bom acolhimento e mostras de muita alegria; e lhe dei uma carta que Pero de Faria lhe mandava, fundada toda em esperanças de mais tarde o ir socorrer em pessoa, se fosse necessário, e outros muitos cumprimentos que costum pouco, porque creio que tudo aquilo podia ser assim. E depois que viu todo o presente, a pólvora e mais as munições, abraçando-me disse muito alegre:

– Afirmando-te, meu bom amigo, que toda esta noite sonhei que dessa fortaleza de El-Rei de Portugal, meu senhor, me vinha todo este bem que agora tenho diante de meus olhos, com o qual espero em Deus defender minha terra, para lhe fazer sempre com ela muitos serviços, como fiz até agora, de que os capitães passados de Malaca serão boas testemunhas.

E depois de me perguntar algumas coisas que quis saber, tanto da Índia como deste reino, recomendando aos seus a obra que ia fazer, da fortificação da trincheira, em que todos com muito fervor andavam ocupados, me tomou pela mão, e, assim a pé, com seis ou sete moços fidalgos dos que ali tinha consigo, sem outra mais companhia, me levou à cidade que distaria dali quase um quarto de légua, onde me banqueteu em sua casa, com mostras

de muito bom acolhimento, e me mostrou sua mulher, que é coisa que naquelas partes muito raramente se costuma, e me disse com muitas lágrimas:

– Vês aqui, português, porque sinto a vinda desses inimigos, e que, se não fora ver-me eu preso dessa necessidade e tão penhorado pelo que a honra nisso me obriga que faça, eu te juro pela lei do bom mouro, que o que ele agora determina de me fazer eu lho faria primeiro, sem meter nisso mais cabedal que só os meus e a minha pessoa, porque há muitos dias que sei quem é esse falso achém, e a quanto se estende seu poder; mas vale-lhe que tem muito ouro com que encobre a fraqueza dos seus, adquirindo com ele muita gente estrangeira, de que se serve. E para que acabes de entender quão vil e baixa é a triste e aborrecida pobreza, e quanto mal faz aos reis pobres como eu sou, vem por aqui e mostrar-te-ei, nesse pouco que agora verás, quão escassa foi para mim a fortuna.

Então me levou a umas tercenas cobertas de colmo, que eram os seus armazéns, e me andou mostrando o que tinha neles, que era tão pouco que com razão se podia dizer que era nada em comparação com o muito que era mister para se defender da força de cento e trinta barcos cheios de gente tão belicosa como são os achéns, com mistura de turcos e malabares. E dando-me então conta, com assaz de tristeza, como quem desabafava comigo do grande trabalho em que estava e da grandíssima afronta em que se via, me disse que tinha já cinco mil homens aarus, sem mais socorro de outra gente nenhuma, com quarenta peças de artilharia miúda, entre falcões e berços, em que entrava uma meia espera de metal, que outrora lhe vendera um português que fora almoxarife da fortaleza de Pácem, de nome Antônio Garcia, o qual depois Jorge de Albuquerque mandou esquarterar em Malaca, por se cartear com El-Rei de Bintão, num certo modo de traição que cometia.

Disse-me também que tinha quarenta espingardas e vinte e seis elefantes, e cinquenta homens a cavalo para guardarem a terra, e

dez ou doze milheiros de paus tostados, a que eles chamam saligues, untados com peçonha, e cerca de cinquenta lanças, e uma boa quantidade de escudos pintados com almagre, para defesa dos que pelejassem na trincheira, e mil panelas de cal virgem em pó, para no abalroamento lhes servirem de alcanzias de fogo, e cerca de três ou quatro batéis de calhaus, e outras tantas misérias e pobrezas tão longe do que convinha para remédio daquele aperto em que estava, que, por elas mesmas, em as eu vendo, logo entendi quão pouco trabalho os inimigos teriam em lhe tomar o reino. E perguntando-me o que me parecia essa abundância de munições que tinha naqueles armazéns, e se bastavam para receber aqueles hóspedes que esperava, lhe respondi eu que sobejamente tinha com que os banquetear, ao que ele, depois de ficar um pouco pensativo, bulindo com a cabeça, me disse:

– Certo que se o rei de vós outros portugueses agora soubesse quanto ganhava em me eu não perder, ou quanto perdia em os achéns me tomarem Aaru, ele castigaria o antigo descuido de seus capitães, que, cegos e atolados em suas cobiças e interesses, deixaram que esse inimigo criasse tanta força e tanto poder que temo que já quando quiser refreá-lo não possa, e se puder, que há-de ser a lhe custar muito do seu.

E querendo-lhe eu responder a isso que com tanta mágoa me dizia, me desfez todas as minhas razões com umas verdades tão claras que dali por diante não me atrevi a lhe responder mais coisa nenhuma, porque entendi que não tinham contradição suas queixas, pois que me apontou algumas coisas assaz feias e criminosas com que culpava algumas pessoas particulares, de que aqui não trato por não ser o meu propósito, e porque não é minha tenção descobrir faltas alheias. E o remate dessa conversa foi censurar-me o pouco castigo que por essas coisas se dera aos culpados, e as grandes mercês que vira fazer a quem as não merecia; e por derradeiro ajuntou ao rei que queria cumprir inteiramente com

a obrigação do ofício que tinha, e que pelas armas havia de conquistar e conservar povos tão apartados da sua terra, tão necessário lhe era castigar os maus, como premiar os bons. Porém, se ele acontecia ser tal que ao descuido e frouxidão que tinha no dar do castigo dava o nome de clemência, se os seus lhe conheciam essa natureza, logo punham os pés sem medo onde queriam, o que, depois pelo tempo adiante, vinha ou podia vir a ser causa de porem as forças das suas conquistas no estado em que Malaca agora se via.

Com isso se recolheu para dentro de uma casa, e me mandou recolher em outra de um mercador gentio, natural do reino de Andraguiré, o qual em cinco dias que eu aqui estive me banque-teou sempre esplendidamente, ainda que naquele tempo tomara eu antes qualquer ruim iguaria em outra parte onde me tivesse por mais seguro, pelos muitos repiques e rebates de inimigos que ali havia cada hora. Porque, logo ao outro dia depois que cheguei, foi El-Rei certificado que os achéns eram já partidos de sua terra e que não tardariam oito dias, com a qual nova se deu ele muito maior pressa, tanto em prover as coisas a que ainda não tinha provido como em mandar despejar a cidade de todas as mulheres e de toda a mais gente que não era para pelejar, a qual toda mandou meter pelo mato dentro, quatro ou cinco léguas, e cuja miséria e desamparo, pela desordem e desmancho com que se isso fazia, eram uma tão piedosa coisa de ver, que eu andava como pasmado, e sabe Deus quão arrependido de ter ali vindo.

A rainha ia em cima de uma elefanta, só com quarenta ou cinquenta homens velhos consigo, e todos tão cortados do medo que aqui acabei de entender de todo que os inimigos tomariam sem falta nenhuma aquela terra com muito pouco custo.

Passados cinco dias depois de eu ser ali chegado, me mandou El-Rei chamar e me perguntou quando me queria ir, e eu lhe respondi que quando sua alteza me mandasse, mas que folgaria que

fosse logo, porque me havia o capitão de mandar à China com sua fazenda, ao que ele respondeu:

– Tens muita razão.

E tirando de braço duas “loyas” de ouro, que são manilhas maciças tiradas pela feira, que pesavam ambas oitenta cruzados, mas deu, dizendo-me:

– Rogo-te que me não tenhas por escasso por te dar tão pouco, porque te afirmo que meus pensamentos são agora, e foram sempre, desejar ter muito para poder dar muito. E esta carta com este diamante darás ao capitão, e diz-lhe que o mais que entendo que lhe devo, pelo amor que me mostrou no socorro das munições que me mandou por ti, deixo para lho levar por mim quando, com mais descanso do que agora tenho, me vir livre desses inimigos.

DO QUE ME ACONTECEU DEPOIS QUE
ME PARTI DESTE REINO DE AARU

Despedito eu de todo de El-Rei, me embarquei logo e me parti já quase sol posto, e vim a remo pelo rio abaixo até uma aldeia que está junto da barra, que terá cerca de quinze ou vinte casas de palha e gente muito pobre que naquela terra se não sustenta de outra coisa senão de matar lagartos e fazer dos fígados deles peçonha para untar as flechas com que pelejam, e a peçonha desse reino de Aaru, principalmente a desse lugar, que se chama Pocausilim, têm eles que é a melhor de todas aquelas partes, porque nenhum remédio nem defensivo se acha que aproveite para os feridos por elas.

Logo ao outro dia pela manhã nos partimos dessa aldeia e fomos velejando ao longo da costa com ventos terrenos até depois da tarde, quando dobramos os ilhéus de Anchepisão, e, servindo-nos inda o vento sueste, inda que algum tanto ponteiro, nos fizemos no bordo do mar o mais que restava do dia e alguma parte da noite; sendo já passado pouco mais de meio quarto da prima, nos deu uma trovoadade de noroeste (que são os temporais que normalmente a maior parte do ano cursam nessa Ilha de Samatra), que de todo nos teve soçobrados, tendo ficado a lanchara como árvore seca, sem mastro nem velas, porque tudo o vento nos fez em pedaços, e com três rombos junto da quilha nos fomos logo a pique subitamente ao fundo, sem podermos salvar coisa nenhuma, e muito poucos as vidas, porque, de vinte e oito pessoas que nela

íamos, vinte e três se afogaram em menos de um credo, e os cinco que escapamos somente pela misericórdia de Nosso Senhor, e assaz feridos, passamos o que restava da noite postos sobre os penedos, lamentando com muitas lágrimas o triste sucesso da nossa perdição. E porque então nos não soubemos dar a conselho nem determinar o que havíamos de fazer de nós, nem que caminho havíamos de tomar, por ser a terra alagadiça e fechada de mato tão basto que nenhum pássaro, por muito pequeno que fosse, podia passar por entre os espinhos de que o arvoredo silvestre era tecido, estivemos ali três dias postos assim de cócoras sobre uns penedos, sem comermos em todos eles mais que os limos do mar que na babugem da água achávamos. Passado esse tempo, com assaz de confusão e pena, sem sabermos determinar o que fazer de nós, caminhamos ao longo da Ilha de Samatra, atolados na vasa até à cinta, aquele dia, e já quase sol posto chegamos à boca de um rio pequeno, de pouco mais de um tiro de besta de largo, que, por ser muito fundo e virmos muito cansados, nos não atrevemos a passar. Ali nos agasalhamos aquela noite, metidos na água até ao pescoço, e a passamos com assaz de tormento e trabalho, por parte dos atabões e mosquitos do mato que nos atenazavam de tal maneira que não havia nenhum de nós que não estivesse banhado em sangue.

Quando a manhã foi clara, perguntei aos quatro marinheiros que iam comigo se conheciam aquela terra e se havia ali por derredor alguma povoação, a que um deles, homem já de idade e casado em Malaca, me respondeu chorando:

– A povoação, senhor, que tu e eu agora temos mais perto, se Deus milagrosamente nos não socorre, é a morte penosa que temos diante dos olhos, e a conta dos pecados que antes de muito poucas horas havemos de dar, para o que nos é necessário fazer-mo-nos prestes muito depressa, como quem forçadamente há-de passar outra muito maior aflição do que esta em que nos agora

vemos, tomando com paciência isso que pela mão de Deus nos é dado, e não te desconsoles por coisa que vejas e que o temor te ponha diante, porque, considerado bem tudo, pouco importa em ser hoje ou amanhã.

E abraçando-se comigo muito apertadamente, me pediu com muitas lágrimas que logo o fizesse cristão, porque entendia e assim o confessava que só o sendo se podia salvar, e não na triste seita de Mafamede em que até então vivera, do que pedia a Deus perdão.

E em acabando de dizer isso, expirou logo, porque como ele estava muito fraco e trazia a cabeça toda aberta com os miolos todos pisados, quase podres, por não ter sido tratado, e juntamente a ferida cheia de água salgada e muito mordida pelos atabões e mosquitos, parece que aquilo foi causa de acabar tão depressa; para ele, eu, por meus pecados, nunca pude ser bom, tanto por a brevidade do tempo me não dar lugar a tal como por eu estar também já tão fraco que a cada passo caía na água, pelo esvaimento da cabeça e pelo muito sangue que se me tinha ido pelas feridas e pelas chagas que tinha nas costas. Contudo, ele foi enterrado na vasa o melhor que então pôde ser, e nós, os três marinheiros e eu, nos determinamos em passar o rio para a outra banda com tenção de dormirmos numas árvores altas que estavam aparecendo da outra parte, com medo dos tigres e reimões, de que toda a terra era muito povoada, fora outras muitas diversidades de animais peçonhentos que nela havia, com infinidade de cobras-capelo e outras de sardas verdes e pretas, tão peçonhentas que com o bafo, somente, matam.

Determinados todos quatro nisso, roguei eu a dois deles que fossem adiante, e ao outro que fosse comigo para me ajudar a sustentar, porque ia já muito fraco; dos dois, se lançou logo um ao rio, e após ele o outro, dizendo-me ambos que os seguisse e não houvesse medo; e, em chegando eles a pouco mais de meio rio,

arremeteram contra eles dois lagartos muito grandes e em muito pequeno espaço fizeram a cada um deles em quatro pedaços, ficando toda a água cheia de sangue, e assim os levaram ao fundo, com a qual vista fiquei eu tão assombrado que nem gritar pude, nem sei quem me tirou fora, nem como escapei, porque nesse tempo estava metido na água até aos peitos, com o outro negro que me tinha pela mão, o qual estava tão cheio de medo que não sabia parte de si.

DO QUE MAIS PASSEI ATÉ SER LEVADO À CIDADE
DE SIACA, E DO QUE NELA ME SUCEDEU

Ficando eu (como já disse) tão pasmado e tão fora de mim que nem falar nem chorar pude por espaço de mais de três horas, nos tornamos, o outro marinheiro e eu, a meter no mar até à manhã, quando vimos vir uma barcaça demandar a boca do rio e logo que deu conosco nos tiramos da água, e, postos assim nus em joelhos e com as mãos alevantadas, lhes pedimos que nos quisessem tomar.

Os que vinham na barcaça, em nos vendo, levantaram o remo, e depois de estarem um pouco quedos, vendo o triste e miserável estado em que estávamos, e entendendo que éramos gente perdida no mar, se chegaram mais perto e nos perguntaram o que queríamos. Nós lhes respondemos que éramos cristãos naturais de Malaca, e que vindos de Aaru nos perdêramos havia já nove dias, pelo que lhes pedíamos pelo amor de Deus que nos quisessem levar consigo para onde quer que fossem. Ao que um que parecia ser o principal deles respondeu:

– Não estais vós de maneira, segundo vejo em vossas disposições, que possais merecer o que nos comerdes, pelo que seria bom, se tendes algum dinheiro escondido, dar-no-lo, e então usaremos convosco dessa proximidade que vossas lágrimas nos pedem, porque doutra maneira não tendes remédio.

E fazendo isso com mostra de se quererem ir embora, lhes tornamos a pedir, chorando, que nos tomassem como seus cativos

e nos fossem vender onde quisessem, porque por mim que era português lhe dariam em toda parte o que pedisse. Ao que eles responderam:

– Somos contentes, com a condição de que, se assim não for como dizeis, vos havemos de matar com açoites, e atados de pés e mãos vos havemos de lançar vivos ao mar.

E nós lhes dissemos que assim o fizessem. Saltando logo quatro deles em terra, nos meteram na embarcação, porque a esse tempo estávamos nós tais que nem bulir-nos podíamos. Depois de nos terem dentro, parecendo-lhes que com ameaças e açoites confessaríamos onde tínhamos escondido algum dinheiro, que sempre cuidaram que lhes déssemos, nos ataram a ambos ao pé do mastro e com duas cordas dobradas nos sangraram muito, sem piedade, e por eu já então estar quase morto me não deram uma certa beberagem, como deram ao meu pobre companheiro, que era uma certa espécie de cal delida em urina, com o que logo lhe fizeram vomitar os fígados, do que morreu dali a uma hora. E, como não lhe acharam no que vomitara ouro nenhum, como julgavam, quis Nosso Senhor que isso fosse causa de não me fazerem a mim outro tanto, mas, ensalmourando-me com a mesma beberagem as feridas dos açoites, para não morrer delas, foi a dor em mim tão excessiva que de todo estive à morte.

Partidos nós daqui desse rio, que se chamava Arissunhé, fomos ao outro dia à tarde surgir defronte de uma grande povoação de casas de palha, chamada Siaca, do reino de Jambé, onde me tiveram vinte e sete dias, em que prouve a Nosso Senhor que convalesci dos açoites. Vendo então os que tinham parte em mim, que eram sete, que lhes não servia eu para o ofício que tinham, que era andarem sempre metidos na água pescando, me puseram em leilão por três vezes, sem em todas elas haver quem quisesse fazer lanço em mim, pelo que, desconfiados de acharem quem me comprasse,

me lançaram fora de casa para me não darem de comer, pois lhes não podia prestar para nada.

E havendo já trinta e seis dias que estava fora do seu poder, deitado à margem, como sendeiro sem dono, pedindo de porta em porta alguma fraca esmola que muito raramente me davam, por ser pobríssima toda a gente daquela terra, permitiu Nosso Senhor que jazendo eu um dia lançado na praia ao sol, lamentando minhas desventuras, acertou de passar um mouro natural da Ilha de Palimbão, que já por algumas vezes tinha ido a Malaca e conversado com portugueses. Este, vendo-me jazer assim despido na areia, me perguntou se era português, e que lhe não negasse a verdade, ao que eu respondi que sim, e de parentes muito ricos, que por mim lhe poderiam dar quanto pedisse, se me levasse a Malaca, porque era sobrinho do capitão da fortaleza, filho de uma sua irmã. Ao que ele respondeu:

– Pois se és esse que dizes, que pecado foi o teu pelo qual vieste a tão triste estado como esse em que te vejo?

Eu então lhe dei conta miudamente da minha perdição e da maneira como os sete pescadores ali me trouxeram, e como já me tinham lançado de casa por não acharem quem me comprasse. Ele, dando mostras de grandíssimo espanto, depois de estar algum tempo pensativo, me disse:

– Eu (como podes saber), sou um mercador pobre, e tão pobre que, por as minhas posses não irem além de cem pardaus, me meti neste trato das ovas dos sáveis, cuidando que por essa via pudesse ter melhor remédio de vida, o que por minha mofina não consegui, e, porque agora tenho sabido que em Malaca posso fazer algum proveito, se o capitão e os oficiais da alfândega me não fizerem os agravos de que tenho ouvido queixar muitos, que lhes fazem nesta fortaleza, nas fazendas que a ela levam, folgaria de ir lá; e se te parecer que por teu respeito posso eu lá ir seguro de

receber opressão ou agravo, entenderei em te comprar aos pescadores de que me dizes que és cativo.

Eu lhe respondi com muitas lágrimas que muito bem via que não estava eu de maneira em que ele se fiasse no que eu lhe disera, tanto pelo baixo estado em que me via, como porque lhe poderia parecer que eu, por desejar de me ver livre de tão triste cativo, lhe podia fazer mais importância de mim do que lá em Malaca podia achar, mas que se ele se quisesse fiar em meu juramento, já que então não tinha outro penhor que lhe desse, que eu lhe juraria e lhe daria um escrito meu que se me levasse a Malaca, o capitão lhe faria por isso muita honra, e lhe não tomariam de sua fazenda coisa nenhuma, e lhe pagariam dez vezes dobrado tudo o que por mim desse. O mouro me respondeu:

– Ora sou contente de te comprar e levar-te a Malaca, contanto que não digas nada disso que agora passei contigo, para que me não levantem o preço tão alto que te não possa ser bom, ainda que queira.

E jurando-lhe eu então que assim o faria, com todas as abundâncias que então me pareceu que eram necessárias a meu propósito, se fiou nelas bem levemente.

DO QUE MAIS ME SUCEDEU COM ESSE
MERCADOR MOURO

Passados quatro dias depois desse concerto que fiz com esse mouro, ele, por meio de outro natural ali da terra, tratou dissimuladamente com os sete pescadores sobre o preço, os quais estavam já enfadados de mim, tanto por eu ser muito doente, como por lhes não servir nem prestar para nada, e haver já perto de uns meses que me tinham lançado fora, e serem sete os que tinham parte em mim, e estarem já diferentes na parceria e conformidade que tinham antes, e muitas outras coisas que Deus permitiu que fossem causa para me não terem em conta, eles todos por meio desse terceiro que o mouro meteu como corretor se acordaram com o mercador pelo preço de sete mazes de ouro, que na nossa moeda fazem a quantia de mil e quatrocentos réis, a meio cruzado por maz, os quais ele pagou logo e me trouxe para sua casa.

Havendo já cinco dias que eu estava fora do poder dos outros, e algum tanto melhorado no cativeiro pelo bom tratamento que tive dali por diante, no poder desse meu amo novo, ele se passou para outro lugar a cinco léguas dali, de nome Sorobaya, onde acabou de carregar a embarcação da mercadoria em que tratava, que como já disse eram ovas de sáveis, os quais nestes rios são tantos em tanta quantidade que lhes não aproveitam mais que só as ovas das fêmeas, de que carregam todos os anos para cima de duas mil embarcações, e cada embarcação leva cento e cinquenta, duzentas

jarras, e cada jarra, um milheiro, por ser impossível poder aproveitar o mais.

Acabando o mercador de carregar a lanchara, que era a embarcação que levava essa mercadoria, se partiu para Malaca, onde chegou dali a três dias, e se dirigiu logo à fortaleza a ver o capitão, e me levou consigo, a quem deu conta do que se tinha passado comigo. Pero de Faria, em me vendo da maneira em que vinha, ficou como pasmado, e me disse com as lágrimas nos olhos que falasse alto para saber se era eu aquele, já que, pela dissemelhança e disformidade do rosto e dos membros, lho não parecia. E como havia já mais de três meses que não sabiam novas de mim e me tinham como morto, acudiu tanta gente a me ver que não cabia na fortaleza, perguntando-me todos com as lágrimas nos olhos pela causa da desventura em que me viam; e, dando-lhe eu conta, miudamente, de todo o sucesso da minha viagem e do infortúnio que nela passara, ficaram todos tão admirados que, sem falarem nem responderem coisa alguma, saíam benzendo-se do que me tinham ouvido.

E, provendo-me então os mais deles com suas esmolos, como naquele tempo se costumava, fiquei muito mais rico do que antes era.

Ao mercador que me trouxe, mandou Pero de Faria dar sessenta cruzados e duas peças de damasco da China, e lhe mandou em nome de El-Rei quitar os direitos de sua fazenda, que devia na alfândega, que seria quase outro tanto, e em coisa nenhuma lhe foi feito nenhum agravo, com o que ele ficou muito satisfeito e contente, e se deu por bem pago do negócio que fizera comigo. A mim me mandou o capitão agasalhar em casa de um escrivão da feitoria, por ser casado na terra e lhe parecer que aí seria mais bem provido que em outra nenhuma parte, como na verdade fui. E ali estive na cama para cima de um mês, e prouve a Nosso Senhor que de todo recebi perfeita saúde.

DA ARMADA QUE O ACHÉM MANDOU CONTRA
EL-REI DE AARU, E DO QUE LHE SUCEDEU
CHEGANDO AO RIO DE PUNETICÃO

Passado esse tempo da minha enfermidade, Pero de Faria me mandou logo chamar à fortaleza e me perguntou pelo que se passara com El-Rei de Aaru, e como, e onde me perdera. Eu lhe relatei por extenso todo o sucesso da minha viagem e perdição, com o que ele ficou assaz espantado.

Porém, antes que trate de outra coisa, me pareceu necessário dar relação do fim que teve essa guerra dos achéns, e em que parou o aparato da sua armada, para que fique entendida a razão do prognóstico e do receio em que tantas vezes com gemidos e suspiros tenho apontado, por parte da nossa Malaca, tão importante ao Estado da Índia quanto (ao que parece) é esquecida por aqueles por quem com razão deveria ser mais lembrada; porque entendo que, por via de razão, de duas há-de ser uma: ou destruir-se este achém, ou por sua causa virmos nós a perder toda a banda do sul, como é Malaca, Banda, Maluco, Sunda, Bornéu e Timor, fora no norte da China, Japão, Léquios e outras muitas terras e portos em que a nação portuguesa, por seus tratos e comércios, tem o mais importante e mais certo remédio de vida que em todas as outras quantas estão descobertas do Cabo da Boa Esperança para diante, cuja grandeza é tamanha que se estende a terra, por costa, em distância de mais de três mil léguas, como se poderá ver nos mapas e cartas que disso tratam, se sua graduação estiver na verdade. E também nessa perda (que Deus, por sua infinita misericórdia

nunca permitirá que haja, por mais descuidos e pecados que haja em nós), se arrisca a perder-se a alfândega do Mandovim da cidade de Goa, que é a melhor coisa que temos na Índia, porque nos portos e ilhas atrás nomeadas consiste a maior parte do seu rendimento, fora a droga de cravo, noz e maçã, que de lá se traz para este reino.

E do mais que pudera dizer acerca disso, como testemunha de vista, não quero tratar aqui mais, porque isso somente me parece que basta para se entender a grande importância desse negócio, e, entendida, não duvido que se lhe dará o remédio que parecer necessário. E com isso me torno a meu propósito. Esse tirano achém foi aconselhado pelos seus que, se queria tomar Malaca, de nenhuma maneira o poderia fazer, acometendo-a por mar, como já por seis vezes tinha tentado no tempo de D. Estêvão da Gama e de outros capitães passados, mas sim a fazer-se primeiro senhor deste reino de Aaru, e a fortificar-se no Rio de Puneticão, donde as suas armadas podiam continuar de mais perto a guerra que lhe pretendia fazer, porque então ficava muito pouco custoso fechar os estreitos de Singapura e de Sabaon, e impedir que as nossas naus passassem ao mar da China, e Sunda, e Banda, e Maluco, por cuja causa poderia também facilmente ter à mão todo o negócio da droga daquele arquipélago, para ficar assim efetuado o novo contrato que, por meio do baxá do Cairo, tinha assentado com o turco.

Esse conselho pareceu tão bom a El-Rei que aprovando-o como o melhor e mais acertado, mandou aparelhar uma frota de cento e sessenta barcos, de que a maior parte eram lancharas e galeotas de remo, com alguns calaluzes de Jaoa e quinze navios de alto bordo, com mantimentos e munições, e nessas embarcações meteu dezessete mil homens, doze mil de peleja, e os mais, gastadores e chusma; nos de peleja entravam quatro mil estrangeiros, turcos, abexins, malabares, guzarates e lusões da Ilha de Bornéu, e como

general de campo ia um tal Heredim Mafamede, cunhado do mesmo rei, casado com uma sua irmã e governador do reino de Barrós. Essa frota chegou toda a salvamento ao Rio de Puneticão, onde então El-Rei de Aaru estava fortificando a trincheira a que já atrás fiz menção, na qual tinha consigo seis mil homens aarus, sem mais outra mistura de gente, tanto por ele ser muito pobre, como por a terra não ter mantimentos de que se pudessem sustentar.

Os achéns, logo em chegando, começaram a bater a cidade, e a bateram por espaço de seis dias, com muitas peças de artilharia, porém os de dentro a defenderam valorosamente, inda que com algum sangue, tanto de uma parte como da outra, pelo que se viu forçado o Heredim Mafamede a mandar desembarcar toda a gente em terra, e, assestando doze peças grossas de camelos e esperas, lhes deram com elas três descargas muito grandes, as quais lhes derrubaram um dos dois baluartes que defendiam a entrada do rio, e por ele, com balas de algodão que levavam adiante, os acometeram uma antemanhã, sendo capitão desse assalto um abexim de nome Mamedecão, que viera de Judá havia menos de um mês assentar e jurar a nova liga e contrato que o baxá do Cairo, em nome do turco, tinha assentado com o rei do Achém, e no qual ele dava casa de feitoria no porto de Pácem. Esse abexim, com sessenta turcos e quarenta janízaros, e alguns outros mouros malabares, se assenhorearam do baluarte e puseram nele cinco bandeiras, com outros muitos guiões. El-Rei de Aaru, animando então os seus com palavras e promessas, quais naquele tempo se requeriam, eles com ímpeto determinado deram no inimigo e se tornaram a assenhorear do baluarte, com morte do capitão abexim e de todos os mais que já estavam dentro. Querendo El-Rei aproveitar-se da boa fortuna desse sucesso, como homem desejoso da vitória, mandou abrir logo com muita presteza as portas da trincheira, e, saindo ao campo com alguma parte dos seus, pelejou com os inimigos tão esforçadamente que

os pôs a todos em desbarato, e das doze peças grossas lhes tomou oito; e recolhendo-se com isso a seu salvo, se fortaleceu então o melhor que pôde para o que mais adiante se esperava.

DA MORTE DE EL-REI DE AARU E DA CRUEL JUSTIÇA
QUE SE FEZ DELE DEPOIS DE MORTO

Vendo o achém o mau sucesso daquele dia, sentindo mais a morte do capitão abexim e a perda das oito peças de artilharia, que toda a outra gente que lhe fora morta, tomou conselho com os seus sobre o que se devia fazer, e se assentou por parecer de todos os capitães, que o cerco se continuasse e a trincheira se acomettesse por todas as partes, o que logo se pôs em obra, com muita diligência.

E em dezessete dias que ali mais estiveram, acometeram a trincheira com tantas invenções e artifícios de guerra que um turco engenheiro que consigo traziam lhes inventava, que a maior parte dela ficou arrasada no chão, derrubando-lhes as principais duas forças da banda do sul e um lanço de terra plana que a modo de couraça segurava a entrada do rio. E sempre os de dentro lhes resistiram com tanto ânimo que os inimigos perderam, dos seus, dois mil e quinhentos, todos consumidos a ferro e fogo, fora os feridos e queimados, que eram em maior quantidade e depois morreram ao desamparo.

E dos aarus morreram só quatrocentos. Mas como estes eram poucos e os inimigos muitos e mais bem armados, no derradeiro assalto, que foi dado aos treze dias da lua, se acabou tudo de consumir porque saindo El-Rei fora da cidade por conselho de um seu caciz em que muito confiava, o qual por peita de um bar de ouro, que valia quarenta mil cruzados, que os inimigos lhe deram,

o moveu a isso, arremeteu aos inimigos e travou com eles uma áspera briga, na qual andando com vantagem muito notada o perro de caciz, que ficara como capitão na trincheira, fingindo querer ir ajudá-lo naquele bom princípio, saiu fora com cerca de quinhentos homens que tinha consigo; isso vendo, um capitão dos inimigos, mouro malabar, de nome Cutiale Marcá, o qual tinha em sua companhia seiscentos mouros guzarates e malabares, arremetendo às portas que o caciz não quis defender devido à peita que tinha tomado, foi logo senhor da trincheira sem nenhuma resistência e matou quantos doentes e feridos achou nela, os quais, segundo se disse, passaram de mil e quinhentos, sem a nenhum conservar a vida.

O desventurado rei, vendo a trincheira tomada, sem até então ter nenhum sentimento da traição do caciz, querendo socorrê-lo por ser o mais importante, viu-se forçado a largar o campo, e tendo-se retirado para os valos da cava que estavam mais perto, nessa volta que fez quis a fortuna que o matasse um turco, com uma arcabuzada que lhe deu pelos peitos, com cuja morte se acabou tudo de perder, pela grandíssima desordem e desarranjo que ela causou a todos os seus. Os inimigos, tomando o triste rei que jazia morto no campo, lhe tiraram as tripas e, salgado, o meteram em uma arca e o levaram ao achém, o qual o mandou publicamente e com grandes cerimônias de justiça, serrar em pedaços a cozer numa caldeira de breu e azeite, com um espantoso pregão que dizia assim:

– Esta é a justiça que manda fazer o Sultão Alaradim, rei da terra de ambos os mares, pivete das lâmpadas de ouro da capela do profeta Noby, que quer e lhe apraz que assim serrado e cozido em fogo padeça a alma deste mouro, por ser transgressor da lei do Alcorão e da perfeita crença dos Massoleimões da casa de Meca, que sendo justo por doutrina santa do livro das flores se fez nas obras intemente a Deus, com mandar continuamente avisos dos

segredos deste reino aos malditos cães do cabo do mundo, que por tirania de ofensa grave e por pecados de nosso descuido senho-reiam Malaca.

Ao que todo o povo, com um espantoso tumulto de vozes, respondia:

– Pequeno castigo para tão grande crime!

E dessa maneira, que assim se passou realmente na verdade, se perdeu este reino de Aaru, com morte desse pobre rei tanto nosso amigo, ao qual me parece que podíamos ter valido com muito pouco custo e cabedal que poríamos da nossa parte se no princípio dessa guerra lhe acudissem com o que ele pediu pelo seu embaixador. Mas de quem teve a culpa disso (se aí houve alguma) não quero eu ser juiz, seja-o a quem lhe pertence de direito.

XVIII

DO QUE SE PASSOU NO REINO DE AARU DEPOIS DA MORTE DE EL-REI, E DE COMO A RAINHA FOI A MALACA

Morto este desventurado rei de Aaru, da maneira que tenho dito, e toda a sua gente desbaratada, logo a cidade e o reino todo foram tomados muito facilmente, e o Heredim Mafamede, general da frota, reparou e fortificou a trincheira de todo o necessário à segurança do mais que tinha ganhado. E deixando nela oitocentos homens dos melhores da armada, e como capitão deles um mouro lusão, de nome Çapetu de Raja, se partiu com todo o mais peso da gente para o Achém, onde se disse que o tirano rei lhe fizera muito sobejas honras pelo bom sucesso daquela empresa, porque, sendo antes (como já se disse) somente governador e bendara de reino de Barrós, lhe deu o título de rei e se chamou dali por diante sultão de Barrós, que é o próprio nome de rei entre os mouros.

A rainha de Aaru (que todo esse tempo estivera metida no mato dali a sete léguas, para onde se recolhera, como atrás fica dito), sendo dali a alguns dias certificada da morte de El-Rei seu marido, e de tudo o mais que sucedera nesse triste caso, se quisera logo ali queimar porque assim lho tinha prometido em vida e confirmado com juramento; porém os seus lho não consentiram, persuadindo-a com muitas razões a que o não fizesse, ao que ela, depois de conceder no que lhe pediam, respondeu:

– Afirmo-vos em lei de verdade que nem essas razões que me dais, nem o que com elas me pondeis diante, nem essas boas

palavras com que enfeitais esse bom zelo de leais vassallos poderiam ser bastantes para me desviarem de tão santo propósito como esse que a meu rei e senhor tinha prometido, se Deus nesta alma me não desse a sentir que com a minha vida havia de vingar a sua morte, pelo sangue de quem juro diante de todos vós que enquanto eu for viva buscarei sempre todos os meios possíveis para o fazer, e por essa causa chegarei a tanto extremo que mil vezes me farei cristã se for necessário para alcançar em minha vida isso que tanto desejo.

Com esse fervor, sem mais detença se pôs em um elefante, e acompanhada de trezentos dos seus, que ali tinha consigo para sua guarda, e de outros muitos que depois se lhe juntaram, com que fez um corpo de setecentos homens, se foi com eles para a cidade, com determinação de lhe pôr o fogo, para que os inimigos a não lograssem, e achando nela cerca de quatrocentos achéns ocupados no despojo de algum fato que ainda nela havia, incitando os seus a se fazerem amoucos, e trazendo-lhes à memória com muitas lágrimas a obrigação que para isso tinham, acometeu os inimigos tão esforçadamente que dos quatrocentos se afirmou depois em Malaca que não escapara nenhum.

E vendo ela que para o mais que desejava fazer não era poderosa, se tornou a recolher ao mato, donde em só vinte dias que aí mais esteve, lhes fez tanta guerra e os salteou por tantas vezes no tomar da água e lenha e outras coisas de que tinham necessidade que não ousavam já nenhuns sair fora, nem se proverem do necessário, e se fora possível continuar-lhes essa guerra mais outros vinte dias, a fome os houvera de fazer entregar inda que não quisessem; mas como as chuvas eram contínuas por causa do clima, e a terra em si era brejosa e alagadiça, e as frutas do mato de que se sustentavam eram já todas podres, e a maior parte da gente estava doente e sem remédio, lhe foi forçoso à rainha passar-se para um rio que estava dali a cinco léguas, que se chamava Minhaçumbá,

no qual se embarcou em dezesseis embarcações de remo que aí pôde juntar, em que havia alguns parós de pescadores, e nelas veio ter a Malaca, parecendo-lhe que vindo ela em pessoa, se lhe não negaria coisa alguma de quantas pedisse.

DO RECEBIMENTO QUE EM MALACA SE
FEZ À RAINHA DE AARU, E DO QUE SE PASSOU
COM PERO DE FARIA, CAPITÃO DA FORTALEZA

Sendo Pero de Faria certificado da vinda da rainha, a mandou receber por Álvaro de Faria, seu filho e capitão-mor do mar, o qual em uma galé e cinco fustas e dois catures e vinte balões, acompanhado de trezentos homens fora muita outra gente da terra, a trouxe à fortaleza, na qual se lhe fez uma nobre salve de artilharia que durou por espaço de mais uma hora. E, desembarcando em terra, depois que se lhe mostraram algumas coisas que Pero de Faria quis que ela visse, por estarem do nosso lado, como foram os armazéns, a ribeira, a armada, a feitoria, a alfândega, a casa da pólvora e outras coisas que já para isso estavam preparadas, ela foi agasalhada em umas boas casas, e a sua gente, que poderia ser umas seiscentas pessoas, no campo de Ilher, em cabanas e tendas, o melhor que por então se pôde fazer. Em todo esse tempo que ela aqui esteve, que seriam quatro ou cinco meses, continuou sempre no requerimento que trazia, que era buscar favor para vingar a morte de seu marido, com razões lícitas e bastantes, para se lhe não negar o que pedia, no fim do qual tempo, entendendo quão pouco lhe podíamos fazer, e que tudo o nosso para com ela era um entretenimento de palavras de que não via nenhum fruto, determinou de se declarar com Pero de Faria e saber dele o que determinava fazer do que lhe tinha prometido. E, esperando-o um domingo à porta da fortaleza, em tempo que o terreiro estava todo cheio de gente, e ele saía para ir ouvir missa,

o foi demandar, e, depois de se fazerem entre ambos as devidas cortesias, lhe disse:

– Nobre e esforçado senhor capitão, peço-vos muito, pela realidade da vossa progênie, que me não cerreis as orelhas em este pequeno espaço que vos quero falar, e que olhais que ainda sou moura e cega por meus pecados no claro conhecimento da vossa santa lei; todavia, por ser mulher, e porque já fui rainha, me deveis ter algum respeito, pondo piedosamente os olhos de homem cristão em meu desamparo.

Ao que Pero de Faria parou e com o barrete na mão lhe fez uma grande cortesia. E estando ambos calados por um pequeno espaço, a rainha, depois de fazer um grande acatamento para a porta da igreja que estava defronte, disse para Pero de Faria:

– Foram sempre tamanhos os desejos que tive de vingar a morte de El-Rei meu marido que determinei buscar todos os meios que me fossem possíveis para o poder fazer, já que por minha feminil fraqueza a fortuna me negou vestir as armas. E, tendo eu para mim que este de que primeiro lancei mão podia ser o mais certo, fiz mais conta dele que de todos os outros. E confiada na antiga amizade que tenho convosco e na obrigação que me tem esta fortaleza por tantos motivos quantos vós, senhor, muito bem sabeis, vim agora a ela a pedir-vos com lágrimas que em nome do sereníssimo rei de Portugal, meu senhor, cujo súdito e leal vassallo sempre foi meu marido, me quisésseis valer e socorrer-me em meu desamparo, ao que em público me foi respondido por vossa boca diante de muitos nobres que então ali estavam, que assim o faríeis sem falta nenhuma; e agora, no fim dessa promessa tão retificada no tesouro de vossa verdade, em vez de ser assim, me dizeis, ou dais por escusa, que tendes sobre isso escrito ao senhor vice-rei, não ter eu necessidade de tanto socorro quanto me vós dizeis que para esse feito de lá me pode vir, porque com menos de cem homens e com a minha gente que anda fugida pela terra,

esperando que eu vá de cá, me atrevo, assim mulher como sou, a em menos de um mês tornar a tomar todo o meu senhorio e vingar a morte de El-Rei meu marido, que é o que aqui mais pretendo que tudo, ajudando-me Deus que é poderoso, da parte do qual vos peço e requeiro, por serviço e honra do sereníssimo rei de Portugal, meu senhor, amparo e escudo de minha orfandade, que pois podeis o façais e com brevidade, porque nela está a maior importância de todo este negócio, e com o fazerdes assim atalhareis o efeito da tenção desse inimigo, fundada somente na destruição desta fortaleza, como, pelos meios que para isso procura, tereis bem entendido; e se determinais me dar esse socorro que peço, esperarei, e se não, desenganai-me, porque tamanho mal me fazeis em me fazerdes esperar sem me dar remédio, pelo tempo que nisso perco, como em me negardes isso que com tanta eficácia vos tenho pedido, e em lei cristã me deveis, como o senhor todo-poderoso, Deus do Céu e da Terra, a quem tomo por juiz neste requerimento, muito bem sabe.

COMO ESSA RAINHA DE AARU SE PARTIU DE MALACA
PARA BINTÃO, E DO QUE SE PASSOU
COM EL-REI DO JANTANA

Ouvindo Pero de Faria o que essa desconsolada rainha publicamente lhe disse, a qual lhe trouxe ali também à memória as obrigações que tinha para lhe fazer o que lhe pedia, alcançado ele de seu descuido e quase corrido por essa falta em que tinha caído, lhe respondeu que em lei de cristão e em sua verdade lhe afirmava que já sobre esse caso tinha escrito duas vezes ao vice-rei, e que sem falta nenhuma esperava naquela monção por gente e armada, se na Índia não houvesse trabalho que o estorvasse, pelo que lhe aconselhava e pedia muito por mercê que por enquanto se deixasse estar ali em Malaca, até que esse pouco tempo lhe mostrasse aquela verdade.

E replicando ela sobre a incerteza de poder ou não vir esse socorro, quase se agastou Pero de Faria, por lhe parecer que desconfiava ela da sua verdade, e soltando com essa cólera algumas palavras mais secas do que era razão, à desconsolada rainha se lhe arrasaram os olhos de água, e com as mãos levantadas para o céu e os olhos postos na porta da igreja, que estava um pouco defronte, com tantos soluços que quase não podia falar, disse:

– Fonte limpa é o Deus que naquela casa se adora, de cuja boca procede toda a verdade, mas os homens da terra são charcos de água turva, em que por natureza continuamente moram desvarios e faltas, pelo que se deve haver como maldito o que confia no bocejo dos seus beijos. Porque vos afirmo, senhor capitão, que

desde que me entendi até agora nenhuma outra coisa tenho visto nem ouvido senão que quanto mais os desventurados, como meu marido e eu, fazem por vós os portugueses, tanto menos fazeis por eles, e quanto mais deveis, menos pagais, pelo que, inferindo daqui, o que claramente se pode afirmar é que o galardão da nação portuguesa mais consiste e mais depende da aderência que do merecimento da pessoa. E prouvera a Deus que o que eu agora conheço de vós, por meus pecados, conhecera El-Rei meu marido há vinte e nove anos, porque nem ele vivera tão enganado convosco como viveu, nem por fim se viera a perder por vossa causa, como se perdeu. Mas já que isso assim é, uma só coisa me resta agora para consolação de minhas queixas, que é ver muitos tão escandalizados da vossa amizade quanto a pobre de mim agora se vê. E se vos não atrevíeis ou não queríeis dar-me esse socorro, para que vos penhoráveis tão levemente com esta desconsolada mulher, tão órfã o que pretendia e do que lhe pareceu que achasse em vós, quão enganada agora se acha com a liberalidade das vossas promessas.

Após essas palavras virou logo as costas ao capitão, e sem o querer mais ouvir se tornou para sua casa. E mandando logo fazer prestes as suas embarcações, se partiu ao outro dia para Bintão, onde naquele tempo estava El-Rei do Jantana, o qual, segundo se disse depois em Malaca, lhe fez muito grandes honras, e ela lhe deu conta do que se passara com Pero de Faria e de quão perdidas trazia as esperanças da nossa amizade, e lhe relatou por extenso todo o processo e o sucesso do negócio. Ao que El-Rei dizem que lhe respondeu que quanto ao que dizia da pouca verdade que achara em nós, se não espantava, porque em muitas coisas o tínhamos mostrado ao mundo, e para confirmação disso lhe trouxe então alguns exemplos particulares de coisas que ele disse que passaram por nós, os quais ainda que à primeira vista parecesse que faziam a seu propósito, todavia como ele era mouro, trabalhou

por desfeiar as nossas coisas de tal maneira que as fez parecer muito mais feias e muito mais graves do que elas eram.

E depois de lhe contar muitas coisas nossas muito malfeitas, a que chamava mentiras, roubos, tiranias, e lhes dava outros muitos maus nomes, sem tratar das razões e desculpas que aquelas podiam ter a seu favor, ainda que realmente fossem tão abomináveis como as ele fazia, lhe veio por fim a dizer que ele lhe prometia, à lei do bom rei e de mouro, que ela se veria muito cedo, por seu meio, dele, restituída a todo seu reino, sem lhe faltar um só palmo de terra. E que para ela estar certa e segura nisso que lhe prometia, ele era contente de a receber por mulher, se ela quisesse, porque dessa maneira lhe cabia a ele direito e justiça contra o rei do Achém, com o qual era forçado a vir, por respeito dela, rompimento de guerra, se livremente não quisesse desistir do que tinha tomado. Ao que ela respondeu que, embora a honra do que lhe propunha fosse muito grande para ela, a não aceitaria se em dote e arras lhe não promettesse a vingança da morte de El-Rei seu marido, porque lhe afirmava que isso era, somente, o que pretendia.

El-Rei, por conselho dos seus, lhe aceitou essa condição e lha prometeu com juramento solene, tomado num livro da sua seita, em que pôs a cabeça para retificação da promessa que lhe fazia.

DA NOTIFICAÇÃO QUE EL-REI DO JANTANA MANDOU
FAZER AO REI DO ACHÉM, SOBRE O REINO DE AARU,
E DO QUE LHE ELE RESPONDEU

Depois que El-Rei fez esse juramento nas mãos do seu caciz-mor, de nome Raja Moulana, em um dia da festa do seu Ramadão se passou à Ilha Campar, onde depois de se celebrarem as festas das suas bodas teve conselho sobre o que devia fazer nesse negócio em que se metera, porque bem entendia que era assaz dificultoso, porquanto lhe era forçoso aventurar nele muito de seu. E a última resolução que se tomou nele, por parecer de todos os seus, foi que antes de se entender em coisa alguma mandasse notificar ao rei do Achém o direito que tinha de novo no reino de Aaru, por parte do casamento com a rainha dele, sua nova mulher, e que segundo lhe ele respondesse assim se determinaria ele. El-Rei, parecendo-lhe bem esse conselho, ordenou logo um embaixador com um rico presente de peças de ouro e de panos de seda, pelo qual escreveu uma carta ao rei do Achém, que dizia assim:

– Siribi Laia Quendou Pracamá de Raja, direito rei por sucessão de patrimônio da minha cativa Malaca, usurpada por jugo tirânico de força de braço na injustiça dos infiéis, rei do Jantana e de Bintão e dos súditos reis de Andraguiré e de Lingá, a ti, Siri Sultão Alaradim, rei do Achém e de toda a mais terra de ambos os mares, meu verdadeiro irmão pela antiga amizade de nossos avós, favorecido por selo dourado da santa casa de Meca por bom e fiel Daroez, como os datas Moulanas que por honra do profeta

Noby peregrinaram com estéril vida os cansados dias desta miséria, eu, teu conjunto na carne e sangue, te faço saber por meu embaixador que nos dias passados da sétima lua deste novo ano em que agora vivemos veio até mim com grande afronta e trabalho a nobre viúva Anchenisi, rainha de Aaru, e com rosto triste e olhos chorosos, prostrada por terra, me disse, rasgando as faces com suas unhas, que teus capitães lhe tinham tomado seu reino com ambos os rios de Lave e Puneticão, e morto Alibomcar seu marido, com mais cinco mil amborrajás e ourobalões, gente principal que consigo tinha, e cativas três mil crianças que nunca pecaram, as quais cingidas com cordas e com as mãos atadas continuamente açoitavam muito sem piedade, como se fossem filhos de mães infieis, pelo qual movido eu teu irmão à proximidade que o santo Alcorão nos ensina e nos obriga, a recebi debaixo do amparo de minha verdade, para assim mais seguro me poder informar da razão ou justiça que para isso podias ter, e achando eu em seu juramento não teres nenhuma, a recebi por mulher, para que assim livremente lhe possa alegar com direito o seu direito diante de Deus. Pelo qual te peço e rogo como teu verdadeiro irmão que mandes como bom mouro largar-lhe o que lhe tomaste e de tudo lhe faças restituição franca e boa, pois na lei professada da nossa verdade a isso és obrigado, e quanto ao modo que se há-de ter na entrega disso, que peço se fará pela forma do regimento que Siribicão meu embaixador te mostrará; não o fazendo assim, conforme ao que por lei de justiça te peço, me dei por declarado contigo por parte desta senhora, à qual por dote me obriguei com juramento solene a defender a causa de seu desamparo.

Chegado este embaixador ao Achém, ele o mandou receber honradamente e lhe tomou a carta que lhe trazia; porém depois que a mandou ler e viu o que vinha nela, o quisera logo mandar matar, se alguns dos seus lhe não fossem à mão dizendo-lhe que se o fizesse seria infâmia sua muito grande. E despedindo-o logo sem

lhe querer tomar o presente, em sinal de desprezo, lhe respondeu por estas palavras:

– Eu, o Sultão Alaradim, rei do Achém, de Barrós, de Pédir, de Pácem e dos senhorios de Daiá e Batas, príncipe de toda a terra de ambos os mares mediterrâneo e oceano, e das minas de Menancabo, e do novo reino de Aaru, com justa causa agora tomado, a ti rei cheio de festa com desejo de duvidosa herança, vi tua carta escrita em mesa de boda, e pelas inconsideradas palavras dela conheci a bebedice dos teus conselheiros, à qual não quisera responder se mo não pedissem os meus, pelo que te digo que me não desculpes diante de ti, que te confesso que tal louvar não quero, e quanto ao reino de Aaru, não fales nele, se queres ter vida, basta mandá-lo eu tomar e ser meu, como muito cedo o será esse teu. E se casaste com Anchesini tua mulher, à conta de com isso te justificares no direito do reino que já não é seu, com ela te ficarás como ficam os outros casados com suas mulheres, que, cultivando a terra, se sustentam do trabalho de suas mãos. Toma primeiro Malaca, pois que foi tua, e então entenderás no que nunca foi teu, e eu te favorecerei como a vassalo, mas não como a irmão, porque te nomeias. Desta minha grande casa do rico Achém, ao primeiro dia da chegada desse teu homem, que logo de mim despedi, sem o querer mais ver, nem ouvir, como te ele dirá.

DO QUE MAIS SE PASSOU ENTRE EL-REI DO JANTANA
E O DO ACHÉM SOBRE O NEGÓCIO DESTA EMBAIXADA

Despedito o embaixador do rei do Jantana com essa resposta no mesmo dia que foi ouvido, o que entre eles costuma ser um notável desprezo, tornando a levar consigo o presente que também lhe não quis aceitar, para mais abatimento e afronta do mesmo embaixador que o trazia, chegou a Campar onde naquele tempo estava o rei do Jantana, o qual quando soube todas estas coisas dizem que ficou tão colérico que afirmavam os seus que por algumas vezes o viram chorar em segredo, como homem que sentira muito o pouco caso que o tirano Achém fizera dele. E tornando outra vez a haver conselho sobre a determinação desse negócio, se assentou que por todas as vias lhe fizesse guerra como a inimigo capital e se entendesse logo primeiro que tudo em se tomar o reino de Aaru e a fortaleza de Punicção, antes que o Achém o fortificasse mais. E para efeito disso fez logo El-Rei com a maior presteza que lhe foi possível uma grossa armada de duzentos barcos de remo, de que a maior parte eram lancharas, joangás e calaluzes, e quinze juncos de alto bordo, com mantimentos e munições, e as mais coisas necessárias para essa empresa, e pôs nela como capitão-mor o grande Laque Xemena, seu almirante, de quem as histórias da Índia fazem muitas vezes menção, ao qual deu para ela dez mil homens de peleja e quatro mil de chusma, gente muito escolhida e exercitada na guerra.

O almirante se partiu logo com toda essa frota e chegando ao Rio de Puneticão onde estava a fortaleza dos inimigos acometeu por cinco vezes, à escala vista, com trezentas escadas, ajuntando a isso muitas invenções de artifícios de fogo, e não a podendo assim tomar a começou a bater com quarenta peças de artilharia grossa que nunca cessaram de atirar nem de dia nem de noite, de maneira que ao cabo de sete dias que continuou a bateria a maior parte da fortaleza foi posta por terra, e dando logo os inimigos o assalto, a entraram muito valorosamente, com morte de mil e quatrocentos achéns, de que a maior parte era chegada um dia antes que essa frota chegasse, com um capitão turco, sobrinho do baxá do Cairo, de nome Morado Arraiz, o qual também ali ficou morto com duzentos turcos que tinha consigo, sem o Laque Xemena querer que se conservasse a vida a nenhum deles. E com tanta pressa tornou logo a reparar o que caíra, com estacadas e entulhos de pedra emosso, em que a maior parte da gente trabalhava, que em doze dias tornou a fortaleza a ficar no estado primeiro, e com dois baluartes mais, de vantagem. As novas dessa frota que El-Rei do Jantana fazia nos portos de Bintão e Campar chegaram logo ao tirano achém, o qual, temendo perder o que tinha ganhado, fez logo aparelhar outra de cento e oitenta barcos, fustas, lancharas e galeotas, e quinze galés de vinte e cinco bancos, na qual fez embarcar quinze mil homens, sendo doze mil de peleja a que eles chamam de bailéu, e os mais de chusma do remo, e como general dessa frota mandou o mesmo Heredim Mafamede que antes tomara este reino, como atrás fica dito, por o ter por homem de grandes espíritos e bem-afortunado na guerra, o qual se partiu com toda essa frota e, chegando a um lugar que diziam chamar-se Aspessunhé, a quatro léguas do Rio de Puneticão, soube por alguns pescadores que aí tomou, tudo o que na fortaleza e no reino era passado, e como Laque Xemena estava apoderado, tanto da terra como do mar, esperando por ele, com a qual nova dizem que o Heredim Mafamede ficou

muito embaraçado porque na verdade nunca lhe pareceu que os inimigos fizessem tanto em tão pouco tempo.

Tomando então conselho sobre o que devia fazer, se afirmou que o voto dos mais fora que já que a fortaleza e o reino eram tomados, e toda a gente morta, e os inimigos estavam tão poderosos no mar e na terra, que em qualquer caso se devia ir embora, visto não estar o tempo conforme ao que eles cuidavam. Porém o Heredim Mafamede foi muito contra isso, dizendo que antes queria morrer como homem que viver em desonra como mulher, porque, já que o seu rei o escolhera para aquele feito, não quisesse Deus que ele perdesse ponto da opinião que todos tinham dele, pelo que prometia e jurava pelos ossos de Mafamede e por quantas lâmpadas continuamente ardiam na sua capela matar por traidor todo o que fosse contra esse seu parecer, e o mandar cozer vivo numa caldeira de breu, como também havia de fazer ao mesmo Laque Xemena; e com esse fervor e alvoroço se abalou dali donde se estava surto, com grandes gritas e grande vozeria de instrumentos e tambores e sinos, como em semelhantes tempos costumam, e acometeu a vela e a remo a entrada do rio. Chegando à vista da armada do Laque Xemena, ele que já a esse tempo estava prestes e reforçado de muita e boa gente que de novo lhe acudira de Pera, Bintão, Siaca e de outros lugares aí comarcãos, abalou logo do lugar onde estava e o veio receber ao meio do rio, e depois de se fazerem de ambas as partes as salvas costumadas de artilharia arremeteram de voga arrancada uns aos outros, e como iam desejosos de se chegarem, a briga se travou entre eles de maneira que por espaço de quase hora e meia se não enxergou vantagem em nenhuma das partes, até que o Heredim Mafamede, general dos achéns, foi morto por uma bomba de fogo que lhe deu nos peitos, que logo o fez em dois pedaços, com cuja morte os seus descorçoaram de tal maneira que querendo voltar para uma ponta a que chamam Batoquirim, com tenção de aí feitos todos em um corpo, se fizeram fortes até

vir a noite, em que determinavam se acolher, o não puderam fazer porque a corrente de água, que era muito grande, os dividiu em muitas partes. E dessa maneira a armada do tirano achém ficou toda em poder do Laque Xemena, sem escaparem dela mais que só catorze barcos, e os cento e sessenta e seis foram tomados, e mortos treze mil e quinhentos homens, fora os mil e quatrocentos que morreram na trincheira.

Chegados esses catorze barcos ao Achém, lhe deram conta de tudo o que se passara, de que dizem que ficou tão triste que vinte dias o não viu pessoa alguma, no fim dos quais mandou cortar as cabeças aos capitães dos catorze barcos, e a todos os mais que neles vinham mandou rapar as barbas e que sob pena de serem serrados vivos dali por diante andassem sempre vestidos de mulheres, tangendo com adufes por onde quer que fossem, e que quando jurassem sobre alguma coisa fosse: “Assim Deus traga meu marido” ou “Assim eu veja prazer dos que pari”. E esses homens, vendo-se constrangidos a um castigo tão afrontoso, quase todos se desterraram e muitos tomaram a morte por suas próprias mãos, uns com peçonha, outros enforcando-se, e alguns deles a ferro.

E dessa maneira que tenho contado, e que pontualmente assim se passou na verdade, ficou o reino de Aaru livre desse tirano achém e em poder do rei do Jantana até ao ano de 1564, em que o mesmo achém, com uma frota de duzentos barcos, fingindo ir sobre Patane, deu manhosamente uma noite no Jantana onde o rei então estava, e o tomou às mãos com suas mulheres e filhos e muita outra gente, e os levou cativos para sua terra, onde de todos, sem perdoar a nenhum, mandou fazer cruéis justiça, e ao rei, com um pau muito grosso, fez botar os miolos fora, e tornou de novo a senhorear o reino de Aaru, de que logo intitulou como rei o seu filho mais velho, que foi o que depois mataram em Malaca, vindo-a ele cercar, sendo capitão da fortaleza D. Lionis Pereira, filho do Conde da Feira, que lha defendeu com tanto esforço que

pareceu mais milagre que obra natural, por ser então tamanho o poder desse inimigo, e os nossos tão poucos em sua comparação, que bem se pudera dizer com verdade que eram duzentos mouros para cada cristão.

COMO INDO EU DE MALACA PARA O REINO DE PÃO,
ACHEI VINTE E TRÊS CRISTÃOS PERDIDOS NO MAR

Agora me quero tornar ao propósito de que ia tratando. Estando eu, como já atrás tenho dito, convalescido da doença que trouxe do cativoiro de Siaca, Pero de Faria desejando me abrir algum caminho por onde eu viesse a ter alguma coisa de meu, me mandou em uma lanchara de remo ao reino de Pão, com dez mil cruzados de sua fazenda para os entregar a um seu feitor que lá residia, de nome Tomé Lobo, e daí me passar a Patane, que era outras cem léguas adiante, com uma carta e um presente para o rei, e tratar com ele da liberdade de uns cinco portugueses que no reino de Sião estavam cativos do monte de Banchá, seu cunhado. Partindo eu de Malaca com esse desígnio, aos sete dias da minha viagem, estando uma noite tão distante como a Ilha de Pulo Timão, que pode estar a noventa léguas de Malaca e dez ou doze da barra de Pão, quase meio quarto de alva passado, ouvimos por duas vezes uma grande grita no mar, e não vendo nada por causa do grande escuro que ainda fazia ficamos todos muito suspensos porque não sabíamos atinar com que aquilo seria, e mareando as velas fomos guinando para onde tínhamos ouvido o som da grita, vigiando com os rostos baixos para vermos se podíamos divisar o que aquilo fosse. E continuando nessa confusão cerca de uma hora, enxergamos muito ao longe uma coisa preta e rasa, sem vulto nenhum, e não sabendo determinar o que seria, tornamos de novo a haver conselho sobre o que nisso faríamos, e,

conquanto na lanchara não fôssemos mais que quatro portugueses, os pareceres foram muitos e muito diferentes uns dos outros, em que houve o requerer-me que não quisesse saber o que me não cabia, e me fosse para onde me mandava Pero de Faria, porque perder uma só hora daquele tempo era pôr a viagem em aventura e a fazenda em risco, e eu ficar dando má conta de mim se me acontecesse algum desastre. Ao que eu respondi que por nenhuma coisa que sucedesse havia de deixar de saber o que aquilo era, porque se eu errasse nisso, como eles diziam, só a Pero de Faria de quem eram a lanchara e a fazenda havia de dar conta, e não a eles que não tinham ali mais que suas pessoas somente, que valiam tão pouco como a minha.

E enquanto duraram essas alterações, quis Deus que clareou a manhã, em que vimos distintamente que era gente que se perdera no mar e andava sobre paus; então lhes pusemos afoitamente a proa, a vela e remo e chegando-nos bem a eles para que nos conhecessem gritaram muito alto por seis ou sete vezes, sem dizerem outra coisa senão “Senhor Deus, misericórdia”, com a qual novidade ficamos todos tão confusos e pasmados que quase ficamos como fora de nós, e mandando muito depressa lançar os remeiros da lanchara ao mar os metemos todos dentro, que eram vinte e três pessoas, catorze portugueses e nove escravos, os quais todos vinham tão disformes nas figuras dos rostos que metiam medo, e tão fracos que nem a fala podiam bem lançar pela boca. E depois de serem recolhidos e agasalhados o melhor que então foi possível, lhes perguntamos pela causa da sua desventura, ao que um deles respondeu com assaz de lágrimas:

– Senhores, a mim me chamam Fernão Gil Porcalho, e este olho que me vedes a menos me quebraram os achéns na trincheira de Malaca, quando da segunda vez vieram sobre D. Estêvão da Gama, o qual, desejando me fazer mercê por me ver tão pobre como era naquele tempo, me deu licença que fosse a Maluco,

onde prouvera a Deus que não fora, já que tal sucesso havia de ter a minha ida, porque depois que parti do porto de Talangame, que é o surgidouro da nossa fortaleza Ternate, havendo já vinte e três dias que navegávamos com tempos bonançosos, e bem contentes de nós, em um junco que trazia mil bares de cravo, que valiam mais de cem mil cruzados, quis a minha triste ventura por muitos pecados que contra Deus cometi, que sendo noroeste-sueste com a ponta de Surobaya, na Ilha da Jaoa, nos deu um tempo de norte tão rijo que com a vaga dos mares cruzados e com grande escarcéu que o mar levantou, nos abriu o junco pela roda de proa, pelo qual nos foi forçoso alijar o convés, e, correndo assim aquela noite em árvore seca, sem mostrar ao vento um só palmo de vela, por serem insofríveis as refregas que amiúde o tempo de si lançava, viemos com assaz trabalho até meio quarto de alva rendido, em que subitamente se nos foi o junco ao fundo, sem dele se salvarem mais que estas vinte e três pessoas que nos aqui vedes, de cento e quarenta e sete que nele vínhamos. E já há catorze dias que andamos sobre estes paus, sem em todos eles comermos mais que um cafre meu que nos faleceu, com que todos nos sustentamos oito dias, e ainda esta noite nos faleceram dois portugueses que não quisemos comer, tendo disso bem necessidade, porque sem dúvida nos pareceu que hoje até à manhã acabaríamos com a vida estes miseráveis trabalhos em que nos víamos.

COMO CHEGUEI AO REINO DE PÃO COM ESSES PERDIDOS,
E DO MAIS QUE AÍ PASSEI

A ssaz suspensos e pasmados ficamos todos com o que ouvimos a esse homem, vendo o triste e miserável estado a que chegaram ele e os seus companheiros, e não deixou também de nos espantar muito ver o meio por onde Nosso Senhor por sua misericórdia os quis salvar tão milagrosamente, e Lhe demos todos por isso muitos louvores e os nossos hóspedes consolamos e animamos fazendo-lhes aquelas cristãs lembranças que a nossa pobre capacidade então nos ensinou. E também repartimos com eles dos vestidos que tínhamos, com que eles ficaram algum tanto reparados naquela falta, e, deitando-os nas camas em que dormíamos, lhes fizemos os remédios que nos pareceu que lhes poderiam aproveitar para repousarem, porque eles, parece que por não dormirem havia tanto tempo, vinham tão dourados das cabeças que caíam no chão com uns estremecimentos, de maneira que por uma grande hora não tornavam a si.

Daqui desta paragem nos fomos demandar a barra de Pão, onde chegamos quase à meia-noite, em que surgimos na boca da barra defronte de uma povoação pequena que se chamava Campalarau; e quando a manhã foi clara nos fomos a remo pelo rio acima até à cidade, que seria dali a pouco mais de uma légua, onde achamos o Tomé Lobo, que, como disse, aí residia como feitor do capitão de Malaca, a quem entreguei a fazenda que levava. E nesse dia nos faleceram três portugueses, dos catorze que achamos perdidos,

um dos quais foi o Fernão Gil Porcalho, capitão do junco, e cinco moços cristãos, os quais todos lançamos de noite ao mar, com pedregalhos atados nos pés e nos pescoços, para que se fossem ao fundo, porque na cidade no-los não quiseram enterrar, conquanto Tomé Lobo lhes desse por isso quarenta cruzados, dando por razão que ficaria a terra maldita e incapaz de poder criar coisa alguma, porquanto aqueles defuntos não iam lavados do muito porco que tinham comido, que era o mais grave e enorme pecado que quantos na vida se podiam imaginar. Aos outros desses perdidos que ficaram vivos, agasalhou o Tomé Lobo, e os proveu a todos muito abundantemente de tudo o que lhes foi necessário até convalescerem e irem para Malaca.

Dali a alguns dias, querendo eu seguir minha viagem para onde levava determinado, que era até Patane, o Tomé Lobo mo não consentiu, pedindo-me muito que o não fizesse, porque me afirmava que se não havia por seguro naquela terra, por lhe dizerem que um tal Tuão Xerrafão, homem muito principal nela, tinha jurado de lhe pôr o fogo à casa para o queimar dentro, com quanta fazenda nela estivesse, por dizer que em Malaca lhe tomara um feitor do capitão cinco mil cruzados em benjoim e seda e águila, a muito menos preço do que valia e lhos pagara em roupa podre a como quisera, pelo que dos cinco mil cruzados de emprego, que em Malaca valiam mais de dez mil, fora o retorno de boas fazendas que de lá poderia trazer e que montaria a quase outro tanto de ganho, não tirara mais que só setecentos cruzados. E que já por duas vezes o tinham tentado, com ruído fingido só a fim de ele sair fora e o matarem na briga, pelo qual sendo caso que sucedesse alguma coisa daquelas que temia, não seria mau achar-me eu ali para salvar a fazenda que ali tinha, para que se não perdesse à míngua; ao que eu, depois de lhe dar algumas razões por minha parte, que me ele não quis aceitar, dando-me sempre outras em contrário das que eu lhe dava, lhe vim enfim a dizer que, sendo

caso que o matassem, como ele dizia, a fim de lhe roubarem aquela fazenda, que para onde me poderia eu escapar que me não fizessem o mesmo? E que, se tinha aquela nova por tão certa como me afirmava, por que deixava ir aqueles onze portugueses ou por que não se embarcava com eles para Malaca? Ao que respondeu:

– Sabe Deus quão arrependido eu estou disso, mas, já que o eu não fiz como dizeis, fezei vós agora isso que vos eu peço e requieiro da parte do senhor capitão, a quem logo hei-de escrever e dar conta de todas essas coisas que passei convosco, e ele vos não há-de tomar a bem deixar-me aqui só com sua fazenda, que não é tão pouca que não passe de trinta mil cruzados de emprego, e meus quase outros tantos.

Eu, vendo-me assim confuso entre o requerimento que me ele fazia para ficar e o perigo que eu corria se ficasse, não me sabia determinar a qual desses dois extremos me inclinasse, pelo qual, depois de lançar as minhas contas, me foi forçoso, como melhor remédio, vir a concerto com ele por esta maneira: que se dentro de quinze dias se não aviasse para se embarcar comigo naquela lanchara para Patane, com a fazenda feita em ouro e pedraria, de que então havia na terra muita quantidade, tanto de uma coisa como de outra, que eu me pudesse ir livremente para onde levava minha rota, o que ele aceitou, e desta ficamos ambos bem avindos.

COMO EL-REI DE PÃO FOI MORTO, E QUEM O MATOU,
E A RAZÃO POR QUÊ, E DO QUE ENTÃO
NOS SUCEDEU A TOMÉ E A MIM

Tomé Lobo se deu tanta pressa em vender a fazenda, como quem se temia do que lhe tinham certificado, e fez tão bom barato dela, que em menos de oito dias as casas estavam despejadas de toda a roupa, e, não querendo tomar pimenta nem cravo nem outra droga nenhuma que pudesse fazer peso, a trocou somente por ouro de Menancabo, e por diamantes que aí tinham vindo nos jurupangos de Lave e de Tajampura, e por algumas pérolas de Bornéu e Solor.

E tendo já quase tudo arrecadado, com tenção de nos embarcarmos ao outro dia, ordenou o demônio que naquela noite logo seguinte acontecesse um caso assaz espantoso, o qual foi que um tal Coja Geinal, embaixador de El-Rei de Bornéu, que havia já três ou quatro anos que residia na corte de El-Rei de Pão, e era homem muito rico, matou El-Rei por o achar com sua mulher, pela qual causa foi tamanha a revolta na cidade e em todo o povo que não parecia coisa de homens, senão de todo o Inferno junto. Vendo então alguns vadios e gente ociosa, desejosa de tais sucessos como aqueles, que o tempo e a ocasião eram muito acomodados para fazerem o que antes com temor do rei não ousavam, se juntaram numa grande companhia quase quinhentos ou seiscentos desses, e em três quadrilhas vieram à feitoria onde repousava o Tomé Lobo, e abalroando as casas por seis ou sete partes nelas entraram à força, por mais que nós as defendêssemos, e na defesa delas

foram mortas da nossa parte onze pessoas, entre as quais foram os três portugueses que eu trouxera comigo de Malaca; e o Tomé Lobo escapou com seis cutiladas, de uma das quais lhe derrubaram a face direita até ao pescoço, de que esteve à morte, pelo que a ambos nos foi forçoso largarmos-lhes a pousada com toda a fazenda que nela havia, e recolhermo-nos à lanchara, na qual prouve a Deus que escapamos com mais cinco moços e oito marinheiros; porém, da fazenda não escapou nada, a qual só em ouro e pedraria passava de cinquenta mil cruzados.

Na lanchara nos deixamos estar até que foi manhã, com assaz de aflição, porém com boa vigia para vermos em que parava a grande união que geralmente havia em todo o povo, e vendo que ia o negócio cada vez para pior havemos por melhor conselho passarmo-nos dali para Patane que pormo-nos em risco de nos acabarem ali de matar, como fizeram a mais de quatro mil pessoas. E partindo-nos logo dali, dentro de seis dias chegamos a Patane onde fomos bem recebidos dos portugueses que havia na terra, aos quais demos conta de tudo o que acontecera em Pão, e do mau estado em que ficava a miserável cidade, o que todos mostraram pesar-lhes muito, e querendo fazer sobre isso alguma coisa, movidos somente pelo zelo de bons portugueses, se foram todos a casa de El-Rei e se lhe queixaram muito da sem-razão que se fizera ao capitão de Malaca, e lhe pediram licença para se recuperarem da fazenda que lhe fora tomada, o que El-Rei lhes concedeu logo dizendo:

– Razão é que façais como vos fazem e que roubeis quem vos rouba, quanto mais ao capitão de Malaca, a quem todos sois tão obrigados.

Os portugueses todos lhe deram muitas graças por aquela mercê; e tornando-se para suas casas, assentaram que se fizesse represa em toda a coisa que achassem ser do reino de Pão, até que de todo se satisfizessem daquela perda. E dali a nove dias, sendo

avisados que no Rio de Calantão, que era dali a dezoito léguas, estavam três juncos da China muito ricos, de mercadores mouros naturais do reino de Pão, que com tempo contrário se vieram ali meter, ordenaram logo caírem sobre eles. E embarcando-se oitenta portugueses, dos trezentos que então havia na terra, em duas fustas e um navio redondo, bem aparelhados de todas as coisas necessárias à empresa que levavam, se partiram dali a três dias com grande pressa, por temerem que, se fossem sentidos pelos mouros da terra, dessem aviso aos outros mouros que eles iam buscar.

Dessas três embarcações, era capitão um tal João Fernandes de Abreu, natural da Ilha da Madeira, filho do amo de El-Rei D. João, que ia no navio redondo e levava consigo quarenta soldados, e das duas fustas eram capitães Lourenço de Góis e Vasco Sarmiento, seu primo, ambos naturais da cidade de Bragança, e todos muito esforçados e práticos na milícia naval. Ao outro dia seguinte chegaram esses nossos navios ao Rio de Calantão, e vendo que estavam surtos nele os três juncos de que tiveram novas, os acometeram muito esforçadamente, e conquanto os de dentro trabalhassem quanto puderam para os defenderem, no fim não lhes aproveitou nada, porque em menos de uma hora ficaram todos rendidos com morte de setenta e quatro deles, e dos nossos três somente, mas houve muitos feridos.

E não trato de particularizar aqui o que uns e outros fizeram, por me parecer desnecessário, somente direi o que me parece que faz mais ao caso. Rendidos e tomados os três juncos, os nossos se fizeram a vela e saíram do rio, levando os juncos consigo, porque já nesse tempo toda a terra estava amotinada, e navegando dali para Patane com bom vento chegaram lá ao outro dia quase à tarde, e surtos salvaram o porto com grande festa e estrondo de artilharia, o que os mouros da terra não suportaram. E conquanto fossem de pazes e se dessem por nossos amigos, todavia trabalharam quanto

foi possível, com peitas que deram aos regedores e aos privados de El-Rei, para que fizessem com que ele nos acoimasse o feito e nos lançasse fora da terra, o que El-Rei não quis fazer, dizendo que por nenhum caso havia de quebrar as pazes que seus antepassados tinham feitas com Malaca; mas querendo-se fazer terceiro e meter a mão entre nós e os tomados, nos pediu que satisfazendo os três Necedás, senhorios dos juncos, o que em Pão se tomara ao capitão de Malaca, lhes largassem livremente as suas embarcações, o que João Fernandes de Abreu e os mais portugueses outorgaram, pelo muito desejo que viram que El-Rei tinha disso, de que ele se mostrou muito contente e lhes agradeceu aquela boa vontade com muitas palavras.

E dessa maneira se cobraram os cinquenta mil cruzados que Pero de Faria e Tomé Lobo tinham perdidos, e os portugueses ficaram na terra com crédito e nome honroso, e muito temidos dos mouros. E esses três juncos que então se tomaram, se afirmou por dito dos que vinham neles que só em prata traziam duzentos mil taéis, que são da nossa moeda trezentos mil cruzados, fora outra muita fazenda de que vinham bem carregados.

DE UM TRISTE CASO QUE NA BARRA DE LUGOR
NOS ACONTECEU

Havendo já vinte e seis dias que eu estava aqui em Patane acabando de aviar uma pouca de fazenda que viera da China, para me ir embora logo, chegou uma fusta de Malaca, de que vinha como capitão um tal Antônio de Faria de Sousa, o qual, por mandado de Pero de Faria, vinha a fazer ali certo negócio com El-Rei e assentar com ele de novo as pazes antigas que tinha com Malaca, e agradecer-lhe o bom tratamento que no seu reino fazia aos portugueses, e outras coisas a esse modo de boa amizade, importantes ao tempo, e ao interesse da mercadoria, que na verdade era o que mais se pretendia que tudo; porém essa tenção vinha rebuçada com uma carta a modo de embaixada, acompanhada de um presente de boas peças mandadas em nome de El-Rei nosso senhor, e à custa de sua fazenda, como é costume fazerem os capitães todos naquelas partes.

Esse Antônio de Faria trazia uns dez ou doze mil cruzados em roupas da Índia, que em Malaca lhe emprestaram, as quais eram de tão má digestão naquela terra que não havia pessoa que lhe promettesse nada por elas, pelo que, vendo-se ele de todo desesperado de as poder gastar, determinou de invernar ali até lhes dar remédio por qualquer via que fosse possível; foi aconselhado por alguns homens mais antigos na terra que a mandasse a Lugor, que era uma cidade do reino de Sião, mais abaixo para o norte cem léguas, por ser porto rico e de grande escala, em que havia grande

soma de juncos da Ilha de Jaoa, dos portos de Lave, Tanjampura, Japar, Dem, Panaruca, Sidayo, Passarvo, Solor e Bornéu, que a troco de pedraria e ouro costumavam comprar bem aquelas fazendas. Antônio de Faria, parecendo-lhe bem esse conselho, determinou de o fazer assim, e ordenando logo aí na terra uma embarcao para a mandar, porque a fusta em que viera não estava para isso, fez seu feitor um tal Cristóvão Borralho, homem bem entendido no negócio da mercancia, com o qual foram dezesseis homens, chatins e soldados, com suas fazendas, parecendo-lhes que pelo menos fariam de um, seis ou sete, tanto no que levassem como no que trouxessem, na qual ida o pobre de mim acertou de ser um dos dessa companhia.

Partidos daqui um sábado pela manhã e navegando sempre ao longo da costa com ventos bonançosos, chegamos à barra de Lugar  quinta-feira seguinte pela manhã. E surgindo na boca do rio, nos deixamos aí estar todo aquele dia, informando-nos muito miudamente do que convinha, tanto para a mercancia como para a segurança de nossas pessoas. E as novas que aí achamos foram tão boas que no negócio esperávamos dobrar o dinheiro quase seis vezes, e no mais havia para todos, com liberdade e franquia para todo aquele mês de setembro, conforme o estatuto do rei do Sião, por ser o mês das zumbaias dos reis. E para que isso melhor se entenda,  necessário saber-se que em toda esta costa do Malaio, e por dentro do sertão, domina um grande rei, que por título famoso sobre todos os outros se chama Prechau Saleu, imperador de todo o Sornau, que é uma província de treze reinos a que vulgarmente chamamos Sião, ao qual estão sujeitos e pagam tributo cada ano catorze reis pequenos, os quais por costume antigo eram obrigados a ir pessoalmente todos os anos  cidade de Odiá, metrópole deste império de Sornau e reino de Sião, levar esse tributo que eram obrigados a pagar, e fazerem-lhe a zumbaia, que era beijarem-lhe o terçado que tinha na cinta.

E porque esta cidade está cinquenta léguas pela terra dentro e as correntes do rio são muito grandes, pela qual razão acontecia invernares lá esses reis muitas vezes, com muita despesa de suas fazendas, informado o Prechau, rei de Sião, disso, por petição que todos os catorze reis lhe fizeram, houve por bem mudar-lhes essa sujeição tão grande noutra mais leve, e ordenou que dali por diante houvesse nesta cidade de Lugor um vice-rei, a que em sua língua chamam poifó, ao qual esses catorze reis, de três em três anos, viessem pessoalmente dar obediência, como antes costumavam dar a El-Rei, e pagassem então por junto todos os tributos que cada um devesse de todos três anos, e que naquele mês em que eles viessem dar aquela obediência, os franqueava em suas fazendas, e a todos os mais mercadores que naquele mês entrassem e saíssem, tanto naturais como estrangeiros. E porque na conjunção em que aqui chegamos, como atrás disse, era o tempo dessa franquia, eram tantos os mercadores que vinham de todas as partes, que se afirmava serem entradas nesta cidade passante de mil e quinhentas embarcações de diversas partes, com infinidade de fazendas ricas. E essa foi a nova que achamos quando surgimos na boca do rio, com a qual ficamos todos bem alvoroçados e contentes, e determinamos que logo que viesse a viração entrávamos para dentro; porém, quis a desventura, por nossos pecados, que não víssemos isso que tanto desejávamos, porque sendo quase dez horas, estando já para jantar e com a amarra a pique para, em acabando, nos fazermos a vela, vimos vir de dentro do rio um junco muito grande só com o traquete e a mezena, e em emparelhando conosco surgiu um pouco a barlavento donde nós estávamos, e logo que foi surto, conhecendo que nós éramos portugueses e muito poucos, e nos viu a embarcação tão pequena arriando da amarra, se deixou descair sobre nós e igualando-se com a nossa proa pela banda de estibordo nos lançou dois arpéus atados em duas cadeias de ferro muito compridas, com que nos atracou a

bordo. E como a sua embarcação era muito grande e a nossa muito pequena, lhe ficamos metidos debaixo da gorja dos escovéns da proa.

Saindo então da tolda onde até então estiveram escondidos, cerca de setenta ou oitenta mouros, entre os quais havia alguns turcos de mistura, deram uma grande grita, e após ela foram tantas as pedras, os zargunchos, as lanças e as chuças de arremesso sobre nós que parecia chuva que caía do céu, com que logo em menos de um credo, dos dezesseis portugueses que éramos, doze foram mortos, com mais trinta e seis moços e marinheiros. Os quatro que escapamos nos lançamos ao mar, onde se afogou logo um deles, e os outros três fomos ter a terra bem escalavrados, e, saindo por uma vasa onde nos atolávamos até à cinta, nos metemos pelo mato. Os mouros do junco, entrando logo na nossa embarcação, acabaram ainda de matar uns seis ou sete moços que no convés acharam feridos, sem a nenhum quererem conservar a vida. E metendo no junco com a maior pressa que puderam toda a fazenda quanta acharam na embarcação, lhe fizeram um rombo com que a meteram no fundo. E largando a amarra e os arpés do abalroamento com que nos atracaram, se fizeram logo a vela, porque recearam poderem ser conhecidos.

DO QUE PASSAMOS OS TRÊS COMPANHEIROS
DEPOIS QUE NOS METEMOS PELO MATO DENTRO

Os três companheiros que escapamos daquela desventura, vendo-nos assim feridos e sem remédio nenhum, nos pusemos todos a chorar e a darmos muitas bofetadas em nós, como homens desassisados e pasmados do que tínhamos visto havia menos de meia hora; e dessa maneira passamos aquele triste dia. E vendo que a terra ali era alagadiça e cheia de muitos lagartos e cobras, havemos que o melhor conselho era deixarmo-nos ali ficar também aquela noite, a qual passamos atolados na vasa até aos peitos, e ao outro dia, sendo já manhã clara, nos fomos ao longo do rio até um esteiro pequeno que nos não atrevemos a passar, tanto por ser muito fundo como pela grande soma de lagartos que nele vimos; e ali passamos também a noite com assaz trabalho, no qual continuamos mais cinco dias, sem podermos ir atrás nem adiante, por ser tudo apaulado e com grandes ervaçais, e nesse tempo nos faleceu um dos companheiros, de nome Bastião Henriques, homem muito honrado e rico, e que na lanchara perdera oito mil cruzados. Os outros dois que ficamos somente, que éramos Cristóvão Borralho e eu, nos pusemos a chorar à borda do rio em cima do morto mal enterrado, e já nesse tempo tão fracos que nem falar podíamos, e com determinação de acabarmos ali essas poucas horas que cuidávamos que nos ficavam de vida.

Ao outro dia, que era o sétimo da nossa desventura, já quase sol posto, vimos vir a remo pelo rio acima uma barça carregada de

sal, e avançando até junto de nós, pedimos de joelhos aos remadores que nos quisessem tomar: eles, quando nos viram, pararam um pouco com os olhos postos em nós, como espantados de nos verem da maneira que estávamos de joelhos e com as mãos levantadas como quem fazia oração, e sem nos responderem fizeram mostra de quererem seguir seu caminho, com o que ambos, gritando em altas vozes, tornamos a pedir com muitas lágrimas que nos não deixassem ali morrer. Ao som desses nossos brados saiu debaixo do toldo uma mulher já de idade, que no aspecto e na gravidade de sua pessoa mostrava bem ser quem depois soubemos que era, a qual em nos vendo da maneira que estávamos, como quem se apiedava de nós e se condoía da nossa desventura, e das feridas que lhe mostramos, tomando um pau na mão fez chegar a barcaça a terra, e por três ou quatro vezes deu nos marinheiros com ele, porque recusaram. E saltando seis deles em terra, nos tomaram às costas e nos meteram dentro. Essa honrada mulher, em nos vendo assim feridos e com as camisas e calções envoltos em lama e em sangue, nos mandou logo lavar com muitos baldes de água, e dar a cada um seu pano com que por então nos cobrimos, e fazendo-nos sentar junto de si nos mandou trazer de comer, e ela mesma no-lo pôs diante, por sua mão, e nos disse:

– Comei, vós outros, pobres estrangeiros, e não vos desconsoleis por vos verdes dessa maneira, porque aqui estou eu, que sou mulher e não tão velha que passe de cinquenta anos, e há menos de seis que me vi cativa e roubada de mais de cem mil cruzados que tinha de meu, e com três filhos mortos, e um marido a quem queria mais que aos olhos com que o via, e todos, tanto pai como filhos, e dois irmãos e um genro, vi despedaçados nas trombas dos elefantes do rei de Sião, e com vida cansada e triste coei todos esses males e desgostos, e outros quase tamanhos, quais foram ver pela mesma maneira três filhas donzelas, e minha mãe e meu pai, e trinta e dois parentes meus, sobrinhos e primos, metidos

em fornos acesos, dando tamanhos gritos que rompiam o céu, para que Deus lhes valesse no tormento tão insofrível, mas foram meus pecados tamanhos que cerraram as orelhas à clemência infinita do Senhor de todos os senhores, para que não ouvisse esta petição que a mim parecia ser justa, mas na verdade o que Ele ordena isso é o melhor.

A isso lhe respondemos nós que por pecados nossos permitira Deus vermo-nos daquela maneira; ao que ela também com muitas lágrimas, que lhe não faltavam então tanto como a nós, disse:

– Bom é sempre em vossas adversidades justificardes os toques da mão do Senhor, porque nessa verdade confessada de boca e crida de coração, com constância firme e limpa, está muitas vezes o prêmio de nossos trabalhos.

E discorrendo assim por sua prática, nos perguntou pela causa da nossa desventura, e de que maneira viéramos ter àquele miserável estado. Nós lhe contamos então tudo como se passara, mas que não conhecêramos que gente era a que nos fizera aquilo, nem sabíamos a razão por que no-lo fizera. A isso responderam os seus, que aquele junco grande que dizíamos, era de um mouro guzurate, de nome Coja Acém, que aquela manhã saíra do rio e que ia carregado de pau-brasil para a Ilha do Airão.

A honrada dona, batendo então nos peitos, por sinal de grande espanto, disse:

– Que me matem se assim não é, porque esse mouro que vós outros dizeis se gabava publicamente, a quem o queria ouvir, que da geração desses homens de Malaca tinha morto por algumas vezes uma grande soma, e que lhes queria tamanho mal que tinha prometido ao seu Mafamede matar ainda outros tantos.

Nós, espantados de uma coisa tão nova, lhe respondemos que lhe pedíamos que nos dissesse que homem era aquele, ou por que dizia que nos queria tamanho mal; ao que ela disse que do porquê não sabia mais que dizer ele que um nosso grande capitão,

de nome Heitor da Silveira, lhe matara seu pai e dois irmãos em uma nau que lhe tomara no Estreito de Meca, vindo de Judá para Dabul. E por todo o caminho nos foi contando outras muitas particularidades do grande ódio que nos tinha aquele mouro, e do que em nosso vitupério contava de nós.

QUEM ERA ESSA MULHER COM QUEM ÍAMOS,
E COMO NOS MANDOU PARA PATANE, E DO QUE
FEZ ANTÔNIO DE FARIA, SABIDA A NOVA DA NOSSA
PERDIÇÃO E DA FAZENDA QUE LHE TOMARAM

Partida essa honrada mulher daqui desse lugar onde nos achara, se foi a vela e a remo pelo rio acima cerca de duas léguas, até chegar a uma aldeia pequena onde dormiu aquela noite, e quando ao outro dia foi manhã se partiu para a cidade de Lugor que era adiante cinco léguas, à qual chegou quase ao meio-dia, e desembarcando em terra foi para sua casa e nos levou consigo; e com ela estivemos vinte e três dias muito bem curados e providos de tudo o necessário com muita abundância. Essa mulher era viúva, e de geração honrada, e segundo depois soubemos fora mulher do xabândar de Prevedim, que o Pate de Lasapará, rei de Quaijuão, na Ilha de Jaoa matara na cidade de Banchá no ano de 1538. Ao tempo em que nos achou da maneira que tenho contado, vinha de um junco seu que estava na barra carregado de sal, e por ser grande e não poder passar o banco o descarregava a pouco e pouco naquela barça.

Passados os vinte e três dias que disse, em que prouve a Nosso Senhor que de todo convalescemos e nos achamos em disposição para caminhar, nos encomendou ela a um mercador seu parente que ia para Patane, que era dali a oitenta e cinco léguas, o qual nos meteu consigo num calaluz de remo em que ele mesmo ia. E navegando por um grande rio de água doce a que chamavam Sumehitão, chegamos dali a sete dias a Patane. E como Antônio de Faria estava com os olhos longos esperando por nós ou por recado

da sua fazenda, logo que nos viu e lhe contamos o que se passava, ficou todo trespassado sem nos poder falar, por espaço de mais de meia hora.

Já nesse tempo os portugueses eram tantos que não cabiam nas casas, porque da maior parte deles levava fazenda a triste lanchara, e assim o cabedal que ela levou passava de sessenta mil cruzados, de que a maior parte era em prata amoedada para se comprar com ela ouro. Antônio de Faria, vendo-se sem nenhum remédio e com os seus doze mil cruzados que em Malaca lhe emprestaram, roubados, querendo-o alguns consolar dessa perda, lhes respondeu que lhes confessava que se não atrevia a tornar a Malaca a ver o rosto aos seus credores, porque receava que o quisessem eles obrigar, pelas escrituras que lhes tinha feito, a lhes pagar o que lhes devia, o que ele então por nenhuma via podia fazer; pelo que lhe parecia ser mais razão ir buscar quem lhe tomara o seu que deixar de pagar a quem lho emprestara. E logo publicamente perante todos fez juramento nos santos Evangelhos, e disse que além do que jurara prometia também a Deus ir logo dali em busca de quem lhe tomara a sua fazenda, o qual lha havia de pagar ao galarim, ou por bem ou por mal, ainda que por bem já entendia que não podia ser por nenhuma via, porque quem lhe matara dezesseis portugueses e trinta e sei moços e marinheiros cristãos não era razão que passasse tão levemente sem algum castigo, porque se assim não fosse cada dia nos fariam uma e outra, e centos semelhantes a essa.

Os circunstantes todos lhe louvaram muito aquela determinação e se lhe ofereceram para aquela empresa muitos homens mancebos e bons soldados, e outros com empréstimos de dinheiro para se armar e se prover do necessário. Ele aceitou então de seus amigos esses oferecimentos que lhe fizeram, e com a maior brevidade que pôde se fez prestes, e dentro de dezoito dias ajuntou cinquenta e cinco soldados. Nessa ida foi também necessário ir o pobre de mim, por me ver sem um só vintém de meu, nem

quem mo desse nem emprestasse, e dever em Malaca mais de quinhentos cruzados que alguns amigos me tinham emprestado, os quais, com mais outros tantos que tinha de meu, todos por meus pecados o perro me levou na volta dos outros de que tenho contado, sem salvar de tudo quanto tinha de meu, mais que a pobre pessoa, com três zargunchadas e uma pedrada na cabeça, de que estive à morte por três ou quatro vezes, e ainda aqui em Patane me tiraram um osso antes que acabasse de sarar dela. E Cristóvão Borralho, meu companheiro, esteve ainda muito pior que eu, de outras tantas feridas que também lhe deram em pago de dois mil e quinhentos cruzados que na volta dos outros ali lhe roubaram.

COMO ANTÔNIO DE FARIA SE PARTIU PARA
A ILHA DE AINÃO EM BUSCA DO MOURO COJA ACÉM,
E DO QUE ACHOU ANTES QUE CHEGASSE A ELA

Logo que Antônio de Faria esteve de todo prestes, se partiu daqui de Patane um sábado nove de maio do ano de 1540, e fez seu caminho ao nor-noroeste, via do reino de Champá, com determinação de descobrir nele os portos e angras daquela costa, e aí, por qualquer via, com boa pilhagem se refazer de algumas coisas de que vinha falto, porque como a sua saída de Patane foi um pouco apressada, não vinha tão bem provido do necessário que não houvesse mister de refazer-se de muitas coisas, principalmente de mantimentos, e munições, e pólvora. E havendo já sete dias que velejávamos por nossa rota, havemos vista de uma ilha a que chamavam Pulo Condor, em altura de oito graus e um terço da parte do norte, e quase noroeste-sueste com a barra de Camboja, e rodeando-a por todas as partes descobrimos ao rumo de leste um bom surgidouro que se chamava Bralapisão, que distava da terra firme pouco mais de seis léguas, no qual achamos um junco de léquios que ia para o reino de Sião com um embaixador do Nautaquim de Lindau, príncipe da Ilha de Tosa, em altura de trinta e seis graus, o qual em nos vendo se fez logo a vela.

Antônio de Faria lhes mandou pelo piloto chim que levava um recado de muitos cumprimentos de boa amizade, a que responderam que tempo viria em que eles se comunicariam conosco por amizade da lei verdadeira do Deus da clemência sem termo, que com sua morte dera vida a todos os homens com herança

perpétua na casa dos bons, porque assim o tinham que havia de ser passado o meio do meio dos tempos. E com essa resposta lhe mandaram um terçado rico, com punho e bainha de ouro, com mais vinte e seis pérolas numa boceta do mesmo, feita como saleiro pequeno, de que Antônio de Faria ficou assaz magoado por lhes não poder retribuir com o que era justo, porque já ao tempo que o chim tornou com o recado iam no mar em distância de mais de uma légua.

Desembarcando nós aqui nesta ilha, estivemos nela três dias fazendo nossa aguada e pescando infinidade de sargos e corvinas que nela havia, no fim dos quais fomos demandar a costa da terra firme, em busca de um rio que se chamava Pulo Cambim, que divide o senhorio de Camboja do reino de Champá, em altura de nove graus, e chegando a ele um domingo, derradeiro dia de maio, foi o piloto surgir três léguas por ele dentro, defronte de uma povoação grande que se chamava Catimparu, na qual pacificamente e por concerto de boa amizade estivemos doze dias, em que nos provemos abastadamente de todo o necessário. E como Antônio de Faria de sua natureza era muito curioso, trabalhou por saber dessa gente que nações habitavam o sertão daquela terra e donde procedia a origem daquele grande rio; e eles lhe disseram que a origem do rio procedia de um lago que se chamava Pinator, que distava a leste daquele mar duzentas e sessenta léguas, no reino de Quitirvão, o qual lago estava cercado de grandes serranias, e no pé delas ao longo da água havia trinta e oito povoações, das quais treze somente eram grandes, e todas as mais muito pequenas, mas que só em uma dessas grandes, de nome Xincaléu, havia uma tamanha mina de ouro que se afirmava, pelo dito dos moradores da terra, que se tirava cada dia dela um bar e meio de ouro, que pela valia da nossa moeda vem a ser por ano vinte e dois milhões de ouro, na qual mina quatro senhores tinham parte, tão cobiçosos em tanta maneira que continuamente andavam em guerras uns

com os outros sobre qual deles a havia de senhorear toda, e que um desses, de nome Rajahitau, tinha no pátio das suas casas, em jarras metidas na terra até ao gargalo, seiscentos bares de ouro em pó, como o de Menancabo da Ilha de Samatra, e que se trezentos homens dos da nossa nação o acometessem com cem espingardas, que sem dúvida nenhuma seriam donos dele. E que também em outra daquelas povoações, de nome Boaquirim, havia uma pedreira de que se tiravam muitos diamantes naifes, de roca velha, de muito mor preço que os de Lave e de Tanjampura na Ilha de Jaoa. E fazendo-lhes Antônio de Faria outras muitas perguntas de coisas particulares, lhe disseram outras muitas coisas das abastanças e fertilidade da terra, que havia por esse rio acima, tanto para cobiçar quão fáceis e pouco custosas parece que serão de conquistar.

COMO DAQUI NOS PARTIMOS PARA A ILHA DE AINÃO,
ONDE HAVIA NOVAS DE QUE ESTAVA O CORSÁRIO COJA
ACÉM, E DO QUE NOS ACONTECEU NO CAMINHO

Partidos os deste Rio de Pulo Cambim, navegamos ao longo da costa do reino de Champá até uma baía que se chamava Saleyjacau, dezessete léguas adiante para o norte, na qual entramos, e por não vermos aí coisa de que lançar mão nos tornamos a sair já quase sol posto, sem fazermos mais que ver e contar os lugares que estavam ao longo da água, que ao todo eram seis, cinco pequenos como aldeias e um que parecia de mais de mil casas, cercado de grande arvoredo, com muitas ribeiras de água doce que desciam do alto da serra, a qual lhe ficava nas costas da banda do sul, a modo de muro, e não tratamos então de subir a ela, para não amotinarmos a terra. Ao outro dia pela manhã chegamos a um rio que se chamava Tobafoy, onde Antônio de Faria surgiu da banda de fora, por o piloto se não atrever a entrar dentro, dizendo que nunca ali fora nem sabia o fundo que tinha. E estando nós contudo debatendo sobre entrar ou não entrar nesse rio, houve-vos vista de um barco que de mar em fora vinha demandar o porto; e alvoroçados nós para a recebermos com todas as coisas necessárias a nosso ofício e bom propósito, a esperamos aí surtos naquele lugar onde estávamos, e passando ela por junto de nós, a salvamos a charachina (como naquelas partes dizem) com nossa bandeira de veniaga, que são as mostras e sinais de amizade que entre essa gente se costumam fazer em semelhantes tempos. Os da nau, em vez de nos responderem pelo mesmo modo, como era

de razão, parece que conhecendo que éramos portugueses, a quem não tinham boa vontade, nos mostraram de cima do chapitêu, falando com pouca cortesia, o traseiro de um cafre, e, além disso, com muitos tangeres de trombetas e tambores e sinos, deram uma grande grita e apupada a modo de desprezo e escárnio, como na verdade então faziam de nós, com o que Antônio de Faria se mostrou assaz afrontado. E mandando atirar-lhes com um berço, para ver se falavam mais a propósito, lhe responderam com cinco pelouros, três de falcão e dois de camelo, com o que ele e todos os mais ficaram embaraçados. E tomando conselho sobre o que nesse caso se faria, se assentou que por então nos deixássemos estar assim surtos ali onde estávamos, porque não era siso acometer coisa tão duvidosa, mas que quando fosse manhã se saberia que gente era e que forças trazia e que conforme o que víssemos nos determinaríamos, o qual conselho pareceu bem tanto a Antônio de Faria como a todos os mais. E pondo recado e boa vigia no que convinha, nos deixamos estar esperando pela manhã; às duas horas depois da meia-noite enxergamos no horizonte do mar três coisas pretas rentes com a água, e chamamos logo o capitão, que a esse tempo estava no convés deitado em cima de uma capoeira, e lhe mostramos o que víamos, o qual logo que o viu também, se determinou muito depressa e bradou por três ou quatro vezes: — Armas! Armas! —, o que logo se satisfez em muito breve espaço de tempo. E tornando-se a retificar no que ainda então duvidosamente tínhamos visto, enxergamos claramente serem navios de remo que vinham para nós. A gente se pôs logo toda em armas e o capitão a repartiu pelas estâncias mais importantes, e, parecendo-nos na calada do remo que podiam ser os inimigos do dia passado, por ali na terra não haver coisa de que se pudesse ter receio, disse aos soldados isto:

— Senhores e irmãos meus, é ladrão que nos vem acometer, por lhe parecer que não podemos ser mais que seis ou sete, como

ordinariamente costumamos andar nestas lorchas, e para que, com o nome de Cristo possamos a nosso salvo fazer alguma coisa que seja boa, todos se agachem para que não enxerguem eles de longe pessoa nenhuma, e então veremos o que eles determinam ou querem conosco, e as panelas de pólvora estejam muito pres-tes, porque com elas e às cutiladas me parece que se há-de isso averiguar, e cada um esconda bem o morrão para que não vejam fogo e lhes pareça que dormimos todos.

Tudo se pôs por obra assim como ele o ordenou com muita prudência e acordo. Chegadas as três embarcações a pouco mais de tiro de besta da nossa lorcha, nos rodearam por popa e por proa, e depois de a terem muito bem visto se tornaram a juntar como quem de novo fazia conselho, em que gastaram pouco mais ou menos um quarto de hora, e após isso se dividiram em duas partes, as duas embarcações mais pequenas por popa, e a champaña, que era maior e trazia quase toda a força de gente, pela banda de estibordo. Os inimigos subindo todos juntamente com grande pressa, cada um pela parte que lhe cabia, em menos de um credo foram mais de quarenta dentro da nossa lorcha. Antônio de Faria saiu então do toldo onde estava com cerca de quarenta soldados, e bradando por Santiago deu neles com tanto ímpeto e esforço que em muito pequeno espaço de tempo foram quase todos mortos, e acudindo com muitas panelas de pólvora sobre os que estavam a bordo nas três embarcações os acabaram de matar de todo, e lançá-los todos ao mar, e, saltando com esse alvoroço alguns dos nossos soldados nas suas embarcações, lhas tomaram todas três, de maneira que prouve a Nosso Senhor que tudo a nosso salvo nos ficou nas mãos. Dos inimigos que se lançaram na água, se tomaram cinco que estavam ainda vivos, dos quais foi um o cafre que nos mostrara o traseiro, e os outros eram um turco e dois achéns, e o capitão do junco, que se chamava Similau, grande corsário e inimigo nosso, os quais Antônio de Faria mandou logo meter a

tormento para saber deles que gentes eram, e donde vinham ou o que nos queriam; os achéns e o turco responderam muito fora de toda a razão, e querendo também guindar o cafre para lhe darem maus-tratos, o qual já nesse tempo estava atado, ele chorando com grandes urros disse que lhe não fizessem mal, que era cristão como qualquer de nós e que sem tratos diria toda a verdade.

Antônio de Faria o mandou então desatar e o chegou para junto de si e lhe mandou dar um bocado de biscoito e uma vez de vinho. E, afagando-o com palavras brandas, lhe rogou que lhe descobrisse toda a verdade, pois era cristão como dizia, ao que ele respondeu:

– Se o eu não disser a vossa mercê, não seja eu esse que disse. A mim, senhor, me chamam Bastião, e fui cativo de Gaspar de Melo, que esse perro que aí está atado matou faz agora dois anos em Liampó, com mais vinte e seis portugueses que ele trazia consigo na sua nau.

Antônio de Faria, dando a isso um grande grito a modo de espanto, disse:

– Tá, tá, tá, não quero saber mais! Esse é o perro do Similau que matou teu senhor?

– Sim – respondeu ele –, o que também agora quisera fazer a vossa mercê porque lhe pareceu que não poderíeis ser mais que seis ou sete, e por isso se embarcou assim tão depressa, com determinação, como ele dizia, de vos tomar a todos às mãos, e vivos vos mandar lançar os miolos fora com uma tranca, como fizera a meu senhor, mas permitiu Deus que pagasse o que tinha feito.

Antônio de Faria, vendo o que lhe disse esse moço cafre, o qual lhe afirmara por muitas vezes que toda a gente de peleja o perro ali trouxera consigo e que no junco não tinham ficado mais que quarenta marinheiros chins, determinou de se aproveitar daquele bom sucesso. E depois de fazer dar a morte ao Similau e aos outros seus companheiros, que foi a lhes mandar lançar os miolos

fora com uma tranca, assim como ele fizera em Liampó a Gaspar de Melo e aos outros portugueses, se embarcou logo com trinta soldados no batel, e nas manchuas em que os inimigos vieram, e com conjunção de maré e de bom vento em menos de uma hora chegou ao junco que estava surto dentro no rio uma légua adiante donde nós estávamos, e arremetendo a ele sem estrondo de grita nenhuma se assenhoreou do chapitéu de popa, donde só com quatro panelas de pólvora que lhes lançou no convés onde a canalha estava deitada os fez lançar todos ao mar, de que morreram dez ou doze, e os mais por andarem bradando na água que se afogavam, mandou Antônio de Faria que os recolhessem, por serem necessários para a mareação do junco, que era muito grande e muito alteroso.

E por toda essa via, que assim se passou na verdade, prouve a Nosso Senhor por justo juízo de sua divina justiça que a soberba desse perro fosse o meio de que nele se fizesse a execução do castigo de seus males, para que a mãos de portugueses pagasse o que lhes tinha feito. Já quando isso acabou de se concluir era quase manhã, e fazendo-se então inventário de toda a presa se acharam trinta e seis mil taéis em prata do Japão, que da nossa moeda, à razão de seis tostões por tael, fazem cinquenta e quatro mil cruzados, fora outra muita sorte de fazendas, a que então se não pôs preço por não dar o tempo lugar para haver ali mais detença, por estar já a terra toda amotinada e apercebida de muitas jangadas de fogo, pelo que foi necessário sair logo Antônio de Faria dali donde estava, e fazer-se a vela, e partir-se com muita pressa.

COMO ANTÔNIO DE FARIA CHEGOU AO RIO
DE TINACOREU, O QUE OS NOSSOS CHAMAM VARELA,
E DA INFORMAÇÃO QUE NAQUELE REINO
LHE DERAM UNS MERCADORES

Desse Rio de Tobasoy se partiu Antônio de Faria uma quarta-feira pela manhã, véspera do Corpo de Deus, do ano de 1540. E fez seu caminho ao longo da costa do reino de Champá, para não desgarrar com ventos leste, que o mais do tempo cursam naquele clima muito tempestuosos, principalmente nas conjunções das luas novas e cheias; e logo à sexta-feira seguinte, sendo tão avante como o rio a que os naturais da terra chamam Tinacoreu, e os nossos, Varela, lhe pareceu bem, por conselho de alguns, entrar dentro nele para aí tomar informação de algumas coisas que desejava saber, e para também ver se achava aí novas do Coja Acém que ia buscar, porque todos os juncos de Sião e de toda a costa do Malaio que navegavam para a China, costumavam fazer suas escalas nesse rio e às vezes vendem bem suas fazendas a troco de ouro, e calambá, e marfim, de que em todo este reino há muito grande quantidade.

E surgindo da barra para dentro, defronte de uma povoação pequena a que chamavam Taiquileu, nos vieram logo muitos paraus de fresco a bordo, os quais vendo, que éramos gente nova que eles ali nunca tinham visto, ficaram muito espantados, dizendo uns para os outros:

– Grande novidade deve ser essa com que nos Deus agora visita, e queira Ele por sua bondade que não seja esta nação barbada daqueles que por seu proveito e interesse espiam a terra como

mercadores e depois a salteiam como ladrões. Acolhamo-nos ao mato, antes que as faíscas desses tições branqueados no rosto com a alvura da cinza que trazem por cima queimem as casas em que vivemos e abrasem os campos de nossas lavouras, como têm por costume nas terras alheias.

Ao que outros responderam:

– Não seja assim, já que por nossos pecados os temos das portas adentro, e não entendam de nós que como inimigos nos receamos deles, porque mais depressa se declararão conosco, mas com semblante alegre e palavras brandas lhes perguntemos o que querem, para que sabida a verdade deles a escrevamos logo ao Hoyá Paquir, em Congrau, onde agora está.

Antônio de Faria, fingindo que os não entendia, embora na embarcação houvesse muitos intérpretes, os recebeu com bom acolhimento, e comprando-lhes o refresco que traziam lhos mandou pagar como eles quiseram, de que eles se mostraram muito satisfeitos.

E perguntando-lhe eles donde era ou o que queria, lhes disse ele que era do reino de Sião, do bairro dos estrangeiros de Tanaçarim, e que ia de veniaga como mercador que era, para a ilha dos léquios a fazer sua fazenda, e que não entrara ali a mais do que a saber de um mercador seu amigo que se chamava Coja Acém, que também para lá ia, e se era já passado adiante, pelo que logo se queria ir embora, tanto para não perder a monção como também por ter entendido que não podia ali vender o que levava. Ao que eles responderam:

– Dizes verdade, porque aqui nesta aldeia não há mais que redes e paraus de pescar, com que pobrementemente nos sustentamos; porém, se tu foras por este rio acima à cidade de Pilauacém onde está El-Rei, nós te assegurávamos que em menos de cinco dias venderas dez juncos desses carregados de todas as fazendas que trouxeras, por muito ricas que forem, porque há lá mercadores

muito importantes que tratam de cá filas de elefantes, e de bois e de camelos para toda a terra dos lauhós e pafuás e guéus, que são povos de gentes muito ricas.

Vendo Antônio de Faria a matéria disposta para se informar do que desejava saber, os esteve inquirindo muito miudamente, a que alguns deles que pareciam de mais autoridade responderam muito a propósito, dizendo:

– Este rio em que agora estás surto se chama Tinacoreu, ao qual já alguns antigamente chamaram Taraulachim, que quer dizer massa farta, nome que com muita razão lhe foi posto, segundo os antigos ainda agora nos contam, o qual assim como o vês, com este próprio fundo e largura, chega até Moncalor, que é uma serra daqui a oitenta léguas, e daí para diante é muito mais largo mas tem menos fundo e em algumas partes tem campos baixos e alagadiços, nos quais há infinidade de aves que cobrem toda a terra e são em tanta quantidade que por causa delas se despovoou faz agora quarenta e dois anos todo o reino dos chintaleuhós, que era de oito dias de caminho. Mas passada essa terra das aves se entra em outra muito mais agreste e de grandes serranias, onde há outros muitos animais muito piores ainda que as aves, como sejam elefantes, badas, leões, porcos, búfalos e gado vacuum em tanta quantidade que coisa nenhuma que os homens cultivem para remédio de sua vida lhes deixa em pé, sem se lho poder tolher por nenhuma via. E no meio de toda esta terra, ou reino, como já foi antigamente, está um grande lago a que os naturais da terra chamam Cunebeté, e outros o nomeiam por Chiammay, do qual procede esse rio com outros três mais, que regam muito grande quantidade desta terra, o qual lago, segundo afirmam os que escreveram sobre ele, tem em roda sessenta jaus, de três léguas cada jau, ao longo do qual há muitas minas de prata, cobre, estanho e chumbo, de que continuamente se tira muita quantidade desses metais que, de veniaga, levam mercadores, em cáfilas de elefantes

e badas, aos reinos de Sornau, que é o de Sião, Passiloco, Savady, Tangu, Prom, Calaminham e outras províncias que pelo sertão desta costa de dois e três meses de caminho estão divididas em senhorios e reinos de gentes brancas, de baças e de outras mais pretas. E em retorno dessas fazendas se traz muito ouro e diamantes e rubis.

E perguntados se tinham essas gentes armas, responderam que não tinham outras senão somente paus tostados e crises de dois palmos de corte; e também disseram que se podia lá ir por aquele rio em dois meses até dois e meio de caminho, e isso por causa das águas que desciam com muito ímpeto a maior parte do ano, porém que à vinda se vinha em oito até dez dias. E após essas perguntas lhes fez Antônio de Faria outras muitas, a que eles responderam muitas coisas daquela terra, assaz merecedoras de qualquer grande espírito desejar de se empregar nelas, e quiçá com muito mor proveito e menos custo tanto de sangue como de tudo o mais, do que em tudo o da Índia, em que tanto cabedal se tem metido até agora.

XLII

DO CAMINHO QUE ANTÔNIO DE FARIA FEZ, INDO DEMANDAR A ILHA DE AINÃO, E DO QUE LHE ACONTECEU NELE

Na quarta-feira seguinte nos saímos logo deste Rio Varela, de nome Tinacoreu, e ao piloto pareceu bem ir demandar Pulo Champeiló, que é uma ilha despovoada que está na boca da enseada da Cochinchina, a catorze graus e um terço da banda do norte. E chegando a ela, ancoramos em uma angra de bom surgidouro, donde depois que estivemos três dias fazendo-nos prestes e pondo a artilharia no modo conveniente a nosso propósito nos partimos via da Ilha de Ainão, parecendo a Antônio de Faria que aí achasse o Coja Acém que andava buscando. E chegando à vista do morro de Pulo Capás, que é a primeira mostra da ponta da ilha, não fez nesse dia mais que chegar-se bem à terra para divisar os rios e portos daquela costa, e ver que entradas tinham. E logo que foi noite, porque a lorcha em que viera de Patane fazia muita água, ordenou por parecer de todos os soldados que antes de bulir em outra nenhuma coisa se passasse a outra melhor embarcação, o que logo foi feito. E chegando a um rio que ao pôr do sol vimos ao rumo de leste, mandou surgir no mar a uma légua dele, porque o junco em que vinha era grande e demandava muito fundo, e se temia dos muitos baixos que todo aquele dia tínhamos visto, e mandou a Cristóvão Borrvalho que fosse na lorcha com seus catorze soldados por dentro do rio e visse que fogos eram os que defronte apareciam, o qual se partiu logo sem mais detença e indo já mais de uma légua pelo rio dentro,

foi dar de rosto com uma companhia de quarenta juncos muito grandes e alterosos, de duas e três gáveas cada um, e por se temer que fossem da armada do mandarim, de que já tínhamos algumas atoardas, surgiu um pouco longe deles, e quando a maré começou a encher, que seria já quase meia-noite, levou a amarra muito caladamente e passou adiante para onde tinha visto os fogos, de que a maior parte já nesse tempo estavam apagados, e não havia mais que dois ou três que de quando em quando apareciam, os quais lhe serviam de guia. E continuando por essa ordem seu caminho, foi dar a uma grandíssima quantidade de navios grandes e pequenos, que segundo o esmo de alguns seriam mais de dois mil barcos, e passando com a calada do remo por entre eles chegou ao lugar que era uma povoação de mais de dez mil vizinhos, cercada de muro de tijolo com suas torres e baluartes ao nosso modo, com barbacãs e duas cavas de água ao redor. Aqui, dos catorze soldados que iam na lorcha, desembarcaram cinco em terra, com mais dois chins da equipagem que deixaram como reféns suas mulheres no junco, e correram o lugar todo por fora em roda, em que gastaram quase três horas, sem haver nunca quem os sentisse, e tornando-se a embarcar se saíram a remo e a vela, sem rumor ou rebulição algum, por temerem que, se aí quisessem bulir com alguma coisa, nenhum deles escaparia. Saídos do rio acharam na barra um junco surto que lhes pareceu ser barco de outra costa, o qual havia pouco que tinha surgido, e chegados onde Antônio de Faria estava, o informaram do que tinham visto e da grossa armada que estava dentro no rio, e do junco que acharam surto na barra, dizendo-lhe muitas vezes que quiçá poderia ser aquele o perro do Coja Acém que ele buscava, com a qual nova ele ficou tão alvoroçado que sem mais esperar um momento, largando a amarra com que estava surto, se fez a vela, dizendo que o seu coração lhe dizia que sem dúvida nenhuma era aquele, e que a isso poria a cabeça, e que sendo aquele nos certificava que haveria por bem empregado morrer na

demanda a troco de se vingar de quem tanto mal lhe fizera, e que à lei de bom homem jurava que o não dizia pelos seus doze mil cruzados, que já lhe não lembravam, senão só pelos catorze portugueses que o perro lhe tinha morto. E chegando à vista do junco, mandou que a lorchá se passasse para a outra banda, para que abalroassem ambos juntamente, e que ninguém disparasse nenhum tiro de fogo, para que não sentissem os juncos da armada que estavam dentro do rio o som da artilharia, porque acudiriam a ver o que era.

Logo que as nossas embarcações chegaram ao lugar onde estava surto o junco, ele foi logo abalroado sem nenhuma detença, e saltando dentro vinte soldados se assenhorearam dele sem resistência alguma, e a maior parte da gente dele se lançou ao mar. Alguns dos inimigos que eram de mais ânimo, depois de tornarem a si, quiseram fazer rosto aos nossos, porém Antônio de Faria se lançou logo dentro muito depressa com mais outros vinte soldados que tinha consigo, e dando Santiago neles, lhes derrubou mais de trinta, e os que ficaram vivos que se tinham lançado ao mar mandou que os tomassem porque lhe eram necessários para a equipagem. E desejando saber que gente era e donde vinha, mandou meter uns quatro deles a tormentos, dos quais dois se deixaram morrer emperradamente, sem quererem confessar nenhuma coisa. E tomando um moço pequeno para lhe fazerem o mesmo, um velho que jazia ali deitado, que era seu pai, bradou rijo chorando que o ouvissem antes que fizessem mal àquele moço; Antônio de Faria mandou então parar os ministros da execução e lhe disse que dissesse o que quisesse, mas que fosse verdade, porque se lhe mentisse soubesse certo que a ele e ao filho havia de mandar lançar vivos ao mar, e se lhe falasse verdade lhe prometia os mandar pôr a ambos em terra livremente com toda a fazenda que por seu juramento dissesse que era sua. Ao que o mouro respondeu:

– Aceito, senhor, essa promessa sobre tua palavra, ainda que este ofício em que agora andas não é muito conforme à lei cristã

que no batismo professaste – com o que Antônio de Faria ficou tão atrapalhado que não soube que lhe respondesse, e mandando-o chegar para junto de si o inquiriu com brandura e afabilidade, e sem nenhuma ameaça.

XLII

DO QUE ESSE HOMEM RESPONDEU ÀS PERGUNTAS QUE LHE FEZ ANTÔNIO DE FARIA, E DO MAIS QUE AÍ ACONTECEU

Chegando esse homem junto de Antônio de Faria, vendo ele que era branco como qualquer de nós, lhe perguntou se era turco ou parse, ao que ele respondeu que não, mas que era cristão, natural do Monte Sinai, onde estava o corpo da bem-aventurada Santa Catarina; a isso lhe replicou Antônio de Faria que pois era cristão como dizia, como não andava entre cristãos?, ao que ele respondeu que era mercador e de boa progênie, de nome Tomé Mostangue, e que estando surto com uma nau sua no porto de Judá no ano de 1538, o Solimão Baxá, vice-rei do Cairo, lha mandara tomar como fizera a mais outras sete, para trazerem mantimentos e munições para fornecimento da armada das sessenta galés em que vinha por mandado do turco, para restituir o Sultão Bandur ao reino de Cambaia, de que o Mogor naquele tempo o tinha desapossado, e lançar os portugueses fora da Índia, e que vindo ele na mesma nau para a beneficiar e arrecadar o seu frete que lhe tinham prometido, os turcos, além de lhe mentirem em tudo como sempre costumam, lhe tomaram sua mulher e uma filha pequena que trazia consigo, e perante ele as desonraram publicamente, e porque um filho seu chorando se lhes queixou desse grande mal lho lançaram vivo ao mar, atado de pés e mãos, e a ele meteram em ferros e lhe davam todos os dias muitos açoites e lhe tomaram sua fazenda, que era mais de cem mil cruzados, dizendo que não era lícito lograr bens de Deus senão aos massoleimões

justos e santos como eles; e porque neste meio-tempo lhe faleceram a mulher e a filha, como desesperado se lançara uma noite ao mar na barra de Diu, com aquele moço seu filho, donde por terra fora ter a Surrate e daí viera ter a Malaca em uma nau de Garcia de Sá, capitão de Baçaim, donde por mandado de D. Estêvão da Gama fora à China com Cristóvão Sardinha, que fora feitor de Maluco, o qual, estando uma noite surto em Singapura, o Quiay Taijão, senhor daquele junco, matara com mais vinte e seis portugueses, e que a ele por ser bombardeiro conservara a vida e o trazia consigo como seu condestável. Ao que Antônio de Faria, dando um grande brado e batendo com a mão na testa a modo de espanto, disse:

– Oh valha-me Deus, oh valha-me Deus, parece que é sonho isso que ouço!

E virando-se para os soldados que estavam à roda lhes contou todo o discurso da vida daquele Quiay Taijão, e lhes afirmou que por algumas vezes tinha morto em embarcações desencaminhadas que achara pelo mar, e com pouca força, mais de cem portugueses, e roubado passante de cem mil cruzados, e que, ainda que o seu nome era o que aquele armênio dizia, Quiay Taijão, depois que em Singapura matara Cristóvão Sardinha, se nomeava por vanglória do que fizera, Capitão Sardinha; e perguntando ao armênio por ele ou onde estava, disse que estava escondido na proa do junco, no paiol das amarras, muito ferido com mais outros seis ou sete. Antônio de Faria se levantou logo com muita pressa e se foi ao lugar onde o perro estava, e os mais soldados se foram atrás dele, e abrindo o escotilhão do paiol para ver se era verdade o que o armênio dissera, o perro com seis que com ele estavam, se saíram por outro escotilhão que estava mais abaixo, e feitos amoucos arremeteram aos nossos, que passavam de trinta, fora outros quarenta moços, e de novo se tornou a travar a briga, de tal maneira que em pouco mais de três credos em que os nossos os acabaram de matar eles nos mataram dois portugueses e sete

moços, e feriram mais de vinte; e o Capitão Antônio de Faria ficou com duas cutiladas na cabeça e uma num braço, de que esteve maltratado.

Acabado esse destroço, e depois de serem curados todos os feridos, que seria já quase às dez horas, se mandou fazer a vela por se temer dos quarenta juncos da armada que estavam dentro no rio, e afastando-nos bem da terra fomos surgir já quase noite na outra costa da Cochinchina, onde se fez inventário do que trazia o junco deste ladrão, e se acharam quinhentos bares de pimenta, de cinquenta quintais o bar, e sessenta de sândalo, e quarenta de noz e maça, e oitenta de estanho, e trinta de marfim, e doze de cera, e cinco de águila fina, o que, pela valia da terra, podia montar até sessenta mil cruzados, fora um camelo e quatro falcões, e treze berços de metal, da qual artilharia a maior parte fora nossa, a qual esse mouro tinha roubado na nau de Cristóvão Sardinha e no junco de Bartolomeu de Matos. E acharam-se mais três arcas encouradas, com muitas colchas e vestidos de portugueses, e um prato de prata de água para as mãos, dourado, com seu gomil e saleiro da mesma maneira, e vinte e duas colheres, e três castiçais, e cinco copos dourados, e cinquenta e oito espingardas, e sessenta e duas corjas de roupa de Bengala, o qual móvel todo fora de portugueses, e dezoito quintais de pólvora, e nove crianças de seis até oito anos, todos com bragas nas pernas e algemas nas mãos, e tais que era lástima vê-las da maneira que estavam, porque não traziam mais que as peles somente pegadas nos ossos.

COMO ANTÔNIO DE FARIA CHEGOU À BAÍA DE CAMOY,
ONDE SE FAZ A PESCARIA DAS PÉROLAS
DO REI DA CHINA

Ao outro dia à tarde se partiu Antônio de Faria daquele lugar onde estava surto e tornou a demandar a costa de Ainão. E bordejando aquele dia e a noite seguinte ao longo dela, por fundo de vinte e cinco até trinta braças, foi amanhecer no meio de uma grande baía onde andavam algumas barcaças pescando aljofre, e, não sabendo determinar o caminho que daqui levaria, gastou toda aquela manhã a se aconselhar nesse caso, em que houve pareceres muito diferentes, porque a uns parecia bem que se tomassem as barcaças que andavam pescando aljofre, outros diziam que não, mas que se houvessem com elas por via de resgate, porque, a troco das muitas pérolas que ali havia, podia bem desbaratar a maior parte da fazenda que levava. E concluindo por fim, de todos esses vários pareceres, no melhor e mais seguro, mandou levantar bandeira de veniaga ao costume da China, pelo que logo vieram da terra duas lan-teias, que são como fustas com muito fresco, e os que vinham nelas, depois de fazerem duas salvas, entraram dentro do junco grande em que vinha Antônio de Faria; porém vendo nele gente que até então nunca ali tinham visto, ficaram muito espantados e perguntando que homens éramos ou que queríamos lhes foi respondido que éramos mercadores naturais do reino de Sião, e que vínhamos ali a fazer fazenda com eles, se para isso nos dessem licença, ao que um homem velho que parecia de mais

autoridade respondeu que sim, mas que aquele lugar onde estávamos não era onde ela se fazia, mas sim outro porto mais adiante que se chamava Guanboy, porque nele estava a casa do contrato da gente estrangeira que a ele vinha, como em Cantão, e no Chinchéu, e Lamau, e Comhay, e Sumbor, e Liampó, e outras cidades que estavam ao longo do mar para desembarcação dos navegantes que vinham de fora, pelo qual lhe aconselhavam, por ser a cabeça dos membros que trazia debaixo do seu governo, que se fosse dali, porque aquele lugar não servia de mais que de pescaria de pérolas para tesouro da casa do filho do Sol, na qual por regimento do tutão de Comhay, que era o supremo governador de toda aquela Cochinchina, não podiam andar mais que só aquelas barcaças que para isso estavam determinadas, e todo o outro navio que se achava ali mais era logo por pena de justiça queimado com toda a gente que nele vinha.

E pois ele era estrangeiro e não sabia o costume e as leis daquela terra, o avisavam para que se fosse logo antes que viesse o mandarim da armada, que não podia tardar senão três até quatro dias, o qual estava tomando mantimentos em um lugar dali a sete léguas, de nome Buhaquirim.

E perguntando-lhe Antônio de Faria que navios trazia e que gente, lhe disse que quarenta juncos grandes e vinte e cinco vancões de remo, em que vinham sete mil homens, cinco mil de peleja e dois mil do mar. E perguntando quanto tempo residia ali, respondeu que todos os seis meses de pescaria, que era da entrada de março até fim de agosto. E tornando-lhe a perguntar que direitos pagavam naquela pescaria e que rendia naqueles seis meses, respondeu que das pérolas de cinco quilates acima, dois terços, e das mais baixas, a metade, e do aljofre, o terço; e que quanto à renda, não era certa porque nuns anos se pescava mais e noutros menos, mas que lhe parecia que uns por outros rendia quatrocentos mil taéis.

Antônio de Faria lhe fez muito bom acolhimento, como quem desejava saber aquelas coisas miudamente, e lhe mandou dar dois pães de cera, e um saco de pimenta, e um dente de marfim, de que esse velho com todos os mais ficaram muito satisfeitos. E tornando-lhes a perguntar de que tamanho era aquela Ilha de Ainão de que tantas grandezas lhe contavam, lhe responderam eles:

– Dize-nos tu primeiro quem és ou a que vens, e então te responderemos às tuas perguntas, porque te certificamos em lei de verdade que nunca em nossos dias vimos tanta gente manceba em navios de veniaga, como esta que aqui trazes contigo, nem tão polida e bem-tratada, pelo que nos parece que ou na sua terra as sedas da China são tão baratas que não valem nada, ou eles as tomaram tanto de graça que darão por elas muito menos do que valiam, porque vemos que por seu passatempo ao lanço de três dados arremessam uma peça de damasco tanto sem piedade como homens a quem ela custou pouco; ao que Antônio de Faria se sorriu algum tanto secamente, porque entendeu que já eles atinavam que eram furtadas, e lhes disse que eles faziam aquilo como homens mancebos e filhos de mercadores ricos, que por serem moços estimavam as coisas em menos do que valiam, a que eles dissimulando o que já entendiam, responderam:

– Assim parece que deve ser como dizes.

Antônio de Faria acenou então para os soldados que levantassem mão do jogo e da porfia que tinham e escondessem as peças que estavam rifando, para que as não conhecessem aqueles homens, que os teriam na conta de ladrões, e ele o fizeram logo; e, querendo satisfazer à desconfiança dos chins, para não acabarem de se certificar de todo do que já imaginavam, que era sermos nós gente de mau título, lhes mandou abrir as escotilhas do junco que a noite antes se tomara ao Capitão Sardinha, que estava carregado de pimenta, os quais, em o vendo abarrotado da maneira que

estava, ficaram algum tanto mais quietos e fora de suas suspeitas, dizendo uns para os outros:

– Ora que já sabemos que são mercadores, bem lhes podemos responder a suas perguntas, para que não cuidem de nós que por sermos boçais o deixamos de fazer, como homens que não sabemos mais que pescar ostras e peixe.

DO QUE UM MERCADOR AQUI DISSE A
ANTÔNIO DE FARIA ACERCA DAS GRANDEZAS DESTA
ILHA DE AINÃO

Querendo esse mercador de alguma maneira satisfazer ao que Antônio de Faria lhe tinha perguntado, lhe disse:

– Agora, senhor, que sei quem és, e que com coração limpo deves querer saber o que perguntas, te direi o que disso tenho sabido e ouvido por algumas vezes a homens que antigamente governaram este anchacilado. Estes diziam que esta ilha era senhorio absoluto por si, e de um rei muito rico, o qual, de nome maior e mais alevantado sobre todos os monarcas daquele tempo, se chamava Prechau Gamu; falecendo este sem deixar herdeiro, houve nos povos muito grande discórdia sobre quem sucederia no reino, a qual foi em tanto crescimento e chegou a derramar tanto sangue que afirmam as crônicas que disso tratam que em só quatro anos e meio morreram a ferro dezesseis lacasás de homens, e cada lacasá tem cem mil, pela qual causa ficou a terra tão vazia de defensores e tão desamparada que o rei dos cauchins a conquistou e se fez senhor dela com só sete mil mogores que o tártaro lhe mandou da cidade de Tuymicão, que naquele tempo era a metrópole do seu império. Conquistada esta Ilha de Ainão, o cauchim se tornou a recolher para o seu reino e deixou nela como governador um seu capitão chamado Hoyha Paguarol, o qual se lhe levantou com ela por algumas justas razões que para isso teve. E tomando por seu valedor o rei da China, se fez seu tributário em quatrocentos

mil taéis por ano, que de moeda estrangeira são seiscentos mil cruzados; e o rei chim se lhe obrigou por isso ao defender de seus inimigos todas as vezes que lhe cumprisse. Essa conformidade durou entre eles por tempo de treze anos, dentro dos quais o rei dos cauchins foi cinco vezes desbaratado em campo, e, falecendo o Hoyha Paguarol sem filho herdeiro, por esse benefício que em sua vida recebera do rei da China, o declarou em seu testamento por seu legítimo herdeiro e sucessor, pelo qual de então até agora, que são duzentos e trinta e cinco anos, esta Ilha de Ainão ficou metida no cetro desse grande chim. E quanto ao que me perguntaste dos tesouros, rendas e povos desta ilha, disso não sei mais que o que tenho ouvido a alguns antigos que como tutões e chaéns governaram em outro tempo este anchacilado de Ainão, os quais diziam que chegavam toda a renda e minas de prata, com as alfândegas dos portos do mar, a dois contos e meio de taéis.

E espantando-se Antônio de Faria e os mais portugueses que estavam com ele de tamanhas grandezas, como este mercador lhes dizia, lhe tornou ele:

– Se vós outros desta pouquidade fazeis tamanho caso, que faríeis se vísseis a cidade de Pequim onde sempre reside o filho do Sol com sua corte e onde vão ter todos os rendimentos dos trinta e dois reinos desta monarquia, que somente de ouro e prata que se tira das oitenta e seis minas se afirma que são mais de quinze mil picos?

Antônio de Faria, depois de lhe dar graças por quanto a propósito lhe respondera a suas perguntas, lhe rogou muito que lhe dissesse em que porto lhe aconselhava que fosse vender aquela fazenda, que fosse mais seguro e de melhor gente, pois não tinha monção para passar a Liampó, ao que ele respondeu:

– Aconselho-te como amigo que não entres em nenhum desta Ilha de Ainão, nem te fies dos chins desta terra, porque te afirmo que nenhum te há de falar verdade em coisa que te diga, e fia-te de

mim porque sou muito rico e não te hei de mentir como homem pobre. E assim te aconselho que te vás por esta enseada dentro, e sempre com prumo na mão porque tem muitos baixos e muito perigosos, até um bom rio que se chama Tanauquir, porque nele tens bom surgidouro em que podes estar seguro e à tua vontade, e em dois dias poderás vender toda essa fazenda que levas e outra muita mais se a tiveres, mas não te aconselho que a desembarques em terra, porque muitas vezes a vista causa cobiça, e a cobiça desmancho na gente quieta, quanto mais na revoltosa e de má consciência, que tem por natureza inclinar-se a tomar o alheio que a dar do seu aos necessitados, pelo amor de Deus.

Após isso, ele e os outros que trazia consigo se despediram do capitão e dos portugueses com muitas palavras de cumprimentos de que comumente não são nada avarentos, e a Antônio de Faria, em retorno do que lhe tinha dado, deu uma boceta de tartaruga, pequena como um saleiro, cheia de grãos de aljofre, e doze pérolas de honesta grandeza, dizendo que lhes perdoasse por não fazerem ali fazenda com ele, porque receavam que os matassem por isso, conforme a rigorosa lei da justiça daquela terra, e que lhe rogava que logo se fosse, antes que viesse o mandarim da armada, porque se ali o achasse soubesse certo que lhe havia de queimar as embarcações.

Não quis Antônio de Faria enjeitar o conselho desse homem, e, receando que pudesse ser verdade o que lhe ele dizia, se fez logo a vela, e, passando-se à outra costa da banda do sul, em dois dias de ventos oeste chegou ao Rio de Tanauquir, no qual surgiu defronte de uma aldeia pequena chamada Neytor.

DO QUE ANTÔNIO DE FARIA PASSOU
NESTE RIO DE TANAUQUIR COM UM CORSÁRIO
RENEGADO, DE NOME FRANCISCO DE SÁ

Na boca deste Rio de Tanauquir nos deixamos estar surtos aquela noite com tenção de logo que fosse manhã nos irmos para a cidade, que era dali a cinco léguas, a ver se nela por qualquer via de concerto podíamos vender a fazenda que levávamos, porque, como era muita, trazíamos as embarcações tão carregadas que não havia dia que não déssemos duas, três vezes em seco nos baixos dos parcéis, que em partes eram de quatro a cinco léguas, com uns alfaques de coroas de areia tão baixas que não ousávamos velejar senão muito de dia, e sempre com o prumo na mão, pelo que se assentou que antes que se entendesse em outra coisa alguma nos despejássemos de toda a fazenda que levávamos, e por isso Antônio de Faria não cuidava em outra coisa senão em buscar porto onde a vendesse.

E trazendo-nos Nosso Senhor a este, para nele se dar efeito a essa vontade, trabalhamos quase toda aquela noite para às toas nos metermos da boca do rio para dentro, porque era tamanho o ímpeto da corrente que com todas as velas metidas nos abatia a julavento do porto. E estando nós nesse trabalho e com o convés tão empachado de amarras e calabretes que quase nos não podíamos revolver, nos saíram de dentro do rio dois juncos muito grandes, forçados com bailéus postiços nas popas e proas, com suas sobre-gáveas de toldos de seda e apavesados todos em roda com paveses pintados de vermelho e preto, que os faziam muito guerreiros. E

encadeando-se um no outro para que a força lhes ficasse toda junta, acometeram tão aceleradamente que nem vagar tivemos para nos aparelharmos, pelo qual nos foi forçoso lançar as amarras e as driças assim como estavam, ao mar, para fazer artilharia lesta, que era o que então mais nos servia.

Chegados os dois juncos a nós com grande grita e estrondo de tambores e sinos, primeira surriada de três com que nos hospedaram, foi de vinte e seis peças de artilharia, de que nove eram falcões e camelos, por onde se entendeu logo que era gente da outra costa do Malaio, o que algum tanto nos meteu em confusão. Antônio de Faria, como sagaz que era, como os viu ambos encadeados, logo lhes entendeu a tenção com que vinham e fez que lhes ia fugindo para o mar, tanto para lhe ficar tempo para se aparelhar como para lhes dar a entender que éramos outra gente; mas eles também como práticos nesse ofício em que andavam, desejando que lhes não fosse a presa das mãos, se desaferraram um do outro para nos poderem melhor alcançar, e chegando a nós, nos abalroaram logo e nos lançaram tanta quantidade de lanças de arremesso que não havia coisa que os esperasse.

Antônio de Faria, recolhendo-se para debaixo da tolda com vinte e cinco soldados que tinha no seu junco e com mais dez ou doze escravos e marinheiros, esteve dali jogando com eles às arcabuzadas, por espaço de quase meia hora, até que os deixou despender toda a munição que traziam, a qual foi tanta que o convés ficou juncado dela, e determinando quarenta deles que parecia serem os mais esforçados, darem conclusão ao que tinham cometido, saltaram no nosso junco com tenção de se assenhorearem da proa, pelo que foi forçoso ao nosso capitão os ir receber, e, chegando-se uns aos outros com boas vontades, se travou entre eles uma briga tão acesa que em espaço de pouco mais de três credos foi Nosso Senhor servido que dos quarenta ficassem ali vinte e seis, e os outros todos se lançaram ao mar; os nossos, seguindo esse bom

sucesso dado da mão de Deus, se lançaram vinte dentro do seu junco, em que não houve muita resistência porque os principais eram já mortos, e matando a uma parte e a outra todos os que achavam, se lhes acabou de render de todo a gente do mar, a que foi necessário conservar-se a vida, por não haver equipagem para tantos navios.

Isso feito, acudiu logo Antônio de Faria com muita pressa a Cristóvão Borralho, que estava abalroado com outro junco e muito duvidoso da vitória porque a maior parte dos nossos estavam feridos; mas prouve a Nosso Senhor que com essa ajuda se lançaram os inimigos ao mar, dos quais se afogou a maior parte, e os juncos ficaram ambos em nosso poder. E fazendo-se logo resenha do que nos custara essa vitória, se achou um português morto e cinco moços e nove marinheiros, fora os feridos, e dos inimigos foram mortos oitenta, e quase outros tantos cativos. Depois que os nossos foram curados e agasalhados o melhor que então foi possível, Antônio de Faria mandou recolher os marinheiros que se tinham lançado ao mar, os quais andavam bradando que lhes valessem, que se afogavam, e trazidos ao seu junco grande onde ele estava os mandou prender a todos, e perguntando-lhes como se chamava o capitão deles, e se era vivo ou morto, nenhum quis falar a propósito, mas deixando-se morrer emperradamente sem fazerem caso dos tratos que lhes davam; bradou Cristóvão Borralho do outro junco em que estava, dizendo:

– Ah senhor, ah senhor, acuda vossa mercê cá, porque temos mais custura do que cuidamos!

E saltando Antônio de Faria logo com quinze ou dezesseis soldados dentro do junco, lhe perguntou que era, ao que ele respondeu:

– Ouço cá na proa falar muita gente que deve estar escondida.

Acudindo ele então com todos os que tinha consigo, e mandando abrir a escotilha, ouviu logo em baixo uma muito grande

grita que dizia: – Senhor Deus, misericórdia! – com tão espantosos urros e prantos que parecia coisa de encantamento. Espantado ele disso, se chegou com alguns dos nossos à boca da escotilha e viram todos jazer em baixo no porão uma grande quantidade de gente presa, e não podendo ainda o capitão acabar de entender o que estava vendo com os olhos, mandou que fossem ver o que era, e saltando em baixo dois moços, trouxeram acima dezessete pessoas cristãs, as quais eram dois portugueses, e cinco meninos, e duas moças, e oito moços, os quais todos vinham de maneira que era um lastimosíssimo espetáculo vê-los, e tirando-lhes logo as prisões em que vinham, que eram colares e algemas e cadeias de ferro muito grossas, foram providos do necessário, porque os mais deles vinham de todo nus, sem trazerem coisa alguma sobre si. Após isso perguntado, um dos dois portugueses, porque o outro estava como morto, de quem eram filhos aqueles dois meninos, e como vieram ter ao poder daquele ladrão, e como se ele chamava, respondeu que o ladrão tinha dois nomes, um de cristão e outro de gentio; o de gentio, por que se então nomeava, era Necodá Xicaulém, e o de cristão era Francisco de Sá, o qual havia cinco anos que em Malaca se fizera cristão, sendo Garcia de Sá capitão da fortaleza, e que, porque fora ele seu padrinho de batismo, lhe pusera aquele nome e o casara com uma moça órfã mestiça, muito gentil mulher, e filha de um português muito honrado, a fim de o fazer mais natural da terra, e que indo no ano de 1534 para a China em um junco seu muito grande, no qual levava vinte portugueses dos mais honrados e ricos da fortaleza, e também sua mulher, chegando à Ilha de Pulo Catão fizera aí aguada, com tenção de passar ao porto de Chinchéu, e havendo já dois dias que ali estava, como a equipagem do junco era toda sua, e chim como ele, se levantaram uma noite, estando os portugueses dormindo, e com as machadinhas que traziam os mataram a todos e aos seus moços, sem a nenhum que tivesse nome de cristão se conservar

a vida, e disse à mulher que se fizesse gentia e adorasse um ídolo que o seu tucão, mestre do junco, levava numa arca, e que assim desatada da lei cristã a casaria com ele, porque o tucão lhe dava para isso uma sua irmã que ali levava consigo, também gentia e china como ele; e porque a mulher não quisera adorar o ídolo nem consentir em tudo o mais que lhe ele dizia, o perro lhe dera com uma machadinha na cabeça, com que logo lhe lançara os miolos fora. E partindo dali se fora ao porto de Liampó onde aquele fizera fazenda, e receoso de ir a Patane por causa dos portugueses que lá residiam, se fora invernar a Sião, e o ano seguinte se tornara ao porto de Chinchéu, onde tomara um junco pequeno com dez portugueses, que vinha da Sunda, e os matara a todos. E porque já se sabiam por toda a terra os males que nos tinha feito, receando poder encontrar-se com alguma força nossa, viera a esta enseada da Cochinchina, onde como mercador fazia fazenda e como corsário também salteava aqueles com que se atrevia; e que havia já três anos que tomara aquele rio para colheita de seus furtos, e também por haver que nele estaria mais seguro de nós, porque não costumávamos fazer fazenda nos portos daquela enseada e Ilha de Ainão.

E perguntando-lhe Antônio de Faria se eram aqueles meninos filhos dos portugueses que ele dizia, respondeu que não, mas que eram filhos de Nuno Preto e de Gião Dias, e de Pero Borges, de quem eram também os moços e moças, os quais portugueses ele também matara em Mompolacota, na barra do Rio de Sião, num junco de João de Oliveira, em que também matara dezesseis portugueses, e que a eles ambos, um por ser carpinteiro e outro por ser calafate, conservara a vida, e que havia já perto de quatro anos que os trazia assim consigo, matando-os sempre de fome e de açoites, e que quando nos acometera não lhe pareceu que eram portugueses, mas chins mercadores como os mais que ele sempre costumava roubar onde os achava de bom lanço, como cuidara

que nos achara a nós. E perguntado se conheceria o ladrão entre aqueles mortos, disse que sim, com o que Antônio de Faria se levantou logo, e tomando-o pela mão se passou com ele ao outro junco que estava abalroado com esse, e, mostrando-lhe todos os que estavam mortos no convés, disse que nenhum daqueles era, e mandando equipar as manchuas o foi em pessoa buscar entre os outros mortos que andavam pelo mar, onde foi achado com uma grande cutilada na cabeça e uma estocada pelo meio dos peitos, e trazendo-o acima ao convés do junco lhe tornou a perguntar se era aquele, ao que ele respondeu que sim, sem falta nenhuma, a que Antônio de Faria deu crédito por causa de uma cadeia de ouro grossa que trazia cingida, com um ídolo de duas cabeças da feição de lagarto, também de ouro, com o rabo e mãos esmaltados de verde e preto. E mandando-o a rasto levar à proa, lhe cortaram a cabeça e o fizeram em pedaços.

XLVII

COMO ESTANDO NÓS SURTOS NA PONTA DE TILAUMERA, VIERAM POR ACASO TER CONOSCO QUATRO LANTEIAS DE REMO EM QUE VINHA UMA NOIVA

Havida essa vitória da maneira que atrás deixo contada, e curados os feridos, e provido na guarda dos cativos, se fez inventário da fazenda desses dois juncos, e se achou que o que neles se tomara poderia chegar até pouco mais de quarenta taéis, os quais foram logo carregados sobre Antônio Borges, que era feitor das presas, e isso fora os dois cascos dos juncos, os quais, ainda que fossem ambos novos, nos foi forçoso queimar um deles, por não haver equipagem para mais que um só. E assim se acharam mais dezessete peças de artilharia de bronze, em que entravam quatro falcões, e um camelo, e doze berços, e a mais dela, ou quase toda, com as armas reais, porque esse perro a tinha tomado toda nos três navios em que matara os quarenta e seis portugueses. Antônio de Faria logo ao outro dia pela manhã quis tornar a demandar a entrada do rio, porém foi avisado por uns pescadores que se tomaram de noite que por nenhum caso fosse surgir à cidade, porque já lá se sabia o que ele fizera àquele ladrão, com o qual o Chiléu, capitão e governador daquela província, tinha feito parceria, e lhe dava a terça parte de todas as presas que fazia, pela qual causa estava lá tudo tão revoltado que ainda que desse a fazenda de graça lha não tomariam, quanto mais vendê-la por dinheiro; e que na entrada do porto estavam já duas jangadas muito grandes com muita soma de lenha, e de barris de alcatrão, e fardos de breu, para que em ele surgindo lhas lançassem, fora

mais de duzentos paraus de remo com muitos frecheiros e gente de guerra, com a qual nova Antônio de Faria, por parecer dos que o melhor entendiam, assentou de se ir a outro porto que lhe ficava adiante daquele quarenta léguas ao rumo de leste, o qual se chamava Mutipinão, por haver nele muitos mercadores ricos, tanto naturais como estrangeiros, que em cáfilas vinham da terra dos lauhós, e pafuás, e guéus com grande soma de prata.

E fazendo-nos a vela com três juncos e com a lorcha em que viéramos de Patane, costeamos a terra com ventos ponteiros de um bordo ao outro, até um morro a que chamavam Tilaumera, onde surgimos, porque a corrente da água era contra nós. E depois de estarmos aqui surtos treze dias sobre a amarra, e bem enfadados com temporais pela proa, e algum tanto já faltos de mantimento, quis a nossa fortuna que por acaso já sobre a tarde vieram dar de rosto conosco quatro lanteias de remo que são como fustas, em que ia uma noiva para uma aldeia dali a nove léguas, a que chamavam Panduré, e como todos vinham de festa, eram tantos os atabaques, e bacias, e sinos com que tangiam que não havia quem se pudesse ouvir com a vozearia e matinada deles, e, não entendendo os nossos o que isso podia ser, lhes pareceu que eram espias da armada do capitão de Tanauquir que podia vir em busca de nós; Antônio de Faria mandando logo arriar as amarras se preparou para tudo o que viesse, e assim embandeirado e com mostras de muita alegria esperou que os das lanteias chegassem a bordo, os quais logo que nos viram assim todos juntos e com as mesmas mostras de festa que eles traziam, parecendo-lhes que era o noivo que os vinha esperar ao caminho, vieram com muito prazer direitos a nós, e depois de fazerem as suas e as nossas salvas à charachina, como entre essa gente se costuma, se tornaram a afastar para junto de terra, e ali surgiram.

Nós, como estávamos de todo alheios de entendermos o segredo dessa novidade, assentamos todos com o capitão serem espias

da armada que ficava atrás, a qual não tardaria muito que aparecesse. Passado nessas suspeitas um pequeno espaço que restava ainda do dia, e quase duas horas da noite, vendo a noiva que vinha numa das lanteias, que o noivo a não mandava visitar como era de razão, quis ela fazê-lo para lhe mostrar o muito que parece que lhe queria, e despedindo uma das quatro lanteias em que vinha um seu tio, lhe mandou por ele uma carta que dizia assim:

– Se a fraca e mulheril natureza me dera licença para daqui onde fico ir ver a tua face, sem isso ser nódoa no meu honesto viver, crê que assim voaria meu corpo a ir beijar esses teus vagarosos pés, como o esfaimado açor no primeiro ímpeto de sua soltura; mas já, senhor meu, que eu de casa de meu pai até aqui te vim buscar, vem tu daí donde estás a esta embarcação onde eu já não estou, porque só em te ver me posso eu ver, mas com me não veres na escuridão desta noite, não sei se na brancura da manhã me poderás enxergar entre os vivos; meu tio Licorpinau te dirá o que o meu coração em si cala, tanto porque já não tenho boca para falar como porque minha alma me não sofre estar tão órfã da tua vista quanto a tua estéril condição o consente, pelo qual te peço que venhas ou me dê licença que vá, e não me negues esse amor que te mereço pelo que sempre te tive para que Deus por sua justiça, em castigo de tal ingratidão, te não tire o muito que herdaste de teus antigos parentes neste princípio de minha mocidade, em que agora por matrimônio me hás-de senhorear até à morte, a qual ele, como Deus e senhor, por quem é, afaste de ti, por tantos milhares de anos quantas voltas o Sol e a Lua têm dado ao mundo desde o princípio do seu nascimento.

Chegada a lanteia em que vinha o tio da noiva com essa carta, Antônio de Faria mandou esconder todos os portugueses, e que não aparecessem mais que só os chins que levávamos por marinheiros, para que não duvidasse em chegar a nós; a lanteia chegando-se muito seguramente ao junco, três dos que vinham nela

subiram logo acima e perguntaram pelo noivo, mas a resposta que os nossos lhe deram foi apanhá-los a todos assim que vinham e dar com eles em baixo da escotilha, e como todos eles, ou os mais, vinham bêbados, nem os que ficavam na lanteia sentiram o rumor que os nossos fizeram, nem se puderam afastar tão depressa que de cima do chapitéu lhe não atirassem um cabo à ponta do mastro com que o atracaram da maneira que nunca já mais se puderam desembaraçar, lançando-lhes de cima algumas panelas de pólvora, os fizeram lançar todos ao mar, e saltaram logo na lanteia seis ou sete soldados com outros tantos marinheiros e se assenhorearam dela, na qual depois foi necessário tornarem a recolher os tristes que andavam na água bradando que se afogavam. Sendo estes recolhidos e postos a bom recato, Antônio de Faria foi demandar as outras três lanteias que estavam surtas, que seria dali a pouco mais de um quarto de légua, e, dando na primeira em que vinha a noiva, a abalroou, porém nela não houve resistência alguma porque não trazia gente de peleja, senão somente marinheiros que a remavam, e uns seis ou sete homens que pareciam honrados, segundo o traje de suas pessoas, parentes da coitada da noiva que vinham acompanhando, e dois moços pequenos seus irmãos muito alvos e bem-assombrados, e toda a mais gente eram mulheres já de dias que sabiam tanger, as quais em semelhantes ocasiões se alugam por dinheiro, ao costume da China; as outras duas lanteias, sentindo a revolta, largaram as amarras por mão e fugiram a remo e a vela com tanta pressa que parecia que o Diabo ia nelas, mas nem isso bastou para deixarmos de tomar ainda uma delas, assim que das quatro nos ficaram três. E isto feito, nos tornamos a bordo, e porque já a esse tempo era quase meia-noite, se não fez então mais que recolher-se toda a presa no junco, e a gente que se tomou foi toda metida debaixo da cobertura onde estive até pela manhã, em que vendo Antônio de Faria que era gente triste e a mais dela mulheres velhas que não prestavam para nada, as

mandou todas pôr em terra, ficando somente a noiva com seus dois irmãos, por serem moços pequenos e bem-assombrados, e vinte marinheiros que nos foram muito bons para a equipagem dos juncos, de que algum tanto vínhamos faltos.

Essa noiva, segundo depois se soube, era filha do anchaci de Colém, que é como corregedor entre nós, e era esposada com um mancebo filho do Chifu, capitão de Panduré, o qual dizem que lhe tinha escrito que ali naquele lugar a viria esperar com três juncos ou quatro de seu pai que era muito rico, e por isso se enganaram conosco; e ao outro dia à tarde, depois que nos partimos deste lugar, a que se pôs o nome de o da noiva, chegou o noivo em busca dela com cinco navios muito embandeirados, o qual passando por nós nos salvou com muitos tangeres e mostras de alegria, não sabendo parte do seu mal, nem que lhe levávamos conosco a mulher; e assim embandeirado e com muitos toldos de seda dobrou a ponta de Tilaumera onde nós estivéramos o dia antes, no qual surgiu para esperar ali pela mulher, como lhe tinha escrito. Nós, velejando daqui por nossa rota, prouve a Nosso Senhor que em três dias chegamos ao porto de Mutipinão, que era o para onde íamos, pela nova que Antônio de Faria tinha de poder ali vender a fazenda.

DA INFORMAÇÃO QUE ANTÔNIO DE FARIA
AQUI TEVE DESTA TERRA

Chegados nós a este porto, surgimos no meio de uma angra que faz a terra junto de um pequeno ilhéu que fica ao sul da entrada da barra, onde nos deixamos estar sem salvarmos o porto nem fazermos estrondo nenhum, com determinação de logo que fosse noite mandarmos sondar o rio e tomar informação do que se pretendia saber. E logo que a lua saiu, que seria já quase às onze horas, mandou Antônio de Faria uma das lanteias que levava bem-equipada e com doze soldados, de que ia como capitão um tal Valentim Martins de Alpoim, homem sisudo e para muito, e que de si tinha dado boa conta em negócios dessa qualidade; este depois que partiu foi sempre sondando o rio até chegar ao surgidouro da cidade, no qual tomou dois homens que achou dormindo numa barcaça de louças, e tornando-se a bordo sem ser sentido, deu conta a Antônio de Faria de tudo o que achara, da grandeza do lugar, e dos poucos navios que no porto estavam, por onde lhe parecia que sem receio nenhum podia entrar seguramente, porque, se caso fosse que por algum sucesso extraordinário não fizesse fazenda como desejava, ninguém lhe podia tolher tornar-se a sair cada vez que quisesse, porque o rio era todo muito largo e limpo, e sem baixo nem alfaque em que pudesse correr perigo.

E havido conselho sobre o que nisso se faria, se assentou por parecer dos mais que os dois mouros que se tomaram não

inquirissem com tratos como estava determinado, tanto para não os escandalizar como por não ser necessário. E sendo já manhã clara, depois que todos disseram uma ladainha com muita devoção e prometeram boas peças e ricas a Nossa Senhora do outeiro de Malaca, para ornamentos da casa, Antônio de Faria só por si, animando primeiro e afagando os dois mouros, e segurando-os do medo que tinham, lhes perguntou miudamente pelo que pretendia saber, a que eles ambos por sua boca disseram que quanto a entrar no rio não havia que temer por ser o melhor de toda aquela enseada, e onde por muitas vezes entravam e saíam muito maiores embarcações que aquelas que traziam, porque o menos fundo que havia em todo ele era de quinze até vinte braças, e que da terra se não receasse, porque os moradores dela eram gente por natureza muito fraca e que não tinham armas, dos estrangeiros que nela estavam os mais eram mercadores que havia nove dias tinham vindo do reino de Benão, em duas cáfilas de quinhentos bois cada uma, com muita prata, e águila, e seda, e roupas de linho, e marfim, e cera, e lacre, e benjoim, e cânfora, e ouro em pó, como o da Ilha de Samatra, os quais com essas fazendas vinham todos a buscar pimenta, e drogas, e pérolas da Ilha de Ainão; e perguntados se havia por aquela costa, armada, disseram que não, porque as mais das guerras que o prechau, imperador dos cauchins fazia, ou lhe faziam, eram por terra, e quando se faziam pelos rios era em embarcações pequenas de remo, mas não em navios grandes como aquele que trazia, porque não havia fundo para eles; e perguntados se tinha estado o seu prechau ali perto, responderam que só a doze dias de caminho na cidade de Quangeparu, onde o mais do tempo residia, com sua casa e corte, governando em paz e justiça o seu reino; e perguntados que tesouros e rendas tinha, responderam que as minas dos metais reservados à sua coroa rendiam bem quinze mil picos de prata, de que a metade, por lei divina do Senhor que tudo criara, era dos pobres que cultivavam

as terras para sustentação de suas famílias, mas que por aprazimento e conformidade de todos os povos lhes largaram livremente esse direito, para que dali em diante os não constrangessem a pagar tributo, nem a coisa que lhes desse opressão alguma, pelo qual os antigos prechaus, em cortes, lhes tinham jurado assim o cumprirem enquanto o sol desse luz à terra.

Vendo Antônio de Faria a matéria disposta para poder saber algumas coisas que desejava, lhes perguntou: que notícia tinham daquilo que viam com os olhos, de noite no céu, e de dia na ligeireza do sol, em que por tantas vezes lhe tinham falado?

Ao que responderam que a verdadeira verdade de toda a verdade era terem e crerem haver um só Deus todo-poderoso, o qual, assim como tudo criara, tudo conservava, mas que, se o nosso entendimento às vezes se embarçava na desordem e desconformidade de nossos desejos, não era da parte do Criador em quem não podia haver imperfeições, senão da parte do pecador, que por ser impaciente julgava segundo o humor do seu mau coração; e perguntados se tinham em sua lei que viera Deus em algum tempo ao mundo vestido em carne de homem humano, disseram que não, porque não podia haver coisa que obrigasse a tamanho extremo, porque pela excelência da natureza estava livre das nossas misérias e muito esquecido de cobiçar tesouros da terra, porque tudo era pouquidade na presença do seu esplendor. E assim, por essas perguntas como por outras que lhes fez Antônio de Faria, entendemos que não tinha essa gente até agora notícia nenhuma da nossa verdade, mais que somente confessarem de boca o que seus olhos lhes mostram na pintura do céu e na formosura do dia, a que continuamente nas suas zumbaias levantam as mãos, dizendo:

– Senhor, confessamos tua grandeza!

Com isso os mandou Antônio de Faria pôr livremente em terra, dando-lhes primeiro algumas peças, de que foram muito contentes.

Neste tempo, começando já a ventar a viração, se fez a vela com muita festa e regozijo, e as gáveas toldadas de seda, e com sua bandeira de veniaga à charachina, para que os que assim o vissem entendessem que era ele mercador e não gente de outra maneira, e dali a uma hora surgiu no porto defronte do cais da cidade e fez sua salva com pouco estrondo de artilharia, ao que logo de terra vieram dez ou doze almadias com muito refresco, e contudo, estranhando-nos e vendo no nosso traje e aspecto que não éramos siameses, nem jaus, nem malaios, nem de outras nações que já tinham visto, disseram:

– Tão proveitosa nos seja a todos a alvorada da fresca manhã quão bem assombrada parece esta tarde na presença do que temos diante dos olhos.

E chegado de todo o número de almadias, uma somente a bordo pediu seguro para entrarem, ao que foi respondido que sem nenhum receio o podiam fazer, porque todos éramos seus irmãos; e com isso, de nove que vinham na almadia, três somente subiram ao junco, e Antônio de Faria lhes fez muito bom acolhimento, e fazendo-os sentar em uma alcatifa lhes disse que ele era um mercador natural do reino de Sião, e que vindo de veniaga para a Ilha de Ainão lhe disseram que na cidade faria melhor e mais seguramente sua fazenda que em outra parte, por serem os mercados e o povo dela de mais verdade que os chins daquela costa e Ilha do Ainão; ao que responderam:

– Não estás errado nisso que dizes, porque se és mercador, como pareces, crê que em tudo se te fará aqui muita honra, pelo que seguramente podes dormir teu sono descansado, sem receares nenhuma coisa.

DO QUE ANTÔNIO DE FARIA PASSOU NESTE PORTO
COM O NAUTAREL DA CIDADE, SOBRE A VENDA
DA SUA FAZENDA

Recioso Antônio de Faria de poder vir por terra algum recado ou nova do que tinha feito ao ladrão no Rio de Tanauquir, e o pudessem por isso prejudicar em alguma coisa, não quis desembarcar a fazenda na alfândega, como os oficiais dela queriam, pelo que houve assaz de desgosto e de trabalho, de maneira que por duas vezes o negócio esteve de todo desbaratado. E vendo ele que boas palavras não bastavam para quererem eles condescender com o que ele lhes pedia, lhes mandou dizer por um mercador que andava nestes recados que bem via ele quanta razão tinham de quererem que desembarcasse ele a fazenda em terra, como era costume, mas que lhes afirmava que o não podia fazer por nenhum modo, porquanto a monção era já quase gasta, pelo que lhe era forçoso ir logo embora, para ir consertar aquele junco grande em que vinha, porque fazia tanta água que setenta marinheiros não levantavam nunca a mão de três bombas, e que corria muito risco de se ir ali ao fundo com quanta fazenda trazia, e que, quanto aos direitos de El-Rei, ele era muito contente de os pagar, porém não a trinta por cento como eles lhe pediam, mas que a dez, como nas outras terras se pagavam, lhos daria logo de muito boa vontade; ao que eles não quiseram responder, mas antes prenderam o mensageiro que levou o recado. E vendo Antônio de Faria que ele não tornara, se fez a vela muito embandeirado como homem isento, e que lhe não dava nada de vender ou deixar de

vender. Vendo o quê, os estrangeiros que tinham vindo nas cáfilas, e, que por contumácia do nautarel se lhes ia a fazenda que tinham no porto, com que esperavam se aviar, se juntaram todos e lhe foram requerer que o mandasse chamar, senão que protestavam se irem queixar a El-Rei da sem-razão que lhes fazia, de ser causa de se lhes ir a fazenda que tinham no porto, em que esperavam fazer seus empregos. O nautarel, com todos os mais capisondos da alfândega, temendo serem por isso castigados e suspensos de seus ofícios, acederam a seu requerimento, porém com condição de que, já que nós não queríamos pagar mais que dez por cento, pagassem eles mais cinco, para que El-Rei ficasse com menos direitos, de que todos foram contentes.

E tornando logo a mandar o mercador que tinham preso, com uma carta de muitos cumprimentos, em que relatavam todo o processo do concerto que tinham feito, Antônio de Faria lhes respondeu que por nenhum modo havia já de tornar a surgir no porto, porque não tinha monção para andar fazendo tantas detenções, nem tantos pousos, mas que se lhe quisessem comprar a fazenda toda por junto, trazendo logo prata quanta bastasse para isso, que lhes a venderia, e senão que de outra maneira não queria nenhum concerto com eles, porque estava muito escandalizado do pouco respeito que o nautarel lhe tivera, em lhe desprezar os seus recados, e que se disso fossem contentes lhe respondessem dentro de uma hora, que só para isso lhes dava de espaço, e senão que se iria a caminho de Ainão, onde venderia a fazenda muito melhor que ali.

Eles, vendo uma tal determinação e tendo-a por verdadeira, receando que se lhes saísse das mãos aquela ocasião que então tinham de se poderem aviar para se tornarem para suas terras, vieram logo em cinco barcaças muito grandes, com muitos caixões cheios de prata e grande soma de sacos para levarem a pimenta. E chegados ao junco onde Antônio de Faria estava com sua

bandeira de capitão-mor, foram dele muito bem recebidos, e lhe resumiram de novo tudo o que tinham passado com o nautarel da cidade, queixando-se-lhe muito da sua má condição e de algumas sem-razões que lhes tinha feito; porém, já que eles o tinham pacificado com lhe darem quinze por cento, dos quais eles iriam pagar cinco, lhe pediam que quisesse pagar ele os dez que prometera, porque de outra maneira lhe não poderiam comprar sua fazenda. Ao que Antônio de Faria respondeu que era contente, mais por amor deles que porque isso lhe fizesse bem, o que eles todos lhe agradeceram muito, e assim ficou tudo concertado, e com muita paz e quietação.

E dando-se muita pressa à descarga da fazenda, em só três dias foi pesada, e ensacada, e entregue a seus donos, com as contas averiguadas, e recebida a prata, a qual veio a somar cento e trinta mil taéis, à razão de seis tostões o tael, como já disse algumas vezes. E conquanto isto se tenha feito com toda a brevidade possível, nem isso bastou para que antes de se acabar deixasse de vir a nova do que tínhamos feito ao ladrão no Rio de Tanauquir, com que toda a terra se amotinou, de maneira que nenhuma pessoa nos quis mais vir a bordo como antes faziam, pelo que foi forçoso a Antônio de Faria fazer-se a vela, e muito depressa.

L

DO QUE SUCEDEU A ANTÔNIO DE FARIA
ATÉ SURGIR EM MADEL, PORTO DA ILHA DE AINÃO,
ONDE SE ENCONTROU COM UM CORSÁRIO,
E DO QUE SE PASSOU COM ELE

V elejando nós daqui deste porto e Rio de Mutepinão, com a proa ao norte, pareceu bem a Antônio de Faria tornar a demandar a costa de Ainão em busca de um rio a que chamavam Madel, com determinação de aí às marés abicar o junco grande em que ia, por lhe fazer muita água, ou se prover a troco do que quer que fosse, de outro melhor e mais estanque. E havendo já doze dias que navegava com ventos ponteiros, chegou ao morro de Pulo Hinhor, ilha dos cocos, e não achando aí novas do Coja Acém que andava buscando, se tornou a demandar a costa do sul, onde fez algumas presas boas, e, ao que nós cuidávamos, bem adquiridas, porque nunca seu intento foi roubar senão aos corsários que tinham dado a morte e roubado as fazendas a muitos cristãos que frequentavam esta enseada e costa de Ainão, os quais corsários tinham seus tratos com os mandarins desses portos, e a quem davam muitas e muito grossas peitas por lhes consentirem que vendessem na terra o que roubavam no mar. Mas como é costume de Deus Nosso Senhor de grandes males tirar grandes bens, permitiu pela ligeireza de sua divina justiça que do roubo que Coja Acém nos fez na barra de Lugor, como atrás fica dito, nascesse a Antônio de Faria o determinar-se em Patane de o ir buscar, para castigo de outros ladrões, que tão merecido o tinham, à nação portuguesa. E havendo já alguns dias que continuava com assaz de trabalho nesta enseada da Cochinchina, estando nós um dia

do nascimento de Nossa Senhora, que é aos oito dias de setembro, metidos num porto que se chamava Madel, com receio da lua nova que aqui neste clima vem muitas vezes tão tempestuosa de ventos e chuvas, que não há navio que a possa aguardar, à qual tormenta os chins chamam tufão, havendo já três ou quatro dias que o tempo andava toldado e com mostras do que se receava, e os juncos se vinham meter nos recantos que achavam mais perto, prouve a Nosso Senhor que no meio de muitos que neste porto entraram fosse um de um corsário muito afamado que se chamava Hinimilau, chim de nação, que de gentio que era se tornara mouro havia pouco tempo, e parece, segundo se presumia, que provocado pelos cacizes da seita mafométrica, para a qual agora entrara, ficou tão inimigo do nome cristão que dizia publicamente que lhe devia Deus o céu pelo grande serviço que lhe tinha feito na terra em a ir pouco a pouco despejando da má geração portuguesa, que por leite mamado nos peitos das mães se deleitava em ofensas a si, como os demônios habitadores da casa do fumo; e assim, por essas palavras e por outras semelhantes, dizia de nós coisas tão torpes e abomináveis que nunca se imaginaram.

Entrando esse corsário pelo rio dentro, num junco muito grande e alteroso, com a gente toda ocupada no marear das velas, por ser grande a cerração do tempo, e com muito vento e chuueiros, em perpassando por junto de onde nós estávamos surtos, nos salvou à charachina, a que respondemos pelo mesmo modo, como se costuma nestas entradas, sem até então nos conhecer por portugueses, nem nós a eles mais que somente cuidarmos que eram eles chins como os outros, que cada hora entravam por causa do tempo de que vinham fugindo. Porém uns cinco moços cristãos que ele trazia cativos nos conheceram e todos juntamente deram uma grande grita, dizendo por três vezes: – Senhor Deus, misericórdia!

Ouvindo nós essa grita nos levantamos todos a ver o que era, e bem fora de cuidarmos o que depois sucedeu. E vendo serem

moços cristãos, bradamos rijo aos marinheiros que amainassem, o que eles não quiseram fazer, mas antes a modo de desprezo, tangendo com um tambor deram três apupadas muito grandes, capeando e esgrimindo com terçados nus, como quem nos ameaçava. E depois que surgiram obra de um quarto de légua adiante de nós, quis Antônio de Faria saber o que era, e mandou lá um balão bem-equipado, o qual chegando a bordo foram tantas as pedradas sobre ele que os que iam correram muito risco de serem mortos, e com isso se tornou a voltar com os marinheiros assaz escalavrados e o português que nele ia com duas pedradas muito grandes. Antônio de Faria, vendo-o vir assim cheio de sangue, lhe perguntou que coisa era aquela, e ele lhe respondeu:

– Eu, senhor, não sei o que é, mais que verdes a maneira em que todos vimos.

E mostrando-lhe as feridas na cabeça, lhe deu conta de como o lá receberam, de que Antônio de Faria ficou muito embaraçado por um grande espaço, mas, pondo logo os olhos nos que estavam presentes, lhes disse:

– Eia, senhores e irmãos meus, não haja aí companheiro que não se faça prestes, porque nós com o nome de Cristo havemos de saber o que isso é, porque a mim me dá na ideia que é esse o perro do Coja Acém, e quiçá nos pagará hoje bem nossas fazendas.

Com esse fervor mandou elevar logo as amarras, e com a maior pressa que pôde se fez a vela com todos os três juncos e lanteias, e chegando a tiro de espingarda lhe mandou fazer uma salva de trinta e seis peças de artilharia, de que doze foram falcões e camelos, com mais uma espera de bronze que atirava pelouro de ferro coado, de que os inimigos ficaram tão assombrados que por então não se souberam determinar em mais que só em largarem as amarras por mão, para darem com o junco à costa, o que lhes não sucedeu como eles cuidavam ou desejavam, porque, entendendo Antônio de Faria o seu intento, lhe atalhou a ele como abalroar

primeiro com toda a força dos juncos e lantheias que levava consigo; e travando-se então uma formosa briga, de cutiladas dos que estavam perto, e arremessos de chuças e de panelas de fogo dos que estavam longe, com mais de cem arcabuzes que atiravam continuamente, o negócio foi de maneira que em quase meia hora se não conheceu vantagem em nenhuma das partes, mas no fim dela prouve a Nosso Senhor que os inimigos, de muito feridos e queimados, se lançaram todos ao mar, com o que os nossos ficaram de todo desafrontados, e com grandes gritas seguiram livremente aquela boa vitória.

Antônio de Faria, vendo que os inimigos se iam todos ao fundo por causa do escarcéu e corrente da água que era muito grande, se embarcou em dois balões que mandou equipar, com alguns soldados consigo, e com a maior pressa que pôde salvou uns dezesseis que não quis que morressem como os outros, pela necessidade que tinha de chusma para as lantheias, porque nas brigas passadas lhe tinham morto a maior parte dela.

COMO ANTÔNIO DE FARIA HOUVE À MÃO, VIVO,
O CORSÁRIO CAPITÃO DO JUNCO,
E DO QUE SE PASSOU COM ELE

Havida essa vitória da maneira que tenho contado, se entendeu logo primeiro que tudo na cura de alguns que ficaram feridos, por ser negócio mais importante; após isso, sendo Antônio de Faria certificado que um dos dezesseis que salvara era o corsário, o mandou logo trazer perante si e depois de o mandar curar de duas feridas que tinha lhe perguntou pelos moços dos portugueses, ao que ele emperradamente respondeu que não sabia, e tornando-o a perguntar, com ameaças, disse que lhe dessem primeiro uma pouca de água, porque se lhe tolhia a fala; trazida a água, a bebeu tão apressadamente que se lhe entornou quase toda, e porque não ficou satisfeito tornou a pedir mais água, dizendo que se o fartassem bem dela prometia pela lei de Mafamede e por todo o seu Alcorão, confessar tudo quanto quisessem saber dele, e Antônio de Faria lha mandou trazer logo com um frasco de confeitos, de que ele não quis comer, porém da água bebeu uma grande quantidade; e tornando-lhe a perguntar pelos moços cristãos respondeu que no paiol da pólvora os achariam, e Antônio de Faria mandou a três soldados que os fossem buscar, os quais, abrindo a escotilha para os chamarem acima, os viram a todos em baixo degolados, de que ficaram tão sobressaltados que com uma grande grita que metia medo começaram a dizer: – Jesus, Jesus, Jesus, venha vossa mercê cá e verá uma coisa assaz lastimosa!

Antônio de Faria, com todos os mais que com ele estavam, correu logo à proa com muita pressa, e quando viu os moços fazer todos mortos sobre os outros ficou tão cortado que não podendo conter as lágrimas, pondo os olhos no céu e com as mãos levantadas, disse em voz alta e magoada:

– Oh bendito sejais, meu Senhor Jesus Cristo, por quão piedoso e misericordioso sois em sofrerdes ofensa tão grave como esta!

E mandando-os tirar acima, não havia homem que pudesse conter as lágrimas, e que não fizesse outros maiores extremos, vendo uma mulher com dois meninos de seis até sete anos, muito formosos e inocentes, descabeçados sem nenhuma piedade, e os cinco moços que tinham bradado por nós, com as tripas fora dos corpos e escalados pelas costas.

Antônio de Faria, tornando-se a sentar, perguntou ao corsário por que causa fizera tamanha crueldade naqueles inocentes que ali jaziam; ao que ele respondeu que por lhe serem tregos em se mostrarem a gente tanto sua inimiga como eram os portugueses, e gritarem pelo seu Deus que lhes valesse, e quanto aos dois meninos, disse que bastava serem filhos de portugueses, a quem nunca tivera boa vontade; e com essa mesma isenção respondeu a outras algumas perguntas que lhe fizeram, e com tanta pertinácia como se fora o próprio Demônio em carne. E perguntado se era cristão, disse que não, mas que já o fora no tempo em que D. Paulo da Gama fora capitão de Malaca; e dizendo-lhe Antônio de Faria que pois já fora cristão que coisa o movera a deixar a lei de Cristo, na qual tinha certa sua salvação, para seguir a de Mafamede, na qual estava clara a perdição de sua alma, respondeu que porque depois que fora cristão, fora sempre muito desprezado pelos portugueses, porque onde antes, quando era gentio, lhe falavam todos com o barrete na mão, chamando-lhe Quiay Necodá, que era nomeá-lo senhor capitão, depois que se fizera cristão vieram a fazer pouca conta dele, e que se fora fazer mouro em Bintão, onde, depois de

o ser, El-Rei do Jantana que se achava presente, o tratara sempre com muita honra, e os mandarins todos lhe chamavam irmão, pelo que prometera e assim o jurava no livro das flores que enquanto vivesse seria inimicíssimo da nação portuguesa e de todo o mais gênero de homem que professasse a lei cristã, o que El-Rei e o caciz Moulana lhe louvaram muito, dizendo que se tal fizesse lhe asseguravam ser sua alma bem-aventurada. E perguntado quanto tempo havia que se levantara e que navios de portugueses tinha tomado, e quantos homens mortos, e que fazenda roubada, disse que de sete anos a esta parte o primeiro navio que tomara fora o junco de Luís de Pavia no Rio de Liampó, com quatrocentos bares de pimenta, sem droga nenhuma, onde matara dezoito portugueses, fora os seus escravos, de que não fazia caso por não serem gente que o satisfizesse no que tinha jurado, mas que depois, por conjunção de acertos que achara no mar, tomara mais quatro embarcações nas quais matara perto de trezentas pessoas, mas que portugueses não seriam mais que setenta, e que lhe parecia que podia chegar o que tinha tomado, de mil e quinhentos até mil e seiscentos bares de pimenta e outra fazenda, da qual El-Rei de Pão lhe tomara logo mais de metade por o recolher em sua terra e segurar dos portugueses, dando-lhe para isso aqueles cem homens que andavam com ele, para que lhe obedecessem como a rei. E perguntado se matara mais portugueses ou dera favor para isso, respondeu que não, mas que estando havia dois anos no Rio do Choaboquec, na costa da China, fora aí ter um junco grande com muitos portugueses, de que era capitão um homem muito seu amigo que se chamava Rui Lobo, que D. Estêvão da Gama mandara de veniaga, o qual, depois de ter feita sua fazenda, se saíra do porto embandeirado por ir muito rico, e que, havendo já cinco dias que era partido, lhe começara o junco a meter muita água, e não a podendo vencer lhe fora forçoso tornar a demandar o porto donde partira; e vindo com vento rijo enfunado com todas

as velas, para chegar mais depressa, se lhe fora subitamente ao fundo, de que se salvara o Rui Lobo com dezessete portugueses e alguns escravos, e viera ter na champana ao ilhéu de Lamau, sem vela, nem água, nem mantimento algum.

E confiado o Rui Lobo na amizade antiga que com ele tivera, lhe pedira em joelhos, chorando, que o quisesse recolher no seu junco, que naquele tempo estava de caminho para Patane, porque lhe prometia, e assim lho jurava como cristão, lhe dar por isso dois mil cruzados, o que ele aceitara; mas que depois de o ter recolhido fora aconselhado pelos mouros que não se fiasse em amizade de cristão se não queria perder a vida, porque quando cobrassem mais forças lhe haviam de tomar o junco com quanta fazenda levava, porque assim o costumavam fazer em todas as partes onde se achavam, pelo qual, receoso ele de poder vir a ser o que os mouros lhe diziam, os matara uma noite a todos estando dormindo, de que depois se arrependera muitas vezes.

Antônio de Faria e os mais que estavam à roda ficaram tão pasmados quanto um tão feio e enorme caso o requeria, e não o querendo mais inquirir o mandou a ele e aos quatro que ainda estavam vivos matar e lançar ao mar.

DO MAIS QUE ANTÔNIO DE FARIA PASSOU
NESTE RIO MADEL COM A GENTE DA TERRA,
E DO QUE FEZ DEPOIS

Feita essa justiça nesse corsário e nos outros, se fez inventário do que o junco trazia, e se orçou a valia da presa em quase quarenta mil taéis em seda, e peças de cetim e damasco, e retrós, e almíscar, fora muita soma de porcelanas finas, e outro fato que foi forçoso queimar-se com o junco juntamente, por não haver equipagem para o marear. E desse honrado feito ficaram os chins tão assombrados que pasmavam onde ouviam nomear os portugueses, tanto que vendo os necodás, senhorios dos juncos que estavam naquele porto, que a cada um deles se podia fazer outro tanto, se juntaram todos em uma consulta a que eles chamam bichara, e nela elegeram entre si dois dos mais honrados e mais suficientes para o que pretendiam, pelos quais como embaixadores, mandaram dizer a Antônio de Faria que como a rei do mar lhe pediam que debaixo do seguro de sua verdade os quisesse amparar para poderem sair dali onde estavam, a fazer suas viagens, antes que se lhes acabasse a monção, e que lhe dariam logo por isso em reconhecimento de tributários, e súditos seus como escravos, vinte mil taéis de prata, de que logo sem falta nenhuma lhe fariam bom pagamento, como a senhor.

Antônio de Faria os recebeu com bom acolhimento e lhes concedeu o que lhe pediam, e jurou de o fazer assim e de os haver seguros debaixo de sua verdade, e que nenhum ladrão dali por diante lhes tomaria coisa alguma de suas fazendas. E ficando um

dos dois como refém dos vinte mil taéis, o outro se foi para trazer a prata, a qual trouxe dali a menos de uma hora, com mais um bom presente de peças ricas que todos os necodás lhe mandaram. E querendo Antônio de Faria aproveitar um moço seu a que chamavam Costa, o fez escrivão dos cartazes que se havia de dar aos necodás, a que logo taxou o preço, o qual havia de ser, aos dos juncos, cinco taéis por cartaz, e aos dos vancões e lanteias e barcaças, dois, e foi a coisa de maneira que em só treze dias que durou a frequência desses cartazes ganhou esse moço, segundo o dito dos que o invejaram, mais de quatro mil taéis só em prata, fora muitas e muito boas peças que todos lhe davam para os aviar mais depressa. A forma dos cartazes era desta maneira:

“Seguro debaixo de minha verdade ao necodá, fulano, para que possa navegar livremente por toda a costa da China, sem ser agravado por nenhum dos meus, contanto que onde vir portugueses os trate como irmãos.” E assinava-se ao pé, Antônio de Faria.

Os quais cartazes todos se lhes guardaram muito inteiramente, e com toda a verdade. E daqui ficou tão temido por toda esta costa que o próprio chaém desta Ilha de Ainão, que é o próprio vice-rei dela, pelo que tinha ouvido dele o mandou visitar com um rico presente de pérolas e peças de ouro e lhe escreveu uma carta em que lhe dizia que levaria muito gosto em ele querer aceitar partido com o filho do Sol, para o servir como seu capitão-mor da costa de Lamau até Liampó, com dez mil taéis de ordenado cada ano, e que se o servisse bem conforme a fama que dele corria lhe assegurava, acabando os três anos, ser acrescentado em título como um dos quarenta chaéns do governo, com mando supremo em toda a justiça, e que lhe lembrava que daqui vinham os homens como ele, se eram leais, a ser dos doze tutões do governo, aos quais o filho do Sol, leão coroado no trono do mundo, se comunicava de cama e mesa como membros vindos por honra e mando ao seu corpo, e com partido de cem mil taéis.

Antônio de Faria lhe agradeceu muito a oferta e se escusou com palavras de grandes cumprimentos ao seu modo, deles, dizendo que não se sentia capaz de tamanhas honras como aquelas com que o acometia, mas que sem interesse de dinheiro nenhum estava muito prestes para o servir cada vez que o mandassem chamar os tutões de Pequim. Após isso, saindo-se deste porto de Madel onde esteve catorze dias, tornou a correr a costa pela enseada dentro, a ver se achava novas de Coja Acém, porque, como este foi sempre o seu principal intento, pelo que atrás fica dito, de nenhuma outra coisa tratava senão de o buscar por todas as partes, e nisso somente cuidava e se desvelava de dia e de noite. E por essa causa, parecendo-lhe que nesta enseada o poderia achar, se deteve nela mais de seis meses com assaz de trabalho, e risco de sua pessoa, no fim dos quais chegou a uma cidade muito nobre e de edifícios e templos assaz ricos, a que chamavam Quangiparu, no porto da qual esteve surto aquele dia e a noite seguinte, com mostras de mercador, comprando pacificamente o que lhe traziam a bordo; e por ser povo de mais de quinze mil fogos, segundo o esmo de alguns, logo que foi manhã se fez a vela sem a gente da terra fazer nenhum caso disso, e tornando na volta do mar, ainda que com vento algum tanto ponteiro, em doze dias de navegação trabalhosa costeou toda a fralda da terra, de ambas as costas de sul e norte, sem em todas elas ver coisa de que se pudesse lançar mão, as quais eram povoadas de lugares pequenos de duzentos até quinhentos vizinhos, alguns dos quais eram cercados de tijolo, mas não que bastasse para os defender de quaisquer bons trinta soldados, por ser a gente toda muito fraca e sem armas nenhuma, mais que só paus tostados e alguns terçados nus, com uns pavises de pinho pintados de vermelho e preto. Mas o sítio, o clima em si, é o melhor e o mais fértil e abastado de todas as coisas de quantas eu vi, com tanta quantidade de gado vacum que será escusado querer o contar, e campinas rasas e grandíssimas de trigos,

arroz, cevadas, milhos, e muitos legumes de muitas maneiras, que a todos nos fazia pasmar, e em partes, soutos de castanheiros muito grandes, e pinhais, e árvores de angelim como na Índia, para se poderem fazer infinidade de navios, e, segundo o dito de alguns mercadores, de que Antônio de Faria se informou, há ali também muitas minas de cobre, prata, estanho, salitre e enxofre, com muitos campos desaproveitados, de muito boa terra, e tão perdida naquela fraca nação que se ela estivera em nosso poder quiçá estivéramos mais aproveitados do que hoje estamos na Índia, por nossos pecados.

Havendo já sete meses e meio que continuávamos nesta enseada de um bordo ao outro, e de rio em rio, tanto em ambas as costas de norte e sul como na desta Ilha de Ainão, sem Antônio de Faria em todo esse tempo poder ter novas nem recado de Coja Acém, enfadados os soldados desse trabalho em que havia tanto tempo que continuavam, se juntaram todos e lhe requereram que do que tinham adquirido lhes desse suas partes, conforme um assinado que dele tinham, porque com isso se queriam ir para a Índia ou para onde lhes bem apetecesse; e sobre isso houve assaz de desgosto e enfadamentos, no fim dos quais se concertaram em ir invernar a Sião, onde se venderia a fazenda que traziam nos juncos, e que depois de ela ser feita em ouro se faria a repartição que requeriam. E com esse concerto jurado e assinado por todos, vieram surgir em uma ilha a que chamavam dos ladrões, por estar mais fora da enseada que todas as outras, para daí com as primeiras bafugens da monção fazerem sua viagem; e havendo já doze dias que aqui estavam, e todos com muito desejo de darem efeito a isso que tinham assentado, quis a fortuna que com a conjunção da lua nova de outubro, de que nos sempre tememos, veio um tempo tão tempestuoso de chuvas e ventos que não se julgou por coisa natural, e como nós vínhamos faltos de amarras porque as que tínhamos eram todas gastas e meio podres, logo que o mar começou a se empolar, e o vento sueste nos tomou em

desabrigado, e travessão à costa, fez um escarcéu tão alto de vagas tão grossas que conquanto se buscassem todos os meios possíveis para nos salvarmos, a cortar mastros, desfazer chapitéus e obras mortas da popa e da proa, alijar o convés, guarnecer bombas de novo, baldear fazendas ao mar e ajustar calabretes e viradores para ligar a outras âncoras com a artilharia grossa que se desencarretara dos reparos em que estava, nada disso bastou para nos podermos salvar, porque como o escuro era grande, o tempo muito frio, o mar muito grosso, o vento muito rijo, as águas cruzadas, o escarcéu muito alto, e a força da tempestade muito terrível, não havia coisa que bastasse a nos dar remédio, senão só a misericórdia de Nosso Senhor, por quem todos com grandes gritos e muitas lágrimas continuamente chamávamos, mas, como por nossos pecados não éramos merecedores de nos Ele fazer essa mercê, ordenou a sua divina justiça que, sendo já passadas as duas horas depois da meia-noite, nos deu um pegão de vento tão rijo que todas as quatro embarcações assim como estavam vieram à costa e se fizeram em pedaços, onde morreram quinhentas e oitenta e seis pessoas, em que entraram vinte e oito portugueses, e os mais que nos salvamos pela misericórdia de Nosso Senhor (que ao todo somos cinquenta e três, de que vinte e dois foram portugueses, e os mais escravos e marinheiros) nos fomos assim nus e feridos meter num charco de água, no qual estivemos até pela manhã; e quando o dia foi bem claro, nos tornamos à praia, a qual achamos toda juncada de corpos mortos, coisa tão lastimosa e espantosa de ver que não havia homem que só com essa vista não caísse pasmado no chão, fazendo sobre eles um tristíssimo pranto acompanhado de muitas bofetadas que uns e outros davam em si mesmos. Durou isso até quase à tarde, em que Antônio de Faria (que prouve a Deus que fosse um dos que ficaram vivos, com o que tivemos algum pequeno alívio), reprimindo em si a dor que nós outros não podíamos dissimular, veio até onde todos estavam, vestidos com uma cabaia

de grã, que despira a um dos que jaziam mortos, e com rosto alegre e os olhos enxutos fez a todos uma breve fala, focando por vezes nela quão várias e mentirosas eram as coisas do mundo, pelo que lhes pedia como a irmãos que trabalhassem todo o possível para as porem em esquecimento, visto que a lembrança delas não servia para mais que para se magoarem uns aos outros. Porque vistos bem o tempo e o miserável estado em que a fortuna, por nossos pecados, nos tinha posto, conheceríamos e entenderíamos quão necessário nos era o que nos dizia e aconselhava, porque ele esperava em Deus Nosso Senhor que ali naquele despovoado e espesso mato lhes havia de trazer coisas com que se salvassem, porque se havia de crer firmemente que nunca Ele permitia males que não fossem para muito maiores bens, pelo que ele esperava com firme fé, que se ali perdêramos quinhentos mil cruzados que antes de pouco tempo tornaríamos a ganhar mais de seiscentos mil; a qual breve prática de todos foi ouvida com assaz de lágrimas e desconsolação. E provendo-se logo no enterrar dos mortos que jaziam na praia, se gastaram nisso dois dias e meio, em que também salvamos algum mantimento molhado para nos sustentarmos, o qual, ainda que fosse muito, não durou mais que só cinco dias, de quinze que aqui estivermos, porque, como vinha passado de água salgada, apodreceu, de maneira que nenhum proveito nos fazia o comer dele. Passados com assaz de trabalho esses quinze dias que digo, prouve a Nosso Senhor, que nunca falta aos que nele confiam de verdade, trazer-nos milagrosamente o remédio, com que assim nus e despidos como estávamos nos salvamos, como logo direi.

DOS MAIS TRABALHOS QUE PASSAMOS NESTA ILHA,
E DA MANEIRA COMO MILAGROSAMENTE
NOS SALVAMOS

Todos os que escapamos daquele miserável naufrágio que atrás deixo contado andamos nus e descalços por aquela praia e por aqueles matos, passando tantos frios e tantas fomes que muitos dos companheiros, estando falando uns com os outros, caíam subitamente mortos em terra, de pura fraqueza, e não causava isso tanto a falta de mantimento quanto ser-nos esse que comíamos muito prejudicial, por ser todo podre e bolorento, e, além de feder incomportavelmente, amargava de maneira que não havia quem o pudesse meter na boca. Mas como Deus nosso Senhor, de sua própria natureza, é bem infinito, não há parte tão remota nem tão deserta onde se Lhe possam esconder as misérias dos pecadores, e onde os não socorra com uns efeitos da sua infinita misericórdia, tão alheios da nossa imaginação que se pusermos bem os olhos nos termos por onde eles correm veremos claramente que são mais obras milagrosas de suas divinas mãos, que curso de natureza, com que o nosso fraco juízo muitas vezes se engana. Digo isso porque, estando nós um dia, que era aquele em que se celebra a festa do arcanjo São Miguel, derramando todos muitas lágrimas, e com tanta desconfiança de todo remédio humano, quanta nos dava a fraqueza de nossa miséria e pouca fé, passou por acaso voando por cima de nós um milhano que vinha detrás de um cabeço que a ilha fazia contra a parte do sul, e pe-neirando no ar com as asas estendidas lhe caiu das unhas uma

mugem fresca, de quase um palmo de comprido, e dando junto donde estava Antônio de Faria o fez ficar um pouco confuso e indeterminado, até que conheceu o que era; e, depois de estar um pouco olhando para o peixe, se pôs em joelhos, e em meio de muitas lágrimas que lhe corriam pelo rosto abaixo, arrancando do mais intrínseco do seu peito um grande suspiro, disse:

– Senhor Jesus Cristo, eterno Filho de Deus, peço-te humildemente pelas dores da tua sagrada paixão que nos não censure a desconfiança em que a miséria da nossa fraqueza nos tem posto, porque muito bem creio que aquele que antigamente foste para Daniel no lago dos leões, quando pelo profeta Habacuc o mandaste prover, esse por tua misericórdia nos serás agora aqui, e o serás em toda a parte onde qualquer pecador chamar por ti com firme fé e esperança, pelo que, Senhor meu e Deus meu, te peço, que não por mim, senão por ti, e pela intercessão deste teu santo Anjo, cuja festa a tua santa Igreja hoje nos representa, não ponhas os olhos no que te merecemos, mas no que tu mereceste para nós, para que assim tenhas por bem nos conceder o remédio que só de ti esperamos, e nos mandes por tua misericórdia, com que daqui nos leves a terra de cristãos, onde, perseverando em teu santo serviço, acabemos como fiéis.

E tomando a mugem, a assou numas brasas e a deu aos doentes que tinham dela mais necessidade. E olhando para a parte do outeiro donde o milhano viera, vimos muitos outros que voando se levantavam e baixavam, pelo que suspeitou que poderia haver ali alguma caça ou carniça em que aquelas aves se cevavam; e como todos estávamos desejosos de algum remédio para os doentes, que tínhamos muitos, nos fomos em procissão, o melhor que pudemos, com nossa ladainha envolta em lágrimas, para essa parte, e subidos acima do morro, descobrimos um vale muito plano de muitas árvores de diversas frutas e pelo meio dele uma ribeira de água doce, e antes de chegarmos a ela nos deparou Nosso Senhor

com um veado degolado naquela hora, que um tigre começava a comer, e dando-lhe todos uma grande grita no-la deixou assim como estava e foi fugindo para o mais espesso do mato. Nós, vendo isso, o tomamos como bom prognóstico, e nos descemos abaixo à ribeira, e nela nos agasalhamos aquela noite, com grande banquete, tanto desse veado como de muitas mugens que nela tomamos, porque havia ali muita quantidade de milhanos que desciam à água onde tomavam muitos daqueles peixes, e com as gritas que nós lhes dávamos lhes caíam muitas vezes das unhas.

Nesta ribeira continuamos esta nossa pescaria desde a segunda-feira em que chegamos a ela, até ao sábado seguinte, no qual logo pela manhã vimos vir um barco demandar a ilha, e, estando nós duvidosos se ferraria ele o porto ou não, nos descemos abaixo à praia onde nos tínhamos perdido, e passada quase meia hora enxergamos que era coisa pequena, pelo que nos foi forçoso tornarmo-nos a meter para dentro do mato, para nos não verem.

Chegada ao porto essa embarcação, que era uma formosa lan-teia de remo, os que nela vinham a atracaram com dois cabos de popa e de proa com a ribanceira que a ponta da calheta fazia, para se poderem servir como com prancha, e desembarcados todos em terra, que seriam até trinta pessoas pouco mais ou menos, entenderam logo em fazer aguada, e lenha, lavarem sua roupa e guisarem de comer, e alguns se ocupavam em lutas e em outros passatempos, bem fora de lhes parecer que podia haver ali quem os estorvasse.

Vendo Antônio de Faria quão descuidados e desordenados todos andavam, e que na embarcação não havia pessoa nenhuma que no-la pudesse tolher, nos disse, estando nós todos juntos:

– Bem vedes, senhores e irmãos meus, o triste estado em que nossos pecados nos têm posto do que eu creio e vos confesso que só os meus foram causa, mas, como Nosso Senhor é infinitamente misericordioso, eu espero nele que não há-de permitir que

acabemos aqui tão miseravelmente. E ainda que saiba quão escusado é trazer-vos à memória quanto nos importa trabalhar para tomarmos esta embarcação que Nosso Senhor milagrosamente agora aqui nos trouxe, todavia vo-lo lembro, para que todos assim como estamos, com Seu santo nome na boca e no coração, arremetamos juntamente a ela, e antes que nos sintam nos lancemos todos dentro, e quando a ganharmos vos peço que não atendamos a mais que a nos apoderarmos das armas que acharmos, para que com elas nos possamos defender e ficar senhores disso em que, depois de Deus, está a nossa salvação, e logo que eu disser três vezes “Jesus, nome de Jesus”, fazei o que me virdes fazer.

Ao que todos responderam que assim o fariam sem falta nenhuma. E preparados nós do modo conveniente a tão bom propósito, Antônio de Faria fez o sinal que disse e meteu logo correndo, e nós todos juntos com ele, e chegando à lanteia nos apoderamos logo dela sem resistência alguma, e largando os cabos com que estava atracada nos afastamos para o mar cerca de um tiro de besta. Os chins que estavam descuidados disso, quando sentiram a revolta, acudiram logo à praia com grande pressa, e, vendo a embarcação tomada, ficaram tão pasmados que nenhum deles se soube dar a conselho; e atirando-lhes nós com um meio berço de ferro que traziam na lanteia, se acolheram todos ao mato, onde então ficaram chorando o sucesso da sua má fortuna, como nós então tínhamos chorado o nosso.

COMO NOS PARTIMOS DESTA ILHA DOS LADRÕES
PARA O PORTO DE LIAMPÓ, E DO QUE PASSAMOS
ATÉ CHEGAR A UM RIO A QUE CHAMAVAM XINGRAU

Depois de sermos todos recolhidos na lanteia e seguros de nos poderem os chins empecer em coisa alguma, nos pusemos a comer muito descansadamente o seu jantar que um velho lhes tinha aparelhado, o qual era dois tachos de arroz com adens e toucinho picado, que então nos foi a todos de muito bom gosto, segundo o apetite que todos lhe tínhamos. Depois que acabamos de jantar e demos graças a Deus pela mercê que nos fizera, se buscou a fazenda que vinha na lanteia, e se achou nela seda, retrós, cetins, damascos, e três boiões grandes de almíscar, e tudo foi avaliado em quatro mil cruzados, fora uma boa quantidade de arroz, açúcar, lacões e duas capoeiras de galinhas, que então se estimaram mais que tudo para convalescerem os doentes, de que ainda havia muitos, e, começando uns e outros a cortar pelas peças sem medo, nos provemos de toda a falta que então tínhamos.

Antônio de Faria, vendo um menino que também ali estava, de doze até treze anos, muito alvo e bem-assombrado, lhe perguntou donde vinha aquela lanteia ou por que causa viera ali ter, de quem era, e para onde ia; o qual lhe respondeu:

– Era do sem-ventura de meu pai, a quem caiu em sorte triste e desventurada, tomardes-lhe vós outros em menos de uma hora o que ele ganhou em mais de trinta anos, o qual vinha de um lugar que se chama Quoamão, onde a troco de prata comprou toda

essa fazenda que aí tendes, para a ir vender aos juncos de Sião que estão no porto de Comhay, e porque lhe faltava a água quis a sua triste fortuna que a viesse tomar aqui para vós lhe tomardes sua fazenda sem nenhum temor da justiça do céu.

Antônio de Faria lhe disse que não chorasse e o afagou quanto pôde, prometendo-lhe que o trataria como filho, porque nessa conta o tinha e o teria sempre, a que o moço, olhando para ele, respondeu com um sorriso a modo de escárnio:

– Não cuides de mim, ainda que me vejas menino, que sou tão parvo que possa cuidar de ti que roubando-me meu pai me hajas a mim de tratar como filho, e se és esse que dizes, eu te peço muito muito muito por amor do teu Deus que me deixes botar a nado até essa triste terra onde fica quem me gerou, porque esse é o meu pai verdadeiro, com o qual quero antes morrer ali naquele mato, onde o vejo estar me chorando, que viver entre gente tão má como vós outros sois.

Alguns dos que ali estavam o repreenderam, e lhe disseram que não dissesse aquilo, porque não era bem dito, ao que ele respondeu:

– Sabeis por que vo-lo digo? Porque vos vi louvar a Deus com os beiços untados, como homens a quem parece que basta arregar os dentes ao céu sem satisfazer o que têm roubado; pois entendi que o Senhor da mão poderosa não nos obriga tanto a bulir com os beiços, quanto nos proíbe de tomar o alheio, quanto mais roubar e matar, que são dois pecados tão graves quanto depois de mortos conhecereis no rigoroso castigo de sua divina justiça.

Espantado Antônio de Faria das razões desse moço, lhe disse se queria ser cristão, a que o moço, pondo os olhos nele, respondeu:

– Não entendo isso que dizes, nem sei que coisa é essa que me dizes; explica-ma primeiro e então te responderei a propósito.

E declarando-lhe Antônio de Faria por palavras discretas ao seu modo, lhe não respondeu o moço a elas, mas pondo os olhos no céu, com as mãos levantadas, disse chorando:

– Bendita seja, Senhor, a tua paciência, que sofre haver na terra gente que fale tão bem de ti e use tão pouco da tua lei, como estes miseráveis e cegos que cuidam que furta e pregar te pode satisfazer como aos príncipes tiranos que reinam na terra.

E não querendo mais responder a pergunta nenhuma, se foi pôr a um canto a chorar, sem em três dias querer comer coisa nenhuma de quantas lhe davam.

Tomando-se então conselho sobre o caminho que dali se faria, ou que rota se seguiria, se para o norte, se para o sul, houve sobre isso alguns pareceres bem diferentes, no fim dos quais se assentou que nos fôssemos a Liampó, que era um porto adiante dali, para o norte, duzentas e sessenta léguas, porque poderia ser que ao longo da costa nos melhorássemos doutra embarcação maior e mais acomodada a nosso propósito, porque aquela era muito pequena para tão comprida viagem, e com os receios de tantas tempestades quantas causam as luas novas na costa da China, onde continuamente se perdiam muitos navios. Com essa determinação demos a vela já quase sol posto, daqui desta ilha, ficando os chins na praia como pasmados, e corremos aquela noite com a proa a lés-nordeste, e sendo já quase manhã havemos vista de um ilhéu a que chamavam Guintó, no qual tomamos uma barça de pescadores com muita soma de peixe fresco, da qual tomamos o necessário, com mais oito homens, de doze que nela achamos, para nos marearem a lanterna porque a nossa gente não estava para o poder fazer, por vir muito fraca e debilitada dos trabalhos passados.

E perguntados esses oito pescadores que portos havia por aquela costa até ao Chinchéu, onde nos parecia que podíamos achar alguma nau de Malaca, nos disseram que dali a dezoito léguas estava um rio muito bom e de bom surgidouro, a que chamavam

Xingrau, onde continuamente havia muitos juncos que carregavam de sal, de pedra-ume, de azeite, de mostarda e de gergelim, no qual bem largamente nos podíamos aparelhar e prover de tudo de que tivéssemos necessidade, na entrada do qual estava uma aldeia pequena que se chamava Xamoy, povoada de pescadores e de gente pobre, mas que dali a três léguas pelo rio acima estava a cidade onde havia muita seda, almíscar, porcelanas e outras sortes de fazendas que de veniaga se levavam para diversas partes.

Com essa informação nos fomos demandar esse rio, onde chegamos ao outro dia à tarde, e surgimos defronte dele cerca de uma légua no mar, por recearmos que nossos pecados nos trouxessem aqui alguma desventura como as passadas. Aquela noite seguinte tomamos um parau de pescadores e lhes perguntamos que juncos estavam dentro, quantos eram e que gente tinham, e outras coisas que faziam a nosso caso, ao que responderam que lá em cima na cidade haveria cerca de duzentos juncos somente, porque o mais eram já partidos para Ainão, e Sumbor, e Lailá, e outros portos da Cochinchina, mas que ali na povoação de Xamoy podíamos estar seguros, onde nos venderiam todo o mantimento que houvésemos mister. Com isso, entramos para dentro do rio e surgindo dentro da aldeia nos deixamos assim estar cerca de meia hora; e seria isso então a meia-noite pouco mais ou menos. E vendo Antônio de Faria que a lanteia em que vínhamos não era embarcação suficiente para irmos dali a Liampó, onde tínhamos determinado ir, assentou com parecer dos mais companheiros e soldados de se prover de outra melhor; e ainda que naquele tempo não estávamos para acometer coisa alguma, todavia a necessidade nos obrigou a fazermos mais do que as nossas forças requeriam.

Estava então naquele porto, surto, um junco pequeno só, e sem haver outro nenhum, o qual tinha pouca gente, e esses que eram estavam todos dormindo; e vendo Antônio de Faria que era essa boa ocasião para efetuar seu intento, fez logo arriar a amarra e

se igualou com ele, e escolhendo dos vinte e sete soldados que levava, quinze, com mais oito moços, se subiu acima ao convés do junco, sem até então ser sentido de ninguém, e achando nele dormindo seis ou sete chins marinheiros, os mandou atar de pés e mãos, ameaçando-os que se bradassem os havia de matar a todos, pelo que nenhum deles com medo ousou falar, e cortando-lhe ambas as amarras com que estava surto, o mais depressa que pôde se fez a vela para fora do rio, e velejando tudo o que restava da noite sempre com a proa no mar foi amanhecer junto de uma ilha a que chamavam Pulo Quirim, a nove léguas donde tinha partido. E ajudando-nos Deus com vento fresco de velas cheias, fomos dali a três dias surgir a uma ilha chamada Luxitay, na qual foi necessário, para convalescença dos doentes, determo-nos quinze dias, tanto por ela ser muito sadia e de boas águas, como por algum fresco que pescadores ali nos traziam a troco de arroz. Ali foi buscado todo o junco, e não se achou nele mais fazenda que arroz somente, que ali no porto de Xamoy se estava vendendo, de que a maior parte se lançou ao mar, para ficar o junco mais boiante e menos perigoso para a nossa viagem. E baldeando o fato da lanteia para dentro do junco, a varamos em terra, para a espalmarmos, por nos ser necessária para fazermos aguadas nos portos onde entrássemos. Nisso gastamos, como já disse, quinze dias nesta ilha, nos quais os enfermos convalesceram de todo, e nos partimos na via do reino de Liampó, onde tínhamos por novas que havia muita gente portuguesa que aí era vinda de Malaca, de Sunda, de Sião e de Patane, a qual toda naquele tempo ali costumava vir invernar.

COMO INDO NÓS AO LONGO DA COSTA DE LAMAU,
ENCONTRAMOS UM CORSÁRIO CHIM
MUITO AMIGO DE PORTUGUESES, E DO PACTO
QUE ANTÔNIO DE FARIA FEZ COM ELE

Havendo já dois dias que navegávamos ao longo da costa de Lamau, com ventos e mares bonancosos, prouve a Nosso Senhor que acaso encontramos um junco de Patane que vinha dos léquios, o qual era de um corsário chim que se chamava Quiay Panjão, muito amigo da nação portuguesa e muito inclinado a nossos costumes e trajos, em companhia do qual andavam trinta portugueses, homens todos muito escolhidos que esse corsário trazia a seu soldo, fora outras muitas vantagens que cada hora lhes fazia, com o que todos andavam ricos. Esse junco, logo que houve vista de nós, se determinou em nos acometer, parecendo-lhes que éramos outra gente, e pondo-se em som de abalroar, como ele era oficial velho e prático nesse ofício de corsário, metendo à orça com todas as velas, se pôs a barlavento quase três quartas do rumo da nossa esteira, e marcando em popa veio arribando entre ambos os punhos até pouco mais de tiro de berço, e nos fez uma salva de quinze peças de artilharia, com que ficamos todos muito embaraçados, por serem as mais delas falcões e roqueiros. Antônio de Faria esforçou então os seus com ânimo valoroso e de bom cristão, e os repartiu pelas estâncias mais necessárias, como foram convés, popa e proa, com seu resguardo de sobressalente onde a necessidade mais o pedisse. E indo assim com propósito determinado de chegar a cabo com tudo o que a fortuna lhe oferecesse, quis Nosso Senhor que lhe

enxergamos na quadra uma grande bandeira de Cruz, e no chapitêu muita gente com barretes vermelhos, que os nossos naquele tempo costumavam muito trazer quando andavam de armada, pelo que assentamos que eram portugueses que podiam vir de Liampó e ir para Malaca, como naquela monção sempre costumavam, e dando-lhes nós também sinal de nós, para ver se nos conheciam, logo que enxergaram que éramos portugueses deram todos uma grande grita, e amainando ambos os traquetes de romania em sinal de obediência despediram logo um balão muito equipado com dois portugueses, a ver que gente éramos e donde vínhamos, os quais logo que nos reconheceram, e se afirmaram na verdade de quem éramos, vieram mais afoitos a nós, e depois de fazerem uma salva, a que nós também respondemos, subiram até acima. Antônio de Faria os recebeu com grandíssimo bom acolhimento, e, como eram homens conhecidos de alguns soldados da nossa companhia, se detiveram grande espaço de tempo contando muitas particularidades que faziam a nosso propósito. Antônio de Faria mandou Cristóvão Borrvalho em companhia dos dois a visitar o Quiay Panjão, e lhe escreveu uma carta de muitos cumprimentos, e lhe fez grandes oferecimentos de sua amizade, de que o corsário Panjão se mostrou tão contente e ufano que não cabia em si de vaidade. E chegando junto do nosso junco, mandou amainar as velas do seu e se embarcou na champana que era o batel, e acompanhado de vinte portugueses veio ver Antônio de Faria e lhe trouxe um rico presente que valia mais de dois mil cruzados, em âmbar e pérolas, e peças de ouro e prata.

Antônio de Faria os recebeu a ele e aos portugueses que com ele vinham com muitas festas e bom acolhimento, e a todos fez muitas honras e cortesias. E sentando-se todos depois que algum espaço de tempo estiveram praticando em coisas de gosto, conformes ao tempo em que estavam, Antônio de Faria lhes deu conta de todo o sucesso da sua perdição, e de todos os mais infortúnios

da sua viagem, e da determinação da sua rota para Liampó, com propósito de lá se refazer de gente e navios de remo, para tornar de novo a correr as costas de Ainão, e ir pela enseada da Cochinchina dentro às minas de Quonjaparú, onde tinha por novas que havia seis casas muito grandes cheias de prata, fora outra mor soma que nas fundições se lavrava, à borda de água, onde sem risco nenhum se podiam todos fazer muito ricos. Ao que o Panjão respondeu:

– Eu, senhor capitão, não tenho tanto quanto alguns cuidam de mim, mas já em outro tempo tive muito; e também desastres da fortuna, como esse teu de que agora me deste conta, me levaram a maior parte da minha riqueza, e por isso receio de me ir meter em Patane, onde tenho mulher e filhos, porque sei certo que me há-de El-Rei tomar quanto levo, porque vim de lá sem sua licença, e há-de fazer disso peçonha, só a fim de me roubar, como já algumas vezes fez a outros por muito menos causa que essa de que me pode arguir, pelo qual te digo que se quiseres e fores contente que eu te acompanhe nessa viagem que queres fazer, com cem homens que trago neste meu junco e quinze peças de artilharia, e trinta espingardas, fora outras mais de quarenta que trazem esses portugueses que andam comigo, eu o farei de muito boa vontade, contanto que do que se adquirir se me há-de dar a terça parte, e disso, senhor, se te apraz, me há-de dar um assinado teu, e jurar-me em tua lei de mo cumprires inteiramente.

Antônio de Faria lhe aceitou o oferecimento com muito boa vontade, e depois de lho agradecer com muitas palavras, e o abraçar por ele muitas vezes, lhe jurou nuns santos Evangelhos de o fazer assim como lho pedia, sem falta nenhuma, e disso lhe passou logo um assinado, em que dez ou doze dos mais honrados foram testemunhas. E com esse pacto se foram ambos meter num rio que estava adiante dali cinco léguas, que se chamava Anay, onde se proveram de tudo o que haviam mister, a troco de cem cruzados que deram de peita ao mandarim capitão da cidade.

COMO ENCONTRAMOS NO MAR UMA EMBARCAÇÃO
PEQUENA DE PESCADORES, EM QUE IAM OITO
PORTUGUESES MUITO FERIDOS, E DA CONTA QUE ELES
DERAM A ANTÔNIO DE FARIA DA SUA DESVENTURA

Partidos nós deste Rio de Anay muito bem apercebidos de tudo o necessário para a viagem que estava determinado fazer-se, pareceu bem a Antônio de Faria, por conselho do Quiay Panjão, de que sempre fez muito caso, para o conservar em sua amizade, ir surgir no porto do Chinchéu, para aí se informar pelos portugueses que eram vindos da Sunda, de Malaca, de Timor e de Patane, de algumas coisas necessárias a nosso propósito, e se tinham novas de Liampó, porque se soava então pela terra que era lá ida uma armada de quatrocentos juncos, em que iam cem mil homens por mandado de El-Rei da China, a prender os nossos que lá residiam de assento, e queimar-lhes as naus e as povoações, porque os não queriam em sua terra, por ser informado de novo que não eram eles gente tão fiel e pacífica como antes lhe tinham dito.

Chegados nós ao porto do Chinchéu, achamos aí três naus de portugueses que havia já um mês que eram chegadas dessas partes que disse, dos quais fomos muito bem recebidos e agasalhados, com muita festa e contentamento, e depois que deram novas da terra, e da mercancia, e da paz e quietação do porto, nos disseram que de Liampó não sabiam nada, mais que dizerem-lhes os chins que havia lá muitos portugueses de internada, e outros vindos de novo de Malaca, da Sunda, de Sião e de Patane, e que faziam na terra suas fazendas pacificamente, e que a armada grossa de que nos temíamos não era lá, mas que se presumia que era ida às

ilhas de Goto, em socorro do sucão de Pontir, a quem se dizia que um seu cunhado tiranicamente tinha tomado o reino; e porque esse sucão se fizera de novo súdito do rei da China, com tributo de cem mil taéis cada ano, lhe dera aquela armada dos quatrocentos juncos, em que se afirmava que iam cem mil homens, para o meterem de posse do reino ou senhorio que lhe tinham tomado, com a qual nova todos ficamos descansados e demos por isso muitas graças a Nosso Senhor.

Depois que nesse porto do Chinchéu estivemos nove dias, nos saímos dele levando já em nossa companhia trinta e cinco soldados mais, dessas cinco naus a que Antônio de Faria fez bom partido, e seguimos nosso caminho na via do reino de Liampó. E havendo já cinco dias que navegávamos com ventos ponteiros, velejando às voltas de um bordo a outro, sem podermos passar avante, uma noite, ao quarto da prima encontramos um paraú pequeno de pescadores em que vinham oito portugueses muito feridos, dos quais dois se chamavam Mem Taborda e Antônio Anriquez, ambos homens honrados e ricos, e de muito nome naquelas partes, e por isso os nomeei a eles particularmente; e tanto esses como todos os outros vinham tão destroçados que era coisa piedosa vê-los. Chegado esse paraú ao junco de Antônio de Faria, ele fez logo recolher dentro esses oito portugueses, os quais em subindo acima, logo que o viram se lhe lançaram todos aos pés, e ele os recebeu com muita afabilidade e gasalhado, acompanhado de assaz de lágrimas por os ver rotos, nus e descalços, e banhados no seu próprio sangue. E vendo-os daquela maneira lhes perguntou pela causa de sua desventura, e eles lha contaram com mostras de muito sentimento, dizendo que havia dezessete dias que tinham partido de Liampó para Malaca, com propósito de passarem à Índia, se lhes a monção não faltasse, e que, sendo tão avante como o ilhéu de Sumbor, os acometera um ladrão guzarate, de nome Coja Acém, com três juncos e quatro lanteias, nas

quais sete embarcações trazia quinhentos homens, de que cento e cinquenta eram mouros, e jaus, e champás, tudo gente da outra costa do Malaio, e pelejando com eles desde a uma hora até às quatro depois do meio-dia os tomara com morte de oitenta e duas pessoas, em que entraram dezoito portugueses, fora quase outras tantas que levava cativas, e que no junco lhes tomara, de emprego seu e de partes, mais de cem mil taéis. E juntamente com isso lhe contaram outras particularidades tão lastimosas que a alguns dos circunstantes que as ouviam se enxergou bem nos olhos a dor e mágoa que tinham deles. Suspenso ficou Antônio de Faria e pensativo um grande espaço de tempo, imaginando no que aqueles homens lhe tinham dito, e virando-se para eles lhes disse:

– Peço-vos, senhores, que me digais, já que essa briga foi tal como me contaste, como foi possível escapardes vós mais que os outros?

Ao que eles responderam:

– Depois de termos pelejado às bombardas cerca de uma hora ou hora e meia, os três juncos grandes nos abalroaram cinco vezes, e das grandes pancadas que nos deram nos abriu o nosso grande água pela roda de proa, e tão grossa que com ela nos íamos ao fundo, a qual foi a principal causa da nossa perdição, porque querendo-a vedar nos era forçoso baldear muita fazenda para irmos acudir a ela, e ocupando nisso a gente, apertavam os inimigos conosco, de maneira que para nos defendermos, nos era também forçoso deixarmos o que fazíamos, para acudir em cima, e estando nós neste trabalho, e com a maior parte da gente ferida, e alguns também já mortos, se ateou o fogo em um dos seus juncos, e pegando no outro que estava junto dele, lhes foi forçoso largarem os arpéus para se desempeçarem um do outro, o que não puderam fazer tanto a seu salvo, por muito que nisso trabalhassem, sem que um deles não ardesse até ao lume da água, e toda a gente dele se lançou ao mar, de que se afogou a maior

parte. Nesse tempo, acabou o nosso junco de assentar sobre a estacada das pesqueiras que estavam junto do recife antes que cheguem à boca do rio, onde agora está o pagode dos siameses. E logo que o perro do Coja Acém, que era o que nos tinha aferado, nos viu daquela maneira, entrou de repente conosco, com uma grande soma de mouros, todos armados de couros e saias de malha, e em chegando nos derrubaram logo, dos nossos passante de cinquenta, de que dezoito foram portugueses, e nós dessa maneira que nos vossa mercê vê, assim feridos e queimados, por não termos nenhum remédio, nos lançamos a uma manchua que tínhamos atracada na popa do nosso junco, na qual prouve a Deus que nos salvamos só quinze pessoas, de que já morreram ontem duas, e as treze que milagrosamente escapamos vimos da maneira que vossa mercê o vê, oito portugueses e cinco moços nossos; e fugindo nessa manchua por entre a estacada e a terra, nos fomos sempre cosendo com os penedos, para que não pudessem eles chegar a nós, e acabando as lanteias de recolher os seus que andavam ainda na água, se foram com grande grita e muitos tangeres ao nosso junco, no qual, embaraçados com a cobiça da presa, prouve a Nosso Senhor que isso foi causa de nos não seguirem. E sendo nesse tempo já quase sol posto, se meteram pelo rio dentro com festa de muitos tangeres e apupadas, como quem triunfava dos miseráveis de nós.

Antônio de Faria lhes disse então:

– Segundo isso, aí devem estar agora dentro nesse rio, pois vão tão destroçados como dizeis, e parece-me que nem o vosso junco nem o outro que estava abalroadado com o que se queimou lhes pode servir para nada, e no outro grande com que ele vos abalrou alguma gente lhe havíeis de matar e ferir.

Ao que eles ambos responderam que muita gente lhe mataram e muita lhe feriram.

Antônio de Faria então tirando o barrete, com os joelhos no chão, as mãos levantadas e os olhos no céu, disse com assaz de lágrimas:

– Senhor Jesus Cristo, assim como tu meu Deus és verdadeira esperança dos que em ti confiam, eu, mais pecador que todos os homens, te peço com muita humildade em nome destes servos, cujas almas tu remiste com o teu precioso sangue, que nos dês esforço e vitória contra esse inimigo cruel matador de tantos portugueses, o qual eu, com o teu favor e ajuda, e por honra do teu santo nome, determino de ir buscar como até agora tenho feito, para que às mãos desses teus servos e fiéis soldados pague o que há tanto tempo nos deve.

Ao que todos os que estavam presentes, em uma voz, responderam:

– A eles, com o nome de Cristo, porque o perro pagará nove vezes o que deve, tanto a nós como a esses pobres companheiros.

E dando com esse fervor uma grande grita, marearam as velas em popa para o porto de Lailó, que ficava atrás oito léguas, ao qual por conselho que sobre isso se teve Antônio de Faria se foi aparelhar para essa briga que esperava ter com esse corsário, em busca do qual, como atrás fica dito, tinha gastado tanto tempo, sem até então poder ter novas dele em nenhum porto de quantos correrá.

LVIII

DO QUE ANTÔNIO DE FARIA FEZ EM LAILÓ, ONDE SE PREPAROU PARA IR PELEJAR COM COJA ACÉM

Surgindo nós ao outro dia pela manhã no porto de Lailó, o Quiay Panjão que Antônio de Faria levava por companheiro que, como já se disse, era chim de nação, e tinha muitos parentes naquela terra, e era nela muito conhecido e valido com todos, pediu ao mandarim que era capitão do lugar que por nosso dinheiro nos desse o que houvéssemos mister, o que lhe ele concedeu, tanto pelo receio que teve de lhe poderem fazer algum dano como por uma peita de mil cruzados que Antônio de Faria lhe deu por isso, com que ficou satisfeito.

E desembarcando alguns dos nossos em terra, compraram logo com muita pressa todas as coisas de que tinham necessidade, como foi salitre, e enxofre para pólvora, chumbo, pelouros, mantimentos, amarras, azeite, breu, estopa, madeira, tabuado, armas, zargunchos, paus tostados, vergas, paveses, antenas, calhau, poleame, driças e âncoras, fizeram aguada e se proveram de equipagem de gente do mar, porque ainda que este lugar não fosse de mais que de trezentos até quatrocentos vizinhos, havia tanto disso nele e pelas aldeias ao redor que em verdade afirmo que quase faltam palavras para o encarecer, porque esta excelência tem a terra da China sobre todas as outras: ser mais abastada de tudo o que se possa desejar, que todas quantas há no mundo. E como Antônio de Faria era muito generoso, de condição, e despendia do monte maior, pagava essas coisas tanto à vontade dos que lha vendiam,

que isso causava vir até ele tudo aos montes, de modo que em treze dias saiu deste porto com dois juncos novos muito grandes e alterosos, que se compraram a troco dos pequenos que levava, e duas lantheias de remo lançadas do estaleiro, e cento e sessenta marinheiros, tanto para chusma como para marearem as velas.

Feito esse preparo de todas as coisas necessárias, e postos nós de verga de alto e as âncoras a pique para nos partirmos, se fez conta geral de toda a gente que ia na armada, e se acharam ao todo quinhentas pessoas, tanto de peleja como de serviço, em que entravam noventa e cinco portugueses, todos gente manceba e determinada para qualquer bom feito, e os mais moços nossos e marinheiros, e gente da outra costa que o Quiay Panjão trazia a soldo, os quais também eram exercitados na guerra como corsários que a continuavam havia cinco anos. Acharam-se também na armada cento e sessenta espingardas e quarenta peças de artilharia de bronze, em que entravam doze falcões, dois camelos, uma espera e cinco roqueiros que atiravam pelouros de pedreiros, e os mais berços, com dois cães como meias esperas, e sessenta quintais de pólvora, cinquenta e quatro de bombarda, e seis de espingarda, fora a que já era dada aos arcabuzeiros, e novecentas panelas, quatrocentas de pólvora e as mais de cal virgem em pó, como os chins costumavam, e muitas rocas de pedra, e setas, e lanças, e bombas de fogo que um levantisco nos fazia por paga que para isso se lhe dava, e quatro mil zargunchos com pontas de ferro, que ao abalroar servem de arremesso, e seis batéis de calhau, por ser coisa com que toda a equipagem peleja, e doze arpéus de abalroar com suas fateixas ligadas em cadeias de ferro muito compridas, e outros muitos artifícios de fogo que os chins nos inventaram com cobiça do muito que para isso se lhes dava.

Com isso nos partimos deste lugar de Lailó, muito embandeirados, com as gáveas toldadas de panos de seda, e os juncos e lorchas com duas ordens de paveses de lado, com seus bailéus

de popa e de proa, e outros sobrebailéus levadiços para se poderem armar nos tempos necessários; e prouve a Nosso Senhor que dentro de três dias chegamos às pesqueiras onde Coja Acém tinha tomado o junco dos portugueses, e logo que anoiteceu Antônio de Faria mandou espiar o rio onde tinha por novas que ele estava. Os espias trouxeram a bordo um parau de pescadores que tomaram, em que vinham seis homens naturais da terra, os quais disseram que estava o corsário dali a duas léguas, metido num rio que se chamava Tinlau, consertando o junco que tomara aos portugueses, para nele e em outros dois que tinha se ir para Sião, de onde era natural, e que se havia de partir dali a dez dias, com a qual informação Antônio de Faria assentou, por parecer de alguns que para isso foram chamados, que todavia se mandasse ver com os olhos, porque uma coisa em que tanto se aventurava não se havia de cometer assim às cegas, senão muito bem vista e esquadrinhada, e que sobre a certeza do que se visse se determinaria o que parecesse bem a todos. E despejando então o parau em que vieram os seis pescadores, o equiparam com os marinheiros do junco do Quiay Panjão, por ser equipagem mais fiel e segura, só com dois dos que se tomaram, porque os mais ficaram como reféns; e mandaram nele um soldado de nome Vicente Morosa, homem esforçado e muito sisudo, em trajos de chim para não ser conhecido, o qual, chegando ao lugar onde os inimigos estavam, fingindo que andava pescando como outros faziam, viu e espiou tudo quanto era necessário, e tornando a bordo deu relação do que vira, e afirmou que o inimigo estava tão tomado às mãos que em chegando haveria pouco que fazer nele.

Com essa informação, se juntaram todos no junco de Quiay Panjão, onde Antônio de Faria para o animar e favorecer, e para lhe dar aquela honra, quis que fosse este conselho, e nele se assentou que logo que fosse noite fôssemos surgir na boca do rio; para que antemanhã, com o nome de Cristo, déssemos nos inimigos. E

concluídos todos nesse parecer, proveu Antônio de Faria na ordem e maneira que se havia de ter na entrada do rio, e no acometer os inimigos. E repartindo a gente, pôs no junco de Quiay Panjão trinta portugueses quais ele quis, porque em tudo lhe fazia a vontade, por ser assim necessário, e nas duas lanteias pôs seis em cada uma, e no junco de Cristóvão Borrvalho vinte, e com ele ficaram os mais que eram trinta e três, fora os escravos e outra muita gente cristã, valentes homens muito fiéis, e assim concertados na ordem necessária para o que se esperava fazer com a ajuda de Nosso Senhor, deu a vela para o Rio de Tinlau, onde chegou quase às ave-marias; e passando a noite com boa vigia, logo que foram as três horas depois da meia-noite, se fez a vela e foi demandar o inimigo que estava dali a pouco mais de meia légua pelo rio acima.

COMO ANTÔNIO DE FARIA PELEJOU COM O CORSÁRIO
COJA ACÉM E DO QUE COM ELE LHE SUCEDEU

Velejando nós pelo rio acima com vento e maré que Nosso Senhor então nos deu, em menos de uma hora chegamos onde os inimigos estavam, que até este tempo nos não tinham ainda sentido; mas como eles eram ladrões e se temiam da gente da terra, pelos males e roubos que ali cada dia lhe faziam, estavam tão aparelhados e tinham tão boa vigia que em nos vendo tocaram um sino muito apressadamente, ao som do qual foram tamanhos o rumor e revolta de gente, tanto da que estava em terra como da que estava embarcada, que não havia quem se ouvisse com eles o que vendo Antônio de Faria bradou logo, dizendo:

– Eia, senhores e irmãos meus, a eles, com o nome de Cristo, antes que as suas lorchas lhes acudam! Santiago!

E disparando toda a nossa artilharia, prouve a Nosso Senhor que se empregou tão bem que dos mais esforçados que já nesse tempo estavam em cima do chapitéu, veio logo abaixo a maior parte, feitos em pedaços, o que foi um bom prognóstico do nosso desejo.

Após isso, os nossos atiradores, que seriam cento e sessenta, pondo fogo a toda a arcabuzaria, conforme o sinal que lhes fora feito, os conveses de ambos os juncos ficaram tão vazios da multidão que antes neles se via que já nenhum dos inimigos ousava aparecer. Os nossos dois juncos, abalroando então os dois dos inimigos assim como estavam, a briga se travou entre todos, de

maneira que realmente confesso que não me atrevo a particularizar o que nela se passou, ainda que me achasse presente, porque ainda nesse tempo a manhã não era bem clara, e a revolta dos inimigos e nossa era tamanha, juntamente com o estrondo dos tambores, bacias e sinos, e com as gritas e brados de uns e dos outros, acompanhados de muitos pelouros de artilharia e de arcabuzaria, e na terra o retumbar dos ecos pelas concavidades dos vales e outeiros, que as carnes tremiam de medo; e durando assim essa briga por espaço de um quarto de hora, as suas lorchas e lanteias lhes acudiram de terra com muita gente de reforço, vendo o quê, um tal Diogo Meireles, que vinha no junco de Quiay Panjão, e que o seu condestável, dos tiros que fazia nenhum acertava, por andar tão pasmado e fora de si que nenhuma coisa acertava, estando ele então para dar fogo a um camelo, meio turvado, o empurrou tão de rijo que deu com ele da escotilha abaixo, dizendo:

– Guar-te daí, vilão, que não prestas para nada, porque este tiro neste tempo é para os homens como eu, e não para os tais como tu!

E apontando o camelo por suas miras e regra de esquadria, de que sabia razoavelmente, deu fogo à peça que estava carregada com pelouro e roca de pedras, e tomando a primeira lorcha que vinha na dianteira, por capitânia das quatro, a descoseu toda de popa a proa pelo alcatrate da banda de estibordo, com o que tudo ficou raso com a água, de maneira que logo ali a pique se foi ao fundo, sem dela se salvar pessoa nenhuma, e varejando a munição da roca por cima deu no convés de outra lorcha que vinha um pouco mais atrás, e lhe matou o capitão e seis ou sete que estavam junto dele, do que as outras duas ficaram tão assombradas que, querendo tornar a voltar para terra, se embaraçaram ambas nos guardins das velas de maneira que nenhuma delas se pôde mais desembaraçar, e assim presas uma na outra estiveram ambas estacadas sem poderem ir para trás nem para diante.

Vendo então os capitães das nossas duas lorchas (os quais se chamavam Gaspar de Oliveira e Vicente Morosa) o tempo disposto para efetuarem o desejo que traziam, e a inveja honrosa de que ambos se picavam, arremeteram juntamente a elas, e lançando-lhes muita soma de panelas de pólvora se ateou o fogo em ambas, de maneira que assim juntas como estavam arderam até ao lume da água, com o que a maior parte da gente se lançou ao mar, e os nossos acabaram ali de matar a todos às zargunchadas, sem um só ficar vivo; e somente nessas três lorchas morreram passante de duzentas pessoas; e a outra que levava o capitão morto, tampouco pôde escapar, porque Quiay Panjão foi atrás dela na sua champaña, que era o batel do seu junco, e a foi tomar já pegada com terra, mas sem gente nenhuma, porque toda se lhe lançou ao mar, de que a maior parte se perdeu também nuns penedos que estavam junto da praia, com a qual vista os inimigos que ainda estavam nos juncos, que podiam ser até cento e cinquenta, e todos mouros lusões, e bornéus, com alguma mistura de jaus, começaram a enfraquecer, de maneira que muitos começavam já a se lançar ao mar.

O perro do Coja Acém, que até esse tempo não era ainda conhecido, acudiu com muita pressa ao desmancho que via nos seus, armado com uma coura de lâminas de cetim carmesim franjada de ouro, que fora de portugueses, e bradando alto para que todos o ouvissem disse por três vezes:

– Lah hilah hilah lah muhamd roçol halah, ó massoleimões e homens justos da santa lei de Mafamede, como vos deixais vencer assim por uma gente tão fraca como são estes cães, sem mais ânimo que de galinhas brancas e de mulheres barbadadas? A eles, a eles, que certa temos a promessa do livro das flores, em que o profeta Noby abastou de deleites os daroeses da casa de Meca. Assim fará hoje a vós e a mim, se nos banharmos no sangue destes cafres sem lei!

Com as quais malditas palavras o Diabo os esforçou de maneira que, fazendo-se todos num corpo, amoucos, tornaram a voltar tão esforçadamente que era espanto ver como se metiam nas nossas espadas.

Antônio de Faria, então bradando também aos seus, lhes disse:

– Ah, cristãos e senhores meus, se estes se esforçam na maldita seita do Diabo, forcemo-nos nós em Cristo Nosso Senhor posto na Cruz por nós, que nos não há-de desamparar, por mais pecadores que sejamos, porque enfim somos seus, o que esses perros não são.

E arremetendo com esse fervor e zelo da fé, ao Coja Acém, como quem lhe tinha boa vontade, lhe deu com ambas as mãos, com uma espada que trazia, uma tão grande cutilada pela cabeça, que cortando-lhe um barrete de malha que trazia o derrubou logo no chão, e tornando-lhe com outro revés lhe decepou ambas as pernas, de que se não pôde mais levantar, o qual, sendo visto pelos seus, deram uma grande grita e arremetendo a Antônio de Faria se igualaram com ele uns cinco ou seis com tanto ânimo e ousadia que nenhuma conta fizeram de trinta portugueses de que ele estava rodeado, e lhe deram duas cutiladas, com que o tiveram quase no chão, o que vendo os nossos, acudiram logo com muita pressa, e esforçando-os ali Nosso Senhor, o fizeram de maneira que em pouco mais de dois credos foram mortos, dos inimigos ali sobre o Coja Acém, quarenta e oito, e dos nossos catorze somente, de que só cinco foram portugueses, e os mais moços escravos muito bons cristãos e muito leais. Já nesse tempo os que ficavam começaram a enfraquecer, e se foram retirando desordenadamente para os chapitéus da proa, com a tenção de se fazerem aí fortes, a que vinte soldados dos trinta que estavam no junco de Quiay Panjão acudiram com muita pressa, e tomando-o do rosto antes que se assenhoreassem do que pretendiam, os apertaram de maneira que os fizeram lançar todos ao mar, com tamanho desatino que

uns caíam por cima dos outros. Animados então os nossos com o nome de Cristo Nosso Senhor, por quem chamavam continuamente, e com a vitória que já conheciam, e com a muita honra que tinham ganhado, os acabaram ali de matar e consumir a todos, sem ficarem deles mais que só cinco que tomaram vivos, os quais, depois de presos e atados de pés e mãos, e lançados em baixo na bomba para com tratos se lhes fazerem algumas perguntas, se degolaram às dentadas uns aos outros, com receio da morte que se lhes podia dar. E esses também foram feitos em quartos pelos nossos moços e lançados ao mar, em companhia do perro do Coja Acém, seu capitão e caciz-mor de El-Rei de Bintão, e derramador e bebedor do sangue português, como se ele intitulava nos começos das suas cartas, e publicamente pregava a todos os mouros, por causa do que, e pelas superstições da sua maldita seita, era deles muito venerado.

DO MAIS QUE ANTÔNIO DE FARIA FEZ DEPOIS QUE
HOUE ESTA VITÓRIA E DA LIBERALIDADE
QUE AQUI USOU COM OS PORTUGUESES DE LIAMPÓ

O processo dessa cruel e áspera peleja, cujo fim foi essa gloriosa vitória que tenho contado, quis escrever assim brevemente e em resumo, porque se me pusera a contar por extenso todas as particularidades dela, tanto do muito que os nossos fizeram como do grande esforço com que os inimigos se defenderam, além de não ter eu cabedal para tanto, me fora necessário fazer um processo muito mais largo e uma história muito mais comprida que esta; porém, como minha tenção é somente tocar essas coisas como de corrida, trabalho sempre quanto posso para ser breve em muitas coisas em que porventura outros engenhos melhores que o meu se alargaram muito e fizeram muito caso delas, se as viram ou as escreveram; e por isso eu não tocando agora mais que aquelas coisas que de necessidade se hão-de escrever me torno ao de que ia tratando. A primeira coisa a que Antônio de Faria atendeu, depois dessa vitória, foi a cura dos feridos, que por todos seriam noventa e dois, de que os mais foram portugueses e moços nossos. Após isso, querendo saber o número dos mortos, achou dos nossos quarenta e dois, entre os quais foram oito portugueses, o que Antônio de Faria mostrou sentir mais que tudo, e dos inimigos trezentos e oitenta, de que só cento e cinquenta foram a ferro e fogo, e todos os mais afogados. E ainda que essa vitória fosse de todos muito festejada, não deixou de haver nela assaz de lágrimas públicas e secretas pela morte dos companheiros que

ainda estavam por enterrar, e os mais deles com as cabeças feitas em quartos pelas machadinhas com que os inimigos pelejavam.

Antônio de Faria, ainda que estivesse com três feridas, desembarcou logo em terra com toda a gente que estava boa para o poder acompanhar, onde primeiro que tudo se tratou do enterramento dos mortos, na qual obra se gastou a maior parte do dia.

Após isso, foi logo Antônio de Faria correr toda a ilha em roda, para ver se havia nela alguma gente, e foi dar num vale muito aprazível de muitas hortas e pomares de muita diversidade de frutas, no qual estava uma aldeia de quarenta ou cinquenta casas térreas que Coja Acém tinha saqueado, e dado a morte a alguns dos moradores dela que não puderam fugir. Mais abaixo do vale, cerca de um tiro de besta, ao longo de uma fresca ribeira de água doce em que havia muita quantidade de muggens, e trutas, e robalos, estava uma teracena ou casa grande que parecia ser templo daquela aldeia, a qual estava toda cheia de doentes e feridos que Coja Acém ali tinha em cura, entre os quais havia alguns mouros parentes seus, e outros também honrados que ele trazia a soldo, que eram, por todos, noventa e seis; estes, em vendo Antônio de Faria, deram uma grande grita como que a pedir-lhe misericórdia, a qual ele então não quis usar com eles, dando por razão que se não podia dar a vida a quem tantos cristãos tinha matado, e mandando-lhes pôr fogo por seis ou sete partes, como a casa era de madeira breada e coberta de folha de palmeira seca, ardeu de maneira que foi uma espantosa coisa de ver, e em parte piedosa, pela horribilidade dos gritos que os miseráveis davam dentro quando a labareda começou a se atear por todas as partes; alguns deles se quiseram lançar pelas frestas que a casa tinha por cima, porém os nossos como magoados os receberam de maneira que no ar eram espetados em muitas chuças e lanças. Acabada essa crueza, tornando-se Antônio de Faria à praia onde estava o junco que Coja Acém tomara havia vinte e seis dias aos portugueses de Liampó, entendeu logo em o

lançar ao mar, porque já nesse tempo estava consertado, e depois de estar na água o entregou a seus donos, que eram Mem Taborda e Antônio Anriquez, como atrás fiz menção. E fazendo-os pôr a mão a ambos num livro que tinha na mão, lhes disse:

– Eu, em nome destes meus irmãos e companheiros tanto vivos como mortos, a quem este vosso junco tem custado tantas vidas e tanto sangue como hoje vistes, vos faço esmola como cristão, de tudo, para que Deus Nosso Senhor no-la receba por essa no seu santo reino, e nos queira dar nesta vida perdão de nossos pecados, e na outra a sua glória, como confio que dará a estes nossos irmãos que hoje morreram como bons e fiéis cristãos, por sua santa fé católica; porém vos peço e recomendo muito e vos admoesto por este juramento que vos dou que tomeis mais que a vossa fazenda somente, digo, toda a que trazíeis de Liampó tanto vossa como de partes neste vosso junco, porque nem eu vos dou mais, nem é razão que vós a tomeis, porque faremos ambos nisso o que não devemos, eu em vo-la dar e vós em a tomardes.

Mem Taborda e Antônio Anriquez, que quiçá não esperavam aquilo dele, se lhe lançaram aos pés com os olhos cheios de água, e querendo com palavras dar-lhe as graças pela mercê que lhes fazia, o ímpeto das lágrimas lho impediu, de maneira que se tornou ali a renovar um lastimoso e triste pranto pelos mortos que ali estavam já enterrados, e com a terra que tinham em cima de si, ainda banhada pelo seu fresco sangue. Os dois começaram logo a entender em cobrarem sua fazenda, e foram por toda a ilha com cerca de cinquenta ou sessenta moços que os senhores deles lhes emprestaram, a recolher a seda molhada que ainda estava a enxugar, de que todas as árvores estavam cheias, fora mais de duas casas em que estava a enxuta e a mais bem acondicionada, que como eles tinham dito eram cem mil taéis de emprego, no que tinham parte mais de cem homens, tanto dos que ficavam em Liampó como de outros que estavam em Malaca, a quem se ela

lá mandava. E a fazenda que esses dois homens ainda recolheram valeria de cem mil cruzados para cima, porque a mais, que podia ser a terça parte, se perdeu na podre, na molhada, na quebrada, e na furtada, de que nunca se soube parte.

Recolhendo-se após isso, Antônio de Faria, para a sua embarcação, não atendeu aquele dia a mais que visitar e prover os feridos, e agasalhar os soldados, por ser já quase noite; e quando ao outro dia foi manhã clara, foi ao junco grande que tinha tomado, o qual estava ainda cheio de corpos mortos do dia anterior, e mandando-os lançar todos ao mar, da maneira que estavam, só ao perro do Coja Acém, por ser mais honrado e merecer mais fausto e cerimônia nas suas exéquias, o mandou tomar assim vestido e armado como ainda jazia, e feito em quartos o mandou também lançar ao mar, onde a sepultura que então teve o seu corpo, por assim o merecer sua pessoa e suas obras, foram buchos de lagartos, de que andava grande quantidade a bordo do junco, à carniça dos mortos que se lançavam, e ao qual Antônio de Faria, em lugar de oração que lhe rezava pela alma, disse:

– Andar, muinti eramá para esse inferno, onde a vossa enfuscada alma agora estará gozando dos deleites de Mafamede, como ontem com grandes brados pregáveis a essoutros cães tais como vós.

E fazendo logo vir perante si todos os escravos, cativos, tanto são como feridos, que trazia em sua companhia, mandou também chamar os senhores deles, e a todos lhes fez uma fala de homem bom cristão, como na verdade o era, em que lhes pediu que pelo amor de Deus tivessem todos por bem lhes darem liberdade, da maneira que ele lhes tinha prometido antes da peleja, porque ele de sua fazenda lhes satisfaria muito à sua vontade; ao que todos responderam que pois sua mercê assim o havia por bem eles eram muito contentes, e os haviam como forros e livres daquele dia para sempre. E disso se fez logo um assento, em que todos assinaram, porque por então se não pôde fazer mais, e depois em

Liampó lhes deram a todos suas cartas de alforria. Após isso, se fez inventário da fazenda que liquidamente se achou, tirando a que se deu aos portugueses e foi avaliada em cento e trinta mil taéis em prata do Japão e fazendas limpas, como foram cetins, damascos, seda, retrós, tafetás, almíscar e porcelanas de barça muito finas, porque então se não fez mais receita do mais que esse corsário tinha roubado por toda aquela costa de Sumbor até ao Fuchéu, onde havia passante de um ano que continuava.

COMO ANTÔNIO DE FARIA SE PARTIU DESTE
RIO TINLAU PARA LIAMPÓ, E DE UM DESVENTURADO
SUCESSO QUE TEVE NA VIAGEM

Depois de haver já vinte e quatro dias que Antônio de Faria estava neste Rio Tinlau, dentro dos quais os feridos todos convalesceram, se partiu para Liampó, onde levava determinado invernar, para daí na entrada do verão cometer a viagem das minas de Quãogeparu, como tinha assentado com o Quiay Panjão que levava em sua companhia. E estando tanto avante como a ponta de Micuy, que está em altura de vinte e seis graus, lhe deu um rijo contraste de noroeste, pelo que, por conselho dos pilotos, pairou à trinca, para não perder o caminho que tinha andado; esse tempo carregou sobre a tarde, com chuueiros e mares tão grossos que as duas lanteias de remo, por o não poderem sofrer, se fizeram já quase noite na volta da terra, com o propósito de se meterem no Rio de Xilendau que estava dali a uma légua e meia. Antônio de Faria, também temendo que lhe acontecesse algum desastre, se afastou o mais depressa que pôde, e marcando-se pela sua esteira as foi seguindo com cerca de cinco ou seis palmos de vela somente, tanto para as não escorrer como por ser o ímpeto do vento tão rijo que não era possível apará-lo. E como a cerração da noite era muito grande, e o escarcéu rebentava todo em flor, não enxergou o baixo que estava entre o ilhéu e a ponta do recife, e varando por cima dele deu tamanha pancada que a sobrequilha lhe rebentou logo por quatro lugares, com parte do couce da quilha debaixo; e querendo então o seu

condestável dar fogo a um falcão para que os outros juncos lhes acudissem naquele trabalho, ele o não quis consentir, dizendo que, já que Nosso Senhor era servido de eles ali acabarem, não queria nem era razão que também os outros por sua causa ali se perdessem, mas que pedia e rogava a todos que o ajudassem, a trabalharem em público com as mãos e em secreto pedirem a Deus perdão dos seus pecados, e graça para emendarem a vida, porque se assim o fizessem de todo o seu coração ele lhes dizia que muito cedo se veriam a salvo e livres daquele trabalho. E com isso, arremetendo ao mastro grande, o fez cortar junto dos tamboretas da segunda coberta, e em este caindo ficou o junco algum tanto quieto, ainda que a sua queda custasse a vida de três marinheiros e de um moço nosso, porque ao cair os colheu debaixo e os fez em pedaços; e após este, mandou também cortar todos os outros mastros de popa e de proa, e arrasar todas as obras dos gasalhados, de modo que tudo foi fora até à primeira coberta, e conquanto essas coisas se fizessem com grande presteza, quase que nada nos aproveitava, por ser o tempo tamanho, o mar tão grosso, a noite tão escura, o escarcéu tão alto, o cheiro tão forte, e o ímpeto do vento tão incomportável e de refregas tão furiosas que não havia homem que as pudesse esperar com o rosto direito. Nesse mesmo tempo os outros quatro juncos fizeram também sinal de como se perdiam, ao que Antônio de Faria, pondo os olhos no céu e apertando as mãos, disse alto, que todos o ouviram:

– Senhor Jesus Cristo, assim como tu meu Deus, por tua misericórdia tomas-te sobre ti satisfazer na Cruz pelos pecadores, assim te peço por quem és, que permitas por castigo da tua divina justiça que eu só pague as ofensas que esses homens te fizeram, pois eu fui a principal causa de eles pecarem contra a tua divina bondade, porque senão, vejam nesta triste noite a maneira em que eu por meus pecados agora me vejo, pelo que, Senhor, te peço com dor da minha alma, em nome de todos, ainda que não seja digno

de me ouvires, que tires os olhos de mim e os ponhas em ti e no muito que te custamos todos por tua infinita misericórdia.

Após essas palavras, deram todos uma tamanha grita de “Senhor Deus, misericórdia” que não havia homem que não passasse de dor e tristeza. E como o natural de todos os homens é, em tempos semelhantes, trabalharem para conservar a vida, sem a lembrança de outra coisa nenhuma, era tamanho o desejo que todos tinham da salvação que não procuravam mais do que os meios que para isso podiam ter, pelo que, esquecida de toda a cobiça, se tratou logo com toda a presteza de alijar a fazenda ao mar, e saltando em baixo no porão, cerca de cem homens, tanto portugueses como escravos e marinheiros, em menos de uma hora foi tudo lançado ao mar, de maneira que nenhuma coisa ficou a que se pudesse pôr nome, que pelos bordos não fosse fora, e foi tão excessivo o desatino desses homens que até de doze caixões cheios de barras de prata que na briga passada se haviam tomado a Coja Acém nenhum ficou que também não fosse ao mar, sem haver homem de entre eles que tivesse acordo para se lembrar do que era fora coisas de muita valia que junto com o mais foram por esse triste caminho.

DO MAIS TRABALHO E PERIGO EM QUE NOS VIMOS E
DO SOCORRO QUE TIVEMOS

Passando assim toda aquela noite nus e descalços e escalarvados, e quase esbofados do grande trabalho que tínhamos levado prouve a Nosso Senhor que quando a manhã começou a clarear, o vento foi sendo algum tanto menos, com o que o junco ficou mais quieto, ainda que já estivesse assentado sobre a ponta da coroa do baixo, e com treze palmos de água dentro, e os homens todos estivessem pegados em cordas da banda de fora, para que os mares grandes que quebravam em cima no costado os não afogassem ou lançassem sobre os penedos, como já tinham feito a dez ou doze que não se preveniram disso; e quando foi o dia bem claro, quis Nosso Senhor que nos enxergou o junco de Mem Taborda e Antônio Anriquez, que toda a noite tinha pairado em árvore seca, com grandes jangadas de madeira à popa à charachina, que os seus oficiais lhe inventaram para poderem sustentar melhor o paio, e como houve vista de nós nos veio logo demandar, e em chegando a nós nos arremessaram muita soma de paus atados a cordas, para que nos pegássemos neles, o que nós logo fizemos, e nisso se gastou quase uma hora com assaz de trabalho de todos, pelo desmancho e desordenada cobiça que cada um tinha de ser o primeiro que se salvasse, o que foi causa de se afogarem vinte e duas pessoas, de que cinco foram portugueses, que Antônio de Faria mais sentiu que toda a perda do junco e da fazenda ainda que não fosse tão pequena que não passasse de cem

mil taéis, só em fazenda de prata, porque a maior parte das presas que se tomaram e do que se tomou ao Coja Acém se metera naquele junco em que andava Antônio de Faria, por ser maior e melhor, e em que parecia que corria menos perigo que nas outras embarcações que não eram tão boas nem tão seguras.

Depois que com assaz de trabalho e risco de nossas vidas nos recolhemos ao junco de Mem Taborda, se gastou esse dia todo em prantos e lamentações por esse triste e desventurado sucesso, sem se saber parte da mais companhia; mas prouve a Nosso Senhor que sobre a tarde havemos vista de dois barcos, que de um bordo ao outro faziam as voltas tão curtas, como que pairavam o tempo, por onde conhecemos que eram da nossa armada, e por ser quase noite não pareceu bem ir até elas, por algumas razões que para isso se deram, mas fazendo-lhes farol, nos responderam logo a nosso propósito, e sendo já meio quarto da lua passado, chegaram a nós e, depois de fazerem suas salvas assaz tristemente, perguntaram pelo capitão-mor e pela mais companhia, ao que então se respondeu que quando fosse manhã lho diriam, e que se afastassem dali até que o dia mais aclarasse, porque andavam ainda os mares tão grossos que poderia acontecer algum desastre. Logo que a estrela de alva apareceu e a manhã começou a ser clara vieram dois portugueses do junco de Quiay Panjão, os quais, vendo Antônio de Faria da maneira que estava metido no junco de Mem Taborda, porque o seu já era perdido, depois que souberam o sucesso da sua desventura, eles também contaram do seu trabalho que quase foi igual ao nosso, em que disseram que uma refrega de vento lhes levara três homens ao mar e os lançara tão longe como quase um tiro de pedra, coisa decerto nunca vista nem ouvida. E também contaram da maneira que se perdera o junco pequeno com cinquenta pessoas, e as mais delas ou quase todas cristãs, das quais sete foram portuguesas, em que entrara Nuno Preto, capitão dele, homem honrado e

de grande espírito, como tinha bem mostrado nas adversidades passadas, o que Antônio de Faria sentiu muito.

Nesse tempo chegou também uma das lanteias de que até então se não sabia parte, e contou também de si assaz de trabalho, e certificou que a outra quebrara as amarras com o tempo e fora dar à costa, e que à sua vista se fizera em pedaços na praia, e que de toda a gente se não salvaram mais que só treze pessoas, cinco portugueses e oito moços cristãos, os quais a gente da terra levava cativos para um lugar que se chamava Nouday. De maneira que nessa desventurada tormenta se perderam dois juncos e uma lorcha ou lanteia, em que morreram passante de cem pessoas, onde entraram onze portugueses, fora os cativos. E a perda de tudo, tanto fazenda, como prata, peças ricas, embarcações, artilharia, armas, mantimentos e munições, foi avaliada em passante de duzentos mil cruzados, com o que o capitão e os soldados todos ficaram sem terem de seu mais que o que tinham vestido. E essas pancadas tais tem esta costa da China, mais que todas as das outras terras, pelo que ninguém pode navegar seguro nela um só ano que lhe não aconteçam desastres, se com as conjunções das luas cheias se não meter nos abrigos dos portos, que tem muitos e muito bons, onde sem nenhum receio se pode entrar, porque toda é limpa, tirando somente Lamau e Sumbor, que têm uns baixos a cerca de meia légua das barras da parte do sul.

LXIII

COMO ANTÔNIO DE FARIA TEVE NOVAS DOS CINCO PORTUGUESES QUE ESTAVAM CATIVOS, E DO QUE FEZ SOBRE ISSO

Quando aquela brava tormenta acalmou de todo, Antônio de Faria se passou logo ao outro junco grande que tinha tomado a Coja Acém, de que então era Capitão Pêro da Silva de Sousa, e dando a vela se partiu com toda a mais companhia que eram três juncos e uma lorcha ou lanteia, como lhe chamam os chins, e foi surgir na angra de Nouday, para daí saber novas dos treze cativos. Mandou logo à boca da noite dois balões equipados a espiar o porto e sondar o rio, e ver o surgidouro e o sítio da terra, e que navios estavam dentro, e outras coisas necessárias à sua determinação, e mandou-lhes que trabalhassem por tomar alguns homens naturais da cidade, para saber deles a certeza do que pretendia e lhe darem novas do que era feito dos portugueses, porque receava que os tivessem já levado pela terra dentro. Os balões se partiram logo e às duas horas depois da meia-noite chegaram a uma aldeia pequena que estava na boca da barra, na ponta de uma calheta a que chamavam Nipafau, onde quis Nosso Senhor que negociaram tão bem que antes que fosse manhã tornaram a bordo com uma barca carregada de louça e canas-de-açúcar, que acharam surta no meio do rio, na qual vinham oito homens e duas mulheres, e um menino pequeno de seis ou sete anos, os quais, sendo todos metidos no junco de Antônio de Faria, os segurou do medo que traziam, porque lhes parecia que a todos os haviam de matar; e começando a os inquirir, nunca já lhes puderam tirar

outra palavra da boca senão somente “Suqui hamidau nivanquao lapopa dagatur”, que quer dizer: “Não nos mates sem razão, que te demandará Deus nosso sangue, porque somos pobres.” E com isso choravam e tremiam de tal maneira que não podiam pronunciar palavra nenhuma. Vendo então Antônio de Faria sua miséria e simplicidade, não os quis por então mais importunar, mas dissimulando com eles por um grande espaço rogou a uma mulher china cristã que ali levava o piloto que os agasalhasse e os segurasse do medo que tinham, para que respondessem a propósito ao que lhes perguntassem, o que ela lhes fez com tantos afagos que em menos de uma hora disseram à china que se o capitão os deixasse ir livremente naquela sua embarcação, assim como lha tinham tomado, que eles confessariam toda a verdade do que viram pelos olhos, e do que ouviram dizer, e Antônio de Faria lhes prometeu o fazer assim, e lho afirmou com muitas palavras.

Então um deles, que era o mais velho e parecia ser entre eles de mais autoridade, disse:

– Não me fio ainda muito da liberalidade dessas tuas palavras, porque te estendeste tanto nelas que temo que me faltes no efeito do que elas prometem, pelo que te peço que mo jures por esta água do mar que te sustenta em cima de si, porque se mentires jurando crê certo que o Senhor da mão poderosa com ímpeto de ira se inclinará contra ti de tal maneira que os ventos por cima e ela por baixo nunca cessem em tuas viagens de te contrariar a vontade, porque te juro pela formosura das suas estrelas que é a mentira tão feia e aborrecida diante de seus olhos, como a inchada soberba dos ministros das causas que se julgam na terra, quando com desprezo e descortesia falam às partes que requerem diante deles o que faz a bem de sua justiça.

E jurando-lhe Antônio de Faria com toda a cerimônia necessária a seu intento, que ele lhe cumpriria a sua palavra, o chim se houve por satisfeito e lhe disse:

– Esses teus homens por quem perguntas, eu os vi há dois dias prender na chifanga de Nouday, e botar-lhes ferros nos pés, dando como razão que eram ladrões que roubavam as gentes do mar.

Com isso ficou Antônio de Faria suspenso e assaz enfadado, parecendo-lhe que podia ser aquilo assim; e querendo logo com muita pressa prover no remédio da soltura deles, pelo perigo que entendia que podia haver na tardança, lhes mandou uma carta por um desses chins, ficando por ele, como reféns, todos os mais, o qual se partiu logo pela manhã muito cedo. E como a esses chins lhes tardava verem-se fora do em que se viam, esse, que era o marido de uma das duas que foram tomadas na barca da louça e então ficaram no junco, se deu tanta pressa que quando veio ao meio-dia tornou com a resposta escrita nas costas da carta, e assinada por todos os cinco, em que brevemente lhe relatavam a cruel prisão em que os tinham, e que sem falta nenhuma os haviam de matar por justiça, pelo que lhe pediam pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo que os não deixassem ali perecer ao desamparo, e que lhe lembrasse sua fé e verdade, pois, como sabia, por sua causa vieram ter àquele triste estado, e outras piedades a esse modo, como de homens que estavam cativos em poder de gente cruel e fraca como são os chins.

Antônio de Faria leu essa carta perante todos e lhes pediu conselho sobre o que nisso se devia fazer, e, como eram muitos os que davam seus pareceres, assim foram também muitas e diversas as opiniões, de que ele não ficou nada satisfeito, pelo que, depois de haver sobre isso uma longa altercação, vendo ele que pela variedade dos pareceres se não tomava resolução nos negócios, lhes disse quase agastado:

– Eu, senhores e irmãos meus, tenho prometido a Deus com juramento solene de me não ir daqui até não haver à mão esses pobres soldados e companheiros meus, por qualquer via que seja, ainda que sobre isso aventure mil vezes a vida, quanto mais com

despesas de minha fazenda que eu estimarei muito pouco, pelo que, senhores, vos peço a todos muito, muito, muito, por mercê, que ninguém me contrarie isso de que tanto depende minha honra, porque juro à casa de Nossa Senhora de Nazaré que qualquer que o contradisser me terá por tanto seu inimigo, quanto eu entendo que o será de minha alma quem for contra isso.

Ao que todos lhe responderam que o que sua mercê dizia isso era o melhor, e o mais acertado, e que para sua consciência por nenhum caso deixasse de o fazer assim, porque eles todos o acompanhariam até porem as vidas por isso. Ele lho agradeceu então muito e os abraçou a todos com o barrete na mão e lágrimas nos olhos, e muita cortesia nas palavras, e de novo lhes tornou a certificar que pelo tempo em diante lhes satisfazia por obras o que então lhes prometia só com palavras, com o que todos ficaram de todo conformes e muito satisfeitos.

COMO ANTÔNIO DE FARIA ESCREVEU UMA CARTA
AO MANDARIM DE NOUDAY SOBRE O NEGÓCIO
DESSES CATIVOS, E A RESPOSTA QUE TEVE A ELA,
E O QUE ELE FEZ SOBRE ISSO

Tomada essa resolução, se pôs logo em conselho que maneira se havia de ter no proceder desse negócio, e se assentou que a primeira coisa fosse fazer-se pacificamente diligências com o mandarim, mandando-lhe pedir aqueles cativos, e prometer-lhe pelo resgate deles o que fosse razão, que com a sua resposta se determinaria o que se havia de fazer. E com isso se fez logo uma petição conforme o estilo com que no auditório se costuma falar, e a mandou Antônio de Faria ao mandarim, por dois chins dos que se tomaram, os que pareciam de mais respeito, e com ela lhe mandou um odiá que valia duzentos cruzados, parecendo-lhe que entre gente de primor aquilo bastava para não querer mais, o que foi muito pelo contrário, como logo se verá.

Partidos os chins que levavam a petição e o presente, tornaram logo ao outro dia com a resposta escrita nas costas da petição, a qual era um despacho que dizia desta maneira:

– Venha a tua boca diante de meus pés, e depois de seres ouvido te proverei se tiveres justiça.

Vendo Antônio de Faria o mau despacho do mandarim, e a soberba e desconcerto das palavras dele, ficou algum tanto triste e melancólico porque entendeu daquele princípio que já havia de ter trabalho em libertar aqueles cativos, e, discutindo esse negócio particularmente com alguns que para isso foram chamados, não

deixou ainda de haver algumas diversidades de pareceres, mas no fim delas se veio a concluir que todavia lhe tornasse a mandar outro recado, em que com mais eficácia lhe pedisse os seus homens, e que lhe daria por eles dois mil taéis em prata e fazenda, e senão que falasse muito claro e o desenganasse, que se não havia de ir dali até que lhos não mandasse, porque quiçá certificado dessa determinação o medo lhe faria fazer o que pelas outras vias lhe negava, tanto mais que pela via do interesse poderia ser que se rendesse.

Os mesmos dois chins se tornaram a partir logo com esse recado escrito em uma carta cerrada, como de uma pessoa a outra, sem cerimônia de petição nem outras vaidades que eles entre si nesses casos gentilmente costumam, para que visse o mandarim na isenção da carta quão determinado estava no que lhe dizia. Porém, antes que vá mais por diante, quero dizer só dois pontos do que ia na carta, que foram causa de esse negócio se danar de todo, os quais foram: um, dizer-lhe Antônio de Faria que ele era um mercador estrangeiro, português de nação, que ia de veniaga para o porto de Liampó, onde havia muitos mercadores residentes na terra com suas fazendas que pagavam seus direitos costumados, sem nunca fazerem nela roubos nem males como ele dizia; e o outro ponto foi dizer-lhe que porque El-Rei de Portugal, seu senhor, era com verdadeira amizade irmão de El-Rei da China, vinham eles à sua terra, como também os chins por essa causa costumavam ir a Malaca, onde eram tratados com toda a verdade, favor e justiça, sem se lhes fazer agravo nenhum. E ainda que o mandarim ambos esses pontos não sofresse, todavia este derradeiro de dizer que El-Rei de Portugal era irmão de El-Rei da China tomou tão a mal que, sem ter mais respeito a coisa alguma, mandou açoitar os dois que levaram a carta, e cortar-lhes as orelhas, e os tornou assim a mandar com a resposta para Antônio de Faria, escrita num pedaço de papel roto que dizia assim:

– Bareja triste, nascida de mosca encharcada no mais sujo monturo que pode haver em masmorras de presos que nunca se limparam, quem deu atrevimento à tua baixeza para parafusar nas coisas do céu? Porque mandando eu ler a tua petição, em que, como a senhor me pedias que houvesse piedade de ti que eras miserável e pobre, à qual eu, por ser grandioso já me tinha inclinado e estava quase satisfeito do pouco que davas, tocou no ouvido de minhas orelhas a blasfêmia de tua soberba, dizendo que o teu rei era irmão do filho do Sol, leão coroado por poderio incrível no trono do mundo, debaixo de cujo pé estão submetidas todas as coroas dos que governam a terra com real cetro de mando, servindo-lhe continuamente de brochas de suas alparcas, esmagados na trilha do seu calcanhar, como os escritores das bralas de ouro testemunham na fé de suas verdades em todas as terras que as gentes habitam. E por essa tamanha heresia mandei queimar o teu papel, representando nele por cerimônia de cruel justiça a vil estátua de tua pessoa, como desejo fazer a ti também por tamanho pecado, pela qual te mando que logo e logo sem mais tardar te faças a vela, para que não fique maldito o mar que em si te sustenta.

Acabando o intérprete (que lá se chama tansu) de ler a carta e declarar o que ela dizia, todos os que a ouviram ficaram assaz corridos, e Antônio de Faria, mais corrido e afrontado que todos: e estiveram um grande espaço algum tanto confusos, porque de todo perderam as esperanças de resgatarem os cativos. E discutindo o desconcerto das palavras da carta e o mau ensino do mandarim, se determinou no fim de tudo que saíssem em terra e acometessem a cidade, porque Nosso Senhor os ajudaria conforme à boa tenção com que o faziam, e para efeito disso se ordenaram logo embarcações em que saíssem de terra, que foram quatro barcaças de pescadores que aquela noite se tomaram. E fazendo-se alarde da gente que podia haver para esse efeito, se acharam trezentos homens, de que setenta eram portugueses e os mais escravos e

marinheiros, com a gente de Quiay Panjão, dos quais cento e sessenta eram arcabuzeiros, e os mais com lanças, e chuças, e bombas de fogo, e outras muitas maneiras de armas necessárias para o efeito desse negócio.

COMO ANTÔNIO DE FARIA
ACOMETEU A CIDADE DE NOUDAY
E O QUE LHE ACONTECEU

Ao outro dia quase manhã clara, Antônio de Faria se fez a vela pelo rio acima com três juncos e a lorchá, e com as quatro barcaças que tinha tomado, e foi surgir em seis braças e meio pegado com os muros da cidade; e amainando as velas sem salva nem estrondo de artilharia, pôs bandeira de veniaga ao costume dos chins, para que com as mostras dessas pazes lhes não ficassem nenhuns cumprimentos por fazer, ainda que soubesse que, como isso da parte do mandarim estava danado, nenhuma coisa daquelas lhes havia de aproveitar. Daqui lhe tornou a mandar outro recado com promessa de mais interesse pelos cativos, e cumprimentos de muitas amizades, com o que o perro se indignou de tal maneira que mandou aspar o coitado do chim e mostrá-lo do muro a toda a armada, com a qual vista Antônio de Faria acabou de perder as esperanças que ainda alguns lhe faziam ter. E crescendo com isso a cólera aos soldados, lhe disseram que pois tinha assentado sair em terra, não esperasse mais, porque seria dar tempo aos inimigos para juntarem muita gente. Ele, parecendo-lhe bem esse conselho, se embarcou logo com todos os que estavam determinados para este feito, que já estavam presentes para isso, e deixou recado nos juncos que não deixassem nunca de atirar aos inimigos e à cidade, onde vissem maiores ajuntamentos de gente; porém isso havia de ser enquanto ele não andasse travado com eles.

E desembarcando abaixo do surgidouro cerca de um tiro de berço, sem oposição nenhuma, se foi marchando ao longo da praia para a cidade na qual já a esse tempo havia muita gente por cima dos muros com grande soma de bandeiras de seda, capeando com muitos tangeres e grandes gritas, como gente que se estribava mais nas palavras e nas mostras de fora que nas obras. Chegando os nossos a pouco mais de tiro de espingarda das cavas que estavam por fora do muro, nos saíram por duas portas cerca de mil até mil e duzentos homens, segundo o esmo de alguns, dos quais cento até cento e vinte eram a cavalo, ou, para melhor dizer, de sendeiros bem magros. Estes começaram a escaramuçar de uma parte para outra, e o fizeram tão bem e tão despejadamente que as mais das vezes se encontravam uns com os outros, e em muitas delas caíam três e quatro no chão, por onde se entendeu que devia ser gente do termo que viera ali vinda mais por força que por sua vontade.

Antônio de Faria esforçou alegremente os seus para a peleja, e fazendo sinal aos juncos esperou os inimigos fora no campo, parecendo-lhe que ali se quisessem averiguar com ele, segundo a fanfarronice das suas mostras prometia; eles, tornando de novo à escaramuça, andaram um pedaço à roda como se debulhassem calcadouro de trigo, parecendo-lhes que só aquilo bastava para nos desviarem do nosso propósito, porém, vendo que nós não voltávamos o rosto como lhes pareceu ou porventura desejavam, se juntaram todos num corpo e assim juntos e malconcertados se detiveram um pouco sem virem mais para diante. O nosso capitão, vendo-os daquela maneira, mandou disparar a espingardaria toda junta, a qual até então estivera sempre quieta, e prouve a Deus que se empregou tão bem que dos de cavalo que estavam na dianteira mais de metade vieram logo ao chão. Nós, com esse bom prognóstico, arremetemos todos a eles, bradando sempre pelo nome de Jesus, e quis ele por sua misericórdia que

os inimigos nos largaram o campo fugindo tão desatinadamente que uns caíam por cima dos outros, e chegando a uma ponte que atravessava a cava se embaraçaram de maneira que não podiam ir para trás nem para diante. Nessa conjunção chegou até eles o corpo da nossa gente, e os trataram de maneira que mais de trezentos ficaram logo ali deitados uns sobre os outros, coisa lastimosa de ver, porque não houve nenhum que arrancasse espada. Nós, com o fervor dessa vitória, arremetemos logo à porta e nela achamos o mandarim com cerca de seiscentos homens consigo, o qual estava em cima de um bom cavalo, com umas couraças de veludo roxo de cravação dourada do tempo antigo, as quais depois soubemos que foram de um tal Tomé Pires, que El-Rei D. Manuel da gloriosa memória mandara como embaixador à China, na nau de Fernão Peres de Andrade, governando o Estado da Índia, Lopo Soares de Albergaria.

O mandarim, com a gente que tinha consigo, nos quis fazer rosto ao entrar pela porta, com o que entre eles e nós se travou uma cruel briga, em que por espaço de quatro ou cinco credos se iam eles já metendo conosco com muito menos medo que os outros da ponte, se um moço nosso não derrubasse o mandarim do cavalo abaixo com uma espingardada que lhe deu pelos peitos, com o que os chins ficaram tão assombrados que todos juntamente voltaram logo as costas, e se começaram a recolher sem nenhuma ordem pelas portas dentro, e nós todos de volta com eles, derrubando-os às lançadas, sem nenhum ter acordo de fechar as portas, e levando-os assim como a gado por uma rua muito comprida, saíram por outra porta que ia para o sertão, ao qual se acolheram todos sem ficar nem um só. Antônio de Faria, recolhendo então a si toda a gente, para não haver algum desmancho, se fez todo num corpo e se foi com ela à chifanga, que era a prisão onde os nossos estavam, que em nos vendo deram uma tamanha grita de “Senhor Deus misericórdia” que fazia tremer as carnes. E mandou

logo com machados quebrar as portas e as grades, e como o desejo e o fervor disso era grande, em um momento foi tudo feito em pedaços, e os ferros com que os cativos estavam presos, logo tirados, de maneira que em muito breve espaço os companheiros todos estavam soltos e livres. E foi mandado aos soldados e à mais gente da nossa companhia que cada um por si apanhasse o que pudesse, porque não havia de haver repartição nenhuma, senão que o que cada um levasse havia de ser tudo seu, mas que lhes rogava que fosse muito depressa, porque lhes não dava mais espaço que só meia hora muito pequena, ao que todos responderam que eram muito contentes.

Então se começaram logo uns a meter pelas casas, e Antônio de Faria se foi às do mandarim, que quis por seu quinhão, onde achou oito mil taéis de prata somente, e cinco boiões grandes de almíscar que mandou recolher, e o mais largou aos moços que iam com ele, que foi muita seda, retrós, cetins, damascos, e barças de porcelana finas, em que todos carregaram até mais não poderem, de maneira que as quatro barcas e as três champanas em que a gente desembarcara por quatro vezes se carregaram e descarregaram nos juncos, tanto que não houve moço nem marinheiro que não falasse de caixão e caixões de peças, fora o secreto com que cada um se calou.

Vendo Antônio de Faria que era já passada mais de hora e meia, mandou com muita pressa recolher a gente, a qual não havia coisa que a pudesse desapegar da pressa em que andava, e na gente de mais conta se enxergava ainda isso muito mais. Pelo que, receoso ele de lhe acontecer algum desastre, por se já vir chegando a noite, mandou pôr fogo à cidade por dez ou doze partes, e, como a maior parte dela era de tabuado de pinho e de outra madeira, em menos de um quarto de hora ardeu tão bravamente que parecia coisa do Inferno. E retirando-se com toda a gente para a praia, se embarcou sem oposição nenhuma, e todos muito ricos e muito contentes,

e com muitas moças muito formosas, que era lástima vê-las ir atadas com os morrões dos arcabuzes, a quatro e quatro, e cinco a cinco; e todas chorando, e os nossos rindo e cantando.

DO MAIS QUE ANTÔNIO DE FARIA PASSOU
ATÉ CHEGAR ÀS PORTAS DE LIAMPÓ

Sendo Antônio de Faria embarcado com toda a gente, como era já tarde, não se atendeu por então a mais que a curar os feridos, que foram cinquenta, de que oito eram portugueses, e os mais escravos e marinheiros, e a mandar enterrar os mortos que foram nove, em que entrou um português. E passando a noite com boa vigia, por causa dos juncos que estavam no rio, logo que a manhã foi clara se foi a uma povoação que estava da outra parte à borda da água e a achou despejada de toda a gente, sem se achar nela uma só pessoa, mas achou as casas com todo o recheio de suas fazendas e infinitos mantimentos, com os quais Antônio de Faria mandou carregar os juncos, receoso que pelo que ali tinha feito lhos não quisessem vender em nenhum porto onde fosse. E com isso se determinou, com parecer e conselho de todos, ir invernar os três meses que lhe faltavam para poder fazer sua viagem a uma ilha deserta que estava ao mar de Liampó quinze léguas, que se chamava Pulo Hinhor, de boa aguada e bom surgidouro, por lhe parecer que indo a Liampó poderia prejudicar a mercancia dos portugueses que lá invernavam quietamente com suas fazendas, a qual determinação e bom propósito todos lhe louvaram muito.

Partidos nós daqui deste porto de Nouday, havendo já cinco dias que velejávamos por entre as ilhas de Comolém e a terra firme, um sábado ao meio-dia nos veio acometer um ladrão de nome Prematá Gundel, grandíssimo inimigo da nação portuguesa, e a

quem já por vezes tinha feito muito dano, tanto em Patane como em Sunda e Sião e nas mais partes onde acertava de os achar a seu propósito, e parecendo-lhe que éramos chins nos acometeu com dois juncos muito grandes em que trazia duzentos homens de peleja, fora a equipagem da mareação das velas; e aferrando um deles o junco de Mem Taborda, o teve quase rendido; porém o Quiay Panjão, que ia um pouco mais ao mar, vendo-o daquela maneira, voltou sobre ele e abalroou o junco do inimigo assim enfunado como vinha, e tomando-o pela quadra de estibordo lhe deu tamanha pancada que ambos ali logo se foram ao fundo, com o que Mem Taborda ficou livre do perigo em que estava. A isso acudiram com muita pressa três lorchas nossas que Antônio de Faria levava do porto de Nouday, e quis Nosso Senhor que, chegando elas, salvaram a maior parte da nossa gente, e os da parte contrária se afogaram todos. Nesse tempo chegou o Prematá Gundel ao junco grande em que ia Antônio de Faria, e aferrando-o com dois arpéus atados em cadeias de ferro muito compridas o teve atracado de popa e de proa, onde se travou entre eles uma briga muito para ver, a qual, depois de durar espaço de mais de meia hora, os inimigos pelejaram com tanto esforço que Antônio de Faria se achou com a maior parte da sua gente ferida, e com isso por duas vezes em risco de ser tomado; porém, acudindo-lhe então as três lorchas e um junco pequeno em que vinha Pero da Silva, prouve a Nosso Senhor que com esse socorro tornaram os nossos a ganhar o que tinham perdido, e apertaram os inimigos de tal maneira que em pouco espaço se acabou o negócio de concluir de todo, com morte de oitenta e seis mouros que estavam dentro do junco de Antônio de Faria, e o tinham posto em tanto aperto que os nossos não tinham já mais nele do que o chapitéu da popa. E daqui, entrando no junco do corsário, meteram à espada todos quantos acharam nele, sem a nenhum conservarem a vida, e a equipagem se tinha já toda

lançado ao mar. Mas não se houve essa vitória tão barata que não custasse as vidas de dezessete dos nossos, nos quais entraram cinco portugueses, dos melhores soldados e mais esforçados de toda a companhia, e quarenta e três muito feridos, dos quais um foi Antônio de Faria que ficou com uma zargunchada e duas cutiladas.

Concluída assim essa briga, se fez inventário do que o junco dos inimigos trazia, e foi avaliada a presa em oitenta mil taéis, de que a maior parte era prata do Japão que o corsário tinha tomado em três juncos de mercadores que vinham de Firando para o Chinchéu, de modo que só nessa embarcação trazia esse corsário cento e vinte mil cruzados, e no junco que se foi ao fundo disseram que trazia quase outro tanto, com o que muitos dos nossos ficaram bem magoados. Com essa presa se recolheu Antônio de Faria a uma ilha pequena chamada Buncalou, que estava dali a três ou quatro léguas para a parte do oeste, de boa aguada e de bom surgidouro, e desembarcando em terra esteve nela dezoito dias agasalhado em choças que aí se fizeram, por causa dos muitos feridos que levava, onde quis nosso Senhor que todos tiveram saúde. E dali seguimos nossa rota para onde levávamos determinado, Antônio de Faria no seu junco grande e Mem Taborda e Antônio Anriquez no seu, e Pero da Silva no pequeno que se tomou em Noudauy, que tinha perdido, com mais vinte mil taéis que se lhe deram do monte maior, com o que se ele deu por bem-pago e satisfeito, e todos os nossos foram também contentes com isso, por lho Antônio de Faria pedir com grande instância, e muitas promessas para o diante. E navegando nós dessa maneira, chegamos dali a seis dias às portas de Liampó, que são duas ilhas a três léguas donde naquele tempo os portugueses faziam o trato de sua fazenda, que era uma povoação que eles tinham feito em terra, de mais de mil casas, com governança de vereadores, e ouvidor, e alcaides, e outras seis varas de justiça e oficiais da

república, onde os escrivães no fim das escrituras públicas que faziam punham:

“E eu, fulano, público tabelião das notas e judicial nesta cidade de Liampó, por El-Rei nosso senhor”, como se ela estivesse situada entre Santarém e Lisboa, e isto com tanta confiança e ufania que havia já casas de três mil cruzados de custo, as quais todas, tanto grandes como pequenas, por nossos pecados foram depois de todo destruídas e postas por terra pelos chins, sem ficar delas coisa em que se pudesse pôr os olhos, como mais largamente contarei em seu lugar. E então se verá quão incertas são as coisas da China, de que nesta terra se trata com tanta curiosidade, e de que alguns enganados fazem tanta conta, porque em cada hora estão arriscados a muitos desastres e desventuras.

DO QUE FEZ ANTÔNIO DE FARIA CHEGANDO
ÀS PORTAS DE LIAMPÓ, E DAS NOVAS QUE AÍ
TEVE DO QUE SE PASSAVA NO REINO DA CHINA

Por entre essas duas ilhas a que os naturais da terra e os que navegam aquela costa chamam as portas de Liampó, vai um canal de pouco mais de dois tiros de espingarda, de largo, com fundo de vinte até vinte e cinco braças, e em partes tem angras de bom surgidouro e ribeiras frescas de água doce, que descem do cume da serra por entre bosques de arvoredo muito basto de cedros, carvalhos e pinheiros mansos e bravos, de que muitos navios se proveem de vergas, mastros, tabuado e outras madeiras, sem lhes custarem nada.

Surgindo Antônio de Faria nessas ilhas uma quarta-feira pela manhã, Mem Taborda e Antônio Anriquez lhe pediram licença para irem adiante dar recado à povoação de como ele era chegado, e saber as novas que havia na terra, e se se dizia ou soava por lá alguma coisa do que ele fizera em Nouday, porque, se a sua ida lá prejudicasse em alguma coisa a segurança e quietação dos portugueses, se iria invernar à Ilha de Pulo Hinhor, como levava determinado; e que de tudo o mandariam avisar com muita brevidade, ao que ele respondeu que lhe parecia muito bem e lhes deu a licença que pediam, e escreveu também por eles algumas cartas aos mais honrados que então governavam a terra, em que lhes dava relação de todo o sucesso da viagem, e lhes pedia por mercê que o quisessem aconselhar, e lhe mandassem o que queriam que fizesse, porque ele estava muito prestes para lhes obedecer em tudo, e

outras palavras a esse modo, que sem nenhum custo resultam às vezes em muito proveito. Antônio Anriquez e Mem Taborda se partiram aquele mesmo dia à tarde, e Antônio de Faria se deixou ali ficar surto até ver que recado lhe mandavam.

Chegados os dois à povoação, já com duas horas de noite, logo que a gente dela os viu e soube deles as novas que traziam e todo o sucesso da sua viagem, ficaram tão espantados quanto a novidade do caso o requeria, e juntando-se a som de sino tangido na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que era a matriz de seis ou sete que havia mais na terra, trataram entre si sobre o que aqueles dois homens tinham dito; e vendo a liberalidade que Antônio de Faria usara com eles e com todos os mais que tinham sua parte no junco, assentaram em lhe satisfazer em parte com mostras de amor e agradecimento, o que por sua pouca possibilidade em todo não podiam; e respondendo-lhe às suas cartas com uma geral, em que todos assinaram como consulta de câmara, lha mandaram com duas lanteias de muito refresco, por um tal Jerônimo do Rego, homem fidalgo e com cãs, e de muito saber e autoridade, na qual lhe relataram com palavras de grande agradecimento a muita obrigação em que todos lhe estavam, tanto pela mercê que lhes fizera em lhes livrar suas fazendas das mãos dos inimigos, como pelo muito amor que lhes mostrara na liberalidade que usara com eles, a qual esperavam que Deus Nosso Senhor lhe pagaria com abundantíssimos bens na sua glória. E que quanto a se temer de invernar ali pelo que fizera em Nouday, estivesse nisso muito descansado, porque não andava a terra ao presente tão quieta que isso se pudesse lembrar, tanto pela morte do rei da China como pelas dissensões que havia em todo o reino em treze opositores que pretendiam o cetro dele, os quais todos estavam já postos em armas com seus exércitos em campo, para pela força averiguarem o que se não podia determinar por justiça; e que o tutão Nay, que era a suprema pessoa depois do rei em todo o governo com mero

e místico império da majestade real, estava cercado na cidade de Quoansy, pelo Prechá Muão, imperador dos conchins, em cujo favor se tinha por certo que vinha o rei da Tartária, com um exército de 900 mil homens; assim, que a coisa andava tão baralhada e dividida entre eles que ainda que sua mercê assolasse a cidade de Cantão se não faria caso disso, quanto mais a cidade de Nouday, que na China, em comparação com muitas outras, era muito menos que em Portugal pode ser Oeiras com Lisboa. E que, pela certeza de tão boa nova, pediam todos a sua mercê, alvíssaras, que se deixasse ali estar surto seis dias, para que neles tivessem eles tempo de lhe negociarem umas casas em que se agasalhasse, já que não prestavam para mais, nem por então podiam mostrar o muito que lhe deviam, conforme o desejo que todos tinham disso, e outras palavras de cumprimentos muito copiosos a que ele respondeu como entendeu que era razão, e lhes quis fazer a vontade no que lhe pediam. E nas duas lanteias em que lhe trouxeram o refresco mandou os feridos e os doentes que havia na armada, os quais os de Liampó agasalharam com muita caridade, e os repararam pelas casas dos mais abastados, onde foram curados e providos de tudo o necessário muito cumpridamente sem lhes faltar nada. E em todos esses seis dias que Antônio de Faria aqui esteve, não ficou homem de nome na povoação ou cidade, como todos lhe chamavam, que o não viesse visitar com muitos presentes de muitas invenções de manjares e refrescos, e frutas, em tanta abundância que todos pasmávamos do que víamos, e principalmente do grande concerto e aparato que essas coisas traziam consigo.

LXVIII

DO RECEBIMENTO QUE OS PORTUGUESES FIZERAM A ANTÔNIO DE FARIA NA POVOAÇÃO DE LIAMPÓ

Todos esses seis dias que Antônio de Faria aqui se deteve, como lhe tinham pedido os de Liampó, esteve surto nestas ilhas, no fim do qual tempo, um domingo antemanhã, que era o tempo aprazado para entrar no porto, lhe deram uma boa alvorada com uma música de muitos instrumentos suaves que dava muito gosto a quem a ouvia, e no cabo, por desfeita portuguesa, veio uma folia dobrada de tambores e pandeiros e sestros, que por ser natural pareceu muito bem. E sendo pouco mais de duas horas antemanhã, com noite quieta e de grande luar, se fez a vela com toda a armada, com muitas bandeiras e toldos de seda, e as gáveas e sobregáveas guarnecidas de telilha de prata e estandartes do mesmo, muito compridos, acompanhado de muitas barças de remo, em que havia muitas trombetas, charamelas, flautas, pí-faros, tambores, e outros muitos instrumentos, tanto portugueses como chins, de maneira que todas as embarcações iam com suas invenções diferentes, cada qual melhor. E sendo já manhã clara, acalmou o vento a pouco mais de meia légua do porto, ao que logo acudiram vinte lanteias de remo muito bem equipadas, e dando toa a toda a armada em menos de uma hora a levaram ao surgidouro; porém, antes que ela lá chegasse, vieram a bordo de Antônio de Faria mais de sessenta batéis e balões, e manchuas com toldos e bandeiras de seda, e alcatifas ricas, nas quais viriam mais de trezentos homens vestidos todos de festa, com muitos colares e

cadeias de ouro, e suas espadas guarnecidas do mesmo, em tiracolos, ao uso de África, e todas essas coisas vinham feitas com tanto primor e perfeição que davam muito gosto e não menos espanto a quem as via. Dessa maneira chegou Antônio de Faria ao porto, no qual estavam surtos, por ordem, vinte e seis naus e oitenta juncos, e outra muito maior soma de vancões e barcaças amarradas umas ante outras, que em duas alas faziam uma rua muito comprida, enramados todos de pinho e louro, e canas verdes, com muitos arcos cobertos de ginjas, peras, limões e laranjas, e de outra muita verdura, e de ervas cheirosas, de que também os mastros e as enxárcias estavam cobertos.

Antônio de Faria, depois de estar surto junto de terra no lugar que para isso lhe estava aparelhado, fez sua salva de muita e muito boa artilharia, a que todas as naus, e juncos e as mais embarcações que atrás disse responderam por sua ordem, que foi coisa muito para ver, com o que os mercadores chins estavam pasmados, e perguntavam se era aquele homem a quem se fazia tamanho recebimento irmão ou parente do nosso rei, ou que razão tinha com ele, ao que alguns cortesãos respondiam que não, mas que verdade era que seu pai ferrava os cavalos em que El-Rei andava, e que por isso era tão honrado que todos os que ali estavam podiam muito bem ser seus criados e servi-lo como escravos.

Os chins, parecendo-lhes que podia ser aquilo assim, olhavam uns para os outros em maneira de espanto, e diziam:

– É certo que muito grandes reis há no mundo de que os nossos antigos escritores não tiveram nenhuma notícia para fazerem menção deles nas suas escrituras, e um desses reis de que mais caso se deveria fazer parece que deve ser o desses homens, porque segundo o que dele temos ouvido é mais rico e mais poderoso e senhor de muito maior terra que o Tártaro e o Cauchim, e quase que se pudera dizer, se não fora pecado, que emparelhava com o filho do Sol, leão coroado no trono do mundo.

O que todos os outros que estavam à roda lhes confirmavam e diziam:

– Isso bem claro está, e bem se vê pelas muitas riquezas que esta nação barbada geralmente possui em toda a terra por força de braço armado, em afronta de todas as outras nações.

Acabadas essas salvas de uma parte e da outra, chegou a bordo do junco de Antônio de Faria uma lanteia muito bem remada, toda coberta de um fresco bosque de castanheiros com seus ouriços assim como a natureza os criara neles, guarnecidos pelos troços dos ramos com muita soma de rosas e cravos entremeados com outra verdura muito mais fresca e de melhor cheiro que essa, a que os naturais da terra chamam lechias, e a rama de tudo isso era tão basta que se não viam os que remavam, porque também vinham cobertos com a mesma libré. Em cima ao toldo dessa embarcação vinha armada sobre seis perchas uma rica tribuna forrada de brocado, com uma cadeira de prata, e ao redor dela seis moças de doze até quinze anos, muito formosas, tangendo em seus instrumentos musicais, e cantando com muito boas falas, que por dinheiro se trouxeram da cidade de Liampó, que era dali a sete léguas, porque isso e muitas outras coisas se acham alugadas por dinheiro cada vez que houver mister delas, tanto que muitos mercadores são ricos só dos alugueres dessas coisas, de que eles lá usam muito para seus passatempos e recreações. Nessa lanteia se embarcou Antônio de Faria, e chegando ao cais com grande estrondo de trombetas, charamelas, atabales, pífaros, e outros muitos tangeres de chins, malaios, champás, siameses, bornéus, léquios, e outras nações que ali no porto estavam à sombra dos portugueses, por medo dos corsários de que o mar andava cheio, o desembarcaram dela em uma rica cadeira de estado, como se fosse chaém do governo dos vinte e quatro supremos que há neste império, a qual levavam oito homens vestidos de telilha, com doze porteiros de maças de prata e sessenta alabardeiros com panouras

e alabardas ataxiadas de ouro que também vieram alugadas da cidade, e oito homens a cavalo com bandeiras de damasco branco, e outros tantos com sombreiros de cetim verde e carmesim, que de quando em quando bradavam à charachina, para que a gente se afastasse das ruas.

Depois de ser desembarcado em terra e lhe serem dados os parabéns da sua chegada, o vieram ali visitar os mais nobres e ricos, os quais por cortesia se prostravam por terra, no que houve alguma detença, e feito isso se chegaram a ele dois homens fidalgos e velhos residentes na mesma terra, um chamado Tristão de Gá e o outro Jerônimo do Rego, e lhe fizeram uma fala em nome de todos, de muitos louvores seus com termos assaz eloquentes e elegantes, em que na liberalidade o punham acima de Alexandre, e o provavam com razões muito vivas e verdadeiras, e no esforço o avantajavam a Cipião, Aníbal, Pompeu e Júlio César, e outras muitas coisas a esse modo. Daqui o levaram para a igreja por uma rua muito comprida, fechada toda de pinheiros e louros, e toda juncada, e por cima toldada de muitas peças de cetins e damascos, e em muitas partes havia mesas em que estavam caçoulas de prata com muitos cheiros e perfumes, e entremeses de invenções, muito custosos. E já quase no cabo dessa rua estava uma torre de madeira de pinho, toda pintada a modo de pedraria, que no mais alto tinha três coruchéus, e em cada um uma grimpa dourada com uma bandeira de damasco branco e as armas reais iluminadas nela com ouro; e numa janela da mesma torre estavam dois meninos e uma mulher já de dias chorando, e em baixo ao pé dela estava um homem feito em quartos muito ao natural, que dez ou doze castelhanos estavam matando, todos armados, e com suas chuças e alabardas tintas em sangue, a qual coisa, pelo grande fausto e aparato com que estava feita, era muito para folgar de ver, e a razão disso dizem que foi porque dizem que dessa maneira ganhara um fulano, de quem os verdadeiros Farias descendem, as

armas da sua nobreza nas guerras que antigamente houve entre Portugal e Castela.

Nesse tempo, um sino que estava no mais alto dessa torre, como de vigia, deu três pancadas, ao qual sinal se aquietou o tumulto da gente, que era muito grande, e ficando tudo calado saiu de dentro um homem vestido com uma opa de damasco roxo, acompanhado de quatro porteiros com maças de prata, e fazendo um grande acatamento a Antônio de Faria lhe disse com palavras muito discretas quão obrigados todos lhe estavam pela grande liberalidade que usara com eles, e pela grande mercê que lhes fizera em lhes restituir suas fazendas, pelo que todos lhe ficavam dali por diante por súditos e vassalos, com menagem dada de seus tributários enquanto vissem, e que pusesse os olhos naquela figura que tinha junto de si, e nela como em espelho claro veria com quanta lealdade os seus antecessores de quem ele descendia ganharam o honroso nome da sua progênie, como era notório a todos os povos de Espanha, donde também veria quão próprio lhe era a ele o que tinha feito, tanto no esforço que mostrara como em tudo o mais que usara com eles, pelo que lhe pedia em nome de todos que em começo do tributo a que por razão de vassalagem lhe estavam obrigados, aceitasse por então aquele pequeno serviço que lhe oferecia para morrões dos soldados porque a mais dívida protestavam em lha satisfazerem a seu tempo; e com isso lhe apresentou cinco caixões de barras de prata, em que vinham dez mil taéis. Antônio de Faria lhe agradeceu com muitas palavras as honras que até então lhe tinham feito, e o presente que lhe ofereciam, porém por nenhum caso lho quis aceitar, por muito que todos nisso insistissem.

DE QUE MANEIRA ANTÔNIO DE FARIA
FOI LEVADO À IGREJA, E DO QUE SE PASSOU NELA
ATÉ A MISSA ACABAR

A balando-se daqui Antônio de Faria, o quiseram levar debaixo de um rico pálio que seis homens dos mais principais lhe tinham prestes, porém ele o não quis aceitar, dizendo que não nascera para tamanha honra como aquela que lhe queriam fazer, e seguiu seu caminho sem mais fausto que o primeiro, que era acompanhá-lo muita gente tanto portuguesa como da terra, e de outras muitas nações que ali por trato de mercancia estava junta, por ser esse o melhor e o mais rico porto que então se sabia em todas aquelas partes, e levava diante de si muitas danças, pelas, folia, jogos, e entremeses de muitas maneiras que a gente da terra também fazia como os portugueses, e tudo isso acompanhado de muitas trombetas, chamarelas, flautas, orlos, doçainas, harpas, violas de arco e juntamente pífaros e tambores, com um labirinto de vozes à charachina, de tamanho estrondo que parecia coisa sonhada. Chegando à porta da igreja saíram a o receber oito padres revestidos de capas de brocado e telas ricas, com procissão cantando “Te Deus laudamos”, a que outra soma de cantores com muito boas falas respondia em canto de órgão tão concertado quanto se pudera ver na capela de qualquer grande príncipe. Com esse aparato foi muito devagar até à capela-mor da igreja, onde estava armado um dossel de damasco branco, e junto dele uma cadeira de veludo carmesim com uma almofada aos pés, do mesmo veludo. E assentando-se nessa cadeira ouviu missa

cantada oficiada com grande concerto, tanto de falas como de instrumentos musicais, na qual pregou um tal Estêvão Nogueira que aí era vigário, homem já de dias e muito honrado. Mas como ele pela falta de hábito andava mal corrente na prática do púlpito, e de si era fraco oficial e pouco ou nada letrado, e, além disso, vão e presunçoso de quase fidalgo, querendo então, por ser dia assinalado, mostrar quanto sabia e quão retórico era, fundou todo o sermão em louvores somente de Antônio de Faria, com umas palavras tão desatadas e nuns termos tão sem concerto que, enxergando os ouvintes em Antônio de Faria como estava corrido e quase afrontado, lhe puxaram alguns seus amigos pela sobrepeliz por três ou quatro vezes, para que se calasse; e caindo ele no que era, como homem acordado na briga, disse tão alto que todos o ouviram, fingindo que respondia aos amigos:

– Eu falo verdade no que digo, pelos santos Evangelhos, e por isso deixai-me, que faço voto a Deus de dar com a cabeça pelas paredes por quem me salvou sete mil cruzados que mandava de emprego no junco, os quais o perro do Coja Acém me tinha já levado pelo pau do canto, como jogador de bola, que mau inferno lhe dê Deus na alma lá onde jaz, e dizei todos “Ámen”.

E com essa desfeita foi tamanha a risada na gente que não havia quem se ouvisse na igreja.

Depois que o tumulto foi calado e a gente quieta, vieram seis meninos da sacristia, em trajos de anjos, com seus instrumentos de música todos dourados, e pondo-se o mesmo padre de joelhos diante do altar de Nossa Senhora da Conceição, olhando para a imagem com as mãos levantadas e os olhos cheios de água, disse chorando em voz entoada e sentida, como se falasse com a imagem:

– Vós sois a rosa, Senhora. – Ao que os seis meninos respondiam: – Senhora, vós sois a rosa – descantando tão suavemente com os instrumentos que tangiam que a gente estava toda pasmada e

fora de si, sem haver quem pudesse conter as lágrimas nascidas da muita devoção que isso causou em todos. Após isso, tocando o vigário uma viola grande ao modo antigo, que tinha nas mãos, disse com a mesma voz entoada algumas voltas a esse vilancete, muito devotas e conformes ao tempo, e que a todos geralmente pareceu muito bem, tanto pelo concerto com que foi feito como pela devoção que causou em toda a gente, com o que em toda a igreja se derramaram muitas lágrimas.

DO BANQUETE QUE NESTE DIA SE DEU A
ANTÔNIO DE FARIA E A SEUS COMPANHEIROS

Acabada a missa, se chegaram a Antônio de Faria os quatro principais do governo daquela povoação ou cidade de Liampó, como os nossos lhe chamavam, os quais eram Mateus de Brito, Lançarote Pereira, Jerônimo do Rego e Tristão de Gá, e tomando-o entre si, acompanhado de toda a gente portuguesa, que seriam mais de mil homens, o levaram a um grande terreiro que estava na frontaria de suas casas, todo cercado de um espesso bosque de castanheiros assim como vieram do mato, carregados de ouriços, ornado por cima de muitos estandartes e bandeiras de seda, e por baixo juncado de muita espadana, hortelã e rosas vermelhas e brancas, de que na China há grandíssima quantidade.

Nesse bosque estavam postas três mesas muito compridas ao longo de umas latadas de murta, com que todo o terreiro estava cerrado, onde havia muitos esguichos de água que por cantimploras corria de uns aos outros, por uns modos e invenções que os chins ordenaram, tão sutis e artificiosas que nunca ninguém pôde entender o segredo deles, porque com a fúria do sopro de um fole, como órgão, a que todos tinham sua correspondência, esguichavam tão alto que quando tornava a água a cair para baixo vinha tão miúda que não molhava mais que só como orvalho, de maneira que com um só pote de água se borrifava todo o terreiro, que era como uma grande praça; defronte dessas três mesas

estavam três aparadores da mesma maneira, com grande soma de porcelanas muito finas e seis gomis de ouro muito grandes que os mercadores chins trouxeram da cidade de Liampó, que lá pediram emprestados aos mandarins, porque todo o serviço destes é com baixelas de ouro, porque a prata é de gente mais baixa e de menos qualidade, e trouxeram mais outras muitas peças, como foram pratos grandes, saleiros e copos também de ouro, com que a vista se deleitava muito, se de quando em quando lhe não causara inveja.

Despedidos logo os que não eram do banquete, ficaram só os convidados, que seriam setenta ou oitenta, fora os soldados de Antônio de Faria, que passavam de cinquenta, e, sentados à mesa, foram servidos por moças muito formosas e ricamente vestidas ao modo dos mandarins, que a cada iguaria que serviam cantavam ao som dos instrumentos que outras tangiam, e a pessoa de Antônio de Faria foi servida por oito moças muito alvas e gentis mulheres, filhas de mercadores honrados, que seus pais por amor de Mateus de Brito e de Tristão de Gá trouxeram da cidade, as quais todas vinham vestidas como sereias que a modo de dança faziam o serviço da mesa ao som de instrumentos musicais, que davam muito contentamento a quem os ouvia, com o que todos os portugueses estavam assaz pasmados, mas gabando muito a ordem, concerto e perfeição do que viam e ouviam, e quando havia de beber então se tocavam as charamelas, e trombetas, e atabales. E com essa ordem duraria esse banquete perto de duas horas, nas quais houve também seus entremeses de autos, um chim e outro português. Da perfeição e abastança das iguarias não trato, porque seria processo infinito querer eu particularizar o que ali houve naquele dia, mas direi somente que ponho em muita dúvida que em muito poucas partes se pudesse dar banquete que em alguma coisa levasse vantagem a esse. Levantadas as mesas, o que seria já perto das duas horas depois do meio-dia, se foram

para outro terreiro tapado todo em roda com muitos palanques, em que havia infinidade de gente, no qual se correram dez touros e cinco cavalos bravos, que foi a mais regozijada festa que se pudera ver, acompanhada de muitas trombetas, atabales, pífaros, tambores, e de muitos entremeses de diversas invenções. Depois de isso ser acabado, que era sobre a tarde, querendo-se Antônio de Faria tornar a embarcar, lho não consentiram, mas Tristão de Gá e Mateus de Brito lhe deram as suas casas, que já para isso estavam preparadas, com seus passadiços de umas a outras, onde ele ficou muito bem aposentado por espaço de cinco meses que ali esteve, nos quais sempre houve muitos enfiadamentos de pescarias, e caças de altanaria de falcões e açores, e montarias de veados, porcos, touros, e cavalos bravos, de que nesta ilha há muita quantidade, e muitos jogos e passatempos de autos, e entremeses de muitas maneiras, com banquetes esplêndidos todos os domingos e dias santos e muita parte dos da semana, de maneira que todos estes cinco meses nos não pareceram mais que cinco dias. No fim do qual tempo se fez Antônio de Faria prestes de embarcações e gente para ir às minas de Quoãogeparu, e porque nesse meio-tempo falecesse Quiay Panjão, o que ele muito sentiu, foi aconselhado a que as não acometesse, porque se soava como nova certa que andava lá a terra muito inquieta por causa das guerras que o Prechá Muhão tinha com o rei do Champá. Mas inculcaram-lhe aí um corsário muito afamado que se chamava Similau, de que ele lançou mão, e houve logo fala dele, o qual lhe contou muito grandes coisas de uma ilha de nome Calemplui, na qual estavam dezessete jazigos dos reis da China em uns presbitérios de ouro, com muito grande quantidade de ídolos do mesmo, em que dizia que não havia mais dificuldade nem trabalho que só carregar os navios, e também lhe disse outras muitas coisas de tamanha majestade e riqueza que deixo aqui de as contar porque temo que façam dúvida a quem as ler. E como Antônio de Faria era naturalmente muito

curioso, e não lhe faltava também cobiça, se abraçou logo tanto com o parecer desse chim que só por esse seu dito, sem outro mais testemunho, determinou de se pôr a todo o risco e fazer essa viagem, sem nessa parte querer tomar outro conselho de ninguém, com o que alguns seus amigos se escandalizaram algum tanto, e não sem razão.

COMO ANTÔNIO DE FARIA SE PARTIU DE LIAMPÓ
EM BUSCA DA ILHA DE CALEMPLUI

Sendo já o tempo chegado, e Antônio de Faria prestes de tudo o que era necessário para essa nova viagem que tinha determinado fazer, uma segunda-feira catorze de maio do ano de 1542, se partiu daqui para a Ilha de Calemplui, embarcado em duas panouras, que são como galeotas, ainda que um pouco mais alterosas, porque em juncos de alto bordo foi aconselhado que não fosse, tanto para não ser sentido, como por respeito das grandes correntes e peso das águas que descem da enseada do Nanquim, que navios grossos naquele tempo em que ele ia não podiam romper, nem com as velas dadas, por causa das inverna-das da Tartária e de Nixiunflão que naqueles meses de maio, junho e julho correm para essa parte com grandíssimo ímpeto. Nessas duas embarcações iam cinquenta e seis portugueses e um padre, sacerdote de missa, e iam mais quarenta e oito marinheiros para o remo e para a mareação das velas, naturais de Patane, a que se fez bom partido por ser equipagem fiel e segura, e afora esses iam quarenta e dois escravos nossos, assim que por todos eram cerca de cento e quarenta e seis pessoas, e não foram mais porque o cor-sário Similau, que era o nosso piloto, não quis que fossem, nem tampouco quis mais embarcações por recear poder ser sentido, porque como havia de atravessar a enseada do Nanquim, e entrar por rios frequentados por muita gente, temia muito acontecer-lhe algum desastre dos muitos a que íamos oferecidos.

Aquele dia e a noite seguinte nos botamos fora de todas as ilhas de Angitur, e seguimos nossa viagem por mar que nunca até então portugueses tinham visto nem navegado. E indo nós assaz confusos com a imaginação desses perigos, fomos os primeiros cinco dias com vento bonançoso à vista de terra até à boca da enseada das pescarias do Nanquim; aqui, atravessamos um golfão de quarenta léguas e houve vista de uma serra muito alta a que chamavam Nangafau, ao longo da qual, com a proa ao norte, corremos mais outros cinco dias, ao fim dos quais nos escasseou o vento, e, por serem os mares já aqui muito grossos, se meteu o Similau num rio pequeno e de bom surgidouro, povoado de uma gente muito alva, de boa estatura e com os olhos pequenos como os chins, mas em tudo o mais muito diferentes deles, tanto na fala como no traje. Esses homens que aqui achamos nunca em três dias que aqui estivemos quiseram ter conosco nenhum modo de comunicação, antes acudindo muitas quadrilhas deles à praia junto de onde nós estávamos surtos, com grandes algazarras e cataduras medonhas nos davam grandes apupadas, e atirando-nos com fundas e bestas corriam de uma parte para a outra, como se se temessem de nós. Ao cabo dos três dias em que o tempo e os mares nos deram lugar a seguirmos nossa rota, o Similau, por quem então tudo se governava, e a quem todos davam obediência, se fez a vela com a proa a lés-nordeste, pelo qual rumo velejou mais sete dias, e sempre à vista de terra; e atravessando daqui outro golfão, abocou a leste franco um estreito de dez léguas na boca, a que chamavam Sileupaquim, por dentro do qual correu mais cinco dias, e sempre à vista de muitas povoações e cidades muito nobres, e esse rio ou estreito era frequentado por infinidade de embarcações. E por Antônio de Faria se temer de poder ser sentido, e lhe certificarem que se o fosse não poderia salvar-se de nenhum modo, assentou de se ir embora dali. Porém o Similau contrariou esse parecer de todos, e lhe disse:

– Não me pode vossa mercê ainda agora arguir de pecado, nem nenhum outro de quantos vão na companhia, porque em Liampó vos disse publicamente na consulta geral que se fez na igreja perante mais de cem portugueses o grandíssimo risco em que todos nos púnhamos, e eu, por ser chim e piloto, muito mais que todos, porque a vossas mercês não fariam mais que dar-lhes uma morte, mas a mim duas mil, se tantas se pudessem dar, pelo que está claro que me é necessário e muito forçado não vos ser tredo, mas muito leal, como sou e serei sempre, tanto nesta viagem como em tudo o mais, apesar dos murmuradores que com vossa mercê me têm mexericado. Mas se receais tanto esse perigo que dizeis, e quiserdes que vamos por outro caminho de menos gente e embarcações, havemos de pôr mais tempo na viagem, mas navegaremos sem receio de coisa nenhuma; e por isso, senhor, lá vos determinai com os vossos soldados, e seja logo, ou nos tornemos, porque estou prestes para fazer tudo o que quiserdes.

Antônio de Faria lhe agradeceu isso muito, e o abraçou por isso muitas vezes, e falando com ele por que caminho faria essa viagem, já que por ali lhe não parecia bem por causa do muito perigo em que se viam, disse que ao norte, cento e setenta léguas avante, estava um rio de pouco mais de meia légua em largo, que se chamava Sumepadão, pelo qual não havia coisa que o pudesse empecer, por não ser povoado como aquela enseada do Nanquim em que então estavam, mas que se havia de pôr mais um mês no caminho, por causa do grande rodeio que por aquele rio se fazia. E parecendo então melhor a Antônio de Faria aventurar-se antes a mais demora de tempo que ao risco das vidas, concedeu o que o Similau lhe dizia, e se tornou a sair da enseada do Nanquim por onde tinha entrado, e costeou a terra mais cinco dias, no fim dos quais prouve a Nosso Senhor que vimos uma serra muito alta com um morro redondo para a parte do leste, a qual o Similau disse que se chamava Fanjus, e chegando-nos bem a ela entramos

em uma muito formosa angra de quarenta braças de fundo que à maneira de meia-lua ficava abrigada de todos os ventos, na qual podiam muito bem estar surtas duas mil naus, por muito grandes que fossem. Aqui desembarcou Antônio de Faria em terra com dez ou doze soldados, e a correu em roda, sem achar nenhuma gente que o informasse do caminho que pretendia fazer, de que ficou assaz agastado e arrependido do que, sem consideração nem conselho de ninguém, mas só por sua vontade e por sua cabeça, tinha cometido, ainda que em si reprimisse a dor desse erro com a maior dissimulação que podia, para não enxergarem os seus, nele, fraqueza.

Aquí nessa angra tornou a falar perante todos com o Similau, sobre essa navegação que se fazia tanto às cegas, e ele respondeu:

– Eu, senhor capitão, se te pudera empenhar outra joia de maior preço que minha cabeça, crê de mim que o faria muito levemente, porque vou tão certo nesta via que levo que não receara dar-te mil filhos como reféns do que em Liampó te prometi. E ainda agora te torno a dizer que se te arrependes ou receias passar avante, pelo que os teus te dizem de mim continuamente à orelha, como eu muito bem tenho visto e ouvido, manda o que quiseres, porque prestes estou para em tudo te fazer a vontade. E quanto a te dizerem que te faço agora esta viagem mais comprida do que em Liampó te prometi, tu sabes a razão por que o fiz, a qual, no tempo em que ta dei, te não pareceu mal. E pois então não to pareceu, aquiete-se agora teu coração, e não tornes atrás do que tens assentado, e tu verás quão proveitoso fruto tiras deste trabalho.

Com isso ficou Antônio de Faria algum tanto mais quieto, e lhe disse que fosse muito embora por onde lhe parecesse melhor, e que da murmuração dos soldados, de que se queixava, lhe não ligasse nada, porque próprio de gente ociosa era emendar vidas alheias e não olhar pela sua, mas que eles se refreariam dali por diante, ou os castigaria muito bem, de que o Similau então se deu por satisfeito.

DO MAIS QUE ANTÔNIO DE FARIA PASSOU ATÉ
CHEGAR AO RIO DE PATEBENÃO, E DA DETERMINAÇÃO
QUE AÍ TOMOU ACERCA DA SUA VIAGEM

Partidos nós desta angra, velejamos ao longo da costa mais treze dias, sempre à vista da terra, e chegamos a uma baía que se chamava Buxipalem, em altura de quarenta e nove graus, cujo clima achamos já algum tanto mais frio, na qual havia infinidade de peixes e serpentes de tão diversas maneiras que realmente afirmo que receio muito contá-la, e de que o Similau disse a Antônio de Faria coisas muito incríveis, tanto do que já ali se achara como do que de noite se ouvia, principalmente nos interlúnios de novembro, dezembro e janeiro, em cerrações de tempestades chuvosas, algumas das quais lhe mostrou logo ali à vista, donde se inferiu que podia ser verdade o mais que dizia. Vimos aqui uns peixes de feição de raias, a que os nossos chamavam peixes-mantas, de mais de quatro braças em roda, e o focinho rombo como de boi; vimos outros como grandes lagartos pintados de verde e preto, com três ordens de espinhas no lombo, da grossura de uma seta, e de quase três palmos de comprimento, muito agudas nas pontas, e o mais corpo todo cheio delas, mas não tão grossas nem tão compridas. Esses peixes se encrespavam de quando em quando como porcos-espinhos, com o que ficam assaz temerosos no aspecto; tinham o focinho muito agudo e preto, com dentes que lhes saíam fora do queixo, como os do javali, de comprimento quase dois palmos, aos quais dizia o Similau que os chins chamavam puchissuções. Vimos também outros peixes muito pretos à

maneira de enxarocos, mas tão disformes na grandeza que só a cabeça era de mais de seis palmos de largo, e quando nadavam e estendiam as barbatanas ficavam redondos de mais de uma braça, ao parecer dos que os viram. E não digo de outras muitas diversidades de peixes que aqui vimos por me parecer desnecessário deter-me sobejamente em coisa que não faz a propósito do que vou tratando; somente direi que em duas noites que aqui estivemos surtos nos não dávamos por seguros dos lagartos, baleias, peixes e serpentes que de dia tínhamos visto, porque eram tantos os uivos, os assopros, e roncões, e na praia os relinchos dos cavalos-marinhos, que eu não me atrevo a podê-lo declarar com palavras.

Saídos daqui dessa baía de Buxipalem, a que os nossos puseram o nome de “rio das serpes”, o Similau velejou por sua rota a distância de mais quinze léguas e foi surgir em outra baía muito mais formosa e de muito maior fundo, que se chamava Calindão, a qual na volta do arco teria mais de seis léguas, à maneira de angra, fechada toda em roda, de serras muito altas e de arvoredos muito espessos, e de muitas ribeiras de água que desciam do mais alto delas à praia; a essa angra vinham ter quatro rios muito grandes que, por abertas que a terra fazia em partes, vinham todos entrar na baía. E aqui nos disse o Similau que pela muita soma de imundícies de alimárias mortas que com as enchentes das invernações esses rios ali traziam, vinham todos os animais que tínhamos visto, tanto na outra baía como naquela, a se cevarem nelas, o que não acontecia em outras nenhuma de toda a mais costa que atrás tínhamos deixado; e perguntando-lhe Antônio de Faria de que parte vinham aqueles rios, disse que o não sabia, mas que se era verdade o que deles estava escrito, que dois deles vinham de um grande lago que se chamava Moscumbiá, e os outros dois de uma província de grandes serranias que todo o ano estavam cobertas de neve, a que chamavam Alimania, pela qual causa, no verão, em que a maior parte da neve se derretia, vinham aqueles rios tão impetuosos e

com tanto poder de água quanto tínhamos visto, que era mais que em todo o outro tempo do ano, e que por aquele rio em cuja borda estávamos surtos, a que chamavam Patebenão, havíamos, com o nome do Senhor do céu, de ir com a proa a leste e a les-sueste, demandar outra vez a enseada do Nanquim que atrás tínhamos deixado, a duzentas e sessenta léguas, porque toda essa distância de caminho tínhamos multiplicado em muito maior altura do que aquela onde ficava a ilha que íamos buscar; e que, ainda que nisso passássemos algum trabalho, pedia muito a Antônio de Faria que o houvesse por bem empregado, porque ele o fizera por melhor e mais seguro à vida de todos. E perguntando-lhe Antônio de Faria quantos dias poderia pôr na viagem até passar aquele rio por onde o levava, disse que catorze até quinze, somente, e que depois de saídos dele a cinco lhe prometia o desembarcar com seus soldados na Ilha de Calemplui, onde bem largamente satisfariam seu desejo e haveriam por bem empregado todo o trabalho de que agora se queixavam. Antônio de Faria o ergueu então nos braços e lhe fez grandes promessas de sua amizade, e o reconciliou com os soldados, de que ele vinha queixoso, com o que todos ficaram muito satisfeitos.

Certificado Antônio de Faria dessa boa-nova que o Similau lhe dera, e do novo caminho por onde havia de entrar numa terra tamanha e tão poderosa, esforçando os seus, se pôs no tom conveniente ao seu propósito, tanto na artilharia que até então fora retirada, como em concertar as armas, ordenar capitães de vigias, e tudo o mais que era necessário para qualquer sucesso que tivesse; o Padre Diogo Lobato que conosco ia, como atrás disse, e era nosso patrão e sota-capitão sobre todos, fez um breve sermão aos que ali íamos, para nos dar ânimo e esforço para o que tínhamos daí por diante, em que tratou de algumas coisas muito necessárias a nossos bons propósitos, com tão boas palavras e por termos tão discretos e tão conformes ao tempo, que, estando todos até então

assaz desanimados e cheios de medo, se lhes enxergou logo um novo espírito e ousadia para não duvidarem cometer o que levavam determinado. E com esse novo fervor fizeram uma devota salva diante de uma imagem de Nossa Senhora, perante a qual todos prometeram sem nenhum receio levar a cabo essa jornada que tinham começado. E mareando com esse alvoroço as velas, abocamos o rio que o Similau nos mostrara, com a proa direita ao rumo de leste, chamando com muitas lágrimas e com todo nosso coração muitas vezes pelo socorro e ajuda daquele Senhor que está sentado à mão direita do Padre Eterno, para que nos tivesse na sua mão poderosa.

DO QUE ANTÔNIO DE FARIA PASSOU
ATÉ CHEGAR À SERRA DE GANGITANOU,
E DA DISFORME GENTE COM QUEM AÍ FALOU

Continuando nosso caminho a remo e a vela com a proa a diversos rumos, por causa das voltas que em partes fazia o rio, chegamos ao outro dia a uma serra muito alta e de muitas ribeiras de água que se chamava Botinafau, em que havia muitos tigres, badas, leões, caleus, onças, zebras, e outra muita diversidade de bichos, os quais, saltando e preando só pela inclinação das suas robustas e feras naturezas, faziam cruel guerra a outras sortes de bichos e animais de natureza mais fraca, como são veados, porcos, bugios, adibes, monas, raposas e lobos, o que todos estivemos vendo com muito gosto por um grande espaço, e com grandes apupadas e brados que lhes dávamos, de que eles se não espantavam muito, como coisa que não tinha noção de caçadores.

Em passar essa serra, que seria de quarenta e cinco até cinquenta léguas, pusemos seis dias de caminho, e no fim deles entramos noutra serra não menos agreste que essa, de nome Gangitanou, e daqui por diante toda a mais terra é muito montanhosa, acre e quase intratável, e tão fechada de arvoredo que por nenhum modo lhe podia o sol comunicar os seus raios nem a sua quentura. Essa serra dizia o Similau que em distância de noventa léguas não era povoada, por carecer de sítios próprios para agricultura, mas que somente nas faldas de baixo habitava uma disforme gente que se chamava os gigaunhós, os quais vivendo selvaticamente

se não sustentavam de outra coisa senão só da caça do mato e de algum arroz que de certos lugares da China por mercancia lhes levavam mercadores, de que faziam resgate a troco de peles em cabelo que lhes davam. E que se afirmava, pelos direitos que se pagavam dessas peles nas alfândegas de Pocasser e Lantau, chegar o número delas a vinte mil cates, e em cada cate ou fardo, sessenta peles, donde se vê, se o Similau falou verdade, que o número dessas peles chegava a um conto e duzentas mil, das quais a gente nos invernos se servia para forros de roupas, e armação de casas, e cobertores de camas, de que comumente, por ser o frio muito grande, todos usavam.

Espantado Antônio de Faria do muito que de isso e de outras coisas o Similau lhe dizia, e muito mais desses gigaunhós e da deformidade dos seus corpos e membros, lhe rogou que trabalhasse todo o possível para lhe mostrar alguns deles, porque lhe afirmava que o prezaria mais que se lhe desse todo o tesouro da China, ao que ele respondeu:

– Bem vejo, senhor, quanto me isso importa, tanto para me acreditar contigo, como para tapar a boca aos murmuradores que se acotovelam quando me ouvem, mas para que por uma coisa creiam na outra antes que seja sol posto falarás com mais de um par deles, com a condição de que não saias em terra como até agora tens feito, para que te não aconteça algum desastre, dos muitos que cada dia aqui acontecem a mercadores que querem passarinho por matos alheios, porque te afirmo que com ninguém esses gigaunhós falam verdade, tanto por a não mamarem no leite, como por sua natureza robusta e ferina os inclinar a se manterem de carne e sangue como qualquer desses bichos do mato.

E indo nós assim a vela e a remo ao longo da terra, vendo a espessura das árvores, a rudeza das serranias e do mato, e a multidão de monas, bugios, adibes, lobos, veados, porcos e de outra muita quantidade de animais silvestres que correndo e saltando

teciam uns pelos outros, e com uma grasnada tamanha que em muitas partes nos não ouvíamos com eles, com o que tivemos um bom pedaço de passatempo, vimos vir por detrás de uma ponta que a terra fazia um moço sem barba com seis ou sete vacas diante de si, como que as pastoreava, e acenando-lhe o Similau com uma toalha o moço parou até que chegamos bem à borda da água onde ele estava, e mostrando-lhe uma peça de tafetá verde, a que disse que eram muito inclinados, lhe perguntou por acenos se a queria comprar, a que ele, chegando-se bem a nós, respondeu com uma fala muito desentoadada: “Quiteu parão fau fau” – porém não se soube o que queria dizer, porque nenhum de quantos iam nas embarcações sabia falar nem entender aquela linguagem, e somente por acenos tratava o Similau a mercancia do que lhe mostrava. E mandando-lhe Antônio de Faria dar cerca de três ou quatro côvados de tafetá da peça que lhe tinham mostrado, e seis porcelanas, ele tomou tudo com muito alvoroço e disse: “pur pacam poch y pilaca hunangue doreu” – as quais palavras também se não entenderam. O moço se mostrou muito contente com o que lhe tinham dado e acenou com a mão para donde tinha vindo, e deixando aí as vacas se foi correndo para dentro do mato. Vinha esse moço vestido de umas peles de tigre com a felpa para fora, com os braços nus, descalço, e sem coisa nenhuma na cabeça, e com um pau tosco na mão. Era bem-proporcionado nos membros, tinha o cabelo muito crespo e ruivo que lhe dava quase pelos ombros, e seria de comprimento, segundo o que alguns disseram, de mais de dez palmos. Depois de passado pouco mais de um quarto de hora, tornou a vir, com um veado vivo às costas, e em sua companhia treze pessoas, oito homens e cinco mulheres, com três vacas atadas por cordas, e bailando todos ao som de um atabaque em que de quando em quando davam cinco pancadas, e dando outras tantas pancadas com as mãos, diziam alto e muito desentoadado: “cur cur hinau falem”. Antônio de Faria lhes mandou

mostrar cinco ou seis peças e muitas porcelanas, para que cuidassem que éramos mercadores, o que eles folgaram muito de ver. Todas essas pessoas, tanto machos como fêmeas, vinham vestidas de uma mesma maneira, sem haver diferença no traje, somente as mulheres traziam nos buchos dos braços umas grossas manilhas de estanho e tinham os cabelos muito mais compridos que os homens, e cheios de umas flores como de espadana, a que nesta terra chamam lírios, e ao pescoço traziam uma grande trambo-lhada de conchas vermelhas do tamanho de cascas de ostras; e os homens traziam nas mãos uns paus grossos forrados até ao meio das mesmas peles de que vinham vestidos, eram todos de gestos grosseiros e robustos, tinham os beiços grossos, os narizes baixos e aparrados, as ventas grandes, e são algum tanto disformes na grandeza do corpo, mas não tanto como cá se cuida deles, porque Antônio de Faria os mandou medir, e nenhum achou que passasse de dez palmos e meio, senão só um velho que era de onze escassos, e as mulheres são de menos de dez alguma coisa. Mas todavia entendo que é gente muito rústica e agreste, e a mais fora de toda a razão de quantas até agora se têm descoberto, nem nas nossas conquistas nem em outras nenhuma.

Antônio de Faria lhes mandou dar três corjas de porcelanas, e uma peça de tafetá verde, e um cesto de pimenta, e eles se arremessaram todos no chão e com as mãos ambas levantadas e os punhos cerrados, disseram: “vumguahileu opomguapau lapão lapão lapão” – das quais palavras se inferiu que deviam ser de agradecimento, segundo os meneios com que as disseram, porque três vezes se arremessaram no chão. E dando-nos eles as três vacas e o veado, e uma grande soma de acelgas, tornaram a dizer todos juntos, com voz alta e desentoadada, outras muitas palavras a seu modo, que me não lembram, mas que também se não entenderam. E depois de estarmos falando por acenos com eles mais de três horas, pasmados nós de o vermos a eles, e eles de nos verem a

nós, se tornaram a meter no mato donde tinham vindo, uivando ao som das cinco pancadas do atabaque e saltando de quando em quando como se fossem contentes com o que levavam.

Daqui seguimos nosso caminho mais cinco dias pelo rio acima, nos quais sempre os vimos ao longo da água, e às vezes lavando-se nus, mas não que nos comunicássemos com eles mais que essa vez somente. Passada toda essa distância de terra, que podia ser de quarenta léguas pouco mais ou menos, caminhamos assim a vela e a remo mais dezesseis dias, sem em todos eles vermos gente nenhuma, como coisa despovoada. Só em duas noites enxergamos uns fogos muito pela terra dentro. No cabo destes dias quis Nosso Senhor que chegamos à enseada do Nanquim, que o Similau nos tinha dito, e com esperança de que dali a cinco ou seis dias veríamos o efeito do nosso desejo.

DOS TRABALHOS QUE PASSAMOS
NESTA ENSEADA DO NANQUIM,
E DO QUE AQUI NOS FEZ O SIMILAU

Chegados nós a esta enseada do Nanquim, Antônio de Faria foi aconselhado pelo Similau a que por nenhum motivo consentisse mostrarem-se os portugueses a gente nenhuma, porque receava que vendo-os houvesse alvoroço nos chins, visto que por aquele lugar nunca até então se vira gente estrangeira, porque só eles bastavam para darem razão do que lhes perguntassem, e que seu parecer era também que navegassem antes pelo meio da enseada que ao longo da terra, por causa da muita frequência de lorchas e lanteias que continuamente passavam de uma parte para a outra, o que assim pareceu a todos, e assim se fez. E havendo já seis dias que fazíamos nosso caminho a rumo de leste les-nordeste, houvemos vista de uma grande cidade que se chamava Sileupamor, e caminhamos para ela direitos, e já com quase duas horas da noite entramos dentro no porto, o qual era uma formosa angra de quase duas léguas em roda, onde vimos surta grandíssima quantidade de barcos, que ao parecer dos que as esmaram seriam mais de três mil, a qual vista nos meteu em tamanho temor que sem ousarmos bulir em coisa nenhuma nos tornamos a sair muito caladamente, e atravessando a largura do rio, que podia ser de seis ou sete léguas, corremos por nossa rota ao longo de uma grande campina o que nos restava do dia, com determinação de tomarmos algum mantimento onde o víssemos mais a nosso propósito; e porque então levávamos já muito

pouco, e se nos dava com muita regra, passamos treze dias de muita esterilidade e fome, pois se não dava a cada homem mais que só três escassos bocados de arroz cozido na água, sem mais outra coisa nenhuma.

Com essa miséria chegamos a uns edifícios muito antigos que se chamavam Tanamadel, nos quais saímos em terra uma ante-manhã, e demos numa casa que estava afastada um pouco deles, onde prouve a Nosso Senhor que achamos uma grande soma de arroz e de feijões, e muitos potes de mel, e adens chacinadas, e cebolas, e alhos, e canas-de-açúcar, de que nos provemos bem à nossa vontade, a qual casa, nos disseram uns chins que nela tomamos, era a despensa de um hospital que estava dali a duas léguas, de que se proviam os peregrinos que por aquela parte passavam em romaria a visitar os jazigos dos reis.

E tornando-nos a embarcar bem-providos com esse mantimento, continuamos nossa viagem mais sete dias, que já fazia dois meses e meio que tínhamos partido de Liampó; e já nesse tempo ia Antônio de Faria desconfiado do que o Similau lhe dissera e muito arrependido de ter cometido aquela viagem, e assim o confessou a todos publicamente. Porém, como naquilo não havia já que fazer senão encomendar-se a Deus e prover com prudência no que tinha por diante, assim o fez sempre com muito esforço. E perguntando uma manhã ao Similau em que paragem se fazia, lhe respondeu muito fora de propósito e como homem que tinha perdido a estimativa por onde tinha navegado, com o que Antônio de Faria se meteu em tanta cólera que agarrando uma adaga que tinha na cinta o quisera matar se se não metessem na meio muitos homens aconselhando-o a que tal não fizesse, porque se acabaria de perder de todo, e, refreando então a cólera, obedeceu ao conselho que seus amigos lhe deram, mas todavia não tanto fora dela que deixasse de jurar, pondo a mão nas barbas, se dali a três dias lhe não mostrasse o engano ou desengano de suas mentiras o

matar às punhaladas, de que o Similau ficou tão assombrado que logo aquela noite seguinte, estando surtos ao longo da terra, se lançou ao rio muito caladamente, sem os da vigia o sentirem senão depois do quarto rendido, em que o fizeram saber a Antônio de Faria, o qual com o inesperado daquela nova ficou tão fora de si que quase perdeu de todo a paciência, e por se temer de algum motim, o qual se começava já de ir ordenando, deixou de matar os dois vigias pelo descuido que daquilo tiveram. E saindo logo em terra com toda a gente, o andou buscando até quase à manhã, sem o poder achar nem pessoa viva que lhe pudesse dar novas dele, e tornando-se a recolher às embarcações, achou dos quarenta e seis marinheiros chins que levava trinta e dois fugidos, que receosos do perigo em que se viam determinaram também de se salvar daquela maneira, de que Antônio de Faria com todos os mais que se acharam com ele ficaram tão pasmados que, apertando as mãos e pondo os olhos no céu, emudeceram de maneira tal que só as lágrimas eram as que falavam e davam testemunho do que os seus corações sentiam. Porque ponderados bem o sucesso daquela hora e a confusão e grande perigo em que todos se viam, o menos era perder o ânimo, o siso e o entendimento, quanto mais a fala. E tomando-se conselho sobre o que ao diante se devia fazer, por um grande espaço esteve o negócio suspenso sem se tomar conclusão nele, pela muita variedade e diferença de pareceres que aí havia, mas enfim se assentou que todavia seguíssemos adiante com nosso intento, e se trabalhasse por tomarmos o mais secretamente que pudesse ser, para não alvoroçarmos a terra, quem nos dissesse a distância que podia haver dali à Ilha de Calemplui, e que se pelas informações que achássemos víssemos que era tão fácil o cometimento dela como o Similau nos tinha dito, fôssemos adiante, e quando não então nos tornássemos pelo meio da corrente do rio abaixo, porque ela nos levaria ao mar para onde tinha seu curso. Concluídos nesse parecer, que foi por votos dos

mais, seguimos nosso caminho adiante com assaz de confusão e temor, e tão entregues ao perigo da morte quanto o desamparo em que nos víamos nos estava mostrando.

Aquela noite seguinte, sendo quase o quarto da modorra rendido, vimos no meio do rio, por nossa proa, estar uma barcaça surta, dentro da qual, pelo grande aperto e necessidade em que então estávamos, nos foi forçoso entrarmos sem tumulto nem rebulição algum, e nela tomamos cinco homens que achamos dormindo, os quais Antônio de Faria inquiriu cada um por si, para ver se concertavam todos nas respostas do que lhes perguntava, às quais perguntas todos responderam que aquela terra e paragem onde estávamos se chamava Tanquilem, da qual havia só dez léguas de distância à Ilha de Calemplui. E perguntando-lhes miudamente por outras muitas coisas necessárias à nossa salvação e segurança, a todas, cada um por si responderam muito a propósito, de que Antônio de Faria e todos os mais ficaram muito satisfeitos, e sobretudo muito pesarosos dos desmanchos passados, porque bem se entendeu que sem o Similau, que era o norte da nossa viagem, não podíamos fazer coisa que fosse benfeita. Esses cinco chins levou Antônio de Faria consigo presos a banco, e seguiu por sua rota mais dois dias e meio, no fim dos quais prouve a Nosso Senhor que, dobrando uma ponta da terra a que chamavam Guinaitarão, descobrimos essa Ilha de Calemplui, a qual havia oitenta e três dias que andávamos buscando com tanta confusão de trabalhos e medos quantos atrás ficam contados.

COMO CHEGAMOS A ESTA ILHA DE CALEMPLUI,
E DA MANEIRA, ORDEM, SÍTIO E FÁBRICA DELA

Dobrada, como tenho dito, essa ponta de Guinaitarão, descobrimos adiante cerca de duas léguas uma terra rasa, a modo de lezíria, situada no meio do rio, a qual, segundo as mostras de fora, podia ser de pouco mais de uma légua em roda. Antônio de Faria se chegou bem a ela, com muito alvoroço misturado com não pouco receio, porque até então não entendera ainda o grande perigo em que se metera a si e a todos; e sendo já passadas mais de três horas da noite, surgiu a cerca de um tiro de berço dela, e quando a manhã foi clara, juntos em conselho todos os que para isso foram chamados, assentaram que, visto que era uma coisa tão grandiosa como aquela e que de si mostrava um aparato e majestade tamanha, não parecia possível que estivesse sem alguma gente que a guardasse; lhes parecia bom conselho que com todo o silêncio possível se rodeasse primeiro toda por fora para se ver as entradas que tinha, ou que impedimento podia ter o nosso desembarque, e que segundo o que se visse se determinaria o que se havia de fazer.

Com essa resolução se mandou Antônio de Faria levar, e sem estrondo nem rumor nenhum se chegou bem a terra, e rodeando-a toda a viu bem à sua vontade e notou particularmente nela tudo o que a vista podia alcançar. Era essa ilha toda fechada em roda com um terrapleno de cantaria de jaspe, de vinte e seis palmos de alto, feito de lajes tão perfeitas e bem-assentes que todo o muro parecia

uma só peça, coisa de que todos se espantaram muito porque até então não tinham visto em nenhuma parte, nem da Índia nem de fora dela, coisa que se parecesse com aquela. Esse muro vinha criado desde o fundo até chegar acima à água, em altura de outros vinte e seis palmos, de maneira que a sua altura era de cinquenta e dois palmos, e em cima no andar do terraplano em que o muro acabava a sua altura tinha uma borda da mesma cantaria, roliça, como cordão de frade, da grossura de um barril de quatro almudes, que a cingia toda em roda, sobre a qual estavam assentes umas grades de latão feitas ao torno, que por quartéis de seis em seis braços fechavam nuns balaústres do mesmo latão, em cada um dos quais estava um ídolo de mulher com uma bola redonda nas mãos, que por então se não pôde entender o que isso significava. Dessas grades adentro, ia uma fileira de grandíssima quantidade de monstros de ferro coado, que a modo de dança com as mãos dadas de uns aos outros fechavam toda a redondeza da ilha, que, como digo, seria de quase uma légua em roda.

Desses monstruosos ídolos adentro, pela mesma ordem e fileira em que eles cingiam essa lezíria, havia outra de arcos, de obra riquíssima em que os olhos tinham assaz que ver e em que se deleitar, e tudo o mais daqui para dentro era um bosque de laranjeiras anãs muito basto, sem outra mistura de árvore nenhuma, no meio do qual estavam fabricadas trezentas e sessenta ermidas dedicadas aos deuses do ano, de que essa gentil idade nas suas histórias conta grandes patranhas em abono de sua cegueira. Mais acima cerca de um quarto de légua, sobre um alto que a terra fazia para a banda do leste, apareciam uns edifícios com sete frontarias de casas, a modo de igrejas, todos de alto a baixo, quanto a vista podia alcançar, cobertos de ouro, com suas torres muito altas que segundo o que parecia deviam ser campanários, e por fora duas ruas de arcos que cingiam esses edifícios, os quais arcos eram do mesmo teor das sete frontarias das casas, e todos, desde o mais

alto do espigão dos coruchéus até abaixo, cobertos de ouro, pelo que por todos se julgou que devia isso ser algum templo muito suntuoso e de grandíssima riqueza. Depois de ser bem vista e examinada essa ilha ou lezíria, por estar, como disse, situada no meio do rio, Antônio de Faria se determinou, ainda que já fosse tarde, de sair em terra, para ver se podia tomar língua em alguma daquelas ermidas, que o certificasse do que lhe era necessário saber, porque segundo a informação que tivesse assim se determinaria, ou em ir para diante ou em se recolher, e deixando a guarda necessária em ambas as embarcações, ele com quarenta soldados e vinte escravos, tantos de lanças como de arcabuzes, e quatro chins que conheciam a terra porque já ali tinham ido algumas vezes, para nos encaminharem e servirem de intérpretes, cometeu o desembarque e deixou o Padre Diogo Lobato como capitão das duas panouras, por ser homem sisudo e de grandes espíritos. E depois de ter desembarcado em terra, sem até esse tempo se ter visto pessoa nenhuma, nem sentido rumor ou rebuliço algum, se meteu logo desse edifício para dentro, por uma das oito entradas que nele havia, e se encaminhou pelo meio do bosque do laranjal, e foi demandar uma ermida que defronte estava aparecendo, a cerca de dois tiros de espingarda do lugar onde desembarcamos, na qual achou o que logo se verá.

COMO ANTÔNIO DE FARIA CHEGOU A ESTA ERMIDA
E DO QUE SE PASSOU NELA

Caminhando Antônio de Faria para a ermida que tinha diante, com o maior silêncio que podia, e não sem algum receio, por não saber até então o em que se tinha metido, levando todos o nome de Jesus na boca e no coração, chegamos a um terreiro pequeno que estava diante da porta, e ainda até aqui não havemos vista de pessoa nenhuma, e Antônio de Faria, que ia sempre adiante com um montante nas mãos, apalpou a porta e a sentiu fechada por dentro, e mandando a um dos chins que estava junto dele que batesse ele o fez por duas vezes e de dentro lhe foi respondido:

– Seja louvado o Criador que esmaltou a formosura dos céus! Dê a volta por fora e saberei o que quer.

O chim rodeou a ermida e entrou nela por uma porta travessa, e, abrindo a em que estava, ele com toda a gente entrou dentro da ermida e achou dentro dela um homem velho, que pelo parecer seria de mais de cem anos, com uma vestidura de damasco roxo muito comprida, o qual no seu aspecto parecia ser homem nobre, como depois soubemos que era, o qual, em vendo o tropel da gente, ficou tão fora de si que caiu de focinhos no chão, e tremendo de pés e de mãos não pôde por então falar palavra nenhuma; porém, passado um grande espaço em que a altercação desse sobressalto ficou quieta e ele tornou a si, pondo os olhos em todos, com rosto alegre e palavras severas perguntou que gente éramos ou que

queríamos. O intérprete lhe respondeu por mandado de Antônio de Faria que ele era um capitão daquela gente estrangeira natural do reino de Sião, e que vindo de veniaga num junco seu com muita fazenda para o porto de Liampó se perdera no mar, do qual se salvara milagrosamente com todos aqueles homens que ali trazia consigo, e que, porque prometera vir em romaria àquela terra santa a dar louvores a Deus por o salvar do grande perigo em que se vira, vinha agora a cumprir a sua promessa, e juntamente lhe vinha pedir ele alguma coisa de esmola com que se tornasse a restaurar de sua pobreza, e que ele lhe protestava que dali a três anos lhe tornaria dobrado tudo o que agora tomasse.

O Hiticou (que assim se chamava o ermitão), depois de estar cuidando consigo um pouco no que ouvira, olhando para Antônio de Faria, lhe disse:

– Muito bem ouvi o que disseste, e também entendi a danada tenção em que o sulco da tua cegueira, como piloto do inferno te traz a ti e a essoutros à côncava funda do lago da noite, porque, em vez de dares graças a Deus por tamanha mercê que te fez, o vens roubar. Pois pergunto: se assim o fizeres, que esperas que faça de ti a divina justiça, no derradeiro bocejo da vida? Muda esse teu mau propósito e não consintas que em teu pensamento entre imaginação de tamanho pecado, e Deus mudará de ti o castigo. E fia-te de mim que te falo verdade, assim me ela valha enquanto viver.

Antônio de Faria, fingindo que lhe parecia bem o conselho que ele lhe dava, lhe pediu muito que se não agastasse porque lhe certificava que não tinha então outro remédio de vida mais certo que aquele que ali vinha buscar; a que o ermitão, olhando para o céu e com as mãos levantadas, disse chorando:

– Bendito sejas, Senhor, que sofres haver na terra homens que tomem como remédio de vida ofensas tuas, e não como certeza de glória servir-te um só dia.

E depois de estar um pouco pensativo e confuso com o que via diante, tornou a pôr os olhos no tumulto e rumor que todos fazíamos no desarrumar e despregar dos caixões; e olhando para Antônio de Faria que nesse tempo estava em pé, encostado ao montante, lhe rogou que se sentasse um pouco a par dele, o que Antônio de Faria fez com muita cortesia e muitos cumprimentos, porém não deixou de acenar aos soldados que continuassem com o que tinham entre mãos, que era escolher a prata que se achava nos caixões, de mistura com os ossos dos finados que também estavam dentro, o que o ermitão sofria tão mal que duas vezes caiu esmorecido do banco em que estava sentado, para baixo, como homem que sentia aquilo como ofensa grave. E tornando pesadamente a continuar com Antônio de Faria, lhe disse:

– Quero-te declarar, como a homem que me parece discreto, o em que consiste o perdão do pecado em que tantas vezes me apontaste, para que não pereças para sempre sem fim no derradeiro bocejo da tua boca. Já que me dizes que a necessidade te obrigou a cometeres delito tão grave e que tens propósito de restituir o que tomares antes que morras, se a possibilidade te der lugar para isso, farás três coisas que te agora direi: a primeira é restituíres o que tomares, antes que morras, para que não se impeça da tua parte a clemência do alto Senhor; a segunda, pedires-lhe com lágrimas perdão do que fizeste, pois é tão feio diante da sua presença, e castigares por isso a carne continuamente de dia e de noite; e a terceira, repartires com os seus pobres tão liberalmente como contigo, e abrires as tuas mãos com discrição e prudência, para que o servo da noite não tenha que te arguir no dia da conta. E por este conselho te peço que mandes a essa tua gente que torne a recolher os ossos dos santos, para que não fiquem desprezados na terra.

Antônio de Faria lhe prometeu que o faria assim, com muitas palavras de cumprimentos, de que o ermitão ficou algum tanto

mais quieto, ainda que não de todo satisfeito. E chegando-se mais para ele, o começou de amimar e afagá-lo com palavras brandas e de muito amor e cortesia, certificando-lhe que depois que o ouvira se arrependera muito de ter cometido aquela viagem, mas que os seus lhe diziam que se se tornasse o matariam logo, e que isso lhe descobria, em grande segredo; ao que ele respondeu:

– Queira Deus que seja isso assim, porque ao menos não terás tanta pena como essoutros ministros da noite, que como cães esfaimados me parece que toda a prata do mundo os não poderá fartar.

DO MAIS QUE ANTÔNIO DE FARIA PASSOU
NESTA ERMIDA ATÉ SE EMBARCAR

Depois de ser recolhida toda a presa que ali havia, e mandada às embarcações, pareceu bem a todos não se bulir por então com mais nada, tanto por não conhecermos a terra como por ser já quase noite, esperando que ao outro dia o poderíamos fazer mais à nossa vontade. E querendo-se Antônio de Faria embarcar, se quis despedir primeiro do ermitão, e o consolou com boas palavras, dizendo que lhe pedia muito pelo amor de Deus que não se escandalizasse, porque lhe certificava que a muita pobreza em que se via o fizera fazer aquilo em que na verdade não era de sua condição, e que depois que falara com ele, arrependido do que cometera, se quisera logo tornar, porém que aqueles homens lhe foram à mão e lhe juraram todos que o haviam de matar se tal fizesse, e que por isso, constrangido ele do medo, se calara e consentira naquilo que claramente via ser tamanho pecado como ele tinha dito, pelo que levava determinado, logo que se visse desembaraçado deles, ir-se logo por esse mundo a fazer tanta penitência quanta entendia que lhe era necessária para satisfação de tamanho crime. Ao que o ermitão respondeu:

– Praza ao Senhor que vive reinando sobre a formosura de suas estrelas, que te não faça mal entenderes tanto dele quanto mostras nessas palavras, porque te afirmo que muito maior perigo corre o que isso entende, se faz más obras, que o ignorante sem

lei, a quem a falta do entendimento está desculpando com Deus e com o mundo.

Aqui se quis intrometer na conversa um dos nossos, de nome Nuno Coelho, e lhe disse que se não agastasse por tão pouco, a quem ele respondeu:

– Muito mais pouco é o temor que tu tens da morte, pois gastas a vida em feitos tão sujos quão suja eu creio que estará tua alma, das portas desse monturo da tua carne para dentro. E se queres mais prata, como mostras na sede da tua cobiça, para com ela acabares de encher o fardel do teu infernal apetite, nessoutras casas que por aí estão, acharás com que bem te enchas até rebentares, e quiçá que não errarás, porque já que por essa que tens tomado há-de ir para o inferno, vai também por essoutra, porque quanto mais peso lebares sobre tua cabeça, tanto mais depressa irás ao fundo, como parece pelo que tuas más obras de ti testemunham.

E tornando o Nuno Coelho a replicar que lhe rogava que tomasse em tudo paciência porque assim o mandava Deus em sua santa lei, o ermitão pondo a mão na testa a modo de espanto, e bulindo cinco ou seis vezes com a cabeça, sorrindo-se do que lhe tinha ouvido, lhe respondeu:

– É certo que agora vejo o que nunca cuidei que visse nem ouvisse, maldade por natureza e virtude fingida, que é furta e pregar. Grande deve ser a tua cegueira, pois confiado em boas palavras gastas a vida em tão más obras. Não sei se gracejará Deus contigo no dia da conta!

E não o querendo mais ouvir, se virou para Antônio de Faria, que nesse tempo já estava em pé, e com as mãos alevantadas lhe pediu com muita eficácia que não consentisse cuspirem-lhe os nossos no altar, porque o sentia mais que tirarem-lhe mil vezes a vida, ao que ele respondeu que assim se faria, e em tudo o mais que mandasse seria logo servido, de que o Hiticou ficou algum tanto consolado.

E por ser já muito tarde, determinou Antônio de Faria de se não deter então ali mais; porém, antes que se recolhesse, vendo que lhe era necessário tomar informações de algumas coisas importantes, para se certificar de alguns receios que tinha, perguntou ao ermitão que gente haveria em todas aquelas ermidas, a que ele respondeu que trezentos e sessenta talagrepos somente, um em cada ermida, e quarenta menigrepos que os serviam de fora e os proviam de mantimento e da cura de alguns doentes. E perguntando se vinham os reis da China àquele lugar algum ano, ou em que tempo, respondeu que não, porque o rei, por ser filho do Sol, ele podia absolver a todos e ninguém o podia condenar a ele. E perguntando se tinham aqueles ermitões alguma maneira de armas, respondeu que não, porque aos que pretendiam caminhar para o céu não lhes eram necessárias armas para ofender, senão paciência para sofrer. E perguntado por que causa estava aquela prata naqueles caixões de mistura com aqueles ossos, disse que era porque era esmola que aqueles defuntos levavam consigo, para lá no céu da Lua se valerem dela em suas necessidades. E depois de lhe perguntarem outras muitas coisas, perguntando por último se tinham mulheres, respondeu que aos que houvessem de dar vida à alma lhes era muito necessário não gastarem dos deleites da carne, porque claro estava que no favo doce do mel se criava a abelha que, picando, escandalizava e magoava os que o comiam. Antônio de Faria, abraçando-o então, e pedindo-lhe muitos perdões ao seu modo, que eles chamam de charachina, se veio embarcar já quase noite, com determinação de ao outro dia tornar a acometer as outras ermidas onde tinha por novas que havia uma muito grande quantidade de prata e alguns ídolos de ouro, mas os nossos pecados nos tolheram vermos o efeito disso que com tanto trabalho e risco das vidas tínhamos procurado, havia passante de dois meses e meio, como logo se dirá.

COMO ESTA PRIMEIRA NOITE FOMOS SENTIDOS,
E POR QUE CAUSA, E DO MAIS QUE SUCEDEU
SOBRE ISSO

Depois de ser embarcado Antônio de Faria, e nós todos com ele, que seria já quase às ave-marias, nos passamos a remo à outra parte da ilha, e surtos a cerca de um tiro de falcão, dela, nos deixamos assim estar até quase à meia-noite, com determinação, como já atrás disse, de logo que ao outro dia fosse manhã tornarmos a sair em terra e acometer as capelas dos jazigos dos reis que estavam a menos de um quarto de légua de nós, para nelas carregarmos ambas as embarcações, o que quiçá poderia muito bem ser, se nos quiséramos negociar ou Antônio de Faria quisesse tomar o conselho que lhe davam, o qual foi que pois que até então não éramos sentidos, que trouxesse consigo o ermitão para que não desse recado na casa dos bonzos do que tínhamos feito, o que Antônio de Faria não quis fazer, dizendo que seguro estava disso, tanto por ser o ermitão tão velho como todos víamos, como por ser gotoso e ter as pernas tão inchadas que se não podia ter nelas; porém não foi assim como ele cuidava, porque o ermitão logo que nos viu embarcados (segundo o que depois soubemos), assim trôpego como estava, se foi em pés e em mãos à outra ermida que distava da sua pouco mais de um tiro de besta, e deu conta ao ermitão dela do que tínhamos feito, e lhe requereu que, pois ele se não podia bulir por causa da sua hidropisia, fosse ele logo dar rebate na casa dos bonzos, o que o outro ermitão logo fez. E nós também onde estávamos o entendemos logo, porque,

sendo passada uma hora depois da meia-noite, vimos em cima da cerca do pagode grande do jazigo dos reis uma muito comprida carreira de fogos, como que faziam sinal, e perguntando aos nossos chins que lhes parecia aquilo, responderam todos que sem falta nenhuma éramos sentidos, pelo que nos aconselhavam que sem mais detença nos fizéssemos logo a vela. Disso se deu logo rebate a Antônio de Faria que, nesse tempo estava dormindo, o qual acordou logo muito depressa, e largando o cabo por mão fez tomar o remo, e assim como pasmado se foi direito à ilha, a ver se sentia nela alguma maneira de alvoroço, e chegando ao cais ouvimos grande estrondo de sinos que se tangiam em todas as ermidas, e de quando em quando rumor de gente, a que os chins disseram:

– Senhor, não tens já mais que ver nem que saber, acolhe-te pelo amor de Deus, e não sejas causa de nos matarem aqui a todos.

Porém Antônio de Faria, sem fazer caso do que eles diziam, saltou em terra com seis homens de espadas e rodelas e subiu pelas escadas do cais acima, quase afrontado e fora de si, e subindo desatinadamente por cima das grades de que toda a ilha, como já disse, era cercada, correu como doido de uma parte para a outra, sem sentir coisa alguma, e tornando-se às embarcações muito afrontado conversou com todos sobre o que nisso se devia fazer, e depois de se darem muitas razões que ele não queria aceitar, lhe fizeram os mais dos soldados requerimento que em todo o caso se partissem logo, e ele, receoso de haver algum motim, respondeu que assim o faria, mas que para sua honra lhe convinha primeiro saber o de que havia de fugir, e que portanto lhes pedia muito por mercê que o quisessem ali esperar, porque queria ver se podia tomar alguma língua que o certificasse mais na verdade dessa suspeita, e que para isso lhes não pedia mais de espaço que só meia hora, visto que ainda havia tempo para tudo antes que fosse manhã.

E querendo-lhe alguns dar algumas razões contra isso, as não quis ouvir, mas deixando-os assim a todos, depois de lhes tomar primeiro as homenagens e lhes dar juramento nos santos Evangelhos, se meteu com seis que levava, por dentro do arvoredo do bosque, e, caminhando por ele mais de quatro tiros de espingarda, ouviu adiante tanger um sino, e, atinando pelo som onde era, foi dar numa ermida muito mais nobre e rica que a outra em que no dia anterior tínhamos entrado, na qual estavam dois homens quase ambos de uma mesma idade, vestidos em trajos de religiosos e com suas contas ao pescoço, por onde inferiu que eram ermitães, e dando neles de súbito os tomou a ambos, de que um ficou tão pasmado que por muito tempo não falou a propósito.

Dos nossos, seis ou quatro entraram na ermida e apanharam do altar um ídolo de prata de bom tamanho, com uma mitra de ouro na cabeça e uma roda na mão, que não soubemos determinar o que significava, e tomaram mais três candeeiros de prata com suas cadeias muito compridas. E tornando-se Antônio de Faria a recolher muito depressa, com os dois ermitães quase a rasto e com as bocas tapadas, chegou onde as embarcações estavam, e recolhido nelas se fez logo a vela com muita pressa e se foi pelo rio abaixo; e fazendo perguntas a um dos dois que ia mais em seu acordo, e com grandes ameaças se mentisse, respondeu que era verdade que um santo homem de uma daquelas ermidas, de nome Pilau Angirou, chegara já muito de noite à casa do jazigo dos reis, e batendo muito apressadamente à porta dera um grito muito alto, dizendo:

– Ó gentes tristes e ensopadas na bebedice do sono da carne, que professaste com juramento solene a honra da deusa Amida, prêmio rico do nosso trabalho, ouvi, ouvi, ouvi o miserável que antes nunca tivera nascido. Sabei que entraram gentes estrangeiras do cabo do mundo, com barbas compridas e corpos de ferro, na casa dos vinte e sete pilares, de que um santo homem que me

isso disse era vassoura do chão, e roubando nela o tesouro dos santos botaram com desprezo seus ossos no meio da terra e os contaminaram com escarros podres e fedorentos, dando muitas risadas como demônios obstinados e contumazes no primeiro pecado, pelo que vos requeiro que ponhais cobro em vossas pessoas, porque se diz que tem jurado de quando for manhã nos matarem a todos, e por isso ou fugi ou chamai quem vos socorra, pois por serdes religiosos vos não é dado tomardes na mão coisa que tire sangue – a cujas vozes toda a gente acordou e acudindo rijo à porta o acharam quase morto deitado no chão, de tristeza e cansaço, por ser já muito velho, pelo que todos os grepos e menigrepos fizeram os fogos que viste, e em grande pressa mandaram logo recado às cidades de Corpilem e Fumbana, para que, com muita brevidade, acudissem com toda a gente que se pudesse juntar, e apelidassem toda a terra para que fizesse o mesmo, pelo que sem dúvida vos afirmo que não tardarão mais que o tempo de se juntarem, porque pelo ar, se puder ser, virão voando com tanto ímpeto como açores esfaimados quando lhes tiram as prisões. E sabeis que essa é a verdade de tudo o que se passa, pelo que vos requeiro que nos deixeis ir e não nos mateis, porque será maior pecado que o que ontem cometeste. E lembremos que nos tem Deus tomado tanto à sua conta pela penitência que fazemos que quase nos vê em todas as horas do dia, e trabalhai por vos pordes a salvo, porque vos afirmo que a terra, o ar, os ventos, as águas, as gentes, os gados, os peixes, as aves, as ervas, as plantas, e tudo o mais que hoje é criado, vos hão-de empecer e morder-vos tanto sem piedade que só aquele que vive no céu vos poderá valer.

Certificado Antônio de Faria da verdade desse negócio, pela informação que esse ermitão lhe dera, se foi logo a grande pressa pelo rio abaixo, depenando as barbas e dando muitas bofetadas em si por ter perdido por seu descuido e ignorância uma tamanha coisa como a que tinha cometido, se chegara com ela ao cabo.

COMO NOS PERDEMOS NA ENSEADA DO NANQUIM E DO QUE PASSAMOS DEPOIS DISSO

Sete dias havia já que fazíamos nossa viagem pelo meio da enseada do Nanquim, para com a força da corrente caminhar-mos mais depressa, como quem só nela tinha sua salvação, porém todos tão tristes e descontentes que como homens fora de si nenhum de nós falava a propósito, quando chegamos a uma aldeia que se chamava Susoquerim, e como ainda ali não havia novas de nós surgimos no porto dela e depois de nos provermos de algum mantimento e nos informarmos dissimuladamente do caminho que havíamos de levar nos partimos dali a duas horas, e o mais depressa que pudemos, entramos em um esteiro menos seguido de gente que a enseada por onde tínhamos vindo, que se chamava Xalingau, pelo qual corremos mais nove dias, nos quais caminhamos cento e quarenta léguas, e tornando a entrar na mesma enseada do Nanquim, que já aqui era de mais de dez ou doze léguas de largo, velejamos por nossa rota com ventos oeste, de um bordo no outro, mais treze dias, e bem enfadados do muito trabalho e medo que passávamos e já com pouco mantimento. E sendo à vista das minas de Conxinacau, que estão em quarenta e um graus e dois terços, nos deu um tempo do sul a que os chins chamam tufão, tão forte de vento e cerração e chuueiros, que não parecia coisa natural. E como as nossas embarcações eram de remo e não muito grandes, e baixas, e fracas e sem marinheiros, nos vimos em tanto aperto que quase desconfiados de

nos podermos salvar nos deixamos ir assim rolando à costa, havendo por menos mal morrermos entre os penedos que afogados no mar. E seguindo nós com esse propósito nosso caminho, sem podermos efetuar esse miserável intento que então escolhíamos como menos mau e menos trabalhoso, nos faltou o vento a nordeste já sobre a tarde, com o que os mares ficaram tão cruzados e tão altos na vaga do escarcéu que era coisa medonha de ver. Com esse medo começamos a alijar quanto trazíamos, e foi tamanho o desatino nesse excessivo trabalho que até o mantimento e os caixões de prata se lançaram ao mar, e após isso cortamos também os mastros, porque já a esse tempo as embarcações iam abertas, e corremos assim em árvore seca o que mais restava do dia; e sendo quase meia-noite, ouvimos na panoura de Antônio de Faria uma grande grita de “Senhor Deus, misericórdia”, por onde imaginamos que se perdia, e acudindo-lhe nós da nossa com outra pelo mesmo modo, nos não responderam mais, como se fossem já alagados, de que todos ficamos tão pasmados e fora de nós que uma grande hora nenhum falou a propósito. Passada nessa aflição e agonia aquela triste noite, uma hora antes que amanhecesse nos abriu a nossa embarcação por cima da sobrequilha, com que logo de improviso nos cresceram oito palmos de água, de modo que sem nenhum remédio nos íamos ao fundo, por onde já então presumimos que era Nosso Senhor servido que tivessem ali fim nossas vidas e nossos trabalhos.

Logo que o dia foi de todo claro, e descobrindo já todo o mar não vimos Antônio de Faria, acabamos todos de pasmar, de maneira que nenhum de nós teve mais acordo para nada. E continuando nesse trabalho e agonia até quase às dez horas, com tanto medo e desventura quanto me não atrevo a declarar com palavras, viemos a dar à costa, e meios alagados nos foram os mares rolando até uma ponta de pedras que estava adiante, na qual, em chegando, com o rolo do mar nos fizemos logo em pedaços, e pegados todos

uns nos outros, com grande grita de “Senhor Deus, misericórdia”, nos salvamos, dos vinte e cinco portugueses que éramos, catorze somente, e os onze ficaram ali afogados com mais dezoito moços cristãos e sete chins marinheiros, e essa desventura sucedeu uma segunda-feira, cinco do mês de agosto, do ano de 1542, pelo qual Nosso Senhor seja louvado para sempre.

DO MAIS QUE NOS SUCEDEU
DEPOIS DESTA MISERÁVEL NAUFRÁGIO

Esses catorze portugueses que escapamos pela misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo, estivemos todo aquele dia e a noite seguinte chorando o nosso triste sucesso e o miserável estado em que nos víamos, sem nos sabermos dar a conselho, tanto por ser agreste a terra e de grande serra, como por até então não termos visto pessoa a quem pudéssemos perguntar por coisa alguma. E tomando conselho sobre o remédio que nesse tempo e nesse trabalho podíamos ter, se assentou que nos metêssemos pela terra dentro, porque claro estava que ou ao perto ou ao longe não podíamos deixar de achar alguma gente que, como cativos, nos desse de comer até que Nosso Senhor fosse servido de nos acabar ou a vida ou o trabalho.

Com essa determinação nos fomos caminhando ao longo de uma serra, e depois de termos andado seis ou sete léguas descobrimos da outra parte um grande paul de água, quanto nos alcançava a vista, sem diante dele vermos mais mostras de terra nenhuma, pelo que nos foi forçoso tornarmos a voltar e irmos demandar o lugar onde nos tínhamos perdido, ao qual chegamos ao outro dia já quase sol posto, e achamos na praia todos os nossos que o mar tinha lançado fora, sobre os quais fizemos de novo um triste pranto, e ao outro dia pela manhã os enterramos na areia para que os tigres de que a terra era muito povoada os não comessem, na qual obra, com assaz de dor e trabalho gastamos a maior parte

do dia, porque como eles eram trinta e seis e o fedor deles era já insuportável, por estarem já muito podres e corruptos, e nós não tínhamos outros instrumentos senão as mãos somente, com que arranhávamos nos lugares onde fazíamos as covas, gastávamos em cada uma quase meia hora.

Depois de serem enterrados esses defuntos, nos fomos meter num charco de água, no qual estivemos até quase à manhã, com medo dos tigres; daqui seguimos nosso caminho contra o norte, por matos, e brenhas tão espessas que em algumas partes as passávamos com muito trabalho. Assim caminhamos três dias até chegarmos a um esteiro, sem nunca até então havermos vista de pessoa alguma, e tentando passá-lo a nado os primeiros quatro que se lançaram a ele, que foram três portugueses e um moço, se afogaram logo porque, como iam já muito fracos e debilitados, e o esteiro era largo, e a corrente da água grande, não os ajudou a força dos braços a remar mais que até um terço do rio. Esses portugueses todos três eram homens muito honrados e dois deles irmãos, um de nome Belchior Barbosa e o outro Gaspar Barbosa, e o terceiro era primo desses e se chamava Francisco Borges Caeiro, e todos três naturais de Ponte de Lima, e de muito boas partes, tanto no esforço como no mais preço de suas pessoas. Os onze que ficamos, com mais ainda três moços, vendo o miserável sucesso de nossos companheiros, e como em cada hora nos íamos diminuindo pouco a pouco, nos pusemos a lamentar com assaz de suspiros e lágrimas, tanto o que daqueles tínhamos visto como o que esperávamos que ao diante fosse de nós.

Passada assim essa escura noite entre chuvas, ventos, frios, lágrimas e suspiros, prouve a Nosso Senhor que antes que fosse manhã vimos contra a parte leste um fogo muito grande, e quando o dia foi aclarando, marcados por fracas estimativas de alguns que ainda iam capazes para isso, começamos a caminhar direitos ao fogo, encomendando-nos àquele Senhor onipotente do qual só

esperávamos o remédio dos males e trabalhos em que nos víamos. E continuando ao longo do rio essa nossa triste jornada em que gastamos a maior parte do dia, chegamos quase sol posto a umas roças de mato, em que cinco homens andavam fazendo carvão. Chegando-nos então a eles, nos lançamos aos seus pés e lhes pedimos por amor de Deus que nos encaminhassem para algum lugar onde fôssemos remediados do mal em que nos viam, a que um deles respondeu:

– Oxalá não fora mais que um só mal, que era matar-vos a fome, mas vejo em vós tantos que para vos cobrir essas carnes que trazeis tão chagadas não bastam quantos sacos aqui temos, mas a boa vontade nos receba Deus por cujo amor vos daremos um pouco de arroz que tínhamos para cear e água quente para beberdes, que vos servirá em lugar de vinho, com o que passareis esta noite, se vos aprouver, mas o melhor será, ainda que seja com algum trabalho, passardes adiante àquele lugar que acolá está aparecendo, onde achareis uma albergaria que serve de agasalhar peregrinos que por esta terra caminham continuamente.

Nós lhes agradecemos então muito o seu bom zelo e a caridade com que nos tratavam, e lhes aceitamos a esmola do arroz, de que cada um de nós comeu só dois bocados porque era tão pouco que não abrangeu a mais, e sem nos mais determos nos despedimos deles, e pelo caminho que eles nos ensinaram começamos a caminhar para o lugar onde estava a albergaria, com aquela pressa que as nossas fracas forças nos consentiam.

COMO CHEGAMOS A UMA ALDEIA ONDE ESTAVA
ESTA ALBERGARIA, E DO QUE NELA PASSAMOS

J á seria uma da noite quando chegamos ao lugar onde estava essa casa da albergaria, que era uma aldeia pequena, e nos fomos logo a ela e nela achamos quatro homens que a tinham a seu cargo, os quais nos agasalharam com muita caridade. E quando ao outro dia foi manhã, nos perguntaram que gente éramos ou como vínhamos daquela maneira, a que respondemos que éramos estrangeiros, naturais do reino de Sião, e que, vindo do porto de Liampó para a pescaria do Nanquim, nos perdêramos com uma grande tormenta havia quinze dias, sem salvarmos mais que aquelas miseráveis carnes assim chagadas e nuas como as viam. Eles nos tornaram a perguntar que determinação era a nossa ou para onde queríamos ir, a que respondemos que para a cidade de Nanquim, para daí, como remeiros das lanteias, nos irmos para Cantão ou para Comhay, onde os nosso naturais, com licença do aitou de Pequim, faziam suas fazendas debaixo do seguro e verdade do filho do Sol, leão coroado no trono do mundo, pelo que lhes pedíamos pelo amor de Deus que nos deixassem estar ali naquela casa até convalescermos e termos forças para podermos caminhar, e nos dessem alguma maneira de vestido para nos cobrirmos. Eles todos quatro nos responderam:

– Razão é que se dê a essas vossas nuas carnes o que com tantas lágrimas nos pedis, mas a casa ao presente está tão pobre que isso

nos fará não cumprirmos de lodo com a nossa obrigação, mas o que pudermos tudo faremos de muito boa vontade.

Então nos levaram assim nus como estávamos por todo o lugar, que podia ser de quarenta até cinquenta vizinhos, pouco mais ou menos, e, segundo o que víamos nele, de gente muito pobre que vivia do seu trabalho, e nos atiraram de esmola dois taéis em dinheiro, e um meio saco de arroz, e uma pouca de farinha, e feijões, e cebolas, e assim mais algum vestido velho com que pobremente nos remediamos, e da mesa da albergaria nos deram outros taéis de prata, e de ficarmos ali se escusaram, dizendo que não era costume estarem ali os pobres mais que três dias até cinco, tirando se fossem homens doentes ou mulheres prenhes, a que sempre se tinha muito respeito por não poderem caminhar sem perigo, pelo que eles por nenhum caso podiam quebrar esse regimento que antigamente fora feito por pareceres de homens doutos e religiosos; mas que dali a três léguas, numa vila grande que se chamava Sileyjacau, havia um hospital muito rico em que recolhiam toda a maneira de pobres, no qual podíamos ser curados muito melhor que naquele que era pequeno e pobre conforme o lugar onde estava, e que para isso nos dariam uma carta de recomendação assinada pelos da irmandade, pela qual nos recolheriam logo.

Isso lhes agradecemos nós muito, dizendo-lhes que fosse pelo amor de Deus, a que um velho, que era um dos quatro, respondeu:

– Por esse só respeito se faz, e não pelo do mundo, porque Deus e ele estão sempre muito diferentes tanto nas obras como nas condições com que as fazem, porque o mundo não pode dar coisa que boa seja, por ser pobre e mísero, e Deus é muito rico e amigo dos pobres que com humildade e paciência o louvam na aflição de sua pobreza: o mundo vingativo, e Deus paciente; o mundo ruim, e Deus muito bom; o mundo comedor, e Deus abstinente; o mundo revoltoso e murmurador, e Deus pacífico e sofredor; o mundo

mentiroso e trapaceiro para os que são seus, e Deus verdadeiro e claro, e doce e suave aos recolhidos na sua oração; o mundo sensual e avarento, e Deus liberal e limpo sobre toda a limpeza do sol e das estrelas, e de outras estrelas muito mais excelentes que estas que vemos, as quais assistem continuamente diante da face do seu resplendor; o mundo cheio de diversas opiniões no falso fumo de sua vanglória, e Deus puro e constante em sua verdade, para que, sempre por ele tenham glória os humildes e limpos de coração; o mundo doido e ignorante, e Deus sabedoria pura de toda a verdade. E por isso, amigos meus, ainda que vos agora vejais dessa maneira, não desconfieis de suas promessas, porque vos certifico que se de vossa parte o não desmerecerdes, que ele da sua não falta, porque nunca faltou aos seus, ainda que os cegos do mundo tenham para si o contrário por causa da aflição com que a mísera pobreza continuamente os abate, e o mundo os despreza.

E dando-nos a carta de recomendação para o hospital, nos partimos com ela já quase ao meio-dia, e chegamos à vila uma hora ou duas antes do sol posto, e nos fomos logo direitos à casa do repouso dos pobres, porque assim lhe chamam os chins, ainda que eu aqui, para me entenderem, lhe chame hospital, como se costuma entre nós. E dada a carta que levávamos, aos tanigores da irmandade que então estavam todos juntos a uma mesa, despachando os negócios dos pobres, eles a tomaram com uma nova cerimônia de acatamento e mandaram ao escrivão que a lesse, o qual se ergueu logo em pé e com voz entoada a leu perante todos os que estavam à mesa, cuja forma era a seguinte:

– Nós, os mais pobres dos pobres, indignos de servir este Senhor cujas obras são tão admiráveis quanto as estrelas do céu testemunham dele no mais escuro da noite, eleitos na sucessão dos passados nesta sua casa de Buatendó, situada nesta aldeia de Catihorau, pedimos com reverência e acatamento a vossas humildes pessoas admitidas aos serviços deste Senhor que, por zelo

de caridade, mandeis agasalhar e favorecer esses catorze estrangeiros, três baços e onze mais brancos, cujas carnes e cuja grande pobreza mostrarão a vossos olhos com quanta razão lhes pedimos isso, porque se perderam com suas fazendas nas impetuosas águas do mar, as quais com a sua costumada fúria fizeram neles a execução da mão poderosa que muitas vezes permite por castigo da sua direita justiça acontecerem casos que mostrem claramente quanto se deve temer o seu juízo, no qual nos ele livre a todos no dia da morte, para que não vejamos a indignação do seu rosto.

Lida essa carta, nos mandaram logo agasalhar numa casa muito limpa em que estavam catorze esquifes honestamente concertados, e uma mesa com cadeiras, na qual nos puseram muito bem de comer, e logo que ao outro dia foi manhã o escrivão por mandado dos outros nos perguntou que gente éramos, de que nação, e onde nos perdêramos, e outras coisas a esse modo, às quais nós respondemos conforme o que disséramos noutra lugar, para que nos não achassem em mentira. Então nos perguntou que determinação era a nossa, e nós lhe dissemos que de nos curarmos naquela casa se para isso nos dessem licença, porque vínhamos muito doentes e não podíamos caminhar, ao que ele respondeu que de muito boa vontade, porque isso era o que continuamente se fazia nela, por serviço de Deus, o que nós todos chorando lhe agradecemos com umas mostras exteriores tanto a nosso propósito que a ele se lhe arrasaram os olhos de água. E mandando logo vir um físico, lhe disse que a todos nos curasse muito bem, porque éramos tão pobres que não tínhamos mais que somente aquilo que a casa nos dava. Então nos tomou os nomes e os escreveu num livro em que todos assinamos, e nos disse que assim era necessário para a conta do que se gastava conosco.

COMO NOS PARTIMOS DESTE LUGAR DE SILEYJACAU,
E DO QUE NOS ACONTECEU DEPOIS
DE PARTIDOS DELE

Depois de estarmos dezoito dias nesse hospital, providos de todo o necessário muito abastadamente, prouve a Nosso Senhor que de todo convalescemos. E achando-nos já com forças para caminhar, nos partimos para um lugar que se chamava Suzoangané, que distava dali cinco léguas adiante, ao qual chegamos ao sol posto, e porque vínhamos muito cansados nos sentamos à borda de um chafariz que estava à entrada dele, onde nos deixamos estar um pedaço, algum tanto confusos e indeterminados no caminho que dali seguiríamos. Os que vinham buscar água, vendo-nos daquela maneira, paravam sem ousarem chegar ao chafariz, e muitos se tornaram para o lugar com os potes vazios e deram rebate à gente deles. Os mais dos moradores saíram logo a ver-nos com grande pressa, e admirados da novidade, porque nunca ali tinham visto gente da nossa maneira, se juntaram todos numa grande consulta, e depois de altercarem entre si um grande espaço, como que estavam diferentes nos pareceres e nos mandaram perguntar por uma mulher muito velha que gente éramos ou que fazíamos ali à borda daquela fonte onde estava a água que eles bebiam; ao que respondemos que éramos pobres estrangeiros, naturais do reino de Sião, e que nos perdêramos no mar com uma grande tormenta, da qual Deus nos salvara daquela maneira que nos viam. Ao que ela tornou:

– Pois que quereis que vos façamos, ou que determinais de fazer? Porque aqui não há casa de repouso de pobres onde vos possamos agasalhar.

Ao que um dos nossos, com lágrimas e meneios exteriores conformes a nosso propósito, respondeu que Deus, por quem era, nos não desampararia da sua mão poderosa, com lhes mover os corações a se apiedarem de nós e de nossa pobreza, e que nossa determinação era caminharmos por aquela pobre via até à cidade de Nanquim, para daí, como remeiros das lanteias dos mercadores que iam para Cantão, nos irmos ao porto de Comhay, onde havia muitos juncos da nossa terra em que nos embarcaríamos. Ao que ela respondeu:

– Ora já que sois esses, esperai até que vos diga o que esta gente quer determinar de vós.

E tornando para onde os seus estavam, que seriam já a esse tempo mais de cem pessoas, esteve com eles em grandes porfias, no fim das quais tornou com um sacerdote vestido com umas operlandas muito compridas de damasco roxo, que é o ornamento da dignidade suprema entre eles, o qual trazia um molho de espigas de trigo na mão, e chegando ao chafariz nos chamou que nos chegássemos para ele, o que nós logo fizemos com nossas cortesias devidas, de que ele fez pouco caso por nos ver pobres, e ele, lançando logo na água as espigas que tinha na mão, nos disse que puséssemos as mãos nelas, e nós o fizemos logo todos, por nos parecer que era assim necessário para a paz e conformidade que pretendíamos ter com eles; e quando as pusemos, nos disse ele:

– Por este santo juramento que diante de mim tomais sobre estas duas substâncias de água e pão, que o altíssimo Criador de todas as coisas por sua vontade formou para sustentar os nascidos do mundo na peregrinação desta vida, que confesseis e digais se é verdade o que tendes dito a essa mulher, porque, se o for, vos agasalharemos conosco conforme a caridade que por lei de

razão se deve ter com os pobres de Deus, e se também o não é, vos admoesto e mando da sua parte que logo vos vades, sob pena de serdes mordidos e desfeitos nas gengivas da serpe tragadora da cônica funda da casa do fumo.

Ao que nós lhe dissemos que tudo era verdade quanto lhe tínhamos dito, sem falta nenhuma, com o que ele ficou satisfeito e nos disse:

– Já que sei que sois os que dizeis, vinde comigo e não hajais medo, porque eu vos seguro em minha verdade.

E encaminhando-se logo para onde os seus estavam, lhes disse que bem nos podiam dar suas esmolas porque ele lhes dava licença para isso. Eles então nos levaram a todos consigo para o lugar e nos agasalharam nuns alpendres do seu pagode, onde logo nos mandaram prover do necessário para comermos e duas esteiras em que nos deitamos. E logo que foi manhã, nos fomos pelo lugar pedindo de porta em porta, onde tiramos quatro taéis de prata, com que depois remediamos algumas grandes necessidades em que nos vimos. Daqui nos partimos para outro lugar que se chamava Xiangulé, duas léguas adiante, com tenção de assim peregrinando nos irmos para a cidade de Nanquim que distava ainda dali cento e quarenta léguas, parecendo-nos que de lá nos poderíamos ir para Cantão, onde as nossas naus naquele tempo faziam seu comércio, se a fortuna no-lo não contrariasse.

A esse lugar chegamos já quase à tarde, e nos fomos pôr à sombra de uma árvore que estava um pedaço afastado dele, onde achamos três moços com gado, os quais em nos vendo fugiram a grande pressa, bradando: “Ladrões, ladrões!” – ao que os moradores logo acudiram com muitas bestas e lanças, bradando a grandes vozes: “Nauracarangué, nauracarangué!”, que quer dizer: “Prende ladrões, prende ladrões!” E correndo após nós que já então lhes íamos fugindo, nos perseguiram de tal maneira, com muitas pedradas e pancadas, que a todos nos feriram, de que logo um moço, dos

três que levávamos, nos morreu, e, agarrando-nos a todos, nos ataram com as mãos de trás, pelos buchos dos braços, e nos levaram presos ao lugar, e, depois de sermos bem hospedados por muitas bofetadas e pancadas, nos meteram dentro de uma cisterna de água encharcada que nos dava pela cinta, na qual havia infinidade de sanguessugas, onde estivemos dois dias que nos pareceram cem anos de inferno, sem nunca em todo esse tempo termos uma só hora de repouso, nem nos darem de comer coisa nenhuma, no fim dos quais, vindo ali ter um homem do lugar de Suzoangané, donde tínhamos vindo, e acontecendo saber o que nos era feito, disse à gente da terra com grandes juramentos que não éramos quem eles cuidavam, mas que éramos estrangeiros perdidos nas águas do mar, e que tinham cometido um grande pecado em nos prenderem e nos tratarem daquela maneira. E pelo dito desse homem, prouve a Nosso Senhor que nos tiraram da cisterna, e tão ensoçados em sangue como em água, das muitas sanguessugas que nos tinham sangrado de tal maneira que, se ali estivéssemos mais um dia, sem falta nenhuma acabaríamos todos. E daqui nos partimos já quase sol posto, bem-afrentados, e nos fomos todos chorando nossas desventuras.

COMO CHEGAMOS A UMA QUINTA DE UM HOMEM
FIDALGO QUE ESTAVA MUITO DOENTE,
E DO QUE PASSAMOS COM ELE

Partidos nós dessa aldeia de Xiangulé, chegamos a uns casais de gente pobre onde achamos três homens que estavam maçando linho, os quais, em nos vendo, largaram logo tudo e fugiram para um pinhal que estava para cima num outeiro, e dali bradavam à gente que passava que se arredasse de nós porque éramos ladrões. Nós, receosos (segundo a coisa se ia já aparelhando) de nos acontecer ali outro caso semelhante ao passado, nos partimos logo dali, ainda que fosse já quase noite, e tornamos a caminhar sem sabermos para onde. E indo assim bem enfadados porque não sabíamos que caminho seguíssemos, chegamos com grande escuro de cerrações e chuviros a uns currais de gado onde nos agasalhamos em cima de um pouco de estrume, até que a manhã foi clara e tornamos a buscar o caminho que tínhamos deixado. E acabando de sair o sol, descobrimos de cima de um cabeço uma várzea de grande arvoredo, no meio da qual junto de uma ribeira estavam umas nobres casas com muitas torres, em que havia coruchéus com suas grimpas douradas; e chegando-nos a elas sempre com o nome de Jesus na boca, nos sentamos à borda de um chafariz que estava à entrada de um terreiro que as casas tinham, porque até então não tínhamos visto pessoa nenhuma. Dessa maneira passamos algum espaço do dia na confusão que o caso de si nos dava, quando vimos vir um moço que poderia ser de dezessete até dezoito anos, em cima de um bom cavalo, acompanhado de

quatro homens, a pé, um dos quais trazia duas lebres, e os outros, cinco nivatores, que são a modo de faisões, e um açor na mão, e derredor de si uma quadrilha de seis ou sete cães. Esse moço em chegando a nós deteve o cavalo e perguntou que gente éramos ou que queríamos, ao qual nós demos como resposta relatar-lhe muito por extenso todo o sucesso da nossa perdição; ele, nos sinais exteriores que nele vimos, mostrou condoer-se do que nos tinha ouvido, e entrando para dentro do pátio nos disse:

– Esperai, que logo vos mandarei prover do que haveis mister, e será por amor daquele que com glória de grande riqueza vive reinando no mais alto céu de todos os céus.

E daí a pouco espaço nos mandou chamar por uma mulher velha que trazia umas vestiduras compridas e umas contas ao pescoço, ao modo daquelas a que o povo costuma chamar beatas, a qual nos disse:

– O filho daquele que temos por senhor, e que com seu arroz nos sustenta, vos manda chamar, e vinde atrás de mim com humildade para que não pareça aos que nos virem que sois gente que toma como remédio de vida, pedir, para não trabalhar.

Daqui, entramos com ela para outro pátio muito mais nobre que este primeiro, cercado à roda de duas ordens de varandas como claustro de frades, pintadas todas de cenas de caça em que andavam mulheres a cavalo com açores nas mãos. Na frontaria desse pátio onde estava a escada por onde subiam para cima havia um grande arco lavrado todo de obra de marcenaria muito rica, do meio do qual pendia um escudo de armas a modo de pavês pendurado por uma cadeia de prata, o qual no meio de um círculo tinha pintado um homem quase da feição de um cágado, com os pés para cima e a cabeça para baixo, com uma letra que dizia “Ingualec finguau, potim aquarau”, que quer dizer: “Tudo o que há em mim é assim.” Esse monstro, diziam que era a figura do mundo, que os chins pintam às avessas, e porque todas as coisas

dele são mentirosas, para desenganar os que fazem caso dele, lhes diz: “Tudo o que há em mim é assim”, como se dissesse: feito às avessas, com os pés para cima e com a cabeça para baixo.

Daqui subimos por uma escada muito larga de boa cantaria e entramos em uma casa grande onde estava uma mulher que pelo parecer seria de idade de cinquenta anos, sentada em um estrado, com duas moças muito formosas junto de si, ricamente vestidas, e seus fios de pérolas ao pescoço, e entre elas estava um homem velho deitado em uma camilha, a quem uma dessas moças estava abanando, e o moço que nos mandara chamar estava junto dele. Fora do estrado estavam nove moças vestidas de damasco carmesim e branco, lavrando de bastidor. Nós, logo que chegamos junto do estrado onde o velho jazia, nos pusemos de joelhos e lhe pedimos esmola, e começando com algumas lágrimas o introito da nossa arenga, com as melhores palavras que o tempo e a necessidade nos ensinavam, a velha, acenando com a mão, nos disse:

– Não mais, não mais, porque me dói ver-vos chorar, e já sei que deveis pedir esmola.

O velho que estava na camilha nos chamou então e nos perguntou se havia entre nós algum que soubesse curar febres, a que a moça que o estava abanando, que era sua filha, sorrindo-se para a mãe, disse para o pai:

– Bofé, senhor, mais necessidade têm eles de os mandarem curar da fome que trazem que de lhes perguntarem se são oficiais daquilo que pode bem ser que nunca aprendessem, e por isso bom seria mandarem-lhes primeiro acudir com o mais necessário, e depois se falará no que menos importa.

E repreendendo-a a mãe por isso, lhe disse:

– Vós, pega, sempre haveis de falar onde vos não chamam! Alguma hora vos hei-de fazer perder essa manha.

Ao que ela, rindo, disse:

– Faça-lhes vossa mercê primeiro perder a fome, que essoutro perdido está, cada vez que ela quiser.

Porém o velho, como homem enfadado da doença, tornou a pegar de nós e nos perguntou que gente éramos, de que terra, para onde íamos, e outras coisas a esse modo. E nós lhe respondemos conforme ao que nos era necessário, e lhe declaramos o como e onde nos perdêramos, a gente que se afogara, e como andávamos por ali perdidos, sem nos sabermos determinar em coisa nenhuma. Ao que ele, depois de estar um pouco pensativo, virando-se para o filho lhe disse:

– Que te parece do que agora ouviste a estes estrangeiros? Rogo-te que te fique na memória, para que saibas conhecer e agradecer a Deus, a lhe dares muitas graças, o pai que te deu, que, por te escusar daqueles trabalhos e de muitos outros que há pelo mundo, te granjeou com sua vida saber as melhores três coisas deste anchacilado, que a menor de cada uma delas vale mais de cem mil taéis. Mas tu és tal que tomaras antes matar uma lebre que ter tudo isso.

Ao que ele não respondeu mais que sorrir-se para as irmãs.

Então nos fez ali trazer de comer perante si e nos mandou que comêssemos, o que nós fizemos de muita boa vontade, e ele, por ser doente e enfatiado, mostrou que folgava de nos ver comer. Porém as que mais gosto mostraram disso foram as irmãs suas filhas, porque enquanto comemos tiveram muitos passatempos de bons ditos com seu irmão, quando viram que comíamos com as mãos, porque em todo aquele império chim se não costuma comer com a mão, como nós fazemos, senão com dois paus feitos como fusos.

E depois que demos graças a Deus (o que ele notou muito em nós), levantando as mãos para o céu, disse com muitas lágrimas:

– A ti, Senhor, que vives reinando na quietação da tua sabedoria, louvo com o coração humilde, por permitirdes que gentes

estranhas, nascidas no fim de todas as terras e em conhecimento da tua doutrina, te deem louvores e graças conforme a sua fraca capacidade, que tu, por quem és, aceitarás tanto como se fosse uma grande oferta de músicas suaves em tuas orelhas.

Então nos mandou dar três peças de pano de linho e quatro taéis de prata, e nos rogou que dormíssemos ali aquela noite, por ser já muito tarde para caminharmos, o que nós aceitamos e lho agradecemos todos com muitas palavras ao seu modo, de que ele mostrou ficar satisfeito, e a mulher e as filhas muito contentes.

COMO DAQUI FOMOS TER À VILA DE TAYPOR,
E DE COMO AÍ NOS ACONTECEU SERMOS PRESOS

Ao outro dia, sendo já manhã clara, nos despedimos do nosso hospedeiro e nos partimos dali, e fomos ter a um lugar que se chamava Finginilau, que estava dali a quatro léguas adiante, no qual nos detivemos três dias, e continuando com nossas jornadas de lugar em lugar e de aldeia em aldeia, afastando-nos sempre das cidades e vilas notáveis, receando que a justiça reparasse em nós, andamos assim peregrinando quase dois meses sem ninguém nos vir à mão em coisa nenhuma, no qual tempo pudéramos muito bem chegar à cidade de Nanquim, se tivéramos guia que nos encaminhara, mas como não sabíamos o caminho, errando-o muitas vezes, gastamos de balde toda essa distância de tempo com muitos trabalhos e grandes perigos, no fim do qual chegamos a um lugar pequeno a que chamavam Chautir, onde então se celebravam umas grandes exéquias com pompas fúnebres ao seu modo muito custosas, pela alma de uma mulher muito rica que deserdera todos os seus parentes e deixara por herdeira a casa do pagode do mesmo lugar onde estava enterada, nas quais exéquias fomos convidados, por sermos pobres, a comermos sobre a sua cova, como lá costumam. E passados os três dias que aqui estivemos, que foi enquanto duraram essas exéquias, nos deram de esmola seis taéis e nos pediram muito que sempre em nossas orações rogássemos a Deus pela alma da defunta.

Desse lugar fomos ter a outro que se chamava Guipalanir, donde continuamos outra vez com nossas jornadas, por espaço de quase dois meses de terra em terra, até chegarmos a uma vila que se chamava Taypor, onde por nossos pecados, sem o nós sabermos, acertou de estar um chumbim, que são como presidentes das alçadas, que de três em três anos correm as comarcas do reino e devassam corregedores e oficiais da justiça, o qual, em nos vendo andar assim pedindo, nos chamou de uma janela onde estava e nos perguntou perante três escrivães e outra muita gente que logo ali se juntou que gente éramos, de que nação, e como andávamos daquela maneira, a que nós respondemos que éramos estrangeiros, naturais do reino de Sião, que por nos perdermos no mar com uma tormenta andávamos peregrinando e pedindo de porta em porta, para com as esmolas dos bons sustentarmos nossas vidas até chegarmos à cidade de Nanquim para onde íamos, com tenção de lá nos embarcarmos nas lanteias dos mercadores, para Cantão, onde estavam os nossos navios; com a qual resposta ele nos mandava soltar, se um dos escrivães lhe não fosse à mão, dizendo que o não fizesse, porque éramos vadios e vagabundos que gastávamos a vida a calacear de porta em porta, comendo indevidamente as esmolas que nos davam, pelo que conforme a lei que sobre isso era feita no livro sétimo dos doze das ordenações do reino que desse caso tratava nos não podia mandar soltar por nenhum caso, sob pena de na residência ser por isso gravemente punido, pelo que lhe aconselhava, como seu servidor que era, que nos mandasse logo pôr a bom recato para que não fugíssemos para outra parte, o que o chumbim logo fez com tamanho excesso de crueldade quanto se esperava de um gentio sem lei, como ele era; e fazendo logo com grande instância autos com testemunhos falsos de infâmias muito feias e criminosas, como têm por costume, nos mandou meter em uma estéril prisão, com grilhões nos pés, algemas nas mãos e colares nos pescoços, e muito maltratados de

açoites e fome, em que passamos um miserável trabalho por espaço de vinte e seis dias, em que por sua sentença fomos remetidos à relação do chaém de Nanquim, porque na sua alçada não cabia poder condenar nenhum preso à morte.

COMO DESSE LUGAR DE TAYPOR FOMOS LEVADOS À CIDADE DE NANQUIM, E DO QUE NELA PASSAMOS

Nesta tão áspera e miserável prisão, passamos os vinte e seis dias que tenho atrás dito, os quais nos pareceram vinte e seis mil anos, porque sem nenhum remédio nos víamos claramente acabar, tanto que um dos companheiros, de nome João Rodrigues Bravo, nos morreu comido de piolhos sem lhe podermos valer, e nós também dessa praga escapamos quase por milagre. Daqui nos tiraram um dia pela manhã, assim carregados de ferros como estávamos, e já nesse tempo tão fracos e doentes que trabalhosamente podíamos falar, e nos meteram a todos numa corrente e nos embarcaram juntamente com outros trinta ou quarenta presos que por casos graves também iam remetidos por apelação a essa cidade de Nanquim, a qual, como já disse, é a segunda do reino da China, e onde continuamente reside um chaém da justiça, que é título supremo como o de vice-rei, com uma grande relação de cento e vinte gerozemos e ferúcuas, que são os desembargadores, chanceleres e revedores de todas as causas civis e crimes, sem haver deles revista, apelação nem agravo, senão para outra mesa que aí há, que tem poder ainda sobre El-Rei, para a qual, quando se apela, é como apelar para o céu. E para que isso melhor se entenda, é de saber que como essa relação e outras semelhantes têm do rei alçada suprema no civil e crime, sem apelação nem agravo, ordenam outra sobre essa do rei, para a qual se apela em alguns casos graves e muito importantes, que se

chama a mesa do Criador de todas as coisas, na qual assistem vinte e quatro menigrepos, como têm por nome os da austera vida, que é uma certa religião como de capuchos, dos quais, se fossem cristãos, pela aspereza com que vivem e penitência que fazem, se poderia esperar muito. Esses não costumam vir a essa judicatura senão depois de serem de idade de setenta anos para cima, e ainda então vêm com licença de seus prelados e por distribuição deles, os quais em todas as causas que vêm a eles por apelação, são tão inteiros e tão direitos no que julgam que sobre a terra não há mais que dizer, porque, ainda que seja contra o próprio rei, nem contra quantas valias no mundo se possam imaginar, nenhuma coisa é suficiente para os fazer torcer a mais pequena parte do que entenderem que é justiça.

Embarcados nós da maneira que tenho dito, fomos aquele dia já quase noite dormir a uma vila grande que se chamava Potimleu, e na cadeia dela estivemos nove dias por causa das muitas chuvas que houve na conjunção daquela lua nova, onde quis Nosso Senhor que achássemos preso um homem alemão que nos agasalhou com muita caridade; e perguntando-lhe nós na língua do chim (com a qual nos entendíamos com ele) donde era natural, ou como viera ali ter, nos disse que era natural de Moscóvia, de uma cidade a que chamavam Hiquegens, e que havia cinco anos que estava ali preso por morte de um homem, porque fora sentenciado a cárcere perpétuo, mas que por ser estrangeiro tinha apelado para o tribunal do aita da Batampina, na cidade de Pequim, que era o supremo almirante sobre os trinta e dois almirantes dos trinta e dois reinos que são sujeitos àquele império, o qual almirante, por jurisdição particular, tinha alçada sobre toda a gente forasteira e mareantes que vinham de fora, onde esperava ter remédio para ser solto e para ir morrer cristão entre cristãos.

Passados os nove dias que aqui estivemos presos, nos tornaram a embarcar, e navegando por um muito grande rio acima em sete

dias chegamos à cidade de Nanquim, que, além de ser a segunda de toda essa monarquia, é também metrópole dos três reinos de Liampó, Fanjus e Sumbor, na prisão da qual estivemos um mês e meio, com assaz de trabalho e pobreza, porque chegamos a tamanho extremo de miséria que visivelmente morríamos ao desamparo, sem termos mais que chorar e olhar para o céu, porque na primeira noite que chegamos fomos logo roubados de quanto levávamos, sem nos deixarem nem uma camisa, porque como a casa da prisão era muito grande, e muita a gente que estava nela (porque segundo nos afirmaram, passavam de quatro mil presos), não havia onde uma pessoa se pudesse sentar que logo não fosse roubada e coberta de piolhos.

Passado esse mês e meio, o anchaci do feito, que era um dos dois juízes perante quem isso corria ordinariamente, julgou a requerimento do promotor de justiça, que visto o processo das nossas culpas que o chumbim de Taypor mandara, em que se provava haver de nós ruins indícios, e que nós por nossa parte não contrariávamos em nossa defesa coisa alguma, e que ao que tínhamos dito se não podia dar crédito quanto o direito em tal caso mandava, que por então fôssemos publicamente açoitados nas nádegas, para que com esse castigo emendássemos nossas vidas, e que também nos cortassem os dedos polegares das mãos, com as quais por claras suspeitas se podia bem deduzir termos nós feito roubos e males tão criminosos quanto o soberano juiz que reinava no céu depois castigaria com a potência da sua direita justiça no derradeiro dia de nossos dias, e que da mais pena que merecíamos apelava por parte da justiça para o tribunal do aítou da Batampina, a quem o caso competia por via de maior alçada.

Essa sentença nos foi anunciada dentro da prisão onde estávamos mais para morrer que para sofrermos os terríveis e cruéis açoites que então nos deram, dos quais todos ficamos tão

sangrados que todo o chão ficou coberto do nosso sangue, em tanta quantidade que dos onze que éramos milagrosamente escapamos nove com vida, porque dois com mais um moço morreram dali a três dias.

DA CARIDADE COM QUE NESTA PRISÃO
FOMOS CURADOS, E DO MAIS
QUE DEPOIS PASSAMOS

Depois de sermos açoitados da maneira que tenho dito, nos levaram a uma casa que estava dentro da prisão, a modo de enfermaria, onde jaziam muitos doentes e feridos, uns em leitos e outros pelo chão, na qual fomos logo curados com muitos medicamentos e lavagens, e espremidos e apertados, com pós por cima das chagas, com o que algum tanto se nos mitigou a dor dos açoites, a qual cura nos fizeram homens honrados, que são como entre nós os irmãos de misericórdia que servem aqui aos meses por amor de Deus, com muita caridade, e proveem os enfermos de tudo o necessário, com muita abastança e limpeza; e havendo já onze dias que aqui estávamos em cura e já começando a achar-nos algum tanto melhor, mas lamentando o cortar dos dedos conforme o rigor da sentença que era dada, quis Deus que por acaso entraram uma manhã dois homens vestidos com umas vestiduras de cetim roxo muito compridas e umas varas brancas nas mãos à maneira de cetros com cuja entrada os enfermos todos da casa deram uma grande grita, dizendo: “pitau hinacur macuto chendoo”, que quer dizer: “Venham com Deus os ministros de suas obras” – ao que eles erguendo as varas responderam: “E a vós todos dê paciência em vossos trabalhos e adversidades.” Estes, começando a prover com dinheiro e vestidos alguns dos que estavam mais perto deles, chegaram também a nós, e, depois de nos saudarem afavelmente e com mostras de terem piedade das nossas

lágrimas, nos perguntaram que homens éramos, de que terra ou de que nação, e por que razão estávamos presos, a que respondemos com muitas lágrimas que éramos estrangeiros, naturais do reino de Sião, de uma terra que se chamava Malaca, e que sendo mercadores abastados de bens do mundo, vindo com nossas fazendas para o porto de Liampó, nos perdêramos com uma grande tormenta defronte dos ilhéus de Lamau, onde perdêramos quanto levávamos, sem salvarmos mais que aquelas miseráveis carnes da maneira que as viam, e que chegando assim a um lugar que se chamava Taypor o chumbim da justiça nos prendera sem causa nenhuma, dizendo que éramos ladrões vagabundos que para não trabalharmos andávamos calaceando de porta em porta, comendo indevidamente as esmolas que nos davam, e fazendo disso um auto como quiseram; nos mandara a ferros para aquela prisão, na qual havia já quarenta e dois dias que padecíamos imensos trabalhos de doenças e fomes sem nos quererem ouvir de nossa justiça, tanto por não termos que peitar, como por não sabermos falar, e fôramos condenados sem causa nenhuma, a pena de açoites e a nos cortarem os dedos como ladrões, de que logo se executara em nós a pena dos cruéis açoites, com tanto rigor e excesso de crueldade quanto seus olhos veriam nas tristes carnes, pelo que lhe pedíamos, pelo ofício que tinham de servir a Deus, que não nos desamparassem porque por muita nossa pobreza éramos aborrecidos de todos e tratados com grandíssimas afrontas.

Eles ambos ouviram muito bem e depois de estarem um pouco pensativos, pondo com lágrimas os olhos no céu e os joelhos na terra, disseram:

– Ó poderoso e paciente Senhor das alturas, que consentes que o clamor dos que pouco podem faça estrondo em tuas orelhas, para não ficarem sem castigo as graves ofensas que os ministros de nossas justiças continuamente te fazem, as quais temos por fé de tua santa lei que castigarás ou tarde ou cedo!

E tomando informação de alguns que estavam à roda disso que lhes dissemos, mandaram logo chamar o escrivão do feito, e que sob graves penas trouxesse o que era processado no nosso negócio, o qual logo veio e os informou de tudo o que se passava e dos termos por onde essa desordem tinha corrido. Eles, vendo que para os açoites que eram dados não havia já remédio, sobre o cortar dos dedos fizeram uma petição de agravo ao chaém, à qual lhes foi respondido por despacho de relação: “Não cabe misericórdia onde a justiça perde o seu nome, pelo que se tem por escusado conceder o que se pede”, o qual despacho vinha assinado pelo chaém e oito conchalins, que são como juízes do crime.

Vendo esses dois procuradores dos pobres pela honra de Deus (porque esse é o seu nome, pelo ofício que têm), o mau despacho com que nos saíram, desejosos de nos livrar daquela afronta, fizeram logo outra petição para uma mesa que se chama *Xinfau nicor pitau*, que quer dizer bafo do Criador de todas as coisas, na qual, confessando como pecadores a culpa do que nos era posto, pedíamos misericórdia, e a levaram com brevidade a essa mesa em que assistem vinte e quatro talagrepos, que são uns religiosos como entre nós os frades capuchos, e de grande crédito e autoridade tanto com o povo como com o rei, os quais a modo de revista tomam conhecimento de todos os feitos dos pobres e da gente que pode pouco contra os que litigam com eles. Estes, logo que essa petição lhes foi dada, tangendo um sino se juntaram todos, e vendo todo o processo do feito desde o princípio até ao cabo, e as petições e despachos, e tudo o mais que era passado, entendendo que a nossa justiça se perdia totalmente ao desamparo, despediram logo dois assistentes daquela mesa, os quais com uma carta de selos pendentes foram inibir a relação do chaém, para avocarem o feito a si, a qual relação se deu logo por inibida por um despacho que dizia: “Concede-se a esta mesa da força do leão coroado no trono do mundo, por petição dos vinte e quatro da austera vida, que

estes nove estrangeiros sejam remetidos por apelação ao tribunal do aitaú dos aitaús na cidade de Pequim para com misericórdia se lhes moderar a sentença que é dada contra eles. Aos sete dias da quarta lua, dos vinte e três anos da cadeira do filho do Sol” – no qual despacho vinha assinado o chaém com oito conchalins do despacho da mesa do crime, que são como desembargadores.

Esse despacho nos trouxeram logo os dois procuradores dos pobres que tinham tomado a seu cargo esse nosso negócio, e nós o tomamos de sua mão, dizendo que Deus lhes pagasse por isso que por seu amor nos faziam, e eles nos responderam:

– E a vós, encaminhe no conhecimento de suas obras para que nele colhais com paciência o fruto de vossos trabalhos, como aqueles que temem seu nome.

COMO FOMOS REMETIDOS POR APELAÇÃO
À CIDADE DE PEQUIM

Passadas todas essas adversidades de que tenho tratado, nos embarcaram na companhia de outros trinta ou quarenta presos que também por casos graves iam remetidos por apelação às relações competentes sobre os delitos por que eram sentenciados, para lá se executar neles a pena que mereciam. E um dia antes que nos partíssemos, estando já embarcados na lantheia e presos três a três por umas cadeias muito compridas que à maneira de correntes vinham fechar nos elos que tínhamos nos pés, chegaram esses dois procuradores dos pobres, e provendo primeiro que tudo os mais necessitados, com mantimentos e vestidos, conforme a necessidade que em cada um viam, nos perguntaram se havíamos mister de alguma coisa para nossa viagem, a que respondemos que de tudo íamos tão faltos quanto Deus sabia, mas que se até então lhes não tínhamos dito as muitas misérias que padecíamos não fora senão a fim de lhes pedirmos que a esmola que nos haviam de fazer fosse darem-nos uma carta para os tanigores daquela santa irmandade, em que lhes pedissem que nos quisessem lá favorecer, porque éramos, como eles sabiam, tão desamparados que ninguém na terra nos sabia o nome; a que eles ambos responderam:

– Não digais isso, que é grande pecado, ainda que a vossa ignorância vos desculpe com Deus, porque sabeis que quanto mais abatidos fordes, por serdes pobres do mundo, tanto mais altos

sereis diante dos seus olhos se com paciência sofrerdes a pena que a soberba carne sempre enjeita, porque assim como o pássaro não voa sem asas, assim também a alma não merece sem obras. E quanto à carta que pedis, vo-la daremos de muito boa vontade, visto quão necessária vos há-de ser para que o favor dos bons vos não falte no tempo em que o houverdes mister.

Então nos deram um saco de arroz e quatro taéis em prata, e uma colcha para nos cobrirmos, e nos encomendaram muito ao chifu, que era o alcaide a quem íamos entregues, e se despediram de nós com muito boas palavras e se tornaram a visitar a enfermaria da prisão que atrás disse, onde então havia passante de trezentos enfermos. E quando ao outro dia foi manhã clara, nos mandaram a carta que lhes tínhamos pedido, mutrada com três sinetes de lacre verde, a qual dizia assim:

– Servidores daquele alto Senhor, espelho claro de luz incrida, ante cujos merecimentos os nossos ficam sendo nada, nós os somenos servos desta santa casa de Tauhinarel, situada no favor da quinta prisão de Nanquim, com verdadeiras palavras de acatamento devido, fazemos saber a vossas humildes pessoas que esses nove estrangeiros que esta lhes darão são homens de terras muito apartadas, cujas fazendas e corpos o mar consumiu com seu bravo ímpeto, tanto sem piedade que de noventa e cinco que eram, segundo por seu dito nos foi afirmado, só esses coitados lançou na praia dos ilhéus de Tautá, na costa da enseada de Sumbor e Fanjus, e vindo com suas carnes chagadas como por nossos olhos foi visto pedindo de lugar em lugar àqueles que por proximidade lhes davam do seu, como é costume dos bons e fiéis, foram presos sem razão nem justiça pelo chumbim de Taypor e mandados a esta quinta prisão do Fanjau onde os condenaram a pena de açoites de que logo se fez neles execução pelos ministros do braço da ira, como no processo da sua sentença vai relatado, e querendo-lhes mais por desordenada crueldade cortar ambos os dedos polegares

das mãos, nos pediram com infinitas lágrimas que por esse verdadeiro Senhor em cujo serviço andamos enxergassem em nós o favor do seu bafo; e acudindo nós logo com grande pressa a tanto desamparo, fizemos petição de clamor, a que foi respondido na mesa do leão coroadado que não cabia misericórdia onde a justiça perdia seu nome, pelo que zelosos nós da honra de Deus nos queixamos logo à mesa dos vinte e quatro da austera vida, os quais com zelo santo a som de sino tangido se juntaram todos na santa casa do remédio dos pobres, e desejando valer a estes amaldiçoaram toda a mesa grande e todos os ministros do crime para que a ira do seu rigor não prevalecesse no sangue dos tristes, visto ser o grau da misericórdia, em Deus, de tão altos quilates como vemos pelos efeitos que por ela obra em nós. Pelo que, revogando a sua primeira sentença, remeteram a causa a essa cidade, com emenda na segunda tenção, como lá podem ver no volume que vai processado, pelo qual, senhores e humildes irmãos, lhes pedimos todos por Deus que em tudo olhem o que lhes convém, para que se não perca a sua justiça, o que para nós todos será grande pecado e vergonhosa infâmia. E que também os ajudem com suas esmolas e cubram suas carnes, para que não pereçam ao desamparo, na qual obra santa que por eles fizerem, agradecerão ao Senhor das alturas a quem os pobres da terra continuamente dão gritos e são ouvidos no mais alto céu de todos os céus como temos por fé, na qual este divino Senhor por quem isso fazemos nos sustente até à morte e nos faça dignos da sua visão na casa do sol, onde está sentado com todos os seus. Escrita na mesa do zelo da honra de Deus, aos nove dias da sétima lua dos quinze anos da cadeira e cetro do leão coroadado no trono do mundo.

COMO DAQUI PARTIMOS PARA A CIDADE DE PEQUIM,
E DAS GRANDEZAS DA CIDADE DE NANQUIM

Sendo-nos dada esta carta, nos partimos ao outro dia antemanhã, presos da maneira que tenho contado e continuando nossa viagem por jornadas incertas por causa da impetuosa corrente e grande força da água que naquele tempo trazia o rio, fomos já quase sol posto surgir a uma aldeia pequena que se chamava Minhacutem, donde era natural o mesmo chifu ou alcaide que nos levava, e aí casado com mulher e filhos na qual estive três dias aviando algumas coisas. E embarcando ele, sua mulher com toda sua casa e família, seguimos nossa rota em companhia de outras muitas embarcações que por aquele rio iam para diversas partes dos anchacilados e senhorios daquele império. E ainda que fôssemos presos ao banco da lanteia onde remávamos, não deixavam os olhos de ver coisas muito grandiosas nas cidades, vilas e lugares que ao longo desse grande rio estavam situadas, das quais brevemente direi alguma coisa desse pouco que vimos, e começarei logo por esta cidade de Nanquim donde partimos. Esta está em altura de trinta e nove graus e um terço debaixo do norte, lançadas ao longo desse rio de nome Batampina, que na nossa língua quer dizer *flor do peixe*, o qual rio, segundo então nos disseram e eu depois vi, sai da Tartária, de um lago de nome Faostir, a nove léguas da cidade de Lançame onde o Taborlão, rei dos tártaros, reside o mais do tempo.

Desse lago, que é de vinte e oito léguas de comprido e doze de largo, e de grandíssimo fundo, saem os mais poderosos cinco rios caudais que há em todo o descoberto. O primeiro é esse, de nome Batampina, que atravessando pelo meio deste império da China, trezentas e sessenta léguas, faz sua entrada no mar pela enseada de Nanquim, em trinta e seis graus; o segundo, de nome Lechume, tem sua evasão com grandíssimo ímpeto ao longo dos montes de Pancrum, que divide a terra do cauchim e o senhorio de Catebenão que pelo seu sertão confina com o reino de Champá, em dezesseis graus; o terceiro rio, de nome Tauquidai, que quer dizer “mãe das águas”, vem cortando ao oes-noroeste pelo reino de Nacatás, que é uma terra donde antigamente se povoou a China, como adiante direi, e este tem a sua entrada no mar pelo império de Sornau, a que o vulgo chama Sião, pela barra de Cui, abaixo de Patane, cento e trinta léguas; o quarto rio, de nome Batobasoi, desce pela província de Sansim, que é a que se alagou no ano de 1556, como adiante se dirá, e este entra no mar pela barra de Cosmim, no reino de Pegu; e o quinto rio, de nome Leysacotai, corta, segundo a opinião de todos os chins, a terra a leste até ao anchacilado de Xinxipou que confina com os moscovitas e dizem que se mete num mar inavegável por causa de estar o clima em altura de setenta graus.

E tornando ao meu propósito: esta cidade de Nanquim está, como já disse, situada ao longo desse Rio da Batampina, em uma elevação de boa altura, por onde fica sobranceiro às campinas que estão em torno dela, cujo clima é algum tanto frio, porém muito sadio; tem oito léguas de cerca por todas as partes, a saber: três léguas de largo e uma de comprido por cada parte; a casaria comum é de um só até dois sobrados, porém as casas dos mandarins são todas térreas e cercadas de muro e cava, em que há pontes de boa cantaria que dão serventia para as portas, as quais todas têm arcos de muito custo e riqueza, com muitas diversidades de invenções nos coruchéus dos telhados, o qual edifício visto todo por junto

representa aos olhos uma grande majestade. As casas dos chaéns, e anchacis, e aitaus, e tutões, e chumbis, que são senhores que governaram províncias e reinos, têm torres muito altas de seis e sete sobrados, com coruchéus cobertos de ouro, onde têm seus armazéns de armas, suas recâmaras, seus tesouros e seu móvel de seda e de peças muito ricas, com infinidade de porcelanas muito finas que entre eles é pedraria, a qual porcelana desta sorte não sai fora do reino, tanto porque entre eles vale muito mais que entre nós, como por ser defeso, sob pena de morte, vender-se a nenhum estrangeiro, salvo aos persas do Xatamás, a que chamam sofi, os quais com licença que têm para isso compram algumas peças por muito grande preço. Afirmaram-nos os chins, que tem essa cidade oitocentos mil vizinhos, e vinte e quatro mil casas de mandarins, e sessenta e duas praças muito grandes, e cento e trinta casas de açougues, de oitenta talhos cada uma, e oito mil ruas, de que seiscentas, que são as mais nobres, têm todas ao comprido, de uma banda e da outra, grades de latão muito grossas feitas ao torno. Afirmaram-nos mais que têm duas mil e trezentas casas de seus pagodes, de que mil são mosteiros de gente professa, e são edifícios muito ricos com torres de sessenta e setenta sinos de metal e de ferro coado muito grandes, que é coisa horrenda ouvi-las tanger. Tem mais esta cidade trinta prisões muito grandes e fortes, em cada uma das quais há dois e três mil presos, e a cada uma dessas prisões corresponde uma casa como de misericórdia, que provê toda a gente pobre, com seus procuradores ordinários em todos os tribunais de cível e crime, e onde se fazem grandes esmolos. Todas essas ruas nobres têm arcos nas entradas, com suas portas que se fecham de noite, e as mais delas têm chafarizes de água muito boa e são em si muito ricas e de muito trato. Têm, todas as luas novas e cheias, feiras gerais, onde concorre infinidade de gente de diversas partes, e há nelas grandíssima abundância de mantimentos quantos se pode imaginar, tanto de frutas como de carnes. O pescado

desse rio é tanto em tanta quantidade, principalmente de tainhas e linguados, que parece impossível dizer-se, o qual se vende todo vivo com juncos metidos pelos narizes por onde vêm dependurados, e fora esse peixe pescado fresco, o seco e salgado que vem do mar também é infinito. Afirmaram-nos mais os chins, que tinha dez mil teares de seda, porque daqui vai para todo o reino.

A cidade em si é cercada de muro forte e de boa cantaria, onde tem cento e trinta portas para a serventia da gente, as quais todas têm pontes por cima das cavas. A cada porta dessas estava um porteiro com dois alabardeiros, para darem razão de tudo o que entra e sai. Tem doze fortalezas roqueiras quase ao nosso modo, com baluartes e torres muito altas, mas não tem artilharia nenhuma. Também nos afirmaram que rendia esta cidade a El-Rei todos os dias dois mil taéis de prata, que são três mil cruzados, como já disse muitas vezes. Dos paços reais não direi nada porque os não vimos senão de fora, nem deles soubemos mais que o que os chins nos disseram, o qual é tanto que é muito para recear contá-la, e por isso não tratarei por agora deles porque tenho daqui por diante de contar o que vimos nós da cidade de Pequim, dos quais confesso que estou já agora receando haver de vir a contar ainda esse pouco que deles vimos, não porque isso possa parecer estranho a quem viu as outras grandezas deste reino da China, senão porque temo que os que quiserem medir o muito que há, pelas terras que eles não viram, com o pouco que veem nas terras em que se criaram, queiram pôr dúvida ou porventura negar de todo o crédito àquelas coisas que se não conformam com o seu entendimento e com a sua pouca experiência.

DO MAIS QUE VIMOS E PASSAMOS ATÉ CHEGARMOS
À CIDADE DE POCASSER, E DA GRANDEZA
DE UM PAGODE QUE HÁ NELA

Continuando nosso caminho por este rio acima, não vimos nos primeiros dois dias nenhuma vila nem cidade notável, nem edifício de que se possa fazer menção, senão somente grande quantidade de aldeias e lugares pequenos de duzentos e trezentos vizinhos, que estavam ao longo da água, os quais, segundo suas mostras e o pouco aparato de seus edifícios, pareciam ser de pescadores e de gente pobre que vivia por seu trabalho. E tudo o mais pela terra dentro, quanto alcançavam a vista, eram bosques de grandes pinhais, e arvoredos, e soutos, e laranjeiras, e campinas de trigos, arrozes, milhos, painços, cevadas, centeios, legumes, linhos, e algodões, e cerca de jardins com casas nobres que deviam ser quintas de mandarins e senhores do reino. Havia ao longo do rio tanta quantidade de gado de toda a sorte que realmente posso afirmar que se iguala com o da Etiópia e da terra do Preste João. Nos altos das serras apareciam muitas casas das suas gentílicas seitas, com muitos coruchéus cobertos de ouro e com um aparato de fora tão soberbo e grandioso que, ainda que de longe, era muito para folgar de ver, pela muita riqueza que estava mostrando.

Ao quarto dia da nossa viagem, chegamos a uma boa cidade que se chamava Pocasser, maior que Cantão duas vezes e muito bem cercada de muro de cantaria muito forte, com torres e baluartes quase a nosso modo e um cais na frontaria do rio, quanto dizia o rosto do muro, de mais de dois tiros de falcão do comprido, todo

fechado com duas ordens de grades de ferro, com suas entradas de portas muito fortes para serventia da gente e descarga dos juncos e outras embarcações que continuamente ali carregavam todas as mercadorias para diversas partes do reino, principalmente cobre, açúcar e pedra-ume de que há grandíssima cópia, e no meio de um grande terreiro, quase no cabo de toda a cidade, está um castelo muito forte que tem baluartes e cinco torres, em uma das quais, que era a mais alta, nos disseram os chins que o pai desse rei tivera preso um rei da Tartária, nove anos, o qual aí morrerá de peçonha que os seus mesmos vassallos lhe mandaram dar, para não darem por ele o resgate que o rei chim pedia.

Nesta cidade nos deu o chifu licença para que, dos nove que éramos, fossem três pedir esmola com quatro upos de alabardas, que são como beleguins. Estes nos levaram assim presos como íamos, por seis ou sete ruas, nas quais nos deram esmola que valia mais de vinte cruzados, tanto em roupa como em dinheiro, fora muito mantimento de carne, arroz, farinha, e frutas, a qual esmola partimos pelo meio com os quatro upos, porque assim era costume. Aqui nos levaram a um pagode onde naquele tempo havia grande concurso de gente por ser o dia da sua invocação, o qual nos disseram que fora antigamente casas de El-Rei, nas quais diziam que nascera o avô deste que agora reinava, e, porque a mãe ali falecera do parto, se mandara enterrar na mesma câmara onde parira o filho, e em honra da sua morte se dedicara nas mesmas casas esse templo à invocação de Tauhinarel, que é uma seita gentílica das principais deste reino da China, como adiante direi quando vier a tratar do labirinto das trinta e duas leis que há nela.

Todo esse edifício com todas as oficinas, jardins, pomares, e tudo o mais quanto há nele, que se fecha das portas para dentro, está armado no ar sobre trezentos e sessenta pilares, cada um de uma pedra inteira, da grossura quase de um tonel, e de vinte e sete palmos de alto; esses trezentos e sessenta pilares têm os nomes

dos trezentos e sessenta dias do ano, e em cada um deles particularmente se festeja com muitas esmolas e sacrifícios sanguinolentos, acompanhados de muitos tangeres, danças e outros modos de solenidades, o nome do ídolo daquele pilar que nele mesmo está posto em uma rica charola com uma lâmpada de prata adiante. Por baixo, no andar desses pilares, vão oito ruas muito nobres fechadas de uma banda e da outra, com grades de latão, com suas portas nas entradas para serventia dos peregrinos que vêm de fora e da mais gente que como jubileu concorre continuamente a essas festas.

A casa em cima, onde a rainha estava sepultada, era feita à maneira de capela redonda, toda de alto a baixo forrada de prata, de muito mais custo no feitiço que na valia, segundo o que parecia na diversidade dos lavares que nela se viam, e tinha no meio uma tribuna redonda feita à proporção da mesma casa, da altura de quinze degraus, fechada em roda com seis ordens de grades de prata com nós dourados, e no mais alto dela estava uma grande poma, sobre a qual estava um leão de prata que tinha na cabeça um caixão de quase três palmos em quadrado, de ouro muito fino, em que diziam que estavam os ossos daquela rainha que esses cegos e ignorantes veneram como grande relíquia; em torno dessa tribuna, na mesma proporção, estavam quatro tirantes de prata que tomavam toda a grandura da casa, armados em cima de toda essa obra, dos quais pendiam quarenta e três lâmpadas de prata e sete de ouro, as de prata em honra dos quarenta e três anos que diziam que ela tinha quando morrera, e as sete de ouro por sete filhos que diziam que parira. Do arco dessa capela para fora, logo à entrada do cruzeiro, em oito tirantes que atravessavam toda a casa, estava uma grande soma de lâmpadas de prata muito grandes e ricas, que os chins nos disseram que as mulheres dos chaéns, aitaus, tutões e anchacis, que são as mais honradas do reino que se acharam presentes à morte da rainha, ali mandaram pôr em

memória daquela honra, as quais lâmpadas diziam que eram duzentas e cinquenta e três.

Das portas para fora de toda essa casa (que seria quase do tamanho da Igreja de São Domingos de Lisboa), em seis fileiras muito compridas que a fechavam toda em roda, estava uma grande soma de estátuas de gigantes de quinze palmos cada uma, muito bem proporcionados, as quais eram todas de bronze fundido e tinham suas alabardas e maças do mesmo nas mãos e algumas delas com machadinhas às costas, a qual máquina assim toda por junto representava um tamanho aparato e grandiosidade que a vista se não fartava de se empregar nela.

Entre essa soma de estátuas (que segundo os chins nos afirmaram eram mil e duzentas), estavam vinte e quatro serpentes do mesmo bronze, muito grandes, e em cima de cada uma delas estava sentada uma mulher com uma espada na mão e uma coroa de prata na cabeça; essas vinte e quatro mulheres diziam que tinham títulos de rainhas para honra de seus descendentes, porque todas se sacrificaram na morte daquela rainha, para que lá na outra vida as almas destas servissem a sua como cá nesta os corpos serviram o seu corpo, coisa que os chins da geração dessas mulheres têm por muito grande honra e o trazem por timbre nos escudos de suas nobrezas.

Dessas fileiras de gigantes para fora, estava outra que os fechava a todos em roda, de arcos triunfais cobertos todos de ouro, com muita quantidade de campainhas de prata penduradas de cadeias do mesmo, as quais, tangendo continuamente com o movimento do ar que lhes dava, faziam um tamanho estrondo que não havia quem se ouvisse com elas. Desses arcos para fora, na mesma proporção, estão duas ordens de grades de latão que fecham toda essa obra, armadas por quartéis em colunas do mesmo, com uns leões em todo o cimo postos sobre bolas, que são as armas dos reis da China, como já algumas vezes tenho dito. Nas quadras

desse terreiro estão quatro monstros do mesmo bronze, fundidos de tão estranha e descompassada grandeza e diabólica fealdade que os entendimentos dos homens quase o não podem imaginar, dos quais melhor me fora não dizer nada, pois entendo e confesso de mim que não tenho saber nem palavras para declarar tudo o que neles há, mas como não é razão para que de todo fiquem escondidos sem se dar alguma notícia deles, direi o que couber no meu fraco entendimento. Um desses monstros que está logo na entrada do terreiro, à mão direita, que os chins nomeavam por serpe tragadora da côncava funda da casa do fumo, segundo suas histórias contam, é Lúcifer, e está na figura de uma disforme serpente, com sete cobras que lhe saíam dos peitos, muito feias e temerosas, todas conchadas de verde e preto, com muitos espinhos de mais de palmo de comprido por todo o corpo, como têm os porcos-espinhos, e cada uma delas tinha na boca uma mulher atravessada, com os cabelos todos derrubados para trás, como que esmorecida. O monstro tinha na boca, que era muito grande e desconforme, um lagarto meio fora, de mais de trinta palmos de comprimento e da grossura de uma pipa, com os narizes e ventas e beiços tão cheios de sangue que todo o mais corpo dessa grande serpente dali para baixo estava tinto dele, e tinha apertado entre as mãos um grande elefante, o que parecia ter com tanta força que as tripas e os bofes lhe saíam pela boca fora, e tudo isso tão próprio e tão ao natural que as carnes tremiam de verem uma figura que porventura nunca entrou em imaginação de homens; à volta do rabo, que seria de mais de vinte braças, estava enrodilhado outro disforme monstro, que era o segundo dos quatro que disse que estavam nas quadras do terreiro, o qual estava em figura de homem de mais de cem palmos de alto, a que os chins chamavam Turcamparó, e diziam que era filho daquela serpente. Este, além de ser muito feio, estava com ambas as mãos metidas na boca, o que a fazia tamanha como uma porta, e com uma ordem de dentes

lá dentro no côncavo dela, e com a língua negra de mais de duas braças botada para fora, que também era coisa muito temerosa de ver, e que fazia arrepiar as carnes.

Dos outros dois monstros, um era uma figura de mulher de nome Nadelgau, de dezessete braças de comprido e seis em roda; esta, na grossura da cinta tinha um rosto feito à proporção do corpo, de mais de duas braças, o qual pelas ventas lançava grande quantidade de fumo e pela boca infinidade de faíscas de fogo não artificial, mas verdadeiro, porque dizem que lá em cima dentro da cabeça lhe faziam continuamente fogo para mostrarem à gente que era a rainha da esfera do fogo, porque esta, dizem eles que há-de queimar a terra quando se acabar o mundo.

O quarto monstro era uma figura de um homem que estava de cócoras, soprando com umas bochechas tamanhas e tão inchadas que parecia um papa-figos de vela enfunado com muito grande vento, e também era de tão desacostumada grandeza e de um aspecto tão feio e temeroso que mal o podia sofrer a vista. A este chamam os chins Uzanguenabó, o qual diziam que era o que no mar fazia as tempestades e na terra derrubava os edifícios, e a este dava o povo muitas esmolos para que lhe não fizesse mal, e se inscreviam todos como seus confrades, com o tributo de um mas cada ano, que são cinquenta réis, para que lhes não alagasse os seus juncos nem fizesse mal aos mareantes, e outras muitas e diversas abusões que por sua grande cegueira creem tanto de verdade que morreriam mil mortes por cada uma delas.

DO QUE ACHAMOS POR ESTE RIO ACIMA
ATÉ CHEGARMOS A UMA VILA CHAMADA JUNQUILEU,
E DO QUE NELA VIMOS, E NOUTRO LUGAR ADIANTE DELA

Partidos nós ao outro dia desta cidade de Pocasser, chegamos a outra a que chamavam Xilingau, também muito grande e muito nobre e de muito boa casaria cercada de muros de tijolo, com sua cava ao redor e nos cabos dois castelos de entulho muito fortes e bem-acabados, com torres e baluartes quase a nosso modo, e nas entradas pontes levadiças que se suspendiam no ar por grossas cadeias de ferro, e no meio de cada um desses castelos uma torre de cinco sobrados com muitas invenções de pinturas de diversas cores, nas quais torres ambas, nos afirmaram os chins que estavam, em tesouro, quinze mil picos de prata, do rendimento daquele anchacilado, que o avô desse rei ali mandara pôr em memória de um filho que ali lhe nascera, de nome Leuquinau, que quer dizer *alegria de todos*, o qual eles têm que foi santo porque acabou em religião e está ali enterrado num templo da invocação do Quiay Varatel, deus de todos os peixes do mar, de que esses cegos contam muitos desatinos de leis que inventou e preceitos que deu, que é espanto ouvi-los, de que a seu tempo farei menção.

Nesta cidade e noutra mais acima cinco léguas, se tece a maior parte da seda deste reino, por causa das águas que dizem que fazem mais vivas as cores das tintas, que todas as das outras partes. Os teares dessas sedas que em soma dizem que eram treze mil, rendiam a El-Rei da China cada ano trezentos mil taéis.

Continuando nosso caminho por este rio acima, chegamos ao outro dia quase à tarde a umas grandes campinas em que havia muita quantidade de gado vacum, e de sendeiros e éguas, os quais guardavam muitos homens a cavalo, para os venderem aos marchantes que os cortam nos açougues como a outra carne.

Passadas essas campinas, que podiam ser de dez ou doze léguas, chegamos a uma vila que se chamava Junquileu, cercada de tijolo, com espigões por cima do muro, sem ameia nenhuma, nem baluarte, nem torre, como os outros de que tenho contado. No cabo do arrabalde dessa povoação, para a parte do rio, vimos umas casas armadas na água sobre esteios de pau muito grossos, já muito velhas e danificadas, à maneira de terecenas; diante da porta, num terreiro pequeno estava um monumento de pedra fechado todo em roda de grades de ferro pintadas de verde e vermelho, e por cima um coruchéu de azulejos de porcelana muito fina, brancos e pretos, armado sobre quatro colunas de pedra lustrosa muito bem acabadas, e em cima do monumento estavam cinco pelouros de camelo e outros dois de ferro coado que pareciam ser de meia espera, e na frontaria do monumento estava um letreiro de letras douradas, à charachina, que dizia:

– Aqui jaz Tranocém Mudeliar, tio de El-Rei de Malaca, o a quem a morte levou antes que Deus o vingasse do capitão Albuquerque, leão dos roubos do mar.

Espantados nós todos de ver esse letreiro, perguntamos que coisa era aquela, a que um chim que parecia mais honrado que os outros que estavam presentes respondeu:

– Esse homem que aí jaz enterrado veio aqui há quarenta anos como embaixador de um rei que se dizia de Malaca, a pedir socorro ao filho do Sol contra uma gente de terra sem nome, que do cabo do mundo viera por mar e lhe tomara Malaca, com outras de medos incríveis que estão escritas num livro impresso que disso se fez. E havendo já quase três anos que andava na corte

continuando com o requerimento do socorro que pedia, o qual lhe era já concedido pelos chaéns do governo, quis sua ventura que adoeceu de ar que lhe deu estando uma noite comendo, de que não durou mais que só nove dias. E parece que, magoado de não ter efetuado o que vinha pedir, declarou sua linhagem nesse letreiro dessa sepultura em que jaz enterrado, para que até ao fim do mundo os homens da terra soubessem quem ele foi e o a que veio.

Daqui nos partimos logo e continuamos nosso caminho pelo rio acima, o qual já nesta parte é menos largo que na cidade de Nanquim donde primeiro partimos, mas a terra é muito mais povoada de aldeias e quintas que todas as outras porque não há tiro de pedra onde não haja uma casa, ou de pagode ou de lavrador e gente de trabalho. E indo mais adiante cerca de duas léguas, chegamos a um grande terreiro todo cercado de grades de ferro muito grossas, no meio do qual estavam em pé duas monstruosas estátuas de bronze fundidas, uma de homem e outra de mulher, encostadas a umas grossas colunas de ferro coado, da grossura de um barril e de altura de sete braças, e o comprimento desses monstros ambos era de setenta e quatro palmos, com ambas as mãos metidas nas bocas e as faces muito inchadas como que soprando, e com os olhos tão encarniçados que metiam medo a quem olhava para eles. O nome do macho era Quiay Xingatalor, e o da fêmea, Apancapatur, e perguntando nós aos chins pela significação daquelas figuras, nos responderam que o macho era o que soprava com aquelas bochechas tão inchadas o fogo do Inferno para atormentar as almas daqueles que nesta vida lhe não davam esmolas, e a fêmea era a porteira do Inferno e que os que na vida lhe davam esmola os deixava fugir para um rio de água muito fria, de nome Ochileudai, onde os tinha escondidos sem os diabos lhes fazerem mal nenhum.

Um dos da nossa companhia não se pôde ter que se não risse de tamanha parvoíce e diabólica cegueira, de que uns três bonzos que ali estavam (que são os sacerdotes) se escandalizaram tanto que meteram em cabeça ao chifu que nos levava que, se não nos castigasse de maneira que aqueles deuses se houvessem por satisfeitos daquela zombaria que fizéramos deles, sem dúvida a sua alma seria muito atormentada deles ambos, sem nunca a deixarem sair do Inferno, a qual ameaça assombrou tanto o perro do chifu que, sem esperar mais, nos mandou a todos os nove atar de pés e mãos, e com umas cordas dobradas nos deram a cada um mais de cem açoites, de que todos ficamos assaz sangrados, e dali por diante nunca mais zombamos de coisa que víssemos. A esses dois diabólicos monstros, no tempo em que ali chegamos, estavam incensando doze bonzos com seus incensários de prata, cheios de muitos cheiros de águila e benjoim, e diziam em voz alta e muito desentoadada: – Assim como te servimos, assim nos ajuda. – A que outra grande soma de sacerdotes respondia com uma grande grita: – Assim to prometo como bom senhor.

E assim andaram todos em procissão à roda do terreiro com esses desentoados clamores por espaço de uma grande hora, tangendo sempre muitos sinos de metal e de ferro coado, que fora do terreiro estavam postos em campanários, e outros tangiam com tambores e sestros que faziam um tamanho estrondo que em verdade afirmo que metia medo.

COMO CHEGAMOS A UMA CIDADE A QUE CHAMAVAM
SAMPITAI, E DO QUE PASSAMOS COM UMA MULHER
CRISTÃ QUE ACHAMOS NELA

Deste terreiro para diante continuamos nossa viagem pelo rio acima mais onze dias, o qual nesta paragem é já tão povoado de cidades, vilas, aldeias, lugares, fortalezas e castelos que em muitas partes há menos distância de uns aos outros que um tiro de espingarda. E assim toda a mais terra que víamos quanto alcançava a vista tinha muita quantidade de quintas nobres e casas de seus pagodes, com muitos coruchéus cobertos de ouro, que representavam tanta majestade e nobreza que todos pasmávamos do que víamos. Dessa maneira chegamos a uma cidade que se chamava Sampitai, na qual estivemos cinco dias por causa da mulher do chifu que ia muito doente. Aqui, com sua licença saímos em terra assim presos como íamos e nos fomos todos pelas ruas a pedir esmola, que os moradores delas nos deram muito largamente, os quais, admirados de verem gente da nossa maneira, se juntaram em quadrilhas a nos perguntarem que homens éramos, e de que reino, ou como se chamava a nossa terra, a que respondíamos conforme o que já tínhamos dito muitas vezes: que éramos naturais do reino de Sião, e que nos perdêramos no mar com uma tormenta, indo de Liampó para a enseada de Nanquim, e que éramos mercadores que já fôramos ricos ainda que nos vissem daquela maneira.

Uma mulher que estava ali presente à volta de muitas outras, ouvindo a nossa conversa, respondeu:

– Coisa é essa de que ninguém se deve espantar, porque nunca ali vimos senão ficarem na maior parte sepultados no mar os que muito labutam no mar, e por isso, amigos meus, o melhor e mais certo é fazer conta da terra e trabalhar na terra, já que Deus foi servido de nos fazer de terra.

E dando-nos com isto dois mazes de esmola como a pobres, nos recomendou muito que não curássemos de fazer viagens compridas onde Deus permitia fazer as vidas tão curtas. Mas logo após isso, desabotoou a manga de um gibão de cetim roxo que trazia vestido, e arregaçando o braço nos mostrou uma cruz que nele tinha esculpida como ferrete de mouro, muito benfeita, e nos disse:

– Conhece porventura algum de vós outros este sinal que a gente da verdade chama cruz, ou ouviste-o alguma hora nomear?

Ao que nós todos, em o vendo, pondo os joelhos em terra com devido acatamento, e alguns com as lágrimas nos olhos, respondemos que sim, a que ela dando um grito e levantando as mãos para o céu, disse alto: – Padre Nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome –; e isso disse-o na linguagem portuguesa, e tornando logo a falar chim, como quem não sabia mais do português que essas palavras, nos pediu muito que lhe disséssemos se éramos cristãos, a que todos respondemos que sim, e tomando-lhe todos juntos o braço em que tinha a cruz a beijamos e dissemos tudo o que ela deixara por dizer da oração do padre-nosso, para que soubesse que lhe falávamos verdade.

Quando ela isso ouviu e entendeu daqui que éramos cristãos, toda banhada em lágrimas se despediu da gente que ali estava, e nos disse:

– Vinde, cristãos do cabo do mundo, com esta vossa verdadeira irmã na fé de Cristo, e quiçá parenta de algum de vós outros, por parte do pai que me gerou neste desterro.

E começando a caminhar conosco para sua casa, os upos, que eram os beleguins que nos traziam, o não queriam consentir e nos diziam que fôssemos pedir esmola pela cidade, como nos era mandado pelo chifu, senão que nos levariam à embarcação; e isso diziam pelo interesse que disso lhes cabia, que, como já disse, era metade de toda a esmola que tirávamos; e fazendo mostra de nos quererem tornar à embarcação, a mulher lhes disse:

– Bem vos entendo, e bem sei que não quereis perder nada do vosso, e assim é razão, já que não tendes outros percalços de que vivais.

Então, metendo a mão na bolsa, lhes deu dois taéis de prata, de que ficaram contentes, e com licença do chifu nos levou a sua casa, onde nos teve todos os cinco dias que aqui estivemos, fazendo-nos sempre muito gasalhado e tratando-nos com muita caridade.

Aqui nos mostrou um oratória em que tinha uma cruz de pau dourada, com uns castiçais e uma lâmpada de prata, e nos disse que se chamava Inês de Leiria, e que seu pai se chamara Tomé Pires, o qual deste reino fora como embaixador de El-Rei da China, e que por um alevantamento que um nosso capitão fizera em Cantão, houveram os chins que ele era espia e não embaixador como ele dizia, e o prenderam com outros doze homens que trazia consigo, e depois que por justiça lhes deram muitos açoites e pratos, de que logo morreram cinco, aos outros desterraram, apartados uns dos outros para diversos lugares onde morreram comidos de piolhos, dos quais um só era vivo, que se chamava Vasco Calvo, natural de um lugar da nossa terra a que chamavam Alcochete, porque assim o tinha muitas vezes ouvido a seu pai, chorando muitas lágrimas quando nisso falava. E que a seu pai lhe coubera em sorte ser seu degredo para aquela terra onde se casara com sua mãe, porque tinha alguma coisa de seu, e a fizera cristã, e sempre em vinte e sete anos que ali estivera casado com ela viveram ambos muito catolicamente, convertendo muitos gentios à fé de Cristo, de que

ainda naquela cidade havia mais de trezentos que ali em sua casa se juntavam sempre aos domingos a fazer a doutrina. E perguntando-lhe nós que era o que diziam ou que rezavam, respondeu que nenhuma coisa mais que somente porem-se todos de joelhos diante daquela sua cruz, e com as mãos levantadas e os olhos no céu, dizerem todos: – Senhor Jesus Cristo, assim como é verdade que tu és verdadeiro Filho de Deus, concebido pelo Espírito Santo no ventre da Virgem Maria para salvação dos pecadores, assim nos perdoa nossos pecados para que mereçamos ver a tua face na glória do teu reino onde estás sentado à destra do mui alto, Padre Nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo, amém. – E beijando todos a cruz, se abraçavam uns com os outros e se iam para suas casas. E assim viviam todos muito conformes e amigos, sem haver entre eles ódio ou inimizade alguma. E que outras mais orações lhe deixara seu pai escritas, que depois lhe furtaram os chins, por onde não ficaríamos sabendo mais que só aquilo que nos tinha dito; a que respondemos que muito bom era o que lhe tínhamos ouvido, mas que nos lhe deixaríamos outras orações muito boas antes que nos fôssemos. E ela nos disse:

– Assim o fazei, pelo que deveis a um Deus tão bom como tendes e que tanto fez por vós, e por mim, e por todos.

E mandando-nos pôr a mesa, nos proveu de comer muito abastadamente, a assim o fez todos os cinco dias que nessa sua casa estivemos, o qual o chifu nos concedeu, por um bom presente que ela mandou a sua mulher, e lhe pediu muito que fizesse com que seu marido nos tratasse bem porque éramos homens que Deus tinha muito à sua conta, e ela lhe prometeu de o fazer assim com muitas palavras de agradecimento pelo que lhe mandara.

Dentro desses cinco dias que estivemos em sua casa, fizemos sete vezes doutrina aos cristãos, de que todos ficaram muito animados; e Cristóvão Borrvalho lhe fez um caderninho na letra

china, em que lhe deixou escrito o padre-nosso, a ave-maria, o credo, a salve-rainha, os mandamentos e outras muitas orações boas. E com isso nos despedimos dos cristãos e de Inês de Leiria, a qual parecia verdadeira cristã, segundo o que vimos nela esses poucos dias em que estivemos em sua casa. Estes cristãos nos deram cinquenta taéis de esmola que depois nos foram bons para remédio de muitas necessidades em que nos vimos, como direi mais adiante, e a Inês de Leiria por si nos deu outros cinquenta taéis muito escondidos e nos pediu muito que em nossas orações a encomendássemos a Nosso Senhor, pois víamos quanta necessidade tinha disso.

DE ONDE TEVE PRINCÍPIO A ORIGEM E FUNDAMENTO
DESTE IMPÉRIO CHIM, E DONDE PROCEDERAM
OS PRIMEIROS QUE O POVOARAM

Depois que partimos desta cidade de Sampitai, seguimos adiante por este Rio da Batampina acima até um lugar que se chamava Lequimpau, de dez ou doze mil vizinhos e de boa casaria segundo as mostras de fora, e cercado de muro e barbacã com sua cava ao redor, junto da qual da banda de fora estava uma casa muito comprida com trinta fornalhas por banda, em que se fundia e apurava grande soma de prata que em carretas se trazia de uma serra que estava dali a cinco léguas, de nome Tuxenguim; e aqui nos disseram os chins que nas minas dela trabalhavam continuamente passante de mil homens a arrancar prata, e que rendia todos os anos para El-Rei da China cinco mil picos de prata, e nos contaram mais outras particularidades curiosas de ouvir, que não escrevo por temer que possa ser prolixo.

Daqui nos partimos já quase sol posto e fomos ao outro dia à tarde surgir entre duas cidades pequenas defronte uma da outra pouco mais de um quarto de légua, que era a distância da largura do rio, uma de nome Pacão, e outra Nacau, e ambas pequenas por fora, muito nobres e bem cercadas de lajes de cantaria muito largas e fortes.

Tinham muitas casas de pagodes cobertas de ouro com muitas inscrições de grimpas e coruchéus de muito custo e riqueza, que era coisa assaz formosa e agradável para ver. Dessas duas cidades direi o que aí nos contaram e eu depois algumas vezes ouvi, para

que se saiba a origem e fundamento deste império chim, já que os escritores antigos até agora não deram nenhuma razão disso.

Lê-se na primeira crônica, das oitenta dos reis da China, no capítulo treze, a qual eu ouvi muitas vezes ler, que depois do dilúvio seiscentos e trinta e nove anos havia uma terra que então se chamava Guantipocau, a qual, segundo parece pela altura do clima em que está, deve estar em sessenta e dois graus da banda do norte, e jaz nas costas desta nossa Alemanha. Nessa terra vivia naquele tempo um príncipe de senhorio e estado pequeno, de nome Turbão, o qual dizem que, sendo mancebo solteiro, houvera três filhos de uma mulher de nome Nancá a que em extremo era afeiçoado, do que a rainha viúva, mãe dele, tinha muito grande desgosto. Este, sendo algumas vezes requerido pelos principais do reino ou senhorio que então era, que se casasse, se escusou sempre, dando como desculpa algumas razões que os seus não aceitaram, antes incitados e estimulados pela mãe, não desistindo do requerimento, apertaram tanto com ele que ele para se escusar de fazer o que não era sua vontade, com a tenção de legitimar o filho mais velho que tinha da Nancá e deixar-lhe o reino, se meteu em religião em um templo que se chamava Gizom, que segundo parece foi ídolo e seita que tiveram os romanos, o qual hoje em dia existe neste império da China, na ilha do Japão, na Cochinchina, no Camboja e em Sião, do qual nestas terras eu vi muitas casas; e, declarando no seu testamento que era essa a sua última vontade, a rainha sua mãe, que naquele tempo era viúva e de idade de cinquenta anos, o não consentiu, dizendo que já que seu filho queria morrer na religião que tinha professado e deixar o trono sem legítimo herdeiro, ela queria dar remédio a esse tamanho desmancho. E logo se casou com um seu sacerdote de nome Silau, de idade de vinte e seis anos, e o fez, apesar de muitos, jurar por rei.

Disso que a rainha fez, foi Turbão logo avisado, e entendendo que o fizera a fim de lhe excluir seu filho da herança e não cumprir

o seu testamento, se tornou a sair da religião, com o propósito de tornar a tomar posse do que tinha deixado, e nisso pôs todo o seu trabalho e diligência.

A mãe e o Silau com quem era casada, temendo que se essa coisa fosse por diante viesse a parar em morte de ambos, juntando secretamente alguns dos que eram da sua parte, que segundo se conta foram trinta de cavalo e oitenta de pé, deram uma noite nas casas onde o Turbão estava e o mataram com todos os seus. Contudo se salvou a Nancá com os seus três filhos e com mais alguns familiares de sua casa, e, embarcando-se em uma laulé de remo, se foi fugindo pelo rio abaixo até um lugar que estava dali a setenta léguas, onde desembarcou com os poucos que trouxera consigo, e ali, com outra alguma mais gente que depois juntou, se fez forte em uma lezíria que estava no meio do rio, a que pôs o nome de Pilaunera, que em nossa linguagem quer dizer *colheita de pobres*, com a tenção de acabar ali a vida cultivando a terra e sustentando-se com o trabalho dos seus, porque dali para baixo, segundo se lê no mesmo capítulo, não era a terra ainda povoada de gente nenhuma.

Havendo já cinco anos que ela vivia nessa miséria e pobreza de estado, temendo-se o tirano Silau, por não ser benquisto do povo, que quando os três moços fossem de mais idade o poderiam desapossar daquilo que indevidamente lhes tinha usurpado, ou pelo menos o poderiam desinquietar com alvoroços e levantamentos de gentes, causados pelo direito que poderiam ter no reino, dizem que mandou a buscá-los uma frota de trinta jangas de remo em que dizem que iam mil e seiscentos homens.

A Nancá, sendo certificada desse poder que vinha contra ela, tomando conselho sobre o que nisso se devia fazer, se assentou que por nenhum caso o esperasse, visto serem seus filhos moços e ela mulher, e a sua gente muito pouca, fraca, e desarmada, e muito falta de tudo o necessário para se defender de tantos inimigos

e tão bem providos. E mandando fazer resenha da gente que tinha, achou que toda ela não passava de mil e trezentas pessoas, das quais só quinhentas eram homens e todas as mais mulheres e crianças pequenas, para a qual cópia de gente não havia mais em todo o rio que três laulés pequenas e uma janga em que não podiam caber cem pessoas. Bem entendeu a Nancá que não eram essas embarcações capazes de toda a gente que tinha consigo, e começando então a cuidar no remédio que poderia ter essa tamanha necessidade, diz a história que tornou outra vez a chamar a conselho e, descobrindo em público o receio que tinha, lhes pediu a todos os seus pareceres, do que eles por então se escusaram dizendo que lhe afirmavam em toda a verdade que não sentiam em si entendimento para se determinarem tão depressa no que lhes perguntava, mas que conforme seus costumes e ritos antigos lançassem sortes como sempre costumavam fazer em semelhantes apertos, e que naquele em quem caísse poder falar, este dissesse o que Deus no coração lhe inspirasse. E que para isso tomassem três dias de espaço, em que por jejuns, lágrimas e brados pedissem todos a uma voz remédio e socorro ao alto Senhor das misericórdias, em cuja mão estava muito certo esse remédio que pretendiam. Determinada a Nancá com todos os seus nesse parecer que por então se aprovou como o melhor de todos, mandou lançar pregação que sob pena de morte nenhuma pessoa comesse em todos aqueles três dias mais que só uma vez, para que com a abstinência da carne ficasse o espírito pronto com Deus.

DO QUE MAIS SE PASSOU NESTE NEGÓCIO
DEPOIS DE O JEJUM TER ACABADO,
E DO SUCESSO QUE TEVE

Passado o termo desses três dias em que continuaram sua penitência, lançaram as sortes por cinco vezes, e todas cinco caíram num menino de sete anos que se chamava Silau como o tirano de quem se temiam, de que todos ficaram muito confusos e tristes, por se afirmar que não havia outro do mesmo nome em todo o arraial. E depois de fazerem seus sacrifícios com todas as suas cerimônias costumadas de tangeres e fumos cheirosos, a modo de darem graças a Deus, mandaram ao menino que levantasse as mãos ao céu e dissesse o que lhe parecia no remédio daquele aperto e grande trabalho em que estavam. A que o menino, pondo os olhos na Nancá, dizem que disse:

– Agora que com aflição e angústia triste, ó miserável e fraca mulher, estás mais atribulada e confusa no pouco remédio que o entendimento humano te está apresentando, e te submetes com humildes suspiros debaixo da mão do alto Senhor, tira, tira, tira, ou quando não, trabalha por tirares teu coração dos fumos da terra, pregando de verdade teus olhos no céu, e nele verás quanto pode a oração do inocente e atribulado diante da justiça do que te criou, porque na hora em que com humildes suspiros lhe manifestaste a tua fraqueza e pouco poder, logo de cima te foi concedida a vitória sobre o tirano Silau, com grande promessa que o Senhor de todos os homens te manda fazer por mim, sua formiga, e te manda que nas embarcações de teus inimigos embarque teus filhos e toda tua

família, e ao som das águas corras a terra vigiando a noite com dor de teu braço, porque ele te mostrará antes que chegues ao descanso do rio, onde assentes por longa habitação uma casa de tamanho nome que pelo tempo dos tempos sua misericórdia seja nela cantada com vozes e sangue de gentes estranhas, cujo clamor seja tão agradável à sua presença como os bramidos dos justos e fiéis meninos de tenra idade.

E dito isso assim por essas próprias palavras, diz a história que logo naquele instante o menino caiu morto em terra, do qual sucesso (se assim foi) a Nancá com todos os seus ficaram assaz espantados.

Afirma também essa história que eu muitas vezes ouvi ler que, passados cinco dias depois desse sucesso, viram uma manhã vir pelo rio abaixo a armada das trinta jangas muito bem concertadas e sem gente nenhuma, e a razão disso foi, segundo afirma a mesma história (a qual os chins têm por muito verdadeira) que vindo esta armada toda junta para sem nenhuma piedade efetuar na pobre Nancá e nos seus três filhos, e na mais gente que estava com ela, os danados e cruéis intentos do tirano Silau, estando uma noite surta num lugar a que chamavam Catebasoi, se criara sobre ela uma nuvem preta, a qual lançando de si muitos raios e coriscos, chovera dela uma água muito grossa, de gotas tão quentes em tanto extremo que, dando na gente que nesse tempo estava ainda acordada, a fez lançar toda ao rio onde em menos de uma hora pereceu toda, porque dizem que na carne onde tocava qualquer daquelas gotas, a queimava de tal maneira que com uma dor incomportável lhes penetrava até ao mais intrínseco dos ossos, sem haver vestido nem outra coisa alguma que sobre si pusessem que lhes pudesse fazer resistência.

Conhecendo então a Nancá que era aquilo um muito grande mistério, recebeu essa mercê da mão do Senhor com muitas lágrimas e lhe deu por ela muitas graças com todos os seus. E

embarcando-se com seus três filhos e com toda a mais gente nas trinta jangas da armada, se foi pelo rio abaixo, e ao som da impetuosa corrente da água que em seu favor ia afirma a história que ao cabo de quarenta e sete dias chegaram àquele sítio onde agora está edificada a cidade de Pequim, onde ela com todos os seus desembarcou em terra com determinação de assentar ali sua morada; e por se temer do Silau de quem sempre tivera receio, dizem que se fez ali forte o melhor que pôde, com estacadas de entulho de pedra ensossa pela maneira que adiante se dirá.

QUAIS FORAM OS FUNDADORES DAS PRIMEIRAS
QUATRO CIDADES DA CHINA, E DÁ-SE CONTA DE
ALGUMAS GRANDEZAS DA CIDADE DE PEQUIM

Desembarcada a Nancá em terra com todos os seus, diz a história que cinco dias passaram somente depois de ser chegada, quando logo fez jurar por príncipe daquela gente o seu filho mais velho, para se segurar de alguns receios que sempre teve e ficar mais aliviada do trabalho que até então tinha passado. O filho, logo que foi obedecido dessa pouca gente que ali tinha consigo, no mesmo dia à tarde abalizou o sítio onde se havia de fazer forte, e, depois de ser aberto o primeiro valo que ele mandou abrir com muita presteza, saiu da sua tenda acompanhado de sua mãe, pela qual tudo se governava, e de seus irmãos, e de alguns mais principais que então havia, e com vestiduras de festa nessa primeira mostra que de si deu ao povo se foi acompanhado dos seus, levando por estado uma pedra que já tinha mandado lavar, e chegando-se onde o alicerce estava aberto a tomou nas mãos com muito contentamento e assentando-se em joelhos, com as mãos levantadas ao céu, disse aos que estavam presentes:

– A esta pedra, irmãos e amigos meus, sobre que se há-de fundar esta nova casa, ponho o nome de minha pessoa, porque assim se há-de chamar de hoje em diante, pelo que a todos peço como amigos e mando como rei que lhe não chamem outro nome senão este, para que fique em memória aos que vierem depois de nós daqui até ao fim do mundo, que aos três dias da oitava lua do ano de seiscentos e trinta e nove depois que o Senhor de todo o criado

manifestou aos que então viviam no mundo o aborrecimento que tinha aos pecados das gentes, alagando a terra com os rios do céu para cumprir sua justiça, fabricou o novo Pequim esta casa e lhe pôs o seu próprio nome, na qual conforme o que nos é declarado pela profecia do morto menino, pelo tempo dos tempos se exalçará por vozes de gentes estranhas o como se deve temer o Senhor e agradar em sacrifício justo.

E umas letras que dizem isso dessa própria maneira, estão ainda hoje esculpidas num escudo de prata que está pendurado em cima na volta do arco de uma porta da cidade, que agora se chama Pommicotai, que é a principal de todas as portas, na qual estão continuamente por honra e memória dessa profecia quarenta albardeiros com seu capitão. E em cada uma das outras estão quatro somente para darem razão do que em cada dia por elas entra e sai. E porque o dia em que esse novo rei lançou essa primeira pedra quando fundou esta cidade, segundo o que consta pelas histórias, foi aos três dias do mês de agosto, costumaram sempre os reis da China, de então para cá, e o costumam ainda agora, mostrarem-se ao povo nesse mesmo dia, o qual fazem com tanta majestade e tão estranho e grandioso aparato que em verdade afirmo que é muito para reear dar conta da mais pequena parte dele, quanto mais do todo, e por isso me não quis meter no que não sei ao certo se não hei-de poder levar avante.

E por isso que esse primeiro rei disse quando lançou essa pedra que os chins têm por uma profecia muito certa, fizeram depois os seus descendentes um estatuto em que se manda sob gravíssimas penas que nenhuma gente estrangeira entre no reino, senão só embaixadores e cativos, pelo qual, quando os tomam, é forçado degredarem-nos de uns lugares para outros, como nos fizeram aos nove que éramos.

Desta maneira que brevemente tenho contado, se fundou esta cidade e se povoou este império chim por esse príncipe filho da

Nancá, chamado Pequim, que era o mais velho de todos. Os outros dois seus irmãos mais moços, que se chamavam Pacão e Nacau, fundaram depois outras duas cidades a que também puseram os seus próprios nomes. E da mãe deles que como disse se chamou Nancá, se lê também que fundou a cidade de Nanquim, que é a segunda desta monarquia, e que dela tomou o nome que ainda hoje em dia tem.

Este império chim se lê que foi sempre correndo por direitas sucessões de uns reis nos outros, desde aquele tempo até uma certa idade que, segundo parece pela nossa conta, foi no ano do Senhor de mil cento e treze, e então foi esta cidade de Pequim entrada de inimigos, e assolada, e posta por terra vinte e seis vezes. Mas como já nesse tempo a gente era muita e os reis muito ricos, dizem que o que então reinava, que tinha por nome Xixipão, a cercou toda em roda da maneira que agora está, em vinte e três anos, e outro rei de nome Jumbileitai, que era seu neto, fez a segunda cerca dali a oitenta e dois anos, as quais ambas têm de circuito sessenta léguas, trinta cada uma, convém a saber: dez de comprimento e cinco de largo, das quais cercas ambas se lê que têm mil e sessenta baluartes redondos e duzentas e quarenta torres muito fortes, largas e altas, com seus coruchéus de diversas cores, que lhe dão muito lustro e em todas estão leões dourados sobre bolas ou pomas redondas, os quais são a divisa ou as armas do rei da China, pelos quais quer dar a entender que é ele leão coroado no trono do mundo. Por fora dessa derradeira cerca, vai uma muito grande cava de água, de mais de dez braças de fundo e quarenta de largo, dentro da qual há continuamente grande soma de navios de remo toldados por cima como casas, em que se vendem todas as coisas quantas se podem imaginar, tanto de mantimentos como de toda a diversidade de mercadorias a que se pode pôr nome.

Tem mais esta cidade em roda, segundo os chins nos afirmaram, trezentas e sessenta entradas, em cada uma das quais estão

sempre quatro upos como há pouco disse, armados e com alabardas nas mãos, para darem razão de tudo o que se passa nela. Há ali também umas certas casas que são como casas de câmara, que a cidade para isso tem destinadas, com seus anchacis e oficiais de justiça, e aonde também se levam os moços que se perdem, para que seus pais os venham ali buscar.

Das mais grandezas desta insigne cidade, direi a seu tempo, porque isso que agora contei assim de corrida foi somente para dar uma breve relação da origem e fundação deste império e do primeiro que fundou esta cidade de Pequim, metrópole com razão e com verdade, de todas as do mundo, na grandeza, na polícia, na abastança, na riqueza, e em tudo o mais quanto se pode dizer ou cuidar, e também para dar conta da fundação e princípio da segunda cidade deste grande império, que é a de Nanquim, como já disse, e destoutras duas de Pacão e Nacau de que atrás tenho contado, nas quais ambas jazem esses dois seus fundadores, em templos muito nobres e ricos, numas sepulturas de alabastro verde e branco, guarnecidas de ouro, postas sobre leões de prata, com muitas lâmpadas ao redor e perfumadores de muitas diversidades de cheiros.

QUAL FOI O REI DE CHINA QUE FEZ O MURO QUE DIVIDE
OS DOIS IMPÉRIOS DA CHINA E DA TARTÁRIA,
E DA PRISÃO ANEXA A ELES

J á que tratei da origem e fundação deste império chim, e da cerca desta grande cidade de Pequim, também me pareceu razão tratar o mais brevemente que puder de outra coisa não menos espantosa que cada uma dessas.

Lê-se no quinto livro da situação de todos os lugares notáveis deste império ou monarquia, ou como lhe quiserem pôr o nome (porque na verdade todo o que for grande lhe cabe), que um rei de nome Crisnagol Dacotai, que segundo parece pela conta do livro por onde essa gente costuma fazer a conta das suas eras, reinou no ano do Senhor de quinhentos e vinte e oito, vindo a ter guerra com o tártaro por diferenças que teve com ele sobre o Estado de Xenxinapau que pelo sertão confina com o reino dos lauhós, o desbaratou e ficou senhor do campo; porém, o tártaro, refazendo-se logo de outro maior poder que juntou por meio de uma liga e confederação que fez com os outros reis seus amigos, tornou sobre o chim daí a oito anos, e se afirma que lhe tomou trinta e dois lugares notáveis, dos quais um foi a grande cidade de Ponquilor.

E temendo o chim que não se lhe pudesse defender, veio com ela a concerto de paz, com algumas condições em que o chim desistiu do direito que era o litígio, e lhe deu mais dois mil picos de prata para paga da gente forasteira que trazia consigo, e com isso ficou o negócio pacífico e quieto por espaço de cinquenta e dois anos, porque assim o diz a mesma história.

Porém, o rei que então reinava na China, receando-se de outro poder e confederação semelhante à passada, a que ele não pudesse resistir, determinou fechar com muro toda a raia de ambos estes impérios. E chamando os povos todos a cortes, lhes deu conta dessa sua determinação, a qual a todos pareceu muito bem e muito necessária, e para ajuda dessa obra tão importante lhe deram mais duzentos e cinquenta mil homens para trabalhar nessa obra enquanto ela durasse, de que trinta mil dizem que eram oficiais examinados, e os mais gente de serviço. E depois de se juntar tudo o que era necessário para esta tão insigne obra, se começou a pôr a mão nela, e diz a história que em vinte e sete anos se fechou todo o extremo destes dois impérios, de ponta a ponta, que, segundo se afirma na mesma crônica, é de distância de setenta jaus, que por nossa conta, à razão de quatro léguas e meia por jau, são ao todo trezentas e quinze léguas, na qual obra dizem que trabalharam continuamente setecentos e cinquenta mil homens, de que o povo, como já disse, deu a terça parte, e o sacerdócio e ilhas de Ainão, outra terça parte, e El-Rei com os príncipes e senhores, e chaéns, e anchacis do governo, a outra terça parte.

Este muro vi eu algumas vezes e o medi, que tem por todo em geral seis braças de alto e quarenta palmos de largo no maciço da parede, mas das quatro braças para baixo corre um entulho a modo de terrapleno, coberto da parte de fora de um betume como argamassa, de mais largura que o mesmo muro quase duas vezes, por onde fica sendo tão forte que nem mil basiliscos o poderão derrubar, e em lugar de torres ou baluartes têm umas guaritas de dois sobrados, armadas sobre esteios de pau-preto e que eles chamam caubesi, que quer dizer pau-ferro, da grossura de uma pipa cada um, e muito altos, por onde essas guaritas parece que ficam sendo muito mais fortes que se fossem de pedra e cal.

Esse muro ou chanfacau, como eles chamam, que quer dizer resistência forte, corre todo o fio igualmente até entestar nos

agros das serras que no caminho se lhe oferecem, as quais, para poderem também servir de muro, vão todas chanfradas ao picão, com o que essa obra fica sendo muito mais forte que o mesmo muro em si. E assim se há-de entender que em toda essa distância de terra não há mais muro que o que toma os espaços que há entre serra e serra; no mais, as mesmas serras servem de muro. E em todas as trezentas e quinze léguas não há mais entradas que só cinco que os rios da Tartária fazem por estas partes, pelos quais, descendo com impetuosa corrente com que cortam por este sertão pelo espaço de mais de quinhentas léguas, se vão meter no mar da China e da Cochinchina; e um destes, porque é mais poderoso que os outros, vai sair no reino Sornau (a que o vulgo chama Sião), pela barra de Cui, e em todas essas cinco entradas o rei chim tem uma força e o tártaro outra, em cada uma das quais o chim tem sete mil homens continuamente, a que paga muito grandes soldos, de que seis mil são de pé e mil de cavalo, e a maior parte dessa gente é estrangeira, como são os mogores, champás, corações e gizares da Pérsia, e outros de muitas terras e reinos que pelo âmago deste sertão habitam, porque na verdade os chins não são muito homens de guerra, porque além de serem pouco práticos nela, são fracos de ânimo e algum tanto carecidos de armas, e de todo faltos de artilharia.

Em toda a distância desse muro há trezentas e vinte capitânias de quinhentos homens cada uma, que são ao todo cento e sessenta mil homens, fora ministros e oficiais de justiça e upos da guarda dos anchacis, e chaéns, e outra mais gente necessária para o governo e sustentação desse povo que, por todos, nos afirmaram os chins que chegavam à cópia de duzentos mil homens continuamente, a que El-Rei paga mantimento somente, porque, como todos ou a maior parte deles são forçados condenados àquele degredo, não é obrigado a lhes dar soldo, senão mantimento somente, como adiante declararei quando falar na prisão do depósito

desses degredados, que está na cidade de Pequim, que também é outro notável edifício e de admirável grandeza e estado, no qual há continuamente presos em depósito, para a fábrica desse grande muro, de trezentos mil homens para cima, e todos ou a maior parte, de dezoito até quarenta e cinco anos, entre os quais há muita gente nobre e homens muito ricos e de grande respeito, que por casos graves se lhes comutou o castigo que mereciam, para esse depósito, no qual a modo de cárcere perpétuo estão esperando para daí os levarem ao serviço daquele muro, donde podem ter recurso conforme os estatutos de guerra que sobre isso são feitos e aprovados pelos chaéns, que nisso e em tudo o mais têm os mesmos poderes de El-Rei, com majestade suprema de mero e misto império, e no poder e alçada de cada um desses chaéns do governo, que são doze, cabe dar, se quiser, um conto de ouro de renda, sem lhes ninguém ir à mão a isso.

DE ALGUMAS OUTRAS COISAS QUE VIMOS ATÉ
CHEGARMOS A UM LUGAR ONDE ESTAVA UMA CRUZ,
E DA RAZÃO POR QUE ELA ALI ESTAVA POSTA

Tornando agora a continuar com o que atrás vinha contando, de que há muito me apartei, partidos nós destas duas cidades de Pacão e Nacau, e seguindo nossa viagem pelo rio acima, assim presos como tenho dito, chegamos a outra cidade que se chama Mindó, pouco maior que cada uma destoutras, na qual para a parte do sertão, a espaço de meia légua, estava um muito grande lago de água salgada, em que havia muito grande soma de marinhas, o qual nos afirmaram os chins que enchia e vazava da própria maneira que o faz o mar, estando pela terra dentro mais de duzentas léguas, e que rendia todos os anos para o rei da China, só do terço que deste sal lhe pagavam, cem mil taéis, e que fora estes lhe rendia mais esta cidade outros cem mil taéis, dos teares da seda, da cânfora, do açúcar, da porcelana, do vermelhão, e do azougue, das quais coisas nos disseram que havia aqui grandíssima quantidade. Adiante desta cidade cerca de duas léguas estavam doze casas muito compridas, a modo de terecenas, em que trabalhava muita cópia de gente, a fundir e apurar pastas de cobre, onde o tumulto e o estrondo que os martelos faziam eram tamanhos que se aí há coisa na terra que se possa parecer com o inferno, não deve ser outra senão esta. E para notarmos bem a causa desse tão desacostumado estrondo, nos pusemos a olhar donde procedia, e vimos que era de haver em cada uma dessas casas quarenta fornalhas, à razão de vinte por banda, com quarenta

bigornas muito grandes, em cada uma das quais malhavam oito homens a compasso, tão apressadamente que quase não davam lugar aos olhos para o enxergarem, assim que em cada uma dessas casas trabalhavam continuamente trezentos e vinte homens, que a essa razão em todas as doze casas vinham a montar três mil oitocentos e quarenta trabalhadores, fora outra muita gente que trabalhava noutra serviço.

E perguntando nós que soma era de cobre a que se lavrava ali cada ano, nos responderam que de cento e dez até cento e vinte mil picos, de que El-Rei tinha duas partes por serem as minas suas, e que a serra donde se tirava se chamava Coretumbagá, que quer dizer *rio de cobre*, porque, depois que se descobrira até então que havia mais de duzentos anos, nunca se pudera esgotar, mas antes se descobria cada vez mais.

Adiante dessas terrecenas, cerca de uma légua junto com o rio, num terreiro muito grande fechado com três ordens de grades de ferro, vimos trinta casas postas em cinco ordens, seis em cada ordem, as quais também eram muito compridas e muito bem acabadas, com grandes torres de sinos de metal e de ferro coado, e muitos labores de obra de talha, e com colunas douradas, e seus frontispícios de pedraria lavrados de muitas invenções. Aqui nesse terreiro saímos nós em terra com licença do chifu que nos levava, porque se tinha prometido a esse pagode, que se chamava Bigai Potim, que quer dizer o deus de cento e dez mil deuses, “Corchó fungané ginaco ginaca”, dizem eles, que quer dizer, forte e grande sobre todos os mais. Porque uma das cegueiras que esses miseráveis têm é terem para si que de cada coisa por si há um deus particular que a fez e lhe conserva seu ser natural, mas que esse Bigai Potim os pariu a todos pelos sovacos, e dele como de pai recebem o ser por uma união filial a que eles chamam Bijaparentesai. E no reino de Pegu, onde eu já estive algumas vezes, vi outro pagode semelhante a esse, a que os naturais da terra nomeiam por Ginocoginana,

deus de toda a grandeza, o qual edifício fizeram antigamente os chins quando senhorearam a Índia, que foi, segundo parece pela sua conta, desde o ano do Senhor, de mil e treze, até ao de mil e setenta e dois, pela qual conta se vê que a Índia esteve debaixo do império chim cinquenta e nove anos somente, porque o rei sucessor do que a conquistou, que se chamava Oxivagão, a largou por sua vontade, por entender quanto sangue dos seus lhe custava o pouco proveito que tirava dela.

Nessas trinta casas que atrás digo, estava uma muito grande quantidade de ídolos de pau dourados e outra tanta de outros de estanho, cobre, latão, ferro coado, e de porcelana, a qual quantidade de ídolos era tamanha que não me atrevo a pôr-lhe número.

Não teríamos daqui andado seis ou sete léguas adiante quando vimos uma grande cidade com os edifícios e muros todos por terra, a qual, ao parecer, teria mais de uma légua em roda. E perguntando aos chins pela causa daquela ruína, nos disseram que aquela cidade se chamara antigamente Cohilouzá, que quer dizer flor do campo, a qual em seu tempo fora muito próspera, e que haveria cento e quarenta e dois anos que ali viera ter um homem estrangeiro em companhia de uns mercadores do porto de Tanauçarim, do reino de Sião, o qual, segundo estava escrito em um livro de nome Toxefalém, que falava nele, parecia ser homem santo, ainda que naquele tempo pelas obras que fazia lhe chamavam os bonzas feiticeiro, porque em menos de um mês ressuscitara cinco mortos e fizera outras muitas maravilhas de que todos receberam grandíssimo espanto, e tendo por vezes os sacerdotes disputas com ele, os confundiu e envergonhou a todos de maneira que para não se verem com ele noutras altercações amotinaram o povo todo e lhe meteram em cabeça que se o não matassem os havia Deus de castigar com fogo do céu, pelo que incitado o povo pelo dito deles vieram todos a casa de um tecelão pobre, de nome Joane, onde este homem pousava, e matando o

tecelão e dois genros seus, e um filho, porque o quiseram defender, o santo homem veio chorando até eles e repreendendo-os de suas uniões causadas do seu mau viver, entre algumas coisas que então lhes disse, uma foi afirmar-lhes que o Deus em cuja fé se haviam de salvar se chamava Jesus Cristo, o qual viera do céu à terra para se fazer homem, e fora necessário morrer pelos homens, e que com o preço do seu sangue derramado na Cruz pelos pecadores, se houvera Deus por tão satisfeito em sua justiça, que entregando-lhe o poder dos céus e da terra, lhe prometera que a todos os que professassem sua lei com fé e obras, se lhe não negaria o prêmio que por isso era prometido, e que todos os deuses a que os bonzos serviam e adoravam com sacrifícios de sangue eram falsos, e figuras em que o demônio se metia para os enganar. O que, ouvindo os sacerdotes se acenderam tanto em cólera que bradando ao povo lhe disseram que maldito fosse o que não trouxesse lenha e fogo para o queimar, o que logo foi feito com muita presteza, e começando-se o fogo a atear com grandíssima fúria, ele lhes fez o sinal da cruz e lhes dissera umas palavras que lhes a eles não lembravam, mas que também estavam escritas, com que o fogo se apagara logo. E que vendo o povo tamanha maravilha, dera uma grande grita, dizendo todos: “Muito poderoso deve ser o Deus deste homem, e digno de ser reverenciado em toda a grandeza da terra.” O que, ouvindo, um daqueles bonzos que foram os principais naquele motim, e vendo que a gente se começava já a retirar pelo que tinha visto, atirou com uma pedra ao santo homem e disse: “Quem não fizer o que eu faço, a serpe da noite o trague no fogo” – a cujas palavras todos os outros bonzos fizeram o mesmo, de maneira que logo ali o mataram às pedradas, e, lançando-o no rio, a corrente de água se deteve tanto que em espaço de cinco dias que o santo corpo esteve no rio, nunca ele correu para baixo, com a qual maravilha seguiram então muitos a lei daquele homem, de que ainda havia por aquela terra, uma grande quantidade.

Enquanto esses chins nos foram contando isso, dobramos nós uma ponta de terra e vimos um terreiro pequeno cercado de árvores ao redor, em meio do qual estava uma cruz de pedra muito grande e muito benfeita, com cuja vista certifico em verdade que faltam palavras para dizer o que Deus Nosso Senhor ali nos deu a sentir; e pedindo nós todos de joelhos ao chifu que nos deixasse ir a terra a ver aquilo que aqueles homens nos diziam, o perro gentio se escusou dizendo que tínhamos longe o lugar onde havíamos de ir dormir, de que ficamos assaz desconsolados, mas como Deus Nosso Senhor por sua misericórdia nos quis fazer essa mercê quase milagrosamente, ordenou que tendo já caminhado mais de uma légua adiante, o qual se fazia à força de remo, e com assaz de trabalho, dessem naquela hora a sua mulher, que levava prenhe, tamanhas dores de parir que lhe foi forçoso tornar dali a arribar ao lugar que abaixo tínhamos deixado, que era uma aldeia de trinta ou quarenta casas, de nome Xifangau, junto de onde estava a cruz; e desembarcando ali em terra, tomou uma casa em que pôs a mulher, onde ao cabo de nove dias lhe morreu de parto.

Nós, entretanto, nos fomos todos ao lugar onde a cruz estava, e prostrados por terra com muitas lágrimas lhe fizemos nosso devido acatamento, de que os moradores da aldeia ficaram muito espantados, e correndo todos ao lugar onde nós estávamos se puseram também de joelhos, e levantando as mãos beijaram também a cruz muitas vezes, dizendo com voz entoada: “Cristo Jesus, Jesus Cristo, Maria micau vidau, late impone moudel”, que em nossa linguagem quer dizer “Cristo Jesus, Jesus Cristo, Maria sempre Virgem o concebeu, e Virgem o pariu, e Virgem ficou” – a que nós respondemos, sempre chorando, que assim era verdadeiramente. E perguntando-nos se éramos cristãos, lhes dissemos que sim, o que eles folgaram muito de ouvir e nos levaram a suas casas, e nos agasalharam com muito amor, os quais todos eram cristãos da progênie do tecelão em cuja casa o santo homem

pousava. Nós lhes perguntamos então pela certeza daquilo que os chins nos tinham dito, e eles nos relataram todo o processo desse negócio como se passara, e nos mostraram disso um livro impresso em que tratava de muito grandes maravilhas que o Senhor por aquele santo homem ali tinha obrado, o qual dizia que se chamava Mateus Escandel e que fora ermitão no monte Sinai, e dizia que fora húngaro de nação, de um lugar que se chama Buda. E conta-se no mesmo livro que nove dias depois de ser enterrado o santo homem, que foi naquele mesmo lugar onde ele então jazia, tremera aquela cidade de Cohilouzá onde ele fora morto, uma vez, tão rijamente que a gente do povo com grande temor que recebera fugira toda para o campo e se agasalhara em tendas, sem haver ninguém que ousasse entrar nas casas. A isso acudiram logo os bonzos para apaziguarem a união do povo, porque todo junto a uma voz dizia com grandes brados: “O sangue do santo homem estrangeiro há-de pedir vingança da morte que os nossos bonzos lhe deram porque falava verdade.” E repreendendo eles o povo por isso que dizia, lhes disseram que não dissessem aquilo que era grande pecado, nem houvessem medo, porque eles lhes prometiam pedirem todos ao Quiay Tiguarém, deus da noite, que mandasse à terra que não fizesse mais o que tinha feito, porque lhe não dariam esmolas. E com isso se foram todos os sacerdotes somente, em procissão à casa desse ídolo que era o principal, sem haver pessoa nenhuma do povo que quisesse ir com eles, por haverem medo de entrar na cidade. E dizem que estando a noite logo seguinte após esse tremor, todos esses ministros do demônio fazendo seus sacrifícios com fumos cheirosos e outras cerimônias costumadas entre eles, permitiu Nosso Senhor, por justo castigo de sua divina justiça, que, sendo quase as onze horas da noite, tornou a terra outra vez a tremer com tamanho ímpeto que templos, casas, muros, e todos os mais edifícios quantos havia na cidade vieram ao chão, onde foram mortos todos os bonzos sem um só

ficar vivo, que, segundo o livro afirma, passaram de quatro mil, e rebentando a terra em borbulhões de água se submergiu toda a cidade e ficou em um grande lago de mais de cem braças de fundo.

E nos contaram mais outras muitas particularidades muito estranhas que a todos causaram grandíssima admiração, e de então para cá se chamou Fiunganorsé, que quer dizer castigo do céu, chamando-se antes Cohilouzá, que, como já disse, quer dizer flor do campo.

DO QUE VIMOS DEPOIS QUE SAÍMOS
DE UMA CIDADE A QUE CHAMAVAM FUNQUINILAU

Partidos nós dessa cidade arruinada de Fiunganorsé, chegamos a uma cidade grande que se chamava Funquinilau, muito rica e abastada de todas as coisas, e de muita e muito nobre gente de cavalo e de pé, onde havia grandíssima multidão de embarcações, tanto de remo como juncos muito grandes. Nesta nos detivemos cinco dias porque nela quis o nosso chifu celebrar as exéquias da morte de sua mulher, pela alma da qual nos deu ali a todos de comer e de vestir, e nos libertou do castigo do remo, e nos deu liberdade para sairmos em terra quando quiséssemos, sem colares nem algemas, o que para nós foi muito grande alívio. E partidos daqui, seguimos nossa viagem pelo rio acima, vendo sempre de uma banda e da outra muitas e muito nobres cidades e vilas, e outras povoações muito grandes, cercadas de muros muito fortes e largos, com seus castelos roqueiros ao longo da água, fora muitas torres e casas ricas de suas gentílicas seitas, com campanários de sinos e coruchéus cobertos de ouro, e pelos campos havia tanta quantidade de gado vacuum que em algumas partes ocupavam distância de seis a sete léguas da terra, e no rio havia tamanho número de embarcações que em algumas partes onde havia ajuntamento de feiras se não podia alcançar com a vista, fora outros muitos magotes mais pequenos de trezentos, quinhentos e de mil barcos que a cada passo encontrávamos, tanto de uma parte como da outra, nas quais se vende toda a diversidade

de coisas a que se pode pôr nome. E muitos chins nos afirmaram que neste império da China tanta era a gente que vivia pelos rios como a que habitava nas cidades e nas vilas, e que, se não fosse a grande ordem e governo que se tem no prover da gente mecânica e no trato e ofícios com que os constroem a buscarem vida, que sem dúvida se comeriam uns aos outros, porque cada sorte de trato e de mercancia de que os homens vivem se divide em três e quatro formas, desta maneira: o trato das adens, uns tratam em botar os ovos de choco e criarem adinhos para venderem, outros em criarem adens grandes para matar e vender chacinadas, outros tratam da pena somente, e das cabidelas, e das tripas, e outros dos ovos somente, e o que trata de uma dessas coisas não há-de tratar da outra, sob pena de trinta açoites em que não há apelação nem agravo, nem valia, nem aderência que lhe possa valer; nos porcos, uns tratam em os venderem vivos por junto, outros em os matarem e os venderem aos arráteis, outros em os chacinarem e os venderem de fumeiro, outros em venderem leitões pequenos, outros nos miúdos de tripas, e banhas, pés, sangue, e fressuras; no peixe, o que vende o fresco não há-de vender o salgado, e o que vende o salgado não há-de vender o seco, e todas as outras coisas, tanto de carnes, caças, e pescados, como de frutas e hortaliças, se governam a esse modo. E nenhum dos que têm qualquer trato desses se pode mudar para outro sem licença da câmara, e só por causas justas e lícitas, sob pena de trinta açoites. Há também outros que vivem de venderem pescado vivo que têm em grandes tanques e charcos de água, dos quais carregam muitas embarcações de remo onde em paióis muito estanques o levam em viveiro para diversas terras dali muito longe. Há também ao longo deste grande Rio da Batampina, por onde fizemos este nosso caminho da cidade de Nanquim para a de Pequim, que é distância de cento e oitenta léguas, tanto número de engenhos de açúcar e lagares de vinhos e de azeites, feitos de muitas e muito diversas maneiras de

legumes e frutas, que há ruas dessas casas ao longo do rio, de uma parte e da outra, de duas e três léguas em comprimento, coisa decerto de grandíssima admiração. Em outras partes há muitos armazéns de infinidade de mantimentos, e outras tantas casas com terecenas muito compridas, em que chacinam, salgam, empezam e defumam todas as sortes de caças e carnes quantas se criam na terra, em que há rimas muito altas de lacões, marrãs, toucinhos, adens, patos, graus, batardas, emas, veados, búfalos, antas, badas, cavalos, tigres, cães, raposos, e toda a mais sorte de animais que a terra cria, de que todos estávamos tão pasmados quanto requeria uma tão nova, tão espantosa e quase incrível maravilha, e muitas vezes dizíamos que não era possível haver gente no mundo que pudesse acabar de gastar aquilo em toda a vida.

Vimos também neste rio grande soma de embarcações como fustas, a que chamam panouras, fechadas de popa e de proa com redes de canas como capoeiras, de três e quatro sobrados, de dois palmos de alto cada sobrado, cheias de adens que homens traziam para vender, os quais vão pelo rio acima a remo e a vela, ou como querem, vendendo essas adens que trazem como mercadoria. E quando veem que é tempo de lhes darem de comer, se chegam a terra, e onde o campo é mais brejoso e com algumas lagoas de água põem pranchas em terra e abrem as portas daqueles sobrados, e dando quatro pancadas num tambor, todas essas aves, que são de seis e sete mil para cima, com uma grande grita saem fora da embarcação e todas de corrida se vão meter no charco da água que está no campo.

E passado o espaço em que ao dono lhe parece que elas podem ter comido, torna a tanger o tambor, ao som do qual todas com a mesma grita se tornam a recolher à embarcação donde saíram, e cada uma vai demandar o seu sobrado, sem faltar uma só, e partindo dali se vai por seu caminho. E quando vê que é tempo para porem, se torna a chegar à terra, e onde vê o campo enxuto

e de boa relva abre as portas do sobrado em que as traz e torna a tanger no tambor, e em ouvindo saem todas à terra para porem. E passada uma hora de tempo ou aquele espaço em que lhe a ele parece pouco mais ou menos que elas podem ter posto, torna a tocar no tambor e elas se tornam logo muito depressa a recolher à embarcação, sem, como digo, ficar uma só no campo, e quando são recolhidas dentro da embarcação, o dono, com outros dois ou três que traz consigo, vão a terra com alcofas nas mãos, e chegando à relva onde as adens puseram, que está toda branquejada com os ovos, os recolhem nas alcofas e se tornam a embarcar, e não há dia em que não encham dez e doze alcofas, e com isso tornam a seguir seu caminho, vendendo essa sua mercadoria.

E quando já vêm a ter poucas adens e se querem reforçar de outras, as vão comprar a outra gente que também vive de as criar e vender, por junto, a esses regatões que as não podem criar como estoutros porque, como já disse, ninguém trata de mais que daquilo que lhe foi concedido por licença da câmara. E esses que vivem de criar essas adens têm junto das casas em que moram uns charcos de água em que trazem dez a doze mil adinhos, uns maiores e outros mais pequenos; e para tirarem os ovos, têm em umas casas como terecenas, muito compridas, vinte a trinta fornalhas cheias de esterco, e nele soterram duzentos, trezentos e quinhentos ovos juntos, e tapando as bocas das fornalhas para que o esterco esteja quente, os deixam assim estar até ao tempo que lhes parece que podem já estar para saírem, e metendo então em cada uma dessas fornalhas um capão meio depenado e ferido nos peitos, lhe tornam a cerrar a porta e dali a dois dias os tem o capão todos tirados fora, e então os põem debaixo de uns covãos que já para isso têm feitos, com seus farelos molhados dentro, e assim andam dez ou doze dias soltos, até que eles por si se vão meter nas lagoas em que se acabam de criar e se fazem grandes para os poderem vender a esses regatões que digo, que de veniaga os levam para diversas

terras, os quais, como já disse, os não podem criar como estoutros que lhos vendem, sob pena de serem açoitados, porque do que uns tratam não hão de tratar outros que tratem de outra coisa.

E tanto é isso assim que nas ruas, e praças ou lugares onde se vendem essas coisas de comer, se ao que vende ovos de adem, lhe acharem ovos de galinha, de que se presuma que os tem para vender, logo ali onde o tomam com a falsidade, lhe dão trinta açoites nas nádegas sem ser ouvido por nenhum caso; e se os quiser ter, para não cair na pena, há-de os ter meio quebrados por cima, para que pareça que os tem para seu comer, e isso que é de uns também é de outros, nem mais nem menos. E os que vendem peixe vivo também o hão-de ter em grandes tinas de água, preso com um junco pelos narizes, por onde o tome o comprador que o quiser ver de que tamanho é, para que o não apoplegue, nem suje, nem enxovalhe, e, se o tal peixe morre, o hão-de logo de fazer em postas e salgá-lo para o venderem pelo preço do salgado, que é menos alguma coisa.

É assim que ninguém sai do limite e da ordem que lhe é posta pelos conchalis do governo, que são como almotacéis, sob pena de serem logo por isso gravemente punidos, porque é nesta terra o rei tão venerado e a justiça tão temida que não há pessoa nenhuma, por grande que seja, que ouse a boquejar nem levantar os olhos para nenhum ministro de justiça, ainda que seja um upo de açoite, que são como algozes ou beleguins entre nós.

XCVIII

DE OUTRAS MUITAS DIVERSIDADES DE COISAS QUE VIMOS E DA ORDEM QUE SE TEM NAS CIDADES MOVEDIÇAS QUE SE FAZEM NOS RIOS, EM EMBARCAÇÕES

Vimos também ao longo deste grande rio por onde íamos, grande multidão de porcos, e sendeiros bravos e mansos, que homens a cavalo guardavam. E noutra parte, muitos bandos de veados mansos que homens de pé guardavam e os traziam a pascer, os quais veados todos eram mancos da mão direita para não poderem fugir, a qual manqueira lhes fazem em pequenos por correrem menos perigo. Vimos também muitos currais em que criavam grande soma de gosos para venderem aos marchantes, porque toda a sorte de carne se come nesta terra, e pelos talhos e preços se sabe de que sorte é. Vimos mais muitas barcaças cheias de leitões, e outras cheias de cágados, rãs, lontras, cobras, enguias, caracóis, e lagartos, porque tudo, como digo, se compra para se comer. E porque as coisas dessa qualidade são de menos preço, se permite aos que tratam delas tratarem de muitas sortes delas, porque a tudo se tem respeito; contudo se fazem certas franquezas mais numas coisas que em outras, para que não falte quem venda de tudo. E já que a ocasião de que vou tratando me dá licença para falar de tudo, direi o que mais vimos e de que nos não espantamos pouco, por vermos de quão baixas e quão imundas coisas lança mão a cobiça dos homens para seu proveito; e isso é que vimos outra muita gente que trata de comprar e vender o esterco dos homens, o qual entre eles não é de tão má veniaga que não haja muitos mercadores dela, muito honrados e ricos, e esse

esterco serve para esterçar as sementeiras em terras alqueivadas de novo, porque acham que é melhor que o que com um ente se usa. E os que compram isso andam pelas ruas tangendo em umas tabuinhas como quem pede para São Lázaro, e assim declaram o que querem comprar, porque não deixam de reconhecer quão sujo é seu o nome próprio, e quão mau para se apregoar pelas ruas. É tão boa essa veniaga entre eles que às vezes se vê num porto de mar entrarem numa maré duzentos e trezentos barcos a carregar dela, como nesta nossa terra entram urcas a carregar de sal, e ainda se lhes dá muitas vezes por repartição de almotaçaria, conforme a falta que dela há na terra, e por ser esse esterco tão excelente para as sementeiras, dá esta terra da China três novidades cada ano.

Vimos também muitas embarcações carregadas de cascas de laranjas secas que servem para nas tabernas se cozerem com a carne de cão para lhe tirar o mau cheiro que de si tem, e secar-lhe a umidade, e fazê-la mais tesa. Vimos também (como já disse) por este rio acima muitos vancões, lanteias e barças carregadas de quantos mantimentos a terra e o mar podem produzir, e isso em tanta abundância que realmente afirmo que não sei como nem com que palavras o possa contar, porque não se há-de imaginar que há dessas coisas a quantidade que há nestas terras que por cá se sabem, senão de cada coisa dessas por si há duzentas e trezentas embarcações, principalmente nos chandeus e feiras que se fazem nos dias dos seus pagodes, em que tudo é franco pelo grande concurso de gente que nelas se junta, e as casas desses pagodes, todas ou a maior parte delas, estão situadas à borda do rio para que o carroto das coisas fique menos trabalhoso e elas fiquem mais nobres e mais abastadas. E quando essas embarcações se juntam nessas feiras, se forma por elas uma cidade muito grande e muito nobre que ao longo da terra toma comprimento de mais de uma légua e quase de um terço de largo, em que há mais de vinte mil embarcações, fora os balões, e guedés, e manchuas, que não têm

conto por serem embarcações muito pequenas, e em que a gente negocia.

Nesta cidade, por ordem do aita da Batampina, que como já disse é o supremo presidente sobre todos os trinta e dois reinos desta monarquia, há sessenta capitães, trinta do governo da república desta cidade, e que têm o cargo de a porem por sua ordem, e ouvirem as partes de sua justiça, e outros trinta para guarda dos mercadores que vêm de fora, para que naveguem seguramente e sem receio de ladrões; e sobre esses todos há um chaém que na jurisdição do cível e crime tem mero e místico império, sem apelação nem agravo. E nos quinze dias que essas feiras duram, que é da lua nova até à cheia, é mais para ver a polícia e o concerto, e a nobreza desta cidade que está fabricada no rio em embarcações, que quantos edifícios há na terra, porque nela se veem duas mil ruas muito compridas e muito direitas, fechadas todas com embarcações de uma parte e da outra, e as mais delas com toldos de seda e muitos estandartes, guiões e bandeiras, e varandas pintadas de diversas pinturas, em cima das quais se vendem todas as coisas quantas se podem desejar; noutras, há todos os oficiais mecânicos de quantos ofícios há nas repúblicas; e pelo meio corre a gente que negocia em umas manchuas pequenas, muito pacificamente sem estrondo nem rebuliço nenhum. E se acaso se acha ladrão que furtasse alguma coisa, logo na mesma hora é castigado conforme o delito que cometeu. Logo que é noite, se fecham todas estas ruas com cordas que se atravessam de umas às outras, para que ninguém passe depois de o sino ser corrido. Em cada rua dessas há dez a doze lanternas acesas, postas em cima dos mastros para que se veja quem passa de noite, quem é, para onde vai, e o que busca, para que pela manhã se dê razão de tudo ao chaém, e essa quantidade de luminárias vista assim juntamente de noite é a mais formosa coisa e mais para ver de quantas se podem imaginar. Em cada rua dessas há um sino de vigia, e quando se

toca o da embarcação do chaém respondem os outros todos a ele com tamanho estrondo de vozes que nos ficamos pasmados de ouvir uma coisa quiçá nunca imaginada dos homens, e de tanto concerto e tão bom regimento. Em cada uma dessas ruas, até nas mais pobres, há casas de oração fabricadas sobre grandes barcaças, como galés, e muito limpas e bem-concertadas, com toldos cobertos de ouro, que servem de capela onde está o ídolo com seus sacerdotes que ministram os sacrifícios que a gente do povo oferece, de que todos têm assaz larga comedoria das ofertas e esmolas que lhes dão continuamente. A cada homem honrado ou mercador principal dessas ruas nobres lhe cai por distribuição uma noite de vigia com certos homens de sua quadrilha, fora os trinta capitães do governo que rondam por fora em balões muito bem equipados, para que não escape ladrão em nenhuma parte, os quais sempre andam bradando para que sejam ouvidos.

Entre algumas coisas notáveis que aqui vimos, foi uma rua de mais de cem embarcações carregadas de ídolos de pau, dourados, de muitas sortes, que se vendiam para se oferecerem nos pagodes, e, fora isso, pés, e pernas, e braços, e cabeças, que homens doentes compravam para oferecerem por sua devoção. Há também outras embarcações toldadas de seda, em que se fazem muitas farsas e muitos jogos de diversas maneiras, a que muita gente do povo concorre para seu passatempo. Há outras em que se vendem letras de câmbio para se passar dinheiro da terra para o céu, de que esses sacerdotes de Satanás lhes prometem muitos ganhos e interesses, e lhes afirmam que sem esses câmbios se não podem salvar por nenhuma via, visto ser Deus mortal inimigo dos que não dão esmola aos pagodes, e disso lhes dizem tantas mentiras e lhes pregam tantas patranhas que os coitados deixam muitas vezes de comer para lho darem.

Há outras embarcações carregadas de caveiras de defuntos em muita quantidade, que homens compram para que quando algum

morre lhas levem como oferta diante da tumba, porque dizem que assim como aquele defunto vai à cova acompanhado daquelas caveiras, assim a sua alma há-de entrar no céu acompanhada das escolas daqueles de quem foram aquelas caveiras, porque quando o porteiro do paraíso o vir lá com muitos criados lhe fará honra como a homem que cá nesta vida foi senhor de todos aqueles, porque se for pobre e não for acompanhado não lhe abrirão, e quanto cada um mais caveiras leva, tanto se julga por mais bem-aventurado. Há também outras embarcações em que os homens trazem grande soma de gaiolas com passarinhos vivos, e tangendo com os instrumentos musicais dizem em voz alta à gente que os ouve, que libertem aqueles cativos que são criaturas de Deus, a que muita gente acode a dar esmola, com o que resgata, daqueles cativos, os que cada um quer, e os lança logo a voar, e toda a gente, dando uma grande grita, lhes diz: “Pichau pitanel catão vacaxi”, que quer dizer: “Dize lá a Deus como cá o servimos.” Há outros homens que noutras embarcações trazem grandes panelas cheias de água em que trazem muitos peixinhos vivos que tomam nos rios, numas redes de malhas muito miúdas, e também da mesma maneira vêm bradando que libertem aqueles cativos por serviço de Deus, que são inocentes que nunca pecaram, a que também as gentes, dando sua esmola, compram daqueles peixinhos os que querem, e os tornam logo a lançar no rio, dizendo: “Vai-te embora, e lá dize de mim este bem que te fiz por serviço de Deus.” E essas embarcações em que essas coisas se trazem a vender não se hão-de cotar por menos soma que de cento e duzentas para cima, e outras muitas de outras coisas em muito maior quantidade.

DAS MAIS COISAS QUE VIMOS NESTA CIDADE,
E DE OUTRAS ALGUMAS QUE HÁ NA CHINA
EM OUTRAS PARTES

Vimos também umas barcaças em que vêm homens e mulheres tangendo em vários instrumentos para darem músicas a quem os quiser ouvir, e só por isso vêm a ser muito ricos.

Há também outros homens que trazem as embarcações carregadas de cornos que os sacerdotes vendem para se darem banquetes no céu, os quais dizem que foram de animais que se ofereceram em sacrifícios aos ídolos, por devoções e votos que homens fizeram por infortúnios em que se acharam, ou por enfermidades que tiveram, porque dizem que assim como a carne daqueles animais se deu cá aos pobres da terra pelo amor de Deus, assim também a alma daquele por quem se oferece aquele corno come no outro mundo a alma daquele mesmo animal de quem foi aquele corno, e convida outras almas suas amigas, como cá na terra os homens costumam fazer uns aos outros.

Vimos também muitas embarcações toldadas de dó, com suas tumbas, e tochas, e círios, e mulheres que choram por dinheiro, para enterrarem a gente que morre quão honradamente cada um quiser ir acompanhado ou chorado. Há outros que se chamam pitaleus, que trazem em barcaças muito grandes, muitas invenções de animais bravos muito para ver e temer, em que entram cobras, serpentes, lagartos muito grandes, tigres, bichos e outros muitos de diversas maneiras, que também com tangeres e bailos

mostram, por dinheiro. Há outros que trazem grande soma de livros que contam histórias e dão relação de tudo o que se quer saber, tanto da criação do mundo, em que dizem infinitas mentiras, como das terras, reinos, ilhas, e províncias que há no mundo, e das leis e costumes de cada uma delas, principalmente dos reis da China, quantos foram e o que fizeram, e os que fundaram as terras, e as cidades, e as coisas que aconteceram em cada um dos tempos. Estes fazem também petições e cartas, e dão conselhos como procuradores, e outras coisas a esse modo com que também ganham muito bem sua vida. Há outros que pelo mesmo modo vêm numas embarcações muito ligeiras, e com homens armados apregoando em altas vozes que quem se quiser satisfazer de quem o afrontou ou injuriou que venha ali falar com eles, e logo será restituído em sua honra. Há também outras embarcações em que vem grande soma de mulheres velhas que servem de parteiras e dão mezinhas para botarem as crianças, e fazerem parir ou não parir. Há outras embarcações em que vem grande soma de amas para crianças enjeitadas e outras crianças, pelo tempo que cada um quiser. Vimos também outras embarcações muito bem concertadas, em que vêm homens honrados e de muita autoridade com suas mulheres de aspecto grave e honroso, que servem de corretores de casamentos e consolar mulheres enlutadas por mortes de maridos e filhos, e outras coisas dessa maneira. Há também outras embarcações em que vem grande soma de cristaleiras, das quais muitas não são mal-assombradas. Há também outras embarcações em que vem grande soma de moços e de moças para se darem à soldada a quem delas houver mister, com suas fianças seguras. Há também outros homens mais graves a que chamam mongilotos, que compram demandas de coisas cíveis e crimes, e compram também escrituras e posses antigas, e conhecimentos de coisas sonegadas por aquilo em que se concertam com as partes. Há outros que vêm noutras embarcações que curam de

boubas, com darem suadouros, e curam também chagas e fístulas incuráveis. E enfim, para não me deter em particularizar todas as coisas que aqui se acham nesta cidade, porque seria não poder dar fim a esta história, direi somente que não há aí coisa de quantas na terra se possam pedir nem desejar que nessas embarcações se não achem por esse tempo, em muito maior quantidade do que tenho dito. E das mais cidades e vilas, e lugares que pela terra estão situados, não quero aqui dizer nada, porque pelo deste rio se julgará o mais, que tudo se parece um com o outro. E uma das coisas, antes a principal porque esta monarquia da China que contém em si trinta e dois reinos, é tão nobre, tão rica, e de tão grande tráfego e comércio, é porque é toda lavrada de rios e esteiros de admirável feição, muitos que a natureza fez, e muitos que os reis, os senhores e os povos antigamente mandaram abrir, para que toda a terra pudesse navegar e comunicar sem trabalho, dos quais os mais estreitos têm pontes muito altas e compridas e largas, de cantaria muito forte, feitas ao modo das nossas, e alguns que uma só pedra os atravessa de uma parte à outra, de oitenta, noventa e de cem palmos de comprido, e de quinze e vinte de largo, coisa decerto digna de grandíssimo espanto, e que quase se não deixa entender como uma tamanha pedra se possa aí inteira arrancar da pedreira, nem movê-la dela para se pôr no lugar onde estava.

Todos os caminhos e serventias das cidades, vilas, lugares, aldeias e castelos são de calçadas muito largas, feitas de muito boa pedraria, com colunas e arcos nos cabos delas, de muito rico feitio, com letreiros de letras douradas em que estão escritos grandes louvores dos que as mandaram fazer, e de uma banda e da outra têm poiais de muito custo para descansarem os caminhantes e gente pobre, e têm muitos chafarizes e fontes de água muito boa; e em lugares estéreis e pouco povoados, têm mulheres solteiras que de graça deem entrada à gente pobre que não tem dinheiro; e esse abuso e abominação a que eles chamam obra de misericórdia,

deixaram defuntos em capelas para descargo de suas almas, com terras, rendas, e foros aplicados a esses males, que eles têm para si que são bens. Houve também outros defuntos que deixaram rendas para que nos despovoados e nas charnecas haja casas em que se tenham grandes luminárias de noite, para que os que caminham não percam o tino de suas jornadas, e haja também vasilhas com água para eles beberem e casas para descansarem. E para não haver nisso falta, se buscam pessoas a quem dão muito bons ordenados, as quais se obrigam a terem essas coisas sempre muito bem preparadas, da mesma maneira que o instituidor o deixou ordenado por sua alma.

Dessas grandezas que se acham em cidades particulares deste império da China, se pode bem coligir qual será a grandeza dele todo junto, mas para que ela fique ainda mais clara, não deixarei de dizer (se o meu testemunho é digno de fé) que nos vinte e um anos que duraram os meus infortúnios, em que por vários acidentes de trabalhos que me sucediam, atravessei muita parte da Ásia, como nesta minha peregrinação se pode bem ver, em algumas partes vi grandíssima abundância de diversíssimos mantimentos que não há nesta nossa Europa, mas em verdade afirmo que não digo eu o que há em cada uma delas, mas nem o que há em todas juntas vem a comparação com o que há disso na China somente. E a esse modo são todas as mais coisas de que a natureza a dotou, tanto na salubridade e temperamento dos ares, como na polícia, na riqueza, no estado, nos aparatos, e nas grandezas das suas coisas, e para dar lustro a tudo isso há também nela uma tamanha observância da justiça, e um governo tão igual e tão excelente, que a todas as outras terras pode fazer inveja, e a terra a que faltar esta parte, todas as outras que tiver, por mais alevantadas e grandiosas que sejam, ficam escuras e sem lustro.

E quando alguma vez me ponho a cuidar no muito que vi disso nas partes da China, por uma parte me causa grandíssimo

espanto ver com quanta liberalidade Nosso Senhor repartiu com esta gente dos bens da terra, e por outra me causa grandíssima dor e sentimento ver quão ingrata ela é a tamanhas mercês, pois há entre ela tantos e tamanhos pecados com que continuamente o ofende, tanto o das suas bestiais e diabólicas idolatrias, como também o da torpeza do pecado nefando, porque este não somente se permite entre eles publicamente, mas, por doutrina dos seus sacerdotes, o têm por virtude muito grande. E das particularidades que há nisso se me perdoe não falar aqui mais largamente, porque nem o entendimento cristão o sofre, nem a razão consente que se gaste tempo e palavras em coisas tão torpes, tão brutas, e tão abomináveis.

COMO CHEGAMOS À CIDADE DE NANQUIM,
E DA PRISÃO EM QUE NOS METERAM,
E DO QUE NELA PASSAMOS

Partindo nós desta tão rara e tão espantosa cidade, navegamos tanto tempo pelo rio acima até que foi domingo, nove dias de outubro do ano de 1542. Chegamos à grande cidade de Pequim, para onde, como já disse, íamos remetidos por apelação. E assim presos como íamos, de três em três, nos meteram em uma prisão que se chamava Gofanjauserca, na qual como boa entrada nos deram logo a cada um trinta açoites de que estivemos alguns dias bem maltratados. E quando o chifu, que era o alcaide a quem íamos entregues, apresentou na pilanga do aitau, que é a sua relação, o processo da nossa sentença, assim fechada com os doze sinetes de lacre como em Nanquim lha entregaram, os doze conchalis da mesa do crime, a quem por distribuição foi levado o conhecimento da causa, nos mandaram logo à prisão onde estávamos, um destes doze, com dois escrivães e seis ou sete ministros a que chamam upos, o qual em chegando nos fez grandes medos e ameaços, dizendo:

– Eu, pelo poder e autoridade que tenho do aitau da Batampina, supremo presidente da casa dos trinta e dois da gente estrangeira, em cujo peito se encerra o segredo do leão coroado no trono do mundo, vos admoesto e mando da sua parte que me digais que gente sois, e o nome da terra em que nascestes, e se tendes rei que por serviço de Deus e pela obrigação do cargo que tem, se incline aos pobres e lhes guarde inteiramente sua justiça, para que não

clamem com as mãos levantadas e com lágrimas nos seus olhos, ao Senhor da formosa pintura, de cujos pés são alparcas todos os limpos que com ele reinam.

Nós lhe respondemos que éramos estrangeiros naturais do reino de Sião, e que vindo para o porto de Liampó com nossas fazendas nos perdêramos no mar com uma grande tormenta, de que nos salváramos nus e descalços, sem coisa alguma sobre nossas carnes, e que assim nos fôramos pedindo de porta em porta até chegarmos ao lugar de Taypor, onde o chumbim que aí residia nos prendera sem causa e nos mandara à cidade de Nanquim, na qual por seu dito fôramos condenados a açoites e a nos cortarem os dedos, sem nos ouvirem de nossa justiça, pelo que postos os olhos no céu, pedíramos com lágrimas aos vinte e quatro da austera vida que por zelo de Deus houvessem dó de nosso desamparo porque éramos pobres e sem valia nenhuma, ao que eles logo, com zelo santo acudiram com muita presteza, fazendo avocar a causa àquele juízo a que éramos trazidos, pelo que lhe pedíamos que por serviço de Deus visse bem nosso desamparo e quanta sem-razão nos era feita por não termos valia na terra, nem quem por nós falasse uma só palavra.

E ele, depois de estar um pouco calado, respondeu:

– Não é necessário dizerdes mais. Basta serdes pobres para que isso concorra por outra via diferente da que correu até agora. Mas eu, pelo ofício que tenho, vos dou de espaço cinco dias, conforme a lei do terceiro livro, para que façais vossos procuradores que requeiram vossa justiça, e por meu conselho deveis fazer petição aos tanigores do santo ofício, para que eles por zelo da honra de Deus tomem a seu cargo vossos trabalhos.

Então nos deu um tael de esmola e nos disse:

– Guardai muito bem o vosso, dos moradores desta prisão, porque sabeis que têm mais por ofício roubarem o alheio que reparti-rem do seu com os necessitados.

E entrando daqui para outra grande casa onde estava uma grande quantidade de presos, lhes fez ali audiência por espaço de mais de três horas, por fim da qual mandou fazer execução de pena de morte em vinte e sete homens que já nos dias atrás estavam sentenciados, os quais todos morreram a açoites, com a qual vista ficamos tão assombrados e tão cortados de medo que quase de todo perdemos o juízo.

E quando ao outro dia foi manhã clara, nos meteram a todos numa corrente, com colares ao pescoço e algemas nas mãos, que nos deram assaz de trabalho. E havendo já sete dias que passávamos esse grande tormento, jazendo deitados a um canto uns sobre os outros, lamentando com assaz de lágrimas nossa desventura, e com bem grande receio de padecer-nos cruéis mortes se por algum caso se viesse a aventar o que tínhamos feito em Calemplui, quis Deus que acertaram de vir os quatro tanigores da casa da misericórdia que corresponde a esta prisão, a que na sua língua chamam Gofilem guaxi, com cuja entrada todos os presos se baquearam dizendo com voz a modo de entoada:

– Bendito seja este dia em que Deus nos visita por mão dos seus servos.

Ao que eles, com semblante grave e modesto, responderam:

– E a sua mão poderosa e divina que fabricou a formosura da noite vos tenha em si como tem aqueles que sempre choram os males do povo.

E chegando aonde nós estávamos, nos perguntaram com palavras corteses que homens éramos ou por que causa fazíamos mais sentimento por estarmos presos, que os outros? – a que respondemos chorando que éramos uns pobres estrangeiros tão desamparados de todos os homens que nenhum havia naquela terra que nos soubesse o nome; e que o mais que lhes podíamos dizer da nossa pobreza para lhes pedirmos que por Deus se lembrassem de nós, o veriam naquela carta que trazíamos para eles, da cidade

de Nanquim, da mesa da irmandade da casa do Quiay Hinarel. E dando-lha então Cristóvão Borralho, eles a tomaram com uma nova cerimônia de grande cortesia, dizendo:

– Louvado seja o que tudo criou, pois se quer servir de pecadores na terra para por isso lhes fazer a fêria do seu pagamento no derradeiro dia de todos os dias, com lhes pagar o seu jornal tanto por inteiro nas riquezas dos seus santos tesouros, que segundo temos, para nós será em tanta multiplicação como as gotas que as nuvens do céu têm lançado em toda a terra.

Um desses quatro meteu a carta no seio e nos disse que quando se apresentassem na mesa do remédio dos pobres nos responderiam e nos proveriam de todo o necessário; e com isso se despediram de nós. Três dias passaram que não vieram visitar a prisão, e ao quarto pela manhã tornaram a vir, e fazendo-nos, por um rol que traziam, muitas perguntas, lhes respondemos a todas conforme ao que cada uma dizia, das quais respostas eles ficaram muito satisfeitos. E mandando chamar o escrivão que tinha a nossa apelação, se informaram dele muito miudamente, e lhe pediram conselho no modo que teriam em requerer nossa justiça, e fazendo por irem as coisas que faziam para bem do nosso direito, disseram que lhes deixasse levar o feito, porque o queriam ver todos juntos na mesa com os procuradores da casa, e que ao outro dia lho tornariam a dar na mão para o levar ao chaém, como estava determinado.

CI

DO QUE MAIS SE PASSOU NESTE NOSSO NEGÓCIO
ATÉ O FEITO IR CONCLUSO SOBRE FINAL

Para não me deter em contar miudamente tudo o que se faz neste nosso negócio, até o feito ir conclusivo sobre final, em que se passaram seis meses e meio, nos quais sempre estivemos presos passando assaz de trabalhos, direi brevemente o que mais sucedeu até de todo este feito ser sentenciado, o qual correndo perante os doze conchalis da mesa do crime, que são (falando ao nosso modo) os desembargadores e juízes das apelações e das revistas com alçada suprema, os dois procuradores dessa casa da misericórdia que por nós faziam, tomaram muito a cargo fazerem revogar a injusta sentença que contra nós fora dada. E fazendo anular o que sobre isso era processado, vieram dizendo por nossa parte numa petição que fizeram ao chaém, que era o supremo dessa relação, que por nenhum caso podíamos ser condenados em pena de sangue, visto não haver testemunhas dignas de fé que nos vissem claramente roubar o alheio, nem sermos achados com armas nenhuma, como pela lei do primeiro livro era defeso, senão nus e descalços como pobres perdidos que verdadeiramente éramos, pelo que parecia que a nossa pobreza e desamparo eram mais dignos de um piedoso respeito que daquele rigor com que os primeiros ministros do braço da ira tinham executado em nós a pena dos açoites, e que da culpa e inocência nossa, só Deus era claro juiz, da parte do qual lhe requeriam uma e duas e muitas vezes que olhasse e

que era mortal, e que a sua natureza era acabar em breve tempo, que por Deus lhe era dada a vida da carne, no fim do qual havia de dar conta daquelas coisas que eram ditas e requeridas, pois se tinha obrigado por juramento solene a fazer tudo o que o seu claro juízo entendesse muito inteiramente, sem respeitos nenhuns mundanos, perturbadores do fiel da balança, cujos pesos o mesmo Deus tinha afilados na inteireza da sua divina justiça.

Dessa petição se mandou dar vista ao promotor da justiça, que era o que requeria contra nós, o qual veio dizendo nuns artigos que fez que ele provaria por testemunhas de vista, tanto naturais como estrangeiras, que nós éramos públicos ladrões, roubadores das fazendas alheias e não mercadores como dizíamos, porque se viéssemos de bom título à costa da China, e com tenção de pagarmos os direitos a El-Rei nas suas alfândegas, que nós nos meteríamos nas colheitas dos portos onde elas estavam postas por ordem do aita do governo, mas que, por andarmos como corsários de ilha em ilha, permitiria Deus, a quem os males e roubos eram aborrecidos, que nos perdêssemos, para por isso sermos presos pelos ministros da sua justiça, para conforme a ela colhermos o fruto de nossas más obras, que era a pena de morte que por elas merecíamos, conforme a lei do segundo livro em que isso especificamente se declarava, e que, ainda que o mesmo direito por alguns outros respeitos que em nós não havia, nos relevasse da pena de morte, todavia por sermos estrangeiros e gente sem lei, em que não havia claro conhecimento de Deus, para por seu amor ou temor deixarmos de nos ocupar em muitos, maus e perversos exercícios, isso só bastava para que ao menos fôssemos condenados a nos cortarem as mãos e os narizes, e nos degredassem para sempre para os lugares de Ponxileitai, onde era costume lançarem-se os do nosso ofício, como mostraria por muitas sentenças que já sobre

esse caso foram dadas, e executadas, pelo que requeria que lhe recebessem esses artigos a que esperava dar prova no termo que lhe fosse assinado.

Esses artigos foram contrariados pelos procuradores da mesa do remédio dos pobres, que agiam por nossa parte, no termo que lhes foi posto, por outras muitas razões alegadas em nosso favor, requerendo por algumas vezes que lhes não recebessem esses artigos, visto serem muito difamatórios e fora da ordem que o direito mandava. A que o chaém saiu com despacho que lhe recebia os artigos contanto que os provasse por testemunhas claras e tementes a Deus, dentro dos seis dias da ordenação, sob pena de lhe não ser dado mais tempo ainda que o pedisse, visto ser contra pobres a quem a necessidade muitas vezes obrigava a tomarem o alheio, mais para remediarem suas faltas que para cometerem algum pecado.

Passados os seis dias que lhe foram assinados, em que não provou contra nós coisa alguma nem achou pessoa que nos conhecesse, veio pedindo mais outros seis dias que lhe não foram concedidos por ser contra pobres por quem a casa de Deus pugnava com muita despesa, mas que para escusar prolongamentos de razões forjadas somente para dilatar, lhe mandava que logo arazoasse em final, visto ser lançado por justa causa dos mais dias que viera pedindo. E que aos procuradores do desamparo dos pobres se desse também vista, para que no termo cinco dias que lhe foram assinados alegassem por nossa causa o que fosse direito. O promotor arrazoou contra nós em quatro artigos tão difamatórios e por palavras tão descorteses que o chaém se afrontou de as ver. E sentindo-se muito do mau ensino e desconcerto delas, lhas mandou logo riscar todas e saiu com um despacho que dizia:

– Antes de sentenciar esta causa, condeno o promotor da justiça em vinte taéis de prata para o remédio destes estrangeiros, visto não provar coisa alguma do que contra eles veio dizendo, e por

esta primeira vez seja suspenso do seu ofício até o tutão prover nisso, e seja avisado que daqui por diante não articule por tão má maneira, nem por palavras tão desconcertadas, sob pena de pela segunda vez ser castigado conforme ao direito determinado pelos chaéns, que está aceitado na casa do filho do Sol, leão coroado no trono do mundo. E sendo satisfeito a isso, em termo de três dias primeiros seguintes, me torne a esta mesa com as mais razões que ambas as partes por si quiserem apontar.

Ao outro dia, logo em sendo manhã clara, os quatro tanigores da irmandade que visitavam a prisão aquela semana nos mandaram chamar à enfermaria onde estavam repartindo o comer dos doentes e nos deram conta do bom despacho que era saído, com esperanças de boa sentença, e nós nos baqueamos todos aos seus pés, dizendo com muitas lágrimas que Deus lhes pagasse o muito trabalho que por nós tinham levado, com lhes dar por isso o galarção que pretendiam, a que um deles respondeu:

– E a vós todos conserve no conhecimento da sua lei, em que consiste o prêmio dos bons.

Então, nos mandou dar duas colchas para nos cobrirmos de noite, porque padecíamos grandíssimo frio, e nos disse:

– Tudo o que houverdes mister nos pedi, porque Deus Nosso Senhor não costuma ser avarento no dar das suas esmolas.

Nesse momento chegou a nós o escrivão do feito e nos publicou o despacho com que o chaém saíra o dia antes, e nos deu os vinte taéis de prata em que o promotor da justiça fora condenado, e nos fez assinar a todos um termo que ali continuou. Nós lho agradecemos com muitas palavras e lhe pedimos que tomasse deles o que quisesse, porém ele o não quis aceitar, dizendo:

– Não troco eu por tão pouco o merecimento que posso ter com Deus por vosso respeito.

CII

DO QUE NOS RESPONDERAM ESTES PROCURADORES DOS POBRES, PEDINDO-LHES NÓS QUE FALASSEM POR NÓS AO CHAÉM QUE TINHA EM SUA MÃO O NOSSO FEITO PARA O SENTENCIAR

Doze dias esteve este nosso negócio calado sem se falar no feito, no fim dos quais, vindo uma manhã esses quatro da irmandade de visitar os enfermos da casa, nós lhes pedimos com muita instância que quisessem falar por nós ao chaém, que então já tinha o nosso feito na sua mão já conclusivo para o sentenciar, visto sermos tão desamparados e tão pobres como eles sabiam; da qual nossa petição se escandalizaram eles muito, e nos disseram:

– Se vós outros fôsseis naturais e não estrangeiros, isso só bastava para vos riscarmos da obrigação que a casa vos tem, e nunca mais darmos passada em vossos negócios, mas a vossa ignorância e simplicidade nos farão dissimularmos agora esta vossa fraqueza, porque crede que quem isso comete não é digno das esmolas de Deus.

E ficando nós um pouco sobressaltados com essa resposta, e quase corridos do modo com que no-la disseram, lhes pedimos perdão, dizendo que na nossa ignorância nos desculpava, tanto para com Deus como para com eles. Um deles então olhando para os outros, lhes disse:

– Quiçá que não têm estes homens tão pouca razão no que agora apontaram, quão pouca nós tivemos em os escandalizarmos, porque pode bem ser que se costume isso entre eles, porque assim como por serem bárbaros carecem do perfeito conhecimento da

nossa verdade, assim também não será muito terem entre eles tão pouca consciência os ministros da justiça, que seja necessário às partes fazerem mais caso da atenção para com eles, que do direito que tiverem nas suas causas.

Nós, soando-nos isso bem nas orelhas, lhes dissemos:

– Senhores irmãos, já que em tudo usais virtude em vosso ofício, vos pedimos muito que nos digais: qual foi a causa por que vos escandalizastes tanto de vos pedirmos uma coisa que a nós nos parecia ser tão justa e tão necessária ao nosso desamparo quanto vós estais vendo?

A que um que parecia de mais autoridade respondeu:

– Muita razão é que nos façais lembrança nessa coisa que tanto vos toca para que nos apliqueis a fazermos as diligências necessárias em menos tempo, para que se conclua mais brevemente vossa soltura, mas não é razão que nos peçais que falemos ao julgador com tenção de por nosso respeito fazer ele o que não deve em seu ofício, porque será dar-lhe motivo de pecar contra Deus e ir ao Inferno, e nós ficarmos sendo mais propriamente servos do Diabo que ministros do remédio dos pobres; e se dizeis que tendes justiça para que se vos olhe por ela, isso se há-de ver no feito por onde a casa se há-de julgar, e não pelo que outrem de fora possa lembrar, porque as controvérsias e diferenças sobre que se armam as demandas entre os litigantes nunca se averiguum bem com réplicas e tréplicas desnecessárias, nem com libelos e contrariedades fora de ordem, arguidos mais para escurecer e entreter a justiça a quem a tem, que para aclarar e dar-lhe execução, porque tudo isso são invenções de alguns trapaceiros a que as tristes partes chamam procuradores, mas averiguum-se com provas, e de testemunhas tementes a Deus, nas quais o julgador se funda, se faz o que deve, e por elas julga o que com razão se deve julgar. E se na vossa terra, irmãos meus, se não usa isso, deveis todos andar muito receosos do castigo do céu, porque Deus lá não tem noite em que lhe seja

necessário cerrar os olhos para dormir, como cá fazem os reis da terra, os quais estão tão sujeitos a todas as imperfeições dela, como qualquer de nós outros, pois são homens como nós. Pelo qual vos aconselho, amigos meus, que a atenção que pretenderdes em vossos trabalhos, seja pordes os olhos humildemente nos céus, porque de lá vos há-de vir a sentença de vossa soltura e o perdão das culpas que se vos põem, e nós vos ajudaremos como bons amigos, se Deus for servido de nos ouvir.

Então nos deram nossa ração ordinária e se foram a visitar outros pobres que estavam doentes na enfermaria, de que continuamente nesta prisão havia grande quantidade.

COMO NOS LEVARAM DAQUI À CASA DA JUDICATURA DO CRIME, A OUVIRMOS PUBLICAR A NOSSA SENTENÇA, E DO APARATO E MAJESTADE COM QUE OS OFICIAIS ESTÃO NESTA CASA, E DAS CERIMÔNIAS QUE SE GUARDAM NELA

Nove dias havia já que com assaz de receio estávamos esperando a publicação da nossa sentença, quando um sábado pela manhã nos vieram buscar à prisão dois chumbins da justiça, que são, como já disse, os meirinhos da execução do crime, acompanhados de vinte ministros a que também já disse se chamavam upos, com alabardas e chuças, e barretes de malha, e outras coisas a esse modo, que os faziam temerosos à vista, os quais nos meteram em assaz de medo e agonia, e rodeando-nos a todos nove numa corrente de ferro muito comprida nos levaram ao Caladigão, que era a casa da audiência, e onde se fazia a execução dos padecentes, com a qual ida ficamos de maneira que afirmo em verdade que não sei dar razão que declare bem o que então passamos porque naquela hora íamos tais que nenhum de nós sabia por onde ia, mais que conformarmo-nos com a vontade de Deus Nosso Senhor e pedirmos-lhe com muitas lágrimas que pelas dores da sua sagrada paixão nos recebesse a pena daquela justiça em satisfação dos nossos pecados. E em alguns passos onde o medo nos representava mais a terrível pena de cruel morte, nos púnhamos todos em joelhos abraçados uns com os outros, e lhe pedíamos misericórdia, de que os chins se espantavam grandemente. E chegando enfim com assaz de trabalho e afronta de grita de muitos rapazes ao primeiro pátio do Caladigão, onde estavam os vinte e quatro algozes a quem eles chamam ministros do braço

da ira, com outra muita gente do povo que ali era junta para seus requerimentos, estivemos um grande espaço até que se tangeu um sino e se abriram outras portas que estavam debaixo de um grande arco de cantaria, lavrado de muitos entretalhos e pinturas ricas, em cima do qual estava um monstruoso leão de prata com os pés e mãos sobre um mapa feito do mesmo, redondo e muito grande, que significa as armas dos reis da China, que comumente estão postas nas frontarias de todas as relações supremas em que assistem os chaéns da justiça, que entre nós são como vice-reis.

E abrindo-se, como digo, essas portas, toda a gente entrou de roldão em uma grande casa à maneira de igreja, pintada toda de alto a baixo, de diversas pinturas e estranhos modos de justiças que algozes de gestos medonhos e espantosos faziam em todo o gênero de gente, e com letreiros ao pé de cada uma das pinturas que diziam: “Por este tal caso se dá este tal gênero de morte”, de maneira que na diversidade dessas horrendas pinturas em que se punham os olhos se declarava o gênero de morte que se devia a cada gênero de culpa, e o grandíssimo rigor de justiça com que as leis ordenavam essas tais mortes. Na frontaria dessa casa atravessava outra, como cruzeiro, muito mais rica e de muito maior custo, toda coberta de ouro, em cuja vista os olhos se puderam ocupar com muito gosto, se nós o pudéramos então ter de alguma coisa.

No meio dessa casa estava uma tribuna de sete degraus fechada em roda com três ordens de grades de ferro, e latão, e pau preto, com troços marchetados de madrepérola, e por cima um dossel de damasco branco franjado de ouro e verde, com umas rendas muito largas do mesmo, debaixo do qual estava o chaém com grande aparato e majestade, sentado numa rica cadeira de prata, uma mesa pequena diante de si, com três meninos ao redor sentados em joelhos, ricamente vestidos e com cadeias de ouro

aos pescoços, um dos quais, que estava no meio, servia para dar a pena ao chaém, com que assinava, e os dois dos cabos tomavam as petições aos requerentes e as apresentavam na mesa para se lhes dar despacho. À mão direita, em outro lugar mais alto, quase igual ao do chaém, estava um moço mais pequeno que parecia de dez ou onze anos, vestido de cetim branco coberto de rosas de ouro, e ao pescoço um rico fio de pérolas que lhe dava três voltas, e os cabelos muito compridos como de mulher, trançados com uma fita de ouro e carmesim, com sua guarnição de pérolas de muito preço, e nos pés umas alparcas de ouro e verde guarnecidas por cima de aljofre grosso, e na mão, por divisa e por demonstração do que representava, tinha um ramo pequeno de rosas de seda e fio de ouro, e em partes pérolas muito ricas, e ele tão gentil-homem e bem-assombrado que qualquer mulher, por mais formosa que fosse, lhe não poderia levar vantagem.

Esse moço tinha o cotovelo encostado na cadeira do chaém, onde parecia que descansava o braço da mão em que tinha a insígnia, e este representava a misericórdia. À mão esquerda, pelo mesmo modo estava outro menino também muito formoso e riquissimamente vestido com umas vestiduras de cetim carmesim com rosas de ouro espalhadas por elas, o qual tinha o braço direito arregaçado e tinto de vermelhão que parecia como sangue, e na mão direita tinha um rico treçado nu, também tinto do mesmo vermelhão, e na cabeça uma coroa a modo de mitra, guarnecida toda de navalhinhas com lancetas de sangrar, o qual ainda que em tudo se via muito rico e bem-assombrado, todavia estava assaz temeroso pela insígnia de que estava acompanhado, e este representava a justiça, porque dizem eles que ao julgador que está em pessoa do rei, o qual representa Deus na terra, é-lhe necessário ter essas duas partes de justiça e misericórdia, e que ao que não usa de ambas lhe vem o ser um tirano, sem lei, e usurpador da insígnia que traz na mão.

O chaém estava vestido com umas vestiduras de cetim roxo muito compridas, franjadas de ouro e verde, com um bentinho lançado ao pescoço (como frade) que tinha uma grande chapa de ouro no meio, na qual estavam esculpidas uma mão com uma balança, muito direita, e uma letra ao redor que dizia: “Peso, e conta, e medida, tem a natureza do alto Senhor em sua justiça, e por isso olha o que fazes, porque se pecares hás-de pagar para sempre sem fim”; na cabeça tinha uma coisa como barrete redondo de vergas de ouro, esmaltadas todas de verde e roxo, e em cima no cocuruto tinha um leão pequeno de ouro, posto com as mãos e pés sobre uma bola redonda também de ouro, de que o leão coroado, como já algumas vezes tenho dito, significa o rei, e a bola, o mundo, e pelas significações dessas insígnias se declara ser El-Rei, leão coroado sobre o trono do mundo; e tinha na mão uma vara de marfim muito alva, à maneira de cetro, de três palmos de comprido somente.

Em cima dos três primeiros degraus dessa tribuna estavam oito porteiros com suas maçãs de prata, em pé, e em baixo no chão, sessenta homens mogores, muito bem dispostos em duas fileiras, sentados em joelhos, com alabardas tauxiadas de ouro nas mãos, e na dianteira destas, em pé, como tenentes ou cabos de esquadra, dois gigantes fantásticos muito bem dispostos e ricamente vestidos, com seus terçados a tiracolo e alabardas muito grandes nas mãos, os quais os mesmos chins chamam em sua linguagem gigauhós.

Em ambas as quadras dessa tribuna, estavam duas mesas muito compridas, postas em baixo na casa, a cada uma das quais estavam sentados doze homens, dos quais quatro eram como juízes ou corregedores, dois escrivães, outros quatro procuradores, e outros dois conchalis, que são como desembargadores ou chançaréis, e uma dessas mesas com doze oficiais que tinha era do crime, e a outra com outros doze oficiais era do cível, e todos os oficiais

de ambas essas mesas estavam vestidos com umas vestes de cetim branco muito compridas e com mangas largas para mostrarem com isso a largueza e pureza da justiça. As mesas estavam cobertas com panos de damasco roxo, com franjas e rendas de ouro muito bem concertadas, e somente a mesa do chaém, por ser de prata, estava descoberta e não tinha mais que uma almofada pequena de brocado, em que estava um escritorzinho redondo que tinha o tinteiro e a poeira.

Cá fora, na outra casa grande, estavam os vinte e quatro algozes, a que eles, como já disse, chamam ministros do braço da ira, todos numa carreira postos por sua ordem. Por todas as outras partes, estava grande multidão de requerentes, todos em pé, somente as mulheres estavam sentadas em bancos. Junto às portas dessa casa, da banda de fora, estavam seis porteiros com maças de cobre, a que chamam upos. E todas essas coisas, vistas assim juntamente da maneira que em sua ordem estavam postas, representavam um grande ser e majestade, e o terrível aspecto dos ministros delas dava grandíssimo terror e espanto a quem punha os olhos neles.

E dando então quatro pancadas num sino, muito depressa, um dos dois conchalis se levantou em pé, e depois de fazer seu acatamento ao chaém disse em voz alta para que todos ouvissem: – Calar e ouvir com prontidão humilde, sob pena do castigo que pelos chaéns do governo está determinado, aos desinquietadores do silêncio da santa justiça.

E sentando-se este, se levantou outro, e com as mesmas cerimônias de cortesia subiu à tribuna onde estava o chaém, e, tomados os feitos da mão de um ministro que os trazia, os publicou em alta voz, um a um, com umas cerimônias tão prolongadas que gastou nisso mais de uma hora. E chegando à publicação da nossa sentença, nos fizeram a todos sentar em joelhos com as cabeças inclinadas ao chão e as mãos ambas levantadas como quem faz

oração, para com essa humildade a ouvirmos publicar, a qual dizia assim:

“Pitau Dilacor, novo chaém neste santo auditório da gente estrangeira, por vontade do filho do Sol, leão coroado no trono do mundo, ao qual todos os cetros e coroas de todos os reis que governam a terra são sujeitos, e postos debaixo de seus pés, por graça e vontade do mais alto dos céus. Mostrando em público a estes ouvintes o que determinei na apelação destes nove estrangeiros que da cidade de Nanquim me foi avocada a requerimento dos vinte e quatro da austera vida, por modo de agravo a eles feito, digo que pelo juramento que tenho neste cargo em que assisto pelo aita da Batampina, presidente sobre os trinta e dois que governam os povos de toda a grandeza da terra, que aos nove dias da sétima lua dos quinze anos da coroação do filho do Sol me foram apresentadas as culpas que deles me mandou o chumbim de Taypor, nas quais dizia serem eles ladrões roubadores das fazendas alheias, no qual ofício havia muito que gastavam as vidas, com ofensa grave do alto Senhor que tudo criou, e que sem temor seu se banhavam no sangue dos que lhes resistiam com justa razão, pelo qual crime foram condenados a pena de açoites e dedos cortados, de que nos açoites se fez logo execução, e querendo-se também fazer no cortar dos dedos vieram alegando por parte deles os procuradores dos pobres que eram mal condenados, visto não haver prova nenhuma do que fora posto contra eles, pelo que requeriam por sua parte que se perguntasse de novo testemunhas tementes a Deus e ao direito castigo da sua divina justiça, e os não julgassem por indícios de suspeitas incertas, a que foi respondido em ajuntamento de mesa que não era lícito tirar à justiça o seu nome. E queixando-se os que requeriam por ele, deste despacho, aos vinte e quatro da austera vida, por algumas causas muito justas, segundo se viu na petição que fizeram, foi logo por eles provido em seu desamparo, visto serem pobres e de nações tão estranhas a nosso parecer

que nunca se lhes soube terra própria em que nascessem, a cujo clamor piedoso foi respondido na mesa dos doze que remetiam a causa a este juízo, e correndo ela nele por seus termos ordinários o continão promotor da justiça lhes não provou nada do que alegou contra eles em suas razões, e somente disse que eram dignos de morte pela suspeita que deles se tinha. E como a santa justiça de respeitos limpos e agradáveis a Deus não aceita razões de partes contrárias sem haver prova clara do que dizem, pareceu-me não ser justo aceitar o libelo do promotor, pois não provava o que nele dizia; e querendo ele insistir no que tinha pedido, sem mostrar causas justas nem prova suficiente para o que requeria contra estes homens estrangeiros, foi condenado por vinte taéis de prata para o remédio deles, e riscadas em público suas razões por virem fundadas em mau zelo e inclinação e fora dos respeitos justos e agradáveis a Deus, cuja misericórdia sempre se inclina aos mais fracos da terra quando lhe choram, segundo parece pelos efeitos piedosos de sua grandeza. E mandando eu por meu despacho aos tanigores da santa irmandade, que por parte deles arrazoassem sobre final, eles o fizeram no termo que por mim lhes foi assinado. E sendo satisfeito por ambas as partes, conforme ao estilo deste juízo, mandei que me viesse o feito concluso para determinar nele, por minha sentença, o que fosse justiça. Pelo qual, vistas e consideradas bem todas essas coisas, não torcendo por nenhuns respeitos humanos coisa alguma do que diretamente se deve julgar, conforme à determinação das leis aceitadas pelos doze chaéns do governo, no quinto livro da vontade do filho do Sol, que neste caso, pela sua grandeza e realidade, se inclina mais ao clamor dos pobres que ao bramido dos inchados da terra, mando que estes nove estrangeiros sejam soltos de tudo o que contra eles requereu o continão promotor da justiça, sem lhes dar castigo nenhum de pena de crime, e somente os condeno a um ano de degredo para as obras de Quansi, onde trabalharão por seu mantimento. E

cumpridos os oito meses do ano que ficam pela justiça, mando ao chumbim, e aos conchalis, e monteus, e todos os mais ministros do seu governo a que esta minha sentença for apresentada, que logo lhes passem carta segura para que livremente se possam ir à sua terra ou onde for mais sua vontade.”

Acabada de publicar esta sentença, estando nós todos nove sempre em joelhos e com as mãos levantadas diante do chaém, e com outras muitas cerimônias que os ministros nos ensinavam, dissemos alto, que todos o ouviram:

– Confirmada é em nós a sentença do teu claro juízo, assim como a limpeza do teu coração apraz ao filho do Sol.

Dito isso, se levantou um conchali dos doze da mesa, e, fazendo sua cortesia ao chaém, disse muito alto por cinco vezes à gente que estava no auditório, que era muita:

– Há porventura algum nesta casa, ou nesta cidade, ou neste reino, que tenha embargos a esta sentença, ou duvida de se soltarem estes nove presos?

E não lhe respondendo ninguém a todas as cinco vezes, os dois moços que representavam a justiça e a misericórdia se tocaram ambos com as insígnias que tinham nas mãos e disseram com uma entoada: “sejam livres e soltos, conforme a sentença que justamente se deu”.

E dando logo um daqueles ministros, que chamam upos, três pancadas no sino, os dois chumbins da execução que nos trouxeram presos nos soltaram da corrente em que vínhamos metidos, e nos tiraram as algemas das mãos, e os grilhões dos pés, e os colares dos pescoços, de maneira que de todo ficamos soltos e demos por isso muitas graças a Nosso Senhor Jesus Cristo, porque sempre nos pareceu que padecêssemos por justiça de algumas más presunções que se tinham de nós.

Daqui nos tornaram então soltos à prisão, onde se fez um assento no livro da carceragem, em que esses chumbins ambos

assinaram, e nós todos com eles, tanto para o carcereiro ficar desobrigado, como para nós ficarmos obrigados a ir cumprir nosso degredo dentro de dois meses, sob pena de ficarmos cativos de El-Rei, conforme as suas ordenações. E querendo nós logo ir a pedir esmola pela cidade, o chifu que era o guarda desta prisão nos disse que esperássemos até ao outro dia, que nos recomendaria aos tanigores da irmandade para que nos proovessem com alguma esmola.

DO QUE PASSAMOS COM OS TANIGORES DA IRMANDADE,
E DO QUE ELAS FIZERAM POR NÓS

Logo ao outro dia pela manhã vieram estes quatro tanigores da irmandade, de visitar a enfermaria desta prisão, como tinham por costume, e nos deram os parabéns da nossa boa sentença, com mostras de terem disso muito contentamento, o que lhes nós agradecemos com muitas palavras misturadas com algumas poucas de lágrimas que nos eles tiveram a bem, e nos disseram que nos não agastássemos pelo tempo do nosso degredo ser cumprido, porque do ano em que pela sentença fomos condenados não tínhamos para cumprir mais que só oito meses, porque dos quatro que eram a terça parte da pena nos fazia El-Rei esmola pelo amor de Deus, visto sermos pobres, porque se fôramos ricos e poderosos não tínhamos esmola nem favor nenhum; e que eles nos fariam logo pôr nas costas da sentença o passe desse perdão; e também iriam falar a um homem honrado que estava despachado como capitão e monteu de Quansi, que era o lugar do nosso degredo, para que nos favorecesse e nos mandasse pagar o tempo que lá residíssemos, porque era bem inclinado e amigo dos pobres, pelo que lhes parecia bem irmos com eles a casa porque quiçá nos tomaria logo à sua conta e nos mandaria agasalhar em alguma pousada, como fazia a outros muitos que levava consigo, já que não tínhamos quem nos conhecesse naquela terra, o que todos lhes agradecemos muito, dizendo que Deus lhes pagasse aquela esmola que por seu amor nos faziam.

E com isso nos fomos logo todos com eles a casa do monte, o qual os veio receber ao terreiro de fora, trazendo para mais honra, ou para mais cerimônia, sua mulher pela mão. E logo que os viu, se lançou a seus pés, dizendo:

– Já agora, senhores e santos irmãos, hei o meu despacho por bom, e o aceitarei sem me agravar, pois foi causa de permitir Deus que por meio dele viessem os seus servos a minha casa, coisa de certo de mim nunca cuidada, por me sentir indigno de tamanha mercê.

A que os tanigores, depois de fazerem suas cortesias com muitas cerimônias de que eles usam, responderam:

– Deus Nosso Senhor, poço sem fundo de misericórdia, te gratifique com bens nesta vida as esmolas que fazes aos pobres por seu amor, porque crê, irmão nosso, que o bordão principal em que a alma se encosta para não cair quantas vezes embica é a caridade que usamos com o próximo, quando por vã glória não leva farelo do mundo que cegue a alvura do bom zelo a que a sua santa lei nos obriga, e para que mereçais em sua presença ver o riso celeste do seu doce bafo, te trazemos aqui estes nove pobres, e tão pobres que quiçá não há outros em toda esta terra, que o sejam tanto, para que nessa cidade para onde agora vais como capitão e monte da justiça lhes faças aquilo que vires que se lhes deve fazer por tão alto Senhor com este de cuja parte te pedimos isso.

Ao que ele e a mulher responderam com umas palavras tão bem arrazoadas e tanto para notar que nós todos estávamos como pasmados de vermos o modo com que atribuíam suas coisas à causa principal de todos os bens, como se eles tivessem lume de fé ou conhecimento da nossa santa lei cristã.

Então se recolheram eles todos para uma casa em que nós os nove não entramos, onde estiveram praticando quase meia hora. E querendo-se despedir, nos mandaram entrar dentro e os tanigores lhes tornaram a falar em nós, e de novo nos encomendaram a

eles. Ele nos mandou escrever num livro que tinha diante de si, e nos disse:

– Faço isto porque já que sou tão bom que vos dê do meu, pelo amor de Deus, que não seja tão mau que por esquecimento vos tire o suor do vosso trabalho, a que El-Rei vos tem obrigado, e de hoje por diante vencereis vosso mantimento ainda que não sirvais, porque quero que me fique isto à conta de esmola, e aqui vos agasalhareis em minha casa por agora, onde vos providerei de tudo o necessário, e quanto ao mais não vos quero prometer nada porque temo que tome vanglória da promessa e fique o Demônio ganhando por mão como muitas vezes acontece por nossa fraqueza, mas basta por agora saberdes de mim que vos tenho tomado muito à minha conta por amor de Deus e dos santos irmãos que me falaram em vós.

Despedindo-se com isso, os quatro tanigores nos deram para todos quatro taéis, e nos disseram:

– Não vos esqueçais de agradecer a Deus o bom sucesso que tivestes no vosso negócio, porque pecareis gravemente se lhe desconhecerdes tamanha mercê.

Dessa maneira ficamos agasalhados em casa desse monte, o qual em todo o tempo que estivemos em sua casa nos fez sempre muito boa companhia. E passados os dois meses que tínhamos de liberdade para podermos aqui estar, nos partimos para Quansi a cumprir nosso degredo em companhia desse monte, o qual também dali por diante nos tratou sempre muito bem e nos fez muitos favores, até que os tártaros entraram na cidade, com cuja vinda houve nela muitas desventuras, muitas mortes e muitos trabalhos, como adiante contarei mais largamente.

DE ALGUMA PEQUENA INFORMAÇÃO
DESTA CIDADE DE PEQUIM ONDE O REI DA CHINA
RESIDE DE ASSENTO

Antes que conte o que passamos daqui por diante depois que nós embarcamos com este chim que nos levava a seu cargo e nos dava boas esperanças de termos liberdade, me pareceu conveniente dar alguma pequena informação desta cidade de Pequim, que com verdade se pode chamar metrópole da monarquia do mundo, e de algumas coisas que nela notei, tanto da abundância, política, e grandeza dela, como do regimento e grande governo da sua justiça, e o admirável modo que tem no provimento de toda a república e por que maneira se apagam os serviços dos que jubilam na guerra conforme os estatutos dela, e outras coisas semelhantes a essas, ainda que confesse que me falta o melhor, que é saber o engenho para dar a entender o clima em que esta cidade jaz e a altura dos graus em que está, que é coisa que eu cuido que os doutos e curiosos desejarão saber. Mas como meu intento (como já atrás tenho dito) não foi outro senão deixar isto a meus filhos, como carta de ABC para aprenderem a ler por meus trabalhos, não me deu muito escrevê-lo assim toscamente como eu o soube fazer, porque entendo que o melhor dessas coisas é tratá-las eu da maneira que a natureza me ensinou, sem buscar circunlóquios nem palavras alheias com que apontoasse a fraqueza do meu engenho, porque temi que, se isso fizesse, me tomassem com o furto nas mãos, e se dissesse por mim o rifão comum: “De onde veio a Pedro falar galego?”

Mas já que me é forçoso tratar disso, para cumprir o que atrás deixo prometido, digo que esta cidade que nós chamamos Paquim, a que os seus naturais chamam Pequim por ser esse o seu primeiro nome, está situada em altura de quarenta e um graus da banda do norte; tem os seus muros, de circuito, segundo os chins nos afirmaram, e eu depois vi num livrinho que trata das grandezas dela, que se chama *Aquesendó*, que eu trouxe a este reino, trinta léguas, dez de comprido e cinco de largo, e outros afirmam que tem cinquenta, dezessete de comprido e oito de largo. E já que os que tratam dela variam nisso tanto, como é o dizerem uns trinta e outros cinquenta léguas, quero eu declarar a causa dessa dúvida conforme o que vi por meus olhos. Quanto ao como ela agora está povoada de casaria muito nobre, terá de circuito as trinta léguas que dizem, e está cercada toda de duas ordens de muros muito fortes, com infinidade de torres e baluartes ao nosso modo, mas por fora desta cerca que é a da própria cidade vai outra de muito maior comprimento e largura, que os chins afirmam que antigamente fora toda povoada, o que agora não é, mas tem somente muitas aldeias e povoações divididas umas das outras, com muita quantidade de quintas ao redor, muito nobres, em que entram mil e seiscentas que têm muita vantagem sobre todas as outras, as quais são aposentos dos procuradores das mil e seiscentas cidades e vilas notáveis dos trinta e dois reinos desta monarquia, que, quando chamam as cortes se juntam nesta cidade, cada três anos sobre o governo do proveito comum, como adiante se dará relação.

Por fora dessa grande cerca, a qual, como digo, corre por fora de toda a cidade, estão em distância de três léguas de largo e sete de comprido, vinte e quatro mil jazigos de mandarins, que são umas capelas pequenas cobertas todas de ouro, as quais têm todas adros fechados em roda com grades de ferro e de latão feitas ao torno, e as entradas que têm são uns arcos de muito custo e riqueza. Junto

a essas capelas têm aposentos muito grandes, com jardins e bosques espessos de grande arvoredo, e muitas invenções de tanques, e fontes, e bicas de água. E as paredes das cercas são forradas por dentro de azulejos de porcelana muito fina, e por cima, pelos espigões têm muitos leões com bandeiras douradas, e nos cantos das quadras, coruchéus muito altos de diversas pinturas. Têm mais quinhentos aposentos muito grandes que se chamam casas do filho do Sol, onde se recolhem todos os que se alejaram na guerra em serviço de El-Rei, e, fora estes, muitos outros que por serem velhos ou doentes deixaram também a guerra e se aposentaram. E a cada um desses se dá um tanto por cada mês para seu mantimento, os quais, segundo os chins nos afirmaram, chegavam à cópia de cem mil, porque em cada um desses aposentos diziam eles que havia duzentos homens.

Vimos mais uma rua de casas térreas muito comprida, onde pousavam vinte e quatro mil romeiros, que são os das panouras de El-Rei. Vimos outra rua do mesmo modo, de mais de uma grande légua de comprimento, onde pousavam catorze mil taberneiras que são os da corte, e outra rua pela mesma maneira, onde havia infinidade de mulheres solteiras privilegiadas do tributo que pagam as da cidade, por serem também da corte, muitas das quais fugiram a seus maridos para andarem nessa desventura; e se eles por isso lhes fizerem algum mal, têm muito grande pena, porque elas têm ali seguro do tutão da corte, que é o supremo em todas as coisas que tocam à casa do rei.

Vivem também nessa cerca todos os mainatos que lavam a roupa a toda a cidade, que segundo afirmaram passam de cem mil, por haver aqui grandes rios, e ribeiras de água, com infinidade de tanques muito fundos, e lagos fechados todos de cercas de cantaria muito forte, e de lajes muito primas e bem-lavradas. Tem mais o vão dessa grande cerca, segundo conta esse *Aquesendó*, mil e trezentas casas nobres, e de oficinas de muito custo, de mulheres

e de homens religiosos que professam as quatro leis principais do número das trinta e duas que há neste império da China, das quais casas dizem que algumas têm das portas para dentro, passante de mil pessoas, fora os servidores que ministram de fora o necessário para a sustentação delas.

Vimos mais outra grande quantidade de casas que têm edifícios muito grandes e nobres, com grandes cercas, em que há jardins e bosques espessos, onde se acha toda a maneira de montaria e caça quanta se pode desejar, as quais casas nobres são como estalagens onde concorre continuamente muita infinda gente, tanto a comer como a ver autos, farsas, jogos, touros, lutas e banquetes esplêndidos, que tutões, chaéns, conchalis, aitaus, bracalões, chumbins, monteus, lentias, e outros muitos senhores, capitães, mercadores, gente nobre e rica, ali vão dar a seus amigos e parentes, com grande aparato de muitos porteiros de maçãs de prata, e baixelas ricas, com todo o serviço de peças de ouro. E ali se acham câmaras onde há leitos de prata e dosséis de brocado. E todo o serviço se faz com moças virgens muito formosas e muito ricamente vestidas. E não é muito ser isso assim, e muito mais sem comparação, segundo o grande aparato e grandeza que vimos em algumas dessas casas. E os chins afirmaram que há banquete que dura dez dias à charachina, o qual na largueza, e grande aparato e pompa com que se faz, nos ministros e servidores, nas músicas, nos passatempos de pescarias, de caças, de montarias, de jogos, de farsas, de autos, e desafios de gente de pé e de cavalo, faz de custo mais de vinte mil taéis. Essas estalagens têm de fábrica mais de um conto de ouro, que sustentam companhias de mercadores muito ricos, que por via de trato e mercancia metem aqui seu dinheiro, em que se diz que ganham muito mais que em o aventurarem por mar. E está isso já tão taxado e com tanta ordem que quando uma pessoa quer fazer algum grande gasto se vai ao xipatom da casa, que é o principal dela, e dando-lhe conta do que

determina ele lhe mostra um livro todo repartido em capítulos, sobre regimento e modo dos banquetes, no qual se lhe declara o que se dá em cada um deles, e como, e de que maneira se serve, para ele dali escolher à sua vontade, o qual livro eu algumas vezes vi e ouvi ler, e se chama *Pinatoreu*. E no introito dele, logo nos primeiros três capítulos trata dos banquetes com que Deus se há-de convidar, e que preço têm. E dali, por decência, vem logo ter ao rei da China, que na terra e no governo dela dizem que assiste por especial graça do céu como presidente sobre todos os reis que há nela. E do rei da China para baixo, falando já humanamente, trata do banquete dos tutões, que são as dez dignidades supremas no mando sobre todos os quarenta chaéns do governo, que são vice-reis; e aos tutões chamam resplendores do sol, porque dizem eles que assim como o rei da China é filho do Sol, assim os tutões que o representam se podem chamar resplendores que precedem deles, assim como os raios que o sol lança.

Mas deixando agora essas brutalidades gentílicas que trazem por prática, de uma só coisa tratarei aqui particularmente nessa matéria, que é das iguarias que dizem que se hão-de dar no banquete em que se convida Deus, de que a alguns deles vi usar muito à letra, ainda que por falta de fé, suas obras lhes hão-de aproveitar pouco.

DO REGIMENTO QUE SE TEM NO DAR DOS
BANQUETES NAS ESTALAGENS NOTÁVEIS, E DO ESTADO
QUE TRAZ O CHAÉM DOS TRINTA E DOIS ESTADOS

Este livro que trata de regimento dos banquetes, a primeira coisa de que fala no seu introito, como já disse, é do banquete que na terra se há-de dar a Deus; e falando dele, diz desta maneira: “Todo o banquete, por muito custoso que seja, se satisfaz com um certo preço de dinheiro, ou menos ou mais, conforme o que convida quer alargar a mão, de maneira que a paga dele se contribui com dinheiro sem daí ficar mais ao que convidou, como prêmio de todo o seu gasto, que o louvor dos lisonjeiros e murmuração dos ociosos, pelo que te aconselho, irmão diz o introito do livro que gastes antes o teu com banquetear a Deus nos seus pobres, e proveres secretamente os filhos dos bons, para que se não percam por falta do muito que te a ti sobeja, e lembre-te a vil matéria de que teu pai te gerou, e a muito mais vil em que tua mãe te concebeu, e verás de quanto menos quilate és que todo o outro gênero de animal bruto que sem instinto de razão se move a qualquer efeito a que a inimiga carne o convida.

“E já que queres como homem convidar teus amigos que amanhã não serão, convida, como bom e fiel, os pobres de Deus, a cujos necessitados gemidos se ele compadece como pai piedoso, e como promessa de satisfação infinita na casa do Sol onde temos por fé que os seus o possuirão com grande alegria.”

E após essas e outras muitas palavras dignas de serem notadas, que por regimento da casa lhe diz um sacerdote, o xipatão, que é

como disse o principal sobre todos os outros que governam este grande labirinto, lhe mostra os capítulos de todo o livro, começando dos mais ilustres até ao mais baixo, e lhe diz que veja a que gênero de homem ou de senhor quer convidar, e quantos hão-de ser os convidados, e quantos dias quer que dure o banquete, porque os reis e tutões têm no banquete que se lhes dá tais iguarias, e tantos servidores, e tal aparato, e em tais casas, e com tais baixelas, e tantos passatempos, e tantos ministros, e cavalos adestrados, e tantos dias de caça, ou montaria, o qual lhe há-de custar tanto dinheiro, sem lhe faltar nenhuma coisa.

E se também quer o banquete de menos custo, lhe mostra noutro capítulo os banquetes que se dão aos chaéns, aitaus, puchancis, bracalões, anchacis, conchalás, loutiás, ou capitães, ou mercadores ricos, porque toda a outra mais gente daqui para baixo não tem que fazer mais que sentar-se à mesa e comer a pasto, da maneira que quer, e ir-se embora, de que continuamente há cinquenta a sessenta casas cheias de todo o gênero de homens e mulheres a quem servem outros ministros mais baixos. E nisso, como digo, há muito que ver, tanto nas casas e no ornamento e concerto delas, como nas cozinhas, despensas, açougues, enfermarias, dormitórios, estrebarias, salas, pátios, câmaras, e casas separadas com leitos ricos, e grandes baixelas, e mesas postas com suas cadeiras, sem haver mais que sentar e comer. Há outras casas onde se dão músicas com todas as harpas e violas de arco, descantadas com doçainas, flautas, orlos, sacabuxas, e outras muitas diferenças de instrumentos de música que não há entre nós. E disso tudo é tanta abundância que se o banquete é de mulheres, como muitas vezes acontece, também o serviço pela mesma maneira é de mulheres e de moças virgens muito formosas e muito ricamente vestidas, tanto que por serem elas estas, se casam aqui com elas muitas vezes muitos homens nobres. De modo que, para concluir já o que destas estalagens quis dizer assim em soma, de todo o dinheiro

que se gasta nesses banquetes, se tira a quatro por cento, de que o xipatão dá dois e os que dão os banquetes ou outros dois, para sustentação da mesa dos pobres, que se dá aqui pelo amor de Deus a todo o gênero de pessoas que se quiser sentar a ela, e se lhe dá casa e cama muito limpa e bem-concertada por tempo de três dias somente, salvo se é mulher prenhe ou enfermo que não possa caminhar, aos quais se dá gasalhado mais tempo, porque a tudo se tem respeito conforme a necessidade que se oferece.

Vimos mais aqui nessa cerca de fora (que como já disse cinge toda estoura cidade) em distância de mais de três léguas de largo e sete de comprimento, trinta e dois aposentos muito grandes, apartados uns dos outros pouco mais de tiro de falcão, que são os estudos das trinta e duas leis que há nos trinta e dois reinos deste império, em cada um dos quais estudos, segundo a grande quantidade de gente que vimos nele, deve haver mais de dez mil estudantes, e o mesmo *Aquesendó*, que é o livro que trata dessas coisas, os orça todos por junto em número de quatrocentos mil. E fora esses aposentos, há outro muito maior e mais nobre, separado por si, que terá quase uma légua em roda, em que se vêm habilitar todos os que se hão-de graduar tanto no sacerdócio como nas leis do governo do reino, no qual assiste um chaém da justiça a quem os maioraes dos outros estudos obedecem, que se chama por dignidade suprema o xileixipatou, que quer dizer senhor de todos os nobres. Esse chaém, por ser mais honrado que todos os outros, traz um estado tão grandioso como qualquer tutão, porque traz trezentos mogores de guarda, e vinte e quatro porteiros de maçãs, e seis mulheres em facas brancas com jaezes de prata, e gualdrapas de seda, tangendo em instrumentos suaves e cantando ao som deles, com que fazem música a seu modo muito bem concertada, e vinte cavalos adestrados, em osso, com suas cobertas de brocado e de tela de prata, e o pescoço todo guarnecido do mesmo, e com bocais de campainhas de

prata, e junto com cada um deles vão seis alabardeiros e quatro homens de estribeira muito bem concertados, e diante de todo esse aparato vão mais de quatrocentos upos com grande soma de cadeias de ferro muito compridas que vão rajando pelo chão, com uma desordem e um estrondo tão medonho que fazem tremer as carnes a toda a pessoa; e vão doze homens a cavalo, que se chamam peretandas, com sombreiros de cetim carmesim nas mãos, a modo de esperavéis postos em hastes muito compridas, e outros doze com bandeiras de damasco branco, com suas franjas e rendas de ouro muito largas. Detrás de tudo isso, vem o chaém sentado num carro triunfal, e derredor dele vêm sessenta conchalás e chumbins e monteus de justiça que são como entre nós desembargadores, e chançaréis, e corregedores, os quais todos vão a pé com seus terçados de chaparia de ouro às costas, e os ministros mais baixos que esses, como são escrivães, contadores, meirinhos e inquiridores, vão diante de todo esse tumulto, dando grandes brados para que a gente do povo se recolha para suas casas, para que fique a rua despejada, sem aparecer pessoa viva, e na cauda de todo esse estado vêm os requerentes e solicitadores, também a pé. E junto da pessoa desse chaém ou tutão (que ambos esses nomes lhe podem caber) vão dois meninos a cavalo, um à mão direita, e outro à esquerda, a par dele, muito ricamente vestidos, e com suas insígnias nas mãos, que significam a justiça e a misericórdia, da mesma maneira que já atrás disse: o da mão direita, que significa a misericórdia, vai vestido de branco, e o da mão esquerda, que significa a justiça, vai vestido de encarnado. E as cavalgadas em que vão esses meninos também levam suas gualdrapas do mesmo de que eles vão vestidos, e as guarnições e jaezes delas são de ouro, com uma rede (por cima) de prata tirada pela feira, que lhes cobre todas as ancas, e derredor de cada um desses meninos vão seis moços de até quinze anos, com suas maçãs de prata, de maneira que

não há pessoa que isso veja que por uma parte lhe não tremam as carnes de medo, e por outra não fique pasmado da grandeza e majestade que isso representa.

E para me não deter já mais nas coisas dessa grande cerca, deixarei de contar outras muitas que nela vimos, tanto de edifícios nobres e ricos, como de templos de seus pagodes, e pontes armadas sobre colunas de pedra muito grossas, e caminhos todos calçados de lajes muito primas, e todos muito largos e bem-acabados, e muito compridos, e que de uma banda e da outra têm suas grades de ferro muito benfeitas, porque das coisas que já tenho dito se poderá coligir quais são as que deixo por dizer, pois todas se parecem umas com as outras. E tratarei agora o mais brevemente que puder de alguns edifícios que vi dentro da cidade, e principalmente de quatro, que, por me parecerem mais grandiosos, os notei com mais curiosidade, e de outras coisas particulares que há nela, dignas de serem notadas.

DE ALGUMAS COISAS PARTICULARES NOTÁVEIS
QUE HÁ NA CIDADE DE PEQUIM

Esta cidade de Pequim de que prometi dar mais alguma informação do que a que tenho dada é de tal maneira e tais são as coisas dela que quase me arrependo do que tenho prometido, porque realmente não sei por onde comece a cumprir minha promessa, porque se não há-de imaginar que é ela uma Roma, uma Constantinopla, uma Veneza, um Paris, uma Londres, uma Sevilha, uma Lisboa, nem nenhuma de quantas cidades insignes há na Europa, por mais famosas e populosas que sejam; nem fora da Europa se há-de imaginar que é como o Cairo no Egito, Tauris na Pérsia, Amadabad em Cambaia, Bisnaga em Narsinga, o Gouro em Bengala, o Avá no Chaléu, Timplão no Calaminhã, Martavão e Bagou em Pegu, ou Gimpel e Tinlau no Siammon, Odiá no Sornau, Passarvão e Demá na Ilha de Jaoa, Pangor no Léquio, Uzangué no grão Cauchim, Lançame na Tartária e Miocó no Japão, as quais cidades todas são metrópoles de grandes reinos, porque ousarei afirmar que todas essas se não podem comparar com a mais pequena coisa dessa grande Pequim, quanto mais com toda a grandeza e suntuosidade que tem em todas as suas coisas, como são: soberbos edifícios, infinita riqueza, sobejíssima fartura e abastança de todas as coisas necessárias, gente, trato e embarcações sem conto, justiça, governo, corte pacífica, estado de tutões, chaéns, anchacis, aitaus, puchancis e bracalões, porque todos esses governam reinos e províncias muito grandes, e com ordenados grossíssimos,

os quais residem continuamente nesta cidade, ou outros em seu nome, quando por casos que sucedem, se mandam pelo reino a negócios de importância.

Mas deixando agora isso para se tratar a seu tempo, esta cidade, segundo o que se escreve dela, tanto no *Aquesendó* de que já fiz menção, como em todas as crônicas dos reis da China, tem em roda trinta léguas, fora os edifícios da outra cerca de fora, de que já tenho dito um pouco, e bem pouco em comparação do muito que me ficou por dizer; e é (como já disse outra vez) toda fechada com duas cercas de muros muito fortes e de muito boa cantaria, onde tem trezentas e sessenta portas, a cada uma das quais está um castelo roqueiro de duas torres muito altas, e todos com suas casas e pontes levadiças nelas. A cada uma dessas portas está um escrivão com quatro porteiros de alabardas, para darem razão do que entra e sai por cada uma delas, as quais por regimento do tu-tão são repartidas por todos os trezentos e sessenta dias do ano, de maneira que em cada dia por seu giro se celebra com muita solenidade a festa da invocação do ídolo de cada uma das portas, de que ela também tem o nome, e disso já atrás tratei também largamente.

Tem mais esta grande cidade, dos muros para dentro, segundo os chins nos afirmaram, três mil e oitocentas casas dos seus pagodes, em que continuamente se sacrifica uma muito grande quantidade de aves e de animais silvestres, dando como razão que aqueles são mais aceites por Deus que os outros domésticos que a gente cria em casa; e para isso dão os sacerdotes muitas razões ao povo, com que o persuadem a terem essa abusão como artigo de fé. Desses pagodes que digo, há muitos edifícios muito suntuosos, principalmente os das religiões em que vivem os menigrepos, e conquiaes e talagrepos, que são os sacerdotes das quatro seitas de Xaca, e Amido, e Gizom, e Canom, as quais precedem por antiguidade as outras trinta e duas desse diabólico labirinto em que o

demônio se lhes mostra algumas vezes em diversas figuras, para os fazer dar mais crédito a esses seus enganos e falsidades.

As ruas ordinárias desta cidade são todas muito compridas e largas e de casaria muito nobre, de um até dois sobrados, fechadas todas de uma banda e da outra com grades de ferro, e de latão, com suas entradas para os becos que nelas entestam, e nos cabos de cada uma dessas ruas estão arcos com portas muito ricas que se fecham de noite, e no mais alto desses arcos têm sinos de vigia. Cada rua dessas nobres tem seu capitão e quadrilheiros que rondam a quartos, e em cada dez dias são obrigados a irem dar relação à câmara do que se passa nelas, para os ponchalis ou chaéns do governo proverem no que sucedeu, conforme a justiça. Tem mais esta grande cidade, segundo conta esse livro com que tenho alegado muitas vezes, que trata só das grandezas dela, cento e vinte esteiros que os reis e povos antigamente fizeram, de três braças de água de fundo e doze de largo, os quais todos atravessam toda a largura e comprimento da cidade, com grande soma de pontes feitas sobre arcos de pedraria muito fortes, e nos cabos colunas com suas cadeias atravessadas e poiais com encosto para a gente descansar. E essas pontes que estão nesses cento e vinte esteiros se afirma que são mil e oitocentos, e todas qual a melhor e mais rica, tanto no feitio como em tudo o mais que se vê. Afirma também esse livro que tem cento e vinte praças nobres, em cada uma das quais se faz cada mês uma feira, que, feita a conta ao número delas, sai a quatro feiras por dia em todo o ano, das quais nos dois meses que aqui andamos em nossa liberdade vimos algumas dez ou doze em que havia infinita gente, tanto de pé como de cavalo, que numas caixas como de bufarinheiros vendiam quantas coisas se podem nomear, fora as tendas ordinárias dos mercadores ricos que em suas ruas particulares estavam postos em muito boa ordem, e com tanta quantidade de peças de sedas, brocados, telas, e roupas de linho, e de algodão, e de peles de martas e arminhos,

e de almíscar, águila, porcelanas finas, peças de ouro e de prata, aljófar, pérolas, ouro em pó e em barras, que nós, os nove companheiros, andávamos como pasmados.

Pois se quiser falar particularmente de todas as mais coisas de ferro, aço, chumbo, cobre, estanho, latão, coral, alaqueca, cristal, pedra de fogo, azougue, vermelhão, marfim, cravo, noz, maça, gengibre, canela, pimenta, tamarindo, cardamomo, tincal, anil, mel, cera, sândalo, açúcar, conservas, mantimentos de frutas, farinhas, arrozes, carnes, caças, pescados, e hortaliças, disso tudo havia tanto que parece que faltam palavras para o encarecer.

Afirmaram-nos também esses chins que tem esta cidade cento e sessenta casas de açougues ordinários, em cada uma das quais havia cem talhos de todas as carnes quantas se criam na terra, porque de todas essa gente come: vitela, carneiro, bode, porco, cavalo, búfalo, bada, tigre, leão, cão, mulato, burro, zebra, anta, lontra, texugo, e finalmente todo animal a que se pode pôr nome, e em cada talho está logo limitado o preço de cada coisa dessas. E além do peso que tem cada marchante, por onde pesa, estão mais a cada porta outras balanças da cidade em que se torna a repesar, para ver se levam as partes seu peso certo, para que não fique o povo enganado. E fora esses açougues, que são os comuns, não há rua nenhuma em que não haja cinco a seis casas como açougues de todas as carnes, muito excelentes, e além disso há também muitas tabernas em que se dá tudo guisado com muita limpeza e perfeição. Há também lojas cheias de lacões, marrãs, e chacinas, e aves, porcos e vacas de fumeiro, e disso tanta quantidade que o bom seria não o contar, mas digo-o para que se saiba quão liberalmente Deus Nosso Senhor repartiu com esses cegos os bens que ele criou na terra, pelo que o seu nome seja bendito para sempre.

DA PRISÃO DO XINANGUIBALÉU ONDE
ESTÃO SEMPRE OS DEGREDADOS PARA
O SERVIÇO DO MURO DA TARTÁRIA

Deixando agora de particularizar miudamente a grande multidão de edifícios nobres, grandiosos e ricos que vimos nesta cidade, somente de alguns darei relação porque me pareceram mais notáveis que os outros que há nela; e desses se poderá inferir quais serão os outros muitos de que não quis tratar para evitar prolixidade. E nem desses ainda trataria se não considerasse que poderia ser que em algum tempo permitisse Nosso Senhor que se achasse a nação portuguesa com tantas forças, e o espírito tão alevantado que lançasse mão desta informação para glória do Senhor, e que por esses meios humanos, ajudados do seu favor divino, se desse a entender a esses bárbaros a verdade da nossa fé católica, da qual eles, por seus pecados, andam tão alheios que zombam de quanto lhes dizemos disso, e chegam a tanto barbarismo e desatino que dizem que só em ver o rosto ao filho do Sol, que é o seu rei, fica uma alma bem-aventurada mais que todas as outras coisas, por onde me parece que, se Deus Nosso Senhor por sua infinita bondade e misericórdia permitisse que o rei desta gente se fizesse cristão, que em todo o mais povo haveria pouco que fazer, e sem o rei ser cristão me parece muito dificultoso sê-lo algum dos seus, e isso pelo grande temor que todos têm da justiça, a qual é tão temida e venerada, e os ministros dela tão acatados, que é coisa que a custo se poderá crer.

Mas tornando ao propósito de que me apartei: o primeiro edifício dos que disse que vi mais notáveis e dignos de memória foi uma prisão a que eles chamam Xinanguibaléu, que quer dizer “encerramento dos degredados”, cuja cerca será de quase duas léguas em quadrado, tanto de largo como de comprido, fechada com um muro muito alto, sem ameias nenhuma, senão somente com seus espigões por cima, os quais são todos forrados de pastas de chumbo muito largas e grossas, e por fora têm uma cava de água muito funda que a rodeia toda com suas pontes levadiças que de noite se levantam com cadeias de latão, e se suspendem em umas colunas de ferro coado, muito grossas. Tem um arco de pedraria muito forte que vai fechar em duas torres, na volta da qual, em todo o cimo, estão seis sinos de vigia muito grandes, aos quais quando tangerem respondem todos os outros que estão dentro, que, segundo os chins nos afirmaram, são mais de cem, e fazem um estrondo assaz terrível e espantoso.

Nessa prisão há continuamente, por regimento de El-Rei, trezentos mil homens de dezessete anos até cinquenta, com o que nós recebemos tamanho espanto quanto numa coisa tão nova e tão desacostumada se requeria. E perguntando nós aos chins pela causa daquele tamanho edifício, e da grande quantidade de presos que em si tinha, nos responderam que depois que aquele rei da China, de nome Crisnagol Dacotai, acabara de fechar com muro as trezentas léguas de distância que há entre este reino da China e o da Tartária, como já atrás fica contado, ordenara com parecer dos povos que para isso foram chamados a cortes, que todos aqueles que por justiça fossem condenados a pena de degredo, fossem degredados para a fabricação daquele muro, aos quais se daria mantimento somente, sem El-Rei lhes ficar por isso obrigado a satisfação nenhuma, pois lhes fora aquilo dado em pena de seus delitos. E que servindo seis anos contínuos, se poderiam ir livremente sem as justiças os constrangerem a servir o mais tempo

em que fossem condenados, porque desse lhes fazia El-Rei mercê em satisfação do que em consciência lhes podia estar devendo. E que se antes do tempo desses seis anos ser acabado, fizessem algum feito notável ou coisa em que se mostrassem avantajados aos outros, ou fossem feridos três vezes nas saídas que fizessem, ou matassem algum inimigo, ficariam desobrigados de todo o mais tempo que lhes ficasse por cumprir, e o chaém lhes passaria certidão em que declarasse por que os desobrigara, para que por ela se visse que satisfizeram conforme o estatuto de guerra.

Esse muro era obrigação ter continuamente duzentos e dez mil homens que por regimento de El-Rei lhe eram dados, dos quais se davam de quebra para cada ano a terça parte, nos mortos, nos aleijados, e nos que se livravam por terem cumprido seu tempo ou pelo merecimento de suas obras. E porque quando o chaém, que é o superior de toda essa gente, mandava pedir essa cópia de homens ao Pitaucamai, que é a relação suprema de toda a justiça, se não podiam juntar tão depressa como era necessário, estando divididos por diversos lugares do império todo, que é tamanho como já tenho dito, e se passava muito tempo antes que se juntassem, ordenou outro rei que sucedeu a esse Crisnagol Dacotai, de nome Goxilei Aparau, que se fizesse nesta cidade de Pequim essa grande cerca, para que logo que os presos fossem condenados em degredo para o muro se trouxessem logo a esse Xinanguibaléu, onde estivessem todos juntos, para que quando do muro mandassem pedir os homens que lhes fossem necessários os achassem ali e os dessem logo sem detença nenhuma, como agora se faz.

Esses presos, logo que pela justiça são entregues nessa prisão, de que se passa certidão a quem os leva, os soltam logo das prisões em que vieram e andam todos soltos sem terem mais que uma tabuazinha pequena de quase um palmo de comprimento e quatro dedos de largo, muito delgada, na qual está escrito: “Fulano de tal lugar, condenado ao degredo geral por tal caso, entrou em tal dia

de tal mês e de tal ano.” E esse relicário traz cada um ao pescoço por testemunho de suas virtudes, para que se saiba por que crime foi condenado, e quando ali entrou, porque todos saem por antiguidades conforme ao tempo em que ali entraram. Os quais presos se têm por muito bem livrados quando os levam a trabalhar no muro, porque da prisão do Xinanguibaléu não podem por nenhum caso ter remissão, nem se lhes leva nenhum tempo em conta, nem têm outra nenhuma esperança de liberdade senão a hora em que lhes couber sair dali para o muro, por sua sucessão; porém, quando estão no muro, têm logo esperança certa de serem livres conforme o estatuto que já tenho dito.

E já que dei relação da causa por que aqui se fez essa tamanha prisão, antes que me saia dela me pareceu que vinha a propósito dar conta de uma feira que nela vimos, de duas que dentro dela se costumam fazer cada ano, a que os naturais chamam “Guxinem aparau do Xinanguibaléu”, que quer dizer “feira rica da prisão do degredo”. Essas feiras se fazem nos meses de julho e janeiro, com festas notáveis, feitas à invocação dos seus ídolos, onde por seu modo têm seus jubiléus pleníssimos em que lhes prometem grandes riquezas de dinheiro na outra vida. São essas feiras ambas francas e livres, sem pagarem nenhum direito, pela qual causa concorre a elas tanta gente que se afirma que passa de três contos de pessoas. E porque como disse os trezentos mil homens que estão em depósito nessa prisão andam todos soltos, como a própria gente que vem de fora, têm esta maneira para não haver impedimento na saída: a cada um dos livres que entra, se põe na tábua do braço direito uma chapa de uma certa confeição de óleos e betumes de lacre com ruibarbo e pedra-ume, que depois de secar não se pode tirar senão com vinagre e sal muito quente. E para que toda essa multidão de gente se possa toda assinalar, está a essas portas, de uma banda e da outra, uma grande soma de chanipatóes que com uns sinetes de chumbo molhados naquele

betume, a cada um dos que chega lhe põe logo aquele sinal, e o deixa entrar. E isso se faz aos homens somente, e não às mulheres, porque estas não estão obrigadas ao degredo do muro. E quando vêm ao sair dessas portas, vêm todos com os braços em que trazem os sinais, arregaçados, para que os mesmos chinapatões, que são os porteiros e ministros daquele negócio, os conheçam e os deixem passar; e o que por algum caso foi tão mofino que acertou de se lhe apagar o sinal bem pode ter paciência e ficar-se com os outros presos, porque nenhum remédio há para o deixarem sair de dentro, pois não traz o sinal que se lhe pôs ao entrar da porta. E anda isso já por todos esses chanipatóes tão corrente, e tanto sem enleio, que numa hora entram e saem cem mil homens sem haver embaraço em pessoa nenhuma, e dessa maneira todos os trezentos mil obrigados ao degredo ficam sempre dentro, sem nenhum poder sair na volta dos outros.

Tem essa prisão ou depósito, das cercas para dentro, três povoações como grandes vilas, todas de casas térreas e ruas muito compridas sem becos nenhuns, e nas entradas delas têm portas muito fortes com seus sinos de vigia em cima, e cada uma tem seu chumbim e vinte homens de guarda. E dessas povoações cerca de um tiro de falcão, estão os aposentos do chaém, que é o superior de toda essa prisão, os quais são uma grande quantidade de casas muito nobres com pátios muito grandes e jardins com muitos tanques de água e salas e câmaras de muitas invenções, em que um rei se pode muito bem agasalhar, por muita gente que traga consigo. Das duas principais povoações dessas, atravessam duas ruas de mais de tiro de falcão cada uma, que chegam até aos aposentos do chaém, todas com arcos de pedraria cobertos por cima como os do hospital de Lisboa, senão que lhes levam ainda muita vantagem, nos quais se vendem continuamente quantas coisas se possam pedir, tanto de mantimentos como de mercadorias muito ricas, onde há todas as ourivesarias de ouro e de prata, e lojas de

mercadores muito importantes, a quem suas riquezas não aproveitam para deixarem de ir cumprir seus degredos, quando lhe couber por sua sucessão. E entre essas ruas dos arcos, que é um descampado muito grande, se fazem essas duas feiras cada ano, a que vem essa quantidade de gente que tenho dito.

Tem mais essa prisão, das cercas para dentro, muitos bosques de arvoredo muito alto, com muitos regatos e tanques de água muito boa para o serviço e lavagem de toda essa gente presa, e muitas ermidas e muitos hospitais, e doze mosteiros de casas muito suntuosas e ricas. De maneira que tudo quanto deve ter uma cidade nobre e muito rica tanto se acha dessas cercas para dentro em muita abundância, e em muitas coisas de muita vantagem, porque os mais desses presos têm aqui consigo suas mulheres e seus filhos, a que El-Rei dá casa conforme a família que cada um tem.

DE OUTRA CERCA QUE VIMOS NESTA CIDADE,
DE NOME “TESOURO DOS MORTOS”, DE CUJO
RENDIMENTO SE SUSTENTA ESTA PRISÃO,
E DE MUITAS COISAS NOTÁVEIS QUE HÁ NELA

A segunda coisa dessas de que só determino dar relação é outra cerca que vimos quase tamanha como esta, cercada de muros fortes, com suas cavas, que se chama Muxiparão, que quer dizer “tesouro dos mortos”, com muitas torres de cantaria lavrada, e em todas coruchéus de diversas pinturas, o qual muro todo em cima no lugar das ameias era fechado todo em roda com grades de ferro, e encostadas a elas grande quantidade de ídolos de diferentes figuras, de homens, de serpentes, de cavalos, de bois, de elefantes, de peixes, de cobras, e de muitas outras feições monstruosas de bichos e alimárias nunca vistas em nenhuma parte, e todos esses de bronze e de ferro coado, e alguns deles de estanho e de cobre, a qual máquina vista assim toda por junto, no modo e postura em que está, era muito mais notável e aprazível para ver do que ninguém pode imaginar. E passando nós por uma ponte que atravessava a largura da cava, chegamos a um grande terreiro que estava no recebimento da primeira entrada, todo fechado em roda com grades de latão muito grossas e lajeado todo de lajes brancas e pretas, assentadas à maneira de xadrez, tão bem lustradas que se via uma pessoa nelas como num espelho. No meio desse terreiro estava uma coluna de jaspe, de trinta e seis palmos de alto, e toda, ao que parecia, de uma só pedra, em cima da qual estava um ídolo de prata em vulto de mulher que com ambas as mãos estava afogando uma serpente muito bem pintada

de verde e preto, e logo mais adiante, à entrada da porta que estava entre duas torres altas, armada sobre vinte e quatro colunas de pedra muito grossas, estavam duas figuras de homens, cada um com sua maça de ferro nas mãos, e como que guardavam aquela entrada, cuja estatura e grandeza era de cento e quarenta palmos, com uns rostos tão feios em tanta maneira que quase tremiam as carnes a quem os olhava, aos quais os chins chamavam Xixipitau Xalicão, que quer dizer “assopradores da casa do fumo”. À entrada dessa porta estavam doze homens com alabardas, e dois escrivães sentados a uma mesa, que escreviam todo o gênero de pessoas que entravam, aos quais se davam duas caixas que eram três réis da nossa moeda.

Entrando nós dessa porta para dentro, demos em uma rua muito larga, fechada toda de ambas as partes com arcos muito ricos, tanto no feitio como em tudo o mais, nos quais havia infinidade de campainhas de latão que por todas as voltas dos arcos estavam penduradas por cadeias do mesmo, que com o movimento do ar que dava nelas, faziam um tamanho ruído e uma tamanha traquinada que não havia quem se pudesse ouvir, por muito alto que se falasse. Essa rua teria de comprimento quase meia légua, e desses arcos adentro, tanto de uma parte como da outra, tinha, feitas pela proporção dos arcos, duas ordens de casas terreiras como grandes igrejas, com seus coruchéus cobertos de ouro e outras muitas invenções de pinturas. As quais casas nos afirmaram os chins que eram três mil, e todas de alto a baixo estavam cheias de caveiras de homens mortos até aos telhados, coisa de tamanho espanto que ao que se julgava nem mil naus, por grandes que fossem, as poderiam carregar. Por detrás dessas casas estava uma serra de ossos tão alta que sobrepujava os telhados delas, a qual era de comprimento, de um cabo e do outro, da mesma meia légua, e muito larga em grande quantidade. E perguntando nós aos chins se tinha aquilo conto, responderam que sim, porque tudo

estava escrito em matrículas das três mil casas que os talagrepos tinham em seu poder, e que não havia casa daquelas que não rendesse, cada ano, de dois mil taéis para cima, de propriedades que os defuntos lhe tinham deixado para descarga de suas almas, o qual rendimento chegava todo a cinco contos de ouro, dos quais El-Rei levava quatro e os talagrepos o outro, para despesa de toda aquela fábrica, e que os quatro que El-Rei como padroeiro levava se gastavam no mantimento que se dava aos trezentos mil degredados do Xinanguilabéu.

Com esse espanto do que víamos, começamos a caminhar por essa rua adiante, e chegando já quase ao meio dela, fomos dar em um grande terreiro, cercado em roda de duas ordens de grades de latão, no meio do qual estava uma cobra de bronze toda enrascada e armada por peças, que tinha em roda mais de trinta braças, coisa de tamanho espanto que faltam palavras para o encarecer, a qual alguns dos nossos estimaram em mais de mil quintais, pressuposto o ser oca por dentro. E sem embargo de ser de tão demasiada grandeza, era em tudo tão bem proporcionada que em nenhuma coisa se lhe enxergava falta. A isso correspondia também o feitio dela porque se via nele todo o primor e perfeição que se podia desejar. Essa monstruosa cobra, a que os chins chamam serpe tragadora da casa do fumo, tinha metido na cabeça um pelouro de ferro coado de cinquenta e dois palmos, que como que lhe tinham atirado com ele. Mais adiante cerca de vinte passos, estava uma figura de homem do mesmo bronze, a modo de gigante, também assaz estranha e desacostumada, tanto na grandeza do corpo como na grossura dos membros, o qual sustentava com ambas as mãos um pelouro de ferro coado, e olhando para a serpe muito arreganhado, a modo de colérico, fazia que lhe atirava com ele. Ao redor dessa figura, estava uma grande soma de ídolos pequenos, todos dourados, postos em joelhos com as mãos levantadas para ele, como que o adoravam, e em quatro tirantes de ferro que

estavam por derredor estavam cento e sessenta e dois candeeiros de prata, com seis e sete torcidas cada um. Esse ídolo era o da invocação de todo esse edifício, e se chamava Muchiparom, o qual diziam os chins que era tesoureiro de todos os ossos dos mortos, e que, vindo aquela serpe que tínhamos visto, para os roubar, ele lhe atirava com aquele pelouro que tinha nas mãos, pelo que ela logo com medo fugia para a côncava funda da casa do fumo, onde Deus a tinha lançado por ser muito má. E que já lhe tinha feito um arremesso havia três mil anos, e que daí a outros três mil lhe havia de fazer outro, e que assim de três em três mil anos havia de gastar cinco pelouros, com que a havia de acabar de matar. E quando fosse morta, haviam todos aqueles ossos que ali estavam junto de tornar aos corpos dos quais antes foram, para morarem para sempre na casa da Lua.

E fora essas bestialidades, nos contaram outras muitas a este modo, nas quais esses cegos miseráveis estão tão crentes que não há coisa que lhas possa tirar da cabeça, porque isso é o que os seus bonzos lhes pregam, e lhes dizem que não está em mais o ser uma alma bem-aventurada, que em lhe trazerem ali os seus ossos, pelo que não há dia que ali não venham duas mil ossadas desses mal-aventurados; e os que não podem trazer os ossos, por ser a distância de muito caminho, trazem um dente ou dois, porque com isso, dando sua esmola, dizem que satisfazem tanto como se trouxessem tudo o mais. Pelo qual, há em todas essas casas tanta quantidade de dentes em tanta maneira que me parece que muitas naus os não poderiam carregar.

DO TERCEIRO EDIFÍCIO QUE AQUI VIMOS DE NOME NACAPIRAU

Vimos mais num grande descampado fora dos muros desta cidade outro edifício muito suntuoso e rico, de nome Nacapirau, que quer dizer “Rainha do céu”; porém, eles não dizem isso pela que o é verdadeiramente, que é a Virgem Maria Nossa Senhora, mas têm esses cegos para si que, assim como cá na terra os reis temporais são casados, assim também Deus Nosso Senhor lá no céu é casado, e que os filhos que gerou nesta Nacapirau que é sua mulher são as estrelas que de noite se veem no céu, e, quando alguma delas correndo se desfaz no ar, dizem que é um daqueles seus filhos que morreu, e que pelo sentimento dessa morte as outras irmãs choram tantas lágrimas que do que sobeja delas se rega cá em baixo a terra, por meio das quais nos ordena Deus a sustentação da nossa vida, como esmola dada pela alma daquele defunto.

Mas deixando essas e outras infinitas patranhas que esses miseráveis têm nas trinta e duas seitas que há entre eles, tratarei somente das oficinas que vimos nesse edifício, as quais são cento e quarenta mosteiros dessa maldita religião, tantos de homens como de mulheres, em cada um dos quais nos afirmaram que havia quatrocentas pessoas que ao todo fazem soma de cinquenta e seis mil, fora outra muito grande cópia de daroeses que servem de fora, que não estão atados ao voto da profissão como os de dentro, os quais por insígnia do sacerdócio andam vestidos de roxo, com

suas altirnas verdes sobraçadas, que são como entre nós as esto-
las, e as cabeças, e as barbas, e as sobancelhas rapadas, e contas
ao pescoço, por onde rezam, mas não pedem esmola porque têm
próprio de que se sustentam.

Nesse edifício da Nacapirau, se aposentou no ano de mil e qui-
nhentos e quarenta e quatro o rei dos tártaros, quando pôs cerco a
esta cidade, como adiante se dirá, no qual, por sacrifício diabólico
e sanguinolento, mandou degolar trinta mil pessoas, das quais
quinze mil eram mulheres, e as mais delas moças e formosas, e
filhas dos principais senhores do reino, e religiosas professoras
das seitas do Quiay Figrau, deus dos átomos do Sol, e do Quiay
Nivandel, deus das batalhas, e do Compovitau, e de outros quatro,
cujos nomes são: Quiay Mitru, Quiay Colompom, Quiay Muhelé
e Muhé Lacasá, cujas cinco seitas são as principais das trinta e
duas que há neste reino, como adiante se declarará quando se
tratar delas.

Mas tornando a meu propósito, dentro da cerca desse grande
edifício de que ia tratando, vimos algumas coisas que me parece-
ram merecedoras de se fazer memória delas, uma das quais é ou-
tra cerca no âmagó desta, de quase uma légua em roda, armadas
as paredes dela sobre arcos de cantaria muito fortes, e em cima, no
lugar das ameias, fechada toda em roda com grades de latão, e, a
cada seis braças, tirantes de ferro sobre colunas de bronze que fe-
chavam umas nas outras, com infinidade de campainhas pendu-
radas por cadeias, as quais, movidas com o ar que continuamente
lhes dava, faziam um contínuo e tão espantoso ruído que não ha-
via pessoa que o pudesse esperar. Aqui, nessa segunda cerca, em
uma grande porta por onde entramos, estavam, em figuras muito
disformes, os dois porteiros do Inferno, segundo eles dizem, um
de nome Bacharom, e outro Quagifau, ambos com maças de ferro
nas mãos, e tão feios em tanto extremo que as carnes tremiam
aos que olhavam para eles. Passando essa porta, por baixo de uma

grossa cadeia que a atravessava toda, e fechava nos peitos desses dois diabos, fomos dar numa rua muito formosa, tão larga como comprida, fechada toda de uma banda e da outra, com arcos todos pintados de diversas maneiras, por cima dos quais iam duas fileiras de ídolos, quanto distava o comprimento da rua, em que haveria mais de cinco mil vultos, os quais não divisamos bem de que eram feitos, porém eram todos dourados e com mitras nas cabeças; de diversas invenções. No cabo dessa rua estava um grande terreiro quadrado, lajeado todo de lajes muito primas, brancas e pretas, assentadas ao modo de xadrez, e a toda a roda cercado de quatro fileiras de gigantes de metal, de quinze palmos cada um, e com alabardas nas mãos, e as grenhas das cabeças, as barbas douradas, o qual espetáculo, fora o contentamento que dava aos olhos, mostrava também um real e assaz grandioso aparato. No cabo desse terreiro estava o Quiay Hujão, deus da chuva, encostado a um bordão de mais de setenta palmos de comprido, e ele tão alto que dava com a cabeça em cima nas ameias da torre que seria de mais de doze braças, o qual era também de metal, e botava, pela boca, pelas faces, pela testa e pelos peitos, vinte e seis esguichos de água, que a gente em baixo tomava por grande relíquia, a qual água lhe vinha de cima da torre a que estava encostado por canos tão secretos que ninguém lho enxergava. E passando nós por baixo de suas pernas, que ele tinha afastadas uma da outra, com que fazia o portal por onde a gente se servia, fomos dar em uma grande casa como igreja muito comprida, e de três naves com esteios de pedra de jaspe muito grossos, e altos; e ao longo das paredes, de uma parte e da outra, muita soma de ídolos grandes e pequenos em diversas figuras, todos dourados, os quais, postos em prateleiras por muito boa ordem, tomavam toda a largura e comprimento das paredes, e à vista dos olhos parecia que eram todos de ouro.

No cabo dessa casa, em uma tribuna redonda de quinze degraus, estava um altar feito à proporção da tribuna, sobre o qual

estava a estátua da Nacapirau, em figura de mulher muito formosa, com os cabelos soltos por cima dos ombros e as mãos ambas levantadas ao céu, e ela em si tão resplandecente, por ser o ouro muito fino e muito brunido, que não havia quem lhe pudesse ter os olhos direitos, porque os raios que de si lançava cegavam como os de um espelho. Em torno dessa tribuna, nos primeiros quatro degraus estavam doze reis da China, em vultos de prata, com coroas na cabeça e maças de armas às costas. E mais abaixo se viam três fileiras de ídolos dourados, postos em joelhos com as mãos levantadas, e ao redor em cima no ar muita soma de candeeiros de prata, de seis e sete torcidas, pendurados dos tirantes que atravessavam a casa.

Saindo-nos daqui, nos fomos por outra rua também de arcos, da maneira da outra por onde tínhamos entrado, e dessa por outras duas também de edifícios muito ricos, e fomos sair a um grande terreiro no qual estavam oitenta e dois sinos de metal, muito grandes, que estavam pendurados por grossas cadeias, de uns tirantes de ferro que de uma ponta e da outra se sustentavam sobre colunas de ferro coado. Saídos nós também daqui, chegamos a uma porta muito forte, posta em quatro torres muito altas, na qual estava um chifu com trinta homens de alabardas, e dois escrivães que tomavam nuns livros os nomes de todos os que saíam, como fizeram também a nós, aos quais demos trinta réis pela saída.

DO QUARTO EDIFÍCIO SITUADO NO MEIO DO RIO,
ONDE ESTÃO AS CENTO E TREZE CAPELAS
DOS REIS DA CHINA

E para acabar já de dar fim a esta matéria, a qual, se eu houvesse de dar conta de todas as particularidades dela, viria a ser quase infinita, entre uma grande quantidade de edifícios nobres e ricos que aqui vimos, um que me pareceu mais notável foi uma cerca situada no meio do Rio da Batampina, de quase uma légua em roda, em um ilhéu raso a modo de lezíria, cercado todo em torno de cantaria muito prima, que pela parte de fora se levantava sobre a água à altura de mais de trinta e oito palmos e por dentro ficava rasa com o chão, fechada por cima toda em roda com duas ordens de grades de latão, de que as primeiras que estavam mais para fora eram de seis palmos de alto somente, em que a gente se podia encostar, e as segundas, que estavam mais por dentro, eram de nove palmos, as quais tinham leões de prata postos em cima de bolas redondas, que como já disse algumas vezes são armas dos reis de China. Dessas grades para dentro, estão por muito boa ordem cento e treze capelas a modo de baluartes redondos, em cada uma das quais estava uma rica sepultura de alabastro, assentada com muito artifício sobre duas cabeças de serpentes de prata, que, por estarem enrascadas e terem muitas voltas, pareciam ser cobras, ainda que tivessem os rostos de mulheres, com três cornos nas testas, que não soubemos determinar o que significavam. E em cada uma dessas capelas ardiam treze candeeiros de prata, de sete torcidas cada um, que ao todo em essas cento e treze capelas vinham a ser os candeeiros mil e quatrocentos e trinta e nove.

No meio de uma grande praça, fechada em roda com três ordens de grades e com duas fileiras de ídolos, estava uma torre alta com cinco coruchéus de diversas pinturas, e seus leões de prata no mais alto deles, na qual nos diziam os chins que estavam as ossadas desses cento e treze reis, que se tinham passado para ali, daquelas capelas de baixo. E essas ossadas (que eles veneram como grande relíquia) dizem eles que todas as luas novas se banqueteiavam umas com as outras, pelo que a gente comum, nesses tais dias, lhes costuma oferecer infinidade de aves de toda a sorte, arroz, vacas, porcos, açúcar, mel, e todo o mais gênero de mantimento a que se pode pôr nome, e por essa ajuda que lhes dão para esses banquetes, a qual os sacerdotes tomam toda para si, cuidam eles que ficam remidos como por jubileu pleníssimo, de toda a imundície de seus pecados.

Aqui nessa torre vimos também uma riquíssima casa, toda de alto a baixo forrada de pastas de prata, na qual estavam estes cento e treze reis da China em figuras de vulto também de prata, e a ossada de cada um dos reis estava metida em cada um daqueles vultos, porque dizem que assim todos juntos, segundo lhes diziam os seus sacerdotes, se comunicavam de noite uns com os outros, e tinham seus passatempos que ninguém era digno de ver, senão certos bonzos, a que eles chamam cabisondos, que são de dignidades e graus mais altos que os outros, como os cardeais entre nós. E dessas cegueiras e ignorâncias, e de outras muitas, nos contaram esses miseráveis muita quantidade, em que eles creem tão firmemente como se fossem verdades muito claras e manifestas.

Em toda essa grande cerca contamos, em dezessete estâncias, trezentos e quarenta sinos de metal e ferro coado, vinte em cada estância, os quais todos se tangerem em certos dias da lua, que são aqueles em que eles dizem que esses reis se visitam e se banqueteiavam.

Junto dessa torre, numa riquíssima capela armada no ar sobre trinta e sete pilares de cantaria muito forte, estava a estátua da deusa Amida, feita de prata, com os cabelos de ouro, sobre uma tribuna de catorze degraus, toda coberta de ouro, e tinha o rosto bem-assombrado e as mãos ambas levantadas ao céu; dos seus sovacos pendia, enfiada como ramais de contas, uma grande soma de ídolos, tamanhos como um meio dedo, e nos lugares secretos tinha duas ostras de pérolas guarnecidas de ouro, muito grandes. E perguntando nós aos chins pela significação daquelas coisas, nos disseram que depois que Deus alagara o mundo com água dos rios do céu, em que se afogara todo o gênero humano, vendo que a terra ficava deserta e sem haver nela quem o louvasse, mandara do céu da Lua a deusa Amida, camareira-mor da Nacapirau sua mulher, para que restaurasse a perda da gente que se afogara, a qual, em pondo os pés em uma terra que já era desalagada, de nome Calemplui (que é aquela ilha ou lezíria que atrás disse, que está na enseada de Nanquim, onde Antônio de Faria desembarcou em terra), ela se tornara toda em ouro, e ali estando em pé e com o rosto no céu suara pelos sovacos grande soma de crianças, pelo do braço direito machos, e pelo do esquerdo fêmeas, por não ter outro lugar no corpo por onde as pudesse parir, como têm as mulheres do mundo que têm pecado, em castigo do qual as sujeitara Deus por ordem da natureza à miséria da corrupção suja e fedorenta, para mostrar quanto lhe fedia o pecado cometido contra ele. E depois de paridas ou lançadas pelos sovacos essas crianças, as quais afirmam que foram trinta e três mil e trezentas e trinta e três, duas partes de fêmeas e uma de machos, porque dizem que assim havia sempre de haver no mundo, ficara tão debilitada daquele parto, por não haver quem a provesse do necessário, que lhe deu um vácuo de fraqueza tamanho que caíra morta em terra, sem nunca mais se levantar até agora, pelo qual a lua em memória dessa morte se cobriu de dó, que são aquelas nódoas da sombra da

terra que comumente lhe vemos, e que quando acordar, que será depois de passarem tantos anos quantas foram as crianças que pariu, que são como disse, 33 333, então tirará a lua aquela máscara de dó e ficará a noite dali por diante tão clara como o dia. E desses desatinos e doutros muitos a esse modo nos contaram tantos que é muito para pasmar, mas muito mais para chorar, ver com quão claras e manifestas mentiras traz o demônio tão enganados homens por outra parte tão entendidos, sem poderem atinar com a trilha desta nossa santa verdade que o filho de Deus veio notificar ao mundo; porém o segredo disso, só ele o sabe. Depois que saímos desse terreiro onde vimos todas essas coisas, fomos a outro templo de religiosas, muito suntuoso e rico, no qual nos disseram que estava a mãe desse rei, que se chamava Nhay Casimama, e nesse nos não deixaram entrar por sermos estrangeiros. Daqui fomos por uma rua toda de arco até chegarmos a um cais a que chamavam Hicharió Topileu, onde havia grande soma de embarcações de peregrinos de diversos reinos, que continuamente concorrem a esse templo, por jubileu pleníssimo que El-Rei da China e os chaéns do governo lhes têm concedido, e juntamente privilégios de muita franquia por toda a terra, e comer de graça em muita abastança.

De outros muitos mais templos que vimos nesta cidade os dois meses que andamos nela em nossa liberdade não trato porque querer dar por extenso relações de todos será processo infinito, mas não deixarei de dizer algumas outras coisas particulares e dignas de se notarem, que vimos, de que a primeira será dizer, com a maior brevidade que puder, alguma coisa das casas e do estado de El-Rei da China, e do governo da sua República, e dos ministros da justiça, da fazenda e da corte, para que se saiba a maneira com que esse gentio governa o seu povo, e a providência que tem em todas as coisas dele.

DO PROVIMENTO QUE SE TEM COM TODOS
OS ALEIJADOS E GENTE DESAMPARADA

O rei da China reside o mais do tempo nesta cidade de Pequim, por assim o prometer e jurar no dia da sua coroação, em que lhe metem na mão o cetro de todo o governo, do qual adiante tratarei um pouco. Nesta cidade, em ruas separadas por si, de certos bairros, há umas casas a que eles chamam Laginampur, que quer dizer “ensino dos pobres”, nas quais por ordem da câmara se ensinam a todos os moços ociosos de que não se conhece pai tanto a doutrina como o ler e escrever e todos os ofícios mecânicos, até que por suas mãos podem ganhar suas vidas; e dessas casas não há tão poucas nesta cidade que não passem de duzentas e quicá de quinhentas; e há outras tantas em que também por ordem da cidade estão muitas mulheres pobres que são amas e dão de mamar a todos os enjeitados a que de certo se não sabe pai nem mãe; porém, antes que estes se aceitem nessas casas, faz a justiça sobre isso grandes exames, e se se vem a saber qual foi o pai ou a mãe do enjeitado, os castigam gravemente e os degredam para certos lugares que eles têm por mais estéreis e doentios. E depois de serem criados esses enjeitados, se repartem por estoutras casas que digo, onde são ensinados. E se alguns por defeito da natureza não são para aprender ofícios, também se lhes dá outro remédio de vida, conforme a necessidade de cada um: se são cegos, dão a cada atafoneiro, que tem engenho de mão, três ou dois para moerem e um para peneirar, e esse é o modo que as repúblicas têm para

proverem tanto os cegos como os outros necessitados que a cidade tem a seu cargo, porque nenhum mecânico pode assentar tenda para oficial sem licença da câmara, e quando algum faz petição em que pede essa licença logo lha dão com obrigação de sustentar ou um ou mais daqueles necessitados que pertencerem ao seu ofício, para que daquilo de que ele pretende sustentar-se se remedeie também o pobre, porque dizem eles que é isso obra de proximidade mandada por Deus, e muito aceite dele, e pela qual ele dissimula conosco o castigo dos nossos pecados; e a cada um desses três há-de o atafoneiro dar de comer e vestir e calçar, e seis tostões por ano, para que quando morrer tenha que deixar por sua alma, para que não pereça, por ser pobre, na cônica funda da casa do fumo, conforme o quarto preceito da deusa Amida, que foi a primeira de quem estes cegos chins tomaram suas superstições e seus erros, o que, segundo parece, foi depois do dilúvio seiscentos e trinta e seis anos. E essa seita, com todas as mais que se acham nesse barbarismo da China, que segundo eu soube deles e já algumas vezes disse, são trinta e duas, vieram do reino de Pegu ter a Sião, e dali por sacerdotes e cabisonos se espalharam por toda a terra firme de Camboja, Champá, Laos, Gucos, Pafuás, Chiammay, império de Uzangué, e Cochinchina, e pelo arquipélago das ilhas de Ainão, Léquiós e Japão, até aos confins do Miacó e Bandou, de maneira que a peçonha desses herpes corrompeu tamanha metade do mundo como a maldita seita de Mafamede.

Há também outro remédio de vida para os aleijados não perecerem à fome, o qual é que os aleijados dos pés, que não podem andar, dão-se aos esparteiros para que torçam tamiças e façam empreitas para seirões e outras coisas que as mãos podem fazer. E para os aleijados das mãos, que não podem trabalhar com elas, dão-lhes umas seiras para que às costas as acarretem das praças, por dinheiro, com carne, pescado, hortaliça e outras coisas, à gente que nem tem quem lho leve nem o pode ela levar. E aos que são

aleijados de pés e de mãos, com o que totalmente carecem de remédio para ganharem por si suas vidas, põem-nos em umas casas muito grandes como mosteiros, em que também há grande quantidade de merceeiras que rezam pelos defuntos, e das ofertas dos saimentos de todos os mortos lhes dão metade, e aos sacerdotes a outra metade. E se são mudos, também se recolhem em outra casa como hospital, e para sua sustentação aplicam todas as penas das regateiras e mulheres bravas que se desonram em público. Para as mulheres públicas que na velhice vieram a adoecer de algumas doenças incuráveis, há também outras casas da mesma maneira, em que são curadas e providas muito abastadamente à custa das outras mulheres públicas do mesmo ofício, para a qual obra cada uma dessas paga de foro um tanto cada mês, porque também cada uma dessas pode vir depois a cair na enfermidade e então as outras que forem sãs pagarão para ela o que ela agora em sã paga para as outras doentes. E para a arrecadação dessas rendas, há homens postos pela cidade, a quem se dão por isso bons ordenados.

Há também outras casas como mosteiros, em que se sustenta muita soma de moças órfãs, as quais a cidade provê, e casa, à custa das fazendas que perdem aquelas que seus maridos acusam por adultérios, e dão a isso como razão que já que aquela se quis perder por sua desonestidade, que se ampare com o seu uma órfã, pois é virtuosa, para que assim se castiguem umas e se amparem outras.

Há também certos bairros em que se agasalham homens pobres e de bom viver, que a cidade também sustenta à custa dos procuradores que sustentam demandas injustas em que as partes não têm justiça, e de julgadores que por aceitação de pessoas, ou por peitas, não correm com os feitos conforme a justiça, de maneira que em tudo se governa essa gente com muita ordem.

CXIII

DA MANEIRA QUE SE TEM PARA HAVER EM TODO O REINO CELEIROS PARA OS POBRES, E QUAL FOI O REI QUE ISSO ORDENOU

Também é razão que se saiba a grandíssima ordem e maravilhoso governo que tem esse chim, rei gentio, em prover o seu reino de mantimentos, para que a gente pobre não padeça necessidades, e para isso direi o que disso se trata nas suas crônicas que eu algumas vezes ouvi ler, escritas em letra de fôrma ao seu modo, que aos reinos e repúblicas cristãs pode ser exemplo, tanto de caridade como de bom governo.

Contam essas crônicas que um rei, bisavô desse que agora reina, de nome Chausirão Panagor, que por uma grande enfermidade que tivera perdera a vista, era grandissimamente amado do seu povo, pela realidade e brandura da sua condição e natureza. Este, desejando fazer a Deus um grande serviço, e que lhe fosse sumamente agradável, chamou a cortes e nelas ordenou que para remédio de toda a gente pobre houvesse (como ainda agora há) em todas as cidades e vilas do reino celeiros de trigo e de arroz, para que quando por alguma esterilidade a terra não desse fruto, como algumas vezes acontecia, tivesse a gente mantimento de que se sustentasse naquele ano para que os pobres não perecessem à míngua, e que para isso dava toda a décima parte dos direitos reais. E mandando passar disso um padrão geral para todas as cidades que eram cabeças dos anchacilados das comarcas, diz a crônica que, trazendo-lho para que o assinasse com um sinete de ouro que trazia no braço, com que, por ser cego o costumava fazer,

logo em o assinando lhe dera Deus vista perfeita, a qual sempre tivera todo o tempo que depois viveu, que foram catorze anos. Pelo qual exemplo (se assim foi) parece que quis Nosso Senhor mostrar quanto lhe agrada a caridade que por seu amor se usa com os pobres, mesmo entre os infiéis e os que o não conhecem. E de então para cá houve sempre em toda essa monarquia um grande número de celeiros, que, segundo se afirma, são catorze mil casas. E a ordem que as câmaras do governo têm em os proverem sempre de mantimentos novos é esta: logo que as novidades parece que estão já certas e seguras, se reparte o trigo velho por todos os moradores e gente dos lugares, conforme a possibilidade de cada um, e lho dão a modo de empréstimo, por tempo de dois meses, os quais homens, acabado esse tempo que pela justiça lhes foi posto, vêm logo todos entregar outro tanto trigo novo quanto receberam velho, e dão mais de crecença seis por cento para as quebras, para que nunca se diminua a cópia que ali se puser, e quando acerta o ano a ser estéril, se reparte também o trigo pelo povo sem se levar por isso ganho nem interesse algum, e o que se dá à gente pobre que não tem com que satisfaça o que se lhe empresta, para esse todo contribuem as rendas que as terras pagam a El-Rei, por ser esmola que ele por aquele padrão lhe tem feita, o que está registado em todas as câmaras para que os anchacis da fazenda o levem em conta.

E de toda a mais massa das rendas do reino, que é uma muito grande quantidade de picos de prata, se fazem três partes, das quais uma é para a sustentação do estado real e do governo do reino, outra para a defesa das terras, e provimento dos armazéns e das armadas, e a outra se põe em tesouro aqui nesta cidade de Pequim, com o qual o rei de poder ordinário não pode bulir por estar destinado para a defesa do reino e para as guerras que muitas vezes se tem com os tártaros e com o rei dos cauchins, e com outros reis que confinam com ele, ao qual tesouro eles chamam

chidampur, que quer dizer “muro do reino”, porque dizem eles que, enquanto aquele tesouro estiver ali vivo para remédio dos trabalhos a que de necessidade se há-de acudir, não lançará o rei tributo nem finta sobre os pobres, nem os povos serão vexados como se faz nas outras terras em que se não tem essa providência.

Assim em todas as coisas há neste reino um tão excelente governo e uma tão pronta execução nas coisas dele que, entendendo bem isso no tempo que lá andou, aquele bem-aventurado Padre-Mestre Francisco Xavier, lume no seu tempo de todo o Oriente, cuja virtude e santidade o fizeram tão conhecido no mundo que por isso escusarei por agora de tratar mais dele, espantado, tanto dessas coisas como doutras muitas excelências que nesta terra viu, dizia que se Deus alguma hora o trouxesse a este reino havia de pedir de esmola a El-Rei nosso senhor que quisesse ver as ordenações e os estatutos de guerra e da fazenda por que essa gente se governava, porque não tinha dúvida de que eram muito melhores que os dos romanos no tempo de sua felicidade, e que os de todas as outras nações de gentes de que os escritores antigos trataram.

DO NÚMERO DA GENTE QUE VIVE NAS CASAS
DE EL-REI DA CHINA, E DOS NOMES DAS DIGNIDADES
SUPREMAS QUE GOVERNAM O REINO, E DAS TRÊS
PRINCIPAIS SEITAS QUE HÁ NELE

Por me temer que particularizando EU todas essas coisas que vimos nesta cidade a grandeza estranha delas possa fazer dúvida aos que as lerem, e também para não dar matéria aos murmuradores e gente praguenta, que querem julgar das coisas conforme ao pouco que eles viram e que seus curtos e rasteiros entendimentos alcançam, de lançarem juízos sobre as verdades que eu vi por meus olhos, deixarei de contar muitas coisas que quiçá dariam muito gosto a gente de espíritos altos e de entendimentos largos e grandes, que não medem as coisas das outras terras só pelas misérias e baixezas que têm diante dos olhos, porque esses sei eu que tanto pela grandiosidade de seus espíritos como pela sua natural curiosidade, e pela capacidade dos seus entendimentos, folgariam muito de as saber. Mas por outra parte não porei também muita culpa a quem me não der muito crédito ou duvidar do que eu digo, porque realmente afirmo que eu mesmo, que vi tudo por meus olhos, fico muitas vezes confuso quando imagino nas grandezas desta cidade de Pequim, no admirável estado com que se serve esse rei gentio, no aparato dos chaéns da justiça, e dos anchacis do governo, no terror e espanto que em todos causam os seus ministros, e na suntuosidade das casas e templos dos seus ídolos e de tudo o mais que há nela. Porque somente na cidade de Minapau, que está situada dentro da cerca dos paços de El-Rei, há cem mil capados, e trinta mil mulheres, e doze mil homens da

guarda, a que El-Rei dá grossos salários e tenças, e doze tutões, que são as dignidades supremas sobre todas as outras, aos quais (como já disse) o comum chama resplendores do Sol, porque como o rei se nomeia por filho do Sol, dizem eles que esses doze, por representarem em tudo sua pessoa, se chamam resplendores do Sol. E abaixo desses doze há quarenta chaéns, que são como vice-reis, fora outras muitas dignidades mais inferiores, que são como regedores, governadores, vedores da fazenda, almirantes, capitães-mores, que se nomeiam por anchacis, aitaus, ponchacis, lauteás e chumbins, os quais todos, ainda que nesta cidade que é a corte, sejam mais de quinhentos, nenhum traz estado de menos de duzentos homens, e os mais deles, para maior espanto, são gentes estrangeiras de diversas nações, dos quais a maior parte são mogores, persas, corações, moéns, calaminhans, tártaros, e cauchins, e alguns bramás do Chaléu e Tangu, porque dos naturais não fazem conta por ser gente fraca, e para pouco, ainda que muito hábeis e engenhosos em todo o negócio mecânico e de agriculturas, e arquitetos de engenho muito vivo e inventores de coisas muito sutis e artificiosas. E as mulheres são muito alvas e castas, e inclinadas a todo o trabalho mais que os homens; a terra em si é fértil de mantimentos, tão rica e abastada de todas as coisas que em verdade afirmo que não sei como o diga, porque parece que não há entendimento que possa compreender, quanto mais palavras que possam declarar os nomes de tantas e tão várias coisas quantas Deus quis dar a esse povo infiel e inimigo seu, e tão ingrato a todas essas mercês que recebe dele, que tem para si que só pelos merecimentos do seu rei produz a terra toda essa abundância, e não pela divina providência e pelo amor daquele senhor que tudo pode.

Dessa sua cegueira e incredulidade lhes nascem os grandes desatinos e a grande confusão de superstições que têm entre si, em que têm muitos abusos e cerimônias diabólicas, e usam de sacrifícios de sangue humano, os quais oferecem com diversidade

de fumos cheirosos e com grandes peitas que dão aos seus sacerdotes para que lhes segurem grandes bens nesta vida, e na outra riquezas de ouro infinitas, os quais sacerdotes lhes dão para isso uns escritos como letras de câmbio a que o comum chama cuchimiocós, para que lá no céu, em eles morrendo, lhes deem a cento por um, como se eles tivessem lá correspondentes. E nisso estão esses miseráveis tão cegos que muitas vezes deixam de comer e prover-se do que lhes é necessário, para terem que dar a esses sacerdotes de sataná, havendo essa veniaga por boa e muito segura.

Há também outros sacerdotes doutra seita, que se chamam naustolins, os quais pelo contrário pregam aos seus ouvintes e lho afirmam com grandes juramentos que não há mais que viver e morrer como qualquer bruto, e por isso que se logrem dos bens enquanto lhes durar a vida, porque de ignorantes era cuidar outra coisa. Há outros de outra seita que se chama trimechau, que têm por opinião que quanto tempo um homem vive nesta vida, tanto há-de estar morto debaixo da terra, e depois por rogos desses seus sacerdotes se há-de tornar a sua alma a meter numa criança de sete dias, para de novo viver naquele corpo até tomar forças para tornar em busca do corpo que deixou na cova, para o levar ao céu da Lua, onde dizem que dormirá uma grande soma de anos até se converter em estrela, e que ali ficará fixo para sempre. Outros de outra seita que se chama Gizom têm para si que só as bestas, pela penitência que fizeram nesta vida com os trabalhos que levaram nela alcançarão depois o céu em que descansem, e não o homem que sempre viveu à vontade da carne, roubando e matando, e fazendo outros muitos pecados, pela qual razão, por nenhum caso pode ser salvo senão o que à hora da morte deixar quanto tiver ao pagode e aos sacerdotes para que roguem por ele. De maneira que todo o fundamento dessas suas diabólicas seitas está posto em tiranias e em proveito dos bonzos que são os que isso pregam à gente e lho afirmam com muitas palavras, por onde os tristes

dos ouvintes, parecendo-lhes aquilo verdade, lhes dão tudo quanto têm, porque cuidam que com darem ficam salvos e seguros dos medos com que os ameaçam se assim o não fizerem.

Não quis nesta matéria tratar de mais que dessas três seitas somente, e quis deixar todos os mais abusos das trinta e duas seitas que há neste império da China, tanto porque declará-las todos será processo infinito, como já disse algumas vezes, como porque desses se pode bem entender quais serão os outros, porque todos são a esse modo. E deixando o remédio desses tamanhos males e cegueiras à misericórdia e à providência divina a quem somente ele compete, não tratarei daqui por diante de mais que de contar outros trabalhos que passamos no nosso degredo na cidade de Quansi, até sermos cativos dos tártaros, que foi no ano de mil e quinhentos e quarenta e quatro.

COMO FOMOS LEVADOS PARA QUANSI A CUMPRIRMOS
NOSSO DEGREDO, E DA DESVENTURA QUE AÍ TIVEMOS
POUCO TEMPO DEPOIS QUE CHEGAMOS

Depois de haver dois meses e meio que andamos nesta cidade de Pequim, um sábado, dia treze do mês de Janeiro do ano de 1544, nos levaram para a cidade de Quansi a cumprirmos o nosso degredo, onde, chegados, nos mandou o chaém levar perante si, e, depois de nos fazer algumas perguntas, quis que o servíssemos na guarda dos oitenta alabardeiros que El-Rei lhe dava, o que nós não tivemos por mantimento muito avantajado e mais bem pago, e nós termos mais liberdade.

E havendo já quase um mês que aqui estávamos pacificamente e contentes de nós por acertarmos melhor tratamento do que esperávamos, vendo o demônio quão conformes vivíamos todos nove, porque todo o nosso era comum de todos e todos irmãmente repartíamos entre nós essa miséria que cada um tinha, ordenou semear entre dois de nós uma contenda assaz prejudicial para todos, nascida de uma certa vaidade que a nossa nação portuguesa tem consigo, a que não sei dar outra razão senão ter como natureza ser malsofrida nas coisas da honra; e a diferença foi esta: vieram por acaso dois dos nove a travar-se de palavras sobre qual geração tinha melhor moradia na casa de El-Rei nosso senhor, se os Madureiras se os FONSECAS, e de palavra em palavra veio o negócio a chegar a tanto que vieram a usar dos baixos termos das regateiras, dizendo um para o outro: “Quem sois vós? Mas quem sois vós?”, com porventura cada um deles ter pouco mais

de nada. E com isso se meteram em tanta cólera que um deles deu ao outro uma grande bofetada, a qual houve por resposta uma grande cutilada pelo rosto do que a deu, dada com uma faca, que lhe derrubou meia face em baixo, e o ferido, lançando mão a uma alabarda, decepou ao outro um braço, e, travando-se com isso a briga entre todos os nove sobre essa desventurada questão, a coisa veio a estado que depois de sete de nós estarmos muito feridos acudiu o chaém em pessoa com todos os anchacis da justiça, e, tomando-nos às mãos, deram logo a cada um trinta açoites, de que ficamos mais sangrados que das feridas, e nos levaram a uma masmorra que estava debaixo do chão, onde nos tiveram quarenta e seis dias com grilhões nos pés, algemas nas mãos e colares nos pescoços, com que passamos assaz de trabalho.

Esse nosso negócio se pôs logo na mão do promotor de justiça, o qual veio logo com libelo contra nós, e num dos artigos dele, o qual provou com dezesseis testemunhas, veio dizendo que nós éramos gente sem temor nem conhecimento de Deus, nem tínhamos mais que confessá-lo com a boca, como podia fazer qualquer animal bruto se soubesse falar, porque de crer era que homens de uma nação, de um sangue, de uma carne, de uma terra, de um reino, de uma língua, e de uma lei, que se feriam e matavam tanto sem piedade, sem haver causa nem razão para isso, não era senão por sermos servos da serpe tragadora da casa do fumo, o que se via claramente em nossas obras, pois eram como as que ela sempre costumava fazer, pelo que, conforme à lei do terceiro livro das brochas de ouro da vontade do filho do Sol, de nome Nileterau, nos deviam desterrar de toda a comunicação da gente, como praga contagiosa e peçonhenta, e que nossa habitação fosse nos montes de Chabaqué, ou Sumbor, ou Lamau, para onde se costumavam desterrar os tais como nós, para que lá ouvíssemos bramir de noite as feras silvestres, que eram da nossa mesma progênie e vil natureza.

Daqui nos levaram um dia pela manhã ao pitau Calidão da justiça, que era o tribunal onde o anchaci estava sentado com aparato assaz grande e temeroso, acompanhado de muitos ministros e oficiais a que eles chamam chumbins, upos, lauteás e sipatões, fora outra muito grande cópia de ouvintes e requerentes de diversas partes, e ali nos tornaram a dar a cada um outros trinta açoites, e depois de nos publicarem a sentença nos levaram a outra prisão onde estivemos com menos trabalho que na outra donde nos tiraram, mas arrenegando dos FONSECAS e MADUREIRAS, e muito mais do demônio que tais obras tecera.

Nessa prisão estivemos quase dois meses, nos quais de todo saramos das feridas e dos açoites, mas passando nela grandes necessidades de fome e de sede, no fim do qual tempo prouve a Nosso Senhor que o chaém houve misericórdia de nós, porque um certo dia em que eles costumam fazer grandes esmolas por seus defuntos tornou de novo a ver a nossa sentença e disse que considerando sermos nós gente estrangeira, e de terra e nação tão remota que até então não havia ali de nós nenhuma notícia, nem livro ou escritura alguma que fizesse menção do nosso nome, nem se achava quem entendesse a nossa linguagem, e juntamente por sermos costumados a sofrer miséria e vil pobreza, a qual muitas vezes costuma desinquietar os bons e quietos, quanto mais a gente que não professou paciência em suas adversidades, donde ficava claro que a nossa discórdia procedera mais dos efeitos que a nossa miséria e pobreza causara em nós, que da ruim natureza de que o promotor nos acusava; e considerando também haver na terra poucos degredados para o serviço ordinário da república e dos oficiais da justiça, a que de necessidade se havia de acudir, mandava que por esmola feita em nome de El-Rei a pena do crime que cometêramos se satisfizesse com os açoites que nos tinham dado, e ficássemos ali cativos para sempre até o tutão mandar o contrário, se lhe bem parecesse. E que o que dali por diante fizesse

desordem nos bazares ou tirasse sangue a qualquer pessoa fosse morto a açoites no mesmo dia. Essa sentença nos foi logo publicada, e, ainda que a ouvíssemos com assaz de lágrimas por vermos o miserável estado a que éramos chegados, todavia a houvermos por menos má que a primeira. Com isso fomos logo tirados da prisão, e, presos de três em três, fomos levados a umas ferrarias onde estivemos cinco meses com assaz de trabalho e de necessidades, sem vestido, sem cama, cobertos de piolhos e mortos de fome, no fim dos quais viemos todos a adoecer de modorra, e por ser o mal contagioso, nos lançaram fora para que fôssemos pedir esmola até sermos sãos, e nos mandaram soltar das prisões em que nos tinham.

E havendo já mais de outros quatro meses que assim doentes andávamos de porta em porta, pedindo esmola que nos davam muito raramente, pela muita esterilidade que então havia na terra, nos foi forçoso conformarmo-nos todos uns com os outros, e fazermos entre nós um concerto prometido e jurado de todos, com voto solene, o qual foi que dali por diante vivêssemos em muita conformidade como cristãos que éramos, e que cada mês um de nós fosse como maioral, a quem, pelo juramento que tínhamos feito, todos os outros obedecessem como se fora superior e prelado verdadeiro de todos, sem nenhum de nós ter vontade própria nem fazer outra coisa senão o que lhe fosse mandado por ele. E disso tínhamos nossas regras escritas, por onde nos governávamos. E com isso quis Nosso Senhor que dali por diante nos conservamos em muita paz e concórdia, ainda que foi com bem grande trabalho e falta do que nos era necessário para a vida.

COMO ACASO ACHEI NESTA CIDADE UM PORTUGUÊS,
E O QUE COM ELE PASSAMOS

Havendo já alguns dias que continuávamos todos em muita paz e quietação, pela ordem que atrás tenho dito, vendo o nosso maioral daquele mês, que se chamava Cristóvão Borralho, quão necessário nos era buscarmos nosso remédio por todas as vias que pudéssemos, nos repartiu às semanas, de dois em dois, uns para pedirem esmola pela cidade, outros para buscarem água e fazerem de comer, e outros para irem ao mato buscar lenha para vendermos e para gastarmos.

E cabendo-me a mim um dia ir ao mato em companhia de um tal Gaspar de Meireles, nos levantamos pela manhã e saímos de casa a fazer nosso ofício. E como esse Gaspar de Meireles era músico e tangia numa viola, e cantava muito arrazoadamente, que são partes muito agradáveis a esta gente, porque o mais do tempo gastam em banquetes e delícias da carne, gostavam ali muito dele e era muitas vezes chamado para essas coisas, das quais sempre trazia uma esmola com que o mais do tempo nos remediávamos. E indo nós, como digo, ele e eu para o mato, como nos era mandado, acertamos de encontrar numa rua antes que saíssemos da cidade, uma grande soma de gente que com grande regozijo e festa levava a enterrar um morto, com muitas insígnias de pompa fúnebre, no meio da qual ia uma grande música de muitos que cantavam e tangiam em seus instrumentos. E conhecendo um daqueles que como maioral ou mestre da música governa os outros, o Gaspar

de Meireles, lançou mão dele para tanger, e metendo-lhe na mão uma viola, lhe disse:

– Rogo-te que cantes o mais alto que puderes, para que te ouça este defunto que aqui levamos, porque te afirmo que vai muito triste pela saudade que leva de sua mulher e de seus filhos a que em extremo era afeiçoado.

O Gaspar de Meireles se lhe escusou com algumas razões que para isso lhe deu, porém o mestre da música não lhas aceitou, mas antes já com cólera lhe respondeu:

– Se tu não aproveitares a este defunto com essa graça de tanger e cantar que Deus te deu, não direi de ti que és homem santo como até agora todos cuidamos, mas que a excelência desta fala que tens é dos habitantes da casa do fumo, cuja propriedade e natureza primeira foi também cantar com vozes suaves, ainda que agora chorem e gemam no lago da noite como cães esfaimados que rangem os dentes, e ensopados na baba do ódio dos homens, se lhes enxerga a espuma de suas maldades nas ofensas que fazem ao que vive no mais alto dos céus.

Após isso, pegaram dez ou doze no Gaspar de Meireles e o fizeram quase à força tanger, e o levaram consigo até ao lugar onde haviam de queimar o defunto, conforme o uso de suas gentílicas seitas.

Eu, vendo-me assim só, e o companheiro levado à força, fui ao mato buscar o meu feixe de lenha como me era mandado, e tornando já sobre a tarde com ele às costas, me saiu ao caminho um homem velho vestido de umas roupas de damasco preto forradas de peles de cordeiras brancas, o qual vinha só, e logo que me viu se meteu por uma azinhaga que ali fazia o mato, e à entrada dela me esteve esperando, e, vendo que eu ao perpassar não olhava para ele, escarrou alto para que eu o ouvisse; e eu, ouvindo o escarro, levantei os olhos, e pondo-os nele, vi que me acenava com a

mão como quem chamava por mim. Eu, havendo isso como coisa nova, lhe disse na língua do chim: “Potau quinay?”, que quer dizer “Chamaste-me?” – a que ele, sem responder palavra, me deu a entender por aceno que sim.

Eu então, imaginando que podia ser aquilo negaça de alguns ladrões que me queriam tomar o feixe, como algumas vezes ali acontece, o pus no chão para ficar mais prestes para me defender, e tomando na mão um pau que trazia para me encostar, fui para ele no meu passo cheio, o qual, vendo que eu o seguia, caminhou um pouco apressadamente para dentro da azinhaga, com o que eu então acabei de assentar que sem dúvida era ladrão, e tornando com isso a me retirar para onde tinha o feixe, o tomei às costas o mais depressa que pude, com tenção de fugir para a estrada por onde passava a gente para a cidade. Porém o homem, entendendo o meu propósito, tornou a escarrar muito mais alto, e tornando eu a olhar para ele, o vi sentar-se em joelhos e mostrar-me uma cruz de prata de quase um palmo de comprido, e levantar as mãos para o céu, de que fiquei tão espantado que, não sabendo o que aquilo pudesse ser, me pus como pasmado a olhar para ele, o qual em todo esse tempo não deixava de me acenar com uns meneios piedosos para que me chegasse a ele. Eu então, tornando mais em mim, me determinei a ir saber o que era ou o que queria, e caminhando para onde ele estava, com o meu pau na mão, o fui seguindo para dentro da azinhaga onde ele já a esse tempo me estava esperando, e chegando a ele, sem até então cuidar de outra coisa senão que era chim, se me lançou aos pés e com grandes soluços e muitas lágrimas começou a dizer:

– Bendito e louvado seja o dulcíssimo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois ao cabo de tanto tempo e em tamanho desterro me permitiu verem meus olhos homem cristão que professasse a lei de meu Deus posto na Cruz.

Quando eu ouvi uma coisa tão nova, e tão longe do que eu esperava, fiquei tão sobressaltado que afastando-me riço para trás, mais que pasmado, lhe disse alto: – Eu te esconjuro da parte de Nosso Senhor Jesus Cristo a que me digas quem és!

A que ele, com muitas lágrimas respondeu:

– Sou, irmão meu, um pobre cristão português, de nome Vasco Calvo, que foi capitão da nau de D. Nuno Manuel, natural de Alcochete, que faz agora vinte e sete anos que nesta terra fui cativo com Tomé Pires, que Lapa Soares mandou como embaixador a este rei chin, que depois acabou desastadamente por um desarranjo de um capitão português.

Nesse tempo, tendo eu já de todo tornado em mim, o levantei do chão onde jazia chorando como uma criança, e com outras tantas lágrimas como as suas, lhe roguei que nos sentássemos ali ambos no chão, o que ele dificultosamente me concedeu, porque quisera que nos fôramos logo para sua casa. E tornando ele de novo a me contar todo o sucesso de seus trabalhos, me relatou todo o decurso de sua vida e de tudo o mais que tinha passado desde que partira deste reino até então, e tanto da morte do Embaixador Tomé Pires, como dos mais que Fernão Peres de Andrade deixou com ele em Cantão, para irem ao rei da China, o que, segundo me ele contou, não se conforma muito com o que os nossos cronistas escrevem.

E depois que passamos tudo o que restava do dia em nos contarmos um ao outro os nossos trabalhos, viemos para a cidade, e, mostrando-me a casa onde pousava, me rogou que fosse logo chamar os outros meus companheiros, e eu fui logo ter com eles e os achei todos juntos na pobre casinha em que vivíamos, esperando por mim; e dando-lhes conta do que achara e de tudo o mais que me acontecera, ficaram eles todos tão espantados quanto a novidade do caso o requeria, e vieram logo todos comigo a casa do

Vasco Calvo, o qual nos estava já esperando com muito alvoroço e com a mesa posta, e chegando a ele se tornou outra vez a celebrar a entrada dos companheiros com assaz de lágrimas de todos.

Ele nos levou para outra casa onde estava sua mulher com dois meninos, e duas moças filhas suas, e ela também nos recebeu e agasalhou com tanto amor como se fora mãe ou irmã de cada um de nós. E depois de ser passada uma grande parte da noite, nos sentamos à mesa, na qual ele mesmo nos deu a todos água às mãos, e todo o tempo que durou o estar à mesa não houve nenhum de nós que pudesse ter os olhos enxutos, o que, acabado, se levantou sua mulher com muita cortesia, e como tinha por costume dar cristãmente graças a Deus em segredo, por algum receio que tinha dos gentios ou de parentes honrados que tinha na terra, tirou uma chave que trazia no braço e abriu uma portinhola de um oratório muito bem concertado, onde estavam um altar com uma cruz de prata, e dois castiçais e uma lâmpada do mesmo, e pondo-se ela e os filhos todos quatro em joelhos com as mãos alevantadas, disseram estas palavras em português, e bem pronunciado:

– Verdadeiro Deus, nós pecadores confessamos diante da vossa cruz, como bons cristãos, a Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, três pessoas e um só Deus, e assim prometemos viver e morrer na nossa santíssima Fé Católica como bons e verdadeiros cristãos, confessando e crendo na vossa santa verdade, tudo o que tem e crê a Santa Madre Igreja de Roma. E destas nossas almas, com o vosso precioso sangue remidas, vos fazemos preito e menagem, para com elas vos servirmos toda a vida, e na hora da morte vo-las entregarmos como a Deus e Senhor, cujas confessamos que são, por criação e por redenção.

E após isso disseram o padre-nosso e a ave-maria, o credo e a salve-rainha, muito bem ditos e pronunciados, que a todos nos fez derramar muitas lágrimas, vendo aqueles meninos inocentes

em terra tão apartada e sem conhecimento de Deus confessarem a sua lei com palavras tão santas.

Acabado isso tudo, por serem já mais de três horas depois da meia-noite, nos tornamos para a nossa pousada, tão espantados do que víamos quanto da mesma coisa se pode entender que era razão.

COMO UM CAPITÃO TÁRTARO ENTRou COM GENTE NESTA CIDADE DE QUANSI, E DO QUE FEZ NELA

Havendo já oito meses e meio que estávamos neste cativeiro em que passamos assaz de trabalhos e necessidades porque não tínhamos de que nos sustentássemos senão de algumas fracas esmolas que tirávamos pela cidade, uma quarta-feira, dia treze do mês de julho do ano de 1544, sendo passada mais de meia-noite, se levantou em todo o povo uma tamanha revolta e desordem de repiques e gritas que parecia que se fundia a terra; e acudindo nós todos a casa de Vasco Calvo lhe perguntamos pela causa daquele tumulto, e ele com assaz de lágrimas nos disse que havia nova certa de estar El-Rei da Tartária sobre a cidade de Pequim com o mais grosso poder de gente que nenhum outro rei nunca juntara no mundo desde o tempo de Adão até àquela hora, no qual se afirmava que vinham vinte e sete reis, e que se dizia que traziam consigo um conto e oitocentos mil homens, de que seiscentos mil eram de cavalo, que por terra eram vindos da cidade de Lançame, e de Famstir, e de Mecui, donde partiram com oitenta mil badas em que vinham o mantimento e toda a bagagem, e o conto e duzentos mil de pé, vieram em dezesseis mil embarcações de laulés e jangas pelo Rio da Batampina abaixo, e que El-Rei da China, por se não atrever a resistir a tamanho poder, se fora aforrado para Nanquim. E que agora no pinhal de Manicatarão, que era dali a uma légua e meia, estava alojado um nauticor do tártaro, com setenta mil de cavalo, sem

gente nenhuma de pé, o qual vinha sobre aquela cidade, e que lhe parecia que não tardaria duas horas; com a qual nova ficamos tão fora de nós que tartamudeando uns com os outros nem podíamos nem sabíamos falar a propósito.

E perguntando-lhe nós o que faríamos, ou que meio poderíamos ter para nos salvarmos, respondeu ele, e bem agastado:

– O meio que eu agora, meus irmãos, achava mais certo de nossa salvação era acharmo-nos entre Lavre e Coruche, ao pé de uma moita onde me eu já vi muitas vezes, mas, já que isso não pode ser, encomendemo-nos a Deus Nosso Senhor que nos valha. Porque vos afirmo que há menos de uma hora que eu dava mil taéis de prata a quem me pusesse em salvo com minha mulher e meus filhos, mas que não houve remédio por estarem já todas as portas fechadas, e a muito bom recato, e os muros com infinidade de gente que o chaém lhes tem posta, fora outros capitães que de sobresselente estão postos em certos lugares para rondarem e acudirem onde houver necessidade.

Com isso passamos os nove companheiros o que ficava daquela triste noite em assaz grande aflição e agonia de espírito, sem nos sabermos dar a conselho nem determinar no que faríamos, somente gemendo e chorando com o grande medo e atribulação em que nos víamos.

Sendo já manhã clara, antes que o sol saísse apareceram os inimigos e deram de si uma guerreira e assaz medonha vista, divididos em sete batalhas muito grossas, com muitas bandeiras de campo quarteadas de verde e branco, que são as cores da divisa desse rei da Tartária, e ao som de muitos tambores tocados a seu modo se foram chegando para um pagode de grandes oficinas chamado Petilau Namejão, que estava um pouco afastado dos muros, e traziam na dianteira muitos corredores em cavalos ligeiros que tecendo uns pelos outros com suas lanças terçadas

rondavam todas as sete batalhas e toda a mais fardagem que vinha na vanguarda.

Chegando eles ao pagode com essa ordem que digo, depois de estarem parados quase meia hora, se ordenaram ao som de instrumentos de guerra com que continuamente tangiam, em um grosso esquadrão a modo de meia-lua, que cercava toda a cidade em roda. E estando a pouco mais de tiro de espingarda afastados do muro, arremeteram a ele com uma grita tão espantosa que parecia que se juntava o céu com a terra, e arvorando mais de duas mil escadas que para isso traziam, lhe deram o assalto a toda a roda, por todas as partes que puderam, subindo pelas escadas acima muito determinadamente e sem nenhum medo. E ainda que no princípio houvesse alguma resistência nos de dentro, contudo nem isso foi bastante para que os inimigos deixassem de efetuar seu intento, porque, quebrando com vaivéns feitos de vigas ferdadas as principais quatro portas da cidade, mataram logo o chaém com uma grande quantidade de mandarins e gente nobre que com ele acudiram a defender a entrada. E com isso, sem haver outra nenhuma resistência, a miserável cidade foi entrada por esses bárbaros, por oito partes, os quais meteram à espada todos os moradores dela sem perdoarem a coisa viva, de maneira que se afirmou que o número dos mortos passou de sessenta mil pessoas, em que entraram muitas mulheres donzelas virgens muito formosas e filhas de senhores de muita renda.

Depois de ser morta toda essa gente, a cidade abrasada e os edifícios de casas particulares, e templos suntuosos, e tudo o mais que nela havia posto por terra, sem haver coisa que ficasse em pé, se detiveram ali sete dias, e no fim deles se tornaram para a cidade de Pequim onde então o seu rei estava, e donde os mandara àquele feito, os quais levaram consigo infinidade de ouro e de prata, sem outra fazenda nenhuma, por não terem em que a levassem;

porém a tudo puseram o fogo antes que se partissem, para que os chins a não lograssem.

Dois dias depois de serem partidos, chegaram a um castelo a que chamavam Nixiancó, no qual o nauticor de Lançame, general dessa bárbara gente, assentou seu campo e se entrincheirou por todas as partes com tenção de o assaltar ao outro dia, por se dizer que quando por ali passara para Quansi lhe mataram os chins ali cem homens em uma cilada que lhes fizeram, de que estava muito magoado.

DO ASSALTO QUE O NAUTICOR DE LANÇAME DEU
AO CASTELO DE NIXIANCÓ, DO SUCESSO QUE TEVE,
E DO MAIS QUE SUCEDEU DAÍ POR DIANTE

Depois que o campo se acabou de alojar e entrincheirar de todo, e foi posto em quietação, que seria quase às ave-marias, o general com só cinco de cavalo o rondou todo seis ou sete vezes, e pondo-lhe a guarda e as vigias necessárias, se recolheu ao seu dopo, que era a estância onde tinha a sua tenda, e mandou chamar secretamente os setenta capitães de toda a gente e lhes descobriu a sua determinação, a qual eles todos lhe aprovaram por boa; e tratando do modo que ao dia seguinte se teria no assalto do castelo, se assentou que se acomettesse à escala vista, e se desse o assalto com quinhentas escadas que logo naquela noite se fizeram prestes. E logo que foi manhã clara, ao som dos seus instrumentos de guerra a que eles chamam paligundoéns, a maior parte da gente, repartida em catorze batalhas, começou a marchar para o castelo com passo não muito apressado, e chegando a tiro de frecha começaram logo os soldados com grandes gritas e estrondo de muitos instrumentos a encostar as escadas ao muro, e subindo por elas acima, eles para entrarem no castelo, e os de dentro para lho defenderem, travaram entre si uma briga tão acesa que em menos de duas horas o tártaro perdeu três mil dos seus.

E recolhendo-se então desordenadamente os que pelejavam, ele se foi retirando para o seu arraial onde aquele dia esteve quieto, entendendo somente no enterramento dos mortos e na cura

dos feridos, de que também houve um grande número, de que a maior parte depois morreu por serem as setas com que os chins lhes atiravam, ervadas com uma peçonha tão forte que nenhum remédio lhes aproveitava. Vendo os capitães o mau sucesso desse assalto, receosos de lho estranhar El-Rei, porque já no campo havia algumas murmurações, disseram ao nauticor que se ele determinava dar segundo assalto o pusesse em conselho geral conforme o regimento que trazia, porque se não atreviam eles a tomar sobre si um tamanho peso. E a ele lhe pareceu isso bem, para o que mandou chamar a maior parte dos nobres e os fez juntar no campo em que estavam as tendas, onde em voz alta de cima de um cavalo lhes fez uma fala em que lhes declarou a razão para que foram juntos, e sobre ela se altercou um grande espaço, com tanta variedade de pareceres que por então se não pôde tomar conclusão em coisa alguma, e por ser muito tarde e haver no campo muitos feridos a que necessariamente se havia de acudir, se assentou que ao outro dia seguinte se tornassem todos a juntar no mesmo lugar para se tomar resolução no que se tinha altercado; e com isso se recolheu cada um para a sua estância. Um desses que se acharam nesse ajuntamento era o guarda que nos trazia consigo, o qual, por ser homem rico e honrado, vinham com ele três dos mais principais, convidados para a ceia, os quais, depois de terem ceado, vieram a praticar no mau sucesso do dia antes, e de como o Mitaquer (que assim se chamava o nauticor) andava por isso assaz agastado. E acertando um desses que estava na prática de olhar para nós, por estar mais chegado à prisão onde nós estávamos, viu que entendíamos o que eles falavam, e nos perguntou que gente éramos e como se chamava a nossa terra, e de que maneira nos cativaram os chins, às quais perguntas respondemos conforme à verdade do que se podia dizer, de que ele fez algum caso; e discorrendo mais pela prática, nos perguntou se pelejávamos na nossa terra, e se era o

nosso rei inclinado à guerra, a que um dos nossos, de nome Jorge Mendes, respondeu que sim, porque éramos todos criados nela e exercitados de muito pequenos, da qual resposta o tártaro se satisfez tanto que chamando os seus dois companheiros lhes disse:

– Vinde ouvir estes presos, porque vos certifico que me parecem homens em que cabe razão.

Os outros dois se chegaram logo e nos estiveram ouvindo algumas coisas que lhes contamos de nós acerca do infortúnio da nossa prisão. E não cessando eles de nos fazerem perguntas a que nós respondemos o melhor que soubemos, um deles que se mostrava mais curioso disse ao Jorge Mendes, que era o que falava com eles:

– Se algum de vós outros, pelo muito que dizeis que tendes visto pelo mundo, entendesse ou soubesse de algum ardil com que o Mitaquer nauticor de Lançame pudesse tomar este castelo, eu vos afirmo que em vez de serdes vós seus cativos, o será ele vosso.

A que o Jorge Mendes, inconsideradamente e sem entender o que falava nem o em que se metia, respondeu:

– Se o senhor Mitaquer, nauticor de Lançame, nos der um assinado seu em nome de El-Rei, de nos mandar pôr seguros nas águas do mar da Ilha de Ainão, donde nos possamos ir livremente para nossa terra, quiçá que lhes farei eu tomar o castelo com muito pouco trabalho.

Um dos tártaros que ali estavam, homem velho e no parecer grave e de autoridade, do qual se dizia que era muito aceite ao Mitaquer, lhe respondeu alvoroçado:

– Vê bem o que dizes, porque te afirmo que se isso fizeres te será logo concedido quanto pedires, e muito mais ainda do que podes pedir.

Nós então, vendo em que o Jorge Mendes se queria meter, e da maneira que se penhorava no que prometia, e que os tártaros lançavam mão disso, o repreendemos todos dizendo que se não

metesse em coisa que nos desse trabalho e nos pusesse em risco de perdermos as vidas, a que ele respondeu algum tanto agastado:

– Bofé, senhores, que quanto à minha eu a estimo agora tão pouco que se alguns desses bárbaros ma quisesse jogar à primeira, vos certifico que com quaisquer duas sotas a meteria logo no primeiro invite, porque bem entendido está que não é essa a gente que nos há-de dar a vida pelo resgate que pretendia de nós, como fazem os mouros de África, e já que assim é, tanto monta hoje como amanhã. E lembre-vos o que lhes viste fazer em Quansi, e por aí julgareis o que vos podem fazer a vós.

Os tártaros ficaram algum tanto espantados de nos verem alterar uns com os outros e falarmos alto, que é coisa que eles entre si não costumam, e nos repreenderam com boas palavras, dizendo que mais próprio era das mulheres falarem alto e desentoadado, pois não têm freio na boca, que de homens que cingem espadas e atiram com frechas na furiosa tormenta da guerra, mas que, se o Jorge Mendes pusesse em efeito o que lhes tinha dito, o Mitaquer lhe concederia tudo quanto lhe pedisse.

E com isso se despediram uns dos outros e se recolheu cada um à sua estância, por serem já quase as onze horas da noite, em que o quarto da prima se acabara de render, e os capitães da guarda rondavam o campo ao som dos seus instrumentos, como costumam em semelhantes tempos.

DO ARDIL QUE JORGE MENDES DEU PARA SE TOMAR
O CASTELO, E DO ASSALTO QUE SE LHE DEU,
E DO SUCESSO DELES

Aquele dos três capitães tártaros de que atrás fica dito que era muito aceite ao Mitaquer general daquele campo lhe foi logo dar conta do que se passara com Jorge Mendes, e lhe fez disso muito maior caso do que a coisa em si era, e lhe disse que o devia mandar chamar e ouvi-lo, porque quiçá lhe satisfariam suas razões, de tal maneira que lançaria mão delas, e que quando lhe não parecesse bem, que pouco se perdia com isso; e ao Mitaquer lhe pareceu bom aquele conselho e mandou logo recado ao tileimeí, que era o capitão que nos tinha a seu cargo, que nos levasse lá, e ele o fez logo com muita presteza. Chegando nós assim presos como estávamos, à tenda do Mitaquer, o achamos em conselho com todos os setenta capitães do campo, e seria já quase às duas horas depois da meia-noite. Ele nos fez gasalhado com semblante afável, porém grave e severo, e fazendo-nos chegar para junto de si nos mandou logo tirar parte das cadeias em que de três em três vínhamos presos, e nos perguntou se queríamos comer, a que nós respondemos que sim, porque havia já três dias que no-lo não davam, o que ele estranhou muito ao tileimeí, e o repreendeu com algumas palavras; e logo ali nos mandou trazer dois pratos de arroz cozido, e adens de chacina cruas em talhadinhas, com que nós, como necessitados, nos metemos de tal maneira que todos os circunstantes parece que mostravam gosto de nos verem comer, e disseram para o Mitaquer:

– Ainda, senhor, que os não mandaras vir ante ti para mais que para lhes matares a fome, para não morrerem à míngua como parece que houvera de ser, não fizeste tão pouco que não fosse ganhares esses nove escravos que para te servirem em Lançame te hão-de ser muito bons, e quiçá que também para os venderes por mais de mil taéis.

Do qual dito, uns e os outros estiveram entre si gracejando um grande espaço, e tornando de novo a nos mandar trazer mais arroz e feijões cozidos com berinjelas, nos rogou que comêssemos porque folgava muito de no-la ver fazer, o qual gosto lhe nós então demos de muito boa vontade.

Depois de termos comido, tratou com o Jorge Mendes da informação que lhe tinham dado, do modo que se teria no tomar do castelo, e lhe fez muitas promessas de grandes honras, e rendas, e valia com El-Rei, ou liberdade para todos nove, com outras muitas vantagens de que nos encheu bem as medidas, porque lhe afirmava que, se por seu meio lhe desse Deus aquela vitória com que ele tomasse vingança dos seus inimigos como desejava e o sangue dos mortos estava pedindo, que ele o fizesse, em tudo quanto pedisse, semelhante a si, ou ao menos a qualquer dos seus filhos, de que o Jorge Mendes ficou um pouco embaraçado porque nunca lhe pareceu que a coisa chegasse a tanto, e lhe respondeu que daquele caso ele não dissera mais àquele homem senão que porventura diria a maneira de se tomar o castelo se o visse por seus olhos, mas que quando fosse manhã ele o rodearia todo e o veria muito bem, e então lhe diria o modo que para isso se poderia ter, da qual resposta o Mitaquer com todos os mais ficaram muito satisfeitos e lhe louvaram muito. Então nos mandaram agasalhar em outra tenda junto dessa em que ele estava, onde passamos o que restava da noite com boa guarda que se teve sobre nós, e Deus sabe quão atemorizados, porque bem sabíamos que se a coisa não sucedesse como eles desejavam nos haviam de fazer a todos em

quartos, porque a coisa de que fazem menos caso é de matarem vinte e trinta homens por valia de quase nada, sem terem respeito a Deus nem à humanidade.

Ao outro dia, sendo já passadas as nove horas, o Jorge Mendes e outros dois de nós que lhe deram licença que levasse consigo foram levados por trinta de cavalo a ver o castelo, e depois de bem vistos a fortaleza e o sítio dele, e o por onde e como se poderia tomar, o tornaram a levar ao Mitaquer, que com grande alvoroço o estava esperando, ao qual ele deu relação do que vira e lhe facilitou a entrada do castelo sem nenhum trabalho e com pouco risco, de que o Mitaquer ficou tão contente que não cabia em si de prazer. E mandando-nos logo tirar a todos nove a parte das prisões que ainda tínhamos, que eram as ferropias dos pés e as cadeias dos pescoços, nos jurou pelo arroz que comia de logo que chegasse a Pequim nos apresentar a El-Rei e cumprir quanto nos tinha prometido, sem falta nenhuma, e de nos passar logo disso um sermão assinado com letras de ouro, para que pudéssemos descansar na verdade da sua palavra. E mandando-nos vir de comer, nos mandou sentar junto de si e nos fez outras muitas honras ao seu costume, de que algum tanto ficamos satisfeitos, mas bem receosos dos desastres da fortuna se por nossos pecados o negócio não sucedesse conforme a esperança que o Mitaquer tinha concebido.

Logo naquele mesmo dia se tomou conclusão com todos os capitães sobre a ordem que se havia de ter no acometer do castelo, de que o Jorge Mendes dava a traça e era o mestre do campo, por quem se governava, e se cortou infinidade de faxina para se entulhar a cava, e se fizeram mais de trezentas escadas muito fortes e largas em que bem podiam caber três homens emparelhados, e juntou-se mais uma grande soma de cestos e enxadas que se acharam pelas casas das povoações despejadas, e a maior parte da gente andou todo esse dia ocupada em juntar essas achegas

necessárias para o dia seguinte em que se havia de dar o assalto; e sempre o Jorge Mendes andou a cavalo junto com o Mitaquer, e muito favorecido dele, com o que todos nós enxergamos logo nele um novo espírito e ufanía, tão diferente dos dias atrás, que, espantados nós dessa novidade que víamos nele, não faltaram alguns que, movidos dessa nossa má natureza que sofre muito mal essas diferenças, viessem a murmurar dele, dizendo a modo de donaire e torcendo os focinhos: “Que vos parece esse perro? ou nós por seu respeito havemos todos amanhã de ser feitos em quartos, ou ele, se esse negócio sucede como imagina, há-de ter tamanha valia com esses bárbaros que nos havemos de haver por honrados de o servirmos toda a nossa vida.”

Ao outro dia, duas horas antes da manhã, ao som dos palos-guindões, que são os seus atabales, e de outros muitos instrumentos de guerra que eles usam, toda a gente do campo foi posta em ordenança, repartida em doze batalhas, de que se fizeram cinco fileiras muito compridas, e uma contra-fileira que na vanguarda, a modo de meia-lua, cingia todo esse campo, e nas pontas iam os gastadores com toda esta máquina de faxina, escadas, cestos e enxadas para vazarem a cava e a atulharem até ficar igual com a terra.

Marchando tudo com essa ordem, chegaram ao castelo já dia claro, o qual nesse tempo estava muito fornecido de gente e ornado de muitos estandartes de seda, e guiões compridos à charachina. Logo em chegando, a primeira salva que se deram os de fora e os de dentro foi de muitas frechadas e de muitos arremessos de zargunchos, e de pedras, e de panelas de cal em pó, e algumas de fogo, em que se gastou quase meia hora, e após essa salva, logo os tártaros sangraram a cava por seis ou sete partes, e entulhando-a com muita presteza com faxina e terra foram logo as escadas todas juntamente encostadas ao muro que já ficava muito baixo por causa do entulho. O Jorge Mendes foi o primeiro que subiu

pelas escadas, acompanhado de dois dos nossos, que como amou-
cos iam determinados a morrerem ou fazerem coisa com que se
assinalassem, e prouve a Nosso Senhor que lhes sucedeu bem,
tanto por serem eles os que fizeram esta primeira entrada, como
por arvorarem o primeiro guião, de que o Mitaquer com todos os
mais que estavam com ele ficaram tão espantados que diziam uns
para os outros:

– Se o rei desta gente cercasse Pequim como nós o cercamos, o
chim perderia mais depressa a sua honra do que lha nós fizemos
perder.

E subindo logo nas costas destes três portugueses, todos os tár-
taros que estavam ao pé das escadas, o que também fizeram muito
esforçadamente, tanto por terem seu capitão adiante como por se-
rem de sua natureza quase tão determinados como os japões, em
muito breve espaço foram em cima do muro mais de cinco mil
dos da nossa parte, os quais com o ímpeto que levavam, fizeram
retirar os chins, e a briga se travou entre uns e os outros tão brava
e tanto sem piedade que em pouco mais de meia hora o negócio
ficou logo concluído e o castelo toma- do com morte de dois mil
chins e mogores que estavam dentro dele, e dos tártaros não mais
que até cento e vinte.

Após isto, se abriram logo as portas com grandes festas e re-
gozijos de muitos tangeres em sinal de vitória. E o Mitaquer com
todos os capitães e gente nobre entraram dentro, os quais vendo
a grande quantidade dos mortos que estava na praça do castelo,
ficaram ainda muito mais espantados, e, sem fazer caso dos seus
que também ali acabaram, mandou queimar as bandeiras dos
chins e embandeirar o castelo das suas, com outra nova cerimô-
nia de tangeres e festas ao seu modo, e fez mercês aos feridos, e
armou alguns cavaleiros com insígnia de uma manilha de ouro.

Isto acabado, que seria quase à uma hora depois do meio-dia,
comeu dentro com alguns amigos e privados seus, em sinal de

maior triunfo. Ao Jorge Mendes e aos outros portugueses mandou sentar junto de si, e depois que comeu saiu para fora com todos os que estavam com ele e mandou derrubar todo o muro em roda, e depois de ser raso com o chão lhe puseram o fogo com muitas cerimônias, a modo de triunfo, de muitos tangeres e gritas, e o borrifou todo por cima com sangue, e mandou cortar as cabeças a todos os mortos que na praça estavam, e aos seus mandou enterrar e curar os feridos. E isso acabado, se recolheu para a sua tenda com grande aparato de cavalos adestrados, e porteiros de maças, e gente de guarda, levando sempre junto consigo o Jorge Mendes a cavalo e nós os oito com todos os mais capitães e gente nobre, a pé. E chegando à sua tenda, que também estava com insígnias de festa, mandou dar ao Jorge Mendes mil taéis de mercê, e a cada um de nós cento somente, de que alguns que presumiam de mais honrados ficaram bem tristes e descontentes, por se lhe ter menos respeito que ao Jorge Mendes, por cuja indústria se principiara e efetuara esse bom sucesso, o qual foi causa de sermos todos livres e postos com honra em nossa liberdade.

DO CAMINHO QUE O MITAQUER FEZ DESTE CASTELO
DE NIXIANCÓ ATÉ CHEGAR AO ARRAIAL QUE EL-REI
DOS TÁRTAROS TINHA SOBRE A CIDADE DE PEQUIM

Logo que ao outro dia foi manhã clara, como aqui já não havia que fazer, o Mitaquer determinou de seguir seu caminho para a cidade de Pequim, onde então El-Rei estava, como atrás já fica dito, e posto o campo na ordenança com que costumava caminhar, abalou daqui às oito horas e marchando a passo cheio, ao som dos seus instrumentos, se foi alojar já quase meio-dia a uma ribeira muito fresca, e de grandes pomares de muita fruta, em alguns dos quais havia casas nobres que deviam ser quintas, mas tudo já despejado e sem gente, nem fato, nem gado, nem coisa alguma de que esses bárbaros pudessem lançar mão. Passada a força da calma, que seria quase às três horas, se levantou e seguiu seu caminho, e com meia hora da noite se foi alojar em uma boa povoação que estava à borda do rio, de nome Lautimeí, a qual também achamos sem gente porque toda a terra estava desabitada com medo desse cruel bárbaro que a nenhuma coisa perdoava nem conservava a vida. Ao outro dia, sendo já manhã clara, esse exército, tão cruel e tão bárbaro como o seu capitão, pôs fogo à povoação e a outros muitos lugares muito frescos que ao longo deste rio estavam, o que também caiu em sorte a um campo chamado Bunxai, de mais de seis léguas em roda, e muito plano, todo de sementeiras, que a esse tempo estava menos de meio segado, e tudo o mais do trigo que nele estava ainda por segar, que era

a maior parte, foi consumido pelo fogo, de tal maneira que não ficou nele coisa que não fosse desfeita em cinza.

Acabada essa obra, assaz digna de quem a fez, o campo se abalou daqui todo, no qual haveria sessenta e cinco mil de cavalo, porque os mais ficaram mortos, tanto na tomada de Quansi, como na do castelo de Nixiancó, e seguindo seu caminho chegou a uma serra que se chamava Pommitai, onde se alojou aquela noite; e ao outro dia pela manhã se partiu, caminhando algum tanto mais apressado para poder chegar com dia a Pequim, que era dali a sete léguas. E chegando às três horas depois do meio-dia a uma ribeira que se chamava Palenxитай, o veio ali receber ao caminho um capitão tártaro, com cerca de cento de cavalo, o qual havia já dois dias que ali o estava esperando, e lhe deu uma carta de El-Rei, que trazia para ele, a qual ele estimou muito e a recebeu do que lha trazia, com grande cerimônia de cortesias.

Daqui dessa ribeira até ao arraial de El-Rei, que podiam ser duas léguas, caminhou com a gente fora da ordenança que até ali trouxera, tanto para se não encontrar com a muita que pelos caminhos em magotes o estava esperando, como também pela outra que os senhores traziam consigo, a qual era tanta que todos os campos eram cheios dela, sem haver coisa que pudesse romper por nenhum caminho, e chegados assim com essa ordem, ou antes desordem, ao castelo de Lautir, que é o primeiro forte de nove espias que tinha o campo, em que havia uma grande força de soldados, achamos já nele um príncipe, filho de El-Rei da Pérsia, chamado Guijay Parão, o qual El-Rei ali tinha mandado para levar o Mitaquer consigo.

O Mitaquer, chegando a ele, que estava esperando à entrada do castelo, se desceu do cavalo em que ia e tirou da cinta o terçado que levava e lho ofereceu em joelhos, beijando primeiro a terra cinco vezes, que é cerimônia de cortesia usada entre eles. O príncipe lhe fez muito gasalhado, e com semblante alegre

lhe deu os parabéns da honra e fama que ganhara na tomada de Quansi. Após isso, se retirou para trás dois ou três passos com outra nova cerimônia, e levantando a voz com uma fala já mais isenta, como quem representava a pessoa do rei em cujo nome vinha, lhe disse:

– Aquele a quem a boca do meu rosto beija continuamente o rico quimono do seu vestido, o qual por poder de grandeza senhoreia os cetros da terra e as ilhas do mar, te manda dizer por mim, seu escravo, que a tua honrosa vinda seja tão agradável diante da sua presença como a doce manhã do verão, no qual o banho das águas frias mais satisfaz nossa carne, que sem nenhuma detença te apresses a ouvir a sua voz, e que neste cavalo ajaezado do seu tesouro te leve junto comigo, para que fiques igual na honra com os maiores da sua corte, e conheçam os que te virem ir dessa maneira que és tu membro forte a quem o agro das armas dá tal galardão.

O Mitaquer, prostrado por terra, com as mãos alevantadas, lhe respondeu:

– Cem mil vezes seja trilhada minha cabeça com o calcanhar do seu pé, para que a divisa da sua pegada abranja a todos os da minha geração, e fique por timbre de honra ao meu filho mais velho.

E cavalgando então no cavalo que esse príncipe lhe dera ajaezado com arreios de ouro, que diziam que era da pessoa de El-Rei, se pôs à sua mão direita e começaram a caminhar com grandíssimo aparato e majestade de muitos cavalos adestrados, e porteiros com maças de prata ao nosso modo e uma guarda de seiscentos alabardeiros, de que a maior parte era de cavalo, e quinze carretas com atabales de prata, os quais, junto com outra muita quantidade de bárbaros e desentoados instrumentos, faziam tamanha matinada que não havia quem se pudesse ouvir com eles, e em toda a estância desse caminho, que seria quase de légua e meia,

era tanta a gente de cavalo que não havia poder romper por parte nenhuma.

Chegando o Mitaquer com esse triunfo aos primeiros valos do arraial, nos mandou a nós, por um homem seu, para o dopo da estância onde tinha o seu aposento, e nos disse que ao outro dia com mais vagar nos apresentaria a El-Rei, e ali fomos bem gasalhados e providos do necessário muito abastadamente.

DA MANEIRA QUE O MITAQUER NOS LEVOU PARA NOS
APRESENTAR A EL-REI, E DO QUE VIMOS E PASSAMOS
ANTES DE CHEGARMOS A VÊ-LO

Depois de haver catorze dias que éramos chegados a este arraial, uma quarta-feira pela manhã, esse Mitaquer nosso general nos mandou chamar à sua tenda onde então estava acompanhado de alguns homens nobres, perante os quais nos disse:

– Amanhã a estas horas estai todos prestes para vos eu cumprir o que vos tenho prometido, que é verdes a face daquele que temos por senhor; e essa mercê que vos foi feita por meu respeito, juntamente com a liberdade que vos é concedida, alcancei eu hoje como honra muito grande aos pés da sua cadeira, a qual vos afirmo em boa verdade que eu estimei tanto por amor de vós, como a tomada de Nixiancó, de que lá direis alguma coisa se fordes tão ditosos que se vos pergunte. E lembro-vos que estimarei eu muito lembrar-vos lá nessa terra do cabo do mundo onde me dizeis que é a vossa pátria, que cumpri eu convosco minha palavra, e que fui nisso tão pontual que quiçá deixei de pedir outra coisa a El-Rei, de mais meu proveito, para lhe mostrar que só desta teria mais gosto, a qual ele logo concedeu, com mostras de tamanhas honras que vos confesso que eu sou o que nessa parte vos fico devendo muito mais do que me vós deveis a mim.

A que todos nove nos prostramos no chão e com as cortesias devidas a tão boa-nova respondemos:

– São tamanhas, senhor, as mercês que nos tens feitas, que querer-tas agradecer com as palavras, como a gente do mundo costuma fazer no tempo de agora, entendemos que será mais ingratição que verdadeiro e devido agradecimento, por onde nos parece que o mais acertado será o silêncio metido na alma que Deus em nós pôs. E já que a língua nos não serve para isso, pois não pode formar palavras que sejam capazes de satisfazer a tamanha obrigação como esta em que todos te estamos, servir-nos-á para pedirmos continuamente com muitas lágrimas e gemidos àquele Senhor que fez os céus e a terra, o qual por sua infinita bondade e misericórdia quis tomar a seu cargo pagar pelos pobres aquilo a que as suas fracas forças não podem chegar, que a ti e a teus filhos dê tamanho conhecimento da sua verdade, que por ele mereças ter parte nas suas promessas depois que nesta vida viveres muito largos anos.

Entre os homens que acompanhavam o Mitaquer estava um de nome Bonquinadau, homem já de dias e dos principais senhores do reino, e que ali era capitão da gente estrangeira e das badas da guarda do campo, a quem se tinha mais respeito que a todos os outros que estavam presentes. Este, quando ouviu a nossa resposta, pôs os olhos no céu e disse:

– Oh, quem pudesse perguntar a Deus pela declaração desse segredo a que o nosso pobre entendimento não pode chegar, por que causa quis que gente tão avessa do conhecimento da nossa verdade, responda assim de improviso com uma doçura de palavras tão agradáveis aos ouvidos que vos afirmo que estou em dizer, e quase que a isso poria a cabeça, que da conta de Deus e do céu sabem mais dormindo que nós todos espertos, donde se pode inferir que terão entre si sacerdotes que entendam mais do que vai das estrelas para cima, muito mais que os nossos bonzos da casa Lechume.

Ao que os outros responderam:

– Tem vossa grandeza tanta razão no que diz que quase devemos todos ter isso por fé, pelo que nos parece que seria muito acertado não os deixar ir desta terra, porque nos poderão, como mestres, ensinar o que sabem das coisas do mundo.

A isso respondeu o Mitaquer:

– Afirmo-vos a todos que por nenhum caso o faça El-Rei, ainda que por isso lhe deem o tesouro da China, porque se o fizesse seria quebrar a verdade de sua palavra, com que se perderia toda a reputação da sua grandeza, pelo que é escusado tratar de coisas que não podem ser, nem é bem que sejam.

E voltando-se para nós, nos disse:

– Vós outros, ide-vos muito em boa hora, e amanhã a estas horas estai prestes para quando vos eu chamar.

E com isso nos fomos todos tão contentes quanto era razão.

Ao outro dia, às horas que nos disse, nos mandou à tenda nove cavalos bem-concertados, nos quais cavalgamos e nos fomos à sua tenda, e ele se pôs num piambre, que é como andas entre nós, o qual levavam dois cavalos com bons jaezes, e ia todo cercado em roda dos seus sessenta alabardeiros, com seis pajens bem-vestidos, em cavalos brancos, e nós os nove um pouco atrás em nossos cavalos, e toda a outra mais gente a pé, e levava seus instrumentos de estado, que de quando em quando tangiam, sem outro mais fausto nem aparato algum, e dessa maneira abalou para onde estava El-Rei, o qual estava aposentado naquele grande e suntuoso edifício da Nacapirau, a que os chins chamam rainha do céu, de que atrás já fiz menção no capítulo cento e dez. E chegando às primeiras trincheiras do dopo de El-Rei, que se chamava xuxiapom, se desceu do piambre, e todos os mais com ele, para falar ao nau-tarão, e com algumas cerimônias gentílicas lhe pediu licença para entrar dentro, o qual lha concedeu. E subindo o Mitaquer outra vez no piambre, entrou com o mesmo fausto que levava, dessas portas para dentro, onde o nós seguimos a pé, e chegou até uma

varanda rasa, muito comprida, na qual estava uma muito grande soma de gente nobre; ali, descendo-se outra vez do piambre, nos disse que ali o esperássemos porque ia saber se estava El-Rei em tempo para se lhe poder falar, e ali ficamos todos por espaço de quase uma hora.

Nesse meio-tempo, vendo alguns dos nobres que estavam na varanda que éramos nós estrangeiros e gente que ainda ali não tinham visto, nos chamaram para dentro e com muito gasalhado nos sentaram junto consigo, onde estivemos um grande espaço vendo voltear uns trejeitadores, e cantar, de que eles faziam muito caso mas nós muito pouco, tanto por os não entendermos, como por nos parecerem muito frios e desengraçados.

Sendo já passada quase uma hora, o Mitaquer tornou lá de dentro e trouxe consigo quatro moços pequenos muito formosos, vestidos de umas marlotas compridas de girões verdes e brancos, e suas xorcas de ouro nos pés, aos quais toda a gente se levantou em pé, e tirando os terçados que tinham nas cintas, os puseram no chão com uma nova cerimônia de cortesia que nos pareceu muito bem, dizendo por três vezes: “Faly hincane midoo patinau dacorem”, que quer dizer: “Cem mil anos viva o senhor de nossas cabeças.”

E estando nós todos já nesse tempo prostrados por terra, com os rostos no chão, um dos moços nos disse com voz isenta e bem-entoada:

– Alegrai-vos, homens do cabo do mundo, por ser chegada a hora de vosso desejo, em que vos será concedida a liberdade que o Mitaquer que aí está vos prometeu no castelo de Nixiancó. Erguei vossas cabeças do chão, e levantai as mãos ao céu, dando muitas graças ao Senhor que esmaltou as estrelas na noite quieta do nosso descanso, pois permitiu por si só, sem merecimento de carne nenhuma, haver nesse desterro quem em seu nome libertasse vossas pessoas.

A que todos, assim como estávamos prostrados no chão, dissemos pelo dito do intérprete que nos ensinava:

– Chegue a nossa ventura a seu pé trilhar nossas cabeças.

A que os moços responderam:

– Conceda-vos o Senhor esse dom de riqueza.

DO MAIS QUE VIMOS ATÉ CHEGARMOS
ONDE EL-REI DOS TÁRTAROS ESTAVA,
E DO QUE PASSAMOS COM ELE

Esses quatro moços e o Mitaquer que era o que nos guiava passaram daqui por um corredor armado sobre vinte e seis colunas de bronze, e dele entramos em uma grande sala de madeira como terecena, na qual estava muita gente nobre, em que havia alguns estrangeiros mogores e persas, bérdios, calaminhans e bramás do Sornau, rei de Sião. E passada essa casa, em que não houve detença de cerimônia nenhuma, chegamos a outra que se chamava tighipau, na qual também havia outra grande soma de gente, porém esta estava armada e toda em pé, a qual posta em cinco fileiras tomava todo o comprimento da casa, e toda essa gente tinha seus terçados guarnecidos de chaparia de ouro, postos às costas. Aqui detiveram o Mitaquer um pouco, fazendo-lhe com muitas cerimônias algumas perguntas, e dando-lhe juramento sobre as maçãs que os quatro moços levavam, o qual ele tomou em joelhos, beijando o chão por três vezes. E com isso lhe deram entrada por outra porta que estava defronte, e chegamos a um grande terreiro feito em quadra, como claustro do convento, no qual estavam quatro fileiras de estátuas de bronze em figura de homens a modo de selvagens com maçãs, e coroas do mesmo, porém tudo coberto de ouro, os quais ídolos ou gigantes ou o que quer que eram, tinham de altura vinte e sete palmos, e seis de largo nos peitos, eram nos semblantes assaz feios e mal-assombrados, com o cabelo crespo e feito em grenhas a modo de

cafres; e perguntando nós aos tártaros pela significação daquelas figuras, nos disseram que eram os trezentos e sessenta deuses que fizeram os dias do ano, para que em todos eles a gente continuamente os venerasse pelo benefício da criação dos frutos que neles a terra produz, os quais o rei tártaro ali trouxera de um grande templo chamado Angicamoi, que tomara na cidade de Xipatom, na capela dos jazigos dos reis da China, para triunfar deles quando se embora tornasse para sua terra, para que se soubesse por todo o mundo que a pesar do rei da China lhe cativara os seus deuses.

Nesse terreiro que digo, entre um laranjal que no meio dele estava, cercado de uma latada de hera, e alecrim, e roseiras, com outras muitas diversidades de ervas e flores que não há nesta nossa Europa, estava uma fantástica tenda armada sobre doze balaústres de pau de cânfora, inserido cada um deles em quatro troços de prata a modo de cordões de frades, mais grossos que um braço, dentro da qual tenda estava uma tribuna rasa a modo de altar, guarnecida toda em roda de folhagem de ouro muito fino, com um guarda-pó por cima a modo de sobrecéu, marchetado de muitas estrelas de prata, e com o sol e a lua, e algumas nuvens, umas brancas e outras da cor daquelas que aparecem quando chove, todas feitas de esmalte, com tanto artifício e tanto ao natural que quase se enganavam os olhos com elas, parecendo-lhes que traziam água, e tudo o mais muito perfeito, tanto na proporção como na pintura. No meio dessa tribuna estava uma grande estátua de prata deitada em um leito do mesmo, que se chamava Abicau Nilandor, que quer dizer deus da saúde dos reis, que também se tomara no templo de Angicamoi de que atrás fiz menção, e ao redor dessa estátua estavam trinta e quatro ídolos, do tamanho de meninos de cinco até seis anos, postos todos por duas fileiras em joelhos, e com ambas as mãos levantadas para ela como que a venerá-la, e logo à entrada da tenda estavam quatro moços muito gentis-homens e ricamente vestidos, que com seus incensários

a rodeavam por fora de dois em dois, os quais ao som de certas pancadas que se davam em um sino, se prostravam em terra e se incensavam uns aos outros, dizendo em voz alta, como quem canta entoado: “Hixapu alitau xucabim tamy ora pani maguo”, que quer dizer “Chegue a ti nosso brado assim como cheiro suave, para que nos ouças”.

Em guarda dessa tenda estavam sessenta alabardeiros, que afastados um pouco dela a cercavam toda em roda, os quais estavam vestidos de couro verde escudado, com suas celadas ricas e bem-lavradas nas cabeças, o que tudo junto era um espetáculo assaz formoso e de grande majestade. Passado esse terreiro, entramos noutro aposento em que havia quatro casas muito ricas e bem-concertadas, nas quais estava muita gente nobre, tanto de naturais como de estrangeiros. Daqui passando mais adiante, seguindo o Mitaquer e os quatro moços, chegamos à porta de uma grande sala térrea, fabricada ao modo de igreja, na qual estavam seis porteiros de maças, que com uma nova cerimônia que tiveram com o Mitaquer nos meteram a todos dentro, sem darem entrada a outra nenhuma pessoa.

Nessa casa estava esse rei tártaro acompanhado de muitos príncipes e senhores, e capitães naturais e estrangeiros, entre os quais estavam os reis de Pafuá, Mecui, Capimper, e Raja Benão, e o Anchesacotai, e outros reis mais, que por todos faziam o número de catorze, os quais, vestidos de vestiduras ricas e de festa, estavam todos sentados ao pé da tribuna, afastados dela dois ou três passos; e ao longo dela, um pouco mais afastadas estavam trinta e duas mulheres muito formosas, que, tangendo em diferentes instrumentos, faziam uma música muito para folgar de ouvir.

A pessoa do rei estava em cima do piambre, que era a tribuna, cercado de doze meninos que ao redor dele estavam em joelhos com suas maças de ouro pequenas, a modo de cetros, postas aos ombros; logo mais atrás estava uma moça muito formosa e muito

ricamente vestida que com um abano o abanava de quando em quando, a qual era irmã do Mitaquer nosso general, e muito aceita a El-Rei, por cujo meio ele tinha tamanha valia e tamanho nome em todo o exército. El-Rei seria de idade de quarenta anos, de estatura comprida e de poucas carnes, e bem-assombrado; tinha a barba curta e com bigodes à turquesca, os olhos algum tanto achinados, de aspecto severo e grave, vestido em um quimono roxo a modo de opa, recamado de pérolas, e nos pés umas alparcas verdes, lavradas de ouro de canutilho, guarnecidas das mesmas pérolas, e na cabeça uma celada de cetim roxo, com uma borda de diamantes e rubis entrecruzados uns pelos outros. Antes de chegarmos a ele dez ou doze passos fizemos nossa cortesia beijando o chão três vezes com outras cerimônias que os intérpretes nos ensinavam. El-Rei mandou então que cessasse a música dos instrumentos e disse ao Mitaquer:

– Pergunta a essa gente do cabo do mundo se tem rei e como se chama a sua terra, e que distância haverá dela a esta do chim em que agora estou.

A que um da nossa companhia em nome de todos respondeu que a nossa terra se chamava Portugal, cujo rei era muito grande e poderoso, e rico, e que dela àquela cidade de Pequim haveria distância de quase três anos de caminho, de que ele fez um grande espanto como homem que não tinha esta máquina do mundo por tamanha; e batendo três vezes na coxa com uma varinha que tinha na mão, e os olhos postos no céu como quem dava graças a Deus, disse alto, que todos o ouviram: “Julicavão julicavão minaidotoreu pismão himacor davulquitaroo xinapoco nifando hoperau vuxido vultanitirau companoo foragem hupuchidai purpuponi hincau”, que quer dizer: “Ó criador, ó criador de todas as coisas, qual de nós outros, pobres formigas da terra, poderá compreender as maravilhas da tua grandeza?”

– “Fuxiquidane, fuxiquidane” – “Venham cá, venham cá.”

E acenando com a mão nos fez chegar até aos primeiros degraus da tribuna, onde os catorze reis estavam sentados, e nos tornou a perguntar como homem espantado do que tinha ouvido: “Pucau, pucau?”, que quer dizer “Quanto, quanto?” – a que respondemos o mesmo de antes: que quase três anos de caminho; a que tornou a dizer que por que não vínhamos antes por terra que a aventurarmo-nos aos trabalhos do mar? A que se respondeu que por a terra ser muito grande e haver nela reis de diversas nações que o não consentiriam; a que ele tornou: “Que é o que vindes a buscar a essoutra, por que vos aventurais a tamanhos trabalhos?” E declarando-lhe então a razão disso, pelas melhores e mais bem enfeitadas palavras que então ocorreram, estive um pouco suspenso, e bulindo três ou quatro vezes com a cabeça, disse para um homem velho que estava junto dele:

– Conquistar esta gente terra tão alongada da sua pátria, dá claramente a entender que deve haver entre eles muita cobiça e pouca justiça – a que o velho, que se chamava Raja Benão, respondeu: – Assim parece que deve ser, porque homens que por indústria e engenho voam por cima das águas todas, para adquirirem o que Deus lhes não deu, ou a pobreza neles é tanta que de todo lhes faz esquecer a sua pátria, ou a vaidade e a cegueira que lhes causa a sua cobiça são tamanhas que por ela negam a Deus e a seus pais. – Da qual resposta alguns dos que estavam presentes, segundo deles inferimos, motejaram algum tanto com ditos cortesãos e galantes de que El-Rei gostava muito.

Então tornaram as mulheres a tocar seus instrumentos, em que se gastou mais algum pouco espaço, e El-Rei se recolheu para outra casa só com as mulheres que tangiam e com a moça que o abanava, sem nessa volta entrar homem nenhum. E chegando um dos doze meninos que traziam os cetros ao Mitaquer, lhe disse da parte de sua irmã que El-Rei lhe mandava que se não fosse, o que ele teve por honra muito grande, por lhe ser dado o recado

perante aqueles reis e senhores que estavam na casa. E com isso se ficou ali e nos mandou que nos fôssemos para a nossa tenda, porque ele teria cuidado em fazer lembrança de nós ao filho do Sol.

COMO ESTE REI TÁRTARO LEVANTOU O CERCO
QUE TINHA POSTO À CIDADE DE PEQUIM, E SE FOI
PARA SUA TERRA, E DO QUE FEZ ATÉ CHEGAR A ELA

Havendo já quarenta e três dias que éramos chegados a este arraial, dentro dos quais houve alguns combates e escaramuças entre os cercadores e os cercados, e dois assaltos à escala vista, a que os de dentro resistiram valorosamente como homens determinados, vendo esse rei tártaro quanto ao revés do que cuidara lhe tinha sucedido aquela empresa em que tinha gastado tanto de sua fazenda, pôs o negócio em conselho geral, para o qual foram juntos todos os vinte e sete reis que ali tinha consigo, e muitos príncipes e senhores, com a maior parte dos capitães; e nele se assentou que visto ser já entrada de inverno e os campos começarem já de se alagar, e as águas de ambos os rios virem com tanto ímpeto e força que lhe tinham já desfeito a maior parte dos valos e trincheiras de todo o arraial, e juntamente ser-lhe já morta muita gente de doença, e ela ir em tanto crescimento que não havia dia em que não morressem quatro e cinco mil homens, e a falta de mantimentos ser tamanha que os capitães não podiam sustentar as mesas, nem os cavalos que de ração para isso lhes davam, eram bastantes para a menor parte da gente baixa, lhe era forçoso levantar o cerco e ir-se antes que de todo entrasse o inverno, porque se esperasse ali mais corria risco de se perder.

Essas razões houve El-Rei por boas, e determinou de fazer o que lhe aconselhavam, ainda que fosse muito contra a sua vontade,

por entender que era assim necessário. E mandou logo embarcar toda a gente de pé, com todas as munições que havia no campo, e dar fogo ao arraial. E ele se partiu por terra com só trezentos mil de cavalo, e vinte mil badas. E feita a conta de toda a gente que era morta, se achou pelas listas dos capitães que eram quatrocentos mil homens, de que a maior parte morrera de doença, e trezentos mil cavalos e sessenta mil badas, que se comeram em dois meses e meio que tiveram de esterilidade. De maneira que de um conto e oitocentos mil homens com que partiu do seu reino para cercar esta cidade de Pequim, sobre a qual esteve seis meses e meio, levou menos setecentos e cinquenta mil, os quatrocentos e cinquenta mil que morreram de peste, fome, e guerra, e trezentos mil que se lançaram com os chins, pelo grande soldo que por isso lhes davam, fora muitas vantagens de honras e mercês de dinheiro que lhes faziam continuamente. E não é isso muito de espantar, porque a experiência nos tem mostrado que isso só tem muito mais força que todas as outras coisas quantas cá na terra podem obrigar os homens.

Partido esse rei tártaro desta cidade de Pequim, uma sexta-feira, dia dezessete do mês de outubro, com só trezentos mil de cavalo (como atrás disse), dos seiscentos mil que trouxera consigo, esse mesmo dia já quase noite se foi alojar a uma ribeira que se chamava Quaitragum, e ao outro dia uma hora antes da manhã, tocando muitos tambores e pífaros e outras muitas diversidades de instrumentos guerreiros ao seu modo, o campo foi posto na ordenança que lhe era dada, mandando adiante seus atalhias e corredores, e ordenando capitães da vanguarda, e teuguauxés, que é outro modo de força que eles costumam levar detrás de toda a bagagem, e gente de serviço, com o que o campo caminha muito mais seguro do que se costuma entre nós; e marchando com essa ordenança, chegou já quase à tarde a uma cidade que se chamava Guijampé, a qual achou de todo despejada, e quando a gente

repousou uma hora e meia, que era o que tinha por regimento, se levantou dali o campo e tornou a marchar com passo cheio, e se foi alojar ao pé de uma grande serra a que chamavam Liampeu, donde também se abalou logo no quarto de alva. Com essa ordem caminhou dezessete dias, a oito léguas por dia, e no cabo deles chegou a uma boa cidade de nome Guauxitim, de dez ou doze mil vizinhos, na qual foi aconselhado a que se provesse de mantimentos porque já então ia muito falto deles. E para isso se acometeu a cidade toda em roda à escala vista, e achando nela fraca resistência, em pequeno espaço foi entrada e metida a saque, com um cruel estrago dos miseráveis moradores dela, de que nós os nove companheiros andávamos como pasmados. E depois de tudo ser consumido e posto por terra, tanto com ferro como com fogo, e o arraial largamente provido de muitos e bons mantimentos, se partiu uma hora antes da manhã.

E ao outro dia, passando à vista da cidade de Caixiló, a não quis acometer por ser grande e forte, tanto como sítio e fortificação, como por ter sabido que estavam dentro dela cinquenta mil homens, em que entravam dez mil mogores, e cauchins, e champás, gente mais determinada e prática na guerra que a da China. Passando daqui para diante, chegou aos muros de Singrachirau, que são os de que atrás disse que dividem esses dois impérios da China e da Tartária, e não achando neles resistência alguma se foi alojar da outra banda em Panquinor, que era a primeira cidade sua, que estava a três léguas desse muro de Singrachirau, e ao outro dia chegou a Xipator, onde despediu a maior parte da gente.

E não se detendo aqui mais que só sete dias em que acabou de negociar satisfações e pagas de soldos, e execuções de justiça em alguns que trazia presos, se embarcou aforrado como homem não muito contente, e se foi na via de Lançame, sem levar mais companhia que só cento e vinte laulés de remo, em que podiam ir até

dez ou doze mil homens, nas quais dali a seis dias chegou à cidade de Lançame, onde, sem querer que se lhe fizesse recebimento ou festa alguma, desembarcou com duas horas de noite.

COMO ESTE REI TÁRTARO SE PASSOU DESTA CIDADE DE LANÇAME PARA A DE TUYMICÃO, ONDE FOI VISITADO POR MUITOS PRÍNCIPES PESSOALMENTE, E DE OUTROS POR SEUS EMBAIXADORES

El-Rei se deteve nesta cidade de Lançame até que chegou a ela toda a sua gente, tanto de pé como de cavalo, que foi espaço de vinte e seis dias. E depois de a ter toda recolhida, se passou para outra cidade muito maior e muito mais nobre, que se chamava Tuymicão, onde foi visitado pessoalmente de alguns príncipes seus comarcãos e por embaixadores o foi também, de outros reis e senhores de mais longe, de que os principais foram o Xatamás, rei dos ersas; o Siammom, imperador dos guéus, que confina, por dentro deste sertão, com o Bramá do Tangu; o Calaminham, senhor da força bruta dos elefantes da terra, como adiante direi, quando tratar dele e do seu senhorio; o Sornau de Odiá, que se intitula rei de Sião, cujo senhorio confina, por distância de setecentas léguas de costa, como é de Tanauçarim a Champá, com os malaios e berdios e patanes, e pelo sertão com o Passiloco e Capimper, e Chiammai, e Lauhós, e Guéus, de maneira que este somente tem dezessete reinos em seu senhorio, o qual, entre essa gentilidade toda, se intitula por grau mais supremo, senhor do elefante branco; outro era o rei dos mogores, cujo reino e senhorio jaz por dentro do sertão entre o Coraçone, que é junto da Pérsia, e o reino de Deli e Chitor; e um imperador que se chamava o Carão, cujo senhorio, segundo aqui soubemos, confina por dentro dos montes de Goncalidau em sessenta graus avante, com uma gente a que os naturais da terra chamam moscobi, da qual

gente vimos alguns homens aqui nesta cidade, que são ruivos e de estatura grande, vestidos de calções, roupetas e chapéus ao modo que nesta terra vemos usar aos flamengos e aos tudescos, e os mais honrados traziam roupões forrados de peles, e alguns de boas martas, traziam espadas largas e grandes, e na linguagem que falavam lhes notamos alguns vocábulos latinos, e quando espiavam diziam três vezes “dominus dominus dominus” Porém o mais, segundo o que neles notamos, tinha mais aparência de idolatria e gentildade que de verdadeira religião, e sobretudo eram muito dados à torpeza nefanda.

Ao embaixador desse Príncipe Carão se fez muito mais avantajado recebimento que a todos os outros; este trazia consigo cento e vinte homens de guarda de frechas e panouras tauxiadas de ouro e prata, vestidos todos de couro escudado roxo e verde, e doze porteiros a cavalo com maças de prata, e doze cavalos adestrados, todos com guarnições carmesins guarnecidas por cima de rendas de ouro e prata entrecruzadas umas pelas outras, e doze homens agigantados, de estaturas muito desacostumadas, de grandes vestidos, como se pintam os selvagens, de peles de tigre, cada um com seu grande lebreu, presos todos com cadeias de prata e todos com seus açaimos do mesmo com muitas campanhas também de prata neles, a modo de boçais de cavalos, os quais açaimos que eles traziam, para não morderem, se fechavam nuns arganéis de latão, com seus copos dourados como de brida, e doze moços pequenos em cavalos brancos selados à estardiota, com selas de veludo verde, com umas redes de prata por cima; e eles vestidos todos de uma maneira, com roupas curtas de cetim roxo forradas de martas, e calças e chapéus do mesmo, e cadeias de ouro a tiracolo, de fisis muito grossos, os quais doze moços eram todos iguais, e os mais formosos dos rostos, e bem-dispostos dos corpos, e bem-proporcionados dos membros que vi em minha vida, porque em nenhum deles havia qualquer defeito de

natureza em que se lhe pudesse pôr tacha, e nenhuma outra mais gente de cavalo trazia consigo que fosse sua. Ele vinha num carro de três rodas por cada banda, todo guarnecido de prata, com uma cadeira do mesmo em que ia sentado, e em torno desse pirange (porque assim se chamava) vinham quarenta homens de estribeira muito bem vestidos com couras e calças de pano verde e roxo em xadrez, com rendas de seda vermelha, e sapatos abrochados quase à portuguesa antiga, e espadas de mais de três dedos de largo, com cabos e punhos e canteiras de prata, e suas cornetas de monte postas a tiracolo em cadeias também de prata, e nas cabeças umas celadas a modo de gualteiras com muitas plumas nelas, guarnecidas de muita soma de argentaria, de maneira que o estado e aparato desse embaixador, que se chamava Leixigau, eram de tanta grandeza e majestade que logo ele se julgava ser de príncipe muito poderoso e rico.

Nas casas em que este pousava (que um dia fomos ver em companhia do Mitaquer que o foi visitar da parte de El-Rei) entre algumas coisas que vimos e muito notamos por novidade mais admirável que todos naquela terra, foram cinco casas armadas de tapeçarias de rás, muito rica, da maneira dessa que entre nós se usa, por onde parece que onde se faz a que vem a este reino, se faz também aquela de que essa gente se serve; e em cada casa dessas cinco estava um dossel de brocado, e debaixo dele uma mesa com um prato e um gomil de prata de muito custoso feitiço, com uma cadeira de estado carmesim franjada de ouro e roxo, e uma almofada do mesmo aos pés, e em partes alcatifada de grandes tapetes, e um braseiro de prata com uma caçoila do mesmo nele, que lançava de si cheiro suavíssimo. À porta de cada uma dessas cinco casas, estavam dois alabardeiros que não tolhiam a entrada a nenhuma pessoa nobre que a quisesse ver. Noutra sala muito grande, que a modo de varanda tomava toda a frontaria da rua, também armada pelo teor destoutras casas, estava sobre

um estrado alto posta uma mesa ao nosso modo, com toalhas adamascadas, e outra sobretoalha da mesma maneira, franjadas ambas de ouro, e um guardanapo sobre uma salva de prata, com uma colher e um garfo de ouro, e dois saleirinhos pequenos também de ouro.

Afastados dessa mesa dez ou doze passos, estavam dois aparadores em que havia baixelas muito ricas, com grande soma de peças de prata de toda a sorte, feitas ao torno. E nos quatro cantos dessa casa, quatro tenores que levaria cada um quase um quarto com suas caldeirinhas presas por cadeias, guarnecidos em partes de troços dourados da grossura de um braço, e dois castiçais muito grandes com suas tochas de cera novas, apagadas por ser ainda de dia.

À porta dessa varanda estavam doze alabardeiros muito bem dispostos, vestidos de uma cacheira muito felpuda, com seus carapuços do mesmo nas cabeças, e terçados na cinta, de chaparia de prata, os quais todos eram tão soberbos e desarrazoados no modo das suas respostas que toda a gente os temia.

Esse embaixador, além da visita que vinha fazer como os outros, vinha também tratar casamento desse Imperador Carão com uma irmã do tártaro, que se chamava Meica Vidau, que quer dizer safira rica, mulher já de trinta anos mas bem assombrada e muito inclinada a fazer bem aos pobres pelo amor de Deus, a qual nós vimos muitas vezes nesta cidade em festas notáveis que essa gente costuma fazer em alguns dias abalizados do ano, em que têm muitos regozijos e passatempos, porém ao modo gentílico, quais são todos os seus costumes.

Mas deixando já agora isso, que não toquei para mais que para dar relação dos embaixadores que vimos nesta corte, e desse principalmente, porque me pareceu mais para se notar que todos os outros, me tornarei à matéria de que ia tratando, tanto do que toca à nossa liberdade, como ao caminho que fizemos até às ilhas do

mar da China onde esse rei ou imperador da Tartária nos mandou levar, para que venham ao conhecimento dos homens destas partes algumas coisas de que até agora porventura não tiveram nenhuma notícia.

COMO FOMOS LEVADOS OUTRA VEZ
DIANTE DESTE REI BÁRBARO,
E DO QUE PASSAMOS COM ELE

Passados alguns dias depois de ser chegado esse rei a esta cidade de Taimicão, nos quais houve algumas festas notáveis por se concluir o casamento dessa Princesa Meica Vidau, irmã de El-Rei, com esse Imperador Carão de que tenho tratado, o tártaro, por parecer e conselho dos seus capitães, quis de novo tornar a tentar a empresa do cerco de Pequim que deixara, sentindo quase por afronta em sua pessoa o mau sucesso passado, para o que chamou logo a cortes por todo o reino, e fez algumas ligas e confederações, por meio de grossas peitas com muitos reis e príncipes comarcãos. E vendo os pobres de nós quanto isso nos podia prejudicar ao que nos era prometido acerca da nossa liberdade, tornamos de novo a importunar o Mitaquer, a quem era dado o cargo disso, trazendo-lhe à memória algumas coisas que faziam a nosso propósito, e a obrigação que para isso nos tinha, pela palavra que nos tinha dado, a que ele respondeu:

– Tendes muita razão no que dizeis, e eu muita mais em vos não negar o que me pedis com tanta justiça, pelo que será bom conselho fazer disso lembrança a El-Rei, para que se não perca vossa liberdade ao desamparo, e também me parece que quanto mais cedo vos fordes daqui tanto mais seguros estareis dos trabalhos que o tempo nos começa a mostrar nisso que agora sua alteza quer empreender de novo, por conselho de alguns que hão mister mais de conselho para se governarem a si mesmos, do que a terra

há mister de água para produzir os frutos de suas sementes. Mas amanhã, Deus querendo, eu lhe farei lembrança de vós, de vossa pobreza e da orfandade de vossos filhinhos como por algumas vezes me tendes dito, porque quiçá se moverá a pôr os olhos em vós, como por sua realidade e grandeza costuma fazer em casos semelhantes a esse vosso.

E com isso nos despediu, e ao outro dia pela manhã se foi ao Poutiveu, que é a casa onde El-Rei geralmente costuma ouvir as partes, e fazendo-lhe lembrança de nós lhe respondeu ele que quando despachasse um embaixador seu para o rei da Cochinchina, então nos mandaria com ele, porque o tinha determinado.

Com essa resposta tornou o Mitaquer para sua casa onde o já estávamos esperando, e nos disse isso que El-Rei lhe respondera, e que sentira nele o desejo de nos fazer esmola para o caminho. Com esta boa-nova, nos tornamos muito contentes para nossa casa, onde estávamos esperando a hora em que essa promessa havia de ter efeito, até que depois de passados dias o Mitaquer, por mandado de El-Rei, nos levou ao paço, e chegando nós aonde ele estava, com aquelas cerimônias de grandeza e majestade com que se lhe costuma a falar, que são as mesmas de que usou quando estava em Pequim, como atrás deixo contado, nos olhou com bom semblante e disse ao Mitaquer que nos perguntasse se o queríamos servir porque teria gosto disso, e nos faria mercês e honras mais avantajadas que a todos os outros estrangeiros que o serviam na guerra. Ao que o Mitaquer respondeu em nosso favor o que algumas vezes lhe tínhamos dito: que éramos casados na nossa terra e com muitos filhinhos, e tão pobres que não tínhamos mais que o que lhes granjeávamos por nossa indústria e trabalho, com que pobremente os sustentávamos – o que ele ouviu com mostras de ter compaixão de nós, que nos deram algumas esperanças de o acharmos favorável ao nosso propósito, e disse para o Mitaquer:

– Folgo de saber que têm lá tamanho penhor como esse que dizem, para lhes cumprir com mais gosto o que em meu nome lhes prometeste.

A que o Mitaquer, e nós todos com ele, levantando as mãos em sinal de lhe darmos graças, beijamos o chão três vezes, dizendo “Hipausinafapó lagão companoo ducure vidai hurpane marcutó valem”, que quer dizer: “Sobre mil gerações descansem teus pés, para que fiques senhor dos que habitam a terra” – ao que ele sorriu e disse para um príncipe que estava junto dele:

– Falam como gente que se criou entre nós.

E pondo então os olhos em Jorge Mendes, que estava diante de nós todos, junto do Mitaquer, lhe disse:

– E tu em que estás? Queres ir ou ficar?

A que ele respondeu como homem que já mais longe tinha feito o concerto:

– Eu, senhor, como não sou casado nem tenho filhos que me chorem, quero antes servir vossa alteza, pois disso gosto, que ser mil anos chaém de Pequim.

A que El-Rei se sorriu.

E tornando a praticar com alguns senhores que estavam mais chegados a ele em outras coisas de seus passatempos, nos não disse mais nada.

Com isso nos recolhemos assaz contentes para nossa casa, onde estivemos mais três dias fazendo-nos prestes, no fim dos quais, a requerimento do Mitaquer, e por meio de sua irmã, que, como já disse, era a mais aceite a El-Rei, de todas, nos mandou dar para todos oito dois mil taéis, e nos entregou ao seu embaixador que ia para a cidade de Uzangué, na Cochinchina, em companhia de outro desse mesmo rei cauchim, e com ele nos partimos dali a cinco dias, embarcados na mesma embarcação em que ele ia. E o Jorge Mendes nos deu mil cruzados, porque

já a esse tempo tinha seis mil de renda, e nos acompanhou todo aquele dia, e por fim se despediu de nós com muitas lágrimas, lamentando entre elas algumas vezes o desterro em que ficava.

DO CAMINHO QUE FIZEMOS DESTA
CIDADE DE TUYMICÃO ATÉ CHEGARMOS
AO TERREIRO DAS CAVEIRAS DOS MORTOS

Partidos nos aos nove dias do mês de maio do ano de 1544, desta cidade de Tuymicão, fomos aquele dia já quase noite dormir a uns estudos que se chamavam Guatipanor, em um pagode de nome Naypatim, nos quais os embaixadores ambos foram bem gasalhados pelo tuyxivau da casa, que era o reitor deles. E quando ao outro dia foi manhã clara, seguiram seu caminho pelo rio abaixo, cada um em sua embarcação, fora outras duas em que levavam sua fardagem. E sendo passadas duas horas depois da tarde, chegamos a uma cidade pequena de nome Puxanguim, bem fortalecida com torres e baluartes ao nosso modo, e cavas largas com três pontes de cantaria muito fortes, e grande soma de artilharia de pau, como bombas de navios; somente os vasos dos leitos em que se atacavam as câmaras eram chapeados de ferro e atiravam pelouros como de falcões e meias esperas. E perguntando nós aos embaixadores quem inventava aquele modo de tiros, nos disseram que uma gente que se chamava alimanis, de uma terra de nome Muscó, que por um lago de água salgada muito grande e fundo ali viera ter em nove embarcações de remo, em companhia de uma mulher viúva, senhora de um lugar a que chamavam Guaytor, a quem um rei da Dinamarca diziam que lançara fora da sua terra; e vindo ali ter fugida com três filhos seus, o bisavô desse rei tártaro os fizera

grandes senhores e os casara com parentes suas, dos quais agora procediam as principais casas daquele império.

Ao outro dia pela manhã nos partimos desta cidade, e fomos dormir a outra muito mais nobre, de nome Linxau. E seguindo mais cinco dias nossa viagem por este rio abaixo, fomos um sábado pela manhã ter a um grande templo de nome Singuafatur, o qual tinha uma cerca que seria de mais de uma légua em roda, dentro da qual estavam fabricadas cento e sessenta e quatro casas muito compridas e largas, a modo de terecenas, todas cheias até aos telhados de caveiras de gente morta, as quais eram tantas e em tanta quantidade que receio muito dizê-la, tanto por ser coisa que se poderia mal crer, como pelo abuso e cegueira desses miseráveis.

Fora de cada uma dessas casas estavam os ossos das caveiras que estavam dentro dela, postos em rimas tão altas que sobrepujavam o cimo dos telhados, mais de três braças, de maneira que a mesma casa ficava metida debaixo de toda essa ossada, sem aparecer mais que somente a frontaria em que estava a porta. Sobre um teso que a terra fazia para a banda do sul, estava feito um terreiro alto, fechado todo com nove ordens de grades de ferro, para o qual se subia por quatro entradas. Dentro desse terreiro estava posto em pé, encostado a um cubelo de cantaria muito forte e alto, o mais disforme e espantoso monstro de ferro coado que os homens podem imaginar, o qual, tomado assim a esmo, julgava que seria de mais de trinta braças em alto e seis de largo, e nessa tamanha disformidade era muito bem proporcionado em todos os membros, salvo na cabeça, que era um pouco pequena para tamanho corpo, o qual monstro sustentava em ambas as mãos um pelouro do mesmo ferro coado, de trinta e seis palmos em roda.

A significação dessa estranha monstruosidade perguntamos nós ao embaixador tártaro, o qual nos respondeu:

– Se vós outros soubésseis a conta desse deus forte, e quão necessário vos será tê-la por amigo, haveríeis por bem empregado dar-lhe tudo o que tendes, antes que aos vossos próprios filhos, porque haveis de saber que este grande santo que aqui vedes é o tesoureiro de todos os ossos de quantos nasceram no mundo, para no derradeiro dia de todos os dias, quando os homens hão-de tornar a nascer de novo, dar a cada carne os ossos que deixou na terra, porque conhece todos, e sabe particularmente de que carne foi cada ossada daquelas; e àquele triste que nesta vida foi tão mo-fino que lhe não fez honra nem lhe deu esmola, dar-lhe-á os mais pobres ossos que achar no chão para que viva sempre enfermo, ou lhe dará um osso ou dois menos, para que fique manco, ou aleijado, ou torto, e por isso vós outros, por meu conselho, fazei-vos aqui seus confrades e ofereci-lhe alguma coisa, e vós vereis o bem que daí se vos segue.

Também lhe perguntamos para que era aquele pelouro que tinha nas mãos, e nos respondeu que para dar com ele na cabeça à serpe tragadora que vivia na côncava funda da casa do fumo, quando os quisesse vir roubar. Após isso, lhe tornamos a perguntar pelo nome daquele monstro, e nos disse que era Pachinarau Dubeculem Pinanfaqué, o qual havia setenta e quatro mil anos que nascera de uma tartaruga de nome Mijanga, e de um cavalo-marinho de cento e trinta braças de comprimento, que se chamava Tibrenvucão, que fora rei dos gigauhós de Fanjus. E dessas patranhas e bestialidades nos contou outras muitas que têm para si, com que o demônio os leva todos ao inferno a que eles chamam côncava funda da casa do fumo.

Afirmou-nos também esse embaixador que somente das esmolas dos seus confrades passava de duzentos mil taéis de renda cada ano, fora as propriedades das capelas dos jazigos nobres, que, separadas por si, faziam outra muito maior quantidade de renda que essa das esmolas, e que tinha de ordinário doze mil sacerdotes

a que se dava de comer e vestir, que, como merceeiros, eram obrigados a rezar pelos defuntos daqueles ossos, os quais não saíam fora daquela cerca sem licença dos seus chisangués a quem obedeciam; mas que de fora ainda havia seiscentos servidores que lhes negociavam o necessário; aos quais sacerdotes uma só vez no ano se lhes permitia quebrarem a castidade dentro daquela cerca, mas que fora dela o podiam fazer sempre e com quem quisessem, sem incorrerem em pecado, e que para isso tinham também seus encerramentos onde tinham muitas mulheres reservadas para isso, as quais com licença de suas libangus, que são as prioresas, se não negam aos sacerdotes dessa bestial e diabólica seita.

DO CAMINHO QUE FIZEMOS ATÉ CHEGARMOS
À CIDADE DE QUANGINAU, E DO QUE NELA VIMOS

Seguindo nosso caminho deste pagode para diante, fomos ao outro dia ter a uma cidade muito nobre que estava à borda do rio, de nome Quanginau, na qual esses embaixadores ambos se detiveram três dias, provendo-se de algumas coisas de que já vinham faltos, e vendo umas festas que se faziam à entrada, do Talapicor de Lechune, que é entre eles como papa, o qual ia visitar El-Rei e consolá-lo pelo mau sucesso que tivera na China. Esse Talapicor, entre algumas honras e mercês que fez aos moradores desta cidade para lhes satisfazer o muito que gastaram no recebimento que lhe fizeram, foi conceder-lhes que pudessem ser sacerdotes e ministrar sacrifícios onde quer que se achassem, para lhes darem por isso seu estipêndio, como aos outros que foram feitos por exame, e que pudessem também passar escritos como letras de câmbio, para no céu darem dinheiro aos que lhes cá fizessem bem. E ao embaixador da Cochinchina, por ser estrangeiro, concedeu que na sua terra pudesse legitimar por novos parentes os que por isso lhe dessem dinheiro, e dar nomes de títulos honrosos aos senhores da corte, assim como El-Rei o fazia, de que o triste embaixador se houve por tão honrado, e a vaidade que tomou por isso o fez tão alheio de sua condição (porque naturalmente era apertado) que o fez ali gastar em esmolas que deu aos sacerdotes, tudo quanto levava de seu, e, não contente ainda com isso, nos tomou também a câmbio os dois mil taéis que El-Rei nos

tinha dado, de que depois nos deu de interesse quinze por cento. E querendo-se esses embaixadores partir, foram visitar o Talapicor a um pagode onde estava aposentado, porque, por ser grandioso e tido em reputação de santo, não podia pousar com nenhum homem senão com El-Rei somente. Porém ele lhes mandou que se não fossem aquele dia porque havia ele de pregar em um templo de religiosas, da invocação de Pontimaqueu, o que eles tiveram por muito grande honra, e dali se foram logo para o pagode onde se havia de fazer o sermão, onde era tanta a gente, em tanta maneira, que foi necessário mudar-se o agrém, que era o púlpito, para um terreiro muito grande, o qual em menos de uma hora foi todo cercado, em roda, de palanques toldados de panos de seda, em que estavam as mulheres e filhas dos nobres, ricamente vestidas, e doutra parte estava a Vanguenerau, que era a prioresa, com todas as menigrepas do pagode, que eram mais de trezentas; e subido o Talapicor no agrém, depois de mostrar no exterior muitos gestos e meneios de santidade, pondo de quando em quando os olhos no céu, com as mãos levantadas, começou seu introito dizendo:

– Faxitinau hinagor datirem, voremidané datur natigão filau impacur coilouzaa patigão, etc., – o que quer dizer: – Assim como por natureza a água lava tudo, e o sol aquece as criaturas, assim é próprio em Deus, por natureza celeste, fazer bem a todos. Pelo que uns e outros somos muito obrigados a imitarmos este Senhor que nos criou e nos sustenta, com fazermos, geralmente aos faltos do bem do mundo, aquilo que queríamos que nos fizessem a nós, visto que nessa obra lhe agradamos muito mais que em todas as outras, porque assim como o bom pai folga quando vê que lhe convidam seus filhos, assim folga este Senhor, pai verdadeiro de todos, quando com zelo de caridade nos comunicamos uns com os outros. Pelo que está visto e claro que o avarento que fecha a mão para aqueles a que a necessidade obriga a pedir o que lhes falta e lhes é necessário, e torce o focinho para outra parte sem lhes

dar remédio, assim há-de ser torcido por juízo de Deus no charco da noite onde continuamente bradará como rã, atormentado na fome de sua avareza. Pelo que vos admoesto e mando a todos que, pois tendes orelhas, que me ouçais, e façais o que a lei do Senhor vos obriga, que é dardes do vosso sobejo aos pobres a quem falta o remédio para se sustentarem, para que Deus vos não falte no derradeiro bocejo da vida. E seja essa caridade em vós tão vista e tão geral que até os passarinhos do ar sintam essa vossa liberalidade a que a lei do Senhor vos obriga, para que a falta do vosso sobejo os não constanja a tomarem o alheio, em cujo pecado vós sereis tão culpados como se matásseis um menino no berço. E recomendo-vos que vos lembre o que está escrito nos volumes da nossa verdade acerca dos bens que haveis de fazer aos sacerdotes que rogam por vós, para que se não percam à minguá do que lhes não dais, o que será ante Deus tamanho pecado como se matásseis uma vaca branca estando mamando na teta da mãe, em cuja morte morrem mil almas que, nela, como em casa de ouro, estão sepultadas esperando o dia da sua promessa, em que serão tornadas em pérolas brancas para bailarem no céu como os argueiros nas réstias do sol.

E assim com essas ruins razões e outras muitas tão ruins como elas, se veio a afervorar de tal maneira e a dizer tantos desatinos que nós os oito portugueses estávamos pasmados da devoção daquela gente e de como todos estavam prontos e com as mãos levantadas, dizendo de quando em quando: “Taximida”, que quer dizer: “Assim o cremos.”

Um dos da nossa companhia, de nome Vicente Morosa, quando esses ouvintes em certos passos diziam “Taximida”, dizia também “Tal seja tua vida”, e isso com tanta graça nos meneios e com um semblante tão sisudo e sem nenhum movimento de riso que não havia nenhum de quantos estavam no auditório que se pudesse ter com o riso, e só ele não fazia de si nenhuma mudança, mas

ficava sempre muito seguro fingindo que chorava com devoção, e sempre com os olhos postos no Talapicor, o qual, quando olhou para ele, não se pôde ter que não fizesse também o que os outros faziam, de maneira que no fim da pregação, tanto no que pregava como nos ouvintes, se soltou num riso com tanto gosto que até a Vanganarau, com todas as menigrepas da religião, não havia coisa que as pudesse tornar a meter na autoridade com que primeiro estavam, tendo todos para si que o português fazia aquilo com devoção e em todo seu siso; porque na verdade, se entendessem que o fazia zombando ou por desprezo, quiçá que fora muito bem castigado.

Após isso, se recolheu o Talapicor para o pagode onde pousava, acompanhado de toda a gente honrada e dos embaixadores, e de caminho foi gabando a devoção do português, dizendo:

– Até esses, ainda que bestiais e sem conhecimento da nossa verdade, não deixam de sentir que é coisa santa o que me ouviram.

A que todos responderam que era assim, sem falta nenhuma.

DO CAMINHO QUE FIZEMOS DESTA CIDADE
DE QUANGINAU ATÉ À CIDADE DE XOLOR,
E DO QUE NELA VIMOS

Logo ao outro dia nos partimos desta cidade de Quanginau e seguimos nosso caminho por este rio abaixo, por espaço de quatro dias, vendo em todos eles muitas povoações e lugares grandes que estavam ao longo da água, e no fim dos quatro dias chegamos a uma cidade que se chamava Lechune, que é cabeça da falsa religião dessa gentilidade, como o é Roma entre nós, na qual está um templo muito suntuoso e de edifícios muito notáveis em que estão sepultados vinte e sete reis ou imperadores dessa tártara monarquia, em jazigos de capelas muito ricas, tanto por serem lavradas de obra muito custosa como por serem todas forradas de prata, onde havia uma grande quantidade de ídolos de diferentes naturezas, também feitos de prata.

Para a parte do norte, um pouco afastada desse templo, estava uma notável cerca, tão grande como forte, dentro da qual estavam edificadas duzentas e oitenta mosteiros dedicados aos seus pagodes, tanto de homens como de mulheres, nos quais nos afirmavam que havia quarenta e dois mil sacerdotes e menigrepos, fora os ministros que serviam de fora, de que também era uma grande quantidade. Por entre essas duzentas e oitenta casas, havia infinitas colunas de bronze, e em cima de cada uma delas estava um ídolo do mesmo bronze, dourado, e alguns desses ídolos eram de prata, que são as estátuas dos que eles nas suas seitas tiveram por santos, e de que contam grandes patranhas; e segundo os quilates

das virtudes em que cada um exercitou a vida, assim lhe fazem a estátua mais ou menos dourada e rica, para que os vivos que os virem assim honrados se incitem e animem a os imitarem, para que depois de mortos lhes façam a eles outro tanto.

Num desses mosteiros que digo, da invocação do Quiay Frigau, deus dos átomos do Sol, em um rico aposento estava uma irmã de El-Rei, viúva, que fora mulher do rajá Benão, príncipe de Pafuá, a qual por morte de seu marido se metera ali em religião com seis mil mulheres que trouxera consigo, e por grau mais honroso que todos, se intitulava “vassoura da casa de Deus”. A essa mulher foram ver os embaixadores, e lhe beijaram o pé como a santa, e ela os recebeu afavelmente, e com palavras discretas lhes perguntou miudamente por algumas coisas de que eles lhe deram razão. Olhando então para nós, que ficamos um pouco mais afastados, e entendendo que éramos gente nova naquela terra, perguntou aos embaixadores de que nação éramos, a que eles responderam que de uma terra do cabo do mundo, a que se não sabia o nome, de que ela fez um grande espanto. E mandando-nos chegar junto de si, nos perguntou muitas coisas, a que respondemos como era razão, o que ela e todas as mais que estavam presentes folgaram muito de ouvir; e espantada a rainha das respostas que um dos nossos lhe dava, disse:

– Falam como homens que se criaram entre gente que viu mais do mundo que nós.

E depois de se deter conosco um pequeno espaço, em algumas perguntas, nos despediu com boas palavras e nos mandou dar cem taéis de esmola.

Despedidos os embaixadores, dela, seguiram sua rota por este rio abaixo, e ao cabo de cinco dias chegamos a uma grande cidade de nome Rendacalem, que estava no extremo do reino da Tartária, e dali por diante começa o senhorio de Xinalleygrau, pelo qual caminhamos mais quatro dias até chegarmos a uma povoação a que

chamavam Voulem, onde os embaixadores ambos foram bem recebidos do senhor da terra, e providos do necessário para sua viagem e de pilotos para aqueles rios. Daqui seguiram sua rota mais sete dias, sem em todos eles vermos coisa de que se pudesse fazer caso, no fim dos quais abocamos por um esteiro a que chamavam Quatanqur, pelo qual os pilotos entraram, tanto para encurtarem o caminho como para se arredarem de se irem encontrar com um famoso corsário que tinha roubado a maior parte daquela terra. E correndo por esse esteiro a leste e a lés-nordeste, e em partes a les-sueste, conforme as quedas por onde a água fazia sua evasão, chegamos ao lago de Singapamor, que os naturais da terra nomeiam por Cunebeté, que, segundo a informação que nos deram, tinha em roda trinta e seis léguas, no qual vimos tanta diversidade de aves de toda a sorte que me não atrevo a podê-lo dizer.

Desse lago de Singapamor, que a natureza por obra admirável abriu no coração desta terra, saem quatro rios muito largos e fundos, um de nome Ventrau, que corta direito a oeste toda a terra do Sornau de Sião, e faz sua entrada no mar pela barra de Chiamtabu, em vinte e seis graus; outro, que se chama Jangumá, cortando ao sul e ao sueste, e atravessando muito grande parte da terra, como é o reino do Chiammay, os Laos, os Guéus, e alguma parte do Dambambu, entra no mar pela barra de Martavão, no reino de Pegu – e há de distância de um ao outro, pela graduação de seus climas, mais de setecentas léguas; o terceiro rio, de nome Punfileu, corta pela mesma maneira todo o Capimper, e Sacotay, e voltando por cima desse segundo rio corre todo o império do Monginoco, com alguma parte do Meleytay, e Sovady, e vai fazer sua entrada no mar pela barra de Cosmim, junto de Arracão; e do quarto rio, que também é do teor de cada um desses, nos não souberam dar razão os embaixadores, mas presume-se, segundo a opinião dos mais, que é o Ganges de Sategão, no reino de Bengala. De modo que esses quatro rios se tem que são os maiores de quantos até

agora se sabe, em tudo o que é descoberto naquelas partes orientais. E deste lago para diante é a terra já menos povoada que toda a outra por onde passamos.

Seguindo daqui nosso caminho para diante, por espaço de mais sete dias, chegamos a um lugar, de nome Caleypote, no qual os moradores dele nos não consentiram sair em terra, e querendo os embaixadores porfiar na desembarcação, os trataram tão mal com pedradas e arremessos de saligues e paus tostados que já quando nos vimos livres deles ouvimos que nos fizera Deus muita mercê. E partindo-nos daqui assaz enfadados e maltratados, e sobretudo muito faltos do necessário, navegamos por conselho dos pilotos por outro rio mais largo que o esteiro que tínhamos deixado, por tempo de nove dias, no fim dos quais prouve a Deus que chegamos a uma boa povoação a que chamavam Tarem, cujo senhor era súdito do Cauchim, que recebeu esse embaixador com mostras de grande amizade, e o proveu de todo o necessário em muito abundância.

Daqui nos partimos logo ao outro dia já quase sol-posto, e continuamos nosso caminho por este rio abaixo mais sete dias, até que chegamos a uma boa cidade chamada Xolor, na qual se faz toda a porcelana adamsada que vai ter à China. Aqui estiveram os embaixadores cinco dias, nos quais mandaram varar as quatro embarcações que levavam, por já a esse tempo irem muito zorreiras e cheias de busano. E enquanto se estendeu em se prover o necessário, foram os embaixadores ver umas minas que o rei do Cauchim aqui tem, das quais se tirava grande quantidade de prata, que em carretas levavam para a fundição, em que trabalhavam mais de mil homens, fora os das minas, que eram muito mais. E perguntando ali os embaixadores que cópia se tirava ali de prata cada ano, lhes foi respondido que seis mil picos, que fazem oito mil quintais da nossa moeda.

DO QUE PASSAMOS DEPOIS QUE PARTIMOS
DESTA CIDADE DE XOLOR ATÉ QUE CHEGAMOS
ONDE ESTAVA EL-REI DA COCHINCHINA

Desta cidade de Xolor, continuamos nossas jornadas mais cinco dias por este grande rio, vendo sempre em todos eles muitos e muitos nobres lugares que ao longo dele estavam, porque já aqui neste clima é a terra muito melhor, mais povoada, rica e abastada, e os rios muito frequentados de grande multidão de embarcações de remo, e os campos cultivados de trigo, arroz, e de toda a sorte de legumes e canaviais de açúcar muito grandes, de que toda esta terra é muito abundante. A gente nobre anda vestida de seda, em cavalos bem-ajezados, e as mulheres são muito alvas e formosas.

Estes dois esteiros e o Rio de Ventinau de que atrás fiz menção, passamos com muito trabalho e perigo, por causa dos muitos corsários que havia neles, e chegamos à cidade de Manaquileu, que está situada ao pé dos montes de Comhay na raia dos reinos da China e do Cauchim, na qual esses embaixadores foram bem recebidos pelo capitão dela. Daqui se partiram logo ao outro dia pela manhã cedo, e foram dormir a uma cidade a que chamavam Tinanquaxy, na qual foram ambos visitar uma tia de El-Rei, senhora dela, que lhes fez bom gasalhado e lhes deu por nova que El-Rei seu sobrinho era já vindo da guerra dos tinocouhós, e muito contente do bom sucesso que nela tivera, e outras particularidades que folgaram muito em saber, principalmente quando lhes disse que El-Rei, depois de despedida toda a gente que trouxera

consigo, se passara aforrado a Fanaugrem, onde havia já quase um mês que estava ocupado em caças e pescarias, e com tenção de ir invernar a Uzangué, que é a metrópole deste império cauchim. E havido entre ambos conselho sobre essa nova, assentaram em mandarem as embarcações todas quatro a Uzangué, e eles ambos com poucos dos seus irem-se por terra a Tanaugrem, onde tinham por novas que El-Rei estava, o que logo se pôs em efeito, com o parecer também dessa princesa, a qual lhes mandou dar todas as cavalgadas que houveram mister para si e para os seus, e oito badas para levarem o seu fato.

E partindo-se dali a três dias, depois de serem andadas oitenta e seis léguas, em que puseram treze dias com assaz de trabalho, por causa de alguns montes agros e serranias muito grandes que atravessaram, foram ter a um aposento grande a que se chamava Taraudachit, que estava à borda de um rio, onde se gasalharam aquela noite. E quando ao outro dia foi manhã, se partiram para uma vila a que chamavam Lindau Panó, onde foram bem gasalhados do capitão dela, que era parente do embaixador da Cochinchina, o qual havia só cinco dias que chegara de Fanaugrem onde El-Rei ficava, que era dali a quinze léguas.

Esse capitão, depois que contou a esse embaixador seu parente algumas novas da corte e dos sucessos da guerra, lhe deu também por novas que um seu genro era falecido, por cuja morte sua filha, que era mulher do morto, se queimara também logo, de que seus parentes todos estavam muito consolados por ela mostrar nessa fineza que fizera, quem sempre fora. E o mesmo embaixador, pai da morta, se mostrou também disso muito satisfeito, dizendo:

– Agora, filha, que sei que és santa e estás servindo teu marido no céu, te prometo e juro por essa fineza em que mostraste o real sangue donde procedes, te mandar fazer em memória de tua bondade uma casa de nome tão honroso que tu desejes vir de lá onde

estás, a recrear-te nela, como aquelas almas que temos para nós que já antigamente fizeram o mesmo.

E com isso se deixou cair em terra, de bruços, com o rosto no chão, onde esteve até ao outro dia, em que foi visitado de todos os religiosos daquela terra, que o consolaram com muitas palavras, afirmando-lhe que sua filha era santa, e como a tal lhe podia mandar fazer estátua de prata, porque todos eles lhe davam licença para isso, o que ele estimou grandemente e lhes deu por isso muitos agradecimentos, e os proveu com dinheiro, e assim também a todos os pobres que havia na terra.

Neste lugar nos detivemos nove dias, celebrando ele as exéquias dessa defunta, e ao cabo deles nos partimos, e ao outro dia fomos ter a uma abadia chamada Latiparau, que quer dizer “remédio de pobres”, na qual os embaixadores ambos se detiveram três dias esperando por recado de El-Rei, a quem já tinham mandado dar conta da sua vinda, o qual lhes mandou que fossem para uma vila mais adiante três léguas, que era a uma só de Fanaugrem, a que chamavam Agimpur, onde os mandaria buscar a ambos, quando fosse tempo.

DO RECEBIMENTO QUE ESTE REI DA COCHINCHINA
FEZ AO EMBAIXADOR DA TARTÁRIA
NA VILA DE FANAUGRÉM

Sendo El-Rei avisado pelo seu embaixador, como trazia consigo estoutro do rei da Tartária, o mandou logo ao outro dia buscar a esta vila de Agimpur onde estava alojado, por um seu cunhado, irmão da rainha sua mulher, príncipe muito valoroso e de muita renda, que se chamava Passilau Vacão, o qual vinha em uma carreta de três rodas de cada banda, toda forrada de prata, com quatro cavalos brancos, guarnecidos todos de jaezes de ouro, e ao redor daquela fiambra, que assim se chama naquela terra, vinham sessenta homens a pé, os quais postos em duas fileiras, a cercavam toda em roda, e vinham vestidos de couro verde, e todos com terçados às costas, com as bainhas chapeadas de ouro, e juntamente com esses, doze porteiros de maças.

Por fora dessas fileiras, com a mesma ordem delas, vinham outros muitos homens com alabardas guarnecidas de prata, e com quimonos e calças de seda verde e parda, e seus terçados em tabartes quase ao nosso modo, e eles todos muito bem dispostos e de aspectos soberbos e carrancudos, os quais assim com isso, como com os mais meneios exteriores que em tudo se conformavam com a sua natural soberba, não deixavam de causar algum temor.

Adiante dessa guarda, cerca de trinta passos, iam oitenta elefantes muito bem concertados, com cadeiras e castelos guarnecidos de prata, e nos dentes suas panouras de guerra, e campainhas

aos pescoços, de bom tamanho; e adiante desses elefantes, que se dizia que eram da guarda de El-Rei, ia outra muita gente a cavalo, com bons vestidos e jaezes. E na dianteira de todo esse aparato iam doze carretas com atabales de prata, com suas gualdrapas de seda.

Chegando esse príncipe com esse aparato e majestade ao embaixador da Tartária que já o estava esperando, depois de se fazerem todas as cerimônias de cumprimentos e cortesias que se costumam entre eles, as quais duraram quase um quarto de hora, o príncipe deu ao embaixador a fiambra em que vinha, e montou num cavalo à sua mão direita, e o outro embaixador de El-Rei que vinha conosco, à mão esquerda.

E caminhando assim com a mesma ordem que trouxera, com muitos estrondos de tangeres de diversas maneiras, chegaram ao primeiro terreiro do aposento de El-Rei, onde o broquém, capitão da guarda do paço, o estava esperando a pé, acompanhado de muita gente nobre, fora a guarda a cavalo que posta em duas fileiras tomava todo o comprimento do terreiro. E depois que com outra nova cerimônia todos fizeram suas cortesias, se foram assim a pé até à entrada do paço, onde acharam um homem velho que diziam que era tio de El-Rei, de nome Vuemmiserau, de mais de oitenta anos de idade, acompanhado de muitos senhores e gente nobre, ao qual os embaixadores ambos, por outra nova cerimônia, beijaram o terçado que tinha na cinta, a que ele por honra suprema satisfez com lhes pôr as mãos nas cabeças, depois de ambos se lhe prostrarem por terra.

Ele, levando o tártaro quase a par de si, abalou por uma sala muito comprida até uma porta que na frontaria dela estava, e batendo nela três vezes, lhe responderam de dentro que era o que queria, a que ele respondeu com voz mesurada:

– É chegado, por costume antigo de verdadeira amizade, um embaixador do grão-xinarau da Tartária, para ser aqui ouvido do

prechau Guimião que todos temos por senhor de nossas cabeças – com a qual resposta as portas ambas foram de todo abertas, e entraram para dentro. Diante de todos, esse príncipe com o embaixador da Tartária, pela mão, e outro de El-Rei com o broqué, um pouco mais atrás, e após ele, os outros de que vinham acompanhados, postos todos por sua ordem, de três em três; e passando essa casa, em que não havia mais gente que homens da guarda postos em joelhos com suas alabardas nas mãos, entramos noutra muito maior e mais nobre que se chamava Naguantiley, onde vimos sessenta e quatro estátuas de bronze e dezenove de prata, presas todas pelos pescoços com cadeias de ferro.

Espantados nós disso, e perguntado o que era, nos foi respondido por um dos orepos que ali estavam, que era um sacerdote, que o que tínhamos visto e de que nos espantávamos eram os oitenta e três deuses dos timocouhós, que El-Rei, quando os desbaratara no campo, lhes tomara em um grande templo onde estavam, porque a maior honra de que El-Rei fazia maior caso era triunfar dos deuses de seus inimigos, que a seu despeito trazia cativos. E perguntando-lhe nós para que os tinham ali presos, nos responderam que para quando entrasse na cidade de Uzangué, para onde estava de caminho, os mandar levar arrastando por aquelas cadeias com que estavam presos, para triunfo da vitória que alcançara sobre eles.

Passando essa casa dos ídolos, entramos noutra onde vimos muita soma de mulheres muito formosas que ao longo das paredes estavam sentadas, umas lavrando e outras tangendo e cantando, que muito folgamos de ver; e noutra casa mais adiante, a cuja porta estavam seis mulheres com maçãs de prata como porteiras, estava El-Rei acompanhado de alguns homens velhos, ainda que poucos, e a mais companhia eram mulheres moças tangendo em seus instrumentos musicais, e algumas meninas que cantavam acompanhadas por eles.

El-Rei estava numa tribuna de oito degraus, a modo de altar, a qual tinha por cima um teto que descansava sobre uns balaústres, e esse teto e balaústres eram todos forrados de pastas de ouro. Junto dele estavam seis meninos em joelhos, com cetros nas mãos, e mais afastada um pouco estava uma mulher já de dias que o abanava de quando em quando, a qual tinha um ramal de contas grossas ao pescoço.

Ele seria de idade de trinta e cinco anos, bem-assombrado, os olhos grandes, a barba bem-posta e loura, o rosto grave, a fisionomia severa, e o aspecto de príncipe grandioso, tanto no estado como no mais que apresentava.

Entrando os embaixadores nesta casa, se prostraram ambos por terra três vezes, e da terceira ficou o dele debruçado no meio da casa, e o tártaro passou adiante e chegou até junto da tribuna onde ele estava, e subindo ao primeiro degrau lhe disse em voz que todos ouviram:

– Ó Otinão cor Valirate, prechau companó das forças da terra, o bafo do alto Deus que tudo criou, prospere o ser da tua grandeza para mil anos as tuas alparcas serem cabelos de todos os reis, com te fazer semelhante aos ossos e carne do grande príncipe das seras de prata, por cujo mandado aqui sou vindo a te visitar em seu nome, como por esta mutra do seu selo real podes ver.

El-Rei, olhando para ele com rosto alegre, lhe respondeu:

– No seu desejo e no meu, conforme o sol, com a doce quentura dos seus raios, este verdadeiro amor até ao último bramido do mar, para que o Senhor seja louvado na sua paz para sempre.

A que todos os senhores que estavam na casa responderam a uma voz:

– Assim o conceda o que dá ser ao dia e à noite.

E tocando então as mulheres os instrumentos que antes tangiam, El-Rei por então não falou mais, somente ao recolher lhes disse:

– Eu verei a carta do xinarau meu irmão, e responderei a ela conforme o teu desejo, para que te partas alegre de diante de mim.

A que o embaixador, sem responder nada, se tornou a prostrar ao pé da tribuna, pondo por três vezes a cabeça no degrau em que estava sentado. Então o tomou o broquém pela mão e o levou consigo para sua casa, onde pousou todo o tempo que ali esteve, que foram treze dias, no fim dos quais El-Rei se partiu para Uzangué.

COMO EL-REI SE PASSOU DE FANAUGRÉM
PARA A CIDADE DE UZANGUÉ,
E DO TRIUNFO COM QUE NELA ENTROU

Passados treze dias depois que chegamos a esta vila de Fanaugrém, estando já El-Rei a esse tempo de caminho para Uzangué, não teve esse embaixador da Tartária mais encontro com ele que só duas vezes, em uma das quais lhe falou em nós, conforme a um dos capítulos que trazia no seu regimento, a que ele com semblante alegre dizem que respondeu:

– Assim se fará, e tu não te esqueças de mo lembrares quando vires que os ventos o pedem, para que lhes não falte monção para chegarem onde desejam – de que o embaixador veio muito contente, e nos pediu de alvíssaras de tão boa-nova que lhe escrevêssemos num livro que tinha algumas orações do nosso Deus, porque desejava ardentemente ser seu escravo, pelas muitas excelências que nos tinha ouvido dele, pela qual nova, que para nós foi de grandíssimo contentamento, lhe demos todos muitas graças, porque isso era o que pretendíamos somente e que desejávamos muito mais que o grande interesse com que algumas vezes fomos acometidos por El-Rei dos tártaros para ficarmos em seu serviço.

Partido El-Rei desta vila de Fanaugrém, um sábado pela manhã, fez seu caminho por jornadas de só seis léguas, por causa da muita gente que levava consigo. No primeiro dia em que partiu, foi jantar a uma vila pequena a que chamavam Benau, e nela esteve até bem tarde, e foi dormir a uma abadia de nome Pongatur, e ao outro dia pela manhã cedo se partiu para Mecui, de onde aforrado com

só três mil de cavalo seguiu seu caminho por espaço de nove dias, passando por muitos e muito nobres lugares, segundo mostrava a aparência de fora, sem querer aceitar recebimento nem festas em nenhum deles, dando por razão que festas de povo eram ocasião para oficiais tiranos roubarem os pobres, do que Deus se havia por muito mal servido.

Dessa maneira, chegou à cidade de Lingator, situada ao longo de um rio de água doce, muito largo e fundo, frequentado de muitas embarcações de remo, onde se deteve cinco dias por vir maldisposto do caminho. Daqui se partiu uma antemanhã com só trinta a cavalo, sem querer levar mais companhia. E assim desviando-se da comunicação de gente, se foi desenfadando em muita caça de altanaria, a que se dizia que fora sempre muito afeiçoado, e nesses passatempos e em outros de montarias e de outras caças que os povos lhe tinham aparelhados passou a maior parte desse caminho, dormindo as mais das noites, por fragueirice, no mais espesso dos matos, em tendas que para isso levava.

E chegando ao Rio de Baguetor, que é um dos três que atrás disse que saem do lago de Fanstir, no reino da Tartária, o passou para a outra parte em laulés e jangás de remo que lhe já ali tinham prestes, e nelas seguiu seu caminho pelo rio abaixo até um lugar grande que se chamava Natibasoy, onde desembarcou já quase noite, sem fausto nenhum; e daqui fez o caminho por terra, e ao cabo de treze dias chegou a Uzangué, onde se lhe fez um grande recebimento, levando por triunfo diante de si todos os despojos que tomara na guerra, de que a principal parte e de que se ele mais jactava eram doze carretas carregadas dos ídolos de que atrás fiz menção, os quais eram de diversas maneiras como eles os costumam ter nos seus pagodes, e, desses, sessenta e quatro eram gigantes de bronze, e dezanove de prata do mesmo teor e grandeza, porque, como já por vezes tenho dito, o de que essa gente faz mais caso é de triunfar com esses ídolos, dizendo que, apesar dos seus

inimigos, lhes cativaram os seus deuses. Em torno dessas doze carretas ia uma grande quantidade de sacerdotes, presos de três em três com cadeias de ferro, os quais todos iam chorando. Após esses sacerdotes, mais atrás um pequeno espaço, iam quarenta carros com duas badas em cada carro, cheios até acima de infinidade de armas, com muitas bandeiras a rasto, e noutros vinte carros que atrás desses iam pela mesma maneira, vinham umas arcas muito grandes chapeadas de ferro, em que se dizia que vinha o tesouro dos timocouhós, e nessa ordem ia tudo o mais de que eles costumam fazer caso nos triunfos dessas entradas, como foram duzentos elefantes armados com castelos e panouras de guerra, que são as espadas que levam nos dentes quando pelejam, e uma grande soma de cavalos com sacas de caveiras e de ossos de gente

COMO NOS PARTIMOS DESTA CIDADE DE UZANGUÉ,
E DO QUE NOS ACONTECEU ATÉ CHEGARMOS À ILHA
DE TANIXUMMÁ, QUE É A PRIMEIRA TERRA DO JAPÃO

Com o alvoroço e contentamento que se pode imaginar que teríamos ao cabo de tantos trabalhos e desventuras como até então tínhamos passado, de que por então nos víamos livres, nos partimos desta cidade de Uzangué, aos doze dias do mês de janeiro, e fizemos nosso caminho por um grande rio de água doce, de mais de uma légua em largo, levando a proa a diversos rumos por causa das voltas que o rio fazia, vendo sempre por espaço de sete dias que por ele corremos, muitos e muito nobres lugares, tanto vilas como cidades, que, segundo o aparato de fora, parecia que deviam ser povos muito ricos, pela suntuosidade dos edifícios que neles se viam, tanto de casas particulares como de templos com coruchéus cobertos de ouro, e pela grande multidão de embarcações de remo que ali se viam com toda a sorte de mercadorias e mantimentos em muita abundância.

Chegando nós a uma cidade muito nobre a que chamavam Quangeparu, que teria quinze ou vinte mil vizinhos, o naudelum, que era o que por mandado do rei nos levava, se deteve nela doze dias, fazendo sua veniaga com os da terra, a troco de prata e de pérolas, em que nos confessou que de um fizera catorze, mas que se levasse sal se não contentaria com dobrar o dinheiro trinta vezes. Nesta cidade nos afirmaram que tinha El-Rei de renda todos os anos, só das minas de prata, dois mil e quinhentos picos, que são quatro mil quintais, e fora essa renda tem outras muitas de muitas

coisas diferentes. Esta cidade não tem mais força para a sua defesa, que um só fraco muro de tijolo de oito palmos dos meus, de largo, e uma cava de cinco braças de largo e sete palmos de fundo. Os moradores dela são gente fraca e desarmada, nem tem artilharia nem coisa que possa prejudicar quaisquer bons soldados que a acometerem.

Daqui nos partimos uma terça-feira pela manhã, e continuamos por nossa rota mais treze dias, no fim dos quais chegamos ao porto de Sanchão, no reino da China, que é a ilha onde depois faleceu o bem-aventurado Padre-Mestre Francisco, como adiante se dirá. E não achando ali já a esse tempo navio de Malaca, por haver nove dias que eram partidos, nos fomos a outro porto mais adiante sete léguas, de nome Lampacau, onde achamos dois juncos da costa do Malaio, um de Patane e outro de Ligor. E como a natureza desta nossa nação portuguesa é sermos muito afeiçoados a nossos pareceres, houve aqui entre nós oito tanta diferença e desconformidade de opiniões sobre uma coisa em que o que mais nos valia era termos muita paz e concórdia que quase nos houvéramos de vir a matar uns aos outros, de maneira que, por ser assaz vergonhoso contar o que se passou, não direi mais senão que o necodá da lorcha que ali nos trouxe de Uzangué, espantado desse nosso barbarismo, se partiu muito enfadado, sem querer levar carta nem recado nosso que nenhum de nós lhe desse, dizendo que antes queria que El-Rei por isso lhe mandasse cortar a cabeça que ofender a Deus em levar coisa nossa onde ele fosse.

E assim diferentes e mal-avindos, ficamos aqui nesta pequena ilha mais nove dias, em que os juncos ambos se partiram, sem também nenhum deles nos querer levar consigo, pelo que nos foi forçoso ficar ali metidos no mato, arriscados a muitos e grandes perigos, dos quais ponho em muita dúvida podermos escapar, se Deus Nosso Senhor se não lembrasse de nós, porque, havendo já dezesete dias que aqui estávamos em grande miséria e esterilidade,

veio ali por acaso surgir um corsário de nome Samipocheca, que vinha desbaratado, fugindo da armada do aitau do Chinchéu, que, de vinte e oito barcos que tinha, lhe tomara vinte e seis, e ele lhe escapara com somente aquelas duas que trazia consigo, nas quais trazia a maior parte da gente muito ferida, pelo que lhe foi forçoso deter-se ali vinte dias para que a curasse. E a nós os oito, constrangidos pela necessidade, nos foi forçoso assentarmos partido com ele para que nos levasse consigo por onde quer que fosse, até que Deus nos melhorasse noutra embarcação mais segura e que nos fôssemos para Malaca.

Passados esses vinte dias em que os feridos se curaram, sem em todo esse tempo haver entre nós reconciliação da desavença passada, nos embarcamos ainda assim mal-avindos, com esse corsário, três no junco em que ele vinha, e cinco no outro de que era capitão um seu sobrinho, e partidos daqui para um porto que se chamava Lailó, adiante de Chinchéu sete léguas, e desta ilha oitenta, seguimos por nossa rota com ventos bonançosos ao longo da costa de Lamau, por espaço de nove dias. E sendo uma manhã quase noroeste-sueste com o rio do sal, que está abaixo do Chabaqué cinco léguas, nos acometeu um ladrão com sete juncos muito alterosos, e pelejando conosco das seis horas da manhã até às dez, em que tivemos uma briga assaz travada de muitos arremessos, tanto de lanças como de fogo, por fim se queimaram três barcos, dois do ladrão e um dos nossos, que foi o junco em que iam os cinco portugueses, a que por nenhuma via pudemos ser bons, por já a esse tempo termos a maior parte da gente ferida. E refrescando-nos sobre a tarde a viração, prouve a Nosso Senhor que lhes fugimos e escapamos das suas mãos.

E continuando a nossa viagem assim destroçados como íamos, mais três dias, nos deu um temporal de vento esgarrão por cima da terra tão impetuoso que naquela mesma noite a perdemos de vista, e como então já a não podíamos tornar a tomar, nos foi

forçoso arribarmos em popa à ilha dos léquiós onde esse corsário era muito conhecido, tanto do rei como da outra gente da terra; e navegando nós com essa determinação por este arquipélago de ilhas adiante, como nesse tempo não levávamos piloto, por nos ter sido morto na briga passada, e os ventos nordestes nos eram ponteiros, e as águas corriam muito contra nós, bordejamos às voltas de um rumo no outro vinte e três dias com assaz de trabalho, no fim dos quais prouve a Nosso Senhor que vimos terra, e chegando-nos bem a ela para vermos se dava de si alguma mostra de angra ou porto de bom surgidouro, lhe enxergamos da parte do sul, quase ao horizonte do mar, um grande fogo, por onde imaginamos que devia ser povoada de alguma gente que por nosso dinheiro nos provesse de água, de que vínhamos faltos. E surgindo nós no rosto da ilha, em setenta braças, nos saíram da terra duas almadias pequenas em que vinham seis homens, os quais, chegando a bordo, depois de nos fazerem suas salvas e cortesias a seu modo, nos perguntaram donde vinha o junco, a que se respondeu que da China, com mercadorias para se fazer ali veniaga com eles, se para isso nos dessem licença. Um dos seis nos respondeu que a licença, o nautarel senhor daquela Ilha Tanixumá a daria de boa vontade se lhe pagássemos os direitos que se costumavam pagar no Japão, que era aquela grande terra que defronte nos aparecia.

E com isso nos deu relação de tudo o mais que nos convinha, e nos mostrou o porto onde havíamos de ir surgir. Nós, com esse alvoroço, levantamos logo as amarras e nos fomos com o batel pela proa, meter em uma calheta que a terra fazia da banda do sul, onde estava uma grande povoação a que chamavam Miaygimá, da qual logo nos vieram a bordo muitos paraus com refresco que lhes compramos.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.



© 2012, Fundação Darcy Ribeiro
Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro
Rua Almirante Alexandrino, 1991
20241-263 - Rio de Janeiro – RJ
www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

Curadoria

Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral
Godofredo de Oliveira Neto
Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Comitê Editorial

Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro
Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional
Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília
Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional
Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília

Produção

Editora Batel

Coordenação editorial

Carlos Barbosa

Projeto gráfico

Solange Trevisan zc

Diagramação

Solange Trevisan zc

Ilustrarte Design e Produção Editorial

Tratamento de textos da coleção

Clara Diament

Edmilson Carneiro

Cerise Gurgel C. da Silveira

Carina Lessa

Léia Elias Coelho

Maria Edite Freire Rocha

Projeto de capa

Leonardo Viana

Assessoria de Comunicação Fundar

Laura Murta

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P659p

Pinto, Fernão Mendes, 1509-1583

Peregrinação: volume I / Fernão Mendes Pinto. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 564 p.; 21 cm. – (Coleção biblioteca básica brasileira; 27).

ISBN 978-85-635-7440-4

1. Pinto, Fernão Mendes, 1509-1583 – Viagens – Ásia. 2. Ásia – Descrições e viagens – Obras anteriores a 1800. I. Fundação Darcy Ribeiro II. Título. III. Série.

CDD-915

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



Patrocínio:



Realização:

Ministério da
Cultura



Impressão e acabamento :





FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO

Instituidor

Darcy Ribeiro

Conselho Curador

Alberto Venâncio Filho

Antonio Risério

Daniel Corrêa Homem de Carvalho

Elizabeth Versiani Formaggini

Eric Nepomuceno

Fernando Otávio de Freitas Peregrino

Gisele Jacon de Araújo Moreira

Haroldo Costa

Haydée Ribeiro Coelho

Irene Figueira Ferraz

Isa Grinspum Ferraz

Leonel Kaz

Lucia Velloso Maurício

Luzia de Maria Rodrigues Reis

Maria de Nazareth Gama e Silva

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Maria José Latgé Kwamme

Maria Stella Faria de Amorim

Maria Vera Teixeira Brant

Mércio Pereira Gomes

Paulo de F. Ribeiro

Paulo Sergio Duarte

Sergio Pereira da Silva

Wilson Mirza

Yolanda Lima Lobo

Conselho Curador – In Memoriam

Antonio Callado

Carlos de Araujo Moreira Neto

Leonel de Moura Brizola

Moacir Werneck de Castro

Oscar Niemeyer

Tatiana Chagas Memória

Conselho Fiscal

Eduardo Chuahy

Lauro Mário Perdigão Schuch

Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro

Alexandre Gomes Nordskog

Diretoria Executiva

Paulo de F. Ribeiro – Presidente

Haroldo Costa – Vice-Presidente

Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira

Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural

Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica

